Studium uidendi, studium aedificandi em Enea Silvio Piccolomini, Papa Pio II

Armando Duarte Senra Martins

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em Literatura

ORIENTADORES: *Professor Doutor Arnaldo do Espírito Santo*
Prof.ª Doutora Cláudia Teixeira

ÉVORA, JULHO 2013

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO AVANÇADA

Studium uidendi, studium aedificandi em Enea Silvio Piccolomini, Papa Pio II

Armando Duarte Senra Martins

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em Literatura.

ORIENTADORES: Professor Doutor Arnaldo do Espírito Santo
Prof.ª Doutora Cláudia Teixeira

Évora, Julho de 2013

Para a Florinda, para a Constança,

para o Tomás e para a Matilde

Índice

Agradecimentos....ix
Siglas e abreviaturas usadas....xi
Resumo/Abstract....xiii

Introdução

Estado da questão e definição do objecto....1
1. Questões de terminologia: *urbs*, *ciuitas*, e *populus*....7
2. *Laus urbis*: definição histórica e teórica....9
3. A literatura filosófica, geográfica, e técnica....31
3.1. Platão: a cidade em *A República* e *As Leis*....31
3.2. A cidade na *Política* de Aristóteles....36
3.3. Da cidade em Cícero, *Tratado da República*....43
3.4. As cidades na geografia: Estrabão....45
3. 5. Literatura técnica: Vitrúvio....48
3. 6. Literatura técnica: os *Regionarii*....51
4. Recepção da literatura antiga sobre a cidade no primeiro humanismo: o paradigma de Alberti, *Da arte edificatória*....52
4.1. Recepção da literatura clássica....56
4.2. Concepção da cidade....56
5. A cidade um objecto multiforme....31
6. Objecto da investigação: a obra e a personalidade de Enea Silvio Piccolomini, Papa Pio II....72
6. 1. A 'questão biográfica'....74
6. 2. As obras escolhidas e a perspectiva de investigação....77

Parte I

Lvstrandi orbem et vagandi cvpidvs: cidades na epistolografia....81

Capítulo 1 Sobre a epistolografia como género e como obra....83
1.1. A epistolografia no séc. XV....84
1. 2. A epistolografia como uma obra....85
1. 3. Descrever uma cidade e escrever uma carta....86

Capítulo 2 A descrição de Génova.....89
2.1. Génova ou Baden?.....97

Capítulo 3 As descrições de Basileia.....101
3.1. A primeira descrição (1433).....102
3.1.1. Uma organização racional do espaço urbano.....110
3.1.2. O ócio na cidade.....111
3.1.3. Uma cidade ideal.....111
3.1.4. Critérios estéticos e culturais.....117
3. 1. 5. Confronto entre Basileia vista por Enea e Baden vista por Poggio.....119
3. 2. A segunda descrição de Basileia (1438).....126
3. 2. 1. A *laudatio* de Bruni e o panegyricus de Decembrio como modelos.....127
3. 2. 2. Os dois prólogos da segunda descrição.....147
3. 2. 3. Primeiro prólogo: a carta a Francesco Pizzolpasso ou a palinódia de Enea.....147
3. 2. 4. Segundo prólogo: a carta a Philippe de Coëtquis ou a cristandade dilacerada.....149
3. 2. 5. Basileia no centro da cristandade.....150
3. 2. 6. Basileia no centro do Sacro Império Romano-Germânico.....152
3. 2. 7. O equilíbrio da cidade.....156
3. 3. As descrições de Basileia: elogios diplomáticos?.....159
3. 4. Uma cidade desenhada à medida do Concílio de Basileia?.....162
3. 5. Comparação com as descrições de Pero Tafur, Andrea Gattaro e de Petrus Antonius Finariensis.....167

Capítulo 4 De Ebelsberg a Passau: um exemplo de *magnificentia*.....173
4. 1. Da *magnificentia* e seu significado.....179

Capítulo 5 Viena: a pálida imagem das cartas e a descrição da *Historia Austrialis*.....183
5. 1.Viena na *Historia Austrialis*.....184

Capítulo 6 Tabor: uma anti-cidade.....199

Capítulo 7 As descrições de cidades na epistolografia: as capacidades de uma forma literária 205

Parte II

Tempo e cidades.....209

Capítulo 1 Tempo: as novas concepções do Renascimento.....211

Capítulo 2 O tempo em Piccolomini.....219
2.1. *Otium* e *negotium*: tempo dividido entre literatura e actividade prática.....219
2. 2. A conversão e as suas consequências na concepção do tempo.....223
2. 3. O tempo no corpo: o envelhecimento.....227

2. 4. Estratégias para vencer o tempo: os filhos; a literatura; as cidades....228
2. 5. Uma segunda vida: a literatura contra o tempo e os seus limites....229

Capítulo 3 O tempo e as cidades: Biondo e Alberti....233
3. 1. Uma máquina do tempo: a Roma de Biondo....235
3. 2. Alberti e a concepção de tempo....238

Capítulo 4 As cidades no *Somnium de fortuna*....243

Capítulo 5 O *Dialogus de somnio quodam*: Constantinopla e Roma e os desafios do tempo. 257
5. 1. Constantinopla....257
5. 2. *Dialogus de somnio quodam*: o problema da continuidade de Roma e....262
5. 3. A cidade como fictio ueritatis....273

Capítulo 6: Da lição das ruínas à construção de Pienza....277
6. 1. Pienza: a pervivência da obra de Pio II....294

Parte III

Stvdivm videndi, stvdivm aedificandi, respvblica christiana: as cidades nos *commentarii*....299

Capítulo 1 Configuração genérica e discursiva da obra....301
1. 1. Os *Commentarii* como autobiografia....302
1. 2. Modelos e influências: César ou Vergílio?....304
1. 3. Especificidades dos *Commentarii* enquanto autobiografia....309
1. 4. Sob a influência Biondo....311
1. 5. O prefácio: a apologia da escrita autobiográfica....316
1. 6. A configuração espácio-temporal dos *Commentarii*....318

Capítulo 2 A Itália de Pio II: as cidades italianas no itinerário mantuano e no contexto geral da obra....323
2. 1. A partida de Roma e a viagem até Siena: desafios políticos de uma viagem....324
2. 2. Siena: amor pátrio e ódio partidário....327
2. 3. Florença: esplendores e sombras....341
2. 3. 1. A visita a Florença de um ponto de vista municipal....345
2. 4. Bolonha e Ferrara....348
2. 5. A recepção em Mântua....349
2. 6. Veneza no Congresso de Mântua e no contexto geral da obra....350
2. 7. Regresso de Mântua: Orvieto, Montefiascone, Viterbo....360
2. 7.1. A aproximação a Roma e a introdução à política romana....364

Capítulo 3 Roma....375
3. 1. A cidade de Roma: as imagens de Biondo e a imagem de Pio II antes do pontificado 375
3. 2. Roma nos *Commentarii*....378

3. 2. 1. A revolta de Tiburzio e Valeriano.....379
3. 2. 2. Nova incursão na cidade: a prisão e a pena capital aplicada a Tiburzio.....384
3. 2. 3. Discurso aos Quirites sobre a questão napolitana.....389
3. 3. A recepção da relíquia de S.to André: um novo significado para Roma.....391
3. 4. A procissão do Corpus Christi em Viterbo ou a fuga de Roma.....400
3. 5. Pio II e Roma: hipóteses para compreender um (des)afecto.....407

Capítulo 4 Uma outra representação de si próprio: Pienza.....415
4. 1. Pienza em diversos momentos da narrativa dos Commentarii.....415
4. 2. A descrição de Pienza: o palácio.....416
4. 3. A descrição de Pienza: a catedral.....421
4. 4. As ideias que criam a cidade.....425

Capítulo 5 Considerações gerais sobre o poder e o prazer a propósito da cidade.....429
5. 1. Da cidade ao discurso sobre o poder.....429
5. 2. Um discurso sobre o prazer.....434

Conclusão.....441

Apêndices.....453

Apêndice A.....455
Apêndice B.....457
Apêndice C.....459
Apêndice D.....461
Apêndice E.....463

Bibliografia.....465

Índices.....503

Agradecimentos

Este trabalho não poderia ter sido realizado sem o apoio de Colegas e Amigos, aos quais, neste momento, quero deixar um amplo agradecimento: ao Prof. Doutor Nuno Simões Rodrigues devo a gentil cedência de muita bibliografia usada neste trabalho, bem como os muitos encorajamentos e palavras de apoio; ao Doutor Paulo Simões Rodrigues agradeço a disponibilidade para o esclarecimento de questões relacionadas com assuntos desenvolvidos neste trabalho e a bibliografia que amavelmente me cedeu; ao Prof. Doutor Manuel Ferro pelo acolhimento em Coimbra e por me ter facultado bibliografia italiana; ao Prof. Doutor Henrique Leitão, ao Prof. Doutor Bernardo Mota, ao Doutor Samuel Gessner e ao ao Prof. Doutor Carlos Sá, devo não só preciosas ajudas bibliográficas como ainda a apresentação de temas no âmbito dos Seminários de Textos Científicos Antigos; ao Professor Carlo Santini da Universidade de Perúsia agradeço as diligências que fez e as orientações dadas que me possibilitaram o estudo na biblioteca da Universidade e na Biblioteca Augusta Comunale; ao Prof. Doutor Silvério Rocha Cunha, as horas de grato convívio e de troca de ideias.

Devo um agradecimento especial a várias Instituições que apoiaram a realização desta dissertação: à Fundação Calouste Gulbenkian pela bolsa concedida para uma estada em Itália, que me permitiu pesquisar documentos fundamentais para a realização deste trabalho em arquivos e bibliotecas italianas; a André Salvisberg e à fundação Christoph Merian, em Basileia, pelo envio gracioso de bibliografia sobre a sua cidade; à Direcção do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, por todos os apoios concedidos; ao Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ao Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho e ao Instituto Superior de Teologia de Évora, locais onde realizei pesquisas que muito contribuíram para este trabalho; ao Deutsches Historisches Institut in Rom e, particularmente, à sua bibliotecária, Frau Elisabeth Dunkl, e aos "Kustoden," Antonio La Bernarda e Martina Confalonieri pela incansável disponibilidade que sempre tiveram para comigo; ao Österreich Institut de Roma; à École Française de Rome pelas facilidades concedidas no acesso à sua biblioteca.

Não posso igualmente deixar de agradecer ao Pontifício Colégio Português em Roma pelo acolhimento durante a minha estada na cidade.

Agradeço, reconhecidamente, ao editor Axel Menges que autorizou a reprodução de levantamentos topográficos e gravuras da obra de Jan Pieper; e também a The MIT Press que

prontamente me concedeu autorização para reproduzir o mapa de Roma da obra de Charles Burroughs.

Agradecimentos particulares são devidos a vários familiares e amigos: ao Jean-Pierre e à Délita, a Antónia Gonçalves e ao fr. Eugénio Boléo; à Anhelina Bykova pela amabilidade de procurar e copiar bibliografia na Universidade de Bolonha e em Salamanca; a Olga Bykova pelo encorajamento constante; a Manuel Ferreira e a Emília Ferreira pelo acolhimento caloroso que me ofereceram nas duas estadas em Paris; a Ricardo Martins e a Angela Antolini pela hospedagem sempre amiga e por muitas outras ajudas; à Ex.ª Senhora Dona Antónia Pereira que me fez chegar empréstimos de várias bibliotecas nacionais e internacionais; ao Paulo e à Domingas Vasconcelos que me acolheram em sua casa (à Domingas, em particular, pelos esclarecimentos em matéria de arquitectura); e, por fim, a Michel Goldsteen, insigne conhecedor e divulgador na *web* da obra de Piccolomini, a quem agradeço os esclarecimentos que me ia enviando por e-mail, bem como a preciosíssima ajuda na bibliografia.

Por fim, ao Professor Arnaldo do Espírito Santo devo não só a luminosa orientação e o saber multiforme de que beneficiei, como ainda as diligências que me possibilitaram as estadas no estrangeiro. Devo-lhe ainda a gentil e generosa cedência do seu trabalho de tradução de Alberti, *Da arte edificatória*, ainda antes de estar publicado.

Um agradecimento particular é devido à Prof.ª Cláudia Teixeira, co-orientadora desta tese e colega no Departamento de Linguística e Literaturas, que acompanhou toda a investigação e, com paciência e diligência, leu o manuscrito ao longo das suas versões.

Para a minha mulher e para os meus filhos, que comigo fizeram todo o caminho, são estreitas estas linhas para agradecer, deixo, porém, expressa a minha dívida em palavras, como uma "segunda navegação."

Siglas e abreviaturas usadas

ADB = *Allgemeine deutsche Biographie*, Leipzig, Duncker und Humblot, 1875-1912.

BBKL = Bautz, Friedrich-Wilhelm; Bautz, Traugott (Hrsgg.), *Biographisch-Bibliographisches Kirchenlexikon*, disponível no URL <http://www.bautz.de/bbkl/> consultado em 12- -08-2010.

Campano, *Vita Pii secundi,* = Zimolo, Giulio C. (a cura di), *Le vite di Pio II. di Giovanni Antonio Campano e Bartolomeo Platina*, Bologna, Zanichelli, 1964 (Rerum italicarum scriptores, t. III, p. II)

DBI Istituto della Enciclopedia Italiana, *Dizionario biografico degli italiani*, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1960-.

DS = Daremberg, Charles; Saglio, Edmond (dirs.), *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* […], Paris, Hachette, 1877-1919.

Du Cange = Du Cange, Charles Du Fresne, *Glossarium mediae et infimae latinitatis conditum* [...], editio nova aucta pluribus verbis aliorum scriptorum a Leopold Favre, Niort, L. Favre, 1883-1887. Foi consultada a versão em ficheiro xml disponível no URL <http://ducange.enc.sorbonne.fr/> consultado em 10-07-2012.

GW = Staatsbibliothek zu Berlin. Preussischer Kulturbesitz, *Gesamtkatalog der Wiegendrucke*, disponível no URL <http://www.gesamtkatalogderwiegendrucke.de/>, consultado em 2011-05-06), base de dados que reproduz, com eventuais actualizações, a seguinte obra impressa: Kommission für den Gesamtkatalog der Wiegendrucke (Hrsg.), *Gesamtkatalog der Wiegendrucke*, Stuttgart, Anton Hiersemann; New York, H. P. Kraus, 1968.

ISTC = *Incunabula Short Title Catalogue*, disponível no URL <http://istc.bl.uk/> consultado em 2011-05-06.

Mansi, *Orationes* = Piccolomini, Enea Silvio, *Orationes politicae et ecclesiasticae,* edd. G. D. Mansi, Lucae, ex typ. Philippi Mariae Benedini, 1755-1759. 3 vols. (seguido de indicação de volume e nº de discurso).

MGH. Poetae I = *Monumenta Germaniae Historica. Antiquitates. Poetae Latini medii aevi. I: Poetae Latini aevi Carolini*, recensuit Ernestus Dümmler, Berolini, apud Weidmann, 1881.

MGH. Poetae V/1 = *Monumenta Germaniae Historica. Antiquitates. Poetae Latini medii aevi. V/1: Die Ottononzeit*, herausgegeben von Karl Strecker, Leipzig, Karl W. Hiersemann, 1937.

MGH. SS. IV = *MGH. Scriptores IV* [*Annales, chronica et historiae aevi Carolini et Saxonici*], edidit Georgius Heinrich Pertz, Hannover, Hahn, 1841.

NDB = Historischen Kommission bei der Bayerischen Akademie der Wissenschaften (Hrsg.), *Neue deutsche Biographie*, Berlin, Duncker und Humblot, 1953-. Foi consultada a versão em linha disponível no URL <http://www.deutsche-biographie.de/index.html> consultado em 08-09-2012.

Piccolomini, *Opera omnia* = Piccolomini, Enea Silvio, *Opera quae extant omnia, nunc demum post corruptissimas editiones summa diligentia castigata et in unum corpus redacta* [*cura Marci Hopperti*], [...] *His quoque accessit Gnomologia ex omnibus Sylvii operibus collecta* [*a Conrado Lycosthene*], Basileae, per H. Petri, 1551.

RE = Pauly, August Friedrich von; Wissowa, Georg, *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft: neue Bearbeitung*, Stuttgart, J, B. Metzler; München, Alfred Drückenmüller, 1894-1978.

Voigt, Enea Silvio I = Voigt, Georg, *Enea Silvio de' Piccolomini, als Papst Pius der Zweite, und sein Zeitalter*, Berlin, Georg Reimer, 1856-1863 (3 vols.)

Para as obras da literatura grega citadas com mais frequência foram usadas as abreviaturas de Liddell, Henry George; Scott, Robert, *A Greek-English Lexicon,* revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the assistance of Roderick McKenzie Oxford, Clarendon Press. 1940.

Studium uidendi, *studium aedificandi* em Enea Silvio Piccolomini, Papa Pio II

Resumo

Partindo de uma definição teórica e histórica da *laus urbis* e da multiplicidade de perspectivas sobre o seu objecto, este trabalho procura estudar o tema em três obras de Eneias Silvio Piccolomini: a correspondência, editada por Rudolf Wolkan; o *Dialogus de somnio quodam*; e os *Commentarii rerum memorabilium sui temporis*.

A correspondência contém várias *laudes urbium* que, segundo a análise feita nesta tese, têm uma dimensão autobiográfica. Mas o interesse de Piccolomini pelas cidades não se limita às descrições, pois também coloca a questão do tempo e suas implicações nas cidades. Mais tarde, na sua autobiografia, Piccolomimni expõe a sua visão de uma estrutura política para a Itália e para a Europa na qual as cidades tinham reduzida importância; na mesma obra, porém, a descrição de Pienza revela um conhecedor de arquitectura capaz de interpretar e de inspirar a concepção de um espaço urbano.

Studium uidendi, studium aedificandi in Enea Silvio Piccolomini, Pope Pius II

Abstract

Starting from a theoretical and historical definition of *laus urbis* and the multiplicity of perspectives about it, this dissertation aims to study the subject in three works by Enea Silvio Picolomini: his letters, edited by Rudolf Wolkan; the *Dialogus de Somnio quodam*, and the *Commentarii rerum memorabilium sui temporis.*

The correspondance contains several *laudes urbium* which, according to the analysis carried out within this work, have an autobiographical dimension. However, Piccolomimni's interest on cities was not limited to descriptions, for he takes on the question of time and its implications for cities as well. Later on, in his autobiography, Piccolomini sets out his vision of a political structure for Italy and for Europe according to which cities had a diminished role; in the same work, however, the description of Pienza reveals a connoisseur of architecture able to interpret and to inspire the design of an urban space.

Introdução

Estado da questão e definição do objecto

Introdução

Estado da questão e definição do objecto

Quando Ernst R. Curtius publicou em 1948 o seu livro intitulado *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, desenhava-se um amplo programa. Em primeiro lugar Curtius defendia um conceito de literatura europeia (o que, para um autor que escrevera grande parte da sua obra sob o nacional-socialismo, era por si só um compromisso político).[1] Em segundo lugar, esse conceito de uma tradição literária europeia era o resultado de uma metodologia ou, para usar as palavras de Paolo Cerchi:

> For Curtius, the unity of the Western European tradition is not to be sought in the identity of the *Stoff* treated, nor in the convergence of certain problems or ideas, but rather in the fact that all these elements are treated as literature, that is, according to a system, a code, a set of rules codified in the late Latin period and in the Middle Ages. It is, then, the description of this system that can give us a true "science of literature", and Curtius maintains that it can be described by pointing out what in it is constantly repeated. Thus, the elements for outlining this morphology of the tradition are the *topoi*, the commonplaces — any theme, conceptual motif, image, or stylistic pattern — which recur repeatedly in varying forms at different periods.[2]

[1] Cf. "A historical concept of Europe is a presupposition for our investigation. Europe is merely a name, a "geographical term" [...], if it is not a historical entity in our perception (Curtius, Ernst R., *European Literature and the Latin Middle Ages*, tr. by Willard R. Trask, New Jersey, Princeton University Press, 1990 (ed. orig. 1948), p. 5). Sobre o alinhamento de Curtius com dissidentes e refugiados do nazismo, que serão fundadores da teoria literária posterior (nomeadamente, René Wellek e Erich Auerbach), e quanto ao significado ideológico do conceito de "Idade Média Latina" ver Seeba, Hinrich C., "Ernst Robert Curtius: Zur Kulturkritik eines Klassikers in der Wissenschaftsgeschichte ," in *Monatshefte*, 95, 4 (2003), pp. 531-540 .

[2] Cherchi, Paolo A., "Tradition and Topoi in Medieval Literature," in *Critical Inquiry*, 3, 2 (1976), p. 285.

Foi esse o início da chamada *Toposforschung*, cujo conceito central, o *topos*, acabou por ser tão criticado pela sua tendência a-histórica (como se a literatura fosse uma repetição de *clichés*).

Servindo-se da teorização da retórica greco-romana, Curtius analisou diversos *topoi* ao longo de um extenso período e atravessando várias literaturas 'nacionais'. Entre esses *topoi*, encontra-se a *laus urbis* que Curtius analisou com base em alguns exemplos da literatura latina medieval. Assim identificou um tópico e uma forma literária, mas o seu contributo foi decisivo na determinação das opções de estudos ulteriores que ficaram marcados pela sua *Toposforschung*. Serve de exemplo a dissertação de Eugen Giegler que insere a sua própria investigação na linha de Curtius do ponto de vista da metodologia.[3] Quer Curtius quer Giegler partiram, portanto, de uma forma de retórica epidíctica, ou seja, a *laus urbis*.[4]

Situa-se ainda dentro da mesma linha de investigação, ou seja, da *Toposforschung,* o livro de Carl J. Classen, *Die Stadt im Spiegel der Descriptiones und laudes urbium*.[5] Esta obra traça um percurso da forma *laus urbis* desde Homero até ao séc. XII. Como se vê pelo título, a obra pressupõe uma relação especular entre a realidade histórica 'urbana' e a forma literária *descriptio*/*laus urbis*. Tratava-se de saber o que os autores antigos associam à palavra ou à sua representação ou ainda a uma cidade em particular. Em concreto isso significava determinar

[3] "Dieser Idee eines lateinischen Mittelalters bekennt sich diese nachfolgende Arbeit verpflichtet. In ihr soll den Städttlobgedichten nachgegangen werden, vorzüglich den Gedichten auf Städte im Gebiet des mittelalterlichen Reiches. Dabei fragen wir nach der Wurzel dieses literarischen Genos in der Antike und nach dem Höhepunkt seiner Theorie in der jüngeren Sophistik der Kaiserzeit. verfolgen die Ausbildung in der Spätantike wie die Übernahme und Weiterführung des Städtlobgedankens und seine Umbildung im lateinischen Mittelalter." (Giegler, Eugen, *Das Genos der Laudes urbium im lateinischen Mittelalter. Beiträge zur Topik der Städtelobes und der Stadtschilderung.* Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der hohen philosophischen Fakultät der Julius-Maximilianus-Universität zu Würzburg vorgelegt, 1953, texto policopiado, p. 5).

[4] Sobre a literatura epidíctica ver Burgess, Theodore, "Epidictic Literature," in *Studies in Classical Philology*, 3 (1902), pp. 89-248. Sobre o elogio das cidades: Curtius, *European Literature...*, pp. 157 s.

[5] Classen, Carl Joachim, *Die Stadt im Spiegel der Descriptiones und Laudes urbium in der antiken und mittelalterlichen Literatur bis zum Ende des zwölften Jahrhunderts*, um ein Nachwort vermehrte zweite Auflage, Hildesheim [et al.], Georg Olms, 1986. Sem esquecer, todavia, outros artigos, quer posteriores, quer anteriores, que aprofundaram o tema: como Hyde, John Kenneth, "Medieval Descriptions of Cities", in *Bulletin of the John Rylands Library*, 48 (1965/66), pp. 308-340; Schmidt, Paul Gerhard, "Mittelalterliches und humanistisches Städtelob," in Buck, August (Hrsg.), *Die Rezeption der Antike: zum Problem der Kontinuität zwischen Mittelalter und Renaissance*, Hamburg 1981 (Wolfenbütteler Abhandlungen zur Renaissanceforschung; 1), pp. 119-128; Soares, Nair de Nazaré Castro, "Cidades ideais e elogio de cidades no Renascimento e em Damião de Góis," in Congresso Internacional Damião de Góis na Europa do Renascimento, *Actas*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2003, pp. 583-608; Rebelo, António Manuel Ribeiro, "A exaltação da cidade – da Antiguidade à Idade Média," in Várzeas, Marta; Pereira, Belmiro Fernandes (orgs.), *As artes de Prometeu: estudos em homenagem a Ana Paula Quintela*, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2009 (Homenagens FLUP), pp. 43-63.

os elementos que se podiam reconduzir a uma forma pré-existente ou avaliar a capacidade de adaptar um modelo a uma realidade, ou ainda encontrar elementos que, pela sua singularidade, constituíssem uma inovação. Por isso, o autor avalia a longa e multiforme tradição literária de descrições de cidades (que inclui épica, historiografia, poesia, hagiografia...) com o critério da capacidade de representar de forma viva o quotidiano da cidade — vivacidade que o autor vê superiormente exemplificada na *Descriptio* de Londres de William Fitz Stephen.

Mais recentemente, a obra de Hartmut Kugler teve, entre outros, o mérito de criticar as limitações de um estudo sobre a cidade baseado apenas na *laus urbis.* O tema da cidade era, no seu entender, demasiado rico para se restringir às *laudes urbium*.[6] Aliás, uma limitação apresentada por tais "gattungsgeschichtlich orientierten Städtelobstudien" era a de colocar a realidade (sc. a realidade histórica da cidade) como um acessório da forma literária.[7]

De acordo com Hartmut Kugler, que, recorde-se, escreve sobre a representação da cidade na Idade Média, há um momento em que a cidade se constitui em tema de reflexão e de escrita. Diante desses primeiros textos o leitor de hoje pode tomá-los como uma primeira compreensão da existência citadina e do seu horizonte de experiências. O problema, segundo o autor, é que há uma incongruência de princípio entre a cidade na sua manifestação real e na sua descrição literária, incongruência que tem o seu fundamento no facto de os textos serem elaborados de acordo com esquemas descritivos e modelos de representação pré-existentes.[8] Porém, é essa tensão entre o modelo literário e a realidade da experiência "was der literarischen Behandlung des Stadt- -Themas einen unaustauschabaren Erkenntniswert verleihen kann."[9]

[6] Cf. KUGLER, Hartmut, *Die Vorstellung der Stadt in der deutschen Literatur des Mittelalters*, München-Zürich, Artemis, 1986 (Münchner Texte und Untersuchungen zur deutschen Literatur des Mittelalters; 88), pp. 19 s.

[7] KUGLER afirma que estudar elogios de cidades "ohne Rücksicht auf die Stadtgeschichte" é limitado e acaba por deixar de lado aquilo que os distingue, pois assim se menosprezam "diejenigen geschichtlichen Eigenschaften, die das Städtelob von dem Odium, nur panegyrische Dutzendware zu sein, befrein können" (*ibidem*, p. 25).

[8] *Ibidem,* p. 5. Na verdade, o título do livro, *Die Vorstellung der Stadt in der Literatur des deutschen Mittelalters*, é algo enganador, pois inclui autores do início da Idade Moderna (entre os quais Piccolomini e a sua descrição de Basileia).

[9] *Ibidem*, p. 5.

Uma via de investigação inversa, já encetada por vários autores[10] e empreendida mais recentemente por Luisa Avellini no âmbito da literatura humanística, questiona em primeiro lugar já não os textos, mas antes a própria cidade como centro de produção e recepção de literatura. Segundo essa via, a questão da auto-identificação da sociedade citadina "si trasforma nel problema storico-filologico ed ermeneutico della produzione e ricezione letteraria entro la prospettiva disegnata, che è insieme quella della «letteratura delle città europee» ma simmetricamente anche quella di una «Europa delle letterature cittadine.»"[11]

Desse ponto de vista a literatura, e no caso a literatura humanística, constituiria um índice da deslocação dos centros de produção cultural na passagem da Idade Média para o Renascimento: da universidade, das instituições eclesiásticas e da corte, esses centros passam para a cidade.[12] Uma deslocação complexa em que alguns dos agentes citados se encontram, por vezes, em posições paradoxais como é o caso da corte. Pense-se a esse respeito na consciência da actualidade da *República* platónica mostrada precisamente pelo bispo de Burgos, na correspondência com Pier Candido Decembrio: *etenim quanto vetustiora sua origine sunt, tanto recentiora videntur*.[13] Ou pense-se no percurso de Guarino Guarini de Verona que depois de anos de ensino público em Ferrara a expensas da cidade, inaugurou o *Studio generale* instituído pelo Marquês Leonello d'Este.[14]

A razão desta diversidade de orientações radica em parte no próprio objecto que coloca não só um problema de definição ao nível conceptual como também um problema ao nível da própria definição da literatura pertinente para o tem. Se, como Kugler reconhece, a *laus urbis* é insuficiente para o tema da cidade, um ensaio preliminar pode ser o levantamento e a análise de um conjunto de textos anteriores ao século XV que lhe dizem respeito.

Portanto o itinerário que se segue tem em vista definir o estado da questão da cidade tal como o séc. XV e, no caso particular, Enea Silvio Piccolomini, a compreendem. Tal itinerário

[10] Pense-se sobretudo na síntese de Rico, Francisco, *El sueño del humanismo: de Erasmo a Petrarca*, nueva edición, corrigida y aumentada, Barcelona, Destino, 2002 (Imago mundi; 14).

[11] Avellini, Luisa, *Letteratura e città*: *metafore di traslazione e Parnaso urbano fra Quattro e Seicento*, Bologna, CLUEB, 2005 (Lexis. II, Biblioteca delle lettere; 18), p. 11.

[12] Esse é, aliás, um ponto fundamental da análise do humanismo feita por Ricardo Fubini. Ver sobretudo Fubini, Riccardo, *Umanesimo e secolarizzazione da Petrarca a Valla*, Roma, Bulzoni, 1990 (Humanistica; 7) , pp. VII-XIII.

[13] Cit. por Avellini, Luisa, *Letteratura e città*, pp. 13-14. E não obstante a polémica em que o mesmo prelado se envolveu a respeito da tradução da *Ética a Nicómaco* feita por Leonardo Bruni.

[14] Sabbadini, Remigio, *La scuola e gli studi di Guarino Guarini Veronese*, Catania, Francesco Galati, 1896, p. 24.

articular-se-á em três pontos: a definição de cidade; definição histórica e teórica de *laus urbis;* a literatura filosófica, geográfica e técnica sobre a cidade.

1. Questões de terminologia: *urbs*, *ciuitas*, e *populus*

Nas suas *Ethymologiae*, S.to Isidoro de Sevilha (que assim retoma uma longa tradição quer grega quer latina) define a cidade em termos dualistas e separa as funções políticas das necessárias estruturas materiais que a acompanham: a *ciuitas,* enquanto conjunto de homens unidos pelo vínculo que é a sociedade, ou seja, como entidade moral ou política, distingue-se da *urbs* que representa as muralhas e o edificado.[15] Aliás, e para recordar as observações de Mommsen, *ciuitas* é, em linguagem técnica, o equivalente a *populus*.[16]

Assim se resolve em língua latina uma ambiguidade que, em grego, o termo *polis* não elimina. Mesmo a oposição entre *asty* e *polis*, entendendo-se que a primeira significaria o espaço construído e a segunda a comunidade de pessoas ou a entidade política, não tem recebido suporte na investigação mais recente, a qual provou que mesmo a palavra *asty* tem a mesma ambivalência que *polis*.[17]

E, se recuássemos no tempo, não faltariam na literatura grega exemplos de advertências contra o entendimento da *polis* reduzida aos seus equipamentos urbanos ou verdadeiros lugares comuns, que reclamavam a essência da cidade para os seus cidadãos ou soldados.[18] O seu uso pressupõe que não seria incomum tomar-se a cidade pela sua estrutura física, a tal

[15] *Civitas est hominum multitudo societatis vinculo adunata, dicta a civibus, id est ab ipsis incolis urbis [pro eo quod plurimorum consciscat et contineat vitas]. Nam urbs ipsa moenia sunt, civitas autem non saxa, sed habitatores vocantur.* (*Ethym.* XV, II, 1-5; texto da edição: *Etymologiarum sive originum libri XX*, recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. M. Lindsay, Oxonii [et al.], e typographeo Clarendoniano, 1911).

[16] "A *populus* et à *quiris* correspondent absolument, pour la signification, *civitas* (dans le sens de peuple) et *civis*. […] *Civitas* se dit bien aussi, sans scrupules, du peuple romain; mais il n'est employé par la langue technique pour désigner l'État que quand il s'agit des communautés urbaines, notamment des populations gauloises" (Mommsen, Theodor, *Le droit public romain*, trad. sur la 3e éd. allemande par Paul Frédéric Girard, Paris, De Boccard, 1984 (Fac-sim. de l'éd. de Paris, E. Thorin, 1889-1896), t. VI/1, pp. 5-6).

[17] "The distinction between *asty* in the sense of urban centre and *polis* in the sense of political community is not quite as sharp as sometimes believed, and it is further reduced by a study of attestations in Archaic and Classical sources of *asty* applied to named urban centres." (Hansen, Mogens Hermann, *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*, in Idem (ed.), *Introduction to an Inventory of 'Poleis': Symposium August, 23-26 1995*, Copenhagen, Kgl. Danske Videnskabernes Selskab, 1996, (Acts of the Copenhagen Polis Centre; 3), esp. a secção "Meaning and Reference of the Words Asty and Polisma," p. 47).

[18] Cf nomeadamente os célebres aforismos de Tucídides e de Sófocles (apud Ribeiro Ferreira, José, *Pólis [Antologia de textos gregos]*, 4ª ed., Coimbra, Minerva, 1995, pp. 52 s).

ponto que poetas, generais e outros são levados, por diferentes razões, a colocar a ênfase no elemento humano que a constitui. O acento sobre um sentido ou outro depende da qualidade de textos de que falamos (retórica, historiografia, poesia...), mas a raiz da ambiguidade está no vocábulo grego *polis*. Sobre o assunto as observações de Edmond Lévy são esclarecedoras.[19] Recordemo-las de passagem.

Primitivamente *polis* tanto se aplica ao que hoje denominaríamos uma aldeia ou povoação rural como a uma cidade propriamente dita. Com as migrações da colonização acabou por se aceitar, naturalmente, a *polis* não como o lugar, mas antes como os seus habitantes (e até independentemente do lugar). Posteriormente, alcança-se um sentido distinto, a saber, o da organização política dos habitantes que assim se torna uma entidade moral. Por último, a definição aristotélica acaba por fundir os três sentidos.[20]

Em razão da ambiguidade do termo surge a consequente dificuldade de definir os textos que têm por tema a cidade.[21] Em face do dilema entre a cidade como uma entidade de natureza política e uma estrutura material (sítio, edificado...), autores gregos e latinos decidiram-se, normalmente, por tratar os problemas e questões da primeira, a cidade como uma unidade política.[22]

---

[19] Lévy, Edmond, "Lá cité grecque: invention moderne ou réalité antique?" in *Cahiers du Centre G. Glotz*, 1 (1990), pp. 53-67.

[20] Aristóteles, *Pol.*, III, 3, 1276a 19 ss (segundo a edição: *Politica,* recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. D. Ross, Oxonii, e Typographeo Clarendoniano, 1957. (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis). Como não faltarão lugares em que um dos sentidos é privilegiado; mas diz Lévy ("La cité grecque...," p. 67): "Il vaut mieux conserver les trois niveaux de sens, qui font de *polis* l'équivalent à la fois d'*urbs*, de *civitas* et de *respublica*, que chercher une définition, qui serait nécessairement réductrice."

[21] A definição de cidade antiga aduzida por Finley — "the city was a community bound together by religion, tradition, intimacy and political autonomy in ways that no modern city pretends to. Hence citizenship entailed a nexus of privileges and obligations in many spheres of activity, juridically defined and jealously protected; it was membership in an order in the strictest sense of that term, especially once "outsiders" in noticeable numbers began to reside inside." (Finley, Moses I., *The Ancient Economy*, second edition, Berkeley, University of California Press, 1999, p. 47) — deverá ser limitada ao termo do período que consuma o esvaziamento do seu significado político tal como Rainer Bernhardt, *Polis und römische Herrschaft in der späten Republik (149-31 v. Chr.): Untersuchungen zur antiken Literatur und Geschichte*, Berlin [et al.], Walter de Gruyter, 1985, p. 1, o definiu: "Wenn es stimmt, daß die Polis schon vor der Reform Diokletians nur noch eine unpolitische Selbstverwaltungseinheit war, so stellt sich der gennante ca. sechshundertjährige Zeitraum [sc. da derrota de Queroneia ao final da reforma de Diocleciano] als eine Entwicklung dar, die von der politischen Einheit Polis, d.h. dem Stadstaat besonderer Prägung, zu einer unpolitischen Selbstverwaltungseinheit führte."

[22] Não cabe no âmbito deste trabalho a resolução dos problemas que a cidade antiga levanta e também está fora de questão definir aqui um modelo de cidade para a Antiguidade (se é que se poderia definir apenas um) nos seus aspectos urbanísticos e socio-económicos — uma discussão que já vai longa se atendermos ao trabalho pioneiro de Max Weber e às repercussões que se lhe seguiram. Para esses aspectos podem consultar-se as seguintes obras: Cracco Ruggini, Lellia, "La città nel mondo antico: realtà e idea", in Wirth, Gerhard (Hrsg.), *Romanitas Christianitas. Untersuchungen zur Geschichte und Literatur der römischen Kaiserzeit (Festschrift J. Straub)*, Berlin [et al.] Walter de Gruyter, pp. 61-81; Davies, J. K., "Cultural, social and economic features," in

2. *Laus urbis:* definição histórica e teórica

Se as observações prévias sobre a ambiguidade do termo *polis* estiverem correctas, é possível prever a multiplicidade de obras que, principal ou secundariamente, se ocupam da cidade.

Só para o caso de uma cidade como Atenas, essa multiplicidade era já notada por Élio Aristides. O seu elogio de Atenas, o *Panatenaico*, pretende desde o prefácio apresentar-se como a primeira obra sobre a cidade, depois de tentativas precedentes esparsas e parcelares, como seriam as da historiografia e da épica .[23]

De facto, foi essa a evolução histórica no que concerne ao elogio de cidades, i. e., são justamente os diversos géneros literários que vão configurar o conjunto de tópicos que a retórica, devedora dessa tradição literária, tornará normativos. Por outras palavras, a teoria surge bem mais tarde do que a prática.

Elogios de cidades, a bem dizer, existem pelo menos desde o discurso de Péricles em Tucídides, passando por Isócrates (*Panatenaico*, *Panegírico de Atenas*). Não obstante, o

---

WALBANK, F. D. [et al.], *Cambridge Ancient History,* second edition, Cambridge, 1984, vol. VII, part I, pp. 257-320; ANDREAU, Jean; ETIENNE, Roland, "Vingt ans d'études sur l'archaïsme et la modernité des sociétés antiques," in *Revue des Études Anciennes*, 86 (1984), pp. 55-83; BRUHNS, Hinnerk, "Max Weber, l'économie et l'histoire," in *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 51, n. 6 (1996), pp. 1259-1287; WHITTAKER, C. R., "Do Theories of the City Matter?" in CORNELL, Tim; LOMAS, Kathryn (edd.), *Urban Society in Roman Italy*, New York, St. Martin's Press, 1995, pp. 9-26; RICH, John; WALLACE-HADRILL, Andrew, *City and Country in the Ancient World*, Taylor & Francis, 1991; ROSSI, P. (a c. di), *Modelli di città: struttura e funzioni politiche*, Torino, Edizioni di Comunità, 2001; VEYNE, Paul, *Le Pain et le cirque: sociologie historique d'un pluralisme politique*, Paris, Seuil, 1976. Para os vários problemas associados a uma definição de *polis* pode ser consultada a obra de HANSEN, Mogens Herman, *Polis: an Introduction to the Ancient Greek City-State*, Oxford, Oxford University Press, 2006.

[23] Alguns, afirma o sofista, remontaram nos seus poemas aos tempos lendários e cantaram a aliança dos deuses com a cidade (**ἀλλ' οἱ μὲν τοὺς ἄνω χρόνους ἐν τοῖς ποιήμασιν ᾄδουσι καὶ τὰ πρὸς τοὺς θεοὺς κοινὰ τῇ πόλει, καὶ ταῦτ' ἀπὸ τοῦ παρείκοντος**); outros limitaram-se a períodos específicos, como as guerras entre Gregos e Bárbaros (**οἱ δὲ τοὺς ἐπὶ τῶν καιρῶν πολέμους πρὸς Ἕλληνας καὶ βαρβάρους ἀφηγοῦνται μεμερισμένως**); houve quem fizesse a história da constituição (**ἕτεροι δὲ τὴν πολιτείαν καταλέγουσιν**); outros trataram do tema em orações fúnebres (**οἱ δὲ ἐν τοῖς ἐπιταφίοις λόγοις τῶν ἀποθανόντων ἑνίους προσειρήκασιν**), cf. *Or*. I, 4, p. 151. Todas as citações seguem a edição de James H. OLIVER, "The Civilizing Power: A Study of the Panathenaic Discourse of Aelius Aristides against the Background of Literature and Cultural Conflict, with Text, Translation, and Commentary ," in *Transactions of the American Philosophical Society* , n. s., 58, n. 1 (1968), 1-223 (aqui, p. 151). Na verdade, tanto para o elogio de Atenas como para o elogio de Roma (do mesmo sofista) o modelo era o *Panatenaico* de Isócrates (cf. ARISTIDES, Élio, *A Roma*, traduzione e commento a cura di Francesco Fontanella, introduzione di Paolo Desiderio, Pisa, Edizioni della Normale, 2007, p. 80).

sistema de tópicos não se constitui antes do séc. I d. C.[24] E a sua constituição é formalmente determinada por duas tradições literárias distintas: o *epitaphios*, por um lado, e a preceptística retórica sobre a descrição de lugares (entre os quais a cidade), por outro. Vejamos brevemente em que consiste e como evolui o *epitaphios logos*.

Pronunciado por ocasião do funeral dos caídos em combate, o discurso incluía entre os seus tópicos, além do tributo às virtudes do soldado, um momento de exaltação patriótica com a referência aos feitos passados da cidade de Atenas (com destaque para as Guerras Persas) e uma exortação aos presentes para imitarem a virtude dos falecidos.[25]

Em vista do objectivo presente, interessa pela sua influência posterior o *Panatenaico* de Aristides. Ora, a respeito deste texto coloca-se a questão de saber qual o sentido de uma forma nascida no contexto da pólis independente e então recontextualizada na Atenas submetida ao Império Romano.

O elogio de uma cidade é, seguindo o esquema de Quintiliano ou de Hermógenes, uma transposição do elogio de uma pessoa que pode ser louvada pela sua ascendência — e cuja equivalência para a cidade será o fundador — ou pelas suas virtudes e acções, tal como para a cidade se pode percorrer a sua história:

> *Laudantur autem urbes similiter atque homines. Nam pro parente est conditor, et multum auctoritatis adfert uetustas, ut iis, qui terra dicuntur orti, et uirtutes ac uitia circa res gestas eadem quae in singulis: illa propria quae ex loci positione ac munitione sunt.*[26]

Com excepção da referência ao sítio, o mesmo diz Hermógenes.[27] Em contrapartida, em Menandro já existe um esquema já completo: *topoi* humanos (*genos, praxeis, epitedeuseis*),

---

[24] Segundo Laurent PERNOT: "Rappelons que dans la *Rhétorique* d'Aristote, la *Rhétorique à Alexandre*, la *Rhétorique à Herennius* et les traités rhétoriques de Cicéron, la *polis* ne fait pas partie des objets de l'éloge." (PERNOT, Laurent, *La rhétorique de l'éloge dans le monde gréco-romain*, Paris, Institut d'Études Augustiniennes, 1993, p. 185, cf. ainda p. 216). No entanto, a descrição de cidades como subespécie da **ἔκφρασις τόπου**, mas limitada à topografia, essa será anterior, segundo o autor citado (*ibidem*, p. 184).

[25] Cf. definição de MENANDRO Retor: **λέγεται μὲν παρ' Ἀθηναίοις ἐπιτάφιος ὁ καθ' ἕκαστον ἐνιαυτὸν ἐπὶ τοῖς πεπτωκόσιν ἐν τοῖς πολέμοις λεγόμενος λόγος**. (418, 6-8; texto da edição: *Menander Rhetor*, edited with translation and commentary by D. A. Russell, N. G. Wilson, Oxford, Clarendon Press, 1981).

[26] QUINTILIANO, *Inst.* III, 7, 26 (texto da edição: *Institution oratoire*, texte établi et traduit par Jean Cousin, Paris, Les Belles Lettres, 1975-1980).

[27] **Καὶ μὴν καὶ πόλεως ἐγκώμιον ἐκ τούτων οὐκ ἂν χαλεπῶς μεταχειρίσαιο· ἐρεῖς γὰρ καὶ περὶ γένους, ὅτι αὐτόχθονες, καὶ περὶ τροφῆς, ὡς ὑπὸ θεῶν ἐτράφησαν, καὶ περὶ παιδείας, ὡς ὑπὸ θεῶν ἐπαιδεύθησαν. ἐξετάσεις δὲ ὡς ἐπὶ ἀνθρώπου, ποδαπὴ τοὺς τρόπους ἡ πόλις, ποδαπὴ τὴν κατασκευήν, τίσιν ἐπιτηδεύμασιν ἐχρήσατο, τίνα κατέπραξεν** (HERMÓGENES, *Progymnasmata,* VII, 80-85; texto da edição: *Progymnasmata,* ed. H. Rabe, Leipzig, Teubner, 1913, reimpr. 1969). Note-se que o paralelismo formulado pela teoria retórica já se encontrava sob forma embrionária no *epitaphios logos*, que apontava igualmente no sentido de uma personificação da cidade.

por um lado, e *thesis* e *physis* (características geográficas) por outro — onde se vê mais claramente que, se existe semelhança entre o louvor de uma pessoa e o de uma cidade, a verdade é que também há elementos que são específicos da cidade como as características topográficas ou geográficas.[28]

O discurso de Aristides após o proémio, acima citado, pode dividir-se segundo o esquema de Behr em: situação geográfica; mito da autoctonia; a descoberta dos cereais e sua transmissão à humanidade; as honras dos deuses para com a cidade; a generosidade para com os exilados e a fundação de novas colónias; os feitos de guerra; a língua ática; o reconhecimento da superioridade ateniense por outros povos.[29]

A primeira parte, que compreende a situação e características geográficas *(thesis* e *schema),* manifesta desde logo que comanda o texto um desígnio ideológico, a saber, demonstrar a identidade natural ou, mais literalmente, a identidade de naturezas entre a terra e os seus habitantes. Por isso, estabelece a exclusividade em termos de pertença e dignidade dos Atenienses em relação ao seu solo.[30]

Segundo o orador, isso pode verificar-se pela visão (*opsis*) e, por isso, apresenta uma vista de Atenas a partir do mar. A cidade apresenta-se como a praça forte da Hélade, estendendo-se mar adentro. De onde infere Aristides que lhe cabe o primeiro lugar entre os

[28] Cf. Menandro, 346, 27 ss. De acordo com Pernot (*La rhétorique...*, p. 671 ss) há em Menandro uma distinção clara entre *laus* (**ἐγκώμιον**) e *descriptio* (**ἔκφρασις**). No entanto, seguimos uma opinião que remonta já a Paul Friedländer (*Johannes von Gaza, Paulus Silentiarius und Prokopios von Gaza: Kunstbeschreibungen in justinianischer Zeit*, mit Berechtigungen und Zusätzen zum Nachdruck, Hildesheim [et al.], 1969, pp. 96 s, cit. por Kugler, *Die Vorstellung...*, p. 33 s) segundo a qual "Laus und Descriptio verteilen sich nicht so, daß dem Lob das schöngefärbte Idealbild, der Beschreibung die ungefärbte Wirklichkeit zukäme. Lob und Beschreibung unterscheiden sich mehr quantitativ als qualitativ voneinander" (Kugler, *Die Vorstellung...*, p. 33). De resto, é possível encontrar noutros teóricos da retórica, como em Prisciano, a teoria de que se a *descriptio* for de eventos pertence à narração, mas se for de pessoas ou coisas pertence ao género epdidíctico: *Sin vero loca vel tempora vel personas describamus, habebimus aliquam et a narratione, de qua supra docuimus, et a bono vel utili vel laudabili rationem* (*Praexercitamina*, apud Halm, Carl Felix, *Rhetores Latini minores*, ex codicibus maximam partem primum adhibitis emendabat Carolus Halm, Lipsiae, in aedibus G. B. Teubneri, 1863, p. 558, ll. 38 ss).

[29] Aristides, Élio, *The complete works*, translated into english by Charles A. Behr, Vol.1: Orations I-XVI. Leiden, Brill, 1981, p. 428.

[30] **Ἡ γὰρ τῆς χώρας ἡμῖν φύσις τῇ φύσει τῶν ἀνδρῶν συμβαίνουσα φανήσεται καὶ οὔτε ἡ γῆ πρέπουσα ἑτέρων εἶναι, οὔκουν οὐδὲ ἐγένετο, οὔτε οἱ ἄνδρες ἄλλης ἀντὶ ταύτης ἄξιοι, οὔκουν οὐδὲ ἠλλάξαντο, ἀλλ' ἔμειναν ἐφ' ἧς εἶχον· ἄμφω δὲ ταῦτα ὄψει καὶ μνήμῃ κρίνεται** (*Orat.* I, 15, p. 153; o texto é da edição: Oliver, James H., "The civilizing power: A study of the Panathenaic discourse of Aelius Aristides against the background of literature and cultural conflict, with text, translation and commentary," in *Transactions of the American Philosophical Society*, n. s., 58, 1 (1968), pp. 151-194.

Gregos e, portanto, só a Atenas por natureza pertenceria a liderança da Hélade (*μόνῃ ταύτῃ κατὰ φύσιν ἔστιν ἡγεῖσθαι τοῦ γένους*).[31]

A mais agradável das vistas, exclama o orador, porém, o que apresenta é menos uma vista do que uma imagem retórica. Da Atenas que entra mar dentro passamos à personificação de Atenas e da Ática estendendo a mão aos navegantes, oferecendo portos e pontos de ancoragem em todo o seu perímetro — sinal eloquente da sua filantropia (*symbolon philanthropias*). Assim a configuração da península ática se torna uma prova de outro valor de Atenas que constitui um tema maior do discurso — a *philanthropia*.

A visão das Cíclades e das Espórades em redor da Ática inspira-lhe um dos seus mais afortunados símiles: o das estrelas em torno da Lua.[32] Acto contínuo, retiram-se desta situação geográfica ilações de outro tipo: é por direito e como legítima herdeira que Atenas reivindica a propriedade das ilhas e não como herdeira supositícia. Além de a colocar no centro da Hélade — como se fosse o centro de um escudo para o qual tudo aponta —, a situação geográfica segrega-a de qualquer contacto com os barbáros e essa 'segregação' geográfica tem paralelismo ao nível civilizacional.[33]

Expostos o *schema* e a *thesis* da Ática, Aristides passa ao que se poderá chamar uma vista da cidade que desenvolve a imagem da centralidade de Atenas não apenas em relação à Hélade mas ao mundo: a Hélade está no meio do mundo; a Ática no meio da Hélade; Atenas no meio da Ática e, por último, no meio da cidade está a acrópole.[34] Uma composição visual ou apenas a força da imagem retórica? O orador insiste, em toda esta secção, que o fundamento da *thesis* e do *schema* da cidade é a evidência. E, de facto, são várias as repetições vocabulares em torno da ideia de ver: *ophthalmos*, *theama*, *horao* ou mesmo o protesto de

[31] *Or.* I, 8, p. 152. Por fim, outra ilação retirada deste prólogo geográfico é a da centralidade de Atenas em relação a toda a Hélade: *οὕτω δὲ ἐν ἀρχῇ τῆς Ἑλλάδος οὖσα ἡ χώρα ἐν μέσῳ τῆς πάσης οὐχ ἧττόν ἐστιν* (*ibidem*, I, 13, p. 153).

[32] *Or.* I, 10, p. 152.

[33] *Διὸ δὴ καὶ μόνη τὸ τῶν Ἑλλήνων πρόσχημα καθαρῶς ἀνῄρηται καὶ τοῖς βαρβάροις ἐστὶν ἐπὶ πλεῖστον ἀλλόφυλος· ὅσον γὰρ τῇ φύσει τοῦ τόπου κεχώρισται, τοσοῦτον καὶ τοῖς ἤθεσι τῶν ἀνδρῶν ἀφέστηκεν* (*Or.,* I, 13, p. 153).

[34] *Τρίτη δὲ ἀκόλουθος τούτων ἀνέχει, περιφανὴς ἄνω διὰ μέσης τῆς πόλεως, ἡ πάλαι μὲν πόλις, νῦν δὲ ἀκρόπολις, κορυφῇ παραπλησίως, οὐχ ὡς ὕστατον εἶναι τῆς πόλεως, ἀλλ' ὡς περὶ αὐτὴν πᾶν τὸ λοιπὸν σῶμα τῆς πόλεως, ἄκρου καὶ μέσου ταυτοῦ συμπεπτωκότος. τὸ διὰ πάντων ἤδη τοῦτο κάλλος καὶ ὁ τελευταῖος ὅρος τῆς περὶ γῆν εὐκαιρίας. ὥσπερ γὰρ ἐπ' ἀσπίδος κύκλων εἰς ἀλλήλους ἐμβεβηκότων πέμπτος εἰς ὀμφαλὸν πληροῖ διὰ πάντων ὁ κάλλιστος, εἴπερ ἡ μὲν Ἑλλὰς ἐν μέσῳ τῆς πάσης γῆς, ἡ δ' Ἀττικὴ τῆς Ἑλλάδος, τῆς δὲ χώρας ἡ πόλις, τῆς δ' αὖ πόλεως ἡ ὁμώνυμος* (*Or.,* I, 15, p. 153).

evidência (**τοῖς δ' ὁρωμένοις συμβαίνει καὶ τὰ λεγόμενα, οἷς οὐκ ἔνεστιν ἀπιστεῖν**).[35] A verdade é que o círculo e a imagem do escudo vêm já de Homero[36] e a ideia da centralidade de Atenas em relação à Hélade também não é nova.[37] Ambos os elementos apenas confirmam o mesmo esforço de fazer com que os factos confirmem uma tese.

O restante discurso retoma os temas habituais do *epitaphios logos* de que interessa reter duas particularidades de Aristides: o papel da *philanthropia* de Atenas e a amplificação do tema. A *philanthropia* sendo um termo já antigo no pensamento moral grego, adquire um traço novo no helenismo: fala-se de benevolência (*philanthropia*) já não apenas para com os concidadãos, mas para com todos os homens.[38] E no discurso de Aristides são as guerras persas que fizeram de Atenas não apenas o baluarte dos Gregos, mas de todo o mundo civilizado (**καὶ τοῖς πᾶσιν ἐδείχθη μόνον φυλακτήριον οὖσα τοῖς Ἕλλησιν, οἶμαι δὲ καὶ τῷ λοιπῷ μέρει τῆς οἰκουμένης**).[39] Mais do que essa gesta bélica, porém, o que assegura o verdadeiro domínio de Atenas é a cultura (**ταύτην ἐγὼ τὴν μεγάλην ἀρχὴν καλῶ τὴν Ἀθηναίων**).[40] O significado cívico da evocação das guerras persas e de outros feitos acaba por ser o de servir de termo de comparação para o verdadeiro domínio que é o da sua cultura que conquista toda a humanidade.[41] Como nota Saïd, a *demokratia* que fazia parte dos *epitaphioi* deu lugar, em Aristides, à *politeia*. Dá-se, portanto, uma romanização da cultura ateniense, característica, de resto, de toda a epidíctica.[42] Mas qual é o sentido desta evocação do glorioso passado ateniense em uma Atenas submetida ao poderio romano?

Para Nicole Loraux, depois de Atenas perder a sua independência, dissolve-se o contexto e desaparece a razão de ser de grande parte dos tópicos constitutivos do *epitaphios logos* e o discurso reduz-se a isso mesmo: um exercício oratório esvaziado de sentido.

---

[35] *Or.* I, 12, p. 153.

[36] Behr em nota *ad loc*. (pp. 429-430) diz que Aristides tinha em mente algo como *Ilíada* XI, 33 e XX, 280.

[37] Pelo menos já se encontra em Xenófanes, *Vect.*, I, 6 ss (vide Oliver, *ad. loc.*, p. 95).

[38] Vide Festugière, André-Jean, *La révélation d'Hermès Trismégiste*, Paris, Les Belles Lettres, 1986, vol. 2, pp. 301 ss.

[39] *Or.* I, 128, p. 171.

[40] *Or.* I, 227, p. 187.

[41] **Πρότερον μὲν οὖν τοὺς καταφεύγοντας ἐφ' ὑμᾶς τῶν Ἑλλήνων διεσώζετε, νυνὶ δ' ἀτεχνῶς πάντας ἀνθρώπους καὶ πάντα γένη τῇ καλλίστῃ τῶν εὐεργεσιῶν ἀνέχετε, ἡγεμόνες παιδείας καὶ σοφίας ἁπάσης γιγνόμενοι καὶ πάντας ἁπανταχοῦ καθαίροντες** (*Or.* I, 230, p. 187).

[42] Saïd, Suzanne, "Rewriting of the Athenian past: from Isocrates to Aelius Aristides", in Konstan, David; Saïd, Suzanne, *Greeks on Greekness: viewing the Greek past under the Roman Empire*, Cambridge, Cambridge Philological Society, 2006, pp. 47-60.

Desaparece o tópico da oposição entre palavras e actos; suprime-se a retórica guerreira e combativa que o sustentava. O que surge em seu lugar é, na opinião da autora, o panatenaico.[43] A lógica guerreira reconverte-se para exaltar agora a supremacia cultural ateniense e, consequentemente, o elogio da cidade torna- -se o tópico fundamental.

Discutir cabalmente uma interpretação do texto não será aqui propriamente relevante. No entanto, visto que a recepção do próprio texto não é alheia a pelo menos parte do seu teor ideológico, importa precisar melhor algumas questões interpretativas.

Em primeiro lugar, o *Panatenaico* pretende ser, dado o estilo em que está escrito, um discurso político (*politikos*). Dir-se-á que o estilo não impede que seja um discurso inócuo do ponto de vista político e ideológico. A verdade é que, tendo em conta as modificações de materiais pré-existentes e a introdução de novos elementos (como por exemplo o conceito de *philanthropia,* o império cultural grego) se compreende perfeitamente a afirmação de Pernot: "l'éloquence épidictique est un lieu de mémoire, mais il s'agit d'une mémoire vivante."[44]

Para James H. Oliver o panegírico de Atenas reutiliza para os seus propósitos termos oriundos de tradições várias como sejam a tradição literária do panegírico (sobretudo Isócrates), o platonismo ou as ideias estóicas sobre a sociedade natural.[45] Mesmo sem aceitar todas as aproximações feitas pelo referido autor, não é possível deixar de ver no discurso uma primeira elaboração perfeita do que poderíamos chamar uma cidade-conceito, uma cidade cuja identidade não reside neste aspecto concreto da sua traça urbana ou naquela característica (económica, social, cultural, geográfica...) que a individua, mas em uma ideia da qual ela se torna uma imagem (ou reproduzindo o termo de Aristides um *eikon*), uma materialização ou realização histórica.

Um exemplo diferente de *laus urbis*, e do período da Antiguidade tardia, pode ver-se no ciclo de poemas de Ausónio, *Ordo urbium nobilium*.[46] Com desigual tratamento o poema

[43] Loraux, Nicole, *Invenção de Atenas*, Rio de Janeiro, editora 34, 1994, pp. 263-71.

[44] Pernot, *La rhétorique...*, p. 761. Note-se ainda, segundo o mesmo autor, o deslocamento da epidíctica na prática dos oradores da época imperial e, posteriormente, dos teóricos como Menandro, nos quais passou a integrar a eloquência política, quando para Cícero estava à margem dela (*ibidem*, p. 352).

[45] Oliver, James H., "The civilizing power: a study of the Panathenaic discourse of Aelius Aristides against the background of literature and cultural conflict, with text, translation and commentary," in *Transactions of the American Philosophical Society*, n. s., 58 (1968), pp. 38-44.

[46] Como mostra Hanna Szelest, o texto é igualmente bastante devedor da literatura epigramática grega, cf. "Die Sammlung Ordo urbium nobilium des Ausonius und ihre literarische Tradition", in *Eos*, 61 (1973), pp. 113 ss.

abre com Roma e termina em Bordéus, a cidade natal de Ausónio, precedida de outras cidades do sul da Gália.

Embora com grande liberdade e sem qualquer esquematismo, o ciclo está enquadra-se na tradição retórica da *laus urbis*.[47] Todavia, este ciclo de poemas explora com mais consequência a personificação da cidade — decorrente, recorde-se, da teoria retórica que preceitua a transferência dos tópicos do louvor pessoal para o louvor de uma cidade — ao apostrofar as cidades e as caracterizar pela sua *fortuna* ou pelas suas qualidades morais.

Algumas cidades mostram de forma particular o atributo moral da sujeição aos ditames da *fortuna*: a opulência antiga de Cartago é superada pela *fortuna recens* de Constantinopla;[48] Cápua, outrora próspera e famosa, é hoje uma sombra do seu passado, devido à alternância da fortuna (*fortuna variante vices*).[49] Outras cidades, por sua vez, são um *exemplum* de determinados vícios. Antioquia e Alexandria caracterizam-se por uma ambição insensata que as atira para rivalidade no que toca a vícios (*Ambarum locus unus, et has furor ambitionis / in certamen agit vitiorum*).[50] Cápua carrega o estigma das suas traições a Roma (*Romae / aemula, nunc fidei memor, ante infida, senatum / sperneret an coleret dubitans*).[51] Bordéus, por último, conta entre as suas qualidades, além do vinho, a nobreza dos seus cidadãos (*moribus ingeniisque hominum procerumque senatu*).[52]

Em uma apreciação que nos parece injusta (e que se deve aos limites da metodologia adoptada, sc. a tópica), Giegler afirmou que "nur der Name von der Stadt genommen würde — alles andere könnte Ausonius auch einer anderen Stadt zuschreiben."[53] Por outras palavras, é como se os tópicos da *laus urbis,* previamente existentes, fossem transportáveis de uma cidade para outra sem prejuízo de congruência. O caso de Bordéus põe essa leitura diante de uma flagrante contradição. O tecido urbano é apreciado por Ausónio em termos aparentemente imprecisos, mas que dados arqueológicos vêm confirmar, como se vê pelo elogio dos muros e das suas torres, e pela referência ao porto.[54] Os muros, para dar um

[47] Szelest acentua a ausência de esquematismo na composição ("Die Sammlung...,", p. 113).

[48] *Ordo urbium nobilium*, v. 6 (cit. pela edição *The works of Ausonius,* edited with introduction and commentary by R. P. H. Green, Oxford, Clarendon Press, 1991).

[49] *Ibidem*, v 48.

[50] *Ibidem*, vv. 17 s.

[51] *Ibidem*, vv. 49 ss.

[52] *Ibidem*, v. 130.

[53] Giegler, *Das Genos...*, p. 16. E não obstante o *caveat* do próprio autor (*ibidem*, p. 120) acerca do perigo de interpretar um texto encaixando-o em tópicos previamente definidos.

[54] Cf. Loseby, S.T., "Decline and Change in the Cities of Late Antique Gaul," in Witschel, Christian;

exemplo, são de facto recentes (erguidos no séc. III) e as suas torres cujo cume toca as nuvens correspondem, descontada a imagem literária, ao arrojo arquitectónico que as faria notadas a longa distância. Por outro lado, o relevo dado aos muros e ao porto, omitindo os monumentos da parte antiga da cidade, correspondem ao novo traçado urbanístico que deixara de fora das novas fortificações o antigo centro.[55]

Ausónio encontra-se já no limiar de uma nova era. Com efeito, se a urbanização fora importante outrora, durante a República e o Império, ao providenciar um quadro comum de vida reconhecível em uma forma urbana padronizada e na articulação do poder local e central, a verdade é que a partir do séc. III se observam mudanças que conduzirão ao seu declínio. Mudanças sociais, económicas e administrativas conduzem ao declínio da munificência com a consequente degradação da cidade e do seu decoro.[56]

Pelo lado da cultura literária, todavia, não cabe falar de ruptura. A teoria retórica, que ainda é o núcleo da formação cultural, assegura a passagem entre a Antiguidade e a Idade Média. Tradutores, compiladores ou enciclopedistas como Marciano Capela, Prisciano, Cassiodoro, Isidoro ou Beda guardam sob forma mais acessível a riqueza teórica que os escritos de Hermógenes, Cícero ou Quintiliano lhes ofereciam. E se ao apreço pela teoria corresponde uma prática literária, essa continuidade será igualmente verificável, nomeadamente e o que interessa no âmbito presente, nas *laudes urbium*.

Contudo, não havendo possibilidades nem intenção de analisar a totalidade da literatura medieval latina, vejamos alguns textos representativos sob um duplo aspecto: em termos de forma literária, por um lado; em termos da realidade cultural, social, económica a que dão expressão, por outro.[57] Do ponto de vista formal a *laus urbis* pode surgir como um

---

KRAUSE, Jens-Uwe (Hrsgg.), *Die Stadt in der Spätantike: Niedergand oder Wandel? Akten des internationalen Kolloquiums in München am 30. und 31. Mai 2003*, Stuttgart, F. Steiner, 2006, p. 73.

[55] Ver *ibidem*, p. 74: "Ausonius was tacitly recognising their literal exclusion from the late antique core. Some of these now extra-mural public buildings were certainly dismantled to provide the mass of dressed stone systematically re-used in the foundations of the new rampart."

[56] O quadro dessa evolução (mais dramática na Itália) pode ser lido em WARD-PERKINS, Bryan, *From classical antiquity to the Middle ages: urban public building in northern and central Italy, AD 300-850*, Oxford, Oxford University Press, 1984, cap. 2 "Late Antiquity," e ainda os vários contributos em torno do fenómeno "spätantike Stadt" em WITSCHEL; KRAUSE, *Die Stadt in der Spätantike...*, sobretudo MARAZZI, Federico, "Cadavera urbium, nuove capitali e Roma aeterna: l'identità urbana in Italia fra crisi, rinascita e propaganda (secoli III-V)," pp. 33- 65.

[57] Além da bibliografia já indicada acima (ver p. 4 n.), pode ler-se um conspecto de vários textos (desde Aristides aos textos produzidos no âmbito italiano), em NOVATI, Francesco, "De Magnalibus urbis Mediolani," in *Bullettino dell'Istituto storico italiano*, 20 (1898), pp. 5-15.

texto independente ou um texto incorporado em outro como sejam uma *vita,* uma crónica, uma epopeia ou uma carta. Serão aqui analisados, em primeiro lugar, exemplos de *laudes urbium* que constituem textos independentes e, em seguida, *laudes* que integram obras mais amplas.

Normalmente apontado como a primeira descrição medieval de uma cidade, o *Versum de Mediolano civitate* é escrito em meados do séc. VIII, ou seja, no tempo do reino lombardo no Norte da Itália.[58] Trata-se de uma descrição com a marca da cultura cristã nele operante a um nível fundamental. Não é só o facto de a penúltima estrofe fazer a passagem da cidade terrestre para a cidade celeste, que é o objecto da esperança cristã, ou de conter uma doxologia que mostra como o elemento cristão é fundamental. É sobretudo o facto de o poema ser uma afirmação da Igreja Milanesa na sua realidade histórica do séc. VIII.

Com efeito, as estrofes 18 e 19 mencionam as duas figuras cimeiras da cidade, o rei Liutprando e o seu irmão que detém o ceptro episcopal:

> *Sceptrum inde Langobardi principalem optinent,*
> *Liutprandum pium regem meritis almificum,*
> *cui tantam sanctitatis Christus dedit graciam.*
>
> *Totam urbem presul magnus ornavit Theodorus,*
> *veniens benigne, natus de regali germine,*
> *quem ad sedem raptum traxit pro amore populus.*[59]

Além disso, a estrofe 22 refere aquele que é um dos títulos de glória da Igreja de Milão: o esplendor da sua tradição litúrgica.[60] Ainda como documento da sua matriz cultural cristã, o poeta faz referência à expedição dos Lombardos contra as incursões árabes na Provença em 738, incursão que é exaltada menos em termos militares que em termos de defesa da fé:

> *Viribus robusti cives adstantium certamine*
> *nefandarum subdent colla expugnando gencium,*
> *palmam possident et nomen fidei amplissimum.*[61]

[58] A circunstância histórica da sua origem não é irrelevante, atendo a que na mesma área geográfica se encontra um manuscrito de retórica com um excerto relativo ao elogio de cidades — facto que aponta para a continuidade entre a tradição retórica antiga e a literatura medieval da *laus urbis*.Ver HALM, *Rhetores Latini...*, p. VI (sobre a origem lombarda do códice parisino), pp. 587-588 (*De laudibus urbium*).

[59] *MGH. Poetae I*, p. 26.

[60] *Ibidem*, p. 26.

[61] *Ibidem*, p. 26.

Por fim, duas estrofes dedicadas ao estatuto de sede metropolita de que a Igreja Milanesa gozava, em que se refere, nomeadamente, um sínodo de bispos sufragâneos de Milão, nas vésperas do Concílio de Constantinopla III, têm por fundo, como observa Gina Fasoli, as vicissitudes da história eclesiástica coeva.[62]

Um texto que sucede a este temporalmente, e que se encontra sob a sua influência, é a *Laudatio Veronensis civitatis* escrita sob o reinado de Pepino entre os anos 789 e 810.[63] O poema começa por invocar a autoridade de S.to Isidoro (*in partibus Venetiarum, ut docet Isidorus*). Ora, se S.to Isidoro nada diz de Verona, nem por isso a sua referência faz menos sentido, pois, como Eugen Giegler mostrou, o poema apoia-se em vários passos das *Ethymologiae*.[64]

De início o poeta apresenta as muralhas e os edifícios antigos (e pagãos) que se encontram na cidade (estrofes 2-8) como se tratasse de uma primeira fundação cidade de que havia resquícios apenas ao nível urbanístico.[65] Em oposição a essa fundação, a cidade é refundada ao ser inserida na história da salvação (epitomada nas estrofes 9-13). Assim se inicia a cristianização de Verona que o poeta recorda por meio de uma lista de bispos que culmina no patrono S. Zenão (estrofes 14-19), à qual se segue uma lista de santos protectores. Só na penúltima estrofe, e depois de uma exaltação de Verona sobre as suas pares de Itália (Mântua, Bréscia, Pavia, Roma e Ravena), se faz uma referência à circunstância política crucial (embora secundarizada pelo autor), que era a presença do rei Pepino na cidade. Assim se vê como esta *laus urbis* cristianizada testemunha uma consciência urbana fundada no culto dos santos.[66]

---

[62] Cf. "La coscienza civica nelle *laudes civitatum*," in *La coscienza cittadina nei Comuni italiani del Duecento: Convegni del Centro di Studi sulla Spiritualità medievale (1970), XI, Todi 1972*, Todi, Accademia tudertina, 1972. pp. 18-19. A mais significativa dessas vicissitudes terá sido a subtracção de Pavia à jurisdição milanesa para ficar directamente sob alçada da Santa Sé no final do séc. VII.

[63] *MGH. Poetae I*, pp. 118-22.

[64] Giegler, *Das Genos...*, p. 37 s.

[65] *Ecce, quam bene est fundata a malis hominibus, / qui nesciebant legem dei nostri, atque vetera / simulacra venerabant lignea, lapidea* (*MGH. Poetae I*, p. 120*).*

[66] Sobre essa questão cf. Picard, Charles, "Conscience urbaine et culte des saints. De Milan sous Liutprand à Vérone sous Pépin Ier d'Italie," in Patlagean, Evelyne; Riché, Pierre (eds.), *Hagiographie, cultures et sociétés: IV-XII siècles. Actes du colloque organisé à Nanterre et à Paris (2-5 mai 1979)*, Paris, Etudes Augustiniennes, 1981, pp. 455-469, sobretudo o relato da discussão que se seguiu à conferência de Picard, a respeito da possibilidade de uma consciência urbana por esta altura (confirmada, em última análise, pelas intervenções de J. Fontaine e Ch. Pietri, cf. pp. 468 s).

O período da dominação lombarda em Itália e o período carolíngio colocam justamente a questão do destino dos centros urbanos do tempo do Império Romano, usualmente articulada entre os extremos da destruição completa ou da continuidade. Se um poema como os *Versus de destructione Aquilegiae*[67] — memória da destruição da cidade pelos Hunos em 452 —, oferece um caso de total aniquilação, o encómio de Milão e os *Versus de Verona*, pelo contrário, são provas da sobrevivência de estruturas urbanas do período romano (anfiteatros, aquedutos, fortificações...). Como nota Neil Christie:

> The cultural contexts of these compositions differ: the Milan encomium belongs to a period of reviving urban identity and expression in the Lombard kingdom; whereas the Verona text relates to the conspicuous Carolingian reinvention of the classical past, with Verona adopted as the seat of Charlemagne's son, Pippin.[68]

A evolução dessa tipologia textual continuará como se vê pelos textos produzidos no Sacro Império Germânico entre 970 e 1050, que apresentam um elemento até então desconhecido, como nota Eugen Giegler: em vez de apresentarem a cidade naquilo que tem de peculiar colocam-na em uma relação de superioridade ou domínio sobre todas as outras. A novidade, segundo o mesmo Giegler, é uma resposta aos desígnios programáticos de um Império ainda sem capital fixa.[69] Ora é Trier exaltada como *caput Europae*[70] ora Bamberga, em poema dedicado a Henrique II (*haec caput est orbis, hic gloria conditur omnis*).[71]

No âmbito italiano, porém, os exemplos mais notórios de *laudes urbium*, como o *Liber Pergaminus* de Mosè del Brolo ou o *De Magnalibus urbis Mediolani* de Bonvesin de la Riva, testemunham a afirmação e o declínio das comunas.

---

[67] *MGH. Poetae I*, pp. 142-146.

[68] Christie, Neil, *From Constantine to Charlemagne: an archaeology of Italy, AD 300-800*, Aldershot [et al.], Ashgate, 2006, p. 185. O autor prefere falar em "mudança ideológica" nas concepções de urbanismo em resposta às alterações e à instabilidade que caracterizam a época em vez de perda de atributos urbanos (cf. *ibidem*, p. 185). Em relação ao elogio de Verona, G. Fasoli é de opinião que ele "vuole esprimere velatamente la speranza […] che Pipino fosse destinato a rinnovare l'antica indipendenza del regno longobardo." ("La coscienza civica...," p. 24).

[69] Giegler, *Das Genos...*, p. 49. O autor deduz de alguns dos exemplos a ideia de uma evolução da *Städtedichtung*: "Nicht mehr Lob der Stadt «zum Selbstzweck», sondern Verbindung des Lobes der Stadt mit einer Idee der Stadt ist letzter Ausgangspunkt für den Dichter" (*ibidem*). Opinião que, atendendo ao conteúdo dos elogios de Milão e Verona acima referidos, não se pode compartilhar.

[70] *MGH. Poetae V/1*, 1-2, p. 498, n. (manuscrito datado, pelo editor, do final do séc. X a princípios do séc. XI).

[71] Poema da autoria de Gerhard von Seeon (*MGH. Poetae, V/1*, 1-2, p. 397).

O poema do bergamasco Mosè del Brolo,[72] que vive na primeira metade do séc. XII, depois de evocar a fundação gaulesa da cidade, faz uma descrição geográfica de Bérgamo, nomeando e caracterizando cada um dos seus bairros — uma particularidade corográfica que o singulariza em toda a tradição das *laudes urbium* até então. Além desse itinerário pelas várias partes da cidade, o poema celebra as instituições comunais e a concórdia que une os cidadãos:

> *Rara, sed hoc certe, fugit aera turris in urbe,*
> *rara quod eius habent inter se prelia urbe,*
> *namque ligat stabili nodo pax aurea cives:*
> *pace manet pauper, pacis quoque federe dives.*
> *Non alias tante leges aut civica jura*
> *aut decus aut pietas viget aut concordia pura.*
> *Tradita cura viris sanctis est hec duodenis,*
> *qui populi jussis urbis moderantur habenis;*
> *hi sanctas leges scrutantes nocte dieque*
> *dispensant equo cunctis moderamine queque.*
> *Annuus his honor est, quia mens humana tumore*
> *tollitur, assiduo cum sublimatur honore.*[73]

Se o *Liber Pergaminus* é a exaltação da liberdade comunal no seu auge, o *De magnalibus urbis Mediolani* do poeta Bonvesin de la Riva representa, no séc. XIII e no contexto de Milão, a defesa da mesma liberdade no momento em que se encontra em crise. Bonvesin pertence à classe comunal, mas percebe a ameaça dos *magnates* que determinará a passagem da comuna à *signoria*.[74]

Sob o ponto de vista da forma é grande a distância em relação às *laudes urbium* até aqui encontradas: um texto escrito, em parte, em estilo escolástico — além de dividido em

[72] Guglielmo Gorni, embora reconhecendo que o poema se pode integrar no "genere laudativo delle città, sulla linea degli antichi *Versus de Verona* e *Versus de Mediolano civitate* (la medietà geografica dell'origine non sarà, al riguardo, casuale)," vê-o sobretudo como um arrojado e arcaizante ensaio de métrica que se destaca de toda a poesia medieval ("Il 'Liber Pergaminus' di Mosè del Brolo," in *Studi Medievali*, s. III, 11 (1970), p. 409). A respeito das intersecções de vários horizontes culturais em Mosè del Brolo note-se que o autor esteve na corte de Constantinopla, e que este poema revela, como demonstrou Giovanni Orlandi, influências do elogio de Metz de Sigeberto de Gembloux (cf. "Dall'Italia del nord alla Lotaringia (e ritorno?): un capitolo nella storia delle *laudes civitatum*," in Bihrer, Andreas; Stein, Elisabeth, *Nova de veteribus: mittel- und neulateinische Studien für Paul Gerhard Schmidt*, Berlin [et al.], Walter de Gruyter, 2004, pp. 357-365).

[73] *Liber Pergaminus*, vv. 271-82 (edição de Gorni, "Il 'Liber Pergaminus'...," p 452).

[74] Como afirma Maria Corti, Bonvesin ostenta um ideal de vida comunal já anti-histórico "perché dalle lotte dei magnati sta nascendo la signoria; ma nelle lodi di un passato prossimo c'è tutta la presente nostalgia di Bonvesin e insieme una patetica fiducia nella classe comunale a cui egli appartiene." (Bonvesin de la Riva, *De magnalibus Mediolani. Le meraviglie di Milano*, trad. di G. Pontiggia, introd. e note di Maria Corti, Milano, Bompiani, 1974, p. 9; o texto também foi editado por Novati, Francesco, "De Magnalibus...," pp. 61-176.

distinctiones, reproduz as expressões do método dialético (*e. g. contradicet aliquis … respondeo quod argumentatio illa non vallet sicut ista*)[75] —, em parte sob a forma de catálogo com indicadores estatísticos profusos.

Considerado na tradição literária das descrições de cidades, o texto de Bonvesin marca uma evolução. Em primeiro lugar, em termos de forma, pois já não se trata de um elogio que procura responder a um padrão literário e retórico refinado ou que se apoia exclusivamente na monumentalidade ou na aspiração a centro (capital) de um espaço. Pelo contrário, o texto é escrito na prosa técnica e desenxabida, produto já não do ensino monástico, mas das cidades e das suas novas potencialidades culturais. Depois, pelo facto o texto constituir um momento de consciência política.

Em conformidade com esse sentido político o autor afirma a liberdade e a vigorosa repugnância da cidade pela tirania.[76] Certamente que o orgulho da cidade está tanto no seu amor à liberdade como na presença de santos, mas é justamente o *asensus civium* que introduz aqui a afirmação da liberdade comunal tão característica das cidades italianas e que merecerá todo um capítulo (*commendatio ratione libertatis*).[77]

Quais as estratégias retóricas de Bonvesin de la Riva para suscitar essa admiração e que novidades apresenta a sua descrição?

Em primeiro lugar nomeia e interpela um actor da vida da cidade até então negligenciado, ou seja, os seus habitantes, os *Mediolanenses* (ora nomeados *ciues* ora *habitantes*) que se tornam até uma das razões de recomendação da cidade (terceiro capítulo

[75] Ver *ibidem*, cap. III, dist. I, p. 52: *Contradicet aliquis hic: cur moribus ita Mediolanum colaudas? Nonne patet aput ora eorum inter se livorum prodicio, discordia civilis et crudelis destructio? Ergo male dicis. Respondeo quod argumentatio illa non vallet sicut nec ista.* [...] *Contradicet rursus aliquis: cur, si est in eis quod predicas, non refrenat tantam maliciam bonitas? Respondeo: quoniam temporallis potentia sepius viciosis accedit, et filii tenebrarum sepe in sui iniquitatibus ferventius et cautius quam filii lucis in suis operibus operantur.*

[76] *Hic dicet aliquis: ca(ve, nam) quamplurima malla sub specie boni secuntur. Liber iste ad alicuius extranei tiranni manus fortuito veniet, qui, intelectis Mediolani magnalibus, in tantum inebriabitur eius amore,* /p. 24/ *ut perspicaciter et dollose scrutetur qualiter ipsum dominationi proprie valeat subiugare. Respondeo: tanta est huius civitatis naturalis libertas et corporum sanctorum copiossa tutella, quod alicuius extranee tyrampnidis dominatio, sicut in nostris temporibus patuit, nisi civium asensu non permititur ocupata subsistere, ne igitur presumat aliquis tiramnus hic sedem suo preparare dominio; huius enim anguille caudam reperiet lubricam et cum crediderit eam cepisse, securum se credens, ex improviso reperiet se delusum.* (*ibidem*, prefácio, pp. 22 s). Sobre o orgulhoso sentimento de independência ver a afirmação de Maria Corti: "Dove è in gioco il concetto e il senso specifico della libertà comunale Bonvesin si fa perentorio: Milano non potrà soggiacere a un tiranno "a meno che i cittadini, volgendo la spada l'uno contro l'altro, prendano gusto a sventrarsi tra di loro" (*ibidem*, p. 14; o passo do texto a que a autora se refere é o cap. V, dist. XVI, p. 142).

[77] *Ibidem,* cap. VII, pp. 166 s.

commendatio ratione habitantium).[78] Por outras palavras, Bonvesin pressupõe que a cidade é para ser habitada. E se a cidade é para ser habitada, duas dimensões são enumeradas pelo autor com estreita dependência dessa habitabilidade: a cidade como centro de consumo e de produção, e a cidade como objecto de gozo.

A cidade como centro de consumo requer boas estruturas de abastecimento de água (fontes), por isso Bonvesin põe em relevo a qualidade da água.[79] Também em relação ao consumo, o autor refere a abundância, a qualidade e a variedade de produções agrícolas e hortícolas no território envolvente.[80]

Mas a cidade é também produtora e nela se desenvolvem actividades como as artes que o autor enumera. Embora no que se refere a artes liberais, Milão careça de uma universidade (*studium generale*),[81] não faltam os *medici, cirurgici, professores artis grammaticae, doctores in cantus Ambrosiani, pedagogi inicialium litterarum, scriptores librorum*.[82]

A segunda inovação é a importância do gozo sensitivo e, sobretudo, visual da cidade em que já não surgem monumentos ou paisagens na função de tópico/argumento, ou seja, como objectos de que se fala, mas como objectos que se sentem. Por essa razão, o texto enuncia a perspectiva, inédita nas *laudes urbium*, dos que vêem e apreciam (*videntes*) ou até cheiram (*olfantes*) a cidade.[83]

---

[78] *Ibidem*, cap. III, dist. I, pp., 48-74. O termo *Mediolanenses* apresenta mais de duas dezenas de ocorrências.

[79] *Sunt in civitate non cisterne, non aquarum a longe conductus, imo aque vive naturalles humano usui potatu mirabiles, limpide, salubres, habilles, nullo ariditatis tempore deffective, in tanta copia, ut in unaquaque fere domo decente sit fons, qui dicitur puteus, aque vive. Et sicut investigatione dilligenti, licet non in toto serio facta comprehendere potui, plures quam sex millibus vivorum foncium proculdubio prestant cotidie civibus aquam vivam. Inter quos quamplurimi sunt quorum aque videntur gustui quasi sapide tanteque subtilitatis, ut tam vasa lignea quam vitreas ampullas in quibus posite fuerint sine magni temporis distantia penetrant* (*ibidem*, cap. I, dist. III, p. 32).

[80] *Ibidem*, cap. IV *de commendatione mediolani ratione fertilitatis et omnium bonorum afluentie, dist. XIIII*, p. 62. De notar ainda como Bonvesin faz a estimativa do número de habitantes valendo-se de um índice de consumo diário de trigo: *Quot igitur bucche humane civitatem tantam inhabitant numeret qui potest. Quod si perfecte valebit efficere, circha ducenta millia, ut firmiter cogito, comulabit in numero, cum pro certo probatum sit et serio dilligenter investigatum, quod mille ducenti modii bladi solum in* /p. 64/ *civitate singulis diebus, computatis temporibus, consumantur et ultra; cuius rei veritatem sic esse certificant qui solent bladi triti a molandinis tributa exigere* (*ibidem*, cap. III, dist. XIII, pp. 62 s).

[81] *Ibidem*, cap. III, dist. XXVI, p. 68.

[82] *Ibidem*, cap. III, dist. respectivamente, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, pp. 66 s.

[83] *Preterea viridaria trifolio et herbis, flori(busque virentia), in quibus viole, rose et alia (florum genera videntium oculos recreant) et olfantium nares confortant* (*ibidem*, cap. 4, dist. V, p. 86); *Omnia que sunt superius in nostre civitatis commendatione descripta; ne forte me sompniasse videar vel cerebrosa levitate virgatum fuisse vel dolosse, ut hominibus placeam, laudes transcumullasse fictitias, cum oculis videntium satis manifesta videntur* (*ibidem*, cap. 8, dist. XIIII, p. 194).

Na mesma linha de qualidades estéticas e sensitivas da cidade, Bonvesin faz o elogio do seu asseio: *Suntne ibi paludes aut lacus putride suis nebulis atque fetoribus aerem corrumpentes? non certe; imo limpidi fontes et fertillia flumina*.[84] Mesmo o território rural articula-se com a cidade e potencia a sua qualidade, visto que oferece lugares agradáveis (embora reservados aos mais poderosos, os *magnates*).[85] Por último, como factor de gozo (*voluptas*) surge a abundância de bens alimentares.[86]

Torna-se claro pelos últimos dois exemplos que a *laus urbis* é um texto atravessado pelas linhas de força da evolução política e ideológica. É o que se pode confirmar ainda pelo elogio de Paris de Jean de Jandun (1290-1376). Com efeito, é sob o pano de fundo da polémica do *Defensor Pacis* — em torno dos limites do poder papal no plano eclesiástico e no plano temporal[87] — que o professor da faculdade de teologia de Paris compõe o seu *Tractatus de laudibus Parisiis*.[88]

---

[84] *Ibidem*, cap. I, dist. II, p. 30.

[85] *Sunt in comitatu loca amena, voluptuaria, burgi quidem decentes numero .L* [...]. *In quibus quidem tam burgis quam villis non solum degunt agricole vel opifices, verum quoque quamplurimi nobilitatis ingentis magnates, alie quoque sunt mansiones extraordinarie* (*ibidem*, cap. II, dist. 10, p. 44).

[86] *Omnium bonorum, que corporibus humanis possint sufficientiam cum voluptate prestare* (*ibidem*, cap. IV, dist. XVI, p. 100). *Ex predictis patet quod in civitate nostra illi qui habet suficientem pecuniam est optimum vivere, ubi omnia voluptati humane congruentia pre manibus esse noscuntur* (*ibidem*, cap. IV, dist. XVII, p. 102).

[87] Não cabendo aqui desenvolver a importância de Marsílio de Pádua enquanto intérprete da política aristotélica, recorde-se, no entanto, a afirmação de Nicolai RUBINSTEIN: "Marsilio trasse poi dalla dottrina politica di Aristotele conclusioni più radicali e audaci, per la sua teoria dello Stato secolare, di quanto avessero fatto gli altri pensatori politici del suo tempo. Il suo debito nei confronti della scolastica contemporanea, in particolar modo nei confronti dell'averroismo, fu senz'altro grande, ed egli scrisse il *Defensor Pacis* a Parigi, ma l'aristotelismo della sua dottrina politica non può essere compreso al di fuori del mondo delle repubbliche italiane" ("Le dottrine politiche nel Rinascimento," in HALL, Marie Boas, *Il Rinascimento: interpretazioni e problemi*, Roma; Bari, Laterza, 1979, p. 193).

[88] Sobre a polémica do *Defensor Pacis* e o elogio de Paris, afirma o editor do texto: "L'éloge de Paris, au lieu d'être, comme il est aujourd'hui pour nous, le fond même de la question, n'était alors, selon toute apparence, que l'*extérieur* du débat." (DE LINCY, Le Roux; TISSERAND, L.-M., *Paris et ses historiens aux XIVe et XVe siècles. Documents et écrits originaux recueillis et commentés*, Paris, impr. Impériale, 1867, p. 29, n. 2). Quanto às circunstâncias da composição podem resumir-se assim: Jandun, ao sentir-se vigiado por causa da polémica em torno das teses do *Defensor Pacis* de Marsílio de Pádua (cuja tradução para francês lhe é atribuida e que, mais tarde, o levará a refugiar-se na Alemanha), refugiara-se em Senlis. Um amigo escreve-lhe, em tom de provocação, que só em Paris se existe propriamente, pois em qualquer outro lado existe-se acidentalmente: *Anno Verbi incarnati 1323, 3a die Julii, residenti michi in Silvanectensi urbe, unus ex specialibus amicis meis, vir utique magne probitatis et profunde sapientie, inter ceteras sue epistolas clausulas, hunc sermonem conscripsit: "Opinor te confiteri quod esse Parisius est esse simpliciter: "esse alibi est esse non nisi secundum quid"* (*ibidem*, p. 74). A resposta de Jandun foi uma comparação entre Senlis e Paris que lhe valeu, em seguida, uma acre e satírica resposta de um retor parisiense sob a forma de um elogio de Senlis. A esta idílica, e satírica, imagem de Senlis, responde Jandun com a redacção do elogio de Paris.

Esta descrição assinala-se pela afirmação de um elemento constitutivo da cidade, i. e., o bem comum. Por isso, o tópico tradicional dos monumentos subordina-se não à exaltação da pessoa do rei, mas antes ao bem público, como se pode ver pela apreciação feita aos aspectos decorativos do palácio real.[89] Essa ideia de que o rei tem por objectivo fazer prosperar o bem público, está relacionada com a recepção de Aristóteles na universidade parisina, como o mostra o uso da palavra *politicus*.[90] A cidade deixa de ser uma imagem da pessoa do soberano e, por isso, elogia Jandun a arquitectura palaciana na medida em que corresponde não a um gosto curial, mas a uma função cívica.[91]

Toda a primeira parte do elogio é dedicada à universidade e às respectivas escolas (Teologia, Artes, Cânones, Medicina), no que se lê uma imagem de uma cidade produtora de bens culturais e espirituais.[92]

A segunda parte, a principal e mais elaborada, descreve actores da vida citadina. O cenário é o mercado parisino Les Halles des Champeaux que oferece à gula do olhar do transeunte os produtos do mais refinado engenho artesanal.[93]

---

[89] *Illa siquidem aula regia non propter obscenas bestialium voluptatum desidias decorata est; non pro fallacibus atque fictitiis inanis glorie preconiis conficta est; non propter superbie tyrannice perniciosos conventus roborata est; sed operose, efficaci atque totali sollicitudini monarchice prudentie, publice utilitati incrementa jugiter imperantis, propriissime coaptata. Etenim super patentes lateralium sedium altitudines hujus aule, cunctis fere diebus, insident viri politici* [...] *a quibus secundum suos ordines, percepto monarche laborantibus rem publicam prosperare, nunc gratiarum benigni et honesti favores, nunc requeste, sinceri juris statera librate, fere incessante emanant* (*ibidem*, p. 48).

[90] O Aristóteles 'político' está, de resto, bem presente neste texto, escrito muito tempo depois de S.to Alberto Magno e S. Tomás de Aquino o terem introduzido na universidade parisiense. Ver ainda o emprego do termo *politica communicatio* no excerto citado infra (*ibidem,* p. 25, n.). O carácter revolucionário da redescoberta da *Política* — revolucionário no despertar da consciência da comunidade política como um estado natural — tende a ser relativizado em favor de alguma continuidade (sobretudo no que diz respeito à esfera do pensamento jurídico). Mas é justo falar em "uma dimensão institucional" dessa descoberta no sentido em que "Man konnte die vorher vertrauten, aus verschiedenen antiken Texten gezogenen Theoreme der Gesellschafstlehre im zeitgenössischen Universitätsbetrieb unmöglich als Fach zusammenfassen und als *scientia politica* ausgeben; dazu bedürfte es einer kompakteren Grundlage, einer Autorität, eben der '*Libri Politicorum*', des 'Philosophen'" (Meier, Ulrich, *Mensch und Bürger: die Stadt im Denken spätmittelalterlicher Theologen, Philosophen und Juristen*, München, Oldenbourg, 1994, p. 12, n. 3). Idêntica opinião tem Nicolai Rubinstein, cf. *Studies in Italian history in the Middle Ages and the Renaissance*, edited by Giovanni Ciappelli, Roma, Storia e Letteratura, 2004, particularmente o 13º estudo "The history of the word *politicus* in early-modern Europe," pp. 317-333.

[91] Por muito que a descrição seja feita *ad gloriam magnificentie regni Francorum* (De Lincy, Le Roux; Tisserand, *L.-M., Paris et ses historiens,* p. 32). Pode ser que por trás do elogio haja algum subtexto relativo às teses políticas de Jandun, mas só se pode avançar a hipótese.

[92] A expressão não é obviamente de Jandun, mas pode deduzir-se da expressão do proémio (*ibidem,* p. 32) *reliqua bona* (por oposição aos produzidos pelos professores de Paris).

[93] *Ibi namque* [sc. *in domo Aule Campellorum vocata*], *si facultates tibi suppetunt et voluntas, emere poteris omnia genera ornamentorum, que sagacissima factive rationis industria, ut lacune desideria compleantur, deproperat excogitare.* […] *In illis foralibus locis, procendentium visibus tot et tales sponsalium jocunditatum ac festivitatum*

Jandun reconhece, sob influência de Aristóteles, que o corpo político na sua integridade não pode passar sem os artesãos. No entanto, o autor parisino, sem um tão claro desprezo como o do filósofo grego pelas artes mecânicas, encontra na abundância de artesãos um motivo de louvor.[94] O autor nomeia propositadamente os vários ofícios existentes na cidade (e, mais do que isso, manifesta apreço pela alta qualidade dos seus trabalhos): artistas plásticos e artesãos de instrumentos bélicos, de armaria e de arreios, de vestuário, pergaminheiros, iluminadores e encadernadores, que embelezam com o seu trabalho os códices que são fontes de saber.[95] Assim, os artesãos, que povoam a paisagem urbana, encontram pela primeira vez o seu lugar próprio nos elogios de cidades.

Vejamos agora um exemplo de uma *laus urbis* como parte de uma obra. Deixando de lado outros textos que não os hagiográficos, o elogio da cidade surge em dois géneros maiores da literatura latina medieval, a *vita* e a *translatio*. Tomemos como exemplo o primeiro desses géneros.

A *vita* medieval em algumas das suas configurações genéricas apresenta uma estreita ligação ao local, como é o caso da *vita* de um fundador de um mosteiro, de um bispo de uma diocese ou de um santo cujas relíquias repousam no lugar.

Como exemplo pode citar-se a *Vita Deoderici I* de Sigeberto de Gembloux (1030-1112) que contém um elogio de Metz.[96] O biografado é Teodorico I, bispo de Metz no tempo dos Otões.

---

celebrium varie decorationes arrident, ut, una serie semiplene prospecta, impetus desiderii mox festinet ad alteram, et, tota longitudine pertransita, insatiatus resumende oblectationis affectus, non solum semel neque bis, sed quasi infinicies, ad principium reflectendo, si ratio sibi crederet, inspectionis faceret iterare (*ibidem,* p. 50).

[94] *Dicamus igitur quod manuales artifices, sine quibus ultimata politice communicationis integritas non completur, tante spissitudinis vicinitate compressi sunt, ut, undique perlustrantibus oculis, vix ipsorum continencie due domus contigue videantur expertes* (*ibidem,* p. 52).

[95] *Ibidem*, p. 53-54. Todavia, o melhor exemplo da importância que as profissões urbanas adquiriram na literatura (e tendo por referência o contexto parisiense) é o *Dictionarius* de João de Garlândia. Frédérique Lachaud nota, por um lado, a semelhança dessa obra com a *laus urbis*, e por outro, a ruptura em relação ao mesmo género (na importância que concede às profissões): "représentatif de la nouvelle approche du monde urbain qui se fait jour dans les textes littéraires à partir du dernier quart du XIIe siècle, et qui délaisse les canons du genre du *laus urbis* pour rendere compte de la réalité de la vie urbaine." ("La première description des métiers de Paris: le *Dictionarius* de Jean de Garlande (vers 1220–1230)," in *Revue d'Histoire Urbaine*, 16, 2 (2006), p. 109).

[96] *Vita Deoderici Episcopi Mettensis Auctore Sigeberto Gemblacensi*, [edidit Georgius Heinricus Pertz], in MGH. SS. IV, pp. 477 ss.

Os tópicos da *laus urbis* (com particular referência para o florescimento da vida cristã) estão presentes, mas o poema distingue-se pela construção de uma da cidade como mãe ora por meio de uma linguagem bíblica (*laetare fausta Mediomatricorum civitas! … caput extulisti inter urbes alias*),[97] ora por meio da imagem poderosa do útero (*sicut enim matrix puerum amplectitur et fovet in matris utero*).[98] É uma maternidade criadora como se deduz do vocabulário de abundância usado (*copias ubertatis, mel et lac manans, cum vino panis habundans, cornu naturae copia*).[99] Na vertente cultural, porém, o título de glória da cidade, mais do que o património edificado (onde se destaca o aqueduto), é a posse de relíquias e de varões santos na sua história (Adalberão, Teodorico...).[100] No entanto, o poema centra-se sobretudo na apreciação sensitiva da envolvência da cidade:

Quaenam tam suavem modulentur hydraulia vocem?
Circumfer visum, quantum concedit orizon;
Nil non iocundum, nil aspicies nisi gratum.
Quis quit mirari montem, qui pluribus urbi
Imminet? Est oculis gratissimus, ubere pinguis;
Hunc natura suo lactavit ab ubere pleno.
Montibus est raris naturae gratia talis.
Assurgunt omnes acclivi vertice montes.
Vite vides colles redimitos, mergite valles.
Prata virent, silvae frondescunt, fluctuat ager.
Pascua si quaeres, campos spatiare per omnes.
Quam varie recinunt volucres, examina ludunt;
Coeli temperiem rarus sentit meliorem.
Quem non tantarum delectet gratia rerum?
[...]
Quisnam tantarum replicet spectacula rerum?[101]

Assim a cidade não se opõe ao campo antes o compreende: e a natureza surge como o espaço que convida ao gozo. Porém, em toda esta *laus,* exceptuando os clérigos da catedral de

[97] *Ibidem*, p. 477. Cf. ainda a evocação do início do poema: *Praecluis urbs salve, tellus praenobilis ave* (*ibidem*).

[98] *Ibidem,* p. 477, ll. 18s. Cf. ainda v. 76 do poema (*ibidem,* p. 479), acerca do monte sobranceiro à cidade: *ubere pinguis hunc natura suo lactavit ab ubere pleno.*

[99] *Ibidem*, *passim*. Sobre a imagem maternal como uma função da centralidade de Metz no seu território, ver Fray, Jean-Luc, *Villes et bourgs de Lorraine: réseaux urbains et centralité au Moyen Âge*, Clermont-Ferrand, Presses universitaires Blaise Pascal, 2006, pp. 188 s.

[100] Cf., por exemplo, vv. 32, 43, 50 ss (*Vita Deoderici,* MGH. SS. IV, pp. 478 s).

[101] *Ibidem*, p. 479.

S.to Estêvão que lembram os coros celestes, os habitantes estão ausentes.[102] Consequência deste tipo de texto integrado na *Vita* de um bispo?

Uma outra biografia de um bispo apresenta uma visão diferente da cidade: William Fitz Stephen faz uma descrição de Londres como proémio à sua biografia de Tomás Becket.[103]

O texto de Fitz Stephen articula-se em duas partes segundo se pode depreender da frase que marca a transição entre ambas: *amplius et ad ludos urbis veniamus, quoniam non expedit utilem tantum et seriam urbem esse, nisi dulcis etiam sit et jocunda*.[104] A afirmação explicita um conceito de cidade fundado em duas dimensões: a dimensão útil, por um lado, e a dimensão do entretenimento, por outro. Não se segue daí, contudo, que a sua visão da cidade derive de um pensamento. Pelo contrário, sob a pena de Fitz Stephen mostram-se ao leitor os aspectos mais inesperados da cidade. Vejamos alguns.

O início da descrição é um panorama de Londres que inclui o tópico tradicional dos monumentos (muralhas, palácios reais e castelos):

> *Habet ab oriente arcem palatinam, maximam et fortissimam, cujus et area et muri a fundamento profundissimo exsurgunt, caemento cum sanguine animalium temperato: ab occidente duo castella munitissima; muro urbis alto et magno duplatis heptapylae portis intercontinente, turrito ab aquilone per interpcapedines. Similiterque ab austro Londonia murata et turrita fuit, sed fluvius maximus piscosus, Thamesis, mari influo refluoque, qui illac allabitur, moenia illa tractu temporis abluit, labefactavit, dejecit. Item sursum ab occidente palatium regium eminet super fluvium eundem, aedificium incomparabile, cum antemurali et propugnaculis, duobus millibus ab urbe, suburbio frequenti continuante.*[105]

Todavia, logo neste conspecto do edificado mais nobre e vistoso, surge a inesperada menção de um subúrbio populoso, quase despercebido, é certo, como ligação entre o palácio

---

[102] *Cum peto primatem Stephani protomartyris aedem / et video clerum, videor mihi scandere coelum, / coelestesque choros modulari dulciter ymnos* (*ibidem,* vv. 27-29).

[103] A relação entre o bispo e a cidade é enunciada por Fitz Stephen a pretexto de uma circunstância biográfica, mas do ponto de vista medieval essa relação é muito mais profunda: *Sed cum utramque harum urbium sanctus Thomas illustraverit, Londoniam ortu, Cantuariam occasu; ipsius sancti intuitu, cum justitiae accessu, habet altera adversus alteram quod amplius alleget*. (Fitz Stephen, William "Description of the city of London," apud Reynolds, Susan; Boer, Wietse de; Mac Niocaill, Gearóid (edd.), *Elenchus Fontium Historiae Urbanae: volumen secundum pars secunda: The United Kingdom, Ireland,* E. J. Brill, Leiden [et al.], 1988, p. 77 (obra que reproduz o texto da edição de Robertson, James Craigie (ed.), *Materials for the History of Thomas Becket, Archbishop of Canterbury, (canonized by pope Alexander III, A.D. 1173). Vol. III: William FitzStephen, Herbert of Bosham)*, London, Longman & Paternoster Row [et al.], 1877 (Rerum britannicarum medii aevi scriptores: Rolls Series; 67,3), pp. 2-13. Há uma tradução baseada em manuscritos da autoria de H. E. Butler em Fitz Stephen, William, *Norman London. Norman London: an essay by Sir Frank Stenton, introduction by F. Donald Logan*, New York, Italica Press, 1990, pp. 47-60.

[104] Fitz Stephen, "Description of the city of London," p. 80.

[105] *Ibidem,* p. 77.

real e o núcleo urbano amuralhado. Logo a seguir, todavia, os *cives suburbani* marcam a paisagem com as suas amplas e formosas hortas (*Undique extra domos suburbanorum horti civium, arboribus consiti, spatiosi et speciosi, contigui habentur*).[106] Aliás, quase toda a restante descrição se ocupa dos habitantes comuns e do seu modo de vida, seja no trabalho quotidiano, seja no lazer.

Fitz Stephen, no seu intento de exaltar os Londrinos acima dos habitantes de outras cidades, apresenta elementos da vida urbana como o requinte de maneiras, o modo de vestir e a gastronomia (*cives Londoniae ubicunque locorum prae omnibus aliis civibus ornatu morum, vestium, et mensae lautiores spectabiles et noti habentur*).[107] Ao mesmo tempo, interessa-se pela forma como se dedicam ao trabalho, retratando a cidade como um organismo eficaz em que cada um exerce o seu ofício:

> *Singulorum officiorum exercitores, singularum rerum venditores, singularum operarum suarum locatores, quotidiano mane per se sunt locis distincti omnes, ut officiis.*[108]

Os dois aspectos já mencionados, i. e., o requinte e o bom gosto, por um lado, e a organicidade, por outro, fundem-se na descrição surpreendente da comida que um restaurante em uma das margens do Tamisa oferece.[109] O trecho parece entrar no território da sátira (para mais quando se fala do consumo ávido das mais variadas iguarias). Mas, na verdade, Fitz Stephen encara essa variada oferta como uma prova de hospitalidade pronta: usa mesmo um passo vergiliano[110] e outro platónico (*Górgias*) para comparar a culinária a uma imitação da medicina tornando-a assim uma parte da cultura (*civitas*). Por essa razão,

---

[106] *Ibidem*, p. 77.

[107] *Ibidem*, p. 77. Às mulheres Fitz Stephen acrescenta uma virtude própria que é a de se portarem como castas Sabinas (*ibidem*).

[108] *Ibidem*, p. 78. Além desses ofícios estão igualmente presentes no texto as várias escolas e diferentes estudos que professam — característica de uma cidade que se apresenta como sede de instituições onde também o saber se profissionalizou.

[109] *Praeterea est in Londonia supra ripam fluminis inter vina in navibus et cellis vinariis venalia, publica coquina. Ibi quotidie pro tempore est invenire cibaria, fercula, assa, pista, frixa, elixa, pisces, pisciculos, carnes grossiores pauperibus, delicatiores divitibus, venationum, avium, avicularum. Si subito veniant ad aliquem civium amici fatigati ex itinere, nec libeat jejunis expsectare ut novi cibi emantur et coquantur, "dent famuli manibus lymphas, panesque canistris"; interim ad ripam curritur, ibi praesto sunt omnia desirabilia. Quantalibet militum vel peregrinorum infinitas intrans urbem, qualibet diei vel noctis hora, vel ab urbe exitura, ne vel hi nimium jejunent, vel alii impransi exeant, illuc, si placet, divertunt, et se pro modo suo singuli reficiunt. Qui se curare volunt molliter, accipenserem vel Afram avem vel attagenam Jonicum non quaerant, appositis quae ibi inveniuntur deliciis. Haec quidem publica coquina est et civitati plurimum expediens et ad civilitatem pertinens. Hinc est quod legitur in Gorgia Platonis juxta medecinam esse cocorum officium, simulacrum et adulationem quartae particulae civitatis* (*ibidem*, pp. 78-9).

[110] *Dent famuli manibus lymphas, panesque canistris* (*Aeneis*, I, 170*).*

este trecho mostra uma dimensão prática, utilitária presente na cidade. O restaurante é exemplo de um serviço que uma cidade, pensada em função das necessidades concretas quer de residentes quer de forasteiros, deve oferecer (*haec quidem publica coquina est et civitati plurimum expediens et ad civilitatem pertinens*).[111]

Outras facetas da vida citadina, entretanto, atraem a atenção ao autor: o movimento, o tempo e a natureza.

O movimento está presente na descrição mesmo a propósito de cenários não-humanos. Ao falar dos campos e prados a norte de Londres e dos cursos de água, nota os movimentos e murmúrio agradável das azenhas dos moinhos (*ad quas molinorum versatiles rotae citantur cum murmure jocoso*);[112] mais adiante descreve os jovens que, a patinar sobre o gelo do fosso da cidade, ganham a velocidade de uma ave ou de um projéctil (*tanta rapacitate feruntur, quanta avis volans, vel pilum balistae*).[113] Também a feira em Smithfield oferece o espectáculo dos vários tipos de cavalos (carga, corrida ...) que o autor distingue pelos diferentes passos, os quais define com uma precisão técnica.[114]

A atenção dada à temporalidade é constante na descrição: ora considera o tempo das diferentes idades humanas (jovens e adultos) ora os ritmos diários (manhã, tarde), como se pode ver pelos quadros das lutas de galos e do jogo da bola;[115] ora as diferentes épocas do ano (há jogos de Inverno, jogos de Verão, jogos na Quaresma e na Páscoa).

Por fim, uma característica que singulariza esta *laus urbis* é a presença da natureza e do meio ambiente. Uma natureza que surge ora humanizada — como os *agri sationales*,

---

[111] Fitz Stephen, "Description of the city of London," p. 79.

[112] *Ibidem*, p. 77.

[113] *Ibidem*, p. 77.

[114] Não se pode descurar o facto de muito dever o biógrafo de S. Tomás Becket a uma cultura enciclopédica. O passo presente, nomeadamente, pode provir de algum tratado de equitação, enquanto as referências a Heraclito e Zenão provêm, por certo, de algum texto de ensino de filosofia.

[115] *Praeterea quotannis die quae dicitur Carnivelaria, ut a ludis puerorum Londoniae incipiamus — omnes enim pueri fuimus —, scholarum singuli pueri suos apportant magistro suo gallos gallinaceos pugnaces, et totum illud antemeridianum datur ludo puerorum vacantium spectare in scholis suorum pugnas gallorum. Post prandium vadit in suburbanam planitiem omnis juventus urbis ad lusum pilae celebrem. Singulorum studiorum scholares suam habent pilam; singulorum officiorum urbis exercitiores suam fere singuli. Majores natu, patres et divites urbis in equis spectatum veniunt certamina juniorum, et modo suo juvenantur cum juvenibus; et exercitari videtur in eis motus caloris naturalis contemplatione tanti motus et participatione gaudiorum adolescentiae liberioris* (*ibidem*, p. 81). Aliás, Fitz Stephen surpreende o leitor ao mostrar os aspectos mais grotescos e violentos da cidade como as lutas de galos e outras: *In hieme singulis fere festis ante prandium vel apri spumantes pugnant pro capitibus et verres fulmineis accincti dentibus addendi succidiae vel pingues tauri cornipetae seu ursi immanes cum objectis depugnant canibus* (*ibidem,* p. 82); ou ainda a *immodica stultorum potatio* que é um dos poucos males da cidade (*ibidem*, p. 80) juntamente com os incêndios frequentes (*ibidem,* p. 80).

exaltados como *pingues Asiae campi* (sob influência das *Geórgicas* vergilianas), ou as fontes mais célebres de Londres (Holywell, Clerkenwell, St. Clemens Well) que acolhem, pela tarde, bandos de estudantes e outros jovens da cidade[116] —, ora sob forma selvagem, como a floresta a norte de Londres, que abriga uma variedade de *ferae* (*patet ingens foresta, saltus nemorosi, ferarum latebrae, cervorum, damarum, aprorum, et taurorum sylvestrium*).[117]

Em conclusão e relativamente aos textos medievais latinos analisados:

a) Há uma continuidade entre teorização retórica clássica e textos medievais;

b) Surgem novas funções para a *laus urbis* entre as quais avulta a de exprimir a particular ligação entre a cidade e o seu bispo (*e. g.* Londres e Tomás Becket; Metz e o bispo Teodorico);

c) Uma evolução da forma literária levou à incorporação de aspectos da cidade até aí negligenciados, como afirma C. Joachim Classen;[118]

d) Pelo contrário não se pode partilhar a ideia de Giegler de que a *laus urbis* tenha evoluído no sentido de abandonar a tópica retórica em favor de uma descrição subjectiva;[119]

e) A afirmação da liberdade comunal em Itália é clara em autores com Mosé del Brolo ou Bonvesin de la Riva;

f) Como sintetiza Paul Gerhard Schmidt, há um interesse crescente pelo meio ambiente e pela qualidade de vida, desconhecido até então na clássica *laus urbis* (interesse descontinuado, na sua opinião, na *laus urbis* renascentista);[120]

---

[116] Ou ainda como objecto de actividades como a falcoaria e a caça: *plurimi civium delectantur, ludentes in avibus coeli, nisis, accipitribus et hujusmodi, et in canibus militantibus in sylvis* (*ibidem*, p.82).

[117] *Ibidem*, p. 77.

[118] "Allgemeine beginnt man, früher vernachlässigte Aspekte deutlicher herauszustellen und Neue Elemente in das Stadtlob oder in die Stadtbeschreibung einzubezihen und ihnen damit neue Dimensionen zu erschließen, und zwar absichtlich und bewußt" (Classen, *Die Stadt...*, p. 64).

[119] "Je mehr nämlichen eine Stadtschilderungen des Mittelalters zum Individuellen hin drängt, desto unhabgängiger wird sie von der Belastung, starrer Topoi […]. Der zwar sehr reichmaschige, aber eben doch starrer Panzer der Topik hindert die Enthaltung und das geprägt Denken fordert sie nicht" (Giegler, *Das Genos...*, p. 59 s).

[120] "Ein gesteigertes Interesse für die Wert der Umwelt" (Schmidt, Paul Gerhard, "Mittelalterliches und humanistisches Städtelob," in Buck, August (Hrsg.), *Die Rezeption der Antike. Zum Problem der Kontinuität zwischen Mittelalter und Renaissance*, Hamburg 1981 (Wolfenbütteler Abhandlungen zur Renaissanceforschung; 1), p. 120). Schmidt vê o interesse na qualidade de vida, nomeadamente, na enumeração de fontes (descontando embora o tópico retórico que lhes subjaz) e acrescenta que "es läßt sich nicht bestreiten, daß die Vorstellung einer urbanen Lebensqualität im antiken Stadtlob kaum und im Renaissancestadtlob nur selten entwickelt wird, hier also ein Spezifikum mittelalterlichen Stadtlobs vorliegt" (*ibidem*, p. 121). Fica em aberto a questão de saber se o interesse pela qualidade de vida desaparece nas *laudes* Renascentistas.

g) As cidades, desde a Antiguidade até à Idade Média, surgem em discursos autorais que, normalmente, são o que poderíamos denominar de sentido único: a única voz é a do autor. Com o elogio de Paris de Jandun abre-se um novo horizonte em que escrever sobre a cidade é um terreno próprio para o confronto entre diferentes sensibilidades filosóficas e políticas. Por sua vez, os elogios de Bonvesin de la Riva e o de William Fitz Stephen fazem entrar nos seus textos uma personagem até então desconsiderada (a não ser nos textos teóricos): os cidadãos/habitantes. Embora não tenham voz no textos, estão presentes, todavia, pelo artifício literário da focalização na medida em que a cidade é vista na perspectiva de quem nela reside.

3. A literatura filosófica, geográfica, e técnica

3.1. Platão: a cidade em *A República* e *As Leis*

Para o primeiro humanismo há três obras de grande relevo para a cidade: a *República* de Platão, a *Política* de Aristóteles e a *República* de Cícero. Embora as três obras apresentem diferenças enormes, partilham de alguma forma o facto de serem indagações em torno de uma idealização da cidade.

A *Republica* platónica insere-se na tradição de um género literário, o das *politeiai*. Na caracterização de Jacoby, trata-se de uma *politeia* filosófica (por oposição à *politeia* política do Pseudo-Xenofonte ou à científica de Aristóteles) que pretende descrever não um Estado existente, mas o melhor regime possível.[121] Quer dizer, o tema da cidade é tributário do pensamento político que aí se desvela. Comecemos por advertir que há no diálogo não o projecto de uma, mas de duas cidades. Com efeito, Sócrates projecta uma primeira cidade

[121] Excluindo ainda reflexões do *Timeu* sobre a melhor cidade (cf. 23a-25d). Sobre o género *politeia* e, em particular, aquele a que a *Politeia* platónica pertence, ver Jacoby, Felix, *Atthis, the local chronicles of ancient Athens*, Oxford, Clarendon press, 1949, p. 212: "In sharp contrast with the political **πολιτεία** this form [sc. the philosophical **πολιτεία**] does not deal in principle with existing States [...], but tries to find the **ἀρίστη πολιτεία**, which need not to be Utopian. The picture of the 'best State' which the philosophical **πολιτεία** draws actually is Utopian in the greatest example of this **εἶδος**, the State of Plato." Sobre a possibilidade de se realizar, ou, melhor, em que se sentido se deva entender essa possibilidade, ver as observações judiciosas de Pradeau, Jean-François, "L'irréalisable vérité de la République platonicienne: Remarques sur le statut et sur le contenu de la **πολιτεία** de la République," in Hansen, Mogens Herman (ed.), *The imaginary polis: symposium, January 7-10, 2004*, Copenhagen, Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskab, 2005 (Acts of the Copenhagen Polis Center; 7), *passim*.

com traços que lembram a Idade de Ouro. Na sua cidade aparecem várias profissões exigidas pelas diferentes necessidades (alimentação, habitação, vestuário). Assim surgem o lavrador, o pedreiro, o tecelão e, posteriormente, uma especialização de tarefas exige ainda o carpinteiro e o ferreiro. Seguem-se boieiros e pastores para a criação do gado necessário aos lavradores. E como uma cidade não é absolutamente auto-suficiente, é necessário que haja comerciantes para a importação e exportação e, por conseguinte, também marinheiros. Por último, imagina-se um local para as trocas que será a praça pública, onde os principais actores são os retalhistas.[122]

Tal modo de vida será recusado por Gláucon, pois se lhe afigura o de "uma cidade de porcos"[123] — isto é, uma cidade pensada para quem vive austeramente satisfazendo as necessidades básicas (e mesmo estas sem refinamentos culturais). A partir dessa objecção de Gláucon empreendem os interlocutores o traçado de uma segunda cidade, ou seja, uma "cidade de luxo,"[124] onde existem as comodidades da vida moderna (leitos, banquetes, iguarias, perfumes, pintores, artesãos, artistas, especialistas em moda feminina...); e como essa cidade necessitará de guerrear outras, visto que a guerra tem origem na avareza, então será necessário um exército.

Entre uma e outra cidade começa por haver um acréscimo, um elemento de supérfluo e, ao mesmo tempo, patológico (os ditos "humores"). Mas a continuação do diálogo tornará claro — como o permite deduzir a presença de escravos e cortesãs na cidade — que as profissões exigidas pelos "humores" são necessárias.[125]

Ao nível da sua paisagem humana a cidade está delineada: vemos diante de nós as várias profissões que nela se encontram. Ao nível físico, porém, pouco se concretiza (ou não se tratasse de um modelo). Se as ordenações respeitantes a algumas dessas actividades humanas, requeridas pelo normal funcionamento de uma cidade são bastante desenvolvidas, pelo contrário, outras indicações, nomeadamente, de teor urbanístico são, praticamente, inexistentes.

---

[122] *R.*, 370c - 371. As citações têm por base a tradução: PLATÃO, *A República*, introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, 8ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

[123] *Ibidem*, 372d.

[124] *Ibidem*, 372e.

[125] As cortesãs, nota Jean-François PRADEAU ("L'irréalisable vérité...," p. 105) reaparecem em 568e. Note-se ainda a presença das cortesãs de Corinto, censuradas como obstáculo à boa forma física em 404d, ou a proibição de os guardiões despenderem dinheiro com cortesãs em 420a.

O mesmo não se passa com a segunda tentativa no diálogo *As Leis*. O diálogo é novamente uma *politeia*,[126] fundada no discurso dos intervenientes, mas a circunstância que lhe dá origem é dupla. Por um lado, trata-se de uma investigação teórica tal como a *República*, por outro, trata-se, ao mesmo tempo (**καὶ ἅμα μὲν**), de aproveitar a indagação teórica sobre a melhor *politeia* para fundação (em futuro próximo) de uma colónia da pólis de Cnossos cuja direcção fora confiada a 10 homens, entre os quais Clínias, um dos interlocutores.[127] Uma segunda diferença em relação à *República*, é o pormenor de concretização.[128] Com efeito, a cidade dos Magnetos[129] concebida pelas três personagens do diálogo obedece a um traçado preciso, exposto e justificado teoricamente, sobretudo, nos livros IV (sítio) e V (estrutura interna). O rigor e a importância dos fundamentos teóricos é tal que levam como que a modelar uma paisagem que lhes corresponda. A localização do território da pólis não poderá ser próxima do mar, visto que o comércio torna o espírito dos habitantes inconstante e de pouca confiança, inclusive na sua relação com a cidade e com a restante humanidade (**αὐτήν τε πρὸς αὐτὴν τὴν πόλιν ἄπιστον καὶ ἄφιλον ποιεῖ καὶ πρὸς τοὺς ἄλλους ἀνθρώπους ὡσαύτως**).[130] E, por conseguinte, não convém que seja rico em madeira própria para construção naval (não vá a pólis ceder à tentação de se tornar uma potência marítima).[131]

---

[126] As cidades de onde vêm os seus interlocutores, aliás, representam as cidades dotadas das melhores constituições: Atenas (de Sólon), Esparta e Creta.

[127] **Ἡ γὰρ πλείστη τῆς Κρήτης ἐπιχειρεῖ τινα ἀποικίαν ποιήσασθαι, καὶ προστάττει τοῖς Κνωσίοις ἐπιμεληθῆναι τοῦ πράγματος, ἡ δὲ τῶν Κνωσίων πόλις ἐμοί τε καὶ ἄλλοις ἐννέα· ἅμα δὲ καὶ νόμους τῶν τε αὐτόθι, εἴ τινες ἡμᾶς ἀρέσκουσιν, τίθεσθαι κελεύει, καὶ εἴ τινες ἑτέρωθεν, μηδὲν ὑπολογιζομένους τὸ ξενικὸν αὐτῶν, ἂν βελτίους φαίνωνται. νῦν οὖν ἐμοί τε καὶ ὑμῖν ταύτην δῶμεν χάριν· ἐκ τῶν εἰρημένων ἐκλέξαντες, τῷ λόγῳ συστησώμεθα πόλιν, οἷον ἐξ ἀρχῆς κατοικίζοντες, καὶ ἅμα μὲν ἡμῖν οὗ ζητοῦμεν ἐπίσκεψις γενήσεται, ἅμα δὲ ἐγὼ τάχ' ἂν χρησαίμην εἰς τὴν μέλλουσαν πόλιν ταύτῃ τῇ συστάσει** (702c 2 – 702d 5; a edição usada é: *Opera*, recognovit brevique adnotatione critica instruxit Ioannes Burnet, Oxonii, e Typographeo Clarendoniano, 1907, Scriptorum classicorum bibliotheca oxoniensis, vol. 5).

[128] "It is in this emphasis upon the concrete that the Laws presents the greatest contrast with the Republic. In the Republic the portrayal of the ideal is independent of geography and history. […] But the state described in the Laws is a Cretan colony, located in the plain of the Messara in the south central portion of the island, about eighty stadia from the sea, possessing a usable harbor or harbors on the coast, with a terrain containing a mixture of forest, mountain, and plain, generally productive, but a little lacking in lumber for shipbuilding (704b 705c) and its future citizens bring with them the Dorian traditions of their native cities." MORROW, Glenn Raymond, *Plato's Cretan city: a historical interpretation of the Laws*, Princeton (N.J.), Princeton University Press, 1993, pp. 10-11.

[129] PLATÃO, *Lg.*, O nome aparece em 848d 3, 860e 7, 919d 5, 946b 6.

[130] *Ibidem*, 705a 6 s.

[131] Cf. *ibidem*, 705c 4 ss. O argumento talassofóbico de Platão tem paralelo no preconceito em relação ao mar e ao porto por parte dos Atenienses anti-democráticos (cf. REDEN, Sitta von, "The Pyraeus. A world apart," in *Greece and Rome*, 42, 1 (1995), pp. 27-28). O mesmo argumento acha-se em CÍCERO, *Resp.*, II, 5-10 (cf. IDEM, *Tratado da República*, trad. do latim, introdução e notas de Francisco de Oliveira, Lisboa, Círculo de

Quanto à configuração do território, a cidade idealizada nas *Leis* teria por núcleo a acrópole fortificada, com os templos de Héstia, Zeus e Atena,[132] e seria dividido em 12 partes, com 5040 lotes para as famílias, e cada um desses lotes, por sua vez, dividido em dois, um situado no núcleo urbano, outro na parte rural do território.[133] Além disso, deveria proceder-se ao loteamento de porções no interior de cada uma das partes para cada um dos doze deuses. Este loteamento duplo para os deuses, i.e., templos nas 12 *komai* mais os três templos da acrópole, é uma consequência lógica da importância cívica da religião — o que não sendo uma novidade para um quadro de vida grego, não deixa de ser assinalável porquanto se trata de uma afirmação teórica que materializa essa função.[134]

Outras imposições urbanísticas derivam, dir-se-ia *more geometrico*, de princípios teóricos. É o caso da distribuição das três prisões pelo espaço da pólis: a prisão para delitos comuns perto da ágora; a prisão dita reformatória, junto dos que presidem às assembleias nocturnas; e, por último, a retributiva, em lugar deserto e remoto.[135] E por um raciocínio ainda mais obsessivamente matemático, a população não deve ultrapassar o número 5040 — que é precisamente o factorial de 7.

Infere-se, do que fica dito até aqui, que o maior contributo das *Leis*, na perspectiva da tradição em que se coloca, i.e, a dos legisladores-fundadores, é a atenção dada aos aspectos urbanísticos.[136] Efectivamente, a concepção do espaço urbano obedece a três princípios: centralidade do núcleo urbano, divisão da terra em doze partes; equilíbrio entre cidade e campo (cada família tem duas habitações, uma na cidade outra na aldeia). Não escaparam às considerações dos "arquitectos" desta pólis os vários equipamentos urbanos, como

Leitores; Temas e Debates, 2008, pp. 129-132).

[132] *Μετὰ δὲ ταῦτα μέρη δώδεκα διελέσθαι, θέμενον Ἑστίας πρῶτον καὶ Διὸς καὶ Ἀθηνᾶς ἱερόν, ἀκρόπολιν ὀνομάζοντα, κύκλον περιβάλλοντα* (Platão, *Lg.*, 745 b 6 ss).

[133] *Ἀφ' οὗ* [sc. *κύκλον περιβάλλοντα τὴν ἀκρόπολιν*] *τὰ δώδεκα μέρη* [*δεῖ*] *τέμνειν τήν τε πόλιν αὐτὴν καὶ πᾶσαν τὴν χώραν. ἴσα δὲ δεῖ γίγνεσθαι τὰ δώδεκα μέρη τῷ τὰ μὲν ἀγαθῆς γῆς εἶναι σμικρά, τὰ δὲ χείρονος μείζω. κλήρους δὲ διελεῖν τετταράκοντα καὶ πεντακισχιλίους, τούτων τε αὖ δίχα τεμεῖν ἕκαστον καὶ συγκληρῶσαι δύο τμήματα, τοῦ τε ἐγγὺς καὶ τοῦ πόρρω μετέχοντα ἑκάτερον· τὸ πρὸς τῇ πόλει μέρος τῷ πρὸς τοῖς ἐσχάτοις εἷς κλῆρος, καὶ τὸ δεύτερον ἀπὸ πόλεως τῷ ἀπ' ἐσχάτων δευτέρῳ, καὶ τἆλλα οὕτως πάντα. μηχανᾶσθαι δὲ καὶ ἐν τοῖς δίχα τμήμασι τὸ νυνδὴ λεγόμενον φαυλότητός τε καὶ ἀρετῆς χώρας, ἐπανισουμένους τῷ πλήθει τε καὶ ὀλιγότητι τῆς διανομῆς. νείμασθαι δὲ δὴ καὶ τοὺς ἄνδρας δώδεκα μέρη, τὴν τῆς ἄλλης οὐσίας εἰς ἴσα ὅτι μάλιστα τὰ δώδεκα μέρη συνταξάμενον, ἀπογραφῆς πάντων γενομένης* (*ibidem*, 745 c 8 - d 7).

[134] Ou não fosse essa função cívica explicitada ainda na teodiceia do livro X, em que se prova a existência dos deuses como garantes da justiça e cuja linha de argumentação levará à proibição dos cultos privados (cf. *ibidem*, 910 a ss).

[135] Cf. *ibidem*, 908 a 5ss.

[136] Castel-Bouchouchi, Anissa, "L'espace civique: le plan de la cité des Lois", in *Revue philosophique de la France et l'Étranger*, 125, 1 (2000), p. 24 s.

habitações, portos, fontes e templos.[137] Mais ainda: nessas considerações estão presentes não apenas problemas de funcionalidade, mas também de estética. Verifica-se essa dupla preocupação, nomeadamente, a respeito da defesa e respectivas exigências técnicas:

> *Πρῶτον μὲν ὅπως εὐερκὴς ἡ χώρα πρὸς τοὺς πολεμίους ὅτι μάλιστα ἔσται, ταφρεύοντάς τε ὅσα ἂν τούτου δέῃ καὶ ἀποσκάπτοντας καὶ ἐνοικοδομήμασιν εἰς δύναμιν εἴργοντας τοὺς ἐπιχειροῦντας ὁτιοῦν τὴν χώραν καὶ τὰ κτήματα κακουργεῖν, χρωμένους δ' ὑποζυγίοις καὶ τοῖς οἰκέταις τοῖς ἐν* [761a] *τῷ τόπῳ ἑκάστῳ πρὸς ταῦτα, δι' ἐκείνων ποιοῦντας, ἐκείνοις ἐπιστατοῦντας, τῶν οἰκείων ἔργων αὐτῶν ἀργίας ὅτι μάλιστα ἐκλεγομένους. δύσβατα δὲ δὴ πάντα ποιεῖν μὲν τοῖς ἐχθροῖς, τοῖς δὲ φίλοις ὅτι μάλιστα εὔβατα, ἀνθρώποις τε καὶ ὑποζυγίοις καὶ βοσκήμασιν ὁδῶν τε ἐπιμελουμένους ὅπως ὡς ἡμερώταται ἕκασται γίγνωνται.*[138]

Especificamente em relação às questões de estética notem-se ainda as recomendações de Clínias sobre as águas pluviais:

> *Καὶ τῶν ἐκ Διὸς ὑδάτων, ἵνα τὴν χώραν μὴ κακουργῇ, μᾶλλον δ' ὠφελῇ ῥέοντα ἐκ* [761b] *τῶν ὑψηλῶν εἰς τὰς ἐν τοῖς ὄρεσι νάπας ὅσαι κοῖλαι, τὰς ἐκροὰς αὐτῶν εἴργοντας οἰκοδομήμασί τε καὶ ταφρεύμασιν, ὅπως ἂν τὰ παρὰ τοῦ Διὸς ὕδατα καταδεχόμεναι καὶ πίνουσαι, τοῖς ὑποκάτωθεν ἀγροῖς τε καὶ τόποις πᾶσιν νάματα καὶ κρήνας ποιοῦσαι, καὶ τοὺς αὐχμηροτάτους τόπους πολυύδρους τε καὶ εὐύδρους ἀπεργάζωνται.*[139]

Ainda no capítulo dos recursos hídricos, e para além da ordem do estritamente necessário, as recomendações de Clínias respeitantes a fontes e rios obedecem a preocupações estéticas (*kosmos*):

> *Τά τε πηγαῖα ὕδατα, ἐάντε τὶς ποταμὸς ἐάντε καὶ κρήνη ᾖ, κοσμοῦντες φυτεύμασί* [761c] *τε καὶ οἰκοδομήμασιν εὐπρεπέστερα, καὶ συνάγοντες μεταλλείαις νάματα, πάντα ἄφθονα ποιῶσιν, ὑδρείαις τε καθ' ἑκάστας τὰς ὥρας, εἴ τί που ἄλσος ἢ τέμενος περὶ ταῦτα ἀφειμένον ᾖ, τὰ ῥεύματα ἀφιέντες εἰς αὐτὰ τὰ τῶν θεῶν ἱερά, κοσμῶσι.*[140]

E, por último, no mesmo trecho as recomendações respeitantes aos ginásios, cuja finalidade é a recuperação da fadiga ou das doenças, regressam à ordem da funcionalidade que certos equipamentos providenciam.[141]

A conclusão da passagem resume os princípios que presidem a essas orientações: a beleza e a comodidade (*ταῦτα μὲν οὖν καὶ τὰ τοιαῦτα πάντα κόσμος τε καὶ ὠφελία τοῖς τόποις γίγνοιτ' ἂν μετὰ παιδιᾶς οὐδαμῇ ἀχαρίτου*).[142]

---

[137] *Τῆς πόλεως αὐτῆς ὁδῶν καὶ οἰκήσεων καὶ οἰκοδομιῶν καὶ λιμένων καὶ ἀγορᾶς καὶ κρηνῶν, καὶ δὴ καὶ τεμενῶν καὶ ἱερῶν καὶ πάντων τῶν τοιούτων, ἐπιμελητὰς δεῖ τινας ἀποδεδειγμένους εἶναι*; (Platão, *Lg.*, 758e 3-7).

[138] *Ibidem*, 760 e 5-761 a 6.

[139] *Ibidem*, 761 a – 761 b.

[140] *Ibidem*, 761b - c.

[141] *Ibidem*, 761d.

[142] *Ibidem*, 761d.

3.2. A cidade na *Política* de Aristóteles

A *Política* de Aristóteles não difere inteiramente, no género, dos dois diálogos platónicos referidos. Trata-se, como notava já Jacoby, de uma *politeia* filosófica em que se anuncia já uma tendência científica, representada genuinamente pela *Constituição dos Atenienses*.[143]

Comecemos por observar que a definição de cidade é um problema nesta obra. Já nos *Económicos* a cidade aparece definida como o edificado, o seu lugar e os recursos necessários à vida plena como o filósofo a entende:

> A pólis resulta, por conseguinte, de um agregado constituído por casas, terras e bens, que seja auto-suficiente e capaz de garantir o bem-estar.[144]

Na *Política*, porém, a cidade começa por ser definida no livro I na gradualidade das associações humanas que se iniciam no casal, se alargam para a família, para a aldeia em seguida e, por último, terminam na própria cidade que é uma comunidade perfeita resultante de um sinecismo de aldeias (**ἡ δ' ἐκ πλειόνων κωμῶν κοινωνία τέλειος πόλις**).[145] No entanto, a gradualidade e as necessidades de associação que subjazem a esses tipos de comunidade não dissolvem a diferença entre a família e a cidade, uma vez que esta é o todo no qual, e só nele, aquela, como parte, adquire a sua razão de ser: **πρότερον δὲ τῇ φύσει πόλις ἢ οἰκία καὶ ἕκαστος ἡμῶν ἐστιν. τὸ γὰρ ὅλον πρότερον ἀναγκαῖον εἶναι τοῦ μέρους**.[146]

O livro II faz uma análise dos sistemas políticos existentes e as propostas dos pensadores até então. Entre estas é de notar a crítica às duas propostas platónicas da *República* e das *Leis* e, sobretudo, a crítica a Hipódamo de Mileto. Este último, de acordo com a listagem de Aristóteles, terá sido o primeiro de entre os não especialistas em política, que escreveram sobre a melhor *politeia*.[147] E, na qualidade de "não político," foi frequentemente revestido, na crítica do séc. XX, do estatuto de urbanista que os estudos mais recentes tendem a pôr em

[143] Jacoby, *Atthis*, p. 212.

[144] *Econ.* 1.1343a 10 (cf. Aristóteles, *Os Económicos*, introdução, notas e tradução original do grego e latino de Delfim Ferreira Leão, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2004 (Obras completas de Aristóteles, vol. VII, t. II), p. 36).

[145] Aristóteles, *Pol.*, 1252b 27s.

[146] *Ibidem*, 1253a 19 s.

[147] *Ibidem*, 1267b 29 s.

causa. A frase inicial do trecho aristotélico diz: **Ἱππόδαμος δὲ Εὐρυφῶντος Μιλήσιος ὃς καὶ τὴν τῶν πόλεων διαίρεσιν εὗρε καὶ τὸν Πειραιᾶ κατέτεμεν**).[148] Qual o significado da expressão **εὑρεῖν τὴν τῶν πόλεων διαίρεσιν**? Será Hipódamo o inventor do traçado urbano ortogonal? A crítica actual tende a negar que seja essa a interpretação do texto, mesmo tendo em conta a expressão no livro VII (**ἂν εὔτομος ᾖ καὶ κατὰ τὸν νεώτερον καὶ τὸν Ἱπποδάμειον τρόπον**).[149] Em primeiro lugar, porque já de há muito se reconhecia que o traçado ortogonal de cidades do séc. V reutiliza, como provam dados arqueológicos, uma forma pré-existente e, por conseguinte, é menos uma invenção de um autor do que uma evolução.[150] Em segundo lugar, porque o sentido mais provável de **διαίρεσις**, neste passo, não é o de "traçado geométrico," mas antes o de divisão do espaço por categorias sociais que Aristóteles concretiza em seguida: divisão da sociedade em três classes (artesãos, agricultores, e combatentes); aloteamento do território (**χώραν**) por três funções: função sagrada, pública e privada (**τὴν μὲν ἱερὰν τὴν δὲ δημοσίαν τὴν δ' ἰδίαν**).[151] O máximo que esse trecho nos permite concluir é que a *politeia* de Hipódamo continha um elemento espacial, mas isso não implica, ou melhor, o contexto não permite concluir que fosse o planeamento ortogonal.[152]

Hipódamo é novamente invocado no livro VII a propósito da melhor configuração da cidade em vista da defesa. Aristóteles opõe uma cidade não planeada, ao modo antigo, e uma cidade planeada, bem segmentada (*eutomos*), "à maneira moderna de Hipódamo," e apresenta a sua preferência por uma solução mista que salvaguarde a capacidade defensiva (*asphaleia*) sem ofender a estética (*kosmos*). O exemplo apresentado no texto para tal modelo misto de forma urbana não ajuda no esclarecimento:

> (**ἐνδέχεται γάρ, ἄν τις οὕτως κατασκευάζῃ καθάπερ ἐν τοῖς γεωργοῖς ἃς καλοῦσί τινες τῶν ἀμπέλων συστάδας**), **καὶ τὴν μὲν ὅλην μὴ ποιεῖν πόλιν εὔτομον, κατὰ μέρη δὲ καὶ τόπους**.[153]

---

[148] *Ibidem*, 1267b 22 s. Na tradução aqui usada: "Foi Hipódamo, cidadão de Mileto, e filho de Eurifonte, quem inventou o traçado das cidades e delineou as ruas do Pireu." (Aristóteles, *Política*, prefácio de António Pedro Mesquita, tradução e notas de António Campelo Amaral e Carlos C. Gomes, Madrid, Prisa Innova, 2008, p. 68).

[149] Aristóteles, *Pol.*, 1330b 21-31. Cf. tradução de António Campelo Amaral e Carlos C. Gomes (p. 355): "no modo regular e recente introduzido por Hipódamo."

[150] Ver Burns, Alfred, "Hippodamus and the planned city," in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, 25, 4 (1976), pp. 418s. Uma lista de cidades que têm planeamento urbano ortogonal com planta que data, pelo menos, do princípio do séc. VI, pode ver-se em Shipley, Graham, "Little boxes on the Hillside: Greek Town Planning, Hippodamos and Polis Ideology," in Hansen, *The imaginary polis*, pp. 341-345.

[151] Aristóteles, *Pol.*, 1267b 33-34.

[152] Shipley, "Little boxes...," p. 369.

[153] Aristóteles, *Pol.*, 1330b 27-30. Cf. trad. de António Campelo Amaral e Carlos C. Gomes (p. 356): "Em alternativa, poder-se-ia aplicar o traçado regular a determinados lugares e partes da cidade, mas não a

O que serão essas *systades* ou grupos de videiras? A hipótese de se referir a algo semelhante ao *quincunx* romano e, portanto, de que se trata aqui de um alinhamento diagonal não colhe actualmente a aprovação da crítica.[154]

Entretanto, a definição de cidade e seus problemas voltam a pôr-se no livro III, a propósito da definição dos tipos de regime político (*politeia*), questão que reconduz à definição de cidade.[155] A questão aristotélica é a aporia da identidade perante os argumentos históricos para uma solução de continuidade quando intervêm mudanças de regime. Um acto pode dizer-se da cidade quando foi praticado pela oligarquia ou tirania, entretanto abolida? A primeira solução consiste em definir a cidade como um composto de cidadãos (***ἡ γὰρ πόλις πολιτῶν τι πλῆθός ἐστιν***).[156] Claro que isso não resolve a questão, mas apenas a transfere para uma outra: a definição de cidadania. E a este respeito as objecções são semelhantes: se a cidadania foi concedida por um regime entretanto abolido deverá ser reconhecida?

Voltamos, portanto, à questão de saber de acordo com que critério podemos dizer que uma cidade é ou já não é a mesma. A primeira hipótese é ater-se aos critérios territoriais e demográficos ou étnicos para resolver o caso de um aglomerado dividido pela morfologia do terreno e o de um aglomerado original que, posteriormente, foi transferido para outro lugar[157].

E, no entanto, as dúvidas persistem dada a variabilidade dos fenómenos de aglomeração humana. Há a Lacedemónia que não pode ser circundada por muros e não deixa de ser uma cidade; há também Babilónia que, conquanto muralhada, se define melhor como mero aglomerado do que como uma cidade (***μᾶλλον ἔθνος ἢ πόλις***).

---

todos."

[154] Vide SHIPLEY, "Little boxes...," p. 360. O mesmo autor refere como, a partir de dados arqueológicos de Túrios e de Rodes, têm sido avançadas outras explicações para a inovação de Hipódamo, nomeadamente uma nova combinação de elementos pré-existentes, como as *plateiai*, *stenopoi* e *ambitus*.

[155] ARISTÓTELES, *Pol.*, 1274 b: ***τῷ περὶ πολιτείας ἐπισκοποῦντι, καὶ τίς ἑκάστη καὶ ποία τις, σχεδὸν πρώτη σκέψις περὶ πόλεως ἰδεῖν, τί ποτέ ἐστιν ἡ πόλις. νῦν γὰρ ἀμφισβητοῦσιν, οἱ μ ὲν φάσκοντες τὴν πόλιν πεπραχέναι τὴν πρᾶξιν, οἱ δ' οὐ τὴν πόλιν ἀλλὰ τὴν ὀλιγαρχίαν ἢ τὸν τύραννον: τοῦ δὲ πολιτικοῦ καὶ τοῦ νομοθέτου πᾶσαν ὁρῶμεν τὴν πραγματείαν οὖσαν περὶ πόλιν, ἡ δὲ πολιτεία τῶν τὴν πόλιν οἰκούντων ἐστὶ τάξις τις. ἐπεὶ δ' ἡ πόλις τῶν συγκειμένων, καθάπερ ἄλλο τι τῶν ὅλων μὲν συνεστώτων δ' ἐκ πολλῶν μορίων, δῆλον ὅτι πρότερον ὁ πολίτης ζητητέος: ἡ γὰρ πόλις πολιτῶν τι πλῆθός ἐστιν***.

[156] *Ibidem*, 1274 b 41.

[157] ***Ἔοικε δ' οἰκεῖος ὁ λόγος εἶναι τῆς ἀπορίας ταύτης πως ποτὲ χρὴ λέγειν τὴν πόλιν εἶναι τὴν αὐτὴν ἢ μὴ τὴν αὐτὴν ἀλλ' ἑτέραν. ἡ μὲν οὖν ἐπιπολαιοτάτη τῆς ἀπορίας ζήτησις περὶ τὸν τόπον καὶ τοὺς ἀνθρώπους ἐστίν: ἐνδέχεται γὰρ διαζευχθῆναι τὸν τόπον καὶ τοὺς ἀνθρώπους, καὶ τοὺς μὲν ἕτερον τοὺς δ' ἕτερον οἰκῆσαι τόπον*** (*ibidem*, 1276 a, 16-20).

Consciente da plurivalência do termo 'pólis' (**πολλαχῶς γὰρ τῆς πόλεως λεγομένης**),[158] Aristóteles resolve o problema com o critério do regime. Fala-se de uma mesma cidade atendendo ao seu regime (**φανερὸν ὅτι μάλιστα λεκτέον τὴν αὐτὴν πόλιν εἰς τὴν πολιτείαν βλέποντας**). A pólis será então uma comunidade de cidadãos sob determinado regime:

> **Εἴπερ γάρ ἐστι κοινωνία τις ἡ πόλις, ἔστι δὲ κοινωνία πολιτῶν πολιτείας, γινομένης ἑτέρας τῷ εἴδει καὶ διαφερούσης τῆς πολιτείας ἀναγκαῖον εἶναι δόξειεν ἂν καὶ τὴν πόλιν εἶναι μὴ τὴν αὐτήν.**[159]

A afirmação é surpreendente e a crítica não é unânime. Para Hansen, Aristóteles faz jus ao duplo sentido do termo que assim traça duas cidades, uma mais inclusiva e outra exclusiva:

> In the *Politics* Aristotle defines a polis both as a town created by the synoikism of a number of komai (Book 1) and as a community of citizens around their political institutions (a κοινωνία πολιτῶν πολιτείας) (Book 3). His two definitions match the two different senses of the word polis. Defining the polis as a town composed of komai which again are composed of oikiai he takes all the inhabitants, including women, children and slaves, to be members of the polis. When defining the polis as a political community he emphasizes that the politai are the adult male citizens to the exclusion of foreigners, women, children and slaves.[160]

Para Oswyn Murray, o texto **πόλις ἔστι δὲ κοινωνία πολιτῶν πολιτείας**, que se faz notar logo por um inusitado duplo genitivo, poderá ser corrupto, mas independentemente disso as suas consequências lógicas são absurdas.[161] A dificuldade insolúvel da definição — uma insolubilidade que Murray aponta para outros problemas na *Política* — tem a sua origem, segundo o autor, nas consequências perturbadoras da história para a teoria política.[162]

Seja como for, o livro III expande algumas definições negativas da *polis* nomeadamente no que respeita aos seus fins. Face aos argumentos em favor da ideia de justiça do regime

[158] Aristóteles, *Pol.*, 1276 a 23s.

[159] *Ibidem*, 1276b 1 s.

[160] Hansen, Mogens Herman, "**ΠΟΛΛΑΧΩΣ ΠΟΛΙΣ ΛΕΓΕΤΑΙ** (Arist. Pol. 1276a23). The Copenhagen Inventory of Poleis and the Lex Hafniensis de Civitate," in Idem (ed.), *Introduction to an Inventory*, p. 20-21.

[161] O texto preferido por Murray seria o que serviu de base à tradução latina de Moerbeck (*siquidem est communicatio quaedam civitas, est autem communicatio civium politia, facta altera specie et differente politia, necessarium esse videbitur et civitatem non esse eandem*): "The only trouble with this text is that it is almost too neat, offering a perfect antithesis (apart from the absence of a definite article) with the previous clause: "if the polis is a koinonia, and if the politeia is a koinonia of politai, when the politeia differs then the polis differs": that is, if A is a B and if C is also a B, being an arrangement of the members of A, when C changes, then A changes" (Murray, Oswyn, "Polis and Politeia in Aristotle," in Hansen, Mogens Herman (ed.), *The ancient Greek city-state: symposium on the occasion of the 250th anniversary of the Royal Danish academy of sciences and letters, July, 1-4 1992*, Copenhagen, Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskab: Munksgaard, 1993, p. 198).

[162] *Ibidem,* p. 204.

oligárquico, i.e., uma justiça baseada na riqueza, Aristóteles precisa que o fim da cidade é a virtude[163] e, justamente por isso, não basta habitar o mesmo território ou um núcleo urbano circundado por muralhas. Também não faz uma cidade o casarem-se os habitantes entre si, mesmo que o casamento constitua já uma forma de vida comum. Mais ainda, não faria uma cidade o facto de se basear na existência de um mercado regulado por leis (**ἀλλ' εἴησαν αὐτοῖς νόμοι τοῦ μὴ σφᾶς αὐτοὺς ἀδικεῖν περὶ τὰς μεταδόσεις**),[164] nem o número dos habitantes, se vivessem sob uma relação idêntica a uma simaquia ou uma aliança comercial. Não que tudo isso seja de excluir, sendo antes condições prévias que não definem o fim da cidade.[165] Pelo contrário, o fim da cidade, ou seja, de uma comunidade de famílias e aldeias, é a vida perfeita e autónoma (**ἀλλ' ἡ τοῦ εὖ ζῆν κοινωνία καὶ ταῖς οἰκίαις καὶ τοῖς γένεσι, ζωῆς τελείας χάριν καὶ αὐτάρκους**).[166] *E converso*, o viver em pólis é a vida perfeita (**πόλις δὲ ἡ γενῶν καὶ κωμῶν κοινωνία ζωῆς τελείας καὶ αὐτάρκους. τοῦτο δ' ἐστίν, ὡς φαμέν, τὸ ζῆν εὐδαιμόνως καὶ καλῶς**).[167]

O livro V, ao desenvolver a teoria da *stasis*, menciona dois factores importantes para a coesão da cidade. O primeiro é a unidade étnica da população (**στασιωτικὸν δὲ καὶ τὸ μὴ ὁμόφυλον**).[168] O conceito não causa estranheza, tendo em conta que essa era a forma de encarar a identidade própria e o estrangeiro, dominante entre Gregos do período clássico. O segundo factor, menos óbvio talvez, é o que deriva de condicionalismos geográficos que podem, em certos casos, ser propícios à *stasis*. Os exemplos citados pelo filósofo de divisões originadas pela topografia são diversos:

> **Στασιάζουσι δὲ ἐνίοτε αἱ πόλεις καὶ διὰ τοὺς τόπους, ὅταν μὴ εὐφυῶς ἔχῃ ἡ χώρα πρὸς τὸ μίαν εἶναι πόλιν, οἷον ἐν Κλαζομεναῖς οἱ ἐπὶ Χυτῷ πρὸς τοὺς ἐν νήσῳ, καὶ Κολοφώνιοι καὶ Νοτιεῖς· καὶ Ἀθήνησιν οὐχ ὁμοίως εἰσὶν ἀλλὰ μᾶλλον δημοτικοὶ οἱ τὸν Πειραιᾶ οἰκοῦντες τῶν τὸ ἄστυ.**[169]

No entanto, Clazómenas/Cito, Cólofon/Nócio e Atenas/Pireu não estão no mesmo plano. De facto, Sitta von Reden mostrou que o caso Atenas/Pireu é o de uma interacção entre factores de diversa ordem.[170] O maior entusiasmo democrático dos habitantes do Pireu

[163] Aristóteles, *Pol.*, 1280b. 7-8.
[164] *Ibidem*, 1280b. 19-20.
[165] *Ibidem*, 1280b 30 – 1280b 35.
[166] *Ibidem*, 1280b 33 ss.
[167] *Ibidem*, 1281a 1 s.
[168] *Ibidem*, 1303a.25.
[169] *Ibidem*, 1303b. 7-12.
[170] Reden, "The Piraeus...," p. 24.

é uma questão complexa que não cabe aqui analisar, mas que é indissociável do facto de ser um porto. Uma população estrangeira e alguma autonomia administrativa colocavam a relação entre a cidade e o *demos* local em termos tensos, na medida em que o Pireu se torna uma materialização de um corpo estranho, tendencialmente em ruptura com as fronteiras definidas da *polis*. De um ponto de vista político, ou seja, para os adversários da política marítima ateniense, o Pireu estava para Atenas como uma colónia para a metrópole.[171]

Visto que o último livro se ocupa essencialmente da educação, é no livro VII que se encontram as considerações mais explícitas acerca da cidade enquanto corpo político nas suas relações com a forma urbana — relações essas pensadas em função de um ideal.[172] Esse ideal pressupõe em primeiro lugar as condições adequadas no que respeita ao corpo dos cidadãos e ao território. Em relação ao primeiro supõe-se um número moderado, sem defeito nem excesso de modo a permitir a sua auto-suficiência, por um lado, e sua governabilidade e participação política, por outro.[173] Quanto ao segundo, o território, deve obedecer a critérios de natureza militar e defensiva, antes de mais. Mas o funcionamento da economia também dita as suas exigências. A importação e exportação são facilitadas quando a cidade tem acesso ao mar.[174]

Por sua vez, a determinação do carácter dos cidadãos pelo meio natural leva Aristóteles a aplicar, em esquema diagramático da população humana na Terra, a doutrina do *meson*. É precisamente porque os Gregos estão entre o extremo da Ásia e dos povos das regiões frias, que se encontram na melhor localização geográfica, ou seja, aquela que produz o carácter mais apto a ser governado ou governar os outros povos.[175]

---

[171] *Ibidem*, p. 27. Como lembra a autora, a associação entre império marítimo e democracia também é referida por Plutarco na *Vida de Temístocles* (19.6.5 ss) quando atribui aos Trinta Tiranos a ideia de que o império marítimo era a mãe da democracia, enquanto os habitantes de zonas rurais toleravam melhor a oligarquia (cit. por Reden, "The Piraeus...," p. 28).

[172] Há, no livro VII, uma tendência utópica como a expressão *kat'euchen* comprova. Vide Long, Roderick T., "Aristotle's Egalitarian Utopia: The Polis Kat'euchen," in Hansen, *The imaginary polis...*, pp. 164-196.

[173] A este respeito Francesco Prontera afirma que a teoria de Aristóteles sobre o número ideal de cidadãos de uma cidade (5040) é uma obsessão do pensamento político clássico: "stabilendo lo stretto legame fra cittadinanza e proprietà terriera, fissa sul piano teorico un limite invalicabile alla crescita della città-stato e quindi all'incremento della popolazione." Cf. Idem, "Vision de la grande ville: da Erodoto a Strabone", in Nicolet, Claude; Ilbert, Robert; Depaule, Jean-Charles (dirs.), *Mégapoles méditerranéennes: géographie urbaine rétrospective: actes du colloque, Rome, 8-11 mai 1996 organisé par l'École française de Rome et la Maison méditerranéenne des sciences de l'homme*, Paris, Maisonneuve et Larose, Maison méditerranéenne des sciences de l'homme, École française de Rome, 2000, p. 25).

[174] Aristóteles, *Pol.*, 1327 a.

[175] *Ibidem*, 1327b 18 ss. Doutrina muito difundida na Antiguidade. Paassen, por exemplo, detecta-a em Políbio. As prescrições deste historiador e geógrafo relativas à *physis* e *diataxis* do sítio convergem com o escrito

Importa notar, porém, como as prescrições aristotélicas relativamente à grandeza do território estão subordinadas ao ideal filosófico de uma vida sem ocupações manuais (*scholazein*), pautada pela liberdade e moderação (**ὥστε δύνασθαι τοὺς οἰκοῦντας ζῆν σχολάζοντας ἐλευθερίως ἅμα καὶ σωφρόνως**).[176]

Acrescem a estas exigências as condições imprescindíveis à existência de uma cidade e que, por isso mesmo, se denominam suas partes:[177] o abastecimento; os ofícios; o policiamento e a força militar; os recursos financeiros; a religião que, nas palavras do filósofo, é a parte mais importante; e, enfim, a parte mais necessária, que é a autoridade política.

No interior da *polis* o território deverá dividir-se em público e privado, o primeiro dos quais se divide, por sua vez, em partes consagradas ao culto divino e partes para as refeições em comum. Em contrapartida, a divisão do domínio privado parece ser um reflexo do plano platónico para a *polis* das *Leis* com a sua repartição de lotes duplos para cada cidadão, um no centro outro na periferia.[178]

As considerações sobre o sítio da cidade, por sua vez, obedecem sobretudo às preocupações sanitárias (*e. g.* evitar sítios expostos ao vento Norte) e com os recursos hídricos.[179]

Em relação à defesa Aristóteles coloca (de forma natural mas não sem controvérsia, pois acusa os que pensam de outra forma de um rude primitivismo)[180] duas exigências distintas: o amuralhamento e respectiva manutenção face ao progresso do armamento militar adversário, por um lado; e, por outro, o traçado urbano misto, i.e., combinando o sistema ortogonal com o sistema anterior para potenciar as possibilidades de defesa.

A necessidade de organizar os cidadãos em **συσσίτια**, i. e., em refeições comunitárias coloca a questão dos espaços públicos adequados para o efeito, para a qual são apresentadas

hipocrático *De aëre, aquis, locis* (vide PAASSEN, Christiaan van, *The classical tradition of geography*, Groningen, J. B. Wolters, 1957, p. 328).

[176] ARISTÓTELES, *Pol.*, 1326 b. Cf. trad. de António Campelo Amaral e Carlos C. Gomes, p. 339 s.

[177] *Ibidem*, 1328 b. Cf. trad. de António Campelo Amaral e Carlos C. Gomes, p. 356: "Importa ter em conta quantos são os elementos imprescindíveis à existência da cidade, e que devem constituir o que designamos por partes da cidade."

[178] *Ibidem*, 1330a 9 ss.

[179] Cf. *ibidem*, 1330a – 1330b. Os preceitos relativos a localizações salubres são bastante variáveis entre o escrito hipocrático, Aristóteles e, mais tarde, Vitrúvio.

[180] Ou seja, acusa os seus opositores de **λίαν ἀρχαίως ὑπολαμβάνειν** (*ibidem*, 1330b). Entre esses opositores estava Platão que defendia a opinião espartana de que as muralhas deveriam ser de bronze e de ferro (*sc.* das armas) e não de terra, chegando mesmo a afirmar que as muralhas induzem moleza nos habitantes (cf. *Lg.*, VI, 778c-e).

duas soluções em atenção ao diferente nível de cada função social. Aristóteles apresenta uma primeira solução que consiste em distribuir os **συσσίτια** ao longo da fortificação e em que aos magistrados e sacerdotes ficaria reservado um lugar de maior visibilidade e comum a ambos (o que significa, em uma ordem graduada do espaço, a maior importância da autoridade política e da autoridade religiosa e até a subordinação da primeira a esta última, em casos particulares que excluam, por ordem divina, tal acoplagem). Continuando nessa ordem graduada, o lugar inferior ficaria reservado a uma das ágoras, a ágora dita 'livre' (**ἐλευθέρα**), à semelhança de uma existente na Tessália. Segundo o contexto imediato, o nome é justificado em termos de afastamento do universo das profissões produtivas desse espaço (artesãos, agricultores, mercadorias). Por último, junto dessa ágora alta e dada a sua função de lugar do tempo livre, poderia colocar-se o ginásio. A outra ágora, a do comércio — ora denominada **τῶν ὠνίων** ora **τῶν ἀναγκαῖα ἄγορα** — ficaria em outro lugar, inferior, acessível em termos de entrada e saída de mercadorias, quer importadas por mar quer provenientes da parte rural da pólis.[181]

Aristóteles termina esta secção, relativa às duas ágoras, com o paralelismo da distribuição espacial dos edifícios das duas mais importantes funções da pólis: tal como os sacerdotes devem ter o seu lugar nas imediações do templo, assim também os magistrados, em atenção às suas funções devem ficar sediados perto da ágora de negócios.[182]

Portanto, a cidade é pensada em vários aspectos no tratado aristotélico: desde as questões teóricas fundamentais até determinadas questões urbanísticas sempre equacionadas com as opções do autor.

3.3. Da cidade em Cícero, *Tratado da República*

No âmbito latino, a teorização política evolui historicamente do quadro da *urbs* para o do Império e, já no Império cristianizado, surge um novo horizonte: o da cidade de Deus.[183]

Cícero, o mais importante dos teorizadores latinos, até pela sua recepção medieval e renascentista, tem uma dupla importância. Por um lado, desenvolve em vários momentos da

[181] Para toda a questão dos espaços e dos **συσσίτια** ver *ibidem*, 1331a.

[182] Cf. *ibidem*, 1231b 5ss.

[183] Storoni Mazzolani, Lidia, *The idea of the city in Roman thought: from walled city to spiritual commonwealth*, London [et al.], Hollis & Carter, 1970.

sua obra uma reflexão sobre a origem da *ciuitas*.[184] Por outro lado, expõe, no *Tratado da República*, uma reflexão sobre a cidade que, programaticamente, toma a via inversa à dos teorizadores gregos que lhe servem de referência. Na verdade, quer Platão quer Aristóteles construíram cidades que, com mais ou menos elementos de realidade, são teóricas. Pelo contrário, no seu *Tratado da República*, o modelo da teorização de Cícero é o de uma cidade existente, Roma. Que tenha sido programática a inovação mostra-o a exclamação de Lélio perante o método de Cipião, que não se achava na literatura grega.[185] Por isso, o Africano, na sua exploração do modelo de constituição concretizado em Roma desde a sua fundação, começa por racionalizar a localização de Roma que afinal, dirá Lélio, terá resultado do acaso ou da necessidade.[186] Não obstante esse modelo concreto, o objecto de todo o tratado é menos a *urbs* que a *ciuitas*. O que não significa, contudo, que a constelação de temas em torno da *ciuitas* e do seu governo — e em particular no Sonho de Cipião que será a parte recebida no primeiro humanismo — não venha a ter importância em literatura posterior sobre cidades.

Entre os continuadores da reflexão ciceroniana está S.^to^ Agostinho com o seu *De ciuitate Dei*. Mas a sua obra está demasiado afastada de qualquer intento de conceber a realidade da vivência em sociedade para abrir espaço às questões concretas da cidade. A sua *ciuitas* pode ser vista como uma anti-política,[187] pois a sua pertinácia em reservar para o plano escatológico uma verdadeira justiça impede que se concretize no plano terreno.

Chegados a este ponto concluímos que o urbanismo era, nas palavras de Martin, uma questão especulativa e subordinada ao desenvolvimento de "teorias que procuram a melhor forma de cidade e a organização política mais favorável ao desenvolvimento moral do cidadão".[188]

Existe em toda a especulação filosófica como que uma auto-representação dos seus autores nas cidades (ou nas suas escassas e casuais concretizações) que esboçam: cidades pensadas em função de um *status* social e moral (*e. g.* os filósofos em Platão e Aristóteles),

[184] Cf. Rebelo, "A exaltação da cidade...," pp. 13-19.

[185] Cícero, *Resp.* II, 21 (Cícero, *Tratado da República*, p. 136).

[186] Cf. Idem, *Resp.* II, 22 (cf. Idem, *Tratado da República*, p. 137).

[187] Martin, Rex, "The Two Cities in Augustine's Political Philosophy," in *Journal of the History of Ideas*, 33 (1972), p. 216.

[188] Martin, Roland, *L'urbanisme dans la Grèce antique*, seconde édition augmentée, Paris, Éditions A. & J. Picard & Cie, 1974, p. 15. Note-se, ainda, a importância da imagem do político-arquitecto em Aristóteles e Platão, conforme observa Soares, "Cidades ideais...," p. 601.

enquanto outras formas de vida, que sustentam a vida urbana, são menorizadas e até excluídas. Ou ainda, cidades cuja forma urbana é modelada por uma ordem social e económica que se pensou previamente.

3.4. As cidades na geografia: Estrabão

A literatura geográfica apresenta igualmente uma contribuição valiosa para os problemas da cidade.[189] Deixando de parte as escassas descrições de Heródoto e de Políbio,[190] é em Estrabão que a cidade se apresenta sob diferentes perspectivas. Existe, em primeiro lugar, a explícita afirmação da cidade como estrutura quase única de ordenação política e como um estádio da civilização. Com alguma ironia, conta como os cônsules e historiadores falavam em domínio de centenas ou mesmo em milhares de *poleis* na Hispânia, no intuito de engrandecerem os seus feitos militares. Tratava-se para o geógrafo grego de uma utilização abusiva do termo, aplicado ao que não passava de um castro ou de uma aldeia. Nem sequer o modo de vida dos autóctones se poderia apelidar de urbano.[191] E na mesma linha de pensamento, ao expor a teoria platónica da evolução das localizações de povoamentos humanos de acordo com Platão, fala de três estádios de civilização humana em que o mais elevado é o *politikos*, ou seja, o viver na cidade.[192]

Em segundo lugar, a sua obra caracteriza-se por uma constante observação das cidades, que lhe merece por parte de um dos grandes teóricos modernos do urbanismo o epíteto de "apaixonado das cidades."[193] Ora, a leitura da sua geografia não deixa dúvidas quanto à

[189] Sobre a geografia como género literário ver Prontera, Francesco, "Prima di Strabone: materiali per uno studio della Geografia antica come genere letterario," in Idem (ed.), *Strabone. Contributi allo studio della personalità e dell'opera.* I, Perugia, Universita degli studi, 1994, pp. 189-256.

[190] Para essas descrições cf. Prontera, Francesco, "Vision...," p. 25. Note-se ainda, no domínio da literatura geográfica, que autores latinos como Plínio-o-Velho ou Pompónio Mela, que tanta importância terão em épocas posteriores, não apresentam nada digno de nota. Até porque estes autores escrevem na tradição da literatura periegética que se apresenta como uma lista de lugares costeiros, acompanhados de alguma particularidade (maravilha ou curiosidade) com muito pouco lugar para outros desenvolvimentos. Cf. Desanges Jehan, "Les très grandes villes du monde romain d'après les «géographes» de langue latine," in *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité*, 106, 2 (1994), pp. 901-19.

[191] Cf. Estrabão, *Geographika*, III, 4, 13 (de acordo com a edição: *Geographika*, mit Übersetzung und Kommentar hrsg. von Stefan Radt, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2002-). O equívoco provinha do próprio léxico latino que aplica ora *populus* ora *civitates* (em oposição a *oppida*) ao grupo étnico a que se pertence. Ver Mommsen, que cita a este respeito as listas plinianas da descrição da *Hispania citerior* (*Le droit public...*, t. VI/1, p. 2, n. 1).

[192] Cf. Estrabão, *Geographika,* XIII, 1, 25 s.

[193] Pöete, Marcel, *Introduction à l'urbanisme: l'évolution des villes: la leçon de l'antiquité,* Paris, Boivin, 1929.

importância das cidades e da apreciação de vários dos seus aspectos, como o exemplo de Roma ou Alexandria podem demonstrar.[194] Consideremos a primeira dessas descrições.

Consequência da identidade cultural bipolar de Estrabão, i. e., do facto de ser um grego que escreve para um público romano, a sua apreciação de Roma inicia-se com um contraste, expresso em termos que já então eram um lugar comum, entre o urbanismo das colónias gregas e o de Roma. Enquanto os Gregos visavam a beleza, a posição defensiva e a fertilidade do sítio, os Romanos preocuparam-se com infraestruturas viárias, de saneamento e abastecimento.[195]

Claro que poderíamos deduzir do texto de Estrabão, sobretudo das apreciações sobre as cidades helenísticas, que o urbanismo do mundo grego não foi sempre todo igual.[196] Assim como as afirmações que se seguem — nomeadamente, a apreciação plena de admiração e de gozo estético do Campo Márcio, do Mausoléu de Augusto e do Fórum — acabam por desdizer essa tão esquemática oposição entre beleza grega e utilidade romana. Um exemplo disso é a equiparação da sofisticada estrutura de abastecimento de água da cidade a outros embelezamentos (*agalmata*) que tiveram a marca de Agripa:

> *Τοσοῦτον δ´ ἐστὶ τὸ εἰσαγώγιμον ὕδωρ διὰ τῶν ὑδραγωγίων ὥστε ποταμοὺς διὰ τῆς πόλεως καὶ τῶν ὑπονόμων ῥεῖν, ἅπασαν δὲ οἰκίαν σχεδὸν δεξαμενὰς καὶ σίφωνας καὶ κρουνοὺς ἔχειν ἀφθόνους· ὧν πλείστην ἐπιμέλειαν ἐποιήσατο Μάρκος Ἀγρίππας, πολλοῖς καὶ ἄλλοις ἀναθήμασι κοσμήσας τὴν πόλιν.*
> *Ὡς δ´ εἰπεῖν, οἱ παλαιοὶ μὲν τοῦ κάλλους τῆς Ῥώμης ὠλιγώρουν, πρὸς ἄλλοις μείζοσι καὶ ἀναγκαιοτέροις ὄντες· οἱ δ´ ὕστερον, καὶ μάλιστα οἱ νῦν καὶ καθ´ ἡμᾶς, οὐδὲ τούτου καθυστέρησαν, ἀλλ´ ἀναθημάτων πολλῶν καὶ καλῶν ἐπλήρωσαν τὴν πόλιν.*[197]

Em um segundo momento, a oposição passa a ser entre, por um lado, Romanos antigos que dedicavam mais atenção ao que ao que era mais importante e necessário do que à beleza, e, por outro, Romanos do seu tempo que encheram a cidade de inúmeros e belos

[194] Em sentido contrário à crítica de CLASSEN, que desqualifica as suas descrições como limitadas ao aspecto económico (*Die Stadt...*, p. 9), a leitura da obra de Marcel POÈTE não deixa de ser luminosa. Aí podemos ver como meras descrições escondem pormenores importantes acerca do urbanismo. Ver ainda a análise mais sistemática de CARO BAROJA, Julio, *Paisages y ciudade*s, Madrid, Taurus, 1981, esp. cap. "Morfología de las ciudades antiguas. (Las ciudades en la geografía de Estrabón)," pp. 63-121.

[195] *Ταῦτα μὲν οὖν ἡ φύσις τῆς χώρας παρέχεται τὰ εὐτυχήματα τῇ πόλει. προσέθεσαν δὲ Ῥωμαῖοι καὶ τὰ ἐκ τῆς προνοίας. τῶν γὰρ Ἑλλήνων περὶ τὰς κτίσεις εὐστοχῆσαι μάλιστα δοξάντων, ὅτι κάλλους ἐστοχάζοντο καὶ ἐρυμνότητος καὶ λιμένων καὶ χώρας εὐφυοῦς, οὗτοι προὐνόησαν μάλιστα ὧν ὠλιγώρησαν ἐκεῖνοι, στρώσεως ὁδῶν καὶ ὑδάτων εἰσαγωγῆς καὶ ὑπονόμων τῶν δυναμένων ἐκκλύζειν τὰ λύματα τῆς πόλεως εἰς τὸν Τίβεριν* (ESTRABÃO, *Geographika*, 5,3,8).

[196] O que não significa, todavia, que Estrabão tenha consciência dessa evolução histórica.

[197] ESTRABÃO, *Geographika,* V, 3, 8.

ornamentos.[198] Tal beleza, segundo Estrabão, devia-se à munificência de Pompeio, de César, de Augusto e da sua família[199] — no que temos um exemplo de como o geógrafo via nestas figuras o equivalente ao soberano helenístico que se caracteriza, na sua relação com as cidades, pelo seu evergetismo. Mas além da beleza, Estrabão coloca uma nota de vitalidade na vida da Urbe ao descrever o Campo Márcio. Aí podemos observar, e até com uma nota de admiração da parte do autor, a cidade viva, com uma multidão de praticantes de vários desportos que frequentam o Campo:

> *Καὶ γὰρ τὸ μέγεθος τοῦ πεδίου θαυμαστὸν ἅμα καὶ τὰς ἁρματοδρομίας καὶ τὴν ἄλλην ἱππασίαν ἀκώλυτον παρέχον τῷ τοσούτῳ πλήθει τῶν σφαίρᾳ καὶ κρίκῳ καὶ παλαίστρᾳ γυμναζομένων,*[200]

Além disso, esse espaço é um exemplo de relação optimizada entre natureza/arte (*πρὸς τῇ φύσει προσλαβὼν καὶ τὸν ἐκ τῆς προνοίας κόσμον*):

> *Καὶ τὰ περικείμενα ἔργα καὶ τὸ ἔδαφος ποάζον δι ἔτους καὶ <αἱ> τῶν λόφων στεφάναι τῶν ὑπὲρ τοῦ ποταμοῦ μέχρι τοῦ ῥείθρου σκηνογραφικὴν ὄψιν ἐπιδεικνύμεναι δυσαπάλλακτον παρέχουσι τὴν θεάν.*[201]

A descrição do Campo Flamínio mostra mais uma vez a preocupação em sublinhar as benfeitorias dos políticos do final da República até Augusto e, sobretudo, a dimensão da sua monumentalidade merece a Estrabão um tom encomiástico que apouca toda a restante cidade, quando comparada, como se fosse um acessório:

> *Πλησίον δ΄ ἐστὶ τοῦ πεδίου τούτου καὶ ἄλλο πεδίον καὶ στοαὶ κύκλῳ παμπληθεῖς καὶ ἄλση καὶ θέατρα τρία καὶ ἀμφιθέατρον καὶ ναοὶ πολυτελεῖς καὶ συνεχεῖς ἀλλήλοις, ὡς πάρεργον ἂν δόξαιεν ἀποφαίνειν τὴν ἄλλην πόλιν.*[202]

Depois do Campo Márcio e do Campo Flamínio, a descrição termina no coração de Roma, no Fórum com o Capitólio, o pórtico de Lívia, o Palatino, e novamente uma nota encomiástica: se, para quem estava no Campo Márcio, o resto da cidade não passava de um acessório, agora diante do Fórum e da sua envoltura esquece-se todo o resto.

A forma como o geógrafo apresenta Roma, e independentemente do grau de consciência com que o faz, assemelha-a às cidades helenísticas —cidades sem passado, "todas

[198] *Ibidem*, V, 3, 8.
[199] *Ibidem*, V, 3, 8.
[200] *Ibidem*, V, 3, 8.
[201] *Ibidem*, V, 3, 8.
[202] *Ibidem*, V, 3, 8. Sobre o Campo Flamínio ver o comentário *ad. loc.* (*ibidem*, vol. 6, p. 85) de Stefan RADT.

presente," na expressão de Marcel Poëte,[203] nascidas da vontade de um monarca—, e que testemunha no seu renovamento a marca de uma personalidade, a de Augusto, acompanhado dos seus familiares e dos seus colaboradores, nomeadamente, de Agripa. Não é de estranhar, aliás, este tom encomiástico quando se conhece a orientação augustana da sua obra.

A descrição apresenta, portanto, elementos que servem de resposta à critica de Moses Finley a respeito dos limites conceptuais das descrições antigas de cidades – descrições a que lapidarmente chamou "abreviaturas" ou "transcrições estenográficas" por tomarem a definição "estético-arquitectónica" como definição social e política.[204] Não se pense todavia que o património artístico fosse de somenos importância para a consciência que a cidade tinha de si. Pelo contrário, era um elemento estruturante, por excelência, da sua identidade política como o mostram os roubos de arte e as suas consequências.[205]

3. 5. Literatura técnica: Vitrúvio

O tratado de Vitrúvio sobre arquitectura constitui um exemplo de literatura técnica que deve ser considerado em uma investigação sobre a cidade no âmbito da literatura humanística. Todavia, é legítimo questionar a possibilidade de falar da cidade como problema na obra de Vitrúvio.[206] A resposta de um grande pensador da cidade como Henri

[203] Pöete, *Introduction à l'urbanisme...*, p. 267. Podemos distinguir um aspecto helenístico na própria cidade enquanto recriada por e à imagem de Augusto e também na impressão resultante do enfoque de Estrabão, que selecciona os conjuntos de maior monumentalidade. Cf. Coarelli, Filippo, "Roma, la città come cosmo," in Nicolet [et al.] (dirs.), *Mégalopoles...*, p. 304. Ver ainda, na mesma obra, sobre as características da nova "cidade dinocrática" helenística (no caso concreto, Alexandria) Gros, Pierre, "La construction d'un espace méditerranéen et les premières mégalopoles (Ve siècle av. J. C. - VIe siècle ap. J. C.)," pp. 65-85.

[204] Finley, Moses I., *Ancient Economy*, second edition, University of California Press, 1999, p. 124. Ver também Cracco Ruggini, Lellia, "La città nel mondo antico: realtà e idea," in Wirth, Gerhard (Hrsg.), *Romanitas, christianitas: Untersuchungen zur Geschichte und Literatur der römischen Kaiserzeit: Johannes Straub zum 70. Geburtstag am 18. Oktober 1982 gewidmet*, Berlin [et al.], Walter de Gruyter, 1982, p. 68.

[205] Veja-se o que diz Rainer Bernhardt: "Die Schmückung mit Kunstgegenstände war für die Städte ein Mittel, ihre politische Bedeutung für jedermann sichtbar herauszustellen und — soweit es sich um alte Kunstwerke handelte — auf ihre alte Tradition politische Selbstgefühl hinzuwiesen. Die Pflege einer solchen Tradition stärkte das politische Selbstgefühl einer Stadt, und es liessen sich aus ihr Ansprüche für die Gegenwart ableiten. Der Verlust solcher Kunstgegenstände traf die Städte daher an einer neuralgischen Stelle" (Bernhardt, *Polis...*, p. 187).

[206] Em trabalho inédito Pierre Gros questionava a possibilidade de falar de um urbanismo vitruviano. ("Peut-on-parler d'un urbanisme vitruvien", proferido no âmbito de um colóquio em Londres (15 de Dezembro de 1986) e que deveria ter sido publicado na série "Warburg and Courtauld Institute Surveys and Texts" (de facto, nunca chegou à publicação segundo informação do próprio Warburg and Courtauld Institute). Ver mais recentemente Fleury, Philippe, "L'urbanisme vitruvien," in Lecocq, Françoise (coord.), *De l'"urbs" à la ville,* Caen, Presses Universitaires de Caen, 2001 (Cahiers de la Maison de la Recherche en Sciences Humaines; 25), pp. 45-74.

Lefebvre é negativa. De facto, embora admita que haja na obra vitruviana a construção de um código espacial que parte dos elementos mais simples (água, ar, luz, areia, tijolos...) e chega até às questões de estilo, afirma, contudo, que a cidade nunca é tratada directamente.[207] Todavia, e em oposição a essa perspectiva, temos de reconhecer que algumas partes da obra dizem directamente respeito à cidade e, ao mesmo tempo, devemos notar que há um horizonte político que serve de moldura a esse código espacial.[208]

A cidade é directamente problematizada após a elaboração teórica sobre o estatuto disciplinar da arquitectura e os seus princípios.[209] Vitrúvio começa pela eleição do lugar das cidades em função da sua salubridade, condições climatéricas e localização geográfica.[210] Ao sítio segue-se a construção de muralhas e, por fim, o traçado das ruas que deve ter em conta a orientação dos ventos:[211]

> *Moenibus circumdatis sequuntur intra murum arearum diuisiones platearumque et angiportuum ad caeli regionem directiones. Dirigentur haec autem recte, si exclusi erunt ex angiportis uenti prudenter: qui si frigidi sunt, laedunt; si calidi, uitiant; si umidi, nocent.*[212]

Ainda no primeiro livro, a enumeração dos tipos de edifícios indicia que o modelo subjacente era o da cidade. As obras dividem-se em públicas e privadas; as públicas, por sua vez, em militares (muralhas, torres, portas), religiosas (santuários e templos) e de utilidade

[207] "Though he is speaking of nothing else, he never addresses it [sc. the city] directly. It is as though it were merely an aggregation of 'public' monuments and 'private' houses (i. e. those owned by the place's notabilities). In other words, the paradigm of civic space is barely present even though its 'syntagmatic' aspects — the connections between its component parts — are dealt with at length." (*The production of space*, transl. by Donald Nicholson-Smith, Oxford, Blackwell, 1991, ed. orig. francesa de 1974, p. 271).

[208] Sobre os destinatários do tratado observa Pierre Gros que há frases (como por exemplo *uti non sint ignota aedificantibus, exposui* em II, 10, 1) que provam que "Vitruve ne s'addresse pas aux bâtisseurs ou aux techniciens du bâtiment, mais aux responsables politiques ou aux propriétaires, qui "font construire," soit pour le compte de l'État, soit pour le leur" (Vitrúvio, *De l'architecture: Livre II,* texte établi et traduit par Louis Callebat. Introduction et notes de Pierre Gros, Paris, Belles Lettres, p. 177).

[209] É reveladora do desprezo por disciplinas técnicas a elaboração teórica no sentido de alçar a arquitectura e colocá-la ao lado das disciplinas de maior prestígio cultural (como a retórica).

[210] Alguns autores afirmam que as considerações sobre o sítio não são especificamente urbanísticas, pelo contrário, constituem um requisito aplicável a qualquer construção. Cf. Knell, Heiner, *Vitruvsarchitekturtheorie. Versuch einer Interpretation*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985, cit. por Wulfram, Hartmut, *Literarische Vitruvrezeption in Leon Battista Alberti De re aedificatoria*, München [et al.], K. G. Saur, 2001, p. 152. Em sentido contrário, Philippe Fleury considera os capítulos 4-7 do primeiro livro "Le traité d'urbanisme le plus complet que nous ait laissé l'Antiquité" (Vitrúvio, *De l'architecture: Livre I,* texte établi, trad. et commenté par Philippe Fleury, Paris, Les Belles Lettres, 1990, p. XCIV da introdução).

[211] Vitrúvio usa a palavra *diuidere*. De acordo com Ruggiu, Annapaola Zaccaria, *Spazio privato e spazio publico nella società Romana*, École Française de Roma, Palais Farnèse, 1995 (Collection de l'École Française de Rome; 210), p. 161, trata-se, tal como em Lívio, V, 55, 5, de um termo técnico cujo significado é a planificação da cidade com a repartição funcional dos espaços no seu interior.

[212] Vitrúvio, *De architectura*, I, VI, 1.

pública (portos, foros, pórticos, banhos, teatros, espaços de circulação).[213] Importa notar, todavia, que a tipologia de edifícios serve de guia apenas para uma parte da obra, ou seja, os livros terceiro e quarto tratavam de edifícios religiosos, o quinto expunha os edifícios públicos, o sexto os privados. A obra era pensada como uma sistematização da arquitectura segundo um plano (um *ordo*), mas o critério que fundamentava este último em parte alguma é explicitado. Não obstante, a cidade é o quadro implícito da obra e essa referência aflora explicitamente, por vezes, no texto. Por exemplo, quanto o tratadista invoca o exemplo da *Vrbs*, Roma, a respeito das construções em altura: enquanto leis antigas impediam espessura de paredes superior a pé e meio, a espessura essa que não suportaria mais do que um piso, a realidade (*res ipsa*), constituída pelos factores de grandeza da cidade (*maiestas urbis*) e da densidade populacional, conduziu, por uma lógica diferente, a um resultado tecnicamente mais arrojado.[214] Efectivamente, este passo revela como o conhecimento da realidade urbana estava presente na mento do autor.

A isto deve acrescentar-se, como sinal de ligação ao problema da cidade, a omnipresença de uma cultura urbana. Por exemplo, o livro X sobre as máquinas é justificado no prólogo em função das necessidades de soluções de engenharia para os *munera*. E assim se justifica plenamente, *ludorum causa*, e como coroamento de toda a obra (*finitionem summam corporis constitutam*), a exposição sistemática (*ordenata praeceptis*) dos princípios das máquinas.[215] De facto, Vitrúvio é um dos autores mais atentos à evolução das formas humanas de construir e de aprender por observação ou por experiência a partir dos factores naturais — atenção essa que, inversamente, comprova a consciência que o autor tem do avanço civilizacional de que a sua *scientia* é, a um tempo, uma expressão e um componente.[216]

---

[213] *Ibidem*, I, II, 1.

[214] Cf. *ibidem*, II, 8, 17.

[215] *Ibidem*, X, pr., 3, 4.

[216] Nesse sentido, há razões para considerar Plínio, Columela, Vitrúvio, Frontino como "fondatori della civiltà urbana a Roma, civiltà che richiede ampliamento di nozioni, educazione tecnica e quindi trattati e manuali richiesti per la nuova educazione e per nuove esigenzi di consumi, con le quali l'uomo di città si differenziava da quello di campagna," (Levi, Mario Attilio, "Plinio e la civiltà urbana," in *La città antica come fatto di cultura: atti del Convegno di Como e Bellagio 16/19 giugno 1979. Org. dal Comitato promotore delle manifestazioni celebrative del XIX centenario della morte di Plinio il Vecchio*, Como, Regione Lombardia, 1983, p. 22. Notem-se, no passo acerca da evolução humana das cavernas até à civilização (II, 1, 4-6), os exemplos históricos, contemporâneos, de construção primitiva (Gália, Lusitânia …): se em Aristóteles não havia qualquer possibilidade de incluir a dimensão histórica e, sobretudo, uma evolução humana que desembocasse noutra forma de vida em comunidade que não a *polis*, em Vitrúvio essa dimensão histórica encontra tranquila e

Mas como já se disse, há também um horizonte político que enquadra o discurso técnico do tratado. Esse horizonte torna-se evidente sobretudo pelos prefácios dirigidos ao imperador, nos quais Vitrúvio se mostra consciente da relação entre, por um lado, a sua disciplina e, por outro, a arte, a política e a ideologia augustanas[217] que se consubstanciaram em renovamento urbano. Mais ainda: formula no seu texto o paralelismo entre Dinócrates/Alexandre e Vitrúvio/Augusto. O paralelismo é revelador, visto que Dinócrates não conquistou Alexandre, como afirma Vitrúvio, pela sua beleza, mas pela sedutora ideia de fazer uma cidade à imagem do monarca. E se, na beleza, o velho Vitrúvio não podia competir com o jovem Dinócrates, no saber e nos seus escritos, em contrapartida, poderia seguramente devolver a Augusto a imagem das possibilidades técnicas ao serviço do poder.[218]

Conclui-se, portanto, que a obra de Vitrúvio pressupõe o problema da cidade não obstante, esse problema ser pensado em termos do caso particular de Roma.

3. 6. Literatura técnica: os *Regionarii*

Ainda no âmbito da literatura técnica merecem relevo os *Regionarii*, dois escritos respeitantes a Roma com títulos e datas diferentes e conteúdos largamente coincidentes: *Notitia urbis Romae regionum XIV* e *Curiosum urbis Romae regionum XIIII cum breviariis suis*.[219] Trata-se, como Claude Nicolet notou, de documentos de origem arquivística oficial, essenciais para a história urbana.[220]

Com efeito, é a cidade como uma entidade orgânica complexa que se dá a ver nesses escritos: mercados, bordéis, guarnições (*armamentarium*), indicadores estatísticos precisos (*e.*

consistentemente o seu lugar. Sobre a evolução humana cf. ainda a teoria ciceroniana expressa em vários textos ver Rebelo, António Manuel Ribeiro, "A ideia de cidade na Antiga Grécia e a actualidade dos seus valores," in *Biblos*, n. s., 4 (2006), pp. 13-19.

[217] Ruggiu fala de "un'accuta sensibilità nell'assecondare il nuovo rolo politico che l'ideologia augustea ai suoi inizi, assegna alla organizzazione delgi spazi e alla costruzione delgi edifici pubblici" (Ruggiu, *Spazio privato...*, p. 124).

[218] Cf. Vitrúvio, *De architectura*, II, praef. 1-4.

[219] *Libellus de regionibus urbis Romae*, recensuit Arvast Nordh, Lundae, C. W. K. Gleerup, 1949. Vide o trabalho mais recente de Chastagnol, André, "Les Régionnaires de Rome," in Nicolet, Claude (ed.), *Les littératures techniques dans l'antiquité romaine: statut, public et destination, tradition*, sept exposés suivis de discussions par Pierre Gros [et al.], introd. de Claude Nicolet, Genève, Fondation Hardt, 1996 (Entretiens sur l'antiquité Classique; 42), pp. 179-198. A data de ambos os textos situa-se entre os anos de 337 a 368, sendo a *Notitia* o mais antigo.

[220] Nicolet, Claude, "Fragments pour une géographie urbaine comparée: à propos d'Alexandrie," in Nicolet [et al.] (dirs.), *Mégalopoles...*, pp. 246 s.

g. número de *insulae*); tipologias habitacionais (*insulae* vs *domus*); circos e as suas infra-estruturas para o espectáculo desportivo (*Circus Flaminius. Continet stabula numero quatuor factionum*); equipamentos culturais como teatros acompanhados da indicação da respectiva capacidade, ou bibliotecas; diversas tipologias de edifícios religiosos (altares, *aedicula*, *templa*...). Não falta sequer um aceno à espessura histórica visível nos monumentos: termas de Cómodo, de Alexandre, Antoninas, de Décio, de Diocleciano, de Constantino...

É, por conseguinte, redutor pensar que, nestes escritos, a cidade se resume a uma enumeração de direcções e a um "inventário sem vida,"[221] como o será pretender que tenham origem em algum interesse turístico ou antiquário.[222]

4. Recepção da literatura antiga sobre a cidade no primeiro humanismo: o paradigma de Alberti, *Da arte edificatória*

Toda esta literatura é recebida no primeiro humanismo italiano. Vitrúvio é conhecido por Petrarca e por intelectuais do seu círculo.[223] A literatura geográfica é objecto de traduções e de uma activa recepção durante todo o século de Quatrocentos.[224]

Platão ou Aristóteles são autores amplamente redescobertos e discutidos e, especificamente, as suas obras mais centradas na questão da cidade. O caso de Platão coloca mesmo um problema historiográfico: como explicar o seu ressurgimento em pleno no séc. XV, sendo um autor que contradiz a doutrina e a moral cristã? Paradoxo que se mostra agudamente na obra de Jorge de Trebizonda que, sendo o seu maior tradutor, era, ao mesmo tempo, o seu maior detractor.[225]

[221] "Auch hier treten die Bewohner und ihre Aktivitäten ganz zurück. […] Die Stadt erscheint auch hier gleichsam als Summe ihrer Einrichtungen und vor allem des leblosen Inventars" (Classen, *Die Stadt...*, p. 29).

[222] Pelo contrário, é mais verosímil que a sua origem última remonte a uma fonte oficial, segundo a opinião de Nicolet, "Fragments...", p. 247.

[223] Lucia A. Ciapponi, "Il *De Architectura* di Vitruvio nel primo Umanesimo," in *Italia medioevale e umanistic*a, 3 (1960), p. 98, não hesita em colocar Petrarca na origem do renovamento arquitectónico do séc. XV: "gran parte dei critici d'arte non si è assolutamente accorta che il punto di partenza per il culto di Vitruvio nel Quattrocento sta proprio in questa riscoperta del *De Architectura* da parte del Petrarca e nella diffusione del suo testo fra i suoi amici letterati."

[224] Cf. Aujac, Germaine, "La Géographie grecque durant le Quattrocento. L'exemple de Strabon," in *Geographia Antiqua*, 2 (1993), pp. 147-169; e também Gentile, Sebastiano (a c. di), *Firenze e la scoperta dell'America: umanesimo e geografia nel '400 fiorentino: catalogo*, Firenze, L. S. Olschki, 1992.

[225] O paradoxo deste tradutor relutante explica-se pela procura de traduções que estavam na base das encomendas. Cf. Hankins, James, *Plato in the Italian Renaissance*, third impression, Leiden [et al.], Brill, 1994 (Columbia studies in the classical tradition; 16), esp. Part III, cap. 2. "Trebizond's translations of the Laws and

Entretanto, outros autores fundamentais neste período se ocupavam de Platão. Bruni começou por traduzir diálogos e, sem nunca ser um platónico convicto, usou nos anos 20 a tradução das cartas platónicas como porta-voz das suas convicções políticas. A obra foi dedicada a Cosimo Medici — o que mostra bem até que ponto considerava a obra platónica pertinente para a formação de uma nova liderança em Florença.[226] Contexto claramente mais favorável à recepção platónica era o de Milão, onde a sua obra adquiriu grande importância mercê da actividade tradutora da família Decembrio. A primeira tradução da *República*, empreendida por Manuel Crisóloras e Uberto Decembrio, é de 1402. O filho deste, Pier Candido Decembrio, concluirá uma nova tradução por volta de 1440.

Quanto a Aristóteles, a sua recepção no humanismo italiano tem um ponto alto na obra de Bruni e não apenas como tradutor. Com efeito, desde a *Vita Aristotelis,* onde já louvava a *civilis moralisque disciplina* que constituía parte da obra do Estagirita, ao mesmo tempo que tornava claras as razões do seu afastamento da doutrina platónica,[227] que Bruni ostenta as suas afinidades com o pensamento político aristotélico. Mais tarde, em 1438, o humanista florentino traduz a *Política,* guiado pela opinião de que entre os *praecepta moralis disciplinae* nenhum merecia lugar mais alto do que aqueles *quae de civitatibus earumque gubernatione conservationeque traduntur*.[228]

Por último, também a figura de Cícero é especialmente relevante para o humanismo italiano e para Bruni que nele viam um modelo da indissociável ligação entre vida literária e vida política.[229]

---

the Parmenides," pp. 180-192.

[226] Sobre a evolução intelectual de Bruni no que respeita à obra e ao pensamento platónicos, e aos usos que dela fez, ver HANKINS, *Plato...*, pp. 58 ss.

[227] Cf. BRUNI, Leonardo, *Vita Aristotelis*, apud BARON, Hans (Hrsg.), *Leonardo Bruni Aretino, Humanistisch-philosophische Schriften, mit einer chronologie seiner Werke und Briefe*, Leipzig, B. G. Teubner, 1928 (Veröffentlichungen der Forschungsinstitute an der Universität Leipzig. Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters und der Renaissance; 1), p. 48, l. 34. Sobre a discordância com Platão ver *ibidem*, p. 45, ll 11 ss: *et in optimo civitatis statu constituendo ea nonnumquam sentit* [sc. *Plato*]*, quae ab hoc nostro usu consuetudineque vivendi plurimum abhorrent.*

[228] BRUNI, Leonardo, *Praemissio quaedam ad evidentiam novae translationis Politicorum Aristotelis*, apud BARON, *Leonardo Bruni...*, p. 73, l. 11 ss.

[229] Sobre a recepção de Cícero, ao longo dos tempos, ver ZIELINSKI, Th., *Cicero im Wandel der Jahrhunderte*, zweite vermehrte Auflage, Leipzig; Berlin, B. G. Teubner, 1908. Quanto ao modelo ciceroniano de vida política e literária, segundo a perspectiva de Bruni, ver o *Cicero novus seu Ciceronis vita*: *ita solus, ut credo, hominum duo maxima munera et difficillima adimplevit: et in republica orbis terrarum moderatrice occupatissimus plura scriberet* [...]*; et rursus studiis librisque scribendis maxime occupatus plura negotia obierit.* (apud BARON, *Leonardo Bruni...*, p. 115, ll. 12 ss). Sobre a influência de Cícero no humanismo, e apesar das revisões críticas a que foi sujeito (nomeadamente HANKINS, James, "The "Baron Thesis" after Forty Years and Some Recent Studies of Leonardo Bruni" in *Journal of the History of Ideas,* 56, 2 (1995); e IDEM, (ed.), *Renaissance Civic*

Mas, em vez de rastrear a recepção de cada autor, um percurso mais praticável pode ser dado pela leitura do tratado de arquitectura de Leon Battista Alberti, *De re aedificatoria*.[230] A obra é não apenas representativa do primeiro humanismo como também encerra uma reflexão sobre a cidade, fortemente baseada na literatura precedente. Embora o objecto do seu tratado não seja especificamente a cidade, mas sim a arquitectura, deve perguntar-se se nele existe uma concepção de cidade e qual o seu grau de afinidade com a reflexão do primeiro humanismo em torno da cidade.

Quanto à segunda questão, Hans BARON, embora não tomando como referência o *De re aedificatoria,* mas o conjunto da sua obra, propôs uma leitura de Alberti segundo um duplo posicionamento no que concerne o humanismo cívico: herança e ruptura.

O traço essencial do humanismo cívico toscano, segundo Baron, era menos o louvor da *vita activ*a que a ligação entre *vita activa* e *vita politica*. Na literatura florentina de Quatrocentos, a riqueza é valorizada do ponto de vista do seu potencial cívico (como, por exemplo, socorrer o estado em tempos de guerra ou de crise financeira). Por essa razão, a participação em cargo electivo era fundamental na apreciação social de um indivíduo. Inversamente isso significava que a riqueza considerada meramente a título pessoal não constituía um motivo de honra aos olhos da sociedade.[231] Seria esse ponto de vista partilhado por Alberti? Há dois sólidos argumentos em contrário: em primeiro lugar as recomendações de Giannozzo Alberti, no diálogo *Della famiglia*, no sentido de evitar a vida política; em

Humanism: *Reappraisals and Reflections*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000), ainda é indispensável a leitura de Hans BARON, sobretudo, *In Search of Florentine Civic Humanism: Essays on the Transition from Medieval to Modern Thought. I*, Princeton, University Press, 1988, ensaio nº 5 "The memory of Cicero's Roman Civic Spirit in the Medieval Centuries and in the Florentine Renaissance," pp. 94-133.

[230] Sobre Alberti ver: GRAYSON, Cecil; ARGAN, Giulio Carlo, "Alberti, Leon Battista" in *DBI*, 1960, vol. 1, pp. 702-713 (a biografia é assinada por GRAYSON e a parte respeitante à sua obra artística por ARGAN); BORSI, Franco, *Leon Battista Alberti: complete edition*, Oxford, Phaidon, 1977; TAVARES, Domingos, *Leon Battista Alberti: teoria da arquitectura*, Porto, Dafne, 2004, (Sebentas de história da arquitectura moderna; 3*).* Utilizaremos a tradução do Prof. Arnaldo do Espírito Santo que gentilmente me permitiu utilizar o seu trabalho ainda em fase de preparação: ALBERTI, Leon Battista, *Da arte edificatória,* tradução do latim de Arnaldo do Espírito Santo, introdução, notas e revisão displinar de Mário Júlio Teixeira Krüger, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

[231] A perspectiva de Hans BARON, segundo a qual Alberti faz parte daquela reserva de forças florentinas que vive no exterior do território florentino (seja porque se dedicam à aprendizagem da mercancia seja porque estão exilados), organizada em colónias e que, não obstante a distância, mantém o seu sentido de pertença à cidade, parece ser uma redução algo forçada das circunstâncias que levaram a família de Alberti ao exílio. Ver BARON, Hans, "Leon Battista Alberti as an Heir and Critic of Florentine Civic Humanism," in IDEM, *In search of Florentine…*, pp. 258-288 (esp. pp. 258 ss).

segundo, a comparação entre a família e a república presente em um escrito tardio, o *De Iciarchia* (datado de 1469), que pende claramente a favor do âmbito privado da família.[232]

Acresce a esta divergência com o humanismo cívico, e no que toca a um outro âmbito do agir humano, o das artes, que a imagem de Alberti como homem universal devotado à ciência, às artes e à literatura, e confiante nos poderes destas disciplinas, não resiste à leitura da sua obra, como mostram Eugenio Garin e Manfredo Tafuri.[233] Na verdade, uma reserva de amargura e uma consciência do certo efeito destrutivo do tempo e da clausura do horizonte que ele representa ensombram toda a sua obra. Mesmo no *De re aedificatoria*, Alberti refere-se amiúde à virtude como um esforço essencial, mas não suficiente, para se lhe opor. Mais ainda: há uma certa desconfiança da técnica presente em várias obras, sem excluir o próprio tratado de arquitectura que defende persistentemente o comedimento face à *hybris* edificadora.[234] Portanto, se por humanismo cívico se entender a glorificação da actividade humana e o seu empenho em construir uma cidade terrestre, é forçoso reconhecer que a obra de Alberti contém, a esse respeito, uma atitude ambígua que inclui ora confiança ora desconfiança.[235]

[232] Aspecto em que a obra de Alberti prenuncia mais claramente uma afinidade com a posterior cultura florentina (representada, nomeadamente, em Maquiavel) na qual a vida política é encarada com circunspecção).

[233] Ver Garin, Eugenio, "Ritratto di Enea Silvio Piccolomini," in Idem, *La cultura filosofica del Rinascimento italiano: richerche e documenti*, Milano, RCS Libri, 2001, (Tascabili Bompiani; 34) (ed. orig. 1961), pp. 38-59; Idem, "Studi su Leon Battista Alberti," in Idem, *Rinascite e rivoluzioni: movimenti culturali dal XIV al XVIII secolo*, seconda ed., Roma, Laterza, 1975. (Biblioteca di Cultura Moderna; 782), esp. pp. 153 ss; Idem, "Il pensiero di Leon Battista Alberti: caratteri e contrasti," in *Rinascimento*, 2a s., 12 (1972), pp. 3-20 ; e Tafuri, Manfredo, *Ricerca del Rinascimento: principi, città, architetti*, Milano, Einaudi, 1992, p. 35, especialmente cap. 2: "Cives esse non licere. Nicolò V e Leon Battista Alberti" (pp. 33-88). Quer Garin, quer Tafuri estão de acordo no estabelecimento de uma relação de simetria entre o tratado de arquitectura e o *Momus,* na medida em que o papel concedido à razão na primeira obra é completamente esvaziado na segunda; a mesma opinião tem Cassani, Alberto Giorgio, "Libertas, frugalitas, aedificando libido: paradigmi indiziari per Leon Battista Alberti a Roma," Rossi, Sergio; Valeri, Stefano (a c. di), *Le due Rome del Quattrocento: Melozzo, Antoniazzo e la cultura artistica del '400 romano: Convegno Internazionale di Studi, Università di Roma "La Sapienza" — Facoltà di Lettere e Filosofia. Istituto di Storia dell'arte. Roma 21-24 Febbraio 1996: Atti,* Roma, Lithos, 1997, pp. 296-321.

[234] Veja-se o lamento de Teogenio a respeito da violência sofrida pela natureza às mãos do ser humano: "Eransi /p. 94/ fuggiti gli abeti in su e' monti altissimi lungi dal mare: noi li strascinammo non quasi ad altro uso in prima che a marcirlo. Stavansi e' marmi giacendo in terra: noi li collocammo in su le fronti de' templi e sopra a' nostri capi. E tanto ci dispiace ogni naturale libertà di qualunque cosa procreata, che ancora ardimmo soggiogarci a servitù noi istessi." (*Theogenius*, lib. II, in Alberti, Leon Battista, *Opere volgari: volume secondo: rime e trattati morali*, Bari, G. Laterza, 1966, (Scrittori d'Italia; 234), pp. 93, l. 35 - p. 94, l. 6). Pense-se ainda no esquema das três idades da arquitectura que vão da adolescência luxuriosa na Ásia até à "inata frugalidade" romana (*Da arte edificatória*, VI 3, pp. 379 ss).

[235] A obra *Della famiglia* é um exemplo dessa ambiguidade: por um lado, estabelece o valor positivo do agir humano; por outro, retira à vida política a solene dignidade de que se revestia em autores contemporâneos. Ver Grayson, Cecil, "The humanism of Alberti," in *Italian Studies*, 12 (1957), p. 47 ss; para uma apreciação mais geral ver Rabil Jr, Albert, "The significance of 'civic humanism' in the interpretation of the Italian

Portanto, qualquer consideração sobre a questão da cidade no *De re aedificatoria*, deve ter presente este enquadramento decorrente de uma interpretação da sua obra.

4. 1. Recepção da literatura clássica

Para a responder à questão da cidade presente no *De re aedificatoria*, tomaremos por ponto de partida a sua recepção da tradição anterior e, em segundo lugar, passaremos à análise dos pontos essenciais para o entendimento da cidade no tratado.

O *De re aedificatoria* é escrito de acordo com um plano e tendo em vista a constituição disciplinar de um saber, mas é-o também no contexto de uma prática de leitura. A citação abunda em todo o texto e o seu interesse para o presente propósito não é despiciendo. Afinal que graus de autoridade são conferidos a este ou àquele autor, ou melhor, como são lidos e relidos os textos sobre a cidade já acima referidos?

A prática de leitura albertiana, tal como se pode aferir pelas citações — as quais, note-se, não esgotam a amplitude da identificação das fontes e influências do autor —, é bastante variada. Algumas citações são abonatórias ou ilustrativas trazendo à colação um exemplo que, por vezes, nem vai além do anedótico. Pelo contrário, outras citações reconhecem mais ou menos explicitamente uma autoridade. Françoise Choay ao considerar o estatuto dos materiais procedentes da tradição literária e histórica rejeitou a hipótese de que sejam supérfluos.[236] Na verdade, para a autora os relatos de Alberti estão "submetidos inteiramente à soberania enunciativa do autor" ao servirem como meios de justificação e explicação de formas e de regras.[237] O seu uso da literatura estava, aliás, em concordância com o perfil culto, i. e., humanista, que se requeria para o arquitecto.[238] É possível, todavia, mostrar como a obra é um ponto de fuga onde se reúnem vários autores que escreveram *ex professo* sobre a

Renaissance", in Idem, *Renaissance Humanism: Foundations, Forms, and Legacy: I: Humanism in Italy*, Philadelphia, Univ. of Pennsylvania, 1988, pp. 141 ss.

[236] Choay, Françoise, *A regra e o modelo: sobre a teoria da arquitectura e do urbanismo*, trad. Tiago Marques, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007, p. 134 ss.

[237] *Ibidem,* p. 134. Ainda que o seu sentimento seja misto como, em II, 3, a respeito das diligências de Salomão em contratar operários em várias regiões para assegurar a rapidez da obra, e que merecem o elogio de Alberti, em contraposição à grande quantidade de materiais que o mesmo rei empregou que é um testemunho da luxúria asiática (cf. Alberti, *Da arte edificatória*, VI, 3, pp. 379 ss).

[238] "Além disso, gostaria que procedesse como se faz nos estudos das letras. Ninguém julgará que aplicou trabalho suficiente às letras, se não tiver lido e examinado todos os autores, mesmo os não bons, que tenham escrito na disciplina que frequenta" (*ibidem*, IX, 10, p. 617).

cidade, nomeadamente, três autores fundamentais e tutelares: Vitrúvio, Aristóteles e Platão.[239]

Vitrúvio era naturalmente inevitável como figura fundadora da disciplina. Alguns conceitos, as partes da arquitectura ou das oposições público/privado, sagrado/profano são elementos que remontam ao autor latino.[240] Mas, para lá das semelhanças, existem diferenças no pensamento e na concepção da obra que, segundo Françoise Choay, desfavorecem o autor latino, nomeadamente na falta de uma "visão global do desenvolvimento do seu tratado."[241] É verdade que Alberti nega o peso da influência de Vitrúvio no início do livro VI, onde lamenta a falta de testemunhos da Antiguidade e o mau estado do texto de Vitrúvio, o único sobrevivente do naufrágio da história.[242] Mas qual o peso de tais queixas senão o de engrandecer o valor da sua prática, tanto mais que, repetidas vezes, faz questão de apoucar a inspiração que provinha da literatura em favor da observação dos monumentos antigos?[243]

A recepção da política de *Política* de Aristóteles é demonstrativa de como a obra goza em Alberti do estatuto de uma autoridade, independentemente de discordâncias pontuais, como por exemplo, no livro I, acerca da escolha da região, quando recorda como o filósofo grego preferia locais de difícil acesso para fundar cidades, ao passo que para Alberti a escolha do lugar requeria a ponderação de muitos outros elementos (abastecimento, clima, etc.) e não apenas o aspecto defensivo.[244] Porém, o âmbito em que as questões da *Política* foram discutidas com mais minúcia no tratado é o das teorias da divisão da sociedade, quer as da autoria de Hipódamo tal como foram recebidas por Aristóteles, quer as teorias deste:

> "Dizem que Hipódamo dividiu o seu estado em três partes: os artífices, os agricultores e os guerreiros. Aristóteles parece não desaprovar aqueles que seleccionaram do meio da multidão os que eram dignos de ocupar os conselhos, as magistraturas, os tribunais, deixando o resto da

[239] Em termos de menções explícitas Vitrúvio aparece apenas 16 vezes, com menos frequência portanto do que Plínio-o-Velho, Platão, Teofrasto ou Aristóteles (ver Wulfram, *Vitruvianische...*, p. 364).

[240] Sobre as correspondências entre os princípios de Alberti e de Vitrúvio ver Wulfram, *Vitruvianische...*, pp. 124-154; 371 ss; e também Choay, *A regra*, p. 79, nn. 282 s. e p. 128.

[241] Choay, *A regra*, p. 130. Cf. ainda Krüger, Mário Júlio Teixeira, apud Alberti, *Da arte edificatória*, p. 35.

[242] Alberti, *Da arte edificatória*, VI, 1, p. 374.

[243] *E. g.*: "O que até agora expusemos deriva da leitura de Plínio, e principalmente de Vitrúvio. Agora vou referir o que acerca dos pavimentos recolhi, com muito empenho e diligência, da observação dos edifícios da antiguidade; confesso que aprendi muito mais com os edifícios do que com os escritores" (*ibidem*, III, 16, p. 275).

[244] Ver *ibidem*, I, 4, p. 153.

> plebe dividida entre agricultores, artífices, mercadores, mercenários, soldados de cavalaria, de infantaria e a chusma dos marinheiros."[245]

É impossível não ver, aliás, uma concordância de Alberti com o pensamento aristotélico logo a partir do prólogo do tratado. Na verdade, a arquitectura, segundo o humanista, é um dos saberes que "contribuem para que a vida seja vivida de uma forma agradável e feliz."[246] Ora, se a arquitectura tem como fim proporcionar a vida feliz, para Aristóteles, a cidade era, por natureza, destinada a proporcionar — mais do que o quadro inevitável da existência humana, necessariamente tecido de várias relações a partir de um nível elementar —, um determinado padrão de vida que o filósofo designa por **τὸ εὖ ζῆν**.[247] Portanto, o ideal de Alberti está em linha com o pensamento aristotélico.

No entanto, há uma divergência em relação ao pensamento de Aristóteles que tem a sua origem em um importante princípio do tratado: a homologia entre casa e cidade.[248] Efectivamente, para Aristóteles, como acima foi dito, estas duas formas de agregação humana diferenciam-se fundamentalmente.

Outra das grandes afinidades patentes no *Da arte edificatória* é o pensamento de Platão respeitante à cidade. Neste caso, mais do que a *República* a obra de referência são sobretudo as *Leis* — o que é compreensível tendo em conta o que acima ficou dito. As referências variam desde a citação com pertinência para o assunto em questão sem qualquer juízo de valor até à citação como autoridade, sem excluir o desacordo completo. Alguns passos podem ilustrar essa gradação no uso do texto platónico.

No livro IV, o preceito platónico de dispor a cidade com os muros das casas ligados entre si de forma a constituir uma muralha é invocado entre outros que falam de muralhas. No entanto, Alberti não refuta nem aprova esse preceito.[249] Pelo contrário, endossa e confirma o preceito das *Leis* de que cada uma das doze divisões do território tivesse um

[245] *Ibidem*, IV, 1, p. 281.

[246] *Ibidem*, prólogo, p. 135.

[247] Entre os elementos que constituem essa existência citadina ideal encontra-se o número de cidadãos. Com efeito, e a propósito de um episódio mencionado por Apiano, sobre Tigranes que, ao fundar a cidade Tigranocerta, publicara um edicto para que todos os nobres para aí se mudassem sob pena de as suas riquezas serem confiscadas, Alberti conclui: "o mesmo farão espontaneamente os habitantes das regiões limítrofes e dos países estrangeiros, ao pensarem que nesse lugar levam uma vida extremamente saudável e faustosa entre pessoas honestas e de bons costumes (*ibidem*, VII, 1, p. 430).

[248] Ver infra p. 60.

[249] "Platão defendia que não só os bairros, mas também os muros das casas, fossem ligados uns aos outros, e pretendia que essa construção fosse para a cidade como uma muralha" (*ibidem,* IV, 5, p. 304).

templo no meio.[250] Noutro caso, a respeito do preceito talassofóbico das *Leis*, Alberti diverge do filósofo grego e dá indicações sobre a melhor localização costeira e suas vantagens.[251] Em contrapartida, a ideia do enclausuramento de uma sociedade e da sua impermeabilização à influência estrangeira, por forma a preservá-la de qualquer degeneração — defendida na *República* —, merece a desaprovação de Alberti.[252]

No entanto, há um convergência entre ambos os autores no que toca ao posicionamento moral em relação à realidade contemporânea, marcada por um desregramento da ambição e da cobiça:

> "Estou todavia, de acordo com Platão: que é inerente e intrínseco a qualquer cidade estar, em cada momento da sua história, em risco de cativeiro, visto que, por natureza ou pelo carácter dos homens, se chegou a um ponto em que não há maneira de alguém conseguir impor um termo ao desejo de possuir e um limite à ambição, nem no domínio público nem no privado."[253]

A isso poderíamos acrescentar a divisão tripartida da sociedade proposta por Platão e que é a base da divisão do próprio Alberti.

Conclui-se, por conseguinte, que a recepção de Aristóteles, Vitrúvio e Platão constitui, independentemente do grau de fidelidade da leitura, um ponto de partida para as elaborações teóricas sobre a cidade do próprio Alberti.

4. 2. A concepção de cidade

O pensamento sobre a cidade em Alberti configura-se no interior da sua composição sobre o saber e a prática arquitectónica. A arquitectura baseia-se, por sua vez, nas necessidades humanas. Alberti retoma parcialmente a ideia vitruviana de uma evolução antropológica. No entanto, e diferentemente do autor latino, que associara a invenção da cabana à descoberta do fogo e da linguagem, Alberti pressupõe apenas uma evolução das necessidades humanas em relação ao habitar: em um primeiro estádio a habitação tinha por

[250] "Contribuirá fortemente para a beleza do território e da área da cidade, a abundância de edifícios distribuídos e situados nos lugares mais adequados. Platão aprovava um território e uma área divididos em doze circunscrições e em cada uma delas implantava um templo ou um santuário" (*ibidem*, VII, 1, p. 429).

[251] *Ibidem,* IV, 2, p. 289.

[252] *Ibidem*, VII 1, pp. 430 s.

[253] *Ibidem*, IV, 3, p. 296.

objectivo proteger das intempéries; seguidamente os seres humanos procuraram a comodidade; e, por fim, a arte de edificar orientou-se para a satisfação do prazer.[254]

Se, do ponto de vista genético, o princípio fora a casa, do ponto de vista conceptual a casa e a cidade mantêm uma relação de identidade.[255] A analogia, porém, não é de ordem escalar, mas funda-se em princípios abstractos que são as partes da arquitectura, a saber, a região, a área, a compartimentação, a parede, a cobertura, a abertura.[256] O significado destas seis partes para o urbanismo é explicitado por Carlo Giulio Argan. A região representa o "dado" natural, enquanto a área representa a intervenção humana que, com o auxílio da geometria, coloca as potencialidades desse meio natural em relação com as funções da cidade:

> "Passa-se do caráter genérico do ambiente à especificidade formal da cidade através da identificação e da organização racional das funções elementares de subdividir, fechar, cobrir, comunicar."[257]

O pensamento sobre a cidade expande-se, principalmente no livro quarto, dedicado às obras para fins universais. O livro inicia-se com a já referida homologia entre a casa e a cidade. Alberti coloca a hipótese de tomar essa analogia como um fundamento para a sua exposição, i.e., tal como os seres humanos progrediram dos mais simples tugúrios para os edifícios mais nobres, assim também poderia ser essa a ordem: começar pelos edifícios mais simples até aos mais complicados. Não obstante o facto de tal ideia ser imediatamente rejeitada e preterida pela inversa que começa pelos edifícios de maior dignidade (i. e., teatros, termas, templos que são, de facto, edifícios públicos), nas frases elípticas do autor está implícita uma metonímia entre tais edifícios e a cidade.[258] Isso permite deduzir que a cidade

[254] *Ibidem*, IV, 1, p. 279. Cf. todavia, o prefácio que se opõe às opiniões que associaram ao fogo e à água os primórdios da sociedade humana — opinião que Alberti contrasta ao tomar a parede e a cobertura como elementos básicos para a agregação humana (*ibidem*, prólogo, p. 138); e ainda o segundo capítulo do livro I, com um desenvolvimento mais explícito sobre o precurso desde a fixação em um lugar, a distinção de espaços, a descoberta da necessidade do tecto e concomitantemente a descoberta das paredes para assentar o tecto, até à abertura de acessos e janelas (*ibidem*, I, 2, p. 146 s).

[255] *Ibidem,* I, 9, p. 170: "se a cidade é, na opinião dos filósofos, uma casa em ponto grande e, inversamente, a casa é uma cidade em ponto pequeno [...]" (ver também I, 9, V, 1, p. 320; V, 14, p. 352). Sobre a analogia ver Wulfram, *Vitruvianische...*, p. 207, 223 e, sobre a origem dessa analogia em Aristóteles, Cícero e S.to Agostinho, ver p. 144, n. 16.

[256] "Sendo assim, é óbvio que a edificação consta de seis partes, a saber: a região, a área, a compartimentação, a parede, a cobertura, a abertura (Alberti, *Da arte edificatória*, I, 2, p. 147).

[257] Argan, Giulio Carlo, "O tratado 'De re aedificatoria,'" in Idem, *História da arte como história da cidade*, 4ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1989, pp. 116 s.

[258] "Porventura, assim como os homens prosseguiram dia após dia no esforço de conseguir esses edifícios, assim também nós abordaremos a questão começando pelos tugúrios próprios dos indigentes e daí chegaremos a estas construções enormes, que vemos, dos teatros, das termas e dos templos? De facto, é sabido que os povos da terra viveram durante muito tempo sem a protecção das muralhas das cidades. E escrevem os historiadores

constitui o mais alto grau de sofisticação da arquitectura, como o confirma, aliás, o facto de grande parte do tratado e, mais concretamente, o livro IV, ser dedicado à cidade.

A esse respeito a expressão mais eloquente — que soa como uma declaração programática a lembrar o título do conhecido livro de Henri Lefebvre, *O direito à cidade*[259] —, é a que se pode ler no início do capítulo II: "todos têm direito à cidade e a todos os serviços públicos que dela fazem parte."[260] Claro que não se trata de afirmar aqui que Alberti é um precursor da ideia do pensador francês. Na verdade, esses serviços públicos — a saber, o perímetro urbano e as muralhas (caps. 3 e 4), as ruas (cap. 5), as pontes (cap. 6), os esgotos (cap. 7) e, por fim, o porto (cap. 8)— são infra-estruturas que não sofrem condicionamentos de um grupo social específico a que se destinem ou de um determinado tipo de regime, ou para usar as palavras de Charles Burroughs:

> "The technically slanted discussion of urban infrastructure forms a kind of parenthesis in the treatment of the relationship of social structure and urban/architectural form."[261]

Efectivamente, a primeira questão levantada a respeito da cidade é a de que os edifícios se distinguem conforme o grupo social a que se destinam. Tal princípio induz o autor a fazer o elenco das "teorias" antigas sobre a divisão da população (Teseu, Sólon, Rómulo, Hipódamo de Mileto, Aristóteles, Diodoro Sículo, Platão). O seu modo de pensar, porém, diverge das teorias antigas, visto que, no seu tratado, o quadro de referência não é o de tempos lendários, fundacionais de Roma ou de Atenas ou mesmo de especulações teóricas sobre a cidade. Para Alberti os edifícios têm uma finalidade prática que, por sua vez, pressupõe a diversidade humana:

> "Mas, quando à nossa volta observamos a abundância e variedade de edifícios, facilmente entendemos que nem todos se destinam a estes usos, nem foram construídos por causa de uns ou de outros em particular, mas foram feitos, antes de mais, em função da diversidade do ser humano, a fim de dispormos de construções múltiplas e variadas. Se, porém, quisermos, [...], caracterizar adequadamente os géneros e subgéneros de edifícios, todo o nosso método de

que, no tempo em que Dioniso viajou pela Índia, não havia nesses povos cidades cercadas de muralhas; e Tucídides escreve que outrora a Grécia não estava protegida por nenhuma espécie de muralha" (Alberti, *Da arte edificatória*, IV, 1, p. 283).

[259] Lefebvre, Henri, *Le droit à la ville: II: Espace et politique*, Paris, Anthropos, 1972. Curiosamente Lefebvre nunca se refere a Alberti na sua obra fundamental sobre o espaço (*The production of space*, transl. by Donald Nicholson-Smith, Oxford, Blackwell, 1991 (ed. orig. francesa de 1974) — facto tanto mais surpreendente tendo em conta a atenção que Lefebvre dedica a Vitrúvio.

[260] Alberti, *Da arte edificatória*, p. IV, 2, p. 284.

[261] Burroughs, Charles, *From signs to design. Environmental process and reform in early Renaissance Rome*, Cambridge (Mass.) [et al.], MIT Press, 1990, p. 173.

> análise deve tomar fundamento e princípio na consideração rigorosa das diferenças que distinguem entre si os homens, que são a finalidade das construções e a razão da sua diversidade, derivada do uso, a fim de que, a partir dessa base, sejam identificadas com clareza todas as espécies de edifícios e tratadas discriminadamente uma por uma."[262]

De onde se segue que existem edifícios para o conjunto dos cidadãos, edifícios para a elite política ou financeira e edifícios para o povo comum. Ao contrário de Vitrúvio, cuja concepção de cidade não é rigorosamente estruturada de acordo com os edifícios, para Alberti a tipologia de edifícios segundo os grupos sociais ou os critérios de classificação dos cidadãos é uma das traves mestras da sua exposição.[263] Com efeito, se o livro IV se ocupa dos edifícios para uso de todos, o livro V ocupa-se dos edifícios para usos particulares e, depois do livro VI, que introduz o ornamento, os livros VII e VIII têm por assunto, respectivamente, a ornamentação de edifícios públicos sagrados e a ornamentação de edifícios públicos profanos, enquanto o décimo livro, que trata da restauração, contém considerações mais gerais.[264]

Em virtude da importância dos grupos sociais para a tipologia de edifícios a teoria da divisão da sociedade torna-se crucial. Por essa razão, Alberti, partindo da divisão platónica da sociedade em três partes correspondentes às partes da alma — os guardiões que se dedicam à sabedoria e representam a parte racional; os auxiliares que cultivam a coragem e defendem a cidade de inimigos externos e internos e que representam a parte irascível; os lavradores e demais artífices, que são atraídos pelas riquezas e outros desejos, e que representam o elemento concupiscível —,[265] apresenta a sua própria teoria: os notáveis em sabedoria e experiência; os notáveis em prática e experiência de vida, grupos que se distinguem apenas pela idade e pela experiência e que exercem a sua competência nos domínios da religião e das leis; por último, os que se notabilizam na acumulação de riquezas provindas da agricultura ou do comércio.[266]

---

[262] Alberti, *Da arte edificatória*, IV, 1, p. 279 s.

[263] Segundo Françoise Choay a ideia da diversidade humana como fundamento da diversidade de edifícios produz exigências, à partida, ilimitadas, por isso, a solução de Alberti é a utilização de paliativos como as oposições público/privado, sagrado/profano, urbano/rural, trabalho/lazer (cf. *A regra…*, p. 118).

[264] Sobre a distinção universal/particular que não coincide com público/privado leia-se o passo seguinte: "Os edifícios de que falei até aqui pareciam-me ser públicos no mais alto grau, porque estes são frequentados livremente por plebeus e patrícios. Mas há também alguns edifícios públicos que não são acessíveis a não ser aos cidadãos mais importantes e aos que gerem a vida do Estado, como é o caso do comício, da cúria e do senado." (Alberti, *Da arte edificatória*, VIII, 8, p. 560). Sobre o assunto ver Wulfram, *Vitruvianische…*, p. 223.

[265] Cf. Platão, *A República*, III, 414 b – 415 c; e IV 435 b-e, 440 e – 441a.

[266] "Deste critério surge a primeira divisão, que consiste em seleccionarmos de entre a multidão uns poucos,

Só depois desta teorização social Alberti avança para os problemas da fundação da cidade, no livro IV. Desde as terras da Lusitânia, que oferecem várias ceifas no mesmo ano, à montanha junto do mar Cáspio, que produzia sem ser cultivada, a literatura apresenta muitas singularidades, mas, conclui Alberti, trata-se mais de casos ideais do que de ensinamentos aplicáveis à realidade.[267] Mais relevante, no seu entender, seria a auto-suficiência e a independência que a cidade deveria ter:

> "Por isso, os melhores autores da Antiguidade, que sobre esta matéria confiaram à escrita o que receberam de outros e o que eles próprios descobriram, determinaram que se deve situar a cidade de tal maneira que, na medida em que a razão e a condição das coisas humanas o permitam, se abasteça no seu próprio terreno, não necessitando de importar nada do exterior, e de tal modo as suas fronteiras devem estar defendidas que, por um lado, não possa ser invadida facilmente e, por outro lado, consiga mandar o seu exército para uma província alheia quando bem entender, apesar da resistência do inimigo. Todos concordam em que uma cidade assim situada tem todas as possibilidades de não só salvaguardar a liberdade, mas também de se expandir, a si e ao seu domínio."[268]

O modelo que Alberti tinha em mente era obviamente o das cidades-estado italianas, com núcleo urbano e respectivo "campo," com capacidades não só de defenderem a sua liberdade como também de expandirem o seu domínio.[269] Mostra-o, em primeiro lugar, o

dos quais uns se elevem por serem notáveis em sabedoria, conselho e inteligência, outros experimentados na vivência e na prática das coisas, outros famosos pela abundância de bens e opulência das suas fortunas. Quem se oporá a que as principais funções do estado lhes sejam confiadas? Será, portanto, a homens notáveis, de grande prudência, que serão confiados a administração e o governo do estado. Serão estes que, por meio da religião, hão-de regulamentar as coisas do âmbito do sagrado e, por meio da lei, definir a medida da justiça e da equidade, mostrar o modo de viver uma vida honesta e feliz, vigiar pela defesa e aumento, cada vez maior, da autoridade e dignidade dos seus cidadãos; e, quando pressentirem algo de vantajoso, útil, necessário, e eles próprios, acaso cansados pela idade, preferirem ocupar-se em reflectir sobre os projectos, mais do que em executá-los, hão-de confiar a homens com experiência das situações e hábeis na acção, a oportunidade de prosseguirem os bons serviços pela pátria. Por sua vez, estes últimos, assumindo o encargo, desempenharão as suas funções com sentido do dever, internamente com empenho e solicitude, externamente com tenacidade e firmeza: ministrarão a justiça, comandarão o exército e desenvolverão a sua actividade, bem como o dinamismo e a iniciativa dos cidadãos. Finalmente, quando se aperceberem de que, não havendo recursos, é em vão que se esforçam por levar a cabo os empreendimentos, juntem-se a estes, como mais próximos, aqueles que abundam em riquezas adquiridas na exploração da terra ou no comércio. De resto, todos os cidadãos, em força e em número, obedecerão aos que /p. 283/ ocupam os cargos principais, e estarão ao seu dispor, conforme as circunstâncias o exigirem."ALBERTI, *Da arte edificatória*, IV, 1, pp. 282 s. Note-se que os produtores de riqueza ora são tomados por um escol, ora são incluídos como toda a população activa nos domínios da produção de bens e de riqueza. Sobre este aspecto ver BURROUGHS, *From signs…*, p. 172.

[267] "Estas condições são raras e é mais fácil desejá-las do que encontrá-las" (ALBERTI, *Da arte edificatória*, IV, 2, p. 286). Alberti retoma, no livro VII, as considerações sobre a diversidade humana e a sua tradução ao nível urbano. Sem enveredar pela xenofobia professada por Platão e documentada em outras fontes gregas, defende a existência de uma zona específica para forasteiros, assim como preconiza a distinção de áreas na cidade, de acordo com os seus usos. Concretamente, declara a conveniência de dispor os diversos ofícios em função da sua dignidade e salubridade (*ibidem*, VII, 1, p. 431 s)

[268] *Ibidem,* IV, 2, p. 286.

[269] Sem excluir, por outro lado, a influência complementar do preceito aristotélico da *autarcia*.

conceito de *libertas* que, para Alberti, se identifica com a soberania do estado, conforme se depreende da afirmação no prólogo de que um dos préstimos da arquitectura seria a invenção de máquinas de guerra para "defender e engrandecer a pátria, a liberdade, o património e a glória da cidade, e para ampliar e consolidar o seu domínio."[270] Em segundo lugar, mostra-o a definição de *regio,* pela qual se entende a área até onde se estende a influência do estado (e que nada tem a ver com a noção medieval de um território rural envolvente que constitui uma mais-valia quer do ponto de vista paisagístico, quer do ponto de vista do abastecimento).[271] Na verdade, as considerações gerais sobre a cidade são orientadas por um princípio de conformidade com as circunstâncias temporais e as necessidades concretas ou condicionantes técnicas e não com modelos hauridos na literatura.

Efectivamente, diante das várias possibilidades de localização de uma cidade (planície, litoral ou monte), conclui Alberti: "cada uma destas situações tem as suas vantagens e os seus inconvenientes."[272] Noutros casos, a sua opinião leva em conta conhecimentos mais técnicos. Por exemplo, no caso da localização litoral, convoca a sua experiência no tocante a fenómenos geológicos, como as alterações da linha de costa documentadas em várias cidades;[273] ou a respeito da orientação do assentamento urbano junto de cursos de água, recorre às opiniões de marinheiros acerca da orientação dos ventos e à de médicos para averiguar as relações entre tipos de ventos e respectivas influências na saúde humana.[274] Constantemente, ao longo do livro IV, Alberti recusa os idealismos da defesa de uma cidade sem fortificação, mesmo quando autorizados pela literatura antiga.[275]

Outra circunstância que poderia pesar na escolha da localização seria a do destinatário da cidade, ou seja, para povos que vivam em regime de liberdade as planícies seriam mais convenientes; para o tirano, pelo contrário, um monte seria preferível.[276] Alberti insistirá alhures sobre este ponto: destinatários diferentes geram programas diferentes. De onde

[270] Alberti, *Da arte edificatória*, prólogo, p. 139.
[271] Ver Wulfram, *Vitruvianische...*, p. 145, também Argan, "O Tratado...," p. 116.
[272] Alberti, *Da arte edificatória*, IV, 2, p. 287.
[273] *Ibidem,* IV 2, p. 288.
[274] Cf. *ibidem*, IV, 2, p. 291.
[275] O exemplo é o dos Espartanos que se gloriavam de não terem a cidade rodeada de muralhas, porquanto, argumentavam, a maior protecção era constituída pela coragem dos seus cidadãos e pelas leis. Cf. *ibidem,* IV, 3, p. 295. A fonte é Platão (cf. p. 42, n.).
[276] *Ibidem*, V, I, p. 320.

resulta que os diversos tipos de regime (república, realeza, tirania) têm consequências ao nível da arquitectura.[277]

Estas eram as questões fundamentais: a divisão da população, sítio e os equipamentos públicos. No entanto, outros pares operatórios, para usar a terminologia de Choay, precisam a natureza da cidade sob outros aspectos.[278]

O primeiro desses pares operatórios é a oposição universal/singular, nem sempre coincide com a oposição particular/privado. Por outras palavras, existem edifícios para uso de todos (*e. g.* as infra-estruturas) e existem edifícios, que, embora públicos, se destinam a alguns, como é o caso da cúria. Tal não significa, porém, que ao longo do seu tratado os *ciues* sejam os destinatários primeiros da cidade, ou, dito de outro modo, que essa teorização implique um alinhamento do autor, em termos políticos, com a ideologia do humanismo cívico e a sua retórica republicana. Em primeiro lugar, o seu conceito de cidade — aliás, em consonância com os modelos platónico e aristotélico — é bastante mais oligárquico. Acresce que Alberti tanto pode figurar uma ideia de cidade ou de algum aspecto da cidade que se adapte a uma república como a um rei ou um tirano, conforme já se viu.[279]

O segundo par operatório, a oposição sagrado/religioso introduz algumas noções, surpreendentes, talvez, para um leitor moderno. A distinção desses dois componentes de um estado e das incumbências respectivas é feita de forma clara:

> "A República consta do sector do sagrado, no âmbito do qual prestamos culto aos deuses — a ele presidem os pontífices —, do sector do profano, no qual estão contidas a vida em

[277] "Com efeito, tanto os restantes edifícios, todos eles, como a própria cidade, não devem ser os mesmos para aqueles que se chamam tiranos, que para aqueles que detêm o poder e o exercem como uma magistratura que lhes foi concedida. Uma cidade governada por reis estará guarnecida mais que o suficiente quando tem capacidade para se defender de um inimigo vindo do exterior. O tirano, não sendo os seus súbditos mais perigosamente seus inimigos do que os estrangeiros, precisa de guarnecer a cidade de ambos os lados: contra os de fora e contra os seus, e guarnecê-la de tal modo que possa contar com a ajuda de estrangeiros e dos seus contra os seus." (*Da arte edificatória*, V, I, p. 318). Essa correspondência entre tipos de cidade e tipos de governo é menos a expressão dos empenhos políticos do autor do que como uma extensão do pressuposto de que a diversidade de edifícios corresponde à diversidade de seres humanos. A este respeito, Choay (*A regra...*, p. 96) critica a ligação entre urbanismo e política feita por Garin ("La città ideale," in Idem, *Scienza e vita civile nel Rinascimento*, Bari, Laterza, 1982, pp. 33-56) a respeito de Alberti e o alinhamento de Alberti com Salutati, Bruni ou Decembrio.

[278] Choay fala em pares operatórios que mitigam o programa da diversidade de edifícios em função da diversidade social e em operadores pelos quais entende um conjunto de princípios teóricos e práticos que o próprio Alberti designa por *principia, partes* ou *rationes* como, por exemplo, a tríade necessidade, comodidade e prazer (ver *A regra...*, p. 82 e pp. 116 ss). Naturalmente que os pares operatórios, por se situarem na linha do princípio da diversidade de edifícios segundo a diversidade do corpo social, interessam mais do que os princípios que dizem respeito ao âmbito mais vasto da disciplina e não apenas ao da cidade.

[279] Ver, por exemplo, Alberti, *Da arte edificatória*, V, 1. Cf. ainda Borsi, *Leon Battista Alberti...*, p. 13.

> sociedade e o bem dos cidadãos — a este preside, em tempo de paz, o senador e o juiz, em tempo de guerra o comandante dos exércitos e o chefe supremo da armada. A cada um destes são devidos dois géneros de domicílio: um relacionado com o seu cargo, outro onde se possa recolher com a sua família." [280]

De acordo com esse critério, e depois de definir os edifícios apropriados para os que exercem cargos na parte profana da cidade, define os edifícios apropriados para os que exercem cargos na parte sagrada:

> "E o pontífice? A este convêm, acima de tudo, não apenas o templo, mas também os edifícios que se assemelham a acampamentos, porque também o pontífice e aqueles que sob as suas orientações estão comprometidos no seu ministério religioso travam uma guerra violenta e difícil, qual é a da virtude contra o vício."[281]

Esta ideia de que o bispo é um combatente da virtude contra o vício retira-o do contexto eclesiástico e passa a encará-lo à luz da moral estóica albertiana, subordinada à consecução da *uirtus*.[282] Aliás, outros valores, como a justiça e a verdade, surgem associados à religião. A piedade devida aos deuses é uma parte da justiça. A outra parte da justiça, a retributiva, é o fundamento da paz e da tranquilidade sociais. Portanto, a religião, assim emparelhada com a justiça, é considerada no aspecto da sua utilidade social. Essa utilidade social é definida mais precisamente pela atribuição ao pontífice das funções de condução dos homens em direcção à virtude e à verdade, segundo uma matriz de pensamento claramente estóica, em que o caminho para a felicidade passa pela tranquilidade da alma.[283]

As premissas desta reconfiguração do fenómeno religioso podem ser equacionadas com o estatuto teórico a que a obra aspira: da mesma forma que "o *eu* teórico de Alberti, que se dirige a um *tu* universal, decidiu partir de uma *tabula rasa* para descobrir e formular de maneira progressiva as regras da edificação,"[284] também é preciso reconhecer que o império desse *eu teórico* se estende bem para lá das regras da edificação e impõe a sua ordem pessoal a fenómenos como a religião. As consequências dessa reconfiguração são visíveis na sua forma de ver a cidade.

[280] Alberti, *Da arte edificatória*, V, 6, p. 330.
[281] *Ibidem*, p. 331.
[282] A *uirtus* é definida por Garin como "l'agire dell'uomo colto in tutta la sua pienezza di valore etico e politico, laddove fortuna è il limite dell'accadere fisico, impotente, da solo, a vincolare completamente l'azione umana, che quand'è virtuosa, anche se sfortunata, vince sempre riscatandosi nei confini di quella città umana dove il valore infelice è non solo santificato, ma resta fecondo nella sua funzione educatrice" (*L'umanesimo italiano...*, p. 77).
[283] Alberti, *Da arte edificatória*, V, 7, p. 333.
[284] Choay, *A regra...*, p. 131.

Pense-se, antes de mais, no lugar da catedral na cidade. Durante a Idade Média, a catedral corporiza a própria salvação individual e colectiva, como se de uma segunda muralha se tratasse (e de facto, por causa das suas torres, assemelha-se a uma fortificação).[285] Em Alberti, pelo contrário, o templo principal deverá possuir, acima de tudo, a qualidade da beleza para atrair a admiração e uma ordenação urbana que o permita ver.[286]

Outra consequência é o facto de assimilar radicalmente a sua perspectiva da religião a valores cívicos como a liberdade. A prová-lo está o facto de elevar as muralhas ao estatuto de edifícios sagrados da cidade, estatuto que o leva a prescrever o traçado de uma via dedicada à liberdade pública ao longo do pomério, e que nunca poderia ser obstruída.[287]

Um outro tipo de par operatório é o da 'necessidade e do prazer.' De facto, era um princípio fundamental para Alberti, o de que a cidade deveria ser pensada do ponto de vista dos seus 'utentes' e que, além disso, as funções da cidade não se esgotam na utilidade e na necessidade de habitação, mas se prolongam para outras necessidades eminentemente públicas, como o lazer e o embelezamento, que se concretizam nomeadamente nas praças, campos de corrida, jardins, passeios e piscinas.[288] Aliás, segundo o mesmo princípio da amplitude das necessidades humanas para lá da mera habitação, Alberti justifica, contra as mentalidades mais severas de certos prelados, a utilidade pública dos jogos.[289]

A beleza, por seu lado, é também uma parte não menosprezável da cidade e, até mesmo, uma necessidade. Com efeito, no livro sexto, dedicado ao ornamento, a beleza é colocada ao lado das várias instituições que constituem a cidade:

> "De quanta importância os nossos antepassados, homens de muito saber, pensavam ser devida a este aspecto, são prova, entre outras coisas, as leis, o exército, a religião e toda a república, com que, mais do que se poderia crer, se preocuparam a tal ponto que fossem as mais plenas de ornamento, como se pretendessem que parecesse que a sua opinião era que

[285] Cf. Frugoni, Chiara, "Rappresentazioni di città nell'Europa medioevale," in Benevolo, Leonardo [et al.], *Principii e forme della città*, Milano, Scheiwiller, 1993, pp. 92-138.

[286] Alberti, *Da arte edificatória*, V, 6, p. 331 s; e VII, 3, p. 439.

[287] *Ibidem*, VII, 2, p. 433 s. Tal pode entender-se como um resquício do humanismo cívico em Alberti, assim como no reconhecimento, por meio de monumentos, dos que se notabilizaram nos serviços à pátria (cf. *ibidem,* VIII, 2, 513). Em última análise, porém, a ideia terá origem no conceito de *pomerium* antigo, não obstante o seu traçado, no caso de Roma, nem sempre coincidir com o traçado dos muros (cf. Besnier, Maurice, "Pomerium," in *DS,* t. IV, v. 1 pp. 543-547; e Blumenthal, "Pomerium," in *RE*, 22/2, cols 1867-1876,

[288] Alberti, *Da arte edificatória*, IV, 3, p. 293.

[289] *Ibidem*, VIII, 7, p. 543.

> estas instituições, sem as quais a vida humana dificilmente poderia existir, seriam uma actividade insípida e insulsa, se lhes retirássemos o aparato e a pompa dos ornamentos."[290]

Nesse mesmo contexto, a beleza é apresentada como uma barreira contra a destruição causada por mão humana.[291]

Alberti concebe a totalidade do espaço comum em termos das várias necessidades, mas simultaneamente, dedica parte do seu esforço teórico e preceptivo à vertente privada. Recorde-se que, no primeiro livro, declara ser merecedor da maior dedicação, logo a seguir à virtude, o "habitar com qualidade na companhia de uma família saudável".[292] Portanto, o espaço da habitação é, no interior da cidade e na ordem de preocupações de Alberti, aquele que é mais valorizado. Ora, se nem toda a construção privada diz respeito à cidade, visto que existem edifícios urbanos e rurais, também não é menos verdade que (pelo menos para determinado grupo social) a habitação urbana e a habitação rural são dois tempos e dois espaços complementares do habitar.

De facto, o livro V, 14 ss desenvolve longamente o seu ideal de *villa* como espaço de repouso e deleite contraposto à residência urbana, espaço onde se desenrola a vida civil. Se a residência urbana diz respeito à *uita ciuilis* — e pode até incluir uma loja no rés-do-chão para vendas e contacto com clientes[293] —, a casa de campo é um universo mais denso do ponto de vista dos seus elementos, sobretudo os que dizem respeito à vida privada. De facto, é uma unidade de produção auto-sustentável, mas ao mesmo tempo, é uma pequena sociedade, pois diferentes grupos sociais e com diferentes interesses (como servos da gleba e pessoas de condição livre; marido e mulher; mulheres e homens; meninas e donzelas, rapazes etc) aí se cruzam e, consequentemente, devem dispor de espaços próprios.[294] O que opõe uma habitação a outra é o *otium* e o *negotium*. Enquanto a casa da cidade permite a realização dos

[290] *Ibidem*, VI, 2, p. 376.

[291] Cf. texto citado na p. 71 n. No entanto, essa apologia do esplendor da beleza é restringida por um duplo critério respeitante à ornamentação: um critério ético, em primeiro lugar, segundo o qual se deve optar pela discrição para evitar a inveja; e, em seguida, um critério estético que consistia, por um lado, na atenção aos delineamentos e à partição e, sobretudo, à "concordância dos delineamentos" como elementos fundamentais da magnificência (cf. *ibidem*, IX, 1, p. 575 s), e, por outro, na própria definição do ornamento como uma função da concinidade. Sobre o ideal de concinidade ver Espírito Santo, Arnaldo do, "Apresentação do *De re aedificatoria* de Leon Battista Alberti: glória, beleza e concinidade," in Ornellas e Castro, Inês de; Anastácio, Vanda (coord.), *Revisitar os saberes: referências clássicas na cultura portuguesa do renascimento à época moderna*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2010, pp. 173-179.

[292] Alberti, *Da arte edificatória*, I, 6, p. 163.

[293] *Ibidem*, V, 18, p. 370

[294] Cf. *ibidem,* V, 15 e 18.

compromissos cívicos, a casa de campo permite recuperar forças e saúde.[295] Em suma, a amplitude concedida a este tipo de espaço, combinada com a afirmação do alto valor do habitar com a família, contrabalança a importância do espaço público e da cidade propriamente dita.

Chegados a este ponto, coloca-se a seguinte questão: todos estes aspectos derivam ou constituem um ideal ou são, pelo contrário, pensados a partir da realidade? Se é verdade que se trata de uma obra teórica, não é menos verdade que Alberti tem consciência da determinação histórica e da sua concretização na cidade. E nada prova melhor essa consciência da natureza histórica e evolutiva da cidade que o seu espanto perante a febre da construção de torres nas cidades italianas, nos dois séculos que o precederam; ou a admiração pela abundância de igrejas construídas durante a Idade Média; ou o seu distanciamento da renovação urbanística do seu tempo, que transformara cidades de madeira em cidades de mármore e tijolo.[296]

Podemos corroborar ainda esse ancoramento na realidade histórica lembrando o papel que a cidade de Roma tem na génese da obra. Efectivamente, deve-se à sua primeira passagem por Roma, pelos anos de 1431-32, a *Descriptio urbis Romae*, obra que documenta o seu interesse técnico pela arqueologia e arte romanas.[297] Note-se, aliás, que a produção literária de Alberti, até ao final do período florentino (definido pelo regresso de Eugénio IV em 1443 à cidade eterna), é essencialmente moral, como afirma Cecil Grayson:

> "La partenza per Roma segna nella sua carriera quasi la fine della sua maggiore attività di scrittore di cose morali e l'inizio degli interessi prevalentemente artistici e scientifici del rimanente della sua vita.[298]

[295] Cf. *ibidem,* IX, 2, p. 580. Em *Della famiglia*, III, percebe-se que aquilo que Alberti tem em mente é a actividade comercial, pois Leonardo, um dos interlocutores do diálogo, ao fazer o elogio da *villa,* enumera os vários cuidados que inspiram o comprar, o emprestar, o vender, a contabilidade etc. Cf. ALBERTI, Leon Battista, *I libri della famiglia*, introd. e anot. Ruggiero Romano, Alberto Tenente, Torino, Einaudi, 1969 (Nuova universale Einaudi; 102), p. 242, ll. 5 ss.

[296] IDEM, *Da arte edificatória*, VIII, 5, p. 529. Ver também as suas observações sobre ruínas romanas (VI, 1, p. 374). O reparo a propósito das torres não era gratuito. Visava seguramente o estaleiro em que Roma se transformara com os projectos de Nicolau V. Cf. BORSI, Stefano, *Leon Battista Alberti e Roma*, Firenze, Polistampa, 2003 (Biblioteca della Nuova Antologia; 7), p. 107: "Il pericolo que avverte implicitamente è che si diffonda ovunque l'architettura dei novi, degli architetti senza adeguato bagaglio culturale e senze competenza: che Roma faccia scuola anche in questo, in altre parole, esportando un modello assolutamente negativo."

[297] Sobre o valor que o autor atribui à observação dos edifícios, em contraste com o valor dos testemunhos literários, já acima se falou. É importante notar, todavia, o quanto essa aprendizagem documentada com medições na *Descriptio* está ligada à cidade de Roma.

[298] GRAYSON; ARGAN, "Alberti," in *DBI*, vol I, pp. 703-713 ainda que, como o próprio GRAYSON reconhece, isso não assinale uma mudança completa e irreversível nos seus interesses literários, pois é em Roma que

Portanto, a correlação entre a residência romana e a sua produção literária no âmbito da arquitectura e do urbanismo aponta no sentido de que as suas ideias e investigações nessas matérias não podem ser dissociadas dessa cidade em particular, para o melhor e para o pior. Para o pior já que, tal como demonstrou Stefano Borsi, as suas propostas no tratado de arquitectura perfilam uma simétrica oposição ao tom laudatório de Giannozzo Manetti a respeito das obras de Nicolau V e, em simultâneo, um distanciamento da "ortodossa ottica strettamente curiale" que lhe custará a perda do patronato eclesiástico;[299] para o melhor porque, como refere o mesmo autor, há uma continuidade entre o trabalho de levantamento das ruínas na *Descriptio urbis Romae* e a teorização do *De re aedificatoria*.[300]

Em suma, o tratado de Alberti constitui um vasto corpo de reflexão sobre a cidade quer a partir da tradição literária antiga (sobretudo de Platão, Aristóteles e Vitrúvio) quer a partir da sua experiência adquirida ora na observação de ruínas antigas ora na observação das realidades urbanísticas do seu tempo. O tratado concretiza uma orientação no relacionamento com a tradição anterior respeitante à cidade ao mesmo tempo que se constitui como uma via de conhecimento da realidade urbana contemporânea. Contra Henri Lefebvre e a sua opinião de que a cidade como "entidade unificada" e como assunto só surge no séc. XVI, e precisamente na altura em que será *eclipsada* (termo do próprio Lefebvre) pelo estado,[301] pode dizer-se que Alberti representa o mais alto grau de reflexão sobre a cidade nas suas várias dimensões.

5. A cidade: um objecto multiforme

A tradição é, como se acaba de ver, multiforme e indicia a multiformidade do objecto. Mas mesmo de um ponto de vista contemporâneo questiona-se a possibilidade de escrever sobre uma cidade limitando-se a um único ponto de vista. Charles Burroughs, autor de um

escreve, nomeadamente, a sátira *Momus.* Ver também Grayson, "The humanism...," pp. 43 e 52. Não obstante a ressalva, essa evolução de interesses é rejeitada por Eugenio Garin, juntamente com outras tentativas de resolver diacronicamente as contradições da obra de Alberti: "In verità nell'Alberti, anche se in misura diversa, le varie prospettive coesistono nella loro contradditorietà, perché contraddittoria, e piena di follia, è la realtà intera" ("Studi...," p. 153).

[299] Borsi, Stefano, *Leon Battista Alberti e l'antichità romana*, Firenze, Polistampa, 2004 (Biblioteca della Nuova Antologia; 14), p. 213 (para o contraste entre Manetti e Alberti ver pp. 189-213).

[300] *Ibidem*, p. 26.

[301] Lefebvre, *The production of space*, p. 271.

dos mais importantes livros sobre a Roma de 1450, embora insira o seu trabalho na história da arquitectura, invoca como seu modelo o *Ulisses* de Joyce. As razões prendem-se, por um lado, com o carácter errático da narrativa joyceana, capaz de representar a multiplicidade de relações e intersecções de que a cidade se tece; e, por outro, com a variedade de "modos retóricos e discursivos" da obra, na qual lugares, personagens ou temas reaparecem em momentos diferentes.[302]

Que a reflexão sobre a cidade se urde da intersecção de diferentes discursos e problemas é o que demonstra uma obra tão profundamente sugestiva como a de Henri Lefebvre, *La production de l'espace*. Do seu ponto de vista, a cidade não se pode equiparar nem à natureza nem a uma obra de arte. A natureza não produz, cria; e, por isso, nada sabe dos seres que cria.[303] Em contrapartida, perante uma obra de arte é possível pôr a questão 'o que quer dizer?" e construir uma argumentação ou um debate a partir daí. Pelo contrário, a cidade nem comunga da actividade criadora da natureza nem da actividade criadora de um artista. "Será a cidade uma obra ou um produto?" — pergunta Lefebvre e dá como exemplo a cidade de Veneza. Por muito que se possa pressupor uma "linguagem comum" no tecido urbano, o facto é que não há nenhuma intencionalidade subjacente a uma cidade (por muito bela que seja).[304]

A complexidade da 'espacialidade' urbana foi durante muito tempo, segundo Lefebvre, absorvida pela monumentalidade que não só proporcionava a cada membro a matriz da sua identidade, como materializava a vontade de superar a morte e o tempo.[305] A

[302] "To some readers the tapestry of intersecting itineraries — both specific routes and, more generally, life paths — followed around and through fifteenth-century Rome may seem less respectably academic than Joycean in character. Indeed, Ulysses has served in some respects as a model. It is hard, for example, to think of a better evocation of the ceremonial use of a city then James Joyce's account of the funeral of Paddy Dignam (as long as public ceremony is not seen as exhausted in the agendas of the power centers of a society). No author has so tellingly described the multiple intersections, relationships, and encounters that constitute the fabric of urban life" (BURROUGHS, *Froms signs…*, pp. ix-x).

[303] Ou, para usar uma das referências favoritas de LEFEBVRE, o místico alemão Angelus Silesius, a Natureza é como a rosa: não tem porquê (cf. *The production of space*, p. 70).

[304] Cf. *ibidem,* p. 73 ss.

[305] A relação entre beleza e perenidade é algo que Alberti enuncia (com alguma ingenuidade), quando afirma: "Além disso só esta beleza de que estamos a falar presta um grande contributo para a comodidade e também para a perenidade da obra. Quem dirá que não se sente mais cómodo quando se instala entre paredes adornadas do que sem ornamento? Ou, mais ainda, que coisa poderá tornar-se tão reforçada por algum artifício dos homens que esteja assaz protegido contra os estragos que eles provocam? Ora a beleza alcançará dos mais acirrados inimigos que dominem a sua fúria e a deixem ficar intacta; assim posso dizer: nenhuma obra estará tão segura e ilesa da injúria dos homens como pela dignidade e beleza da sua forma" (*Da arte edificatória*, VI, 2, p. 377). E, todavia, quantas cidades não foram destruídas precisamente pelo facto de serem belas e grandiosas?

monumentalidade transcende a passagem do tempo e, sob determinado ponto de vista, é a expressão da vontade do poder, pois, como afirma Lefebvre, "o que é duradouro para além da vontade de durar?" A monumentalização, porém, não se pode reduzir a uma expressão de poder absoluto, como mera propaganda. Ela nasce da sociedade e com esta partilha a sua natureza racional e o seu destino histórico. De um certo ponto de vista a monumentalidade é tão civil quanto a lei: exprime uma ordem social que, quando desaparece, fica em perigo a própria existência material do monumento, sujeito então a forças destrutivas irracionais (irracionais também porque não lhe reconhecem a sua razão de ser).[306]

Depois deste percurso pelas questões que o tema da cidade na literatura coloca resta-nos apresentar o autor escolhido para esta dissertação.

6. Objecto da investigação: a obra e a personalidade de Enea Silvio Piccolomini, Papa Pio II

A posição de Enea Silvio Piccolomini no universo cultural europeu assemelha-se à de Erasmo. É sabido como este último é disputado pela bibliografia nacional de vários países. Piccolomini é também um autor cuja bibliografia se reparte, já desde há um século e meio, entre a Alemanha e a Itália (principalmente), mas também é largamente estudado (por razões que se tornarão óbvias ao longo deste trabalho) na Suíça e na Áustria. Não é de admirar, por conseguinte, que o primeiro grande estudioso de Piccolomini tenha sido um alemão, Georg Voigt — que, além de seu biógrafo, é também um autor de uma das grandes histórias do Renascimento, anterior à de Jacob Burckhardt (também este um admirador do humanista italiano).[307] De facto, a sua influência no campo da historiografia alemã é enorme e começa logo no seu tempo. E é compreensível que assim tenha sido visto que a sua obra, tomada na

[306] A este respeito é preciso complementar o ponto de vista de Lefebvre com a observação, de Anselmi (que toma como ponto de partida precisamente o pensamento daquele): "La monumentalizzazione della città non è infatti esigenza che nasca solo [...] dal mutuare istituzionale dei governi, dalla dimensione assolutistica e perciò ridondante e propagandistica della politica di molti di essi, perchè è insieme effetto di una più compiuta acquisizione del "civile", della funzione positiva che l' "edificare" assolve contro ogni tentazione irrazionale e distruttiva" (Anselmi, Gian Maria, "Città e civiltà in Flavio Biondo," in Idem, *Umanisti, storici e tradutori*, Bologna, Clueb, p. 29).

[307] Voigt, Georg, *Enea Silvio de' Piccolomini, als Papst Pius der Zweite, und sein Zeitalter*, Berlin, Georg Reimer, 1856, (3 vols.).

totalidade, cobre com mais ou menos pormenor quase todo o Império.[308] Um olhar pela sua biografia permite compreender porque se trata de uma figura de fronteira.

Depois da juventude em Itália, instala-se em Basileia e nos anos que se seguem percorre grande parte da Europa Central em missões diversas. Quer tivesse de seu carácter, quer adquirisse nessa deambulação o gosto de conhecer novas realidades, o facto é que se tornou um autor prolífico em termos de saber geográfico.

Já Alexander von Humboldt demonstrara a importância de Piccolomini, no que concerne ao conhecimento do mundo, quando mostrou que a *Asiae Europaeque descriptio* era um dos livros por que Colombo se orientou nas suas explorações.[309] Depois de Humboldt, foram vários os autores que exploraram a obra de Piccolomini em termos de relevância para o conhecimento geográfico. Voigt, por sua vez, dedicara um capítulo da sua biografia a Enea como geógrafo. A perspectiva era a de que, por um lado, o interesse pela geografia era uma vertente da natureza enciclopédica do humanismo, e, por outro, a de que se articulava com a sua historiografia.[310] Alfred W. Berg publica, em 1901, a sua dissertação inaugural, em que estuda a obra de Piccolomini como estado da arte da geografia de Quatrocentos. Tratava-se de identificar o conhecimento que mostrava do mundo e quais as suas fontes.[311]

Mais recentemente é possível encontrar obras em que os aspectos geográficos da sua obra são importantes.[312] Cite-se, como exemplo mais significativo a esse respeito, uma obra

[308] Pense-se na afirmação de Paul JOACHIMSON que coloca a sua obra como um marco na historiografia alemã depois da *Chronographia Augustensium* de Sigmund Meisterlin em 1458: "dann aber kamen die *Historia Australis*, die *Historia Bohemica*, die *Europa*, Werke, die für die Behandlung deutscher geschichtlicher und geographischer Dinge eine ganz neue Bahn wiesen" (*Die humanistische Geschichtschreibung in Deutschland. Die Anfänge. Sigismund Meisterlin*, Bonn, P. Hanstein, 1895, p. 166).

[309] HUMBOLDT, Alexander von, *Cosmos: essai d'une description physique du monde*, trad. de M. H. Faye et de M. Ch. Galuski, quatrième édition [...]. Tome deuxième, Paris, Guérin, 1866-67, p. 307. Mais desenvolvido ainda no seu *Examen critique de la géographie et des progrès de l'astronomie nautique aux quinzième et seizième siècles,* Paris, Gide, 1836-1837, t. II, nota F ("Des livres cités para Christophe Colomb"), p. 349, onde faz referência à biblioteca pessoal de Colombo de que fazia parte a referida obra de Piccolomini (Pio II).

[310] Cf. VOIGT, II, capítulo 10, "Enea Silvio als Geograph und Geschichtschreiber," pp. 302-308.

[311] BERG, Alfred Willi, *Enea Silvio de'Piccolomini (Papst Pius II.) in seiner Bedeutung als Geograph: ein Beitrag zur Geschichte der Erdkunde im Quattrocento*, Halle, Waisenhaus, 1901.

[312] *E.g.* CASELLA, Nicola, "Pio II tra geografia e storia: la «Cosmographia»", in *Archivio della Società Romana di Storia patria*, 95 (1972), pp. 35-112; MONTECALVO, Rolando, "The new landsgeschichte: Aeneas Sylvius Piccolomini on Austria and Bohemia, in VANDERJAGT , Arjo; MARTELS , Zweder von, (edd.), *Pius II. "el più expeditivo Pontifice:" selected studies on Aeneas Silvius Piccolomini, 1405-1464*, Leiden [et al.], Brill, 2003, (Brill's studies in intellectual history; 117), pp. 55-86; cf. ainda o trabalho académico (que não foi possível consultar) de HEIDLMAYER, Johannes, *Reise- und Landschaftsbeschreibungen in den 'Commentarii' des Enea Silvio Piccolomini (Pius II.)*, Hochschulschrift Salzburg, Univ., Diplomarbeit [am Fachbereich Altertumswissenschaften. Bereich Klassische Philologie und Wirkungsgeschichte der Antik], 1992; NUOVO, Isabella, *Esperienze di viaggio e memoria geografica tra Quattro e Cinquecento*, Bari, Laterza, 2003, esp. pp. X-XI

de Arnold Esch, um dos maiores historiadores da Roma do séc. XV e profundo conhecedor da obra de Piccolomini. Esch toma as descrições paisagísticas dos *Commentarii* para as confrontar com fontes contemporâneas respeitantes aos lugares, pessoas e temas referidos por Pio II, ou seja, escreve do ponto de vista de um historiador.[313]

Obviamente que os pressupostos metodológicos que subjazem a essas obras mais recentes se afastam muito das suas congéneres do séc. XIX. No entanto, comprovam a pertinência do tema do conhecimento do território e do espaço na obra de Piccolomini.[314] A questão é exemplarmente resumida por Corrado Vivanti:

> "È senza dubbio una nuova visione del passato quella che avverte l'esigenza di acquisire la conoscenza del territorio, collegando lo spazio geografico alle azioni degli uomini. [...] Per intanto la dimensione spaziale non è solo la scena su cui si svolgono le varie vicende, ma è un elemento a sua volta investito dall'operare umano."[315]

6. 1. A 'questão biográfica'

A relevância da obra de Piccolomini para a constituição do saber geográfico do seu tempo e, em simultâneo, a importância do conhecimento geográfico na sua obra, são, conforme se acaba de ver, aspectos que a investigação reconhece desde há muito. Paradoxalmente, no entanto, multiplicou-se, ao longo do séc. XX, a bibliografia focada no que se pode designar como 'a questão biográfica.'

Na verdade, abundam as biografias (e os pontos de vista em conflito) sobre Piccolomini/Pio II.[316] E em quase todas elas, e exemplarmente presente em Voigt, se emite

e 85-106. O trabalho de Luigi Guerrini, "Umanesimo e geografia in Enea Silvio Piccolomini," in Crescentini, Claudio, Palumbo, Margherita, (a c. di), *Nymphilexis: Enea Silvio Piccolomini, l'umanesimo e la geografia: manoscritti, stampati, monete, medaglie*, Roma, Edizioni dell'associazione culturale Shakespeare and Company 2, 2005, pp. 229-248, concentra-se noutro aspecto, a saber, os códices de geografia antiga que pertenceram e/ou foram anotados por Pio II.

[313] Esch, Arnold, *Landschaften der Frührenaissance: auf Ausflug mit Pius II, München*, C. H. Beck, 2008, cf. p. 13: "Im folgenden sei der Papst auf seinen Ausflügen begleitet, und dazu seien einige Fragen gestellt, wie sem Historiker kommen."

[314] Pense-se no livro de Alfred Biese, *Die Entwickelung des Naturgefühls im Mittelalter und in der Neuzeit*, Leipzig, Veit & Comp., 1888, onde, no capítulo significativamente intitulado "Der Individualismus und das sentimentale Naturgefühl in der Renaissance", p. 155, se lê: "Der Erste, der die Schönheit der (italienischen) Landschaft — der wirklichen, nicht der in der Phantasie geborenen — nicht bloß mit wenigen Zeilen preist, sondern geradezu in ihren wunderbaren Reiz mit innigster Wonne sich versenkt, und nicht bloß sie seinen eigenen wechselnden Stimungen gegenüberstellt, sondern — beschreibt, in ein moderner Menschen, das ist Papst Pius II Piccolomini." — portanto, um Pio II percursor da sensibilidade romântica!

[315] Vivanti, Corrado, "I «Commentarii» di Pio II," in *Studi Storici*, 26, 2 (Apr. - Giun. 1985), p. 446.

[316] Para uma apresentação global da obra de Piccolomini ver sobretudo Worstbrock, Franz Joseph, "Piccolomini, Aeneas Silvius," in *Die Deutsche Literatur des Mittelalters: Verfasserlexikon*, 2. völlig neu

um juízo moralista sobre o autor que, nos anos em que toma parte no Concílio de Basileia, começou por aderir ao partido conciliarista (na polémica acerca da superioridade do Concílio sobre o Papa que preenche a primeira metade do séc. XIV), e que se tornou até secretário de um anti-Papa, Félix V; que deixou este último para entrar ao serviço de Frederico III; que se reconciliou com o Papa Eugénio IV (que atacara durante o Concílio de Basileia); e que se torna bispo e, em 1458, Papa Pio II, depois de uma rápida passagem pelos primeiros graus do estado clerical[317] — uma versatilidade que fazia de Piccolomini, segundo a imagem sugestiva de Denys Hay, "one of those personalities who readily assume the colour and the convictions of a given time and place."[318]

Normalmente o juízo dos biógrafos não visava apenas essa viragem doutrinal que o levara do conciliarismo à defesa acérrima do papado: envolvia também a sua conversão moral. O Enea libertino que cortejava na sua juventude uma mulher casada; que narrava o amor adúltero de Lucrécia e Euríalo em uma novela; que tivera filhos de várias mulheres, e que acabara a sua vida no estado clerical (e na cadeira papal), tinha um currículo suspeito, quando não escandaloso.[319] A multiplicação e o conflito de pontos de vista das biografias replica nesta situação uma característica do próprio autor, pois a questão autobiográfica é fundamental em toda a obra de Piccolomini, inclusive como Papa Pio II. Ou, para o dizer com Arnold Esch, uma característica distintiva de Pio II é o seu estilo de representação e a impostação demonstrativa da sua própria pessoa.[320]

bearbeitete Auflage, Berlin [et al.], Walter de Gruyter, 1978-, vol. 7 (1989), cols. 634-669; e também Garin, Eugenio, "La letteratura degli umanisti," in Cecchi, Emilio; Sapegno, Natalino (edd.), *Storia della Letteratura Italiana*, nuova edizione accresciuta e aggiornata diretta da Natalino Sapegno, Milano, Garzanti, 1988, vol. 2 (Il Quattrocento e l'Ariosto), pp. 179-200. As biografias de Piccolomini são inúmeras. Além da já citada obra de Voigt, devem salientar-se a de Paparelli, Gioacchino, Enea Silvio Piccolomini: Pio II, Bari, Laterza, 1950, (Biblioteca di cultura moderna; 481); e ainda uma breve biografia acompanhada de uma antologia da sua obra: Widmer, Berthe, *Enea Silvio Piccolomini, Papst Pius II. Ausgewählte Texte aus seinen Schriften, herausgegeben, übersetzt und biographisch eingeleitet. Festgabe der Historischen und antiquarischen Gesellschaft zu Basel an die Universität bei Anlass ihres fünfhundertjährigen Bestehens zum Gedächtnis ihres Stifters*, Basel, Benno Schwabe und Co, 1960; e, por último, a indispensável Pastor, Ludwig, *Storia dei papi nel periodo del Rinascimento dall'elezione di Pio 2. alla morte di Sisto 4.*, nuova versione italiana di Mons. Prof. Angelo Mercati, nuova edizione interamente rifatta sull'ultima edizione tedesca, Roma, Desclée & C.i Editori Pontifici, 1925.

[317] E, acrescente-se, que durante o seu pontificado publicou logo no primeiro ano a bula *Execrabilis* contra o apelo para um concílio.

[318] Apud Piccolomini, Enea Silvio, *De Gestis Concilii Basiliensis commentariorum, libri II,* edited and translated by Denys Hay and W. K. Smith, Oxford, Clarendon press, 1967, p. xxvii.

[319] Cf. introdução de Melba Ferreira da Costa a Piccolomini, Enea Silvio, *História de dois amantes*, apresent. de José V. de Pina Martins, introd. e notas de Melba Ferreira da Costa, trad. de Arnaldo Espírito Santo, Castelo Branco, SEMEDO, 2004. Disponível no URL <http://purl.pt/740> consultado em 25-06-2012.

[320] Esch, *Landschaften...*, p. 11: "Kennzeichnend für Pius waren sein bewußter Führungs- und

Entretanto, estava latente nesse debate moral, a que Berthe Widmer veio pôr um termo,[321] um confronto entre catolicismo e protestantismo. Ou seja, a sua obra, pelo facto de ter sido escrita em um momento histórico que prenuncia, em várias das suas linhas, a Reforma (aliás, contemporânea da Reforma se pensarmos no movimento hussita), foi interpretada como testemunho de uma evolução doutrinal e moral contrárias ao devir histórico subsequente.[322]

Houve, de facto uma valoração ambivalente da obra e da figura de Piccolomini a começar, nomeadamente, pelas duas figuras decisivas da história do Renascimento, Georg Voigt e Jacob Burckhardt. O historiador de Basileia, que publicou a sua *Kultur* pouco depois da biografia daquele, escrevia manietado pelo paradoxo de querer valorizar a personalidade de Enea sem se deixar influenciar pelo severo juízo moral emitido por Voigt (a maior autoridade em matéria de biografia piccolominiana e de Renascimento italiano).[323]

Repräsentationsstil, anspruchsvoll und doch ohne Aufwand, und der demonstrative Einsatz der eigenen Person."

[321] O livro de Berthe WIDMER (*Enea Silvio Piccolomini in der sittlichen und politischen Entscheidung*, Basel [et al.], Helbing & Lichtenhahn, 1963) tem, entre outros méritos, o de expor as motivações dos juízos ásperos de VOIGT e as inconsistências de outros biógrafos como Thea BUYKEN e Gioachino PAPARELLI (ver esp. pp. 36-40); G. ZIMOLO, o editor das biografias de Campano e de Platina, sumariava assim o debate: "I giudizi discordi degli storici rimangono imperfetti in quando sono basati sopra un'impostazione prevalentemente morale, mentre la retorica umanistica prospettava una grande varietà e contradittorietà di soluzioni." (IDEM, Le vite di Pio II. di Giovanni Antonio Campano e Bartolomeo Platina, Bologna, Zanichelli, 1964 ("Rerum italicarum scriptores; t. III, p. II), p. VI). Outra breve avaliação de três biógrafos de Piccolomini (VOIGT, PASTOR, ADY) pode ler-se em BALDI, Barbara, "Enea Silvio Piccolomini e il *De Europa*: umanesimo, religione e politica," in *Archivio storico italiano*, 161, 4(2003), pp. 624-29.

[322] Cf. *Commentariorum Aeneae Sylvii Piccolominei Senensis de Concilio Basileae celebrato libri duo, olim quidem scripti, nunc vero primum impressi* [...], [s. l.], [s. d.]. Foi consultado o exemplar da Biblioteca Pública de Évora que não apresenta folha de rosto nem cólofon. O catálogo da Staatsbayerische Bibliothek atribui-lhe a data de 1523. Denys HAY, apud PICCOLOMINI, Enea Silvio, *De Gestis Concilii...*, p. xxxii, conjectura que essa colectânea (com outros textos de interesse para a história dos movimentos proto-protestantes) terá sido publicada por volta de 1524. Nessa edição pode ver-se, pelas anotações marginais, como as críticas protestantes já vêm de longe. Por exemplo, na página 46, lê-se na margem: *Ita non laudas postea o Aenea hoc Concilium, cum ipse factus fuisti Pontifex. Vide uide, sed scis quomodo quid egeris Christo iudice*; e quando Piccolomini elogiava a íntegra fraternidade que se vivia no Concílio, o editor replica na margem: *Et quare non postea impie Pie?* (p. 63).

[323] Todo este aspecto é analisado com perspicácia por Berthe WIDMER, que, a respeito da frase de BURCKHARDT, "Man könnte den Menschen Enea völlig preisgeben"(*Die Kultur...*, 1908, vol. 2, p. 21), comenta: "doch war das eine Konzession an jene, die solches von moralischer Sicht aus tun zu müssen glaubten; er selber konnte sich dazu nicht entschliessen und hat die Möglichkeit einer derartigen Preisgabe praktisch — wenn auch vielleicht nicht bewusst — widerrufen, indem er gerade vom Menschen Enea hauptsächlich redete. Ihn zu übergehen war im Grunde auch wirklich schwierig; denn wenn man über Raffaels Werken den Maler vergessen könnte, so doch nicht hinter Eneas Schriften den Schreiber, der sich in hohem Masse selber darstellt" (*Enea Silvio Piccolomini in der sittlichen und politischen Entscheidung*, Basel [et al.], Helbing & Lichtenhahn, 1963, pp. 1-2).

6. 2. As obras escolhidas e a perspectiva de investigação

Mas o paradoxo enunciado é aparente, como se dizia. Se não faltam biografias, também é verdade que, para além da abundância de literatura sobre a sua influência na geografia, é actualmente muito vasta a literatura sobre a cidade de Pienza, construída pelo autor na sua aldeia natal (Corsignano).[324]

No entanto, esses estudos são sobretudo do âmbito da história da arquitectura ou da história da arte. As análises globais sobre o (muito) que Piccolomini escreveu sobre cidades (inclusivamente sobre a própria cidade de Pienza) têm sido parcelares.[325]

Neste trabalho procurar-se-á situar as cidades da obra de Piccolomini segundo um duplo referencial: a tradição anterior, por um lado; a cultura humanística contemporânea, por outro.[326] A exposição feita anteriormente permitiu precisar o objecto da pesquisa, que é o do espaço urbano considerado na sua indivisibilidade de espaço político e cívico atravessado por conflitos e interesses divergentes, e de espaço material com ou sem relação explícita com a dimensão cívica e política.

A investigação será desenvolvida a partir das seguintes obras:

1. a correspondência editada por Rudolf Wolkan;

2. o *Dialogus de somnio quodam*;

3. os *Commentarii rerum memorabilium sui temporis*.

Esta escolha de obras pressupõe desde logo uma determinação do tema pela configuração genérica. De facto, são três obras diferentes quanto ao género: cartas, um diálogo e uma autobiografia. A essa diferença genérica acresce a particularidade de serem três obras produzidas em diferentes períodos ou diferentes contextos da vida do autor. Com efeito, a primeira dessas obras, o epistolário, é fruto das suas viagens por diversas partes da Europa e corresponde grosso modo aos quase 25 anos iniciais da vida pública de Enea; a

[324] *E.g.*: Pieper, Jan, *Pienza: il progetto di una visione umanistica del mondo*, Stuttgart, London, Axel Menges, 2000 (ed. orig. alemã: 1997); Mack, Charles Randall, *Pienza: the creation of a renaissance city*, Ithaca, Cornell University Press, 1987; Tönnesmann, Andreas, *Pienza: Städtebau und Humanismus*, Aufnahmen von Gerhard Weiss, München, Hirmer, 1990, (Römische Forschungen der Bibliotheca Hertziana; 26).

[325] Cf. Guerrini, Luigi, "Città e società e nelle opere di Enea Silvio Piccolomini avanti il Pontificato," in Giorgianni, Giuseppe (a c. di), *Pio II, la città, le arti: la rifondazione umanistica dell'architettura e del paesaggio*, Siena, Protágon, 2006, pp. 121-136.

[326] Sobre essa necessidade metodológica de ligar os textos humanísticos não apenas verticalmente aos seus antepassados clássicos, mas sobretudo horizontalmente aos textos e correntes culturais do seu tempo cf. Fubini, *Umanesimo e secolarizzazione...*, p. VII-VIII).

segunda obra, produzida em meados da década de 50, pressupõe uma ambiente curial romano; por fim, os *Commentarii* são escritos no período final da sua vida, como Papa e com referência a acontecimentos nos quais o autor-protagonista está envolvido.

Por conseguinte, o desenvolvimento do trabalho seguirá essa articulação: uma primeira parte dedicada às cartas que descrevem cidades; uma segunda parte dedicada ao tema da cidade no *Dialogus;* e, por último, uma parte centrada na análise dos problemas que a(s) cidade(s) colocam nos *Commentarii.* Isso não implica, todavia, uma divisão estanque entre as diversas obras e temas desenvolvidos em cada parte.

Para a correspondência tomar-se-á por base a edição de Rudolf Wolkan que divide o epistolário em três volumes: cartas escritas no tempo de leigo; cartas escritas como clérigo e como bispo de Trieste; cartas escritas como bispo de Siena.[327] Note-se a respeito das edições em incunábulo que a sua profusão e a antiguidade — a mais antiga é a do impressor de Estrasburgo, Adolf Rusch (antes de 1473) — mostram bem a amplitude da recepção dessa parte da obra.[328] O mesmo não se pode dizer do *Dialogus de somnio quodam* que permaneceu inédito até à publicação por Giuseppe Cugnoni, em 1883, em uma colectânea de inéditos de Piccolomini.[329] Só a última das obras seleccionadas, os *Commentarii,* se encontra em situação

[327] Mais precisamente: Abteilung I: Briefe aus der Laienzeit (1431-45); Abteilung II: Briefe als Priester und als Bischof von Triest (1447-50); Abteilung III: Briefe von seiner Erhebung zum Bischof von Siena bis zum Ausgang des Regensburges Reichstages (23 September 1450-1 Juni 1454). Cada um dos volumes subdivide-se, por sua vez, em cartas privadas (*Privatbriefe*) e cartas oficiais (*amtliche Schreiben*). A edição detém-se no ano de 1454 e, por conseguinte, o epistolário do período posterior só pode ser lido em incunábulo e com recurso a manuscritos. A tentativa de edição do epistolário secular de van Heck não melhorou a edição de Wolkan na opinião de WAGENDORFER, Martin, [recensão a] Adrian van Heck (Hg.), *Enee Silvii Piccolominei Epistolarium seculare complectens De duobus amantibus, De naturis equorum, De curialium miseriis*, Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana 2007, in *Sehepunkte*, 9, 7/8 (2009), disponível no URL: <http://www.sehepunkte.de/2009/07/15297.html>, consultado em 24-11-2010.

[328] Para as edições em incunábulo é indispensável a orientação de HÄBLER, Konrad, "Die Drucke der Briefsammlungen des Aeneas Silvius," in *Gutenberg-Jahrbuch*, 14, (1939), pp. 138–52. Não foi possível consultar uma dissertação sobre as cartas do cardinalato: FORNER, Fabio, *Per un'edizione delle lettere di Enea Silvio Piccolomini scritte durante il cardinalato: la raccolta canonica e le lettere estravaganti*, Università degli studi di Messina, dottorato di ricerca in italianistica, letteratura umanistica, tutore e coordinatore: Vincenzo Fera, Messina, 2002, texto policopiado.

[329] CUGNONI, Giuseppe, "Aeneas Silvii Piccolomini Senensis qui postea fuit Pius II. Pont. Max. Opera inedita," in *Atti della Reale Accademia dei Lincei. Memorie della classe di scienze morali, storiche e filologiche*, 3ª s., 8, (1882-1883), pp. 234-299. No entanto, foi consultada a tradução de Alessandro SCAFI feita com base na leitura de um manuscrito e das edições em incunábulo: *Dialogo su un sogno. Dialogus de somnio quodam,* saggio introduttivo, traduzione e note di Alessandro Scafi, Torino, Nino Aragno, 2004. Um fragmento, sob o título *Dialogus de donatione Constantini et Potestate Sanctae Sedis*, foi publicado por MANSI, *Orationes III,* Appendix ad orationes, p. 85. Sobre a tradição desta obra ver HENDERSON, Duane "Zur Entstehung und Überlieferung des sogenannten Dialogus de donatione Constantini des Enea Silvio Piccolomini," in FUCHS, Franz (Hrsg.), *Enea Silvio Piccolomini nördlich der Alpen Akten des interdisziplinären Symposions vom 18. bis 19. November 2005 an der Ludwig-Maximilians-Universität München*, Wiesbaden, Harrassowitz, 2008, pp. 97-120. Infelizmente não

mais favorável no que toca à edição. Com efeito, os *Commentarii* podem ser lidos em três edições críticas modernas:

— *Commentarii rerum memorabilium que temporibus suis contigerunt* ad codicum fidem nunc primum editi ab Adriano Van Heck, Città del Vaticano, Biblioteca apostolica Vaticana, 1984 (Studi e testi; 312-313);

— *I commentarii*, a cura di Luigi Totaro, nuova edizione ampliata, Milano, Adelphi, 2004, 2 vols.:

— *Commentarii* textum recensuerunt atque explicationibus, apparatu critico indiceque nominum ornaverunt Ibolya Bellus et Iván Boronkai, Budapest, Balassi Kiadó, 1993-4, vol. 1: textus; vol. 2: apparatus.[330]

Na impossibilidade de reproduzir o texto desta última edição crítica, optou-se pela edição de Luigi Totaro, que segue o manuscrito Corsiniano 147 da Accademia Nazionale dei Lincei — manuscrito que contém o texto revisto sob supervisão de Pio II, e que representa, portanto, a sua forma definitiva —, sem excluir, todavia, o recurso a outras edições.[331]

Em parte por causa desta diversidade de edições, o leitor será confrontado, ao longo deste trabalho, com critérios de edição muito díspares nomeadamente no que toca à ortografia do latim humanístico de Piccolomini.[332]

---

foi possível usar a edição crítica entretanto publicada por Henderson: Piccolomini, Enea Silvio, *Dialogus*, Hannover, Hahnsche Buchhandlung, 2011 (MGH. Quellen zur Geisteschichte des Mittelalters" 27).

[330] Ver a recensão de Bianca, Concetta, "La terza edizione moderna dei *Commentarii* di Pio II," in *Roma nel Rinascimento*, 11 (1995), pp. 5-16. A essa lista pode acrescentar-se ainda a edição e tradução para inglês, na colecção I Tatti Renaissancea Library, ainda em curso: *Pius II. Commentaries,* edited by Margaret Meserve and Marcello Simonetta, Cambrige, Mass., Harvard University Press, vol.1: books I-II, 2003; vol. 2: books III-IV, 2007 (The I Tatti Renaissance Library; 12, 29).

[331] Para citar Ibolya Bellus e Iván Boronkai, o estado da tradição textual (e a opção seguida pela edição húngara) resume-se nisto: *textus igitur codicis A testimonium est processus scribendi, quo opus effingebatur atque compositum est. Qui autem processus minime terminatus est finito libro XII. Nam una ex parte libri I-XII traditi sunt Ioanni Antonio Campano, qui* [...] *eos emendaret iuberetque pure describi. Textus codicis B est fructus huiusce laboris, qui nonnullis in locis differt ab eo, quem codex A continet* [...]. *Quae res tamen non obstat, quin textum B iure verum ab Auctoreque probatum habeamus, quem — ut diximus — ipse vidit. In edendis itaque Commentariis textum codicis B sequimur* (apud Pio II, *Commentarii,* textum recensuerunt atque explicationibus, apparatu critico indiceque nominum ornaverunt Ibolya Bellus et Iván Boronkai, Budapest, Balassi Kiadó, 1993-4, vol. 1, pp. 5 s). *Resume-se*, pois a tradição deverá ser mais complexa segundo argumenta Concetta Bianca (ver nota anterior).

[332] Na transcrição de textos extraídos de edições quatrocentistas e quinhentistas, procedeu-se ao desdobramento de abreviaturas e escreve-se [ae] em vez de [æ] ou de [e] caudado.

Parte I

Lvstrandi orbem et vagandi cvpidvs: cidades na epistolografia

Capítulo 1

Sobre a epistolografia como género e como obra

A produção epistolar de Piccolomini é vasta tendo em conta não apenas o número de cartas, mas também a variedade de correspondentes e a distribuição espacial quer dos lugares de onde são expedidas quer dos lugares dos respectivos destinatários.

A lista dos destinatários revela um autor com ligações a vários ambientes culturais (além de uma maioria de correspondentes em Itália, Alemanha e Áustria, há correspondentes seus da Polónia, da Hungria, da Inglaterra, de Portugal). Os lugares de onde as cartas são expedidas, por sua vez, revelam ainda a amplitude dos espaços abrangidos pelo seu percurso biográfico (e dos seus conhecimentos geográficos): Siena, Génova, Milão, Basileia, Viena, Wiener-Neustadt, Liubliana (Laibach), Insbruck, Passau, Frankfurt, Nuremberga, Roma — só para citar alguns nomes.

Uma das características da sua correspondência, e que tem relação com essa amplitude de lugares por onde passou, é a descrição de lugares e, o que mais importa para este trabalho, a descrição de cidades. Nas páginas que se seguem, analisam-se as cartas que contêm descrições. O objectivo é identificar os interesses de Piccolomini pela cidade, os eventuais modelos de que se serviu para a descrição e as relações que tais textos mantém com outras partes da obra. Para o fazer é preciso ter em conta as particularidades do género epistolar no séc. XV.

1.1. A epistolografia no séc. XV

A epistolografia como género codificado e praticado não é uma inovação do Renascimento, pois a *ars dictaminis* já tinha grande importância na educação e na prática literária medievais. O que vem pôr em questão, sem a abolir de todo, a teoria medieval da epistolografia, a *ars dictaminis*, é a descoberta das cartas de Cícero: primeiro, o códice das *Epistolae ad Atticum* em 1345, por Petrarca; em 1392 o códice das *Epistolae ad familiares* por Salutati. As *Epistolae ad familiares* tornar-se-ão, aliás, o livro de texto de alguns dos cursos de Guarino. De um documento oficial, a carta passa a uma conversação entre amigos ou familiares.[1] Embora ao longo do Renascimento o género evoluísse para um formalismo principalmente haurido em Cícero, a flexibilidade era, não obstante, a sua característica essencial. Se, como afirma Cecil Clough, até 1450 a imitação de Cícero era a regra, a partir de então, cresceu a procura de cartas de humanistas contemporâneos.[2] Justamente Piccolomini é um dos modelos do género — recomendado até por Erasmo[3] —, o que, conjugado com o conteúdo da sua produção epistolar, explica a profusão de incunábulos do autor.

Note-se ainda, no que concerne às características do género epistolar renascentista, que a carta humanista, sob a aparência de uma emulação estética da prosa clássica, é não raro um instrumento de acção política, diplomática ou cívica.[4] Nesse sentido, não surpreende que

[1] De forma que alguns autores falam em sobreposição da teoria medieval e da nova teoria renascentista: "The result of this dual heritage is that Renaissance manuals of letter-writing often quoted the Classical topos that the letter is the mirror of the soul or cited ancient distinctions between letter and other forms of composition, such as oratory, philosophy, and history, then believed those claims by offering detailed instructions on letter writing as an exercise in rhetoric preparing adolescents for the professions and for public office" (Henderson, Judith Rice, "Humanist letter writing: private conversation or public forum?" in Houdt, Toon van [et al.] (edd.), *Self-presentation and social identification: the rhetoric and pragmatics of letter writing in early modern times*, Leuven, Leuven University Press, 2002. p. 17).

[2] Clough, Cecil H., "The cult of Antiquity: Letters and Letter Collections," in Idem (ed.), *Cultural Aspects of the Italian Renaissance: Essays in Honour of Paul Oskar Kristeller*, Manchester, Manchester University Press; New York, Alfred Zambelli, 1976, p. 38. Segundo Cecil H. Clough, a moda das cartas editadas em livro começou verdadeiramente após 1470. Cf. ainda Henderson, "Humanist letter...," p. 25.

[3] Clough, "The cult of Antiquity...," p. 35.

[4] Cf. Burton, Gideon, "From Ars dictaminis to Ars conscribendi epistolis [sic]. Renaissance letter-writing manuals in the context of humanism," in Poster, Carol; Mitchell, Linda C. (edd.), *Letter-writing manuals and instruction from antiquity to the present : historical and bibliographic studies*, Columbia (SC), University of South Carolina Press, 2007, pp. 88-101. A eloquência considerada nos seus efeitos pragmáticos e, nesse sentido, um saber de muito mais difícil aprendizagem, é algo que o próprio Piccolomini afirma no seu *Libellus dialogorum*

grande parte do epistolário piccolominiano se apresente como um sumário informativo, dir-se-ia jornalístico, sobre a situação, os eventos políticos ou os negócios diplomáticos de uma nação.

1. 2. A epistolografia como *uma* obra

Duas cartas ao cardeal Zbigniew Olesnicki mostram até que ponto Piccolomini prezava o epistolário como parte da sua obra e como tinha um critério sobre a sua organização. Com efeito, na primeira dessas cartas, datada de 16 de Julho de 1450, Piccolomini conta o início da edição do seu epistolário dividido em dois volumes de cartas a que chama 'seculares' e um de cartas designadas 'episcopais'. O critério, além de biográfico, era acompanho de um juízo. As cartas seculares caracterizavam-se pela sua trivialidade, enquanto as 'episcopais' primavam pelo 'nervo', pela moderação e pela sensatez (*plus salis*):

> *Epistolas meas, quibus amicos alloquor, tibi ut ederem sepius flagitasti. volui tuo desiderio morem gerere, commisi librario meo, non ut optarem terso*[5] *opus ut transcriberet. ego interim in Histriam sum profectus. duo sunt epistolarum volumina, alterum secularium, alterum pontificalium. seculares sunt littere, quas ante pontificatum mihi delatum conscripsi; quicquid postea scriptum est, ex pontificio*[6] *nomen habet. cum redii ex Tergesto, comperi alterum volumen absolutum secularium litterarum. hoc correxi dignationique tue mox transmitterem* [...] *nugas quam plures continet, quas dum lego mei me pudet, nec ullo pacto tantas ineptias in lucem darem, nisi tua me cogeret auctoritas, cui negare nihil possum. aliud quod modo scribam nihil habeo. pontificalium litterarum liber, cujus faciam copiam, minus enim stultitie et plus, ut mihi videtur, nervorum habet plusque salis."*[7]

Só os códices das cartas seculares foram enviados ao cardeal polaco em Maio do ano seguinte. Nessa altura Enea não se coibiu de acrescentar mais uma vez o *caveat* relativo à trivialidade e à imaturidade que nelas se revela:

> *Adest mox tabellarius* [...] *[dicit vos] petere volumen epistolarum* [...]. *epistole, ut ante dixi, me abeunte hic transscripte manserunt usque in hanc diem neque petite neque vocate;* [...] *ego illas ad vos mitto non honorandas sed vestro potius acri et gravi judicio corrigendas expoliendasque. nihil ibi vestris moribus vestraque dignitate dignum reperietis, seculares non*

de generalis Concilii authoritate et gestis Basileensium (ver texto citado infra p. 220).

[5] *Terso*: sic WOLKAN em vez de *tersum*.

[6] *Scriptum est, ex pontificio*: em WOLKAN há um ponto e vírgula depois de *est*. *Pontificium* tem aqui o sentido de *pontificatus* ou *dignitas pontificis* (ver DU CANGE, s.v. *Pontificium*); cf. *Commentarii*, I, 33, p. 178: *qui meliores iudicabantur et summo pontificio digniores* (todas as citações são da edição de TOTARO, salvo indicação em contrário).

[7] WOLKAN II/FRA 67, ep. 42, a Zbigniew Olesnicki, Wiener-Neustadt, 16 de Julho de 1450, p.161.

> *pontificales epistole sunt; lusimus juvenes nondum sacramentis ecclesiasticis initiati, sapiunt omnia seculum, que ante pontificatum scripsimus et fortasse nimis mundiales fuimus. nunc tum etas, tum dignitas aliam vitam, alios mores, alia scripta ex me postulant. ideo, que post adeptum episcopatum scripsi, in aliud volumen redigi curo, cujus etiam aliquando poteritis fieri particeps, si vos meas ineptias legere juvat. atque hec de nostris epistolis.*[8]

Podemos concluir deste passo que Enea tenta inculcar nos seus leitores a ideia de que há uma linha de água a separar o seu período secular e o seu período clerical, como se de diferentes *personae* se tratasse. A avaliar pela tendência, comum nos estudos biográficos, de separar um Enea humanista e de viver mundano, de um Enea eclesiástico e convertido, bem se pode dizer que o logrou.[9] No entanto, o epistolário não é homogéneo sob um outro aspecto que não esse critério (auto-)biográfico. Na verdade, existem na sua correspondência cartas-tratado (como por exemplo o *De ortu et auctoritate imperii Romani*); cartas-ficção (*e. g.* das quais a mais célebre é a *História de dois amantes*); relatórios (as cartas escritas à cidade de Siena durante o Concílio de Basileia); cartas a amigos, familiares e conhecidos. Portanto, é preciso ter em mente estes usos diversos da correspondência para uma devida apreciação das descrições de cidades que nelas comparecem.

1. 3. Descrever uma cidade e escrever uma carta

No que diz respeito ao tema deste trabalho importa perguntar porque escreve sobre uma cidade sob a forma de carta? A resposta tem de ser procurada na ficcionalidade própria do género epistolar.

Tal como Antonino Musumeci analisou, o acesso à dimensão ficcional da epistolografia concretiza-se pela enunciação de um remetente; de um destinatário; de uma saudação que "nel suo porsi immediatamente elimina tempo e spazio nell'hinc et nunc della communicazione epistolare" e que inicia a comunicação epistolar; e, por último, de uma saudação.[10]

[8] Wolkan III/FRA 68, ep. 4, a Zbigniew Olesnicki, Viena, 24 de Maio de1451, p. 9.

[9] O facto é notado por Baldi, Barbara, "La corrispondenza di Enea Silvio Piccolomini dal 1431 al 1454. La maturazione di un'esperienza fra politica e cultura," estratto da *Reti Medievali Rivista*, 10 (2009), disponível no URL <http://www.storia.unifi.it/_RM/rivista/saggi/Baldi_09.htm>, consultado em 29-10-2009.

[10] Musumeci, Antonino "L'Epistolario dei Enea Silvio Piccolomini: il discorso sulla letteratura, in Secchi Tarugi, Luisa Rotondi (a c. di), *Pio II e la cultura del suo tempo: atti del I Convegno Internazionale, 1989,* Milano, Guerini e Associati, 1991, p. 377.

O que se segue, sendo embora um percurso pelas descrições de cidades nas cartas, não pode ser entendido sem a devida atenção a estes aspectos da ficcionalidade epistolar.

Com estes pressupostos em mente, passamos agora às cidades que surgem no conjunto epistolar e que motivaram uma descrição por parte do autor.

Capítulo 2

A descrição de Génova

No Outono de 1431, Enea, recém-nomeado secretário do bispo Domenico Capranica, acompanha o seu patrono ao Concílio de Basileia. A viagem fez-se em parte por mar, de Piombino a Génova. A estada em Génova inspirou-lhe a descrição que enviou depois ao seu amigo Andreozio Petrucci.[1]

Embora a carta não esteja completa, pois o manuscrito que a transmite apresenta uma lacuna inicial,[2] o texto apresenta alguma variação de registo comunicativo e de diegese com implicações na respectiva interpretação. A estutura e os tópicos da *laus urbis* presentes no texto podem ver-se no esquema que se segue:

[1] Wolkan I/FRA 61, ep. 6, a Andreozio Petrucci, Milão, 24 de Março de [1432], pp. 7-12.

[2] Embora a autoria ou o facto de se tratar de uma "carta" estejam fora de dúvida por causa da referência que se encontra na missiva seguinte, a Giorgio Andrenzio, de Março de 1432: *Andreocio Petrucio nostro litteras dedo amplissimas, ubi Genuam ejusque cunctos mores pro ingenio comprehendo, quas tibi ostendi nomine meo exorabis* (Wolkan I/FRA 61, ep. 7, p. 12).

Texto	Tópicos	Estrutura
[lacuna do mss.]		[Início da carta]
optarem in presentia mecum esses. urbem enim cerneres (p. 7)	(*situs*, *aedificia*)	descrição de Génova
hec de situ urbis atque edificiis notanda existimavi. Superest hominum ritus moresque referre. (p. 8)	habitantes, *mores*	
Hec erant, mi suavissime Andreocci, que me scribere compellebant, neque enim poteram in tanta rerum admiratione letari, nisi tecum gratarer prius. (pp. 10-11)		Epílogo

O início é um conspecto do sítio pontuado por observações previsíveis, agendadas no programa da *laus urbis*: uma cidade situada sobre uma colina, no sopé de montes abruptos, um porto com uma enseada protegida por um molhe, com a profundidade ideal para o tornar um abrigo seguro para as embarcações (*statio ibidem navibus satis fida*), o aparato das embarcações numerosas e de grande porte, a azáfama do porto com a circulação de barcos de diversas proveniências (*he quidem ab orienti, ille ab occidenti sole, ut aspicias quotidie diversa hominum genera incognitosque et incultos mores*).[3]

Neste conjunto, o porto e a zona envolvente com os seus sumptuosos palácios chamam a atenção de Enea. Além dos palácios junto ao porto, dos quais salienta o uso abundante de mármores e as esculturas na fachada, Enea notou a grandeza do pórtico e a sua variedade de lojas e de mercadorias.[4]

O resto da cidade, que se estende colina acima, é descrito sumariamente: residências nobres (*sedes egregiae*), igrejas (*templa deo immortali dedicata*, no jargão humanista de Piccolomini) e um arruamento estreito. As residências nobres competem em magnificência entre si. As igrejas, porém, no juízo de Piccolomini, ficam entre, por um lado, a falta de dignidade que correspondesse à dimensão da cidade (*quamvis decora non tamen digna tanta*

[3] Wolkan I/FRA 61, ep. 6, p. 7.

[4] *Extant quoque magnifica in ipso portu palatia, qua urbem tangit, marmorea undique celoque minantia, ornamentis columnarum decora nimis, pleraque sculpta figurisve insignita. subtus vero porticus passuum fere mille longitudinis, ubi quevis mercimonia possis emere* (*ibidem*, p. 7).

urbe) e, por outro, a cópia de riqueza (*vero enimvero ditissima sepulturisque nobilium mire decorata*) em que se incluem as relíquias, tão veneradas localmente.

Somente no epílogo da sua *laus* Piccolomini regressa à monumentalidade de Génova, quando exprime uma apreciação relativa ao tamanho dos subúrbios da cidade e ao seu potencial comparado com as principais cidades italianas:

> *sed parum dixi, nam pro merito civitatis hujus omnis laus esset inferior, quod si magnitudinem ejus atque fastigium ejus velis altius examinare, hoc tibi sufficiat argumento, quoniam Veneti noningentos jam annos in multiplicandis opibus edibusque construendis explevere, ii fere totidem, ut ita loquar, ad dissipandas copias ac edificia diruenda. multo tamen nobilior Janua quam Venetia, si qualitatem hominum urbisque decus tueri velimus, sed pecuniarum nolo me judicem facere. unum denique non pretermittam. suburbia videlicet palatiaque civitati adjacentia alteras Venetias Florentiamve construerent, quibus et ipsa Janua cedit.*[5]

Afinal onde estava o *decus urbis* na sua descrição? A menos que se tome a epigramática descrição da arquitectura palaciana como o maior conjunto monumental da cidade capaz de a colocar ao lado de Florença e Veneza...

De facto, a matéria principal da descrição é constituída pelos *mores* dos seus habitantes diferenciados segundo o seu género. A parte masculina da população, além dos laudatórios atributos de porte corporal, ostenta sobretudo as virtudes masculinas da honestidade, da altivez, da coragem, da resistência:

> *sunt itaque viri honesti, corporis longi, quoque aspectu graves, ceterum superbi et videntur et sunt. ingenio plurimum valent, animi magnitudine nullis inferiores gentibus, laborum vigiliarumque atque inedie patientes. incredibile dictu est, que in mari gerant, quibus se periculis opponantur aut quantas fortune superent angustias.*[6]

Dos homens servem como amostra os marinheiros e, em particular, o mestre da embarcação em que seguiam. O elogio é contaminado pela ironia do comentário segundo o qual a resistência e valentia dos Genoveses se baseia afinal na cobiça pelo lucro e pela riqueza (*ceterum lucri divitiarumque dulcedo leviora quevis discrimina reddit*).[7] Em seguida esse interesse pela actividade comercial é caracterizado como tão exclusivo que motiva o desinteresse dos homens por tudo o resto:

[5] *Ibidem,* p. 10.
[6] *Ibidem*, p. 8.
[7] *Ibidem*, p. 8.

> *de operibus mulierum nullus inquirit magisque ipsi imperio mulierum subditi quam ille virorum. scientie parum cupidi grammaticen ad necessitatem student, cetera studiorum genera parvi faciunt.*[8]

Por isso em nenhuma outra matéria se entusiasmam tanto os Genoveses como em uma altercação em acto de compra ou venda. A partir daqui a descrição concentra-se na outra metade da população, as mulheres, e assume um tom satírico. Génova torna-se o paraíso das mulheres. Não que seja uma inversão carnavalesca da sociedade, mas antes a cidade ideal do ponto de vista do desejo expressa na equivalência *paradisus feminarum/paradisus delitiarum.*[9] O carácter subversivo das mulheres de Génova é a *magna libertas*, que lhe é atribuída distintivamente.[10] Sob o pano de fundo da política italiana, essa *libertas* é uma caricatura do conceito fundamental do ideário político florentino bem familiar a Piccolomini.[11] Embotada, sem qualquer relevância política, a *libertas* da população feminina é a liberdade sexual que não põe limites nem à *voluptas* feminina (*ubi mulieribus nichil desit ad voluptatem*) nem à *iocunditas* masculina (*locum amenissimum, quo qui inhabitet, nulla jocunditate careat*), sendo que no desejo masculino enredado nessa *libertas* de costumes, se inclui o autor (*de quibus multo facilius principium quam exitum faciemus*):

> *mira prorsus res est, ut cum omnes aliorum*[12] *uxoribus afficiantur illarumque jungantur amplexibus, de suis nil sentiant impudice. qua propter magna est mulierum in hac civitate libertas, quod, si qui paradisum feminarum Januam nuncupent, minus in errorem incidant, quem interpretari aliter nescio nisi locum amenissimum, quo qui inhabitet, nulla jocunditate careat. cujusvis modi feminis est Janua, equidem paradisus omnium delitiarum, ubi mulieribus*

[8] *Ibidem,* p. 8.

[9] "Es scheint fast so, als habe er sein Wunschbild eines Paradieses der freien Liebe in die Dinge hineinprojiziert" (VOIGT, Klaus, *Italienische Berichte aus dem spätmittelalterlichen Deutschland von Francesco Petrarca zu Andrea de' Franceschi*, Stuttgart, Ernst Klett, 1973 (Kieler Historische Studien; 17), p. 101.

[10] A teoria de que o zelo masculino de enclausurar as mulheres, em vez de as preservar da infidelidade, ainda as precipita mais para o delito, é explicada como uma idiossincrasia italiana na novela *História de dois amantes* (enviada em carta a Marianno Sozzini). Aí o narrador comenta a primeira confissão amorosa de Lucrécia a Eurílalo, depois de sucessivas negações fingidas, nestes termos: "É bem conhecido este defeito entre os italianos: cada qual enclausura a sua mulher como se aferrolhasse um tesouro, a meu ver sem utilidade nenhuma. Pois quase todas as mulheres são assim: desejam mais que tudo aquilo que lhes é negad o. […] A mulher é um animal selvagem e não há freio que a domine." (PICCOLOMINI, *História de dois amantes*, p. 104).

[11] A melhor expressão é a *Laudatio Florentinae urbis* de Bruni, mas há outras, como a carta da cidade ao Concílio de Basileia como recomendação para a candidatura a futura sede do Concílio, em que se pode ler entre os argumentos: *Nostra enim civitas libertatem habet purissimam et securitatem omnimodam* (apud CECCONI, Eugenio, *Studi storici sul Concilio di Firenze, con documenti inediti, o nuovamente dati alla luce sui manoscritti di Firenze et di Roma. Parte prima: antecedenti del concilio; documenti e illustrazioni*, Firenze, tip. all' insegna di S. Antonio, 1869, doc. C, p. CCLXXIV.

[12] A lição de WOLKAN é *aliarum.*

> *nichil desit ad voluptatem. accipe igitur mores istarum, de quibus multo facilius principium quam exitum faciemus.*[13]

As particularizações sobre as mulheres prosseguem com a referência ao seu aspecto externo. Retoma-se, portanto, o plano visual, plano que ficara para trás com a referência inicial ao sítio e edifícios da cidade. Melhor dizendo, retoma-se o plano do olhar e das suas cumplicidades, pois a relação não é a mesma que entre observador e edifícios. Aliás, temos no texto, e neste passo em particular, as marcas de uma relação tão fundamental quanto a relação entre quem descreve e quem é descrito: a relação entre o escritor da carta e o destinatário. Se Piccolomini faz uma comparação entre as mulheres genovesas e as de Siena, em carta a um humanista de Siena, Andreozio Petrucci, e se nessa comparação envolve o destinatário (*nostre tamen magis delicatiores*), é porque a carta contém, entre outros, um código erótico. Deste código fazem parte as apreciações sobre temperamento feminino, beleza corporal ou a moda. Nesse código estará igualmente o gosto satírico pela hipérbole, patente já nas afirmações anteriores assim como no excerto que segue (e. g. *smaragdis sive adamantibus digitos impediunt, quibus universa Persis atque India geritur*):

> *sunt equidem formose, nostre tamen magis delicate, commendantur vero, quia magne sunt et candoris non exigui. utuntur vestibus sumptuosis, argento auroque gravibus ac lapide precioso. /p. 9/ smaragdis sive adamantibus digitos impediunt, quibus universa Persis atque India geritur. ornatus enim causa nulli ignoscunt sumptui. nichil preterea domi gerunt. illis cure non acus neque colus est, namque mancipia queque domus habet abunde, que filandi et coquendi studio incumbunt.*[14]

Termina este passo com a insinuação de que as mulheres não faziam os habituais trabalhos femininos (cozinhar e fiar) deixando-os ao cuidado dos escravos (*mancipium*). Em suma: uma vida que não conhece divisão entre trabalho e ócio, mas apenas ócio e que, por isso mesmo, lhes permite satisfazer os amantes em qualquer dia seja ele festivo ou não (*otiose sane omnes, ab laboribus aliene, neque festos opperiuntur dies, quibus a sollicitudine quiete satisfaciant amatoribus*).[15]

O que se vê por toda a cidade é uma efervescente actividade amorosa: pares que namoram, trocam sinais, falam, segredam... O comportamento é explicado, em seguida, como sendo o fruto de uma precoce aprendizagem amorosa que dispensa mesmo o recurso à

[13] Wolkan I/FRA 61, ep. 6, p. 8.
[14] *Ibidem*, pp. 8-9.
[15] *Ibidem*, p. 9.

autoridade ovidiana: *occipiunt quoque pueri ab ineunte etate diligere. discunt amandi precepta, ne, cum adoleverint, libro illo indigeant, quem de amoris disciplina fecit Ovidius*.[16] Em suma, os ardis femininos aguardam os homens por toda a parte:

> *cerneres etiam propter vestibula, quibus president domine nobilissime, laqueos fieri, quibus decipiantur, si qui nimium conspiciant illarum vultus. ex quo, fit, ut nonnulli cadant, qui pre forma mulierum laquei sunt immemores. inest tamen hec mulieribus urbanitas, ut exterris patefaciant insidias.*[17]

E o próprio Piccolomini quase caiu em uma dessas ciladas não tivesse sido salvo por … outra mulher:

> *ego etiam, cum illo errore peccarem, ne plus semitam quam earum ornamenta tuerer, a generosa admodum domina monitus insidias evasi, quibus extemplo cecidissem, ni certior fuissem redditus.*[18]

Como se verá adiante, a carta pode ser lida como uma primeira experiência literária, resultante dos anos de aprendizagem de Piccolomini, mas pelo que até agora se viu, o aspecto dominante desta *laus urbis* constitui-se em torno da moral conjugal e doméstica. Uma moral conjugal que se caracteriza por um vazio do poder masculino cujos interesses mais sérios parecem estar antes no comércio do que na vigilância da *libertas feminina*. Como corolário dessa desordem conjugal, que fornece um dos traços mais marcantes ao espaço público, também o espaço doméstico é marcado por essa outro aspecto da desordem. Mulheres que não cozinham nem fiam e homens displicentes são exemplarmente figurados na anedota da matrona e do seu genro (*memini audisse, matronam fuisse quandam, nec quidem ex magnatibus, que, cum rogaretur a genero, quidnam prandio providisset, jam illi septennio inaditam fore coquinam responderet*).[19] Assim se vêem desordem doméstica e desordem pública em paralelo.

As diferenças entre o lado masculino e feminino da cidade têm ainda reflexos na economia. Os homens com a sua enorme capacidade de trabalho (*laborum vigiliarumque atque inedie patientes*),[20] displicentes para com os estudos e entusiasmados com a actividade

[16] *Ibidem*, p. 9.
[17] *Ibidem*, p. 9.
[18] *Ibidem*, p. 9.
[19] *Ibidem*, p 9.
[20] *Ibidem*, p. 8.

comercial, produzem. No outro extremo, as mulheres estimulam a actividade de comércio externo... mas pelo lado do consumo desenfreado de adereços luxuosos e exóticos.[21]

Portanto, a Génova de Piccolomini parece ter sido submetida às operações de distorção da sátira. A descrição pode dividir-se em dito e não-dito. Entre os não-ditos mais significativos encontra-se o desaparecimento de uma das mais perceptíveis características da sociedade e da paisagem humana: a abundância e variedade de escravos. Génova é, com efeito, uma das cidades mediterrâneas onde abundam escravos das mais diversas etnias.

Do lado do que é dito encontra-se a imagem de uma vitalidade económica que se permite esbanjar e destruir o património monumental da cidade (e reconstruir-se, como afirma Piccolomini), consegue, não obstante, manter um padrão estético (*decus*) que rivaliza com o veneziano.[22] A comparação entre Veneza e Génova não é arbitrária. Tomar como referência Veneza é tomar a cidade mais emblemática, ou melhor ainda, a cidade mais mitificada como símbolo de concórdia. Pense-se na celebração de Petrarca da cidade como a casa da liberdade, da paz e da justiça, refúgio de cidadãos atormentados por regimes tirânicos. Uma cidade rica em ouro e fama, mas cuja solidez assentava não nos mármores das suas fundações, mas na concórdia civil — imagem moral, aliás, que se fundamenta na imagem física da cidade da lagoa, espaço sólido no meio da ondulação.[23] Em contrapartida, Génova aparece dominada por uma pulsão autodestrutiva cuja raiz está na discórdia civil. Do ponto de vista urbano o resultado de uma história marcada pela disputa da cidade por facções sucessivas é a incapacidade em impor no espaço urbano a sua própria representação. A paisagem urbana onde se notam as já mencionadas *edes egregie* ou as várias igrejas, onde estão sepultados os nobres[24] é o signo visível daquilo que é expresso de outras formas por outros autores literários. O andaluz Pero Tafur, que passou na cidade, três anos mais tarde,

[21] Cf. texto citado na p. 93.

[22] Ver texto citado supra p. 91.

[23] *Augustissima Venetorum urbs, que una hodie libertatis ac pacis et iustitie domus est, unum bonorum refugium, unus portus quem bene vivere cupientium tyrannicis undique ac bellicis tempestatibus quasse rates petant; urbs auri dives sed ditior fame, potens opibus sed virtute potentior, solidis fundata marmoribus sed solidiore etiam fundamento civilis concordie stabilita, salsis cincta fluctibus sed salsioribus tuta consiliis.* (*Seniles*, IV, 9, p.57, ll. 13-20 de acordo com a edição: *Lettres de la vieillesse: tome II: livres IV-VII*, éd. critique d'Elvira Nota, trad. de Frédérique Castelli [et al.] présentation, notices et notes de Ugo Dotti, Paris, Les Belles Lettres, 2003 (Les classiques de l'humanisme). Sobre o mito de Veneza ver, nomeadamente, Gaeta, Franco, "Alcune considerazioni sul mito di Venezia," in *Bibliothèque d'Humanisme et de Renaissance*, 23 (1961), pp. 548-575.

[24] Provavelmente, uma alusão às paróquias de família (*gentilizie*), que eram suportadas desde a edificação da igreja às rendas pela respectiva família. Ver Moresco, Mario, "Le parrochie gentilizie genovesi," in *Rivista Italiana per le scienze giuridiche*, 31, 1-2 (1901), pp. 163-191 .

nota igualmente a arquitectura palaciana, assim como o domínio dos partidos sobre a vida política genovesa.[25]

A comparação entre Génova e Veneza no plano urbanístico, cujo motivo seria óbvio nessa época ou não fossem as duas potências marítimas de então, permite alargar o âmbito de questões subjacentes ao espaço urbano das duas cidades. Na própria organização espacial ou na arquitectura estão inscritas as relações de poder e as suas capacidades em se imporem nesse mesmo espaço. Embora sem referência a Piccolomini, um ensaio de Elisabeth Crouzet-Pavan tomou justamente a mesma comparação e, a partir da historiografia veneziana e genovesa (nomeadamente Giorgio Stella, *Annales Genuenses*) e da forma urbana das duas cidades, explicitou aquilo a que Enea ou Tafur resumidamente aludem:

> "Les écritures historiques de Gênes et de Venise, un temps rapprochées, se séparent à nouveau radicalement. A Venise, gouverner équivaut toujours à être dans la continuité. A Gênes, du fait des mutations politiques, ce lien, précocement établi, entre l'histoire et le pouvoir se défait. L'image génoise se déstructure alors que celle de Vénise, preuve d'un point d'équilibre trouvé entre le pouvoir politique, la communauté urbaine et le systême de représentations, s'impose avec force. […] Ce sont, donc, ces deux histoires différentes de l'inscription d'un pouvoir dans un espace, que l'on peut considérer."[26]

No entanto, não é apenas a cidade que está em jogo, nesta descrição, mas também a representação autobiográfica. E a este respeito não se pode deixar de concordar com a afirmação de uma das biografias de Piccolomini:

> "Aeneas was obviously enjoying his first taste of the great world, and he dwelt joyfully on the thought that a still more magnificent reception was being prepared for his master in Milan."[27]

Portanto, a descrição de Génova é a primeira iniciação no "grande mundo" que se faz por vias diversas. Faz-se, nomeadamente, pela entrada no círculo familiar de altos dignitários, como é o caso do bispo (ou cardeal) de Fermo que Piccolomini acompanha (na expectativa,

[25] Como imagem geral, Tafur escreve: "É bien paresçe [sc. la çibdat] fecha de mano de onbre vençido, que la asentó en una muy áspera montaña sobre la mar, é todas las casas son torres de quatro ó çinco sobrados ó más, é muy angostas las callas, é muy ásperas entradas." (Tafur, Pero, *Andanças é viajes de Pero Tafur por diversas partes del mundo avidos (1435-1439),* [publicado por M. Jimenez de La Espada], Madrid, impr. de M. Ginesta, 1874, p. 12). Sobre os partidos afirma: "é sin non fuese por los grandes vandos que antiguamente ovo é ay entrellos, su señoría se avría estendido más por el mundo" (*ibidem*, p. 13).

[26] Crouzet-Pavan, Elisabeth, *Venise: une invention de la ville: XIIIe-XVe siècle*, Seyssel, Champ Vallon, 1997, pp. 249. A autora, note-se, não deixa de tomar em conta as intervenções públicas na área portuária ou na construção do edifício da Comuna (final do séc. XIII, na área do porto, e novo edifício no séc. XIV), mas reafirma, não obstante, que a marca final é a falta de controlo da autoridade comunal sobre o campo de representação arquitectónico de par com as vicissitudes políticas.

[27] Ady, Cecilia M., *Pius II (Aeneas Silvius Piccolomini), the humanist pope*, London, Methuen, 1913, p. 30.

ainda, de ser recebido posteriormente por uma das mais importantes personagens de Itália, Filippo Maria Visconti, o duque de Milão).

2.1. Génova ou Baden?

Sob o ponto de vista literário, porém, a aprendizagem faz-se por meio de uma relação com outros modelos literários como é o caso de Poggio Bracciolini cuja carta sobre os banhos de Baden, escrita em 1416, serviu de modelo a Piccolomini. De facto, a Génova, como *paradisus feminarum*, é recortada sobre o modelo da cidade termal de Baden com a sua liberalidade de costumes, tal como vem descrita pela a pena do humanista florentino. O *paradisus omnium delitiarum, ubi mulieribus nichil desit ad voluptatem* é, precisamente, uma das características da estância termal como Poggio a vira.

As turbas que acorrem à estância termal suíça, divididas em nobres e plebeus (mas unidos na qualidade de amantes) são, tal como a população genovesa, escolarizadas desde tenra idade nas matérias amorosas:

> *innumerabilis multitudo nobilium pariter et ignobilium CC millibus passuum huc venientium, non tam valitudinis causa quam voluptatis. Omnes amatores, omnes proci, omnes quibus in deliciis vita est posita, huc concurrunt, ut fruantur rebus concupitis, multe corporum simulantur egritudines, cum animo laborent.*[28]

No entanto, o que começa por ser uma generalidade da população acaba por ser uma particularidade feminina: em Baden como em Génova. É a mesma tendência, com efeito, para, de entre a população, singularizar as mulheres pelo desejo voraz e não menor repugnância pelo trabalho em favor do prazer. Em Génova, o trabalho, sobretudo o trabalho doméstico, ficava reservado aos escravos; em Baden as mulheres sem os seus maridos fazem-se acompanhar nas suas idas aos banhos, de escravos, parentes ou de alguma velhinha. Uma doença de corpo simulada encobre-lhes o mal verdadeiro que é de alma: o sofrimento amoroso. Assim se mostram, tal como as mulheres genovesas observadas por Piccolomini, expeditas em enganarem os maridos.[29]

Ao mesmo tempo, a carta de Poggio constitui uma tentativa de retratar uma sociedade diferente, sem as referências morais que lhe são conhecidas, mas que não disfarça

[28] Poggio Bracciolini, Gian Francesco, *Lettere,* a cura di Helene Harth, Firenze, Leo S. Olschki, 1984, t. 1, ep. 46, a Niccolò Niccoli, 18 de Maio de 1416, p. 133, ll. 159-164.

[29] Cf. *ibidem*, p. 133, ll. 164 ss.

inteiramente as incongruências. Em vários passos afirma a ausência de ciúme masculino e a tal ponto que o epílogo da carta é uma exaltação deste regime moral que do cancro do ciúme (*nesciunt id genus morbi*) nem sequer conhece o nome, e que se caracteriza, além disso, pela ausência da cobiça insaciável pelas riquezas.[30] Poggio convoca como termo de comparação para essa sociedade singular a *politia* platónica: também neste caso, julga o humanista, a partilha de tudo era o traço fundamental. Trata-se de uma idealização, obviamente. O próprio Poggio evoca essa comparação apenas para a tolerância masculina em relação às intimidades das suas mulheres (*Videbant viri uxores suas a peregrinis tangi neque commovebantur, non animum advertebant, omnia in meliorem partem accipiunt.* […]. *Plane in* Politiam *Platonis convenissent, ut omnia essent communia*).[31] Na Génova de Piccolomini, em contrapartida, a mesma tolerância não passa disso mesmo: indiferença ou impotência para controlar a volúpia feminina. Seja como for, a imagem da cidade e das suas mulheres é inseparável da impressão que a Baden de Poggio causa em Piccolomini.

No momento de representar uma das principais cidades da Itália de Quatrocentos, o jovem Piccolomini hesita entre uma distância satírica e uma admiração, mais explícita ou mais ambígua: mais explícita, no que concerne aos aspectos urbanísticos e à dimensão da cidade, quando situada na rede de cidades de primeira linha (Florença, Milão, Siena); mais ambígua na sátira misógina, em que o registo enunciativo da carta basta para recordar que se trata de uma comunicação entre dois homens que partilham um mesmo gosto — gosto, que não é apenas literário, mas também erótico. Salvaguardadas as distâncias e o perigo de anacronismo, um paralelismo entre a epistolografia tal como a pratica Piccolomini e o romance de aprendizagem possibilita uma iluminação sobre a relação entre esta carta e os anos de formação em Siena. A cidade de onde Piccolomini acaba de sair e onde fizera os seus estudos jurídicos, Siena, era um centro fechado aos novos horizontes culturais do humanismo — visto como uma corrente cultural aristocrática em oposição ao sentimento popular local.[32] Não obstante, os novos gostos iam penetrando em círculos cultos, e de tal

[30] Cf. *ibidem*, p. 134, ll. 183.

[31] *Ibidem,* p. 131, ll. 106-109. Aliás, a diferença entre *nobiles* e *ignobiles* (p. 133, ll. 159 s) não é abolida.

[32] Cf. Veit, Laeto Maria, *Pensiero e vita religiosa di Enea Silvio Piccolomini prima della sua consacrazione episcopale*. Roma, Libr. ed. dell'Univ. Gregoriana 1964. (Analecta Gregoriana; 139) p. 27: "Questo movimento [sc. l'umanismo] trovò le porte dello «Studio Generale» chiuse e doveva prima svilupparsi al di fuori della università senese. Era inoltre una disciplina senza canoni fissi, senza tradizioni, e Siena viveva ancora troppo fermamente attacata al suo spirito democratico popolare per cedere alla nuova disciplina propugnata

forma que, no caso de Piccolomini, mais do que o direito é a leitura dos clássicos que marca os seus anos de formação. Sabe-se, aliás, que terá produzido algumas poesias durante esses anos, nomeadamente, uma obra cujo título, *Nymphilexis,* — certamente um conjunto de poesias frívolas e sensuais, com alguma obscenidade ao gosto de Juvenal.[33] Uma produção poética do tipo enquadra-se, ainda que com diferenças estilísticas e de modelos literários, no gosto então corrente em meios universitários.[34]

Atendendo a esta aprendizagem, compreende-se, portanto, o gosto patente na descrição de Génova e a inclinação do jovem Enea para a leitura de Poggio.

dall'aristocrazia." Explicação análoga sobre como o humanismo não podia encontrar em Siena condições para o seu florescimento apresenta VOIGT, *Enea Silvio* I, p. 8: "Nach Fürstengunst, Staatsämtern oder Geldgewinn jagend, sonnten sie sich [sc. die Humanisten] im Glanz des päpstlichen oder visconti'schen Hofes oder dienten den reichen Aristokratien zu Florenz und Venedig. Plebeische Regierungen wie die sanesische wandten ihre Geldkräfte lieber auf neue Mittel der Macht als auf Glanz un Verherrlichung derselben."

[33] *Absolvi ergo libellum hunc tuo nomini dedicatum versuum ultro duo milia, quem appellavi Nymphilexim* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 3, a Socino Benzi [Siena, finais de 1431], p. 3). Sobre essa obra ver VOIGT, *Enea Silvio*, I p. 221.

[34] Ver VOIGT, *Enea Silvio*, I p. 10, que nota a coexistência em juristas medievais italianos de uma "trockensten Gelehrsamkeit" ao lado de uma "leichtgeschürzte Dichtung". De facto, encontravam-se, por vezes, na mesma personalidade, as facetas de académico e de poeta amoroso (e. g. Cino da Pistoia).

Capítulo 3

As descrições de Basileia

Nada tivesse escrito Piccolomini sobre a cidade e, não obstante, a sua ligação a Basileia ficaria documentada por dois eventos: o Concílio de Basileia, primeiro, e, posteriormente, a fundação da universidade. Porém, a cidade mereceu-lhe duas longas descrições que, por sua vez, foram enviadas a três destinatários: a primeira a Giuliano Cesarini; a segunda a Philippe de Coetquis, bispo de Tours, e a Francesco Pizzolpasso, arcebispo de Milão.

As duas descrições de Basileia conheceram uma notável fortuna bibliográfica que documenta a ligação de Piccolomini à cidade ao longo dos séculos seguintes — uma ligação que se funda em dados históricos e objectivos, independentes de qualquer desígnio do autor.[1] No entanto, existe nesta ligação um ponto de vista subjectivo, e até autobiográfico, que é preciso ter em conta.

A evocação da cidade de Basileia é a de um lugar-chave na vida do autor por mais do que uma razão. Em nenhuma outra cidade se demorou tanto como na cidade do Reno, onde

[1] Como mostra Terzoli, Maria Antonietta, *Aeneas Silvius Piccolomini und Basel. Enea Silvio Piccolomini e Basilea*, Basel, Schwabe, 2005 (Vorträge der Aeneas-Silvius-Stiftung an der Universität Basel; 42) pp. 35-38, há edições de uma ou de ambas as suas descrições de Basileia, a partir de Christian Wurstisen, no seu *Epitome Historiae Basiliensis*, de 1577 até Bonjour, Edgar, *Basel in einigen alten Stadtbildern und in den beiden berühmten Beschreibungen des Aeneas Sylvius Piccolomini*, herausgegeben zur Erinnerung an die Beschwörung des Bundes zwischen Basel un den Eidgenossen. Mit einer Einführung von Edgard Bonjour, Basel, Holbein Verlag, 1951 (edição comemorativa dos 450 anos da entrada de Basileia na Confederação Helvética). O ponto de vista de um historiador da cidade acerca das duas descrições pode ler-se em Wackernagel, Rudolf, *Geschichte der Stadt Basel*, Basileia, Helbing und Lichtenhahn, 1907-1924, vol. 1, p. 480 ss.

esteve entre a Primavera de 1432 e finais de 1442.[2] Mais do que isso, esses serão anos de aprendizagem: aprendizagem ao serviço de quatro senhores aos quais serve como secretário; aprendizagem nas viagens que enceta a partir da cidade para a sua Itália, para os Países Baixos, para Colónia, para Inglaterra e Escócia; aprendizagem dos meandros da política eclesiástica e europeia.

A identificação da cidade com o seu percurso autobiográfico é mais tarde comprovada pela palinódia de Enea relativa ao período e às convicções que lhe associava. Em carta ao seu amigo Giovanni Campisio, de 30 de Setembro de 1445, referia-se a Basileia como a um lugar de exílio. A sua expressão não deixa dúvidas quanto à importância autobiográfica deste lugar:

> *o utinam nunquam vidissem Basileam! mortuus in patria fuissem, in sinu parentum jacuissem. plus ibi mica panis sapuisset mihi quam que nunc voro fercula ditia. nisi fata mea duxissent me Basileam, fortasse in Romanam curiam me recepissem locumque aliquem honestum reperissem, tecumque et apud alios amicos degissem vitam. multa sunt, propter que Basileam odisse deberem, in qua tam diu tempus inutiliter perdidi. ubi cum essem, imbutus opinione majorum nescivi quomodo me exuerem, nisi etiam in Germania me profundius mer-/p. 543/gerem. itaque possum dicere me mortuum, nec alia vita est mea quam Nasonis, dum in Thomitana terra exularet.*[3]

Esta confissão constitui uma singular afirmação da cidade como elemento constitutivo da sua identidade — e de uma forma irreversível como o demonstra o modo irreal dos verbos usados (*nisi fata mea duxissent … recepissem … reperissem …*). A cidade descreve, pois, um arco na biografia que tem um início ascendente nos anos 30 e que acaba em linha descendente no final dos anos 40.

3.1. A primeira descrição (1433)

A primeira das cartas referidas é endereçada a Giuliano Cesarini, que então presidia ao Concílio. Piccolomini estava em Milão, em finais de 1433 ou princípios de 1434.[4] O

[2] Embora com intermitências desde 1440 para assistir a várias dietas. Sobre a partida de Basileia ver VOIGT, *Enea Silvio*, I pp. 271 s.

[3] WOLKAN I/FRA 61, ep. 185, a Giovanni Campisio [Viena], entre 16 e 30 de Setembro de 1445, pp. 542 s.

[4] O texto citado não será o da edição de WOLKAN, mas antes o de WACKERNAGEL, Rudolf, "Eneae Silvii de Basileia epistola," in *Concilium Basiliense*, 5 (1904), pp. 363-373, bastante melhor do que o primeiro. Há outra edição (sem o prefácio) em HARTMANN, Alfred, *Basilea Latina: Lateinische Texte zur Zeit- und Kulturgeschichte*

prólogo dessa carta é tão importante quanto a descrição que se lhe segue e, aliás, o que nele se afirma é o quadro programático que preside e justifica a própria descrição. Mais ainda: o prólogo é programático para o resto da produção literária do autor.[5] Por conseguinte, convém analisá-lo em primeiro lugar.

Colocado sob o patrocínio de Cesarini, Piccolomini começa por fazer a associação dos mestres da antiguidade (Platão, Aristóteles, Sócrates, Catão, Lélio) aos novos mestres do humanismo (Leonardo Bruni, Ambrogio Traversari, Guarino de Verona) e a estes últimos associa o destinatário da carta como autoridade literária de prestígio a quem consultam os letrados à procura de uma primeira crítica para as suas obras. A pretexto da apresentação como um homem novo na instituição literária e com a escusa de roubar tempo ao cardeal Cesarini, atarefado com o Concílio, Piccolomini escusa-se com a recomendação, adequada para o modo de viver de um político, de alternância entre diversos tipos e âmbitos de actividade humana: entre o *continuo fatigari rebus arduis*[6] e o *otium*; entre a *respublica* e os *gymnasia litterarum*; entre a dedicação aos labores literário, público ou militar e a *quies* (quer esta se procure no campo, ou na floresta a caçar); entre o *studium pertinax* e a *hilaritas*.[7]

O trabalho terá sido escrito durante o seu tempo de lazer em Basileia — lazer que lhe não terá faltado nos primeiros tempos, arredado como estava dos trabalhos da assembleia. Por isso, Piccolomini apresenta a razão de ser desta pequena obra (a primeira que a ser objecto de uma publicação epistolar que ultrapassa o âmbito privado): *nihil, uti ego arbitror, homini potest esse deterius, quam ocio vitam tradere atque ignavie*.[8]

O prosseguimento da justificação introduz temas que serão caros ao autor e, sobretudo, essenciais no seu ideário: a fortuna, o tempo (e temas correlacionados como a sua urgência e a fama alcançada pela actividade literária que o permite vencer), e, acima de tudo, a participação nas actividades humanas, definidas como *magnae res*. Entre essas *magnae res*

der Stadt Basel im 15. und 16. Jahrhundert ausgewählt und erläutert, Basel, Lehrmittelverlag des Erziehungsdepartements, 1931, pp. 37-48.

[5] Sobre a carta afirma Gianni Zippel, "Enea Silvio Piccolomini e il mondo germanico: impegno cristiano e civile dell'umanesimo," in *La cultura,* 19 (1981), p. 270: "È mancato finora il necessario rilievo che allo scritto va pur riconosciuto nella definizione del pensiero storico del Piccolomini, di cui da un lato chiarisce le premesse teoretiche umanistico cristiane, dall'altro mostra il rapporto con la tematica conciliare e con la realtà sociale basileese."

[6] *Conc. Bas. 5*, p. 366, l. 6.

[7] *Excitaturque ocio vigor et omnis tristitia, quae continuatione pertinacis studii congeritur, intermissionis ylaritate discutitur* (*ibidem*, p. 366, ll. 13 ss).

[8] *Ibidem*, p. 366, l. 32.

surge, em uma relação especular (ou *mise-en-abîme*) com a descrição de Basileia, a construção das cidades (e o casamento em ordem à procriação, que, por sua vez, é pensada em função da cidade):

> *Nanque ubi vicinos leto sese continuo mortales credant, negligetur illico magnarum cura rerum, quibus diutini labores longissimaeque vigiliae convenirent, deformaretur brevi genus humanum, cum nec struerentur urbes nec matrimonia fierent nullo curam habente sobolis procreande et replendi liberis civitates, solum sibi victum vestitumque procurantibus, qui tunc vitam agerent.*[9]

Portanto construir cidades e criar descendência são equivalentes em função de um mesmo fim: o de vencer o tempo humano e a sua condição mortal.

Para Gianni Zippel esta *descriptio* é uma primeira produção literária, historiográfica (assumindo uma forma epistolar), que nasce dos princípios do humanismo cristão e do seu empenho cívico, ou seja, decorrente de um programa ético. Esta introdução antecipa ainda a declaração dos objectivos morais da composição da história do Concílio (*De Gestis Basiliensis Concilii*). A missão pedagógica e social de Piccolomini está aí cabalmente explicitada: *ubi vulgo omnia fuissent cognita*.[10] Ao chegar a este ponto não é possível passar ao lado do contraste patente entre a motivação do escritor e a determinação das linhas de leitura do seu destinatário. É como se este prólogo fosse uma tentativa de negociar as disposições de um e de outro, ou o estabelecimento de um contrato de leitura. Do lado de Enea, a revelação do projecto de escrever uma história do Concílio é a sua parte contratual: representa, como já ficou dito, um empenho em um projecto editorial concreto e as linhas que seguirá.[11] Enquanto o humanista *tem de* produzir, *tem de* rentabilizar a margem de tempo que os negócios de secretário lhe deixam; o homem ocupado nos negócios da vida pública *deve* aproveitar a mesma margem de tempo para relaxar o ânimo: o *otium* de quem escreve é diferente do *otium* de quem lê. Assim a leitura da produção humanística de Piccolomini é, para o cardeal Cesarini, um escape, um entretenimento para recarregar energias ou libertar a tensão. Por isso, Piccolomini ao apresentar o seu produto literário põe em relevo as características que mais agradariam ao seu leitor ideal. Trata-se, nas suas palavras, de um trabalho sem pretensões literárias, cujo maior mérito é a *uarietas rerum*:

[9] *Ibidem*, p. 367, ll. 8-14.

[10] *Ibidem*, p. 367, l. 40.

[11] Será certamente isso que Enea tem em mente quando, na descrição, afirma: *at de his dicendum alias existimavi* (*ibidem*, p. 373, 13 s); *multaque fiunt alio loco uberius dicenda* (*ibidem*, p. 371, ll. 16 s).

> *Arbitror itaque, si mea legas scripta, non nihil t[uae] r[everendissimae] d[ominationi] tribuisse respirationis, non elegantia vel suavitate dicendi, quae duo penitus absunt, sed rerum varietate et aliqua remissione curarum t[ua] recreabitur d[ominatio]. Qua propter et oro et obsecro has litteras nonnunquam legere deque his iudicium facere: ita et animus tuus aliquantulum evagabitur et desiderio meo geretur mos, sive probentur scripta seu parvi habeantur, fietque ex dubia certa mens mea.*[12]

Claro que o aval procurado junto de Cesarini é uma das formalidades requeridas pela angariação de patrocínio e simpatia junto de uma personalidade chave no Concílio, como era o legado papal (e, ao mesmo tempo, é também um acto de admiração como se pode confirmar por outras afirmações a seu respeito).[13] Mas, entre as trivialidades de Basileia para distracção do cardeal de Sant'Angelo e uma prometida história do Concílio, o contraste não podia ser maior. Por muito que Basileia interesse a ambos como sede do Concílio, este divertimento literário pode tomar-se como uma celebração da cidade e do "seu" Concílio? Ou a cidade e o Concílio são apenas degraus de uma escada que conduz ao reconhecimento que Piccolomini procura como humanista (i.e. como letrado e candidato a um papel importante em uma chancelaria europeia)?

A ambiguidade não se pode desfazer. Para já pode dizer-se que este prefácio é importante na medida em que define aquilo a que Zippel chama as premissas humanístico-cristãs da sua escrita.[14] Ao mesmo tempo, porém, a descrição não se destina apenas a angariar a simpatia do cardeal, mas também a da cidade, nem que fosse apenas por razões financeiras. Essa é uma diferença essencial em relação à descrição de Génova. Esta última, com efeito, é um texto que só residualmente contém elementos historiográficos e que surge desenquadrado de um programa tão ambicioso. Acresce a isso o facto de, no momento biográfico em que é escrita, não ter outro horizonte de compromisso que não o da amizade (com toda a conotação cultural que a caracteriza) do seu destinatário.

Portanto, como ponto de partida, pode afirmar-se que a carta pretende estabelecer uma relação entre a cidade e o Concílio, até pela afirmação do autor de que esta descrição era o

[12] *Ibidem*, p. 366, ll. 19-26.

[13] Cf. por exemplo o louvor em uma das relações sobre o Concílio endereçada à cidade de Siena: *legatus autem, hominum quos habet etas nostra sapientissimus* (Wolkan I/FRA 61, ep. 10, Basileia, 18 de Dezembro de 1432, p. 17). Cecilia Ady aponta o cardeal Cesarini como uma das três personalidades mais admiradas por Piccolomini a par de S. Bernardino e Carvajal (*Pius II...*, p. 21).

[14] Zippel, "Enea Silvio...," p. 270.

gérmen de uma história do Concílio. Assim sendo o louvor da cidade é também uma exaltação do Concílio, ou como afirma Gianni Zippel:

> "L'assunto della scritura diveniva correlativamente quello di individuare nella storia cittadina di Basilea i segni premonitori della grandezza conciliare, proposito attuato sino dalla prima Descriptio istituendo, ad esaltazione della città svizzera, lusingheri paralleli com le opere delle coeve città italiane."[15]

Eis portanto uma hipótese a comprovar, ou seja, se a visão da cidade aponta para tal "grandeza conciliar" e é congruente com ela.

Uma das características desta carta é, como já se disse, a sua variedade. Em virtude dessa *uarietas* a sua articulação não segue de forma distinta os tópicos próprios de uma *laus urbis* (pelo contráio, é bastante livre do ponto de vista da distribuição dos tópicos tradicionais: por exemplo, elementos relativos aos costumes aparecem na parte relativa aos edifícios). Por conseguinte, a interpretação abaixo exposta não seguirá a *dispositio* do texto, mas antes a das linhas de força que o constituem e que não estão circunscritas às subdivisões apresentadas. Não obstante, considere-se o seguinte esquema do texto:

<table>
<tr><th>Texto</th><th>Tópicos</th><th>Estrutura</th></tr>
<tr><td>Reverendissimo in Christo (p. 365)</td><td></td><td>Cabeçalho e prólogo</td></tr>
<tr><td>Basilea (ut aiunt) crebris terraemotibus</td><td>situs: Basileia, cidade do Reno e da Germânia; moenia, aedificia</td><td rowspan="4">laus urbis</td></tr>
<tr><td>Erat olim Basilea suo episcopo (p. 371, l. 20)</td><td rowspan="2">regimen e mores</td></tr>
<tr><td>amant religionem (p. 372, l. 22)</td></tr>
<tr><td>Sita est autem Basilea in agro feraci (p. 373, l. 19)</td><td>amoenitates</td></tr>
<tr><td colspan="2">Talia mihi de Basilea videbantur referenda (p. 373, l. 25)</td><td>Epílogo e despedida</td></tr>
</table>

A primeira impressão da cidade, justificada por Piccolomini com uma circunstância histórica (o terramoto de 18 de Outubro de 1356),[16] é a de uma cidade recente e construída de uma vez só:

> *Basilea (ut aiunt) crebris terraemotibus anno jam octogesimo funditus decidit, ne centum ex tanta ruina superfuerint aedes, quam rem probat ipsa modo facies urbis quasi uno contextu edita, nova undique, ne domus ulla vestustatem indicet. Nam quae olim a terrae motu superfuere alia postea ruina ceciderunt, ut nichil vetustum, nihil caducum appareat.*[17]

[15] *Ibidem*, p. 275.
[16] Vide WACKERNAGEL, *Geschichte...*, p. 270 ss.
[17] *Conc. Bas.* 5, p. 368, ll. 19-24.

A impressão é possivelmente mais justa para os edifícios civis do que para o património arquitectónico religioso que sobreviveu com alguns danos (sobretudo os campanários que ruíram em muitos casos).[18]

Depois desta primeira impressão, a descrição prossegue para o *situs* da cidade, que é tomado em sentido amplo e compreende a Alsácia, com particular relevo para o Reno que é seguido até ao lugar onde nasce. Provavelmente a descrição é composta a partir de recordações de uma viagem a julgar pelas notas precisas sobre o modo de fazer a viagem a jusante, desde Rheineck a Estrasburgo: navegabilidade do percurso até Schaffhausen; de Schaffhausen até à actual Neuhausen am Rheinfall, a viagem tem de ser feita a pé, dada a velocidade do Reno; a partir de Estrasburgo, a navegação contra a corrente torna-se impossível.[19]

Tal enquadramento não é inconsequente para a visão da cidade. Basileia é apresentada como uma parte do Império que, por sua vez, é a parte maior (e mais importante, pelo facto de ser o Império) da Europa cristã.

Uma característica da produção historiográfica de Piccolomini, que se anuncia neste excurso geográfico, é a nitidez da visualização do espaço, com demarcação precisa de fronteiras: os pontos mais importantes ao longo do Reno; os Alpes que separam a Itália da Alemanha; o ponto exacto onde outrora a Gália se unia com a Germânia.[20]

A esta divagação geográfica segue-se uma apresentação da forma urbana da cidade que se divide em duas partes separadas pelo Reno, sendo a parte situada na margem esquerda do rio (i. e., na parte ocidental) aquela que se caracteriza por ser *splendidior ac magnificentior*.[21]

A casa particular e o seu interior surgem, pela primeira vez, no género da *laus urbis* embora sob uma forma tipo, caracterizada pela comodidade das salas, aquecidas e revestidas a

[18] Ver HARTMANN, Alfred, "Die Stadt Basel zur Zeit der Schlacht," in *Neujahrsblatt*, 122 (1944), p. 12. Tão destrutivo quanto o abalo foi o fogo que se seguiu por vários dias (ver WACKERNAGEL, *Geschichte*..., p. 271.

[19] Uma viagem a jusante terá feito ao acompanhar Nicodemo della Scala, bispo de Frisinga ao Kurfürstentag de Frankfurt no Outono de 1432. Mas sabe-se como era ávido em colher informações de ouvido.

[20] Ainda a respeito da localização geográfica, note-se a influências das determinantes sobre a cidade: o degelo dos Alpes no Verão que aumenta o caudal do rio a ponto de derrubar a ponte; os telhados de Basileia quase aprumados para aguentarem o peso da neve; a maior resistência das vias como resposta à alta pluviosidade da região.

[21] Ver gravura de Matthäus MERIAN, disponível no URL <http://de.wikisource.org/wiki/Topographia_Helvetiae,_Rhaetiae_et_Valesiae_%28Schweiz%29:_Basel>, consultado em 16/09/2012; embora a gravura seja de 1642, não difere muito do aspecto que a cidade tinha no séc. XV.

madeira, onde se fazem refeições ou se repousa, e pelos jardins aos quais acorrem aves para aproveitarem o calor que daí rescende:

> *Civium aedes partibus suis mirifice distinctae, politae adeo ac delicatae, ne Florentinae quidem magis. Candore omnes enitent, pictae plerunque, ortos et fontes et areas singulae domus habent. Thermas quoque siccas, quibus coenare solent commorarique nonnulli et somnos captare, ubi vitreae omnes fenestrae, quarum latera thermarum solumque ac tectum abiete velantur. Quo in loco plurimae modulantur aves, calore illo ex hyeme servatae magnisque frigoribus, quas audire garrientes et dulce sit et decorum.*[22]

A casa basiliense surge como um lugar harmonioso e aconchegado tanto para humanos como para as aves, realizando assim um equilíbrio feliz entre a cultura e a natureza: uma imagem que, em boa verdade, não esconde a sua propensão idealizadora.

Essa leitura do interior das casas é complementada com a interpretação da paisagem urbana que se concretiza em sinais identitários dos grupos sociais. A constituição da identidade de um grupo social é perceptível, de acordo com Gudrun Gleba, por um "repertório de sinais," tão diversos em termos dos meios como os edifícios, as festividades ou cerimoniais.[23] A cidade é, por natureza, um ambiente rico nesse tipo de sinais. O *status* e o poder possuem, portanto, uma legibilidade no tecido urbano: como são apresentados ou interpretados no texto de Piccolomini?

O primeiro sinal notado por Piccolomini refere-se às mulheres que assistiam às cerimónias religiosas, em cadeiras construídas como pequenas células. Essas cadeiras ostentam a marca da sua *dignitas* no tamanho respectivo (assim como, eventualmente, no privilégio de disporem no seu interior de uma criada):

> *Ipsa templorum corpora cellulas habent ligno intextas undique, quibus ad orandum singulae cum ancillis sese foeminae claudunt. Eas sibi quaelibet pro honore dignitateque sua constituit, ut altiores nobilium quam popularium sint.*[24]

Outros sinais preenchem o espaço público e são percebidos segundo um enfoque que vai da escala dos edifícios aos próprios corpos dos habitantes. No primeiro plano, o dos edifícios, Piccolomini nota como, além das relíquias de santos, do ouro, da prata e das pedras preciosas, as igrejas da cidade ostentam suspensas nas paredes as armas das famílias nobres e

[22] *Conc. Bas.*, 5, p. 370, ll. 6-13.

[23] GLEBA, Gudrun, "Sehen, hören, Schmecken: Identificationsangebote am Beispiel norddeutscher Städte," in CHITTOLINI, Giorgio; JOHANEK, Peter, *Aspetti e componenti dell'identità urbana in Italia e in Germania (secoli XIV – XVI). Aspekte und Komponenten der städtische Identität in Italien und Deutschland (15-16 Jahrundert)*, Bologna, Società Editrice il Mulino; Berlin, Duncker & Humboldt, 1989, p. 136 ss.

[24] *Conc. Bas.*, 5, p. 369, ll. 21 ss.

dos mais ilustres: *scuta etiam clarissimorum virorum affixa parietibus pendent, quae nisi magnates non decet apponere*.[25] As próprias casas apresentam indícios da nobreza nas respectivas entradas (*vestibula domorum nobilitatem indicant*).[26] E entre os edifícios da nobreza Piccolomini descreve aquilo que designa como palácios para banquetes e festas:

> *Loca insuper ab nobilibus constituta sunt, aestati altera convenientia, altera hyemi, quibus esse ex simbolis consueverunt. Alibi palatium amplum moliti sunt, ubi choreas frequenter exercent invitantque formosissimas civitatis, quae vestibus quoad possunt lapillis argento auroque veniunt ornatae, quasi ad nuptias celeberrimas videantur accessisse. Quarum vestiendi consuetudo pomposa est et pulchra, nisi nobis peregrina nimis* /p. 373/ *videretur. Eo in loco nulli phas est plebeorum incedere tripudio, ni magistratu polleat vel dignitate praeclara seu ditissimus habeatur, cui aditus minime negaretur.*[27]

Na verdade, os palácios referidos são as *Trinkstube*, termo que designa o espaço de convívios, festas ou banquetes dos nobres ou das corporações (*Zünfte*). No caso destas, a *Trinkstube* era por onde passava toda a vida social dos seus membros (e acontecimentos particulares como o casamento ou o baptismo de um filho) e o acesso a esse espaço pressupunha um direito (*Stuberecht*) distinto do direito a pertencer à corporação (*Zunftrecht*). No texto, é obvio que se trata de um espaço reservado à nobreza. Provavelmente, tratar-se-ia da chamada *Stube in der Mücke*, casa associada ao patriciado da cidade, e onde mais tarde o próprio Piccolomini desempenhou as funções de mestre de cerimónias no conclave que elegeu o anti-Papa Félix V.[28]

Outro edifício que terá atraído a atenção de Enea, embora apareça nomeado apenas como lugar, seria o *Rathaus* que funcionava como sede do tribunal (*habent in civitate locum, ubi examinandis consiliis iurique dicendo congregantur, quae simulac perfecta sunt, cuncti proprias domos revisunt*).[29]

---

[25] *Ibidem*, 5, p. 369, l. 35 s.

[26] *Ibidem*, p. 370, l. 16.

[27] *Ibidem*, 5, p. 372, l. 34 - p. 373, l. 3. Sobre a *Stube* ver WACKERNAGEL, *Geschichte...*, vol. II pp. 397 ss.

[28] Segundo HARTMANN, que a refere como uma das três mais altas de Basileia (as outras duas seriam a *Stube zum Süfzen* e a *Stube zum Brunnen*): ver "Die Stadt Basel...," p. 15; ver também ALTBASEL.CH; REBMANN, Roger Jean, "Das Haus zur Mücke am Schlüsselberg," Basileia, <http://www.altbasel.ch/haushof/muecke.html> acedido em 19-03-2010. Sobre o conclave que aí se realizou ver VOIGT, *Enea Silvio,* I, p. 173 ss. Cf. infra p. 165.

[29] *Conc. Bas.*, 5, p. 372, l. 4 ss. Ver KISCH, Guido, *Enea Silvio Piccolomini und die Jurisprudenz*, Basel, Helbing und Lichtenhahn, 1967, p. 29: "Vermutlich hat Enea Sitzungen des Basler Rates in seiner Eigenschaft als Gerischtsberhörde beigewohnt." Sobre o Conselho nas suas atribuições de tribunal, desde o séc. XIII, ver WACKERNAGEL, *Geschichte...*, vol. II, p. 313.

No plano dos corpos são sobretudo as cores e as texturas, a compostura que lhe prendem a atenção: a cor púrpura dos soldados opõe-se à cor negra dos mais poderosos e abastados; o vestuário esfarrapado e o linho grosseiro que cobre os corpos do povo, em geral, descomposto; os pés descalços das crianças: o calçado preto e branco das mulheres; enfim, o vestido único que cada mulher usa e que se faz notar por tanto pudor que não se distingue uma prostituta de uma monja.[30]

3.1.1. Uma organização racional do espaço urbano

É visível ao longo da descrição um esforço em ordem a racionalizar o espaço urbano que se estende a vários aspectos. As ruas, por exemplo, não são nem demasiado estreitas, nem demasiado largas e permitem o cruzamento de veículos. O pavimento, por sua vez, não se deteriora apesar do tráfico contínuo de carroças de rodados férreos e da pluviosidade frequente.[31] As praças, além de serem o espaço das mais importantes actividades sociais, nomeadamente, o espaço de reunião de cidadãos, de compras e de trocas, são também o lugar que se assinala por um equipamento urbano que traz ao interior da cidade a Natureza representada na água abundante e de excelente qualidade para o paladar e para a vista:

> *Plateas etiam habet non contemnendas, ubi cives conveniunt, supellex emitur et alia mercium multa genera fiuntque permutationes et contractus reliqui. Fontes ibi splendidi aquis nitidis dulcibusque effusis. Praeter eos quamplurimi in vicis omnibus. Nec Viterbium Etrusca civitas tantis aquarum fistulis irrigatur. Eum nempe, qui Basileae fontes dinumerare velit, domorum quoque numerum colligere opportebit.*[32]

Sob uma outra forma, a racionalização parte da cidade para as camadas de história que nela se ocultam. É o caso da menção do terramoto que dá à cidade a sua marca de cidade feita de uma só vez; ou ainda a presença, nos reparos do fosso exterior, de antigas pedras de túmulos judaicos, como se atesta pelas inscrições neles visíveis, resto de uma outrora numerosa comunidade judaica.[33]

---

[30] Cf. *Conc. Bas.*, 5, p. 373, ll. 5-13.

[31] *Nec teruntur plaustris continuo transeuntibus radiis rotarum ferreis, ut stratarum spectio semper delicata sit huc tendentibus atque illuc. Nec pluviae (quamvis in hac urbe creberrimae sint) nimis officiunt.* (*ibidem*, p. 370, l. 20 ss)

[32] *Ibidem*, ll. 26-8.

[33] *Quod est argumento /p. 371/ in hac quondam urbe* [...]*, plurimos fuisse Judaeorum, quibus demum exactis tumulorum saxa illi officio subiere* (*ibidem*, p. 370, l. 39 - p. 371, l. 1 ss).

3.1.2. O ócio na cidade

Do lado da actividade humana, além do já referido comércio, é, sobretudo, o aspecto do ócio que se considera na cidade. Turbas de jovens invadem os relvados onde se dedicam aos mais variados desportos e entretenimentos:

> *Ad ea loca omnis adolescentum multitudo se confert, ubi festivi aliquid habent, quo vel exultare velint seu ludo intendere. Hic cursu palaestra volucrique sagitta contendunt, equos domitant, currere ac saltare cohercent. Alii detorquent iacula. Nonnulli validas vires saxa iacientes ostentant. Multi pila ludunt, non equidem more Italico, sed area quadam ferreum affigunt annulum certatimque contendunt suam quisque pilam per circulum transmittere, ligno illam non manu attrectant. Reliqua multitudo vel cantat vel coronas ludentibus facit. Huiuscemodi conventiculae*[34] *multae in civitate fiunt. Conveniunt et in plerisque pratis mulieres, ubi et choreas ductant et psallendo laetantur.*[35]

A referências lembra a imagem dos vários desportos da cidade de Londres na descrição de William Fitz Stephen: em ambos os casos, é uma celebração da jovialidade visível na vida urbana.

3.1.3. Uma cidade ideal

Já acima se falou do esforço em racionalizar o espaço urbano, mas a *laus urbis* de Enea além de ordem e racionalidade confere a Basileia um aspecto ideal no que diz respeito às instituições de vida em comum, como se vê quer pelo retrato da organização política quer pela exaltação do sentido de justiça que vê nos habitantes.

Quanto ao primeiro, a organização política, Enea recorda como a cidade, outrora submetida ao bispo mesmo em assuntos temporais, aspira hoje à liberdade:

> *Erat olim Basilea suo Episcopo temporaliter subdita, qui et gladii potestatem habebat et animadversionem in facinorosos homines. Postea vero (qua occasione ignoro) ab sese dominium abdicavit, etsi pristinae potestatis veterisque dominii quandam recognitionem habeat. Annuos enim quatuor denarios ex singula familia recipit. Basilienses vero in libertatem aspiravere, quanvis fateantur Cesarem Augustum eorum esse regem. Gubernatur autem civitas regimine populari. Habet consilia duo: unum quod maius apellant hominum fere ducentorum, alterum*

[34] Cf. Du Cange, s.v. *conventicula* 2, que lhe dá o sentido de *conventio prava, pactum illicitum*; aqui, no entanto, o sentido será mais próximo de "grupinho" (cf. *ibidem*, s.v. *claustrales*, com uma passagem de Hildeberto de Lavardin: *Claustrales, quibus conventicula plebis et sermones otii lex arctior interdicit, plateis pro claustro, scurrilitatibus pro lectione utuntur*).

[35] *Conc. Bas.* 5, p. 371, ll. 7-16.

> *quod seniorum dicitur virorum duodecim. In utroque et nobiles conveniunt et plebei. Totius enim administrandae r[ei] p[ublicae] tertia portio debetur nobilibus. Plurima sunt genera magistratuum, diversis officis attributa.*[36]

Esta é a imagem de Piccolomini que, apesar das imprecisões, não está longe da verdade histórica. Basileia é, de facto, uma *Freistadt* desde que, em meados do séc. XIV, Carlos IV lhe concedera esse estatuto.[37] No conjunto da descrição este aceno à evolução política de Basileia — de uma cidade episcopal para uma cidade livre — contrasta com a já referida introdução histórico-geográfica que acentua, sobretudo, o facto de a cidade ser parte do Império.[38]

Nas entrelinhas da constituição política assim descrita encontra-se o debate político do *Trecento* e *Quattrocento* italiano com o seu confronto entre guelfos e gibelinos. A menção do *regimen populare* e da aspiração à *libertas*,[39] a par da recusa da submissão ao Império, são duas características que partilha com o guelfismo. Vejamos, no entanto, em um texto dessa altura, até ponto os Basilienses se orgulhavam da sua *libertas*. Um documento de meados do séc. XV reproduz o que seria — descontando embora erudição — o orgulho da cidade:

> *Quamquam ex veteribus historiis non potest constare, qua de causa in sacro Romano imperio hodie existentes libere civitates* […] *tamen rememorata Romanorum civium plenissima*

[36] *Ibidem*, ll. 21-32.

[37] Sobre as obrigações que impendem sobre uma *Freistadt* em relação ao Império, ver HEUSLER, Andreas, *Verfassungsgeschichte der Stadt Basel im Mittelalter*, Basel, Bahnmaier's buchhandlung (C. Detloff), 1860, pp. 310 ss especialmente página 314, onde afirma a respeito de Basileia: "Während aber die Reichtstädte dem Kaiser, dem sie als ihrem Herrn schworen, zu allen Diensten verpflichtet waren wie die Reichsfürsten, hatte sich der Dienst der Freistädte bloss nach zwei Seiten ausgebildet: in den Dienst gen Lamparten (zur Kaiserkrönung) und zu christlichen Heerzügen. Für alles Andere konnte wie ursprünglich bloss der Bischof aufgeboten werden." Sobre a soberania episcopal em Basileia ver WACKERNAGEL, pp. 57 ss. Sobre essa passagem, além de Wackernagel, pode ler-se mais resumidamente o artigo de MEYER, Werner, "Bâle," in *Dictionnaire historique de la Suisse*, disponível em <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F7478-1-7.php> consultado em 10-11-2009. Note-se, no entanto, que o regime de Basileia é, para Wackernagel, oligárquico (*Geschichte…,* II, p. 246); e idêntica opinião tem HEUSLER: "Die Verfassung war keine Aristokratie mehr, sie war aber auch nicht demokratisch, weil die Bürgerschaft ihr Regiment nicht einmal selbst wählte; sie ist Mitte des 14. Jahrhunderts Oligarchie" (*Verfassungsgeschichte*…, p. 372).

[38] Note-se a diferença entre visão de Piccolomini, que sublinha a pertença ao Império, e o sentimento dos Basilienses que resistiram, uma década mais tarde, na batalha de Sankt Jakob an der Birse, às forças da cidade de Zurique e dos Austríacos.

[39] BRUNI assim propõe, além do direito, a *libertas* como condição da vida em sociedade: *Primum igitur omni cura provisum est ut ius in civitate sanctissimum habeatur, sine quo nec civitas esse nec nominari ulla potest, deinde ut sit libertas, sine qua nunquam hic populus vivendum sibi existimavit. Ad hec duo simul coniuncta, quasi ad quoddam signum ac portum, omnia huius rei publice instituta provisaque contendunt.* (*Laudatio florentine urbis*, ed. critica a cura di Stefano U. Baldassarri, Tavarnuzze, Sismel-Ed. del Galluzzo, 2000, Millennio medievale. Testi; 7, p. 30, §. 77). Mas é preciso ter em conta o *caveat* de Mikael HÖRNQVIST quando afirma que, nos humanistas, o conceito de *libertas* não é tomado negativamente (sc. ausência de coacção externa), mas antes como "the independence and self-rule of the republic and the citizen's right to participate in the government of the city" ("The two myths of civic humanism," in HANKINS, James, *Renaissance civic humanism: Reappraisals and reflections*, Cambridge, 2000, p. 111).

> *libertate quorum nonnulli successu temporis in diversis Germaniae locis sedes acceperunt, non improbe coniecturari potest, eas que dicuntur libere civitates suum huiusmodi nomen et privilegium ex primeva fundatione Romanorum civium nactas extitisse illisque nomina iuxta etymologiam seu vocabula suorum nominum imposuisse, quemadmodum veterum conditorum urbium mos extitit illas a suis nominibus nuncupari.*[40]

O autor do documento sabe que o estatuto de cidade-livre emana do direito imperial; no entanto, prefere recorrer a uma remota fundação romana, certamente mais aureolada de prestígio. Por fim, acrescenta acerca da etimologia *Basilius* para o nome da cidade: *ex quo nulla potior ratio denominationis urbis Basil quam que libertate Romani civis Basilii primo edita et inhabitata tam Basillee nomen quam etiam libertatis privilegium acceperit investigari potest*.[41] Por aqui se pode ver como a asserção de Enea, — *Basilienses vero in libertatem aspiravere, quanvis fateantur Cesarem Augustum eorum esse regem*[42] —, soaria tão bem aos ouvidos de potenciais leitores da cidade sem ferir, contudo, uma sensibilidade pró-imperial.

A hipótese acima avançada de que na caracterização política da cidade se introduz subrepticiamente um debate político do outro lado dos Alpes, pressupõe que o seu autor, conscientemente ou não, se coloca na posição de um tradutor, um intérprete de uma realidade estrangeira. Nada o confirma melhor do que a sua versão das instituições.

No excerto acima citado, Piccolomini alude a dois Conselhos, a saber, um *concilium maius*, composto por 200 homens e outro composto por 12. Na verdade, existem dois Conselhos, em Basileia — o menor e o maior (*große Rat/kleine Rat*)[43] — mas nenhum deles composto por 12 membros. A confusão deve-se ao facto de o autor tomar por Conselho Menor o que não passava de uma delegação, dita dos Treze (composta por doze membros do conselho mais um, o burgomestre, que tinha a seu cargo a supervisão), delegação que existiu apenas no ano de 1432.[44]

A anotação relativa à representatividade de nobres e plebeus está mais próxima da realidade. Nobres e plebeus estão representados no Conselho Maior, mas apenas na medida em que o Conselho Maior (*große Rat*) inclui o Conselho Menor (*kleine Rat*), que é composto por 4 cavaleiros, 8 burgueses (além de 15 membros de corporações e, a partir de 1382, dos

[40] Cit. por Heusler, *Verfassungsgeschichte*..., pp. 312-3.
[41] *Ibidem,* p. 313.
[42] *Conc. Bas.* 5, p. 371, ll. 24 ss.
[43] Para a composição do Conselho Maior e Menor, ver Heusler, *Verfassungsgeschichte*..., p. 372-382.
[44] Ver Hartmann, *Basilea Latina*..., p. 44 *ad loc*.

15 mestres de cada corporação), como nota Hartmann.[45] Também uma terça parte do poder está nas mãos dos nobres, como observa o mesmo Hartmann, se considerados os nobres e os oito burgueses, por oposição aos membros das corporações, que perfazem assim o total de 12 entre os 42 que compõem o Conselho Menor.

Segue-se a descrição do corpo político e administrativo da cidade, que tem o burgomestre à cabeça (*magister civium*), o qual é escolhido, por regra, entre os cavaleiros. Depois deste vêm o *Zunftmeister*, mestre de cada corporação (a que Piccolomini chama, simples e erroneamente, *Zunfta*),[46] o mestre das corporações, ou seja, o *Oberstzunftmeister*, que é a segunda figura da cidade,[47] e, por fim, o *scultetus*, ou seja, o *Schulteiß*:[48]

> *Summam tamen imperii optinet magister civium, quem nisi militem esse non decet. Neque militiam nisi nobiles capiunt uel forte plebeorum aliqui, quos summae virtutes clarissimaque facinora decorarunt. Nec apud eos facilis est militiae consecutio, sive nobilis eam poscat aut ignobilis, nisi res bello pulcherrime gesta suadeat. Quam, si qui consequantur, iure possunt ad summam magistratuum convolare. Scultetum praeterea, qui causis criminalibus praeest, magno honore habent. Is tenetur civitatem malis hominibus expurgare cavereque, ne maleficia remaneant* /p. 378/ *impunita. Artes quoque singulae mechanicorum unum sibi praeficiunt, quem zumphtam nominant, hisdemque magistrum praeponunt, cuius non parva est iurisdictio. Horum autem munerum tempora sunt indefinita, nam pro meritis quique perseverat in re publica. Hi habent in civitate locum, ubi examinandis consiliis iurique dicendo congregantur, quae simulac perfecta sunt, cuncti proprias domos revisunt. Nulli ex publico aluntur.*[49]

Por último, outras observações são feitas com a mente na realidade italiana: a observação acerca da selecção dos *magistri civium* exclusivamente entre os cavaleiros, o que bem poderá ser, como lembra Hartmann, uma crítica ao governo de Florença;[50] a nota relativa à duração indefinida dos cargos de mestre da corporação ou do mestre das corporações,[51] que é indefinida pelo facto de se manterem no governo da *respublica* em

[45] *Ibidem*, p. 44, *ad loc*.

[46] Cf. *ibidem*, p. 45 *ad loc*.

[47] Cf. *ibidem*, p. 45 *ad loc*.

[48] Sobre o *Schulteiß* afirma Hartmann (*ibidem*, p. 44, *ad loc.*): "der Schultheiß leitet die Instanz für Zivilsachen […]. An der Strafjustiz war er kaum hervorragend beteiligt […]. Die Glanzzeiten des Amtes waren damals vorbei." A observação de Hartmann (baseada aliás em Wackernalgel, *Geschichte...,* II, p. 336) deve ser tida em conta tanto mais que é esse segundo aspecto que Du Cange sublinha, s.v. *scultetus*: *Scultetus, vox eiusdem originis ac Sculdais, Praetor, Praefectus, Ballivus, Judex oppidi*; e s.v. *Sculdais*: *Rector lingua barbara* […]. *Perperam vero Sculdalis pro Schuldahis* [...] *Praetor noxae exactor: qui poenas irrogat et mulctas exposcit ab iis, qui deliquerunt. Nam judicum officio functos ejusmodi rectores ex scriptoribus passim colligitur.*

[49] *Conc. Bas.* 5, pp. 371, l. 31 - 372, l. 6.

[50] Ver Hartmann, *Basilea Latina...*, p. 44, ad loc.

[51] Informação inexacta segundo Hartmann, pois eram escolhidos todos os anos pelo S. João. A tendência, porém, era manter a mesma pessoa, ver *ibidem*, p. 45 *ad loc*.

virtude dos seus méritos — observação que, novamente, pode ser lida como crítica às instituições comunais italianas; e, por último, o facto de os que desempenham cargos públicos viverem em suas casas e não a expensas da cidade — mais uma vez, o inverso da situação de Florença.[52]

Depois das instituições políticas, Piccolomini detém-se nas considerações sobre o direito em vigor na cidade e o sentido de justiça dos habitantes. Começa por afirmar que os Basilienses não vivem segundo um ordenamento jurídico escrito, mas tão-só consuetudinário:

> *vivunt sine certa lege, consuetudine magis quam scripto iure utentes, sine iuris perito, sine notitia Romanorum legum. Ubi e nouo casus emergit vel inaudita facinora, pro sua opynione sententias ferunt: ita eis videri aiunt, talem poenam illi delicto merito convenire.*[53]

O facto de repetir esta mesma observação relativa à inexistência de lei escrita na sua descrição de Viena, levou Berthe Widmer a considerá-la como parte do estilo de Enea.[54] O motivo da observação reside na diferença de sistemas jurídicos: o Germânico, vigente em Basileia, e o Romano, com que Piccolomini estava familiarizado desde os seus anos de estudante, em Siena, mas cuja ausência interpretava como um sinónimo de incultura jurídica.[55] Em rigor, o sistema jurídico de Basileia encontrava-se, no séc. XV, em transição. O Conselho reunia-se diariamente e aí os queixosos apresentavam a sua questão à qual a outra parte respondia. O processo era sentenciado oralmente no próprio dia, com menções breves relativas às *species facti,* mas sem aduzir razões, e a sentença valia como direito vigente de aí

[52] *Ibidem*, p. 45.

[53] *Conc. Bas.* 5, p. 372, ll. 7-10. A afirmação será repetida em termos semelhantes na segunda redacção da descrição de Viena: *Vivunt praeterea sine ulla lege scripta. Mores aiunt se tenere vetustos, quos sepe ad suum sensum vel adducunt vel interpretantur*. (PICCOLOMINI, Enea Silvio, *Historia Austrialis: Teil 2: 2. und 3. Redaktion,* herausgegeben von Martin Wagendorfer, Hannover, Hahnsche Buchhandlung, (Monumenta Germaniae Histprica. Scriptores Rerum Germanicarum Nova Series; 24, Pars II), p. 280. Sobre Viena, quer WAGENDORFER, em nota *ad loc*., quer, anteriormente, ILGEN (*Die Geschichte Kaiser Friedrichs III, von Aeneas Silvius*, uebersetzt von Dr. Th. Ilgen, Leipzig, Dyk, 1889, (Die Geschichtschreiber der deutschen Vorzeit; 85), vol. I, p. 21, n. 2) apresentam argumentos em contrário.

[54] WIDMER, Berthe, "Enea Silvios Lob der Stadt Basel und seine Vorlagen," in *Basler Zeitschrift zum Geschichte und Alterstumkunde*, 58/59 (1959), pp. 136. Entre ambas as descrições existem, aliás, outras repetições como os quartos ou salas aquecidos, as aves que cantam, ou ainda a norma jurídica relativa à restituição de um bem furtado ao juiz e não ao proprietário.

[55] "Was für diese Betrachtung allein wesentlich erscheint, ist die Tatsache, daß er in der Gerichtspraxis die Anwendung des ihm bekannten römischen Rechts vermißt und daß daselbst keine Gelehrsamkeit im fremden Recht infolge des Fehlens dessen kundiger Rechtsbeistände von ihm beobachtet werden konnte" (KISCH, *Enea Silvio* ..., pp. 30-31).

em diante.[56] O processo muito simplificado tornou-se complexo pelo facto de, por esta altura, abranger a totalidade das questões civis algumas das quais exigiam uma sentença escrita e fundamentada — necessidade que se vê reconhecida em documentos de meados do séc. XV e que levará a uma substancial alteração na primeira metade do século seguinte, quando o privilégio de instruir o processo ficar reservado a juristas e não a funcionários como anteriormente.[57]

Em suma, a leitura da realidade institucional de Basileia conduziu Piccolomini a uma interpretação nem sempre acertada, mas isso não impede de vermos nessa leitura uma inteligência política e uma inteligência do papel dos factos sociais na história da cidade.

Enquanto o juízo relativo ao sistema jurídico sugere um atraso cultural da cidade, a aplicação da justiça, pelo contrário, testemunha o seu elevado desenvolvimento moral. Os Basilienses mostram-se devotados à justiça e nem o dinheiro ou a influência são suficientes para perdoar uma pena:

> *Rigidi tamen ac severi sunt amatoresque iustitiae, ut, si quando, puniendi sint aliqui, neque pecunia prosit eis neque praeces neque amicorum necessariorumque multitudo vel in civitate potentia. Omnes commissi dant penas.*[58]

Pela forma como enumera e descreve com pormenor os vários tipos de tormentos e de penas de morte aplicadas, Piccolomini exprime uma admiração pelo sentido de justiça dos habitantes de Basileia.[59] Essa admiração estende-se ainda a outros *mores* e constitui uma das linhas de força do texto: a idealização da cidade. Entre os exemplos de idealização do comportamento moral dos cidadãos de Basileia podem enumerar-se:

1) O elevado sentido de piedade religiosa patente na veneração pelos sacerdotes e na afluência às missas mesmo em dias comuns;[60]

[56] A origem estaria em um tribunal de mercado, pensado para regular conflitos entre comerciantes (HEUSLER, Andreas, "Aus der Basler Rechtspflege durch fünf Jahrhunderte," in *Festschrift zur Feier des 450jährigen Bestehens der Universität Basel*, herausgegeben von Rektor und Regenz, Basel, Helbing und Lichtenhahn, Basel 1910, p. 5).

[57] *Ibidem*, p. 9 ss. Note-se, a propósito da observação de Piccolomini, que *Rechtsatz* é um termo usado nos livros de sentenças e em ordenações de 1457 com o sentido, não de norma jurídica, mas de sentença que põe termo a um conflito de partes (cf. *ibidem*, p. 11). A segunda descrição caracteriza ainda melhor o sistema jurídico quando afirma: *Nec hic litis anfractus, non magno comites in fasce libelli non empta pro-*/p. 203/*curatoris atque advocati verba; omnia summaria sunt, utiliusque arbitrantur rei publice, alteri parti cito consulere quam protracta cognicione utramque decipere. In judicio rigidi severique* (HARTMANN, Alfred (Hrsg.), "Descriptio altera urbis Basileae (1438)," in *Concilium Basiliense*, 8 (1935), p. 202, l. 29 - p. 203, l. 3).

[58] *Conc. Bas.* 5, p. 372, ll. 10-13.

[59] Cf. *ibidem*, p. 372, ll. 15-22.

[60] Cf. *ibidem*, p. 372, ll. 22 s.

2) A rígida separação entre nobres e plebeus ao exército e o alto grau de exigência em termos de virtude bélica no acesso à profissão das armas;[61]
3) A concórdia que mostram como comunidade política e que dispensa obras de fortificação mais sólidas.[62]
4) A integridade moral da plebe que constitui a maioria da cidade, a qual embora seja objecto da comiseração de Enea no que toca ao seu vestir e comer assim como à sua condescendência para com os vícios da bebida e do sexo, é louvada pela sua fidelidade à palavra dada e pelo viver honrado.[63]

3.1.4. Critérios estéticos e culturais

De forma geral a visão de Enea permanece sempre presa às referências da sua pátria. A cidade é apreciada segundo uma escala valorativa, na qual o decoroso e o indecoroso se definem de acordo com o padrão italiano. Assim, as igrejas carecem de mármore (*templa sanctorum decora satis ne vili saxo circundata, tametsi marmore careant*)[64] e a arte que nelas se encontra desconhece o gosto clássico:

> *Altaris ornamenta sacerdotumque minus egregia, neque picturarum decus inest, sicut in Italia templa civitatum habent, neque gentilis aliquo loco vestigia imitantur ymagines si qui aut effigies aemulentur sanctorum.*[65]

O mesmo vale para a apreciação dos habitantes. Os homens mostram urbanidade no seu aspecto, mas vestem com pouco luxo (*minus magnifice vestiuntur*) embora com gosto (*delicate*). O vestuário feminino, por sua vez, é reconhecido como belo, mas parece demasiado estranho.[66] Por último, e no plano cultural, a cidade ostenta uma ignorância da literatura e desprezo pelo saber, com excepção das tradicionais disciplinas da gramática e da retórica.[67]

[61] Cf. *ibidem*, p. 371, ll. 32s. Mais uma crítica à cena política italiana dominada pelos *condottieri*.

[62] A ironia de Enea é suscitada novamente pela lembrança da realidade política de Itália, onde os muros de Basileia não resistiriam por muito tempo aos conflitos endémicos entre cidades. Mas entre os Basilienses encontra-se a melhor defesa que é a concórdia: *robur tum civitatis in animorum concordia existimant esse. Cives namque, ubi sint unanimes, nulla hostium multitudine superantur; ubi vero dissidentes, parvo praelio concedunt. Sunt enim in amore civium difficillima monimenta, quae apud eos permaxima inveniuntur.* (*Conc. Bas.* 5, p. 370, ll. 31 ss). A ideia procede de algum conhecimento, ainda que indirecto, das *Leis* de Platão.

[63] Cf. texto citado na p. 118.

[64] *Conc. Bas. 5*, p. 369, ll. 20 ss.

[65] *Ibidem*, p. 369, ll. 30-33.

[66] Cf. texto cit. supra p. 109.

[67] *Scientias non affectant neque peritiam gentilium litterarum, ut nec Ciceronem nec alium quemvis oratorum*

Ao lado desse critério italianizante é importante notar ainda a oposição nobre/plebeu tão notada por Enea a propósito do acesso ao que chama palácios onde a nobreza realiza as suas festas (e que, na verdade, eram duas *Stuben*). O belo e o repugnante correspondem respectivamente ao aristocrático e ao popular (ver a elegância das mulheres que frequentam as festas palacianas em contraste com a multidão indistinta do povo):

> *Caetera multitudo inculta est, lacera atque incomposita, vili tegmine plerunque lineo adumbratur. Horum mores, ut mortalium, varii sunt. Plurimum voluptati declivi, domi splendide vivunt, temporis magnam partem in edendo terunt. Pueri nudus pedibus pergunt, foeminae solum pedes calceo tegunt nigro alboque. Cunctarum mulierum una est consuetudo amictus et firma et honesta, ut, quae florales sunt, videantur diiudicandae vestales.* […] *Pauca apud hosce homines vitia, nisi Libero fortasse patri vel Paphiae matri assentiantur nimis, quod illi venia dignum censent. Fidem servare solent, negare nesciunt, ubi promisere. Viri boni esse potius quam videri malunt. Sua custodiunt, aliena non appetunt effrenate, contenti fortuna sua, nisi quibus domi res est angusta nimis.*[68]

A plebe apresenta algumas virtudes — como o pudico vestuário feminino, os poucos vícios, a lealdade à palavra dada, a resignação ao seu estado social e económico — e alguns vícios compreensíveis — como a propensão para os prazeres do vinho ou do sexo. O saldo, no que respeita a este lado estético da cidade, é negativo na medida em que tende para uma tonalidade oposta à que se viu em relação a outros aspectos da cidade. Do louvor prodigalizado ao bom gosto e ao viver nobre passa-se à comiseração para com a *multitudo inculta*.

Em conclusão, estas apreciações mostram os limites de Piccolomini em perceber uma realidade estrangeira: incapacidade em libertar-se das referências estéticas e culturais de Itália; incapacidade em compreender uma realidade social recorrendo a um binómio nobre/plebeu inadequado para uma cidade do séc. XV.

---

nominari audiverint. Neque poetarum exoptantur opera. Grammaticae tantum dant operam dialecticaeque (*ibidem*, p. 372, ll. 25-28). No entanto, logo em seguida, Enea nota que aí acorrem estudantes carenciados a quem a cidade paga um mestre para aprenderem gramática, lógica e música; estudantes esses que mais tarde se vêem em Itália mendigando trabalho como gramáticos, mas que, na verdade, escondem os benefícios de que se sustentam e que obtiveram dos prelados da cúria romana a quem serviram (cf. *ibidem*, p. 372, ll. 28-33).

[68] *Ibidem*, p. 373, ll. 9-13, 16 ss.

3. 1. 5. Confronto entre Basileia vista por Enea e Baden vista por Poggio

Mas a análise desta *laus urbis* não estaria completa sem identificar o seu modelo que foi mais uma vez Poggio e a sua carta sobre as termas de Baden. Klaus Voigt enumerou os passos em que a descrição de Basileia repete, quase *ipsis uerbis*, a carta de Poggio:[69]

Poggio Bracciolini	Enea Silvio Piccolomini
1)	
Et in eis fenestrelle perplures demisse, quibus et una potare, simul colloqui, et utrinque videre, atque attractare queant, ut eorum est frequens consuetudo. (I, 3, ep. 46, p. 130, ll. 74-76)	*Et in his fenestrellae per plures quibus videre queant sacra celebrari.* (*Conc. Bas.* 5, p. 369, ll. 27 s)
2)	
Pratum est ingens post villam secus flumen multis arboribus contectum … plurimi pila ludunt, non equidem more nostro, sed viri ac mulieres pilam tintinnabulis plenam alter ad alterum et quidem dilectiorem proiciunt (I, 3, ep. 46, p. 132, ll. 136-142)	*Recentia insuper in civitate multa prata, arboribus contecta viridibus … Multi pila ludunt, non equidem more Italico, sed area quadam ferreum affigunt annulum certatimque contendunt suam quisque pila per circulum transmittere* (*Conc. Bas.* 5, p. 371, ll. 2s, 11 ss)
3)	
Quotidie ter aut quater balnea intrant, maiorem in his diei partem agentes, partim cantando, partim choreas exercendo; psallunt enim in aquis paululum subsidentes, in quo iocundissimum est videre puellas iam maturas viro, iam plenis nubiles annis, facie splendida ac liberali in dearum habitum ac formam. (I, 3, ep. 46, pp. 131 s, ll. 112-117)	*Conveniunt et in plerisque pratis mulieres, ubi et choreas ductant et psallendo laetantur* (*Conc. Bas.* 5, p. 371, ll. 15 s)
4)	
In ipsis aquis sepius de simbolis edunt composita mensa desuper aquam natante, quibus viros assistere consueverunt. (I, 3, ep. 46, p. 131, ll. 88 s)	*Loca insuper ab nobilibus constituta sunt, aestati altera convenientia, altera hyemi, quibus esse ex simbolis consueverunt.* (*Conc. Bas. 5*, p. 372, ll. 34 s)
5)	
Hic quoque virgines vestales vel, ut verius	*cunctarum mulierum una est consuetudo amictus*

[69] Voigt, *Italienische Berichte…*, p. 104, n. 156 e 157. A dependência de Poggio já fora apontada por Berthe Widmer, "Enea Silvios Lob…".

loquar, florales, hic abbates, monachi, fratres, sacerdotes maiori licentia quam ceteri vivunt. (I, 3, ep. 46, p. 133, ll. 168 ss)	*et firma et honesta, ut, quae florales sunt, videantur diiudicandae vestales.* (*Conc. Bas.* 5, p. 373, ll. 12 ss)
6)	
At isti parvo contenti in diem vivunt, quoslibet dies festos agunt, non appetentes divitias minime profuturas, opibus gaudent suis, non pavent futuris. (I, 3, ep. 46, p. 134, ll. 195 ss)	*Pauca apud hosce homines vitia.* [...] *Sua custodiunt, aliena non appetunt effrenate, contenti fortuna sua, nisi quibus domi res est angusta nimis.* (*Conc. Bas.* 5, p. 373, ll. 14, 17-18)

Verifica-se este quadro que, ao contrário de Génova onde a influência de Poggio se limitou ao comportamento feminino, na descrição de Basileia o mesmo modelo estendeu-se a diversos aspectos. Resta saber se essa influência foi tão determinante no sentido de fazer de Basileia uma cidade semelhante à visão epicurista das termas de Baden. Parece-nos que, com maior ou menor amplitude, a descrição de Piccolomini distorceu o seu modelo, como se pode ver por alguns exemplos.

Na primeira alínea acima citada, os postigos dos compartimentos reservados às mulheres nos banhos são transferidos para os postigos dos oratórios femininos nas igrejas. Poggio, com efeito, observava com prazer da balaustrada superior os comportamentos liberais dos banhistas, sobretudo das mulheres que incitavam os observadores a atirarem-lhes moedas que apanhavam alçando a roupa e assim desocultavam ainda mais o corpo.[70] Aí os postigos dos compartimentos eram o espaço de intercâmbio (que poderia ser verbal, visual ou táctil) entre banhistas de ambos os sexos. Em Basileia, pelo contrário, os postigos das cadeiras que as mulheres usam no interior das igrejas quase as oculta totalmente ou apenas deixa que se lhes veja a cabeça quando ouvem o Evangelho ou assistem às celebrações.[71]

Ainda a respeito da relação entre sexos, em Baden as religiosas (bem como religiosos e outros clérigos), no juízo mordaz de Poggio, mais parecem prostitutas. Em Basileia, pelo

[70] O costume também é referido, com não menos divertimento, por Pero Tafur: "Estava allí una señora, que veníe en romería por un su hermano que estava preso en la Turquía, é á sus donçellas
muchas veçes me acaesçió echalles dineros de plata en el suelo del agua del baño, é ellas avianse de çabulir para sacarlos en la boca, é de aquí se puede creer qué es lo que tenían alto, quando la cabeça tenían baxa" (Tafur, *Andanças é viajes*, p. 235).

[71] *Quibus aliae nullatenus apparent, aliae caput solum ostendunt, caetera multitudo cernitur pube tenus, quando ad evangelium more Romano stare consueverunt, et in his fenestrellae per plures quibus videre queant sacra celebrari. Quas res arbitror necessitate inductas, magno urgente frigore* (*Conc. Bas.* 5, p. 369, l. 24-28). Enfim, o frio rigoroso de Basileia contrasta com o calor das termas de Baden.

contrário, a veste feminina é de tal modo austera que as prostitutas não se distinguem das religiosas.

Nos prados, afirma Poggio, as mulheres e os homens praticam o mesmo jogo de bola e, tal como nas termas, com alguma cumplicidade. Pelo contrário, em Basileia a *multitudo adolescentum* e as mulheres divertem-se nos prados, mas em lugares separados e em actividades diferentes: os jovens correm, lutam, praticam tiro ao arco, equitação, lançamento do dardo ou de pedras; as mulheres dançam e cantam.[72] Mais ainda: as mulheres em Baden passam o dia em banhos, bebida, cantos e danças e distinguem-se pelo porte e pela atitude cortês (*facie splendida ac liberali*). As imagens que Poggio capta são quase exclusivamente de jovens que gozam a actividade termal:[73]

> *quotidie ter aut quater balnea intrant, maiorem in his diei partem agentes partim cantando, partim potando,* /p. 132/ *partim choreas exercendo; psallunt enim in aquis paulum subsidentes, in quo iucundissimum est videre puellas iam maturas viro, iam plenis nubiles annis, facie splendida ac liberali in dearum habitum ac formam; psallentes enim modice vestes retrorsum trahunt desuper aquam fluitantes ut alatam Venerem existimares. Mos est mulieribus, cum viri desuper eas prospectant, iocandi gratia stipem petere. Itaque proiiciuntur nummuli, et quidem pulchrioribus, quos illae partim manibus excipiunt, partim, linteis extensis, altera alteram propellens; quo in ludo etiam quaeque corporis occultiora deteguntur. Proiciuntur praeterea et serta variis distincta floribus, quibus capita exornant dum abluuntur.*[74]

Baden, que oscila entre uma sociedade dos *ludi Florales* ou da república platónica,[75] torna- -se uma imagem heterogénea. Ora é o modelo de uma sociedade regida pelos ditames dos seguidores de Epicuro, ora, em versão hebraica, o de uma sociedade paradisíaca:

> *Hos autem rettuli, ut ex paucis comprehendas, quanta hec sit scola epicuree factionis; atque hunc locum illum esse credo, in quo primum hominum creatum ferunt, quem «Ganeden» Hebrei vocant, hoc est, «hortum voluptatis». Nam si voluptas vitam beatam efficere potest, non video, quid huic loco desit ad perfectam et omni ex parte consummatam voluptatem.*[76]

---

[72] Aqui Enea deixa-se levar pelo modelo sem atender à realidade, pois como afirma HARTMANN os únicos lugares arborizados seriam o lado norte da catedral e talvez junto ao Palácio episcopal, mas "von Sportrieb und häufigen Tanzereien and dieser Stätte kann kein Rede sein" (*Die Stadt Basel*, p. 21).

[73] Poggio, *Lettere*, I, 3, ep. 46, p. 130, ll. 66 ss. Quase, sublinhe-se, porque o espectáculo ridículo das mulheres mais velhas que passeiam a sua nudez pelas termas surge ao início da sua descrição para não mais ser mencionado (*ridiculum est videre vetulas decrepitas simul et adolescentiores nudas in oculis hominum aquas ingredi, verenda et nates hominibus ostendentes*).

[74] *Ibidem*, p. 131, l. 112 - p. 132, l. 124.

[75] *Mentem revocans ad florales ludos* (*ibidem*, p. 130, l. 69); *plane in Politiam Platonis convenissent, ut omnia essent communia, cum etiam absque eius doctrina tam prompti in ipsius sectam reperiantur.* (*ibidem*, p. 131, ll. 108 ss.)

[76] *Ibidem*, p. 133, ll. 147-150.

Seja como for, Baden é a imagem perfeita de uma sociedade em que a *vita beata* é igual a *voluptas*. E a atitude de Poggio perante essa imagem?

A linha entre o que se representa e o autor, ou seja, a medida da identificação do autor com a realidade representada é ainda muito mais ténue do que na Génova de Piccolomini a que já se aludiu. Poggio tece considerações finais mais sérias suscitadas pelo espectáculo em Baden:

> *O mores dissimiles nostris, qui omnia semper accipimus in deteriores cogitationes, qui usque adeo calumniis delectamur et obtrectationibus, ut si quid parvula vidimus coniectura, statim pro manifesto crimine attestemur. Invideo persaepe istorum quieti, et nostras execror animi perversitates, qui semper quaerimus, semper appetimus, qui caelum, terras, mare pervertimus ad pecuniam eruendam, nullo quaestu contenti, nullo lucro satiati; dum futuras expavescimus calamitates, continuis in calamitatibus anxietatibusque iactamur, et ne miseri fiamus nunquam miseri esse desistimus; semper inhiantes opibus, nunquam animo, nunquam corpori indulgentes. At isti parvo contenti in diem vivunt, quoslibet dies festos agunt, non appetentes divitias minime profuturas, opibus gaudent suis, non pavent futura; si quid adversi accident, bono animo ferunt. Ita hac sola ditantur sententia: vixit dum vixit bene.* [77]

Portanto, esta representação é mais a representação de um desejo de Poggio do que representação de qualquer realidade. Ao longo da descrição da sua estada Poggio hesita entre uma identificação que se traduz em admiração e em distanciamento. Afirma que muito se divertia (*ego hac profusa vivendi ac iocandi festivitate pellectus*)[78] e que, lembrado da máxima terenciana (*homo nihil humani a se alienum putans*),[79] resolvera partilhar o estado de espírito geral. Pôs até os estudos de parte — a que o barulho ambiente de tubas, flautas, cítaras e canto também não ajudava, nem os entraves da língua que não conhecia, confessa — e deixou que os seus olhos se regalassem da abundância do que havia para ver, que não era apenas a beleza dos nus, mas também os *mores, consuetudinem, suavitatem victus, vivendi libertatem ac licentiam contemplatus*.[80]

É precisamente na consideração do carácter moral dos termalistas de Baden que Poggio mais parece inclinado a uma suspensão dos seus preconceitos culturais. Ao ver a *simplicitas*, a *fides* que reinava na sociedade, onde os homens não se enchiam de ciúmes por verem as suas mulheres falarem com desconhecidos, antes pelo contrário, levavam-no a bem;[81] onde, entre

[77] *Ibidem*, p. 134, ll. 186-199.
[78] *Ibidem*, p. 132, ll. 124 s.
[79] *Ibidem*, p. 132, ll. 131 s.
[80] *Ibidem*, p. 131, ll. 103 ss.
[81] A observação acerca da conversação de mulheres com outros homens ocorre duas vezes: *Videbant viri uxores suas a peregrinis tangi neque commovebantur, non animum advertebant, omnia in meliorem partem*

uma tão grande multidão, tão variada, não havia discórdia nem murmúrio ou maledicência (*in tanta multitudine, est enim fere hominum mille, in tam variis moribus, turba tam ebria, nullam discordiam oriri, nullam seditionem, nullum dissidium, nullum murmur, nullum maledictum*),[82] profere a exclamação final sobre a diferença de costumes entre a sua pátria e Baden.

Se bem que todas as considerações anteriores incidam sobre a ausência de ciúme que se observa em Baden, a consideração final, acima citada, acentua, por sua vez, o contraste entre os dois modos de viver: a avidez pelo lucro que caracteriza a sociedade italiana opõe-se à frugalidade e contentamento da referida cidade. A conclusão implícita é a de que o ciúme masculino será a extensão da lógica da posse de riqueza que motiva o comércio e toda a actividade exploratória em torno. A ausência da avareza e do lucro, e o consequente contentamento com o presente, sem preocupação em entesourar para o futuro, celebrando cada dia presente como se fosse festivo, explicariam o viver pacífico de Baden.[83]

Um última correspondência entre as duas 'cidades' pode ver-se na ausência de ciúme nas termas de Baden que tem um paralelo na ausência de vícios entre os plebeus de Basileia.

Em última análise, e no regresso ao nível discursivo da carta, Poggio afirmava: *Neque enim est propositum meum vel hos collaudare: vel nos reprehendere*.[84] Dir-se-ia haver uma relação especular entre a jovialidade da cidade e o entretenimento que deve proporcionar ao destinatário da carta.

Piccolomini, pelo contrário, distanciou-se da declaração de imparcialidade do humanista florentino. Era incapaz de o fazer sem comprometer o seu ideário de humanista cristão e reformador. E por isso a sua descrição é tanto menos estética (sem que o deixe de ser inteiramente) e tanto mais moral.

É difícil concordar com Klaus Voigt quando afirma que esta primeira descrição de Basileia não mereceria o nome de *laudatio* mas antes o de uma reportagem objectiva, isenta de juízos de valor.[85] Depois de analisada a influência de Poggio e o modo como é adaptada ao

accipiunt (*ibidem*, p. 131, l. 105 s); *cernunt viri uxores tractari, cernunt cum alienioribus colloqui, et quidem solam cum solo; nihil his permoventur, nihil admirantur; omnia bona ac domestica mente fieri cogitant* (*ibidem*, p. 134, ll. 178 ss).

[82] *Ibidem*, p. 134, ll. 195 ss.

[83] E todavia, o já citado entusiasmo final da descrição dos banhos não apaga a sombra (por leve que seja) de suspeição que rege as relações conjugais dos termalistas, ou melhor, das termalistas.

[84] *Ibidem*, p. 134, ll. 200 s.

[85] "Die erste beschreibung Basels verdient wegen ihrer wertfreien Berichterstattung nicht den Name

ideário próprio de Piccolomini, é necessário concluir que há valores em jogo nesta primeira descrição.

Recordem-se a afirmação do prólogo da carta, segundo a qual a *descriptio* é parte de uma projectada história do Concílio, e os princípios morais que, segundo o autor, presidem à escrita historiográfica:

> *placuit itaque (nescio si arroganter egi), rem aggredi et omnia memoratu digna referre, quo minores omnium certiores fiant, quae concilio Basiliensi gerantur. Quae quidem auctore deo expediam, si pauca prius de Basilea retulero deque hominum moribus, quae non incongrue videntur hoc loco dicenda, cum in ea civitate concilium sit initum terminabiturque si rite opynantur, ut cuncti intelligant, quo loco quosque inter homines acta fuerint, quae colligere destinavi.*[86]

Portanto, a cidade é o cenário de um acontecimento tão importante como um Concílio e é retratada em função deste acontecimento, este sim merecedor do esforço de uma obra historiográfica que registe os seus actos e deliberações. Nesta perspectiva, compreende-se que Piccolomini tenha tomado o modelo de Poggio apenas para o inverter: onde havia a liberdade de costumes viu habitantes severos e rigorosos na justiça; onde havia sensualidade viu austeridade no vestir...

Desta divergência se devem tirar algumas conclusões para o campo da caracterização autobiográfica. Afinal, que diz acerca de Piccolomini esta mudança de atitude em relação a um modelo? Ou, por outras, palavras como passou da picante descrição de Génova à Basileia coberta sob o véu de uma rigidez moral? Esta divergência mostra, de facto, que Piccolomini se assume como humanista, seguramente, mas sem uma subserviência absoluta ao epicurismo de Poggio. No seu horizonte já estava um envolvimento com os mais genuínos propósitos de reforma conciliar. Mas a que ponto chega esse envolvimento em relação ao já referido programa ético anunciado no prólogo, e, em concreto, no que diz respeito aos propósitos do Concílio?

O compromisso de Piccolomini com a reforma conciliar é normalmente posto em dúvida, com mais ou menos ironia, pelos seus biógrafos. Georg Voigt, por exemplo, viu na produção basiliense de Piccolomini um fruto do seu humanismo. A sua adesão ao conciliarismo, os ataques a Eugénio IV tinham menos de fundamento pessoal do que de

'laudatio'." (VOIGT, *Italienische Berichte...*, p. 102).

[86] *Conc. Bas.* 5, p. 368, ll. 11-18.

comunhão com o humanismo ambiente ou de reacção contra o mundo eclesiástico medieval.[87] Voigt cita uma expressão do próprio Enea, que se retracta, anos mais tarde, em carta ao reitor da universidade de Colónia: *nova tunc ego avis ex Senensi gymnasio devolaveram*.[88] De facto, o trecho dessa palinódia é eloquente e merece ser considerado no seu contexto:

> *vera putavi, que audivi, omnia: adhibui fidem dicentibus et in eorum nutritus erroribus steti cum illis. cum suspenderent Eugenium, interfui depositioni et cum profanatus est, quem papam dicunt, nequaquam abscessi. sed miser et stultus factus sum, illorum stultitia stultior coinquinatus sum et in puteum peccati demersus, nec unquam emersissem, nisi me superna miseratio respexisset. inveniunt sepe misericordiam, qui per ignorantiam peccant: scienter peccanti nullus patet in gratiam reditus.*[89]

O tom confessional comprova efectivamente que Piccolomini encarava, então, os seus anos de Basileia como erros de uma juventude ingénua passada em um jogo cujos principais actores eram outros. Será isso suficiente, no entanto, para reduzir Piccolomini ao jogo de forças alheias?

Um discurso proferido diante do Concílio entre Janeiro de 1438 e Junho de 1439 — que Voigt não conhecia —, mostra precisamente o contrário. O assunto em causa era a nomeação de bispos que, na sequência da destituição de Eugénio IV, seria devolvida ao Concílio. Havia uma recomendação de uma comissão de doze, de que Piccolomini fazia parte, para que se procedesse à designação de alguns prelados para seleccionarem os candidatos após inquirição sobre a sua reputação, exame de testemunhas e juramento.[90] No entanto, o Concílio acabou por fazer nomeações tão pouco honrosas quanto as que censurava ao papado. Os bispos nomeados pelo Concílio não se distinguiam nem pelo seu viver (*mores*) nem pela sua cultura (*litterae*).[91] O facto leva Piccolomini a proferir um discurso sobre o perfil do bispo apoiado em referências ciceronianas, bíblicas e patrísticas (sobretudo S.

[87] Voigt, *Enea Silvio*, I, p. 228.

[88] Wolkan II/FRA 67, ep. 19, ao reitor da universidade de Colónia, Jordan Mallant, Colónia, 13 de Agosto de 1447, p. 56. Uma expressão favorita do autor para se auto-caracterizar neste período conforme se vê por uma obra escrita na primeira metade da década de 50, o *Dialogus de somnio quodam*: *Ego quoque, noua tunc auis ex Senensi gymnasio uolatura* (ed. Cugnoni, p. 566).

[89] Wolkan II/FRA 67, ep. 19, ao reitor da universidade de Colónia, Jordan Mallant, Colónia, 13 de Agosto de 1447, p. 56.

[90] Para mais elementos ver Haller, J., "Eine Rede des Enea Silvio vor dem Concil zu Basel, in *Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven*, 3, 1 (1900), pp. 87 (o discurso encontra-se nas pp. 86-102), p. 87.

[91] *Ibidem,* p. 88.

Jerónimo).[92] Uma tomada de posição como esta — mesmo sem esquecer que Piccolomini tinha em mente causar boa impressão perante a assembleia conciliar — não pode ser considerada ao mesmo nível de uma linha de acção de uma personalidade amorfa.

Também a oração diante do Concílio, em que propõe Pavia para sede do congresso de união com os Gregos, mostra como a acção de Piccolomini tem em vista os interesses da paz cristã.[93]

Por estas razões, não se pode negar o empenho de Piccolomini no projecto de reforma do Concílio. E menos ainda se pode admitir que pretendesse manchar a cidade de Basileia, a sede do Concílio, com uma invectiva semelhante à que lançara sobre Génova. Por isso, pode dizer-se que a imitação de Poggio nesta descrição não foi além do aspecto estilístico.

3. 2. A segunda descrição de Basileia (1438)

A segunda descrição de Basileia é enviada em carta endereçada ao arcebispo de Milão, Francesco Pizzolpasso, em Outubro de 1438.[94] Diferentemente do destinatário da primeira descrição, o cardeal Cesarini, que era uma figura importante em matéria de política eclesiástica, o destinatário desta segunda descrição é uma figura importantíssima no contexto cultural do Concílio e que terá mesmo influência no percurso literário de Piccolomini.[95]

[92] *Ibidem*, p. 83.

[93] Ver Zippel, "Enea Silvio...," p. 280s. O discurso está publicado em Mansi, *Orationes*, I pp. 5-34 (*Oratio I habita Basileae pro loco deligendo ad Oecumenicum Concilium cum Graecis celebrandum*). Mas além desse interesse referido por Zippel, não se pode esquecer que o discurso pode ser lido à luz de potenciais interesses pessoais, quando faz o elogio da liberalidade e da magnificência de Filippo Maria Visconti, e noutro passo, celebra o pai deste, Giangaleazzo, como *princeps omnium sua aetate consultissimus* (*ibidem*, p. 22) .

[94] Note-se que na edição de Wolkan a descrição faz parte de uma carta com o nº 28, ao bispo de Tours, Philippe de Coëtquis, e com data de 28 de Outubro de 1438 (Wolkan I/FRA 61, pp. 84-95), ao passo que a carta ao Arcebispo de Milão, Francesco Pizzolpasso, que menciona o envio da mesma descrição, vem com a data "nach dem 28. Oktober 1438" (cf. Wolkan I /FRA ep. 29, Basileia, pp. 95-96). No entanto a edição aqui seguida, supõe antes que é a carta a Pizzolpasso que contém quer a carta a Philippe de Coëtquis quer o próprio texto da descrição (Cf. Hartmann, Alfred (Hrsg.), "Descriptio altera urbis Basileae (1438)," in *Concilium Basiliense*, 8 (1935), pp. 187-204 (de ora em diante *Conc. Bas.* 8).

[95] Em primeiro lugar, terá sido quem melhor percebeu o talento de Piccolomini a ponto de o tornar seu familiar, como este recorda em *De viris illustribus*: *ita tamen me dilexit, ut singulis fere diebus in suam me mensam vocaret, jussitque tandem ut in celebritate Divi Ambrosii sermonem in synodo haberem, quamvis nondum sacris ordinibus essem initiatus, quod feci non sine auditorum gratia.* (Piccolomini, Enea Silvio, *De viris illustribus*, Stuttgardiae, Societas Litteraria Stuttgardiensis, 1842, (Bibliothek des Literarischen Vereins in Stuttgart; 1,3), XXI (De Bartholomeo de Capra Cremonensi, p. 29); em segundo lugar, funcionou como ponte entre Enea e o humanismo italiano como se verá (nomeadamente ao facultar-lhe acesso aos elogios de Decembrio e Bruni). Sobre a relação entre Pizzolpasso e Piccolomini, ver Fubini, *Umanesimo...*, cap. III "Tra umanesimo e concili," pp. 77-135; e Widmer, "Enea Silvios Lob...," pp. 116 s.

Do ponto de vista das influências a situação também se altera. Se, na primeira descrição, a referência literária era Poggio Bracciolini, na segunda, as influências repartem-se, como já Berthe Widmer advertira, principalmente entre a *Laudatio florentine urbis* de Leonardo Bruni e o *De laudibus Mediolanensis urbis panegyricus* de Pier Candido Decembrio.[96] Ao contrário da carta de Poggio sobre as termas de Baden, que servira de modelo na descrição anterior, a *Laudatio* de Bruni é um texto muito mais influente e ideologicamente muito mais denso como o demonstra o debate que suscitou não só no seu tempo como ainda no séc. XX. Por isso, não se pode analisar *a posteriori,* como uma simples intertextualidade, a relação entre a *laus* de Piccolomini e a *Laudatio florentine urbis*. É preciso, por conseguinte, analisar esta última (e o de Decembrio que lhe está associado) como pressupostos para a leitura da própria descrição de Enea.

3. 2. 1. A *laudatio* de Bruni e o *panegyricus* de Decembrio como modelos

A *Laudatio Florentine urbis* de Bruni inspirou um dos mais importantes debates da historiografia renascentista do séc. XX, a saber, a tese do humanismo cívico de Hans Baron.[97] Segundo Baron o humanismo cívico, isto é, de um humanismo que glorificava a vida terrena (e sobretudo a participação na vida política) como horizonte da vida humana[98] era um elemento fundamental da nova mundividência e o seu aparecimento em Florença devia-se a circunstâncias históricas precisas. No contexto histórico das guerras entre a Florença guelfa e a *signoria* de Milão, no final do séc. XIV e princípios do séc. XV, Florença afirmou-se como a cidade da liberdade. O texto, por excelência, da exaltação da liberdade florentina, bem

[96] O quadro sinóptico com os lugares em que o texto de Piccolomini retoma o de Bruni pode ver-se em Widmer, "Enea Silvios Lob...," pp. 132 s. Ver também as notas de Hartmann, *Basilea Latina...*, *passim*; ver ainda a edição e tradução de parte da carta em Widmer, Berthe, *Enea Silvio Piccolomini, Papst Pius II...*, pp. 348-370. Note-se ainda o passo em que se compara o curso do Reno às cataratas do Nilo, passo esse imitado de Poggio, conforme Widmer assinala ("Enea Silvios Lob...," p. 352, n. 2); no entanto, visto não ser uma influência estruturante como as outras acima citadas, não será tomado em conta nesta análise.

[97] O termo original (*Bürgerhumanismus*) data de 1928. Mas a obra de referência, na qual as ideias do autor foram desenvolvidas e fundamentadas, é *The Crisis of the Early Italian Renaissance: Civic Humanism and Republican Liberty in an Age of Classicism and Tyranny*, Princeton, University Press, 1966, 1ª ed. 1955. A importância de Bruni, no que toca a este tema, não se limita à *Laudatio* (recordem-se, nomeadamente, a sua tradução da *Política* aristotélica ou as *Historie Florentini Populi*).

[98] Aspecto que também será posto em relevo por Garin, Eugenio, *L' umanesimo italiano: filosofia e vita civile nel Rinascimento*, Bari, Editori Laterza, 2000.

como a pedra angular de toda a demonstração de Baron, é a *Laudatio urbis florentinae* que o próprio Baron datou de 1403/1404.

A tese teve tanto acolhimento bem bastante crítica.[99] Há que lhe fazer justiça em um aspecto: Baron deslocava a interpretação do Renascimento do centro em que Burkchardt a tinha colocado, i. e., de uma interpretação individualista passava-se a uma leitura (particularmente do primeiro Renascimento) mais vitalmente política e em mais estreita relação com variáveis e circunstâncias sociais e políticas do que apenas com o génio individual.[100]

A discussão tem ainda outras dimensões que não podem ter aqui o devido desenvolvimento, nomeadamente, a questão das inconsistências da carreira política de Bruni. Como se justifica a sua amizade com Loschi, um defensor da tirania milanesa? Como se explica que no escrito em grego sobre o regime florentino acentuasse os traços monárquicos? Como se explica que tenha optado pela chancelaria papal? Onde cabe a sua admiração por *condottieri* como Carlo Malatesta ou Giovanfrancesco Gonzaga?[101] Houve tentativas de esbater tais paradoxos: ora mediante o apelo ao carácter dos textos — as cartas particulares em oposição aos discursos públicos, como a *Laudatio Florentine urbis* — ora mediante o apelo a uma evolução cronológica. Nem uma nem outra se podem considerar satisfatórias, pelo simples anacronismo de tomar estes autores como ideólogos e não como oradores profissionais, conclui Hankins.[102] Mais recentemente, John Najemy contestou esse argumento.[103] É que, segundo o historiador, nem Matteo Palmieri nem Gregorio Dati

[99] Independentemente de um juízo definitivo sobre as suas teses, a sua influência é tão indiscutível quanto o indica o facto de a carreira de BARON como historiador renascentista, por si só, ter merecido estudos de vários dos seus pares, nomeadamente, Eugenio GARIN, Riccardo FUBINI, John NAJEMY, James HANKINS (ver uma lista mais exaustiva em HANKINS, "The "Baron Thesis" ...," p. 311, n. 6). Há um balanço de todo o debate que se lhe seguiu — em que participaram também historiadores do pensamento político e do republicanismo em particular — em RABIL Jr, Albert "The significance of 'civic humanism' in the interpretation of the Italian Renaissance", in IDEM, *Renaissance Humanism*: *Foundations, Forms, and Legacy: I: Humanism in Italy*, Philadelphia, Univ. of Pennsylvania, 1988, pp. 141-174; no já citado artigo de HANKINS; e em IDEM (ed.), *Renaissance Civic Humanism*....

[100] A este respeito, é mérito do estudo de FUBINI sobre Hans Baron o ter posto em destaque a sua descendência intelectual do teólogo liberal Ernst Troeltsch — o qual se opunha à tendência individualista e soteriológica dominante no protestantismo na tentativa converter a fé em uma mensagem de alcance social — bem como o contexto político e intelectual da República de Weimar em que Baron se formou: ver FUBINI, Riccardo, "Renaissance Historian: The Career of Hans Baron ," in *The Journal of Modern History*, 64, 3 (1992), pp. 541-574 .

[101] Cf. HANKINS, "The "Baron Thesis"...," p. 318 ss.

[102] *Ibidem*, p. 324 ss.

[103] NAJEMY, John, "Civic humanism and Florentine politics," in HANKINS, *Renaissance civic...*, pp. 75-104, aqui p. 78 s.

alguma vez foram chanceleres de Florença ou sequer pagos para escreverem as suas histórias de Florença, nem mesmo Bruni era chanceler quando redigira a *Laudatio*.[104] Mais ainda: nem sequer a dicotomia privado/público poderia justificar cabalmente essa duplicidade. Pelo contrário, a *Laudatio* e o "humanismo cívico" surgem por outra razão: a tentativa de coalescer, em uma ideologia e em uma imagem, os interesses antagónicos do ponto de vista social e político que constituíam o *status quo* da política florentina por volta de 1400:

> Civic humanism was not a restatement of the central values of the popular republicanism of the thirteenth and fourteenth centuries. It was a new ideology that provided cultural, educational, historical, and moral buttressing for both the newly established hegemony of Florence's elite families and for the subordinate political and social status to which the middle ranks of Florentine society were now relegated.[105]

Todo este debate contrasta com a atitude do próprio autor da *Laudatio* que, parece-nos, convivia melhor com as suas inconsistências do que Hans Baron. A este respeito, vale a pena citar longamente a carta ao arcebispo de Milão, Francesco Pizzolpasso — precisamente, note-se, um dos patronos de Enea —, onde o autor põe a nu o método e o modelo que seguira ao escrever a *Laudatio*:

> *Non enim temere neque leviter id opus aggressi sumus, neque vagi, aut incerti per semitas nobis incognitas peregrinantium more nostro ipsi arbitratu processimus, sed ducem itineris totiusque laudandi progressus certum indubitatum habuimus Aristidem, celebrem apud Graecos oratorem eloquentissimum hominem, cuius extat oratio pulcherrima de Laudibus Athenarum. Illius sermo, tanquam magister michi fuit: conatus vero imitandi tanquam ludus, exercitatioque adolescentiae.* [...] /p. 112/ *haec et hujusmodi permulta in ea laudatione scripta quis non videt non ad veritatem, sed ad plausum, et leticiam multitudinis audientium pertinere? In laudationibus enim civitatum ad eos ipsos habetur sermo, quos laudare velis, coronamque flagitat id genus dicendi, et multitudinem populi non ad judicia, vel ad decernendum aliquid de Republica coactam, sed ad plausum et leticiam ex propriis laudibus percipiendam. Genus igitur dicendi in hujuscemodi laudationibus tale quoddam est, quod si intellexisset reprehensor meus, parcius reprehendissent. Aliud est enim historia, aliud laudatio. Historia quidem veritatem sequi debet, laudatio vero multa supra veritatem extollit, ut in laudibus Athenarum factum ab Aristide supra ostendimus. Neque enim verum est, Acticam regionem* /p. 113/ *humanitate quadam se in mare extendere, cum sensu careat, atque motu. Neque rursus verum est, regionem illam homines genuisse ac peperisse, cum terra neque concipiat hominem, neque pariat. Nec etiam verum est, Athenas esse medium umbilicum habitabilis terrae, cum alibi sit hujusmodi punctus. Sed haec omnia quamquam non vera, nichilominus ornate et probabiliter cum plausu quodam, ac leticia multitudinis auribus*

[104] O que, valha a verdade, não seria um óbice definitivo se se pensar que profissional não quer necessariamente dizer "a soldo" e a trabalhar pelos interesses da 'entidade patronal,' no entanto o ponto principal de Najemy é outro como se verá.

[105] Najemy, John, "Civic humanism and Florentine politics," in Hankins, Renaissance civic ...2000, p. 103.

> *infunduntur. Cum igitur hujusmodi sit in laudandis civitatibus dicendi genus, constet vero Florenciam Romanorum esse Coloniam nam id clarissimum est, et negari non potest; quis juste admirari debet vel conqueri, quod dictum fuerit a me in laudatione praesertim, gloriam et res parentum ad filios, tanquam ad successores legitimos pertinere? Hic enim est primus et conveniens laudandi locus. At reprehensor meus, utpote qui haec non intelligit, perinde ac si hereditas apud praetorem in judicio peteretur, negat Populum Romanum esse mortuum, meque delirare putat, qui hereditatem viventis ad alium pertinere scripserim. Tu hereditatem ejus ad alios defers, Utinam viveret! Sed certe Populus ille Romanus, de quo ipse loquor, jampridem mortuus, et sepultus est: haec autem, quae nunc Romae habitat, collectitia turba non dominatur, sed servit. Quare de mortui agitur, non de viventis hereditate.* […]
>
> /p. 114/ *Alia enim fori, et judicii ratio est, alia laudationis. In foro quidem possessio bonorum petitur aliis auferenda: in laudatione vero gloria, et res parentum ad filios pertinere monstratur. Qua in re nichil parentibus aufertur, immo plus tribuitur, cum gloria, et amplitudo, quae parentes illustrat, in filios quoque fulgere asseveratur. Quare stat quaeso iste, quisquis est, hujus laudationis reprehensor immoderatius loqui, genusque dicendi, quale postulat laudatio, non ignoret. Nec me inconsiderate ac temere processisse arbitretur, cum et ducem probatissimum habuerim, et nichil non ad exemplum laudatissimae orationis in hac mea direxerim.*[106]

Na verdade, tais afirmações não podem ser tomadas pelo seu valor facial. Desculpar-se com os excessos da retórica epidíctica não reverte o efeito que obteve quando a escrevera (ou, acrescente-se de passagem, nem sequer obstava a outros usos posteriores como a sua reedição em 1434 para uso do Concílio de Basileia).[107] Tão-pouco serve desculpar-se com as impossibilidades das metáforas usadas por Aristides para retratar a *humanitas* de Atenas (que, como cidade, não tinha nem inteligência, nem movimento). Bruni ainda tenta resgatar, em diálogo fictício com um seu oponente que contesta a possibilidade de falar em herança a propósito do povo romano (pois este continua vivo), a metáfora jurídica da sucessão de Florença em relação à Roma republicana. Contudo, o resultado final desta apologia é que a *ratio laudationis* não se identifica com a *ratio fori/judicii*, e, mais do que isso, é a sua indiferença perante o argumento da publicística medieval de que o povo romano continuava vivo. A sua objecção de que a Roma do seu tempo não passa de uma *collectitia turba* que não

[106] Bruni, Leonardo, *Epistolarum libri VIII* [...] recensente Laurentio Mehus [...], Florentiae ex typographia Paperinii, 1741, ep. IV, liv. VIII, pp. 111-4.

[107] É James Hankins que dá notícia da existência de mss. com a subscrição *Leonardus Aretinus edidit feliciter MCCCCXXXIIII* ("Rhetoric, History and Ideology: The Civic Panegyrics of Leonardo Bruni," in Idem, *Renaissance Civic...*, p. 149, nota 19). E, sobretudo, o que mais importa para o propósito presente é que o texto se constituirá como um modelo para outros autores, nomeadamente Giannicola Salerno e Stefano Porcari (ver *ibidem*); sem esquecer como a multiplicação dos tratados sobre o governo e as instituições de Veneza na segunda metade do séc. XV deve muito à inovação da *Laudatio* (sobre este aspecto ver Crouzet-Pavan, Elisabeth, "Immagini di un mito," in Tenenti, Alberto; Tucci, Ugo (edd.), *Storia di Venezia dalle origini alla caduta della Serenissima. IV. Il Rinascimento, politica e cultura*, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1996, pp. 594 ss).

domina, antes está escravizada, indica o ponto de alavancagem da *Laudatio*, que não é a retórica ou a ciência jurídica, mas a política.

Não menos variado, porém, que o espectro das interpretações deste famoso discurso, será o da sua influência. Quanto mais não seja pelo facto de ter sido enviado para Basileia precisamente na altura em que Piccolomini aí se encontra.[108] Por isso, importa recordar aqui o seu conteúdo.

A estrutura segue de perto o seu modelo, o *Panatenaico* de Aristides, como se pode verificar que aqui se apresenta:[109]

[108] Ver GARIN, Eugenio, "La cultura milanese nella prima meta del secolo XV," in *Storia di Milano VI: Il Ducato Visconteo e la Repubblica Ambrosiana (1392-1450)*, Milano, 1955, p. 581, n. 2: "in questo punto si collocano la nuova diffusione della *Laudatio* del Bruni, le lettere da lui scritte al Concilio a nome della signoria (ed. Mehus, vol. II, pp. 235 sgg.), la *Laudatio* del Decembrio."

[109] Para além da edição crítica mais recente já citada (ver p. 112, n.), o texto da *Laudatio* pode ler-se em: ZACCARIA, Vittorio, "Pier Candido Decembrio e Leonardo Bruni (Notizie dall'epistolario del Decembrio)," in *Studi Medievali*, 3ª s., 8, 1 (1967), pp. 504-54 (transcrição do mss. Vat. Lat. 1560); BARON, Hans, *From Petrarch to Leonardo Bruni: Studies in Humanistic and Political Literature,* Chicago-London, University of Chicago Press, 1968, pp. 232-63; BRUNI, Leonardo, *Opere letterarie e politiche*, a cura di P. Viti, Torino, UTET, 1996, pp. 568-647 (texto latino e tradução italiana).

Preâmbulo	*Vellem michi a Deo immortali … ceteros non esse improbaturos* (pp. 3–4, §§. 1-4)	– Paradoxo: qualidades da cidade ultrapassam as possibilidades da linguagem
Parte I	*Ut enim nonnullos filios...* (p. 4, § 4)	– co-naturalidade de habitantes e cidade: – *situs* – incomparabilidade com outras cidades
	Excurso (p. 8, § 17- p. 10 § 20): *Volo praeterea … ad rem redeamus.*	*res gestae, bella*
	Regresso à descrição física: *Post villas autem castella ... ne diutius in hoc errore versemur* p. 10, § 21 – p. 14, § 29)	– *situs* (vantagens do afastamento do mar; a presença do rio)
Parte II	*Qualis igitur urbs ipsa … Sed iam ad reliqua pergamus* (p. 14, § 30 - p. 19, § 42)	Habitantes: origem dos Florentinos no tempo da República Romana.
	Ab his igitur … propriasque res gestas. (p. 19, § 43 - p. 20, § 46)	A liderança de Florença em relação à Itália conquistada pela: – resistência; abolição de tiranos; defensora de agressões a outras cidades; fidelidade à palavra dada.
Parte III	*De virtude autem urbis .... ab omni clade maloque defendite!* (p. 20, § 47 - p. 35, § 93)	A *virtus* da cidade: excelência dos costumes (os benefícios da liberdade florentina para as outras cidades); excelência das instituições

Esta articulação está disposta em função do objectivo de comprovar a superioridade de Florença em dois planos: no plano da descrição física, por um lado, e no plano moral (i.e. quanto ao carácter dos habitantes e quanto à constituição da cidade), por outro.[110]

É verdade que, tal como notou Hankins, a primeira parte com a descrição física de Florença se organiza em torno do tema da centralidade e da *aurea mediocritas* para chegar à conclusão da legitimidade de Florença ao domínio do orbe:

[110] Cf. Baron, *The Crisis...*, p. 199.

> *illico omnium mentes animique ita mutantur ut non iam de maximis atque amplissimis rebus ab hac urbe gestis obstupescant, non! sed potius sufficientem autument ad totius orbis dominium imperiumque adipiscendum.*[111]

Por isso, a *Laudatio florentine urbis* imita o *Panegírico* de Aristides mesmo nos aspectos ideológicos. Sob a capa da *libertas*, da *virtus*, da *humanitas*, esconde-se uma reivindicação da supremacia cultural de Florença sobre toda a Itália e uma fundamentação histórica do imperialismo florentino.[112] Por isso, a *Laudatio* é, antes de mais, uma peça oratória que fundamenta o imperialismo florentino:

> "The *Laudatio* was born in this heavy atmosphere of imperialist triumph and expansionism. The oration indeed, is essentially an imperialist tract, a celebration of Florence's potentiality to be the center of world empire. The theme is stated unambiguously and repeatedly throughout."[113]

A segunda parte continua o tema imperial: Florença é filha de Roma e da Roma Republicana e, por conseguinte, é herdeira do Império Romano. Por outro lado, a cidade do Arno pode arrogar-se o mesmo estatuto que Aristides pretendia para Atenas: o de uma supremacia, ou melhor, o de uma liderança em Itália quer graças à sua generosa luta contra a tirania noutras cidades,[114] quer em virtude das suas instituições políticas;[115] quer, enfim, por causa do seu cultivo da língua e das letras.[116]

No essencial, e tal como Hans Baron fez questão de sublinhar, esta *laus* distingue-se das suas congéneres medievais pela visão orgânica da cidade em que o seu aspecto físico, a sua

[111] Bruni, *Laudatio...*, p. 9, § 18. Essa divagação inserta na descrição física é como que uma prolepse do desenvolvimento posterior.

[112] *E.g.*: *Cognoscite, viri florentini, cognoscite stirpem ac prosapiam vestram! Reputate quam omnium gentium sitis clarissimi! Ceteri enim populi aut profugos aut extorres patriis sedibus aut agrestes aut /p. 15/ convenas obscuros atque incertos habent auctores. Vobis autem populus romanus, orbis terrarum victor dominusque, est auctor*. (*ibidem*, p. 14 s, § 30). Do ponto de vista de Baron, esta ênfase no período republicano de Roma era obviamente um fundamento da liberdade que permitia e fomentava a participação cívica. Ver, em primeiro lugar, Baron, *The Crisis*, p. 199, e ainda Idem, "Imitation, Rhetoric and Quattrocento Thought," in Idem, *From Petrarch...,* pp. 164 s.

[113] Hörnqvist, "The two myths...," p. 146. O mesmo autor afirma inclusive que o imperialismo era um aspecto essencial da tradição republicana dos humanistas (*ibidem*, p. 109). É possível que outros intentos estivessem subjacentes ao texto como a tentativa de se apresentar como patriota em uma altura em que Bruni estava associado à fama do anti-patriotismo e elitismo do círculo de Niccolò Niccoli (cf. Najemy, "Civic humanism...," p. 145).

[114] Bruni, *Laudatio*, p. 25, 56, p. 27, § 68, p. 28, § 72.

[115] *Ibidem*, p. 30, § 76 ss.

[116] *Ibidem*, p. 34, § 91.

história e as suas instituições lhe imprimem carácter. Em contrapartida as *laudes* medievais dispersavam-se no realismo e na informação estatística.[117]

A ideia de Baron, i. e., de uma visão orgânica da cidade, merece ser desenvolvida e comprovada, até porque é uma das imagens mais importantes no texto. Com efeito, o símile corpo-cidade está presente na obra e serve de razão para exaltar a beleza e respectiva distribuição pelas várias partes da cidade:

> *Quemadmodum enim in deformi corpore, etsi cetera omnia preclara habeat, felicitas tamen esse non potest, ita in urbibus, si immunde sint, etsi cetera omnia assint, pulchritudo esse nullo modo potest.*[118]

Com o mesmo objectivo, ou seja, o de justificar o aspecto visual da cidade e, adicionalmente, com o objectivo de sublinhar a elevação do Pallazzo della Signoria como edifício público, sobre os demais, a imagem do corpo (onde o Palazzo funciona como cabeça) aparece combinada com a imagem do nau do almirante:

> *Non enim intra parietes minus ornamenti aut magnificentie habet quam extra; nec una aut altera via decora aut nitida est, sed universe totius urbis partes. Nam velut sanguis per universum corpus, sic ornamenta delitieque per universam urbem diffuse sunt.*
>
> *Per media vero edificia superbissima insurgit arx ingenti pulchritudine miroque apparatu, que ipso aspectu facile declarat cuius rei gratia sit constituta. Ut enim in magna classe pretoria navis eiusmodi esse solet ut facile appareat in illa vectari ducem qui ceterorum sit moderator et princeps, sic huius arcis ea species est ut quivis iudicare possit in ea habitare viros qui gubernatores sint rerum publicarum. Sic enim magnifice instructa est, sic precelsa insurgit, ut omnibus que circa sunt edibus latissime dominetur appareatque eius plus quam privatum fastigium.*[119]

Bruni usou os dois símiles-tipo que a Antiguidade criara para se referir à sociedade politicamente organizada, ou seja, o símile do corpo e o da nau, e transformou-os em vectores da sua retórica do "humanimo cívico."[120] O modo como o faz possibilitou o aparecimento de uma ordem na sua descrição. A imagem do corpo ou da nau do almirante integram plenamente no programa ideológico da *Laudatio* aspectos como a beleza urbanística da cidade, que de outro modo teriam um papel suplementar ou acessório. Tais aspectos estéticos constituir-se-ão, por sua vez, em norma para textos posteriores, nomeadamente a *descriptio* de Basileia de Piccolomini.

[117] BARON, *The Crisis...*, pp. 196-8.

[118] BRUNI, *Laudatio*, p. 5, § 7.

[119] *Ibidem*, p. 7, § 13.

[120] Sobre os dois símiles, ver KAJANTO, Iiro, "The Body Politic. On the History of a Famous Simile," in *Arctos. Acta Philologica Fennica*, 29 (1995) pp. 49-80.

No plano textual, uma estilística refinada correspondia à estética da cidade. De facto, em análise textual pormenorizada, Ronald G. Witt, demonstrou o elevado grau de estilo clássico alcançado por Bruni, particularmente no preâmbulo da *Laudatio*:[121]

> *Vellem michi a Deo immortali datum esset ut vel florentine urbi, de qua dicturus sum, parem eloquentiam prestare possem, vel certe meo erga illam studio meeque voluntati. Alterutrum enim, ut opinor, abunde esset ad illius magnificentiam nitoremque ostendendum. Nam et ipsa urbs eiusmodi est ut nichil neque luculentius neque splendidius in toto orbe terrarum inveniri possit, et voluntas quidem mea, ut ego de me ipso facile intelligo, nulla in re unquam fuit ardentior, ut nullo modo dubitem, si quodvis illorum adesset, me de hac precellenti et formosissima urbe cum elegantia et dignitate verba facere posse. Verum quia non omnia que volumus eadem nobis et posse concessum est, quantum poterimus id in medium afferemus, ut non voluntas nobis sed facultas potius videatur defuisse.*[122]

O texto repousa sobre uma arquitectura ciceroniana de binómios e de simetrias entre binómios: em primeiro lugar, o binómio desejo (*vellem, voluntas, voluntati, quodvis, volumus*) e capacidade (*possem, possit, posse, poterimus*); em segundo lugar, o binómio *urbs*/*voluntas* (*vel florentine urbi … vel certe meo erga illam studio meeque voluntati*; *et* ip*sa urbs … et voluntas quidem mea*); e, em correlação com esse binómio, a introdução de *membra bicola* (*luculentius neque splendidius*; *magnificentiam nitoremque*; *precellenti et formosissima … elegantia et dignitate*). O discurso avança por sucessivas negações de hipóteses (*nihil … neque*; *nulla in re... nulldo modo; non omnia … non voluntas...*) até terminar em uma negação sintáctica, que é uma afirmação lógica de uma irremediável aporia do orador perante o objecto que se propunha louvar. A aporia, por sua vez, é exponenciada ainda pelas oposições entre campos lexicais em torno da abundância e da insuficiência (*abunde* ou os comparativos *luculentius neque splendidius* que se opõem a *defuisse*) e, por fim, é confirmada pela oposição de modalidade condicional do início (*datum esset*), replicada pela modalidade real a concluir o preâmbulo (*datum est*).

[121] Toda esta análise segue de perto a do autor citado, na sua obra *In the footspeps of the Ancients: the origins of Humanism from Lovato to Bruni*, Leiden [et al.], Brill, 2000, pp. 405 ss.

[122] Bruni, *Laudatio*, p. 3, § 1.

Embora, o modelo da *Laudatio* seja o *Panegírico* de Aristides, como o próprio autor confessou e como as comparações podem mostrar,[123] também é verdade que há uma inovação considerável no papel que concede à visão e aos dados sensíveis.

A esse respeito impõe-se reconhecer que, sempre que Bruni fala da beleza da cidade, o faz com um apelo ao testemunho dos sentidos, como o mostra o seguinte excerto:

> *Florentiam vero usque adeo mundam atque abstersam cernimus ut nusquam aliquid reperiatur nitidius. Unica quidem hec est urbs, et in toto orbe terrarum sola, in qua nichil fedum oculis, nichil tetrum naribus, nichil pedibus sordidum offendas. Summa diligentia habitatorum cuncta eiusmodi cauta ac provisa sunt ut, omni turpitudine procul semota, ea tantum incurras que letitiam ac iocunditatem sensibus queant afferre. Itaque magnificentia quidem eas fortasse omnes que nunc sunt, splendore autem atque lautitia et eas que sunt et eas que unquam fuerunt urbes sine controversia superat. Est enim inaudita tanta munditia, et incredibilis iis qui nunquam Florentiam viderunt, quippe nos ipsos qui eam habitamus quotidie hec habet admiratio, nec consuetudine satiari possumus. Quid enim mirabilius quam in populosissima urbe nichil usquam limi apparere, imbrem autem quamvis maximum nichil impedire quominus siccis plantis urbem perambules, cum prius ferme opportunis rivis aqua pluvia absorta est quam in terram fuerit delapsa? Ex quo fit ut ne splendidarum quidem domorum thalami aliis in urbibus adeo mundi atque abstersi sint ut huius urbis vie atque platee.*[124]

Todos os sentidos testemunham a limpeza (*munditia*) da cidade: olhos, olfacto, tacto (*nichil fedum oculis, nichil tetrum naribus, nichil pedibus sordidum offendas*).[125] A vista da cidade — aspecto bastante sublinhado por Hans Baron, que falava inclusive da semelhança

[123] Um quadro sinóptico com as semelhanças entre a *Laudatio* e o *Panatenaico* de Aristides foi dado já por Francesco Paolo Luiso, no prefácio a *Le vere lode de la inclita et gloriosa città di Firenze composte in latino da Leonardo Bruni e tradotte in volgare da frate Lazaro da Padova*, Firenze, Tip. G. Carnesecchi e Figli, 1899, pp. XXVII-XXX. Essa dependência, que fora bastante subestimada por Hans Baron (ver sobretudo, "Imitation, Rhetoric...," pp. 155 ss), foi posteriormente reavaliada, entre outros, por bernard-pradelle, Laurence, "L'Influence de la Seconde Sophistique sur la *Laudatio Florentinae urbis* de Leonardo Bruni," in *Rhetorica*, 18, 4 (2000), pp. 355–387. Note-se, no entanto, uma diferença importante nas perspectivas de ambos os textos: o texto grego considera a cidade no orbe, enquanto a *Laudatio* concentra-se exclusivamente na cidade e só marginalmente fala do orbe (Cf. Cf. Kugler, *Die Vorstellung...*, p. 201).

[124] *Ibidem,* p. 5, § 8.

[125] As afirmações de Bruni são também um testemunho de um ambiente social em que os padrões de qualidade da vida citadina se definem. Na mesma linha, embora mais tarde, Alberti considera a limpeza como parte do padrão de qualidade de vida citadina e de qualidade urbanística, e diz que falta a uma cidade como Siena: "A Siena, na Toscana, faltam-lhe os esgotos para ter esplendor; daí resulta que não só à primeira e à ultima vigília da noite, horas em que se despejam pelas janelas os recipientes cheios de imundícies, toda a cidade cheira mal, mas também durante o dia é imunda e impregnada de fedor" (*Da arte edificatória*, IV, 6, p. 312).

do esquema visual da *Laudatio* com paisagens de desenhadores renascentistas[126] — sublinha a centralidade de Florença:

> *urbs quidem prima est, quasi umbelicus quidam totius ambitus media. Hec autem menibus cingitur atque suburbiis. Suburbia rursus ville circumdant, villas autem oppida; atque hec omnis extima regio maiore ambitu circuloque complectitur. Inter oppida vero et castella sunt arcesque in celum minantes et agricolarum tutissima refugia.*[127]

A imagem é de Aristides, mas novamente Bruni privilegiou aspectos concretos. O orador grego tinha em mente demonstrar, por meio de uma imagem mais assente em recursos retóricos do que em dados visuais, que Atenas era o centro do orbe. Pelo contrário, o autor da *Laudatio* dispõe diversas partes da cidade e diferentes edifícios em uma composição visual. Isso não obsta a que esse primado visual se torne parte de uma estratégia retórica essencialmente fundada no recurso à evidência — recurso que justifica, aliás, a iteração de qualidades estéticas, predominantemente visuais, frequentemente epitomizadas em díades, tríades ou tétrades.[128]

O efeito desta estratégia retórica é o de constituir Florença em cânone estético (e, na segunda e terceira partes, moral) para qualquer outra cidade. Por isso, a *Laudatio* não está para Florença como os elogios de Fitz Stephen ou Sigeberto de Gembloux para Londes e Metz respectivamente. Por outras palavras, Florença não é considerada uma cidade entre outras, mas, sim, como o padrão para todas as outras.

É claro, a partir dos exemplos já citados, que o autor da *Laudatio* não tem, ao contrário de Aristides, uma concepção quase hipostática da cidade, i.e., de uma cidade abstracta, construída por conceitos ou por acções passadas e não por edifícios ou cidadãos. A Florença da *Laudatio* é constituída por elementos concretos como a limpeza de praças e de ruas ou a

[126] A semelhança é mais um termo de comparação do que algo efectivamente demonstrado: "We find at work the same sensibility which is familiar to us from panoramic drawings of Florence by Quattrocento artists – the same love of geometric regularity and proportion which was to express itself throughout the Renaissance in so many diagrams of "ideal cities." (BARON, *From Petrarch...*, p. 157). Kugler conquanto fale de maior consistência e profundidade espacial da Laudatio afirma que há também momentos pré-perspectivísticos, pois entre a massa dos edifícios domina o vácuo. Cf. KUGLER, *Die Vorstellung*, p. 201 s.

[127] BRUNI, *Laudatio*, p. 240, linhas 10-5.

[128] Para citar alguns exemplos: *magnificentia*, *nitor* (*ibidem*, p. 3, § 1); *pulchritudinem ac nitorem* (*ibidem*, p. 3, §. 3); *splendore et ornatu et munditia* (*ibidem*, p. 4, § 4); *nichil ditius, nichil ornatius, nichil magnificentius* (*ibidem*, p. 6, § 10); *cum delitias, nitorem, ornatum intueantur* (*ibidem*, p. 9, § 18); *vim magnificentie, ornamentorum opulentieque* (*ibidem*, p. 10, § 19); *amplitudo, maiestas* (*ibidem*, p. 10, § 20); *mirande lautitie, incomparabilis nitor, stupendi ornatus, summa omnium rerum magnificentia* (*ibidem*, p. 14, § 28).

eficácia do sistema de esgotos no escoamento das águas pluviais. E as qualidades da cidade concretizam-se em qualidades dos cidadãos que a habitam.

Toda esta estratégia retórica da visualização recorre ainda a diferentes perspectivas. De facto, quando, no excerto acima citado, ao falar da limpeza da cidade, se afirma que até para os cidadãos a vista dos espaços públicos limpos causa admiração (*quippe nos ipsos qui eam habitamus quotidie hec habet admiratio, nec consuetudine satiari possumus*), introduz-se a oposição entre o ponto de vista de um habitante e o ponto de vista de um forasteiro.[129]

Paralelamente à transformação da cidade em objecto e em padrão estético, surge a cidade que proporciona prazer e bem-estar no seu uso. Um exemplo é o aproveitamento urbanístico do rio e o espaço de passeio que oferece:

> *Amnis vero, qui per mediam fluit urbem, difficile dictu est plusne utilitatis afferat an amenitatis. Quatuor enim ex lapide quadrato magnifice instructi pontes fluvii ripas utrinque coniungunt, ita percommode inter se dimensi ut nulla celeberrimarum viarum interventu alvei abruptionem patiatur, nec minus commode per urbem incedas quam si a nullo prorsus amne esset divisa. Hinc atque hinc splendidissime platee et nobilium familiarum ornatissime porticus, et semper cetibus hominum frequentia compita. Domus autem prope amnem site partim undis preterlabentibus abluuntur, partim tantum a fluvio recedunt quantum vie intermedie spatium relinquatur, qua frequentissima multitudo vel negotii obeundi vel voluptatis gratia possit incedere. Nichil est enim deambulationibus per hec loca suavius, aut meridianis si hiems sit, aut vespertinis si estas.*[130]

Entre essas qualidades figuram as casas privadas que reflectem o espírito da cidade, sobretudo, porque concebidas (*excogitatae*) para potenciar o prazer, a grandeza, o reconhecimento e, em suma, a *magnificentia*:

> *Sed redeo ad privatorum domos, que ad delitias, ad amplitudinem, ad honestatem maximeque ad magnificentiam instructe, excogitate, edificate sunt. Quid potest esse pulchrius aut amenius quam cernere domorum vestibula, atria, pavimenta, triclinia ceteraque domorum penetralia? Intueri laxitatem edium multitudinis capacem! Intueri proiecta, fornices, laquearia, tecta supra modum ornata, et (quod in plerisque domibus est) estiva habitacula ab hibernis divisa! Ad hec vero preclara cubicula, ditissimam supellectilem, aurum, argentum, stragulam vestem*[131] *pretiosaque peristromata!*[132]

---

[129] *Ibidem*, p. 5, § 8. Noutros passos, aliás, essa oposição é ainda mais clara e explícita: *Videmus hoc quidem inter omnes constare, nec ullus Florentiam advenit qui non id sibi evenisse fateatur. Nam simul atque urbem conspicati sunt, cum occurrat oculis tanta moles rerum* (*ibidem*, p. 9, § 18). Cf. também p. 7, § 12: *sed quis ea nosse cupit, huc accedat, urbem peragret; nec velut festinus hospes, citatus viator pertranseat, sed insistat, inquirat, contempletur.*

[130] *Ibidem*, p. 6, § 9.

[131] Cf. Isidoro de Sevilha, *Etymologiarum*, XIX, xxvi, 1 (citação de Prov. XXXI, 22).

[132] Bruni, *Laudatio*, p. 7, § 11.

Em nenhum autor se vira até agora um vocabulário tão técnico na apreciação da arquitectura.[133] Além disso, não se vira ainda a concepção da casa interior com o pormenor da distinção entre divisões sazonais ou o seu sumptuoso recheio.[134]No interior, como no exterior, na arquitectura pública ou privada, Florença é vista como uma antonomásia de magnificência e opulência: *necesse est infinitam quandam vim magnificentie, ornamentorum opulentieque in se habere.*[135]

Esta concepção da *magnificentia* com a dupla vertente, i. e., no espaço privado e interior, por um lado, e no espaço público, por outro, é comum no *Quattrocento* e, ainda mais, na Florença dos Medici. Na sua base está a ideia de que ao elevado padrão estético (e económico) da aparência externa deve corresponder ao padrão de decoração interior da casa e é congruente com ele (e, inversamente, subentende-se que a disparidade entre o exterior e o interior seria uma falta do ponto de vista estético).

Mais tarde, com o intuito de defender a *magnificentia* de Cosimo Medici contra a inveja e o rumor de críticas que o seu mecenato suscita na opinião pública, Timoteo Maffei dirá que, mesmo no interior da sua casa, a ornamentação não se orientava pelo gosto pessoal, mas pelo padrão que exigia a cidade, na medida em que o reconhecimento que a própria cidade lhe prestava exigia, sob pena de parecer ingrato, que o seu espaço privado ostentasse o mesmo grau de exigência estética.[136] No entanto, notem-se as diferenças entre Maffei e a *Laudatio*: aquele procura exaltar menos a cidade do que o mérito pessoal de Cosimo, enquanto este pretende exaltar a cidade e as qualidades dos seus *cives*.

---

[133] A origem poderá ser livro XV, vi ss, das *Etymologiae* de S.to Isisdoro de Sevilha, onde aparecem os termos *laquearium* e *fornix* (mas não *proiectum tectum*).

[134] A necessidade de espaços concebidos para serem habitados de inverno e de espaços para o verão, embora remonte a Vitrúvio (*De architectura*, VI, 4, 2) no que concerne a normas de orientação, só aqui, como em Piccolomini, é apreciada em termos da sua comodidade. Mais tarde, Alberti nas suas considerações sobre a arquitectura palaciana recomenda que se façam palácios para inverno e palácios para verão (Cf. *Da arte edificatória*, esp. I, 12, p. 180; V, 3, p. 324; V, 17 e 18, pp. 360 ss).

[135] Bruni, *Laudatio*, p. 10, § 19.

[136] *Praeterea non quid Cosmo, sed Florentiae tantae civitati congruat eius in domo animadvertit, in quem quanto maiora ab ipsa quam in cives reliquos sunt collata beneficia, tanto ampliora et illustriora quam ceteri, ne ingratus videatur, in ipsam ornamenta conserat opus est* (Maffei, Timoteo, *In magnificentiae Cosmi Medicei Florentini detractores libellus*, apud Lami, Giovanni, *Deliciae eruditorum seu* **ανεκδοτων** *opuscolorum collectanea* […], Florentiae, Io. Baptista Bruscagli, 1742, vol. XII, p. 156). Cf. ainda Jenkins, A. D. Fraser, "Cosimo de' Medici's Patronage of Architecture and the Theory of Magnificence," in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 33 (1970), pp. 166 s.

Vimos acima como as descrições medievais mostravam interesse pela natureza que rodeia a cidade. Também a *Laudatio* integrou a envolvência extra-muros que descreve como um espaço paradisíaco, em que a natureza se diz (pleonasticamente) nascida para proporcionar fruição:

> *Inter hec* [sc. *edificia*] *vero frondosi luci, florida prata, letissimi rivi, nitidissimi fontes et, quod omnia superat, natura ipsa locorum ad letitiam nata. Videntur enim colles ipsi ridere et quandam a se diffundere iocunditatem, qua intuentes expleri non possunt nec videndo satiari: ut universa hec regio paradisus quidam recte haberi et nominari queat, cui nichil vel ad pulchritudinem vel ad letitiam in toto orbe sit par.*[137]

Por isso, a natureza não desempenha aqui o lugar de um argumento entre outros, mas articula-se com e prolonga o critério estético que a paisagem humanizada da cidade ostentava.

A segunda e a terceira partes deste elogio de Florença são mais explícitas do ponto de vista ideológico. O *Panatenaico* de Aristides exaltava o evergetismo de Atenas como fundamento para legitimar as suas aspirações à liderança cultural do mundo. A *Laudatio*, por sua vez, baseia a legitimidade do domínio de Florença quer na ideia de sucessão em relação à Roma republicana quer nas qualidades morais da cidade. Florença é herdeira de Roma e, por isso, se justificam as suas pretensões ao domínio de Itália (e até mesmo do mundo). Do ponto de vista moral, a cidade manifestou em vários momentos a sua luta abnegada pela liberdade de Itália — ou, nas palavras do texto, o *studium beneficentie et humanitatis*[138] — e lutou contra as tiranias que oprimiam outras cidades.[139] Sobretudo, notabilizou-se entre as restantes pela sua *disciplina* e *instituta domestica*, ou seja, pela sua constituição política. Neste ponto, Bruni realça a prudência das instituições políticas em dois pontos. Em primeiro lugar, é admirável no regime político florentino a moderação de interesses particulares definida por meio de qualidades estéticas e caracterizada com uma imagem musical:

> *Nusquam tantus ordo rerum, nusquam tanta elegantia, nusquam tanta concinnitas. Quemadmodum enim in cordis convenientia est, ad quam cum intense fuerint, una ex diversis*

[137] *Ibidem*, p. 8, § 15. Na verdade, Alberti queixa-se da deflorestação de Florença causada pela procura de madeiras para a construção civil: "O monte Morello, que fica sobranceiro a Florença, vicejava coberto de abetos no tempo dos nossos pais: mas agora foi deixado nu e escalavrado, pela acção erosiva das chuvas, se não erro." (*Da arte edificatória*, III, 3, p. 237).

[138] *Ibidem*, p. 23, § 55.

[139] Cf. os seguintes passos: *non semel ab hac una urbe totam Italiam a servitutis periculo fuisse liberatam* (*ibidem*, pp. 27-28, § 69); *pro libertate Italiae contra hostes pugnare* (*ibidem*, p. 28, § 72); *et pecunias et vitam ipsam abicere paratus* [sc. *populus Florentinus*] *fuerit pro libertate* (*ibidem*, p. 29, § 73).

> *tonis fit armonia, qua nichil auribus iocundius est neque suavius, eodem modo hec prudentissima civitas ita omnes sui partes moderata est ut inde summa quedam rei publice sibi ipsi consentanea resultet, que mentes atque oculos hominum sua convenientia delectet.*[140]

Em segundo lugar, o sistema republicano florentino limitou a possibilidade de erro por meio do exercício colegial do poder e respectiva limitação temporal dos mandatos:

> *Principio enim supremus magistratus, qui quandam vim regie potestatis habere videbatur, ea cautela temperatus est ut non ad unum sed ad novem simul, nec ad annum sed ad bimestre tempus deferatur. Eo enim /p. 31/ modo preclare rem publicam administrari existimavit, cum et pluralitas sententiarum errorem consilii et brevitas temporis insolentiam auferret.*[141]

Este retrato tem mais de apropriado à polémica entre entre Milão e Florença do que conformidade com a configuração institucional de Florença por essa altura. Lembre-se apenas que tanto o *Consiglio del Popolo* como o *Consiglio del Comune* perdiam já nessa altura parte do seu poder para o órgão oligárquico que era a *Balìa* de 81 cidadãos, dotada de poderes especiais.[142]

Deve-se a Riccardo Fubini a dissecação das contradições do pensamento bruniano neste aspecto. Efectivamente, a *Laudatio* embora tenha por objecto a *urbs*, já prenuncia o título das *Historie* com a ênfase no *populus*[143] entendido "nella piena accezione romanistica del termine [...], detentore per eccelenza della sovranità."[144] Por isso, e não obstante o facto de vilipendiar a herança imperial de Roma e exaltar o período republicano, a sua leitura da constituição florentina vai no mesmo sentido do direito imperial, ou seja, desloca o centro de gravidade para o *ius publicum*, enquanto a esfera privada ficava reservada aos magistrados menores como o *podestà*:

---

[140] *Ibidem*, p. 31, § 76. Recorde-se que o ideal de *concinnitas*, aqui aplicado à forma política da cidade, é um critério estétito importantíssimo na teoria arquitectónica de Alberti como demonstra Arnaldo do Espírito Santo, "Apresentação do De re aedificatoria..." *passim*).

[141] *Ibidem,* pp. 30 s, § 78.

[142] Ver Rubinstein, Nicolai, "Il Bruni a Firenze: retorica e politica," in Viti, Paolo (a c. di), *Leonardo Bruni cancelliere della repubblica di Firenze: Convegno di studi: Firenze, 27-29 ottobre 1987*, Firenze, Leo. S. Olschki, 1990, pp. 18 s. Sobre a polémica entre Milão e Florença, recorde-se a a disputa entre Antonio Loschi, secretário de Giangaleazzo Visconti, e Coluccio Salutati, ver *ibidem,* pp. 13 ss.

[143] Sem contar as ocorrências de *Florentini*, vejam-se os seguintes exemplos: *ut omnia bella que a populo florentino geruntur iustissima sint* (p. 15, § 32); *non sunt nova in florentino populo hec partium studia* (p. 16, § 35); *aut quem magis tangebat iste dolor quam florentinum populum, cum cerneret populum romanum, parentem atque auctorem suum,* (p. 17, § 38); *egregia rei militaris facinora edita ipso populo florentino exeunte atque armis fruente* (p. 26, § 65); *hec fecit populus florentinus* (p. 26, § 66); p. 28, *hec populus florentinus secum reputans* (p. 29, § 73).

[144] Fubini, Riccardo, "La rivendicazione di Firenze della sovranità statale e il contributo delle Historie di Leonardo Bruni," in Viti, *Leonardo Bruni Cancelliere ...*, pp. 29-62.

> *Sed hi quidem homines* [sc. Priori, Buoni uomini, Gonfalonieri delle compagnie, Consiglio del Popolo e Consiglio del Commune] *rei publice consulunt, iura sanciunt, leges abrogant, equitatem decernunt. Iuri autem ex legibus dicendo gladioque exequendo minores presunt magistratus.*[145]

Na realidade, o *Consiglio del Comune* encontrava-se sob a direcção de um *podestà* estrangeiro e a omissão desse facto, como nota Laurence Bernard-Pradelle, deve-se quer ao seu patriotismo quer às suas concepções políticas que têm em vista a soberania pública.[146]

O texto da *Laudatio* começa, portanto, por considerar aspectos da *urbs* e acaba naquilo que o próprio distingue como *civitas* (termo usado na *Laudatio*) e que dará lugar nas *Historie* ao *populus*. O pequeno tratado *De militia* assinala, a este respeito, um progresso de clareza na sua concepção de cidade. O pensamento de Aristóteles está presente; as propostas de divisão da cidade em três partes da autoria de Hipódamo de Mileto são explicadas, mas o foco do seu interesse é a *civitas* e não a *urbs* (*civitatem esse, non, ut ineruditi vulgo credunt, menia et tecta, sed multitudinem hominum iure sociatam*).[147]

---

[145] BRUNI, *Laudatio*, p. 31, § 81. A explicitação relativa à jurisdição das questões privadas surge no opúsculo sobre a constituição dos Florentinos: **τῶν ἰδίων δὲ πραγμάτων δικαστήρια εἰσὶ, καὶ νόμοι καὶ ἄρχοντες ἄλλοι, μήτε πολῖται οὗτοι, ἀλλὰ ξένοι** (***ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΠΟΛΙΤΕΙΑΣ ΤΩΝ ΦΛΩΡΕΝΤΙΝΩΝ***, in BRUNI, *Opere*..., p. 782).

[146] Ver BERNARD-PRADELLE, Laurence, *Leonardo Bruni Aretino: histoire, éloquence et poésie à Florence au début du Quattrocento: textes choisis, édités et traduits*, Paris, H. Champion, 2008 (Textes de la Renaissance; 118), p. 289, n. 2.

[147] O texto além das já referidas ideias aristotélicas (e hipodamianas) parte de uma oposição entre cidade real e cidade idealizada por pensadores: *Primum ergo, cum homo civile sit animal, miles autem homo, cuncta militaris institutio a civitate tanquam a capite repetenda est. Civitas enim totius vite cunctorumque humanorum munerum princeps est et perfectrix. Hec enim officia inter cives distribuit, necessaria providet, aliena repellit, ac ex multorum cetu singulorum defectui supplementum inducit, et illa demum /p. 658/ sint recta hominum officia extimanda que ab illius ordine institutoque processerint. Forma vero civitatis duplex est: una limatior a sapientibus cogitata, litteris solum et ingenio constans, altera qualem usu et re vera civitatem videmus. In utraque ergo istarum principia militaris discipline sunt a nobis perquirenda, si modo originem eius intelligere cupiamus. Hoc est qualis a philosophis incogitata et qualis rursus in vera civitate sit a maioribus instituta.*
At primum in philosophorum civitate videamus quid illi tradiderint de militari institutione. Convenit inter omnes sapientes, hinc enim iam quo facilius intelligas ordiendum arbitror, hominem esse ipsum per se imbecillum nimis atque infirmum, sibi denique ipsi nequaquam sufficere. Itaque societate et conventu opus esse hominibus, ut quod seorsum degentibus singulis deesset, id per mutuam opem de multitudine socia nanciscantur. Hos vero cetus hominum ad commoda vite consequenda sociatos Greci quidam "polis," nostri autem "civitates" vocavere. Nec tamen omnis congregatio hominum civitas est, sed illa tantum que ex suis partibus eam perfectionem sit consecuta, ut nulla externa quesita ope in se ipsa satis habeat ad bene vivendum. Quamdium vero ipsa sibi non sufficit, non erit civitas nuncupanda, siquidem civitatis proprium est plenam indigentie expletionem ad usum vite continere. Que autem hominum genera civitati necessaria sint, ex quibus quasi membris in unum coeuntibus perfectum corpus civile absolvatur, ab iisdem est sapientibus perquisitum. Sunt enim numero admodum multa, si singulatim indigentiam prosequare, sin generatim admodum pauca.
Hippodamus quidem Milesius, qui primus de optimo reipublice statu scripsisse traditur, tres civitati partes necessarias consignavit. Harum unam agricolas fecit, alteram artifices, tertiam propulsatores belli et arma tenentes. Agricolas siquidem fru-/p. 660/*menta prebere, artifices vero domos et vestes ac cetera huiuscemodi necessaria ad vitam, propulsatores autem belli hos ipsos et eorum opera custodire quidem atque tueri. Cui vero hec tria recte assint eam*

A resposta à *Laudatio florentine urbis* veio do humanista milanês, Pier Candido Decembrio, que fora estimulado por Lorenzo Valla a responder "à arrogância e ignorância do aretino."[148] O opúsculo com o título *De laudibus Mediolanensium urbis panegyricus*, foi originalmente publicado em 1436.[149] A polémica entre os dois humanistas não era uma querela pessoal. Pelo contrário, o que lhe estava subjacente era a disputa entre as duas cidades pela futura sede do Concílio, questão que se coloca em 1437. Por essa altura, com efeito, surgem em Basileia três textos com a respectiva candidatura: o elogio de Pavia por Piccolomini; a *Laudatio* de Bruni; e, por fim, o *Panegyricus* de Decembrio que provocou uma indignação diplomática da parte dos oficiais da chancelaria florentina.[150]

civitatis perfectionem habere. Cernis iam originem militie. Et quidem naturalem et necessariam. Neque enim agricole neque artifices in civitate persatabunt absque propulsatoribus belli, neque rursus propulsatores ipsi sine agricolis et artificibus frumentum et cetera ad vitam necessaria conferentibus permanebunt, sed ex horum trium cetu sufficiens quiddam absolutumque resultat. Civitas autem tunc demum est appellanda cum sibi ipsa sufficere potest. Nam illud pro tuo te ingenio latere non arbitror civitatem esse, non, ut ineruditi vulgo credunt, menia et tecta, sed multitudinem hominum iure sociatam. Hec igitur multitudo, cuius singulis per se degentibus multa deforent, ex societate communi perfectionem consequitur. (Bruni, Leonardo, *De militia*, in Idem, *Opere...*, pp. 656 ss)

[148] A carta pode ler-se em Sabbadini, Remigio, "Cronologia della vita del Panormita e del Valla," in Barozzi, L.; Sabbadini, Remigio, *Studi sul Panormita e sul Valla*, Firenze, Le Monnier, 1891, p. 75 ss. A carta termina com um incitamento de Valla à polémica: *Vale et hominem levem tua gravitate castiga et somnolentum tuis virgiliis* [sic] *excita et hebetam tuo acumine et pugione confode et prosterne*. Tais afirmações testemunham a ruptura pelo ano de 1435 entre Valla e Bruni, cf. Petraglione, Giuseppe, "Il *De laudibus Mediolanensium urbis panegyricus* di P.C. Decembrio", in *Archivio Storico Lombardo*, 34 (1907), pp. 5-45. Note-se, por fim, que a carta de Valla é o motivo das justificações de Bruni na já citada correspondência com Pizzolpasso.

[149] Embora a tradição manuscrita só conserve a edição revista pelo autor no final da sua vida, em 1473. Porém, as alterações terão sido, na opinião de Petraglione, poucas e muito leves, (*ibidem*, p. 25). Se bem que o título *panegyricus* remeta para o mesmo modelo que o de Bruni, é possível admitir alguma influência do *De magnalibus* de Bonvesin de la Riva cujo códice ainda deveria estar em Milão por esta data, lembra Petraglione (*ibidem*, p. 14).

[150] *Audiuimus literas quasdam diffamatorias civitatis nostre, publicatas sub nomine ac titulo Domini Ducis Mediolani. Quarum literarum exemplum ad nos delatum maturiori examine considerantes, tenemus pro certo literas illas nunquam ab illo domino missas fuisse, sed potius per aliquem ex ministris suis in concilio degentibus, qui forsan placere illi credidit, fuisse perscriptas. Sumus enim experti bello et pace quanta gravitate et moderatione dominus ille in scribendo consuevit uti. Non est credibile mores tunc eum mutasse. Ostendit praeterea stilus figuraque dicendi non esse illas domini ducis Mediolani literas, cum ille dominus eleganter et accurate, presertim in rebus maioribus, scribere suas litear consueverit. He autem litere in concilio publicate stilum habent grossum et incompositum ac pene rusticanum, sententias vero ambitiosas et inconsideratas. Nunquam dominus ille, qua sapientia est, ea scripsisset de nobis que sunt manifestissime falsa. Atque ita, quod circumspecta domini sapientia tacuisset, inconsiderata servi temeritas publicavit. Cuius diffamationibus stultis et fatuis respondere breviter placet apud reverendissimas paternitates vestras.... O stulte et insane, hec tu dicere audes, cum habeat civitas nostra intra se multitudinem civium pene innumerabilem, exules autem non sint ultra quatuor vel quinque, isti exules nostri? aut qui sunt vel quales? Dic tu ipse utrum plures exules et rebelles habeat dominus tuus an nos? et utrum magis suspectos cives suos ille an nos nostros? Atqui ille non nisi arcibus in civitate sua confidit, nos nullam in civitate nostra arcem habemus... Quod signum est in nobis confidentie civium, in illo diffidentie*. (Bib. Naz. Firenze, do cod. Panciatich. 148, cc. 62 v-64r, 68r - 70v) citado por Garin, Eugenio, "La cultura milanese...," pp. 581, n. 3.

O autor do *Panegyricus* começa por distinguir dois planos: o plano das virtudes literárias da *Laudatio*; e o plano das questões sobre o que deve ser uma cidade. A respeito da qualidade literária da *Laudatio*, i. e., o seu *ornatus dicendi*, nada havia a apontar. Em contrapartida, no plano do que deve ser uma cidade, Decembrio encontra argumentos para atacar a Florença da *Laudatio*:

> *Principio quidem magne prudentie existimo, nihil ad ostentationem facere, nec periculosam, ut idem ait, iactantiam sequi potius quam tranquillam stabilemque commoditatem. At quo pacto Florentiam urbem id observasse cernimus, que inter convalles quasdam sita, nec praeclare se /p. 30/ montibus ostentat, nec rursum expeditissimis campis obiecta eminus iter aperit? Vespertinus viator longinqua sedulus prospectat hospitia, finem iam inde ingrati laboris autumans. Hec autem convallium silvestris opacitas non tantum urbium aspectum eripit, verum etiam desperationem quandam adeuntibus videtur preferre.*[151]

Precisamente em nome do princípio de sabedoria invocado por Bruni, é que Florença não é um bom exemplo, pois a sua localização é desfavorável do ponto de vista defensivo.[152] O argumento de Decembrio apoia-se na perspectiva de um viandante que, ao fim da jornada, se anima ao olhar para cima e avistar o lugar onde se há-de hospedar — o contrário de Florença que, devido à sua opacidade no meio da floresta do vale, mais desespera do que faz recobrar ânimo. Por isso, Decembrio defende sobretudo as vantangens da localização da cidade:

> *Quippe urbes summis in montibus collocate, cum ad aspectum magnifice sunt, cum ad usum iucunde, extrorsum enim aspicientibus incolis letissimos campos, viridissimos colles, amenissimos maris tractus offerunt, nec est quicquam quod cum tali spectaculo possit conferri.*[153]

Acrescem a essas vantagens as condições climáticas ideais (ventos moderados, ar saudável, sem varições extremas no Verão e no Inverno...) o que até origina agudeza de espírito nos seus habitantes. Mas o autor insiste uma vez mais na qualidade da paisagem em que Milão está implantada:

> *Sed illa profecto fortunatior sedes est urbis, que longe flumina, longe montes excelsos prospicit eorumque commoditatibus, quantum sat est, fruitur, incommoda vero non sentit. Que si ulla est toto terrarum orbe egregie condita, ea certe Mediolanensium est civitas. Sic enim in latissimis*

[151] Decembrio, *Panegyricus*, pp. 29-30 (segundo o texto editado por Petraglione, "Il *De laudibus Mediolanensium*...," pp. 27-45).

[152] A primeira frase é imitada da *Laudatio*, onde se lê: *principio igitur, quod prudentie maxime est: nichil ad ostentationem facere nec periculosam et inanem iactantiam sequi potius quam tranquillam stabilemque commoditatem, hoc Florentiam quidem cernimus observasse* (Bruni, *Laudatio*, p. 4, § 5).

[153] Decembrio, *Panegyricus*, p. 30.

> *campis sita, altissimis montibus procul septa est, sic non longe decurrentium fluminum opportunitatem percipit, ut nulla nedum inveniri, sed ne utilius et commodius edificata cogitari possit.*[154]

Portanto, as qualidades milanesas advêm-lhe do *situs* e da envolvência. E, embora mencione a numerosa população, a magnificência de edifícios ou os vários homens e mulheres ilustres que a distinguem (sem nada particularizar), acentuar ainda mais uma vez a envolvência campestre.[155] O campo distingue-se, efectivamente, não só pela beleza como também pela prosperidade — virtude resultante das excelentes condições naturais com potencialidades até para a caça.[156]

São escassas, porém, as apreciações da cidade relativas ao edificado.[157] E compreende-se que assim seja. Decembrio defende que as cidades que tanto se esmeram para parecerem belas — uma crítica à ênfase na beleza visual florentina tão exaltada pelo seu opositor — são como meretrizes, em contraposição às cidades-matronas cujos atributos são essencialmente interiores:

> *Non enim urbs eiuscemodi est, ut que optima et precipua habeat; universa ponat ante oculos hominum, ac veluti sollicita quedam meretrix superficiem solum curare cupiat et culta nimis in publicum prodire, quod plerisque in urbibus fieri videmus; ceterum ut diligentem matronam decet, cui dignitas magis peculiare bonum sit, haec leviora haud multi facit, introrsus autem maiora quedam ac visu digniora, domesticorum obtutibus reservat fruenda.*[158]

Ou seja a cidade-meretriz, i.e., Florença, perde no confronto com a cidade-matrona que é Milão. Não admira, por consequência, que pesem embora as referências à beleza do sítio (sublinhadas até por um vocabulário visual),[159] o seu modelo de écfrase coloque o aspecto

[154] *Ibidem*, p. 30.

[155] *Ipsam autem urbem patentissima undique planicies sepit, tam virenti equore consita, tam frugiferis culta nemoribus, tanta vitium ubertate letifica, ut nihil aspectu pulchrius, nihil proventu utilius, nihil ad animantium vitam accomodatius natura videatur commenta. Adde his fontium perhennes liquores, cursus amnium lucidissimos, pratorum viriditates atque camporum, tum volucrum copiam ac ferarum, quarum studio venandi incole mira afficiuntur voluptate* (*ibidem*, p. 30)

[156] As notas relativas ao esplendor da envolvência natural são repetitivas *e. g.*: *tanta villarum amenitas, camporum equitas, nemorum pratorumque viriditas undique apparet* (*ibidem*, p. 34); *situm nempe civitatis beatissimum reddit aeris salubritas; glebe pinguioris ubertas, fontium fluviorumque irriguitas, fructuum fertilitas, nemorum pasquorumque viriditas, iumentorum et pecudum fecunditas* (*ibidem*, p. 35).

[157] Das quais a mais ampla será a dos castelos, e esta em oposição à cidades: *Verum pro vicis ditissima hic oppida, pro oppidis opulentissime urbes adsunt.* […]. *Igitur pro porticibus gestationes hic cernas, pro ortis ac viridariis consita nemora, ac patentissimos terrarum situs cultos* […]. *Iam vero si cubicula, si triclinia consideres, quibus potissimum optimatum domus exornari solent, nihil est in urbe tam tersum, tam mundum, quam cum horum nitore aut elegantia conferri queat* (*ibidem*, p. 34).

[158] *Ibidem*, p. 31.

[159] O vocabulário e mesmo as ideias são até imitados de Bruni; veja-se este excerto: *At nos assuetudine quadam oculorum imbuti, ut in aliis plerumque fit, mirari desinimus. Hic autem stupor, hec admiratio urbem*

visual em plano secundário. Decembrio justifica a sua opção com a analogia da pintura: os pintores, com efeito, começam por uma ideia e depois acrescentam os pormenores, por isso, deve tomar-se como ponto de partida a constituição política da cidade.[160] Embora Milão possua vários argumentos no que concerne à riqueza e à beleza, à excelência da localização, à potência militar e económica ou à nobreza da sua origem, no entanto, é a *rerum publicarum administratio*[161] que constitui a sua maior glória.

Era, de facto, um tema caro a Decembrio, enquanto tradutor de Platão: a teoria dos regimes. O facto de, a partir de uma inspiração platónica, declarar a timocracia como melhor forma de governo — (*nulla igitur regnandi speties potior visa est quam timocratica*[162] — explica o seu fascínio pelos varões ilustres que abundam no elogio (de Giangaleazzo a Filippo Maria Visconti ou Francesco Sforza). Dessa forma se compreende igualmente a razão de ser do epílogo, que é uma recordação em tom épico da batalha de Cremona.

Como já foi notado por alguns autores, há vários factores que se cruzam nesta disputa. A um nível mais circunstancial existem as malquerenças entre o tradutor da *Política* aristotélica e o tradutor da *República* platónica.[163] A um nível mais profundo, porém, as convicções de humanista de Milão derivam da estreita articulação ideológica entre a *República* de Platão e o humanismo *signoriale* que domina em Milão.[164]

---

pervadenti oculos obiicitur (*ibidem*, p. 34). Cf. ainda: *Iam vero si cubicula, si triclinia consideres, quibus potissimum optimatum domus exornari solent, nihil est in urbe tam tersum, tam mundum, quam cum horum nitore aut elegantia conferri queat, ita omnia apta, distincta, ornata intueare. Quamobrem quamcumque in partem oculos ammoveris, omnia nativo decore nitescere et quasi letitiam quandam ex se videntur effundere, tanta villarum amenitas, camporum equitas, nemorum pratorumque viriditas undique apparet* (*ibidem*, p. 34).

[160] *Itidem nos, cum prestantissimam urbem describere avemus, ab ipso veluti capite sumemus exordium. Id autem quale erit, puto equidem, si rerum publicarum administrationem recensuerimus. Cetera vero plerique magni existimant, basilicas, porticus, theatra, non pluris faciam quam si quis ymaginibus illis de quibus paulo ante dictum est, bullas, limbos, fimbras aut huiuscemodi decora censet adenda.* /p. 32/ *In primis suspicienda est, tum dignitas persone membrorumque equalitas, sine qua pulchritudo esse nullo modo potest; sic nos civitatem, que optima futura sit, auspicantes, principio reipublice curam intueri oportebit, tum civium dignitatem equitatemque vivendi, que membra sunt urbis, cetera que ad cultum pertinent, haud multi putanda. Inde fit, ut si qua urbs eximie munda et pulchra sit, reliquis vero destituatur bonis, non sit propterea huic de qua loquimur ullo pacto preferenda. Sed ut unde initium sumpsit, referatur oratio, caput urbis et columen res publica est* (*ibidem*, pp. 31 s).

[161] *Ibidem,* p. 31.

[162] *Ibidem*, p. 32.

[163] ZACCARIA, Vittorio, "Pier Candido Decembrio e Leonardo Bruni," in *Studi medievali*, 3ª s., 8 (1967), pp. 504-554.

[164] "The affinity between signorial humanism and the older, contemplative humanism of Petrarch and his Milanese followers made them more receptive to the Republic as a text which gave nourishment for the contemplative life." HANKINS, *Plato...*, p. 142. E todavia, este embate entre a ideologia republicana da *laudatio* de Bruni e o humanismo da *signoria* de Milão, será mais tarde anulado pela mão do próprio Decembrio quando, em carta a Poggio Bracciolini, de Julho de 1438, endossa alguns dos argumentos do elogio de Florença de Bruni sem se coibir mesmo de acrescentar o duque de Milão como defensor da liberdade de Florença. Mas

3. 2. 2. Os dois prólogos da segunda descrição

A segunda descrição de Basileia foi enviada, conforme já se disse, a dois destinatários: primeiramente a Philippe de Coëtquis, bispo de Tours; e, posteriormente, precedida da carta ao prelado francês, é enviada a Francesco Pizzolpasso, arcebispo de Milão. Essas duas cartas enviadas a dois destinatários diferentes constituem um duplo prólogo à descrição. Por isso, convém analisá-las previamente.[165]

3. 2. 3. Primeiro prólogo: a carta a Francesco Pizzolpasso ou a palinódia de Enea

A epístola a Pizzolpasso começa por recordar a relação de patrocínio entre ambos. O arcebispo de Milão, com efeito, tinha-lhe conferido um canonicato. Além disso, Enea era-lhe devedor por uma outra circunstância: a mediação de Pizzolpasso que aplacou a indignação dos Basilienses contra Enea aquando da publicação da primeira descrição. Enea afirma que a reacção foi mais urdida pelos seus adversários do que pelos próprios cidadãos. Independentemente da origem da reacção hostil, o certo é que esta segunda descrição tinha o carácter de uma palinódia. Assim, há diversos destinatários do texto: Francesco Pizzolpasso na dupla qualidade de patrono e de dedicatário; os adversários de Enea; os Basilienses. A estes é preciso juntar o bispo de Tours, Philippe de Coëtquis que tinha sido o primeiro dedicatário

por essa altura a política externa de Visconti ditava outras orientações. Ver PETRAGLIONE, "Il *De laudibus Mediolanensium*...," p. 24 s. Note-se, porém, que relação entre ambos é complicada e a disputa não deve fazer esquecer o amplo e fundamental terreno de convergência entre os dois autores. Ou seja, no que diz respeito aos princípios interpretativos subjacentes às respectivas traduções, que operam uma fractura com toda a tradição aristotélica e platónica medievais, Decembrio e Bruni estavam de acordo. Aliás, Decembrio vem em apoio de Bruni na controvérsia com Alfonso de Cartagena, bispo de Burgos, a respeito da tradução da *Política* aristotélica deste último. Ver ZACCARIA, "Pier Candido...," pp. 514-520.

[165] A edição seguida é a de Alfred HARTAMNN (ver supra p. 126, n.). HARTAMNN, que já tinha publicado o texto anteriormente (*Basilea Latina...*, pp. 37-62), justifica a nova edição quer com os problemas textuais da tradição manuscrita quer com os problemas que a edição de Wolkan lhe acrescentou: cf. HARTAMNN, "Enea Silvio, Descriptio altera...," p. 189. Anteriormente havia uma publicação do mesmo texto por Edward PREISWERK, "Eine zweite Beschreibung Basels von Enea Silvio," in *Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde*, 4 (1905), pp. 1-17, de que há uma cópia pouco legível no URL <http://www.archive.org/details/baslerzeitschri01basegoog>, consultado em 23-04-2010.

da *descriptio*, que lhe era oferecida, segundo Enea, como *pregustacionem scilicet studiorum meorum*[166] e como reconhecimento pelo muito que lhe devia.[167]

Nas palavras de Enea, a carta pretende, pois, atingir dois objectivos *(duplex officium*): o já mencionado reconhecimento para com Philippe de Coëtquis, por um lado; e o amolecimento dos ânimos dos Basilienses que se erguiam contra o autor, por outro.[168]

Depois desta enunciação dos destinatários Enea apresenta a *descriptio/laudatio* nestes termos: *descripsi igitur hanc urbem eamque veritate servata pro ingenioli viribus laudavi*.[169] Portanto, há nesta forma de conceber a *laus urbis* uma distinção gradativa entre *describere* e *laudare*. A *descriptio* teria por medida a verdade, enquanto a *laudatio* teria por medida as capacidades oratórias do autor. A distinção, todavia, é mais um protesto de intenções do que uma doutrina retórica.[170]

A obra estava feita, continua Enea, e assim era enviada a Pizzolpasso, mesmo violando os preceitos de Horácio e de Quintiliano relativos ao trabalho da lima. Aliás, esse trabalho de polimento era o que Enea pedia a Pizzolpasso não fosse dar-se o caso de *dum graciam quero, reportaverim odium*.[171] E que pessoa mais qualificada do que Pizzolpasso como possuidor de uma vasta cultura literária, de uma *prudentia* advinda da experiência,[172] para detectar algo *mordicum aut Basiliensibus grave*?[173] Enfim, a carta conclui retomando mais uma vez a dupla justificação do envio da *descriptio* a Pizzolpasso: o seu *rectissimum iudicium* e a sua benevolência para com Enea poderiam poupar novos dissabores. [174]

[166] *Conc. Bas.*, 8, p. 200, l. 18.
[167] *Hominis scilicet optime de me meriti et diu absentis memoriam ostendens* (*Conc. Bas.*, 8, p. 191, ll. 21 s).
[168] *Conc. Bas.*, 8, p. 191, ll. 22 s.
[169] *Ibidem*, ll. 19 s.
[170] Sobre a distinção entre *laus* e *descriptio* ver supra p. 11 n.
[171] *Conc. Bas.*, 8, p. 192, ll. 1 s.
[172] *rerum est practicus* (*ibidem*, 192, l. 4).
[173] *Ibidem*, l. 6.
[174] *Ibidem*, p. 192, ll. 5 ss.

3. 2. 4. Segundo prólogo: a carta a Philippe de Coëtquis ou a cristandade dilacerada

A estas circunstâncias que enquadram a produção do texto, é preciso acrescentar os problemas enunciados na carta a Philippe de Coëtquis, que constitui outro prólogo à *descriptio*, e que serão os *leit-motiven* da descrição. O texto apresenta a estrutura que se segue:

1.	*Divisionem, que nunc urget ecclesie, nec te ferre arbitror ... vale. ex Basilea, 5. kalendas novembris anno 1438.*	Carta a Philippe de Coëtquis
2.	*Basilea, sicut michi videtur, aut Christianitatis centrum aut ei proxima est.* (p. 193, ll. 18 s)	Centralidade de Basileia; Basileia como parte da Alemanha; Alemanha como a grande nação cristã (como provam as línguas europeias)
3.	*Hanc urbem perlabitur Renus duasque in partes scindit* (p. 195, l. 16)	O Reno (sua origem nos Alpes, o lago de Constança, História do Sacro Império, cidades do Baixo Reno)
4.	*Sed ut Basileam revertar, latitudo fluminis inter urbem* (p. 198, l. 26)	Sítio, edifícios, clima e sua influência sobre a constituição moral dos habitantes:
	Erat olim Basilea suo subjecta episcopo (p. 201, l. 23)	Governo da cidade
	Conswetudine magis quam lege scripta … viri boni esse quam videri malunt (p. 202, l. 27 - p. 204, ll. 7 s)	Cultura: ausência de direito escrito; pouca cultura; hábitos frugais e moral irrepreensível dos habitantes
5.	*Regina igitur est inter adjiacentes civitates… id est auctoritatem ecclesie, roboraret.* (p. 204, ll. 9-18)	Epílogo: o nome da cidade também exprime a sua centralidade.

Tal como na primeira descrição o prólogo é a chave interpretativa de toda a descrição. No prólogo dessa primeira descrição, Enea delineou o seu programa humanista e cristão, neste, por sua vez, mostra-se comprometido com o programa de reforma da Igreja. Todo o

seu esforço retórico se volta, compreensivelmente, para o tema da divisão da Igreja, por um lado, e da centralidade de Basileia na cristandade, por outro.

À palavra *divisio*, posta à cabeça da primeira frase, seguem-se duas imagens visuais: o espectáculo — de meter medo (*horribile*) — das turbas de almas entrando inferno adentro; e a túnica inconsútil de Cristo, i.e. a Igreja, despedaçada.[175]

Uma situação que se torna um problema para o autor não só pela dor que lhe provoca, como pela questão insolúvel da origem desse estado cismático da Igreja. A resposta foi-lhe dada em um sonho em que Atanásio — figura que se justifica duplamente quer pela sua importância na história doutrinal da Igreja como símbolo da luta contra os Arianos, quer pelo facto de ser uma referência patrística que é precisamente onde o humanismo cristão do autor se vai inspirar[176] — lhe revela a razão de ser das heresias: aumentar a glória dos que as combatem (*"en ego," ait, "Enea, tam clarus essem aut tam multa eruditissime conscripsissem, nisi me Arrius veritatis emulus excitasset?"*).[177] A fala de S.to Atanásio está recheada de outros célebres hereges (Helvídio, Vigilâncio, Macedónio, Nestório), cujo papel histórico é explicado como um acicate para os maiores polemistas da Patrística Latina: S. Jerónimo, S.to Ambrósio e S.to Agostinho.

Desse modo se estabelece uma analogia entre o tempo das grandes polémicas da idade da Patrística e a situação eclesiástica do séc. XV, ao mesmo tempo que, potencialmente, se cauciona a acção de Enea como a de um advogado da unidade eclesial ao nível dos mais veneráveis da antiguidade cristã.

3. 2. 5. Basileia no centro da cristandade

A descrição começa com o esboço de um esquema geográfico da Europa com o intuito de demonstrar a centralidade de Basileia:

> *Basilea, sicut michi videtur, aut Christianitatis centrum aut ei proxima est. Extremos namque Christianorum, Pannonios ad orientem habet, ad meridiem Siculos (taceo Ciprios*

[175] *Divisionem, que nunc urget ecclesiam, nec te ferre arbitror non moleste nec bonum aliquem virum. Horribile namque est, miseras mortalium animas ad inferos catervatim deferri et ipsam inconsutilem Christi tunicam in particulas laniari* (*Conc. Bas.*, 8, p. 192, ll. 14-17).

[176] Veja-se, como exemplo inequívoco desse humanismo, o já referido discurso ao Concílio que se apoia sobretudo em S. Jerónimo (além de Lactâncio, Pseudo-Clemente...).

[177] *Conc. Bas.*, 8 (1936), p. 192, ll. 26 ss.

> *magis Graece quam Romane sapi-/p.194/entes); occiduam partem vicini Gadibus Hispani colunt, septentriones Daces*[178] *et Gethe. Nec ultra hos populos recte colitur Christus, veraque his finibus clauditur religio. Quorum si ex aliquo Basileam petas, non magis te Ungarum cupias esse quam Hispanum, nec Getham quam Siculum, ut aptissimam profecto generali concilio urbem judices, et quo facilimum Christiana ecclesia possit convenire.*[179]

Com efeito, se Basileia fica exactamente no meio da cristandade, na Alemanha, e se esta nação constitui meia cristandade (*media portio*), pelo facto de possuir tanto de população quanto a Itália, França e Espanha em conjunto, então o interesse da cristandade (no caso, a reunião de um concílio) passa pela Alemanha.

O argumento é completado por um mapa linguístico que, por um lado, enaltece a diversidade de línguas faladas no seio do Império, — e que vão do servo-croata ao húngaro e alemão[180]— e que, por outro lado, faz do alemão a língua-mãe do centro da Europa: a língua da Áustria é alemã; o inglês não difere do alemão assim como a língua de Brabante não difere da língua flamenga; o flamengo, por sua vez, não difere do inglês; e, por último, o escocês, difere tanto do inglês como o austríaco do bávaro. Portanto, o alemão é a língua mais difundida na Europa e constitui mais um argumento do peso da Alemanha como nação basilar da identidade europeia.

É óbvio que Piccolomini tem em mente o esquema de círculos concêntricos já usado por Aristides e por Bruni: a cidade de Basileia, parte da Alemanha que, por sua vez, é a maior parte da cristandade e que é o seu centro. Essa centralidade está de acordo com o desígnio providencial que a cidade encarna como sede do Concílio:

> "Cosí appare evidente che la *Descriptio* del 1438 – pur nello adempimento del precetto bruniano della persuasione oratoria – mirava a costruire coi mezzi della persuasione oratoria, il progetto providenziale e insieme umano della grande speranza di riforma che anchora una volta s'incarnava nel Concilio."[181]

Assim, esta centralidade definida não apenas geograficamente como também linguisticamente é, em um segundo momento, reforçada com recurso aos mesmos termos que Bruni usara na sua *Laudatio*, ou seja, como um elogio da virtuosa mediania quer topográfica quer climática:

[178] *Daces*: refere-se aos Dinamarqueses, alhures designados por *Daci*; *Gethe* são, obviamente os *Gothi*, habitantes da *Gothia* (parte da Suécia).

[179] *Conc. Bas.*, 8, pp. 193, l. 18 - p. 194, l. 6.

[180] O que só era verdade no tempo de Segismundo e do seu sucessor Alberto II que reinavam sobre a Alemanha e a Hungria, da qual a Dalmácia fazia parte (ver nota *ad loc.* de HARTMANN, *Basilea Latina*, p. 50).

[181] ZIPPEL, "Eneo Silvio...," p. 278.

> *Urbis situs neque in summis montibus, unde se preclare ostentet, nec rursus in latissimo camporum equore, ut quoquoversus aperiatur (ventos enim ac procellas et habitatorum incommoditatem in monte, caliginem vero et aëris impuritatem in plano extimuit), sed (quod in omni re maxime probant) medium inter extrema hec sortita est civitas: procul namque ab iniquitate montis et fastidio planiciei remota sic tamen utrumque complectitur et neutrius utilitatis fit expers, ut mira celi sanitate fruatur.*[182]

3. 2. 6. Basileia no centro do Sacro Império Romano-Germânico

A descrição do Reno na carta de 1433 assemelhava-se a notas de viagem, com apontamentos geográficos (navegabilidade, notas breves sobre a paisagem). Na descrição de 1438, o lugar dessas notas de viagem é tomado por uma elaboração poética, em que o rio é recriado graças a imagens animadas:

> *post hec, sive transacto caucior malo sive futuri periculi timidus, haut solus pergere ausus non prius sese ultimo precipicio credit, quam venientes ex Alpibus amnes et viarum comites suscipit et incrementa. Quibus connisus Lauffenburgencia saxa et asperrimos egreditur scopulos moxque velud multo labore domitus et rapidissimis casibus fatigatus humilem se ac navigii sustinentem prebet. Inswetus tamen adhuc ponderis et, sicuti post longam vacacionem reductus ad frenum equus nonnumquam sessorem excutere nititur, sic, antequam Rinfeld (hoc est Reni campum) fluvius videat, navigia interdum disturbat et quasi graviori pondere lesus indignari atque recalcitrare videtur.*[183]

A razão da importância que o rio adquire na descrição revela-se no que se segue, ao evocar as fronteiras do Sacro Império anteriores a Otão I. Pois, outrora linha divisória entre Francos ocidentais e orientais, o Reno era então, em ambas as suas margens, um rio germânico — mais um argumento a favor do 'primado' germânico na cristandade. Essa referência histórica remete para um autor importante nesta segunda *descriptio*: o cronista medieval Otão de Frisinga. O que leva Enea a recorrer ao teórico por excelência da articulação entre sacerdócio e Império, a um descendente de Agostinho e do seu pensamento sobre as duas cidades?

Otão de Frisinga é invocado por Enea em apoio das explicações históricas do actual estado das fronteiras do Império. Note-se, porém, que, enquanto Otão de Frisinga narra as alterações das fronteiras para provar a instabilidade das coisas no mundo presente,[184] Enea

[182] *Conc. Bas.*, 8, p. 200 p. 200, ll. 21-28. Cf. Bruni, *Laudatio*, p. 4, § 5.

[183] *Conc. Bas.*, 8, p. 196, ll. 11-21.

[184] Não obstante as afirmações em contrário de Ullmann, Walter, *Medieval foundations of renaissance humanism*, London. Paul Elek, 1977, p. 65 s.

pretende apenas fornecer alguns esclarecimentos históricos, orientado apenas pelo seu gosto de conhecer.[185]

Embora a produção publicística de Enea seja posterior, pode dizer-se que já aqui se encontra em gérmen, nesta leitura da geografia histórica e política associada ao Reno, uma defesa do Império que se consubstanciará no *De ortu et auctoritate imperii Romani*.[186]

No percurso a jusante pelo Reno Piccolomini celebra a grandeza da Alemanha, individuando as suas mais célebres cidades:

> *Sed ut ad Renum redeam — nusquam est tota Europa fluvius tam frequentibus opidis tamque amplissimis urbibus circumseptus. Magnitudinem eius plurima exsuperant flumina, nobilitatem et amenitatem circumjacentis patrie nulla. Namque ut taceam clarissimas urbes Argentinam, Spiram, Wormaciam et alias quamplures, quid satis de Agripina dicemus?* […] *Cuius urbis si quis magnificenciam splendoremque contempletur, non mercatorum aut privatorum civium sed regiam urbem dijudicet. Quid de Moguntia? Quam pulchro fluvio dominatur! Contra impetum amnis rara supra Mogunciam navigia trahuntur. At quam vero inter Mogunciam et Coloniam pressus hoc loco incedit! Et quasi cursum eius vicini utrinque montes retinere vellent, coartata apud Moguntiam valle parum defuit, quin conjuncti invicem meatum fluminis interdicerent, nec ausus esset Renus tam artis faucibus se committere, nisi hortante Mogano et se socio promittente audaciam /p. 198/ recepisset. Caute tamen et presse inter ignotas graditur valles nec prius se aperit, quam recepto apud Confluenciam Mose*[187] *subsidio licentius pergit. Rupes quidem utrimque altissime et vineis contecte sunt, earumque vinum pars magna Alamanie potat. Ibi tot edificia totque castella e rupibus eminent, ut quasi nivem coelitum demissam occupare colles et universa moncium juga conspicias. Quorum tanta est magnificencia, tantum decus, tantus ornatus, ut ampliora hic rustica palliata sint quam alibi urbana et maiori cum licencia ad delectacionem amenitatemque constructa. Super colles haut parva planicies jacet, ubi et florida prata et lucidi fontes et frondosi luci sunt. Et quod omnia superat: naturam ipsorum locorum ad leticiam existimabis natam. Videntur enim colles ipsi ridere et quandam a se diffundere jocunditatem, quam intuentes nec videndo expleri aut*

[185] Uma das duas citações de Otão de Frisinga pretende justificar que Otão I fora o primeiro rei dos Alemães (*rex Teutonicorum).* O cronista justifica esse ponto de vista dizendo que Otão I não fora o primeiro rei dos Alemães, mas antes o primeiro a ser chamado como tal, pois o reino dos Alemães pertencia ao que fora o âmbito do poder de Carlos Magno; depois da sua morte, o Império foi dividido entre Francos ocidentais e Francos orientais ou Alemães. A conclusão de Otão de Frisinga revela o quadro de referências da sua historiografia: *Quae omnia, ut sepe iam dixi, humanam miseriam variumque rotatum ostendunt ac ad eternae beatitudinis statum nos mittunt. Chronica sive historia de duabus civitatibus*, VI, 17, 2-4 (MGH. SS. Rer. Germ., 7, 45); o problema da sucessão germânica é explicado nas pp. 276 ss.

[186] MEUSEL, Alfred, *Die Quellen des "libellus de ortu et autoritate Imperii Romani" des Enea Silvio de Piccolomini (Pius II.)*, Breslau, Verlag von M. & H. Marcus, 1905, pp. 40 ss. Berthe WIDMER pospõe a data do contacto de Enea com a obra de Otão de Frisinga para a altura da sua entrada na chancelaria imperial: "Auch lernte er nun am Hof den würdigsten Künder der Reichsmetaphysik kennen: Otto von Freising." (*Enea Silvio Piccolomini, Papst Pius II...*, p. 44). No entanto, a autora anota, na mesma obra, os passos da descrição imitados da *Chronica* de Otão de Frisinga (ver e.g, *ibidem,* p. 356, n.).

[187] *Mosa* em vez de *Mosella.* A confusão é atribuída pelo editor a Piccolomini e não ao copista.

> *saciari valeant, ut universa regio hec paradisus recte haberi et nominari queat et cui nichil ad leticiam vel ad pulchritudinem toto orbe sit par.*[188]

Este trecho dir-se-ia uma *laus Germaniae* mais do que uma *laus urbis Basileae*, na medida em que aplica à nação germânica os termos que Bruni aplicara à cidade de Florença.[189] Além disso, esta carta antecipa desenvolvimentos bem mais tardios do tratado *Germania*. Nesta última obra, Enea descreve a Alemanha contemporânea no seu esplendor civilizacional em contraposição a Tácito.[190] Embora a referência já não seja estritamente o curso do Reno — no seu curso a montante: Colónia, Mainz, Worms, Speyer, Estrasburgo, Basileia —, contudo, encontra-se aí a mesma ideia de que a Bélgica faz parte, se não por direito, pelo menos culturalmente da Alemanha.[191]

O mesmo se pode dizer do esplendor civilizacional em torno do Reno. As margens do Reno, as mais urbanizadas da Europa, na *laudatio* de 1438, correspondem à contraposição da nova e da velha Alemanha em *Germania,* cujo maior argumento é precisamente o desenvolvimento urbano:

> *Faciem autem atque ornatum quis ignorat longe prestantiorem esse quam olim fuit? Nam agros ubique cultos videmus, novalia, vineta, viridaria, violaria, pomaria rustica et suburbana, edificia plena deliciis, villas amenissimas, arces in montibus sitas, opida muris cincta, splendidissimas urbes quas plerumque maxima preterlabuntur flumina aut amnes ambiunt limpidissimi, lapideis aut ligneis pontibus permeabiles. Percurramus parumper Germanici nominis memorabiles* /p. 50/ *urbes, et quanta sit huius nationis gloria, qui nitor, qui splendor manifestius elucebit..*[192]

---

[188] *Conc. Bas.*, 8, pp. 197, l. 15 - 198, l. 15.

[189] Ver supra texto citado na p. 140.

[190] A ideia admitida até recentemente, i. e., de que Enea tivesse apenas um vago conhecimento da *Germania* de Tácito, é refutada por KREBS, Christopher B., *Negotiatio Germaniae: Tacitus' Germania und Enea Silvio Piccolomini, Giannantonio Campano, Conrad Celtis und Heinrich Bebel*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2005 (Hypomnemata; 158), pp. 121-127.

[191] *Transimus Gandavum, populosissimam urbem, et totius occidentis in Bruggensi oppido frequentissimum emporium. Que licet Gallici iuris esse videantur, Theutonico tamen sermone et moribus vestris utuntur. Transimus nitidas Brabantie civitates Bruscella, Mechelinam, Anverpiam ac Lovanum.* (*Germania*, II, 7, segundo a edição SCHMIDT, Adolf (Hrsg.), *Aeneas Silvius Germania und Jakob Wimpfeling: "Responsa et replicae ad Eneam Silvium",* Köln [u.a.], Böhlau [u.a.], 1962 (ed. e tradução), p. 50. Cf. ainda: *Belgica regio, que Gallie prius portio tertia fuit, nunc maiori ex parte Germanie cessit, lingua et moribus* (*ibidem*, II, 6, p. 48).

[192] *Germania,* II, 7, pp. 49 s. De um ponto de vista actual a descrição de Piccolomini não deixa de evocar o conceito usado em geografia e história de 'rede urbana' (*urban network* em inglês e *Städtelandschaft* em alemão). Ver sobre o conceito e algumas aplicações possíveis: SCHENK, Winfried, "Städtelandschaft" als Begriff in der Historischen Geographie und Anthropogeographie" in GRÄF, Holger Th.; KELLER, Katrin (Hrsgg.), *Städtelandschaft - Réseau urbain - Urban Network. Städte im regionalen Kontext in Spätmittelalter und Früher Neuzeit*, Köln [et al.], Böhlau, 2004, pp. 25-45.

Todavia, a carta de 1438 não se limita a celebrar o esplendor citadino: celebra igualmente as amenidades e belezas da paisagem rural envolvente, juncada de castelos e vinhas. O fraseado de Bruni é reutilizado em contexto bastante diverso. O símile da neve sobre o cume dos montes aplicado à cidadela de Florença é aplicado aos castelos no cimo dos montes em área rural e, sobretudo, já não é o interior da cidade ou mesmo o interior da casa, mas o castelo ou palácio que é posto em relevo:

> *Ibi tot edificia totque castella e rupibus eminent, ut quasi nivem celitus demissam occupare colles et universa moncium juga conspicias. Quorum tanta est magnificencia, tantum decus, tantus ornatus, ut ampliora hic rustica pallatia sint quam alibi urbana et maiori cum licencia ad delectacionem amenitatemque constructa.*[193]

Além disso, as *domus privatorum*, em Bruni, reflectiam, na arquitectura privada, a beleza, o asseio e a comodidade do espaço público florentino. No vale do Reno, porém, a beleza dos palácios nobres não tem qualquer função cívica e nada contribuem para a cidade de Basileia. Não obstante essa divergência no uso do seu modelo, a Basileia de Piccolomini aspira a ser rival da Florença louvada por Bruni:

> *Quodsi obstupescunt homines, cum procul ex alto montis vertice Florentinam molem et amplitudinem circumjacencium conspiciant villarum, quid hic faciant, cum Reno vecti atque in puppi sedentes tam variorum castellorum ornatum tamque crebram edificiorum congeriem aspiciant, ubi non tantum, sicut apud Florenciam, uno die discurrentes, sed tribus aut pluribus, oculos pascent nec hore momentum sine miraculi novitate transibunt?*[194]

Vemos por este exemplo que Piccolomini representa o espaço de um modo diferente do seu modelo. Efectivamente, o ponto de vista da sua descrição é o de um espectador que se move ao longo do Reno, na popa de um barco, e contempla a paisagem. Portanto, este excurso geográfico, que poderia parecer um apêndice, é, como bem viu Kugler, uma prova de que o autor dispõe de um conspecto do espaço de onde vai seleccionando partes.[195]

Depois do excurso do Reno, Piccolomini regressa à cidade que começa por dividir novamente em Basileia menor e maior.[196] O rio Birsig surge de forma mais explícita nesta segunda descrição onde desempenha simultaneamente o papel de referência topográfica e de esgoto. Embora mencione a imundície que arrasta, o autor nada diz do cheiro pestilento que

[193] *Conc. Bas.*, 8, p. 198, ll. 4-8.
[194] *Ibidem*, p. 198, ll. 15-21.
[195] KUGLER, *Die Vorstellung* ..., p. 204.
[196] *Conc. Bas.*, 8, p. 198, l. 26 - p. 199, l. 3.

dele emana (*medius torrens immundiciem omnem secum trahit, qui variis undique pontibus coopertus vix tota urbe apparet nec semitam intersecat ullam*).[197]

A retórica laudatória tal como em Bruni leva Piccolomini a exagerar algumas características. De facto, os elogios à comodidade e grandeza das habitações de Basileia causam alguma perplexidade: muitas das construções datáveis de meados do séc. XIV ainda existentes, e que representariam uma tipologia abundante, eram autênticos gavetos! Aliás, muito poucos seriam os tectos de habitações particulares com telhas de vidro colorido (*tecta domorum tota orbe decora, pleraque tamen vitrea, variis distincta coloribus, ut radiis solaribus lacessita mirabili splendore nitescant*).[198] O mesmo se diga dos elogios das ruas. O aspecto impecável das ruas calcetadas com seixos do Reno (embora incómodo para os pés),[199] estava longe da realidade das ruas típicas Basileia por esse tempo: atravessadas por galináceos vários (quando não por porcos); obstruídas por oficinas instaladas em plena rua; conspurcadas por amontoados de esterco em frente às casas ou até pelos dejectos lançados janela fora.[200]

3. 2. 7. O equilíbrio da cidade

Um ideal de equilíbrio parece orientar o encómio. As ruas não são demasiado estreitas, nem demasiado largas (*calles neque angusti neque superflua latitudine ambitiosi*).[201] Os muros não são tão imponentes que dêem a impressão de a cidade desconfiar da sua própria força (*menia et propugnacula neque tanto apparatu sunt, ut timide civitatis aut suis viribus diffidentis videantur, neque rursus ita neglecta, ut petulantis et inconsulte haberi possint*).[202] O sítio da

[197] *Ibidem*, 8, p. 199, ll. 5 ss.

[198] *Ibidem*, ll. 21 ss. HARTMANN, "Die Stadt Basel...," p. 17. Recorda ainda o mesmo autor como as recomendações posteriores ao incêndio de 1417 prescreviam o uso de telhas em substituição das ripas de madeira.

[199] *Solum duri silicis quadrigarumque rotis inviolabile, humanis tamen pedibus aspere noxium.* (*Conc. Bas.*, 8, p. 200, ll. 6-8)

[200] Novamente HARTMANN esclarece: "Die Pflästerung mit behauenen Rheinkieseln, die der Rat unter Kostenbeteiligung der Anwänder seit 1417 allmählich hatte vornehmen lassen, muss ihm dermassen imponiert haben, dass er alles übersah, was jeden Verkehr auch auf einer gepflästern mittelalterlichen Strasse zu einem hindernisreichen Unternehmen machte, ganz zu schweigen von den Verhältnissen in den Gassen ohne festen Belag. Immer wieder hatte der Rat dagegen einzuschreitten, dass die Handwerker auf der Strasse arbeiteten, Steine, Bretter, Schweine, Gänse, Hühner, Hunde kreuz und quer mit den Ladentischen zu weit hinauswagten, Misthaufen vor den Häusern anlegte, Unrat und Abfälle kurzerhand zu den Fenstern hinauswarf, das Abwasser der Küchen auf die Gasse leitete; allgemein üblich war es, den Regen nicht in Käneln aufzufangen, sondern frei abströmen zu lassen" ("Die Stadt Basel..., p. 18).

[201] *Conc. Bas.*, 8, p. 200, l. 6.

[202] *Ibidem*, p. 200, ll. 8 s. É impossível não deixar de ver aqui um eco das opiniões platónicas seja pelo conhecimento de *As Leis,* seja por intermédio das refutações das mesmas feitas por Aristóteles no livro VII da

cidade, como se viu acima, possui a virtuosa mediania que evita as desvantagens defensivas da planície enquanto retém as mais-valias ambientais dos montes.

Outro sinal de equilíbrio da cidade é a sua distância em relação ao mar que retoma exactamente a teoria platónica talassofóbica de que as cidades portuárias se prestam à degeneração moral e à propagação de vícios; e de que são desfavoráveis em termos de condições climatéricas. Em oposição a essa teoria, Piccolomini reafirma a salubridade dos sítios continentais (a despeito até da vantagem comercial das zonas costeiras).[203] Os *exempla* históricos e a acumulação de interrogações retóricas servem para enaltecer as vantangens da localização de Basileia.

Também o estatuto de cidade livre (*Freistadt*) de que Basileia se orgulha testemunha um equilíbrio político. Nada tem em comum com a realidade italiana onde, confessa Piccolomini, por todos ambicionarem mandar, todos acabam a obedecer; onde a aversão ao imperador cede lugar ao mando da plebe; onde as mudanças no poder são contínuas. Pelo contrário, em Basileia, nem se procura o poder de um só, nem a vontade do poder leva à cegueira (*neque enim ut in nostris urbibus tirannidem sibi vendicant neque dominandi cupidine excecantur*).[204]

A secção relativa à constituição política e à administração da justiça confirmam o ideal de equilíbrio já demonstrado no plano urbanístico. Com efeito, nobres e plebeus repartem o governo da cidade de tal forma que a política se torna um campo livre de tensões e conflitos (*quamquam popularis gubernacio sit, ita tamen inter se nobiles et plebei munera sorciuntur, ut nulli umquam querele aut discidio locus relinquatur.*).[205] O juízo relativo à justiça, mais consuetudinária do que escrita — que na primeira descrição era depreciativo por a macular de incultura (i.e. em virtude do desconhecimento do Direito Romano) —, é visto com respeito nesta segunda descrição: Piccolomini invoca o exemplo dos Lacedemónios que se regiam por uma justiça semelhante. Aliás, no seu propósito de louvar a justiça dos Basilienses, Piccolomini dá uma imagem favorável dos juristas: nem o advogado com os seus livros maçudos ou com os seus discursos comprados fazem aí valer a sua influência. A

Política.

[203] *Quod si forsitan aliqui longa defessi via mediterraneum situm vituperent et navi pocius quam equo ferantur, eos rogo ut, obitum laborem cum perpetua sanitate compensent.* (*Ibidem*, p. 201, ll. 20 ss)

[204] *Ibidem*, p. 201, l. 29 - p. 202, ll. 1 ss.

[205] *Ibidem*, p. 202, ll. 9 s.

celeridade dos processos, por outro lado, era da maior utilidade para a *respublica*, e a severidade das suas sentenças testemunhava o rigor moral dos Basilienses.[206]

Sob um ponto de vista estilístico, aliás, o tom encomiástico desta segunda descrição, fica bem patente no uso insistente de consecutivas:

> *Sacre autem domus tali a suis queque tribubus pietate coluntur, tali religione observantur, ut incertum sit, magis laudes an mireris.*[207]
>
> *Sic tamen utrumque complectitur* [*sc. situs urbis*] *et neutrius utilitatis fit expers, ut mira celi sanitae fruatur*[208]
>
> *Cives autem sic pretaxatis quibusdam legibus cesari serviunt, ut liberi magis quam subditi videantur.*[209]
>
> *Nulli tanta potencia, ut impune delinquat*[210]
>
> *Ad questionem criminum asperrimis atque acerbissimis cruciatis instant adeoque miseros vexant reos, ut cervicem gladio dare beneficium existiment.*[211]
>
> *Dampnatos vero sic justicia exigente afficiunt, ut ipsam mihi horrorem non exposicio rei sed recordacio ingerat.*[212]

Por último, e como consequência dessa perfeição Piccolomini refere a justeza da etimologia do nome da cidade: *ut sic morate civitati haut injuria sit inditum nomen Basilee quod a Greco susceptum reginam significat*.[213] Outra particularidade estilística usada nesta idealização é o recurso sucessivo às negações (*nulli ex publico sumptus, sua cuique domi ex privato est vita;*[214] *nulla apud eos interpretacio juramenti*).[215] Portanto, toda esta estratégia retórica demonstra o esforço de Piccolomini em fazer de Basileia uma cidade perfeita, a rainha das cidades.

[206] Cf. *ibidem*, p. 203, ll. 1 ss.
[207] *Ibidem*, p. 199, ll. 13 ss.
[208] *Ibidem*, p. 200, ll. 26 ss.
[209] *Ibidem*, p. 201, ll. 28 ss.
[210] *Ibidem*, p. 203, l. 4.
[211] *Ibidem*, ll. 10 ss.
[212] *Ibidem*, ll. 15 s.
[213] *Ibidem*, p. 204, ll. 8 ss.
[214] *Ibidem*, p. 202, ll. 26 s.
[215] *Ibidem*, p. 204, ll. 5 s.

Recordemos, entretanto, a linha de ascendência deste discurso. Aristides tinha colocado a acrópole no centro de Atenas; Atenas no centro da Hélade; a Hélade no centro do mundo. O mesmo esquema de círculos concêntricos tinha sido aplicado por Bruni: Florença estava no centro do mundo e daí se extraíam como corolário as suas aspirações imperiais. Agora, Enea coloca Basileia no centro das cidades vizinhas e no centro da cristandade. Por outro lado, Basileia situa-se de pleno direito na Alemanha que, por sua vez, é o centro da cristandade.

Só uma característica contraria toda esta disposição retórica: o facto de Basileia se situar, do ponto de vista cultural, na periferia. A pouca estima pela literatura pagã, i.e., clássica, a preferência pela gramática e pela dialética em detrimento da oratória e da poética colocam Basileia longe dos padrões do humanismo italiano (*nulla hic studia gentilium literarum. Poeticam oratoriamque prorsus ignorant; grammatice tamen ac dyalectice operam adhibent*).[216] Todavia, essa crítica não anulava a imagem de perfeição construída em todo o texto.

3. 3. As descrições de Basileia: elogios diplomáticos?

Elogios de cidades são frequentes em documentos diplomáticos. Serão as descrições de Basileia idênticas a elogios diplomáticos como a oração de Enea em favor de Pavia (no contexto da escolha de uma nova sede de um futuro Concílio ecuménico para realizar a união com os Gregos)? Nesse discurso, Enea pretendia apresentar Pavia como a cidade em condições perfeitas para receber o evento, satisfazendo as exigências de todas as partes envolvidas,[217] nomeadamente, um padrão adequado de qualidade de vida urbana:

> *Est profecto illa Urbs splendidissimis, commodissimisque ornata domibus. Testes voco ex hac concione quamplurimos, qui me, si mentiar, reprehendant: Notam namque rem dico. Hic moderni genitor Ducis cohabitavit, principes omnium sua aetate consultissimus; hic curiam continuo tenuit, quam magni Domini, omnisque fere nobilitas Italiae sequebantur. Ob quam rem multa ingentia palatia & amplissimae sunt aedes aedificatae. Curiales namque, ut fit, certatim sibi magnificas construebant domos, quod quisque ditior, quod quisque mundior videri*

[216] *Ibidem*, p. 203, ll. 26 s.

[217] *Ea sunt* [sc. *desideranda quae requirat bona electio*] *ut locum eligatis, in quo Graecis satisfacere possitis; ut commode Papa cum concilio convenire queat; ut domus victualiaque suppetant; ut securitatem libertatemque in loco habeatis electo. Quae omnia, si quis sine passione consideret, in urbe Papiensi, ducalique territorio suspiciet* (*Oratio habita Basileae pro loco deligendo ad Oecumenicum Concilium cum Graecis celebrandum*, apud Mansi, *Orationes I*, I, p. 10).

> *volebat. Illic palatium est quod Castellum appellant ingenti fossa circumdatum, de cujus amplitudine illud retulisse sufficiat, quod augustalis, Pontificalisque curiae capax existimetur, cujus pulchritudinem, ac commoditatem omnis oratio comminuere videatur; hinc Urbi adjacet; illinc Ducali viridario supereminet, operi omnium maximo atque excellentissimo, cui Parco est nomen venationibus piscationibusque constructo, ubi feras innumerabiles viginti millia passuum complexus murus observat.*[218]

O elogio estende-se ainda à abundância de *uictualia* (bom vinho, trigo em abundância e os baixos custos), à *salubritas aëris*. Enea depois de mostrar que Pavia estava à altura das exigências em termos de *rerum copia* e de *domorum commoditas*, termina com um elogio do duque de Milão, Filippo Visconti.

Este é um exemplo de uma *laus urbis* produzida em contexto diplomático pelo próprio Piccolomini e de que existem exemplos noutros documentos conciliares. De facto, uma *laus urbis* em termos semelhantes pode ler-se na missão da embaixada do Concílio a Avinhão e Constantinopla, entre Fevereiro de 1437 e Fevereiro do ano seguinte, da qual faziam parte os bispos de Lübeck, Viseu, Parma, Lausana, e que tinha por objectivo persuadir os Gregos a integrarem o Concílio de Basileia com vista à união das duas Igrejas:

> *Item instabitis, quantum fieri poterit, cum omni diligencia, ut Greci acceptent istam civitatem, quam pluribus pensatis, denegare non possunt tum propter presenciam domini imperatoris Romanorum, qui personaliter interesse vult expresse, prout sua majestas sepissime scripsit* /p. 202/ *item propter disposicionem civitatis, que est multum acomoda huic rei, bene edificata in domibus et edificiis pulcris. Habet multa loca acomoda ad faciendum congregaciones et convenciones et generales et particulares; item habet populum mansuetissimum et pascificum; item ibi justicia optime regitur tam contra civitatenses quam contra extraneos non faciendo differenciam inter eosdem divitem et pauperem; item est quasi in centro tocius Christianitatis: in bonis victualibus et competenti foro habundat; item libertas ibi regnat quoad facientes bona, non autem mala, quia contra delinquentes justicia exercetur; item est dilecta civitas fere per omnes principes mundi etc.* [...] *Item ad eam possent per aquam venire comode usque ad pontem civitatis pauco termino dempto, immo quasi nullo termino dempto unius diei vel dimidii, prout ita experiencia negociorum ostendit etc. Nam per mare usque quasi ad civitatem Avinionensem, per Rodanum usque ad mediam dietam de Gebennis et per lacum et flumen dimidia dieta dempta usque huc, et sic non expediret antiquos exire quasi lectum suum, quod valde notandum est etc.*[219]

O elogio diz respeito indissociavelmente ao evento como à cidade que nele se realiza, i. e., o Concílio. De entre os motivos que enaltecem o Concílio e que poderiam convencer os

[218] Mansi, *Orationes I*, I, p. 22.

[219] Concílio de Basileia, "Instruktionen für bie Bischöfe Johann von Lübeck, Ludwig von Viseu, Delphin von Parma und Ludwig von Lausanne, Gesandte des Basler Konzils [...], [zu 1437 Februar 25 Basel]," in *Concilium Basiliense,* 5 (1904), doc. nº 4, pp. 201-202.

Gregos a uma eventual participação, um é justamente a cidade considerada sob vários aspectos, nomeadamente: a sua beleza e as suas potencialidades para acomodar reuniões de grande dimensão; a localização no centro da cristandade; os costumes dos habitantes no que toca à sua civilidade, quer devido à justiça rigorosa quer devido à sua mansidão; a localização vantajosa em ordem à acessibilidade quer de autoridades seculares quer eclesiásticas.[220]

No caso de uma recusa grega, os Padres conciliares providenciaram uma alternativa que seria Avinhão e não descuraram a conveniente apresentação da cidade no intento de a fazerem corresponder às exigências da diplomacia imperial:

> *Et sic civitas omnibus communis, habundat in victualibus optimis et optimo foro habitacionibus pulcherrimis et bene convenientibus ad hoc opus. Habet populum deo devotum et placidum, justicia in ea regnat, et habet ecclesiam in supremum dunum;*[221] *est civitas maritima, ad quam* /p. 203/ *Greci commodissime venire possunt, nullis subiecta tributis aut tirannis, extra geras, in patria fertilissima, ubi carnes in copia, pices* [*sic*] *marini et aque dulcis in habundancia, vina optima tam alba quam rubea et nutritiva, volatilia multa et quasi in vilissimo precio, grana sine numero et fere omnia necessaria ad naturam sine carestia, pulcre et multe ecclesie et notabiles et apte ad convocaciones et convenciones fiendas super hujusmodi negocio et separate una ab alia, castrum solempne et menia speciosa, pons pulcherrimus et decorus. Hec de illa civitate enarrare poteritis extendendo vel diminuendo, prout vos reperietis, quam primum illuc fueritis. Ad eam de Francia, Burgundia, Sabaudia, Dalphinatu et Provincia per aquam et terram victualia ultra illa, que in circuitu ejus excrescunt, defferuntur, quia inter illa territoria nichil aut modicum est in medio etc.*[222]

Elogio semelhante, e também de Avinhão, pode ler-se na carta de Carlos VII da França ao Concílio.[223]

Existiam, portanto, elogios de cidades na linguagem diplomática cuja configuração literária era claramente diferente dos elogios de Basileia. De facto, não há nos elogios

---

[220] Em comparação com esta linguagem da chancelaria conciliar, o *instrumentum* de 1424, que ditou a escolha da cidade de Basileia como sede do futuro Concílio, é praticamente omisso no que toca a razões. Ver Mansi, Gian Domenico, *Sacrorum conciliorum nova et amplissima collectio* [...], Florentiae, A. Zatta, 1759-1798, t. XXIX, cols. 6-8.

[221] Segundo nota do editor *dunum* será provavelmente a latinização de um termo celta para colina ou eventualmente uma lição errada em vez de *divinum*.

[222] Concílio de Basileia, "Instruktionen...," pp. 202-203.

[223] *Quibus attentis et presertim de nonnullorum locorum nominacione et electione, inter que loca civitas Avinionensis pro futuri ycumenici concilii celebracionem fienda per sacrosanctam concionem vestram solenniter nominata et electa fuit, — habita igitur super hoc permagna maturaque predicti majoris concilii nostri deliberacione hujusmodi electioni vestre consensimus et consentimus. Est enim locus ille Avinionensis ad hoc aptus et habilis tum propter amenitatem siue situacionis localis tum eciam propter aeris salubritatem tum denique propter bonorum fertilitatem edificiorumque venustatem* (Carlos VII, Rei de França ao Concílio de Basileia, Montpellier, 24 de Abril [1437], in *Concilium Basiliense*, 5 (1904), p. 223).

diplomáticos uma tentativa de compreender a realidade, mas antes uma apresentação conveniente e superficial da cidade.

3. 4. Uma cidade desenhada à medida do Concílio de Basileia?

O Concílio de Basileia tem uma importância, do ponto de vista político, que ultrapassa largamente o âmbito eclesiástico: até que ponto isso se reflecte na 'Basileia' de Enea?

Uma leitura mesmo apressada do diário do legado veneziano Andrea Gatari, com a sua descrição da entrada dos vários dignitários europeus, desde legados das Repúblicas italianas aos legados das casas reais até ao próprio imperador, não deixa dúvidas quanto ao carácter de reunião diplomática a nível europeu que o Concílio teve. Para usar as palavras de um ilustre historiador do evento, o concílio de Basileia é um problema de historiografia europeia,[224] ou seja, a sua importância não se reduz às questões eclesiásticas, mas alarga-se muito para além até às questões de diplomacia europeia (note-se que é a primeira grande assembleia de representantes das várias 'nações' europeias). Mais do que isso, constitui um momento decisivo em termos de história das ideias políticas porquanto o conciliarismo permaneceu como uma referência dos teóricos do constitucionalismo e do parlamentarismo europeus.[225]

Na verdade, suportado por uma retaguarda de teorizações políticas medievais — e não apenas de teorizações, mas de práticas que se estendiam a toda a vida social desde as corporações às novas ordens religiosas, sem esquecer as cidades —, o conciliarismo aplicou à Igreja a teoria de que o conjunto dos membros de uma organização, a *universitas*, vale mais do que cada um, mesmo que se trate de um membro eminente. Da aplicação de teorias políticas à realidade eclesiástica resultou a equiparação da Igreja a uma *respublica* e a afirmação da superioridade do concílio sobre o papa. Um dos teóricos do conciliarismo, o espanhol André Escobar, assim o diz:

> *Certum est enim, quod universalis ecclesia est quoddam corpus mysticum et res quaedam publica populi christiani.* [...] *Cum ergo ista sanctissima respublica sit universalis ecclesia, cui immediate data est a Christo potestas plenissima et sic res communis populi christiani et*

[224] MEUTHEN, Erich, *Das Basler Konzil als Forschungsproblem der europäischen Geschichte*, Opladeb, Westdeutscher Verlag, 1985 (Vorträge der Rheinische-Westfälische Akademie Wissenschaften: Geisteswissenschaften; G 274), pp. 5 ss e 12 ss.

[225] Ver a introdução de BLACK, Antony, *Monarchy and community; political ideas in the later conciliar controversy 1430-1450*, Cambridge University Press, 1970 (Cambridge studies in medieval life and thought; 3rd ser., 2), pp. 8 ss.

> *populus sit coetus multitudinis, juris consensu et utilitatis communione sociatus secundum Plutarchum*.[226]

Desta formulação corporativa da Igreja construída de baixo para cima, chegou-se sem dificuldade à doutrina da superioridade do concílio sobre o Papa.[227]

Tais expressões que formaram o âmago de algumas das sessões conciliares a que Enea assistiu, podem encontrar-se com bastante clareza nos seus *Commentarii de gestis Concilii Basiliensis*. O discurso do bispo de Burgos, um conciliarista moderado, socorria-se da autoridade de Aristóteles para afirmar que, em qualquer reino, *plus posset regnum quam rex*.[228] Enea, por seu lado, retomará a expressão do bispo para a desenvolver nos mesmos termos que Escobar o fazia.[229]

Por isso, é necessário, na ordem da investigação presente, questionar a possível influência das convicções conciliaristas na descrição de Basileia, tanto mais que a primeira delas, como acima ficou dito, se apresenta como um prólogo a uma futura história do concílio.

Quer pela referência a Otão de Frisinga, acima citada, quer pelo enquadramento geográfico e político da cidade, a segunda descrição revela a sensibilidade gibelina de Enea, que tem sido motivo de discussão e de algumas interpretações exageradas entre alguns estudiosos que vêem na tendência gibelina uma abjuração do ideário conciliarista anterior. Sirva de exemplo a ideia sumariada por Berthe Widmer de que Piccolomini teria sido um adepto das teorias democráticas do conciliarismo durante o Concílio de Basileia e que, posteriormente, aquando da sua entrada ao serviço de Frederico III, se tenha convertido ao

---

[226] ESCOBAR, André, *Gubernaculum Conciliorum*, cit. por SÄGMÜLLER, J.-B., "Der Verfasser des Traktates *De modis uniendi ac reformandi Ecclesiam in Concilio universali* vom J. 1410," in *Historisches Jahrbuch*, XIV (1893), p. 565. A citação não é de Plutarco, obviamente, mas de Cícero.

[227] Nas palavras de Niccolò TUDESCHI, dito PANORMITANO, em discurso no Concílio de Basileia, em 1442: *Illud quod dicitur, quod papa habet plenitudinem potestatis, debet intelligi, non solus, sed tanquam caput universitatis; ita quod ipsa potestas est in ipsa universitate tanquam in fundamento, sed in papa tanquam in principali ministro, per quem haec potestas explicatur* (cit. por BLACK, *Monarchy...*, p. 10). Note-se que TUDESCHI era um moderado e um opositor do conciliarismo radical de Marsílio de Pádua ou Ockham.

[228] PICCOLOMINI, Enea Silvio, *De Gestis Concilii Basiliensis Commentariorum libri II*, ed. and translat. by Denys Hay and W. K. Smith, Oxford, Clarendon Press, 1967, p. 28.

[229] *Quod autem papa Concilio generali subesse debeat egregie ratio per Burgensem episcopum deducta superius probat. Est enim papa in ecclesia tanquam in regno rex, regem autem plus posse quam totum regnum absurdum est; ergo nec papa plus posse debet quam ecclesia* (*ibidem*, p. 32). As suas convicções conciliaristas ainda são afirmadas com bastante honestidade intelectual em 1443 em termos similares: ver WOLKAN I/FRA 61, ep. 47 a Hartung von Kappel, Viena, Abril de 1443, pp. 134 ss.

pensamento imperial.[230] Segundo esta interpretação haveria uma linha de água entre a história do Concílio *De rebus gestis Concilii Basiliensis*, ou o diálogo conciliarista *Libellus dialogorum de generalis Concilii authoritate et gestis Basileensium*,[231] por um lado, e a carta *De ortu et auctoritate Romani imperii* ou o *Pentalogus*, por outro.[232]

O que a segunda descrição mostra, pelo contrário, é um interesse pela realidade geopolítica do Império e a consciência de que ele é um ponto nevrálgico da cristandade. Paralelamente, não parece ser congruente com as próprias posições do autor sustentar uma oposição entre a sensibilidade gibelina de Enea e a sua adesão ao conciliarismo. Para tal baste recordar a oração ao imperador Segismundo[233] em que ataca os particularismos das cidades guelfas de Siena, Florença e Veneza. O pano de fundo seriam as iniciativas diplomáticas de Florença com o objectivo de se apresentar como a melhor candidatura para sede do concílio de união com os Gregos. Para o efeito, a cidade enviou à assembleia basiliense uma carta onde Florença se vangloriava da sua liberdade.[234] A reacção de Enea a essa carta é uma indignação clara contra as cidades que, além de negarem o poder imperial, ainda subjugam outras cidades imperiais. Caso o concílio se realizasse em Florença, a presença do imperador seria um risco. Mas o momento mais emotivo da sua argumentação é constituído pelos elementos básicos de política italiana explicados ao imperador:

> *tunc Florentiam eas? Florentiam dico, que est Guelforum caput. intelligis, quid Guelfi nomine significetur? Guelfus est, qui resistit imperio, Gibellinus, qui paret. sed que magis imperio civitas rebellis est, quam Florentia, que magis emula?* [235]

[230] "Während er zur Zeit seiner Konzilbegeisterung eine starke Vorliebe für das demokratische oder wenigstens aristokratische Prinzip gezeigt hatte, ist er am Kaiserhof auch innerlich dem monarchischen nähergerückt" (Widmer, *Enea Silvio Piccolomini, Papst Pius II...*, p. 45). A historiadora cita ainda a "farpa" do autor, em carta a Stefano Caccia (27 de Maio de 1444), dirigida ao Concílio: *apud vestram democratiam* (Wolkan I/FRA 61, ep. 140, p. 319). Já a hipótese de Enea se ter tornado menos humanista em consequência dessa opção — no pressuposto, assumido por Widmer, de que a tendência democrática seja uma marca do humanismo — é difícil de sustentar. Para uma análise diferente ver Zippel, "Enea Silvio...," p. 296 ss.

[231] *Libellus dialogorum de generalis Concilii authoritate et gestis Basileensium*, apud Kollár, Adam Franz, *Analecta monumenta omnis aevi vindoboniensia*, Vindobonae, typis et sumptibus J. T. Trattner, 1761-1762, t. II, pp. 686-789.

[232] Nederman, Cary J., "Humanism and Empire: Aeneas Sylvius Piccolomini, Cicero and the Imperial Ideal", in *The Historical Journal*, 36, 3 (1993), pp. 499-515 reavaliou, especificamente no caso de Piccolomini, a identificação do humanismo com a tendência republicana por oposição o ideal do império como tendência medieval.

[233] Carta ao imperador Segismundo, Basileia, 15 de Junho de 1437, Wolkan I/FRA 61, ep. 25, pp. 76-79.

[234] Já referidas na p. 92, nota.

[235] Wolkan I/FRA 61, p. 77.

Portanto, não há dúvidas quanto à posição gibelina e pró-imperial de Piccolomini. Não admira portanto que não haja uma influência do conciliarismo sobre as descrições, particularmente no que toca à organização social e política da cidade. O *regimen populare,* com que a cidade se governa, não recebe por si só, na primeira descrição, louvor nem crítica. A essa neutralidade acresce, na segunda descrição, uma insinuação de desagrado do autor em relação a esse regime popular na expressão *quamquam popularis gubernacio sit.*[236]Portanto, mesmo onde havia motivos para ver uma ligação entre instituições sociais (como as organizações corporativas) e políticas (como o governo comunal) da cidade e o ideário político que orientava o concílio, o que se encontra, pelo contrário, é distanciamento.

De resto as obras mais directamente relacionadas com o concílio como os já citados *Commentarii* ou ainda o *Libellus*, que não estabelecem paralelismos entre a cidade e o concílio. A primeira dessas obras, exalta o ideal de uma Igreja cuja traço decisivo era uma fraternidade na qual se vivia e decidia em comum:

> *Omittam illam sanctissimam uitam beatam et omni stricta religione mundiorem; ubinam gentium talis patrum est chorus, ubi tantum scientiae lumen, ubi prudentia, ubi bonitas est, quae horum patrum aequari virtutibus queat? O integerrimam fraternitatem! O uerum orbis senatum! Quam pulchra, quam suauis, quam deuota res fuit, hic celebrantes episcopos, illic orantes abbates, alibi uero doctores diuinas legentes historias, audire, et unum ad lumen candelae scribentem cernere, alium uero grande aliquid meditantem intueri!* [...] /p. 240/ *Custodiebatur inter dominos magna charitas, inter famulos bona dilectio, inter utrosque optimum silentium. Et isti in dominos obedientes, illi in seruitores benigni erant; nulla superbia, nullus liuor, nulla simultas uigebat, suus cuique status placebat; nihil secretum, nihil occultum fuit, omnia scire uicinum oportuit quae fecit uicinus.*[237]

Pode deduzir-se ainda uma tendência democrática na forma nostálgica como, no discurso proferido na festa de S.to Ambrósio, Piccolomini lembra a antiga eleição episcopal, por aclamação concorde do povo, e a opõe aos jogos de poder e à cobiça que ditavam as

[236] Ver texto citado acima na p. 157.

[237] Piccolomini, *De Gestis Concilii Basiliensis commentariorum*, pp. 238-240. Note-se ainda que os *Commentarii* sobre o concílio teriam originalmente um carácter mais anti-papal (i.e. anti-Eugénio IV) do que a actual tradição manuscrita, pois lhe falta um segundo livro que conteria o período mais quente do concílio que vai da deposição de Eugénio IV (16 de Maio de 1439) à eleição de Félix V (Outubro-Novembro de 1439). A existência de tal livro, posta em dúvida por Denys Hay (*ibidem*, p. xxix, e p. 200, n. 3; a referência a um livro anterior, cuja existência é defendida por Gianni Zippel (ver "Enea Silvio...," p. 288), encontra-se na p. 200: *cuiusque supra in relatione processus papae meminimus.*

nomeações no seu tempo.[238] Em ambos os casos, porém, esse ideal conciliarista não tem reflexos na cidade.

Nos *De gestis concilii commentarii*, por sua vez, apenas um aspecto da cidade merece particular atenção que é o local onde se realiza o conclave. Da breve descrição resulta, no entanto, um contraste entre um aspecto da vida social da cidade e o Concílio, pois o lugar onde se celebra o conclave era justamente uma *Trinkstube*:

> *Domus erat in medio urbis apud plateam cathedralis ecclesiae loco edito et patenti, quam nobiles quondam in usum struxerant chorearum, et supra et infra perlatas habentem aulas; et superiorem sane, quoniam igne poterat calefieri hyemi, inferiorem aestati deputauerant. Hic igitur conclaue haberi posse est uisum ut esset domus orationis, ubi fuerat lasciuiae campus et succederent mores, ubi uitia triumpharant.*[239]

Em carta a Juan de Segovia[240] a coroação de Félix V apresenta uma breve evocação de alguns lugares de Basileia, nomeadamente a praça em frente da catedral, espaço de divertimentos populares, onde foi erguida e decorada a tribuna que serviu de cenário ao evento;[241] as vielas por onde o cortejo passou até terminar no convento dos dominicanos; ou ainda a Igreja da Virgem para onde no dia seguinte, e após festejos animados por toda a cidade, se dirigiu o novo Papa para daí se recolher ao palácio episcopal.[242]

O que mais ressalta da descrição deste evento é a atenção de Enea para o desregramento da celebração. Seja por causa da *confusa populi multitudo* apinhada na praça ou integrada no cortejo, e que, no próprio dia, esgotava com o seu consumo os recursos que a cidade oferecia;[243] seja por causa dos convivas do banquete oferecido no dia seguinte, que mostravam menos regramento no seu luxo do que os Romanos outrora[244] a imagem que apresentavam pareceu a Enea contradizer os propósitos reformadores do concílio.[245]

---

[238] *Totius populi ora conversa Ambrosium episcopum conclamabant; factaque repente concordia hunc omnes unum ordinari antistitem flagitabant. Sed nondum ea, quae nunc viget, ambitio macularat Ecclesiam, nec adhuc pecunia vendebatur Episcopatus.* (Oratio habita Basileae in die Divi Ambrosii, apud MANSI, *Orationes I*, II, p. 42).

[239] *Commentarii de gestis Basiliensis concilii*, p. 230

[240] Ver WOLKAN I/FRA 61, ep. 34, Basileia, 13 de Agosto de 1440, pp. 105 ss. Mas foi editada por HARTMANN, *Basileia Latina...*, pp. 76-84, e com o mesmo texto acompanhado de tradução, por WIDMER, *Enea Silvio Piccolomini, Papst Pius II...*, pp. 176-187. O texto citado é o da edição de HARTMANN.

[241] HARTMANN, *Basilea Latina...*, p. 77.

[242] *Ibidem*, p. 83.

[243] *Quidquid vini erat, sit bibitum* (*ibidem*, p. 78).

[244] *Ibidem*, p. 83.

[245] Gianni ZIPPEL, chama a atenção para os incidentes cómicos na descrição ("Enea Silvio...," pp. 294 s), mas que devem ser desvalorizados tendo em conta a verve satírica do autor. Em todo o caso, mais tarde Enea

Que o concílio fosse democrático é o que um ilustre historiador põe em causa (sendo antes um concílio de elites, pois a assembleia era constituída por médio e alto clero e, eventualmente, leigos que, todavia, eram príncipes).[246] Mas era assim que Enea o via. Como acabámos de ver Enea não era um entusiasta da "democracia" na sua realidade: aliás, a sua posterior viragem anticonciliarista não é sem relação com a sua aprendizagem do funcionamento das assembleias. Nesse sentido, a carta a Piero da Noceto — datada, note-se, de 1437 — contém já, como corolário dessa sensibilidade política, o distanciamento e a ironia perante a volubilidade das multidões.[247]

3. 5. Comparação com as descrições de Pero Tafur, Andrea Gattaro e de Petrus Antonius Finariensis

O relato de viagem não se integra na mesma tipologia textual que as *descriptiones* de Piccolomini. No entanto, vale a pena comparar os textos de Piccolomini com dois relatos de viagem da autoria de contemporâneos seus que se encontram em Basileia pela mesma altura. O primeiro é o de Pero Tafur, um viajante andaluz já referido a propósito de Génova, que também passa por Basileia por volta de 1438.[248]

expôs, em carta ao arcebispo de Gran, as suas preferências políticas e a sua repulsa pelos regimes de tendência democrática. Todavia, essas atitudes não resultam de uma recusa do conciliarismo, mas derivam, sim, da sua sensibilidade gibelina: *Si pacem in regno et concordiam vultis habere, aut populare regimen aut regale habendum est. dimitto nunc illam Aristotelis, quam in politicis de modo regendi considerationem habuit. nam ad hec duo possunt omnia referri. quid vos obsecro inter hec eligetis? quis vestrum est, qui populare regimen audeat suadere? omnes vos, qui hic estis, nobiles estis, at in regimine populari omnis nobilitas suspecta est. surgunt plebeii et equato jure rem publicam administrant, quicquid excellit, amputant. respicite civitates, que in communi gubernantur. nullus in atrio nobilis est, mercatorum sunt omnia. ego non puto quemquam vestrum sub artificibus potius esse velle quam sub regibus. ad hoc est, quod vestrum regnum usque in hoc evi semper sub auspicio regum gubernatum est, nec* /p. 555/ *reor novitatem vos velle nunc agere, que mater erroris esse consuevit. exinde cum regnum vestrum undique bellis flagret necessarium est regem habere, ad quem omnia referantur. ubi pax est, multitudo regnare potest, ubi sunt bella, nisi unus sit, qui dirigat, omnia corruunt* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 189, ao arcebispo de Gran, Dionys Szécsy, Outubro de 1445).

[246] Ver HELMRATH, *Das Baslerkonzil…*, p. 27.

[247] O contexto era o da escolha de uma nova sede para o Concílio, tendo-se pronunciado o cardeal de Santa Sabina, Giuliano Cesarini: *sed ut est homo inter sapientes nostri temporis prudentissimus dicendi locum callide occupavit. multa raptim et furtive de suo jure disseruit. tanta est humanarum mutatio rerum vanusque ipse multitudinis favor. non aliter olim sua oratione moderare hic concilium solebat, quam Cicero quondam senatum, nec minus isti suam eloquentiam quam Athenienses Demosthenis mirabantur* /p. 65/ *orationem. nunc loquenti omnes perstrepunt contempnuntque tacentem. sed non idcirco minor virtus. nam et honorificentissime ab his receptus est Christus, qui eum mox necandum conclamarunt. taceo de protestationibus ea die adversus decimam factis. soluta congregatione particularia concilia sunt habita de modo sessionis, utraque parte deliberante utile pro suo jure, cuique videbatur altare ab se teneri missamque a suis celebrari, quasi ejus partis sessio diceretur, cujus fuisset altare* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 24, a Piero da Noceto, Basileia 21 de Maio de 1437, pp. 58-76).

[248] Sobre a sua passagem por Génova ver supra p. 95. Embora, note-se, o relato da viagem seja escrito bastante mais tarde.

Sendo embora comerciante, Pero Tafur escreve com aspirações a um ideal de nobre que assim define: por um lado, mostrar pelas suas proezas, nomeadamente a de viajar pelo mundo, que se estava à altura das virtudes dos antepassados; por outro, ter capacidades políticas para o exercício de cargos, tarefa para a qual, afirma Tafur, a observação e conhecimento da realidade das nações estrangeiras são imprescindíveis.[249] Portanto a sua viagem é apresentada como um exercício de virtude e de conhecimento a um tempo.[250]

A sua descrição de Basileia é breve, mas contém elementos importantes:

> *Esta çibdat es abundosa segunt que es Alemana, é ay buenos vinos é toda otra cosa de bivir; es çibdat muy bien murada é muy gentilmente encasada, de buenos sobrados altos é chimeneas, é están gentilmente labradas con sus vedrieras á la calle, é muchas torres con sus cruxíos con sus grínpolas ençima, é muy polida cosa de ver de dentro é muy mucho más de fuera; las calles enlosadas é empedradas, é muchos abrevaderos dentro, muy notables yglesias é monesteríos, la yglesia mayor muy grande é bien labrada, é allí se ayuntava el Concilio; muy fermosa gente ansí onbres como mugeres, es gente bien rica. Esta çibdat se rige á comunidat, bien que del Imperio sea, pero dizen que non son obligados á dar otra renta al Emperador, salvo, quando allí viniere, una comida é un par de calcas, pero puédelos llamar para las guerras. Esta çibdat tiene grandes arravales é bien poblados; paresçe que por causa quel Concilio estava allí ayuntado, desas partes de Alemana estavan allí tantos de pobres, quellos solos finchirían una grant* /p. 234/ *çibdat'*'[251]

Tafur esboça o *skyline* da cidade com os seus telhados altos, as suas chaminés, as suas torres com cruzes e cataventos (*grínpolas*) — uma imagem que fica a quem vê a cidade à distância. Outras anotações, em contrapartida, pouco acrescentam ao que Enea escreveu: o pavimento das ruas; a abundância de fontes (*abrevaderos*); o contraste entre a população residente e a imigração por causa do concílio.[252]

Resta enfim a percepção sobre o governo comunal da cidade (*se rige à comunidat*), gozando de alguma liberdade em relação ao imperador. A observação, muito mais superficial do que a análise de Enea, salienta-se sobretudo pela expressão prosaica: *non son obligados á dar otra renta al Emperador, salvo, quando allí viniere, una comida é un par de calcas, pero puédelos llamar para las guerras*.[253]

---

[249] Ver o prefácio à obra (Tafur, *Andanças é viajes*, p. 1s).

[250] "Venir en conosçimiento de lo más provechoso á la cosa pública é estableçimiento della, en que principalmente se deben trabajar los que de nobleza no se querrán llamar enemigos" (*ibidem*, p. 2).

[251] *Ibidem,* pp. 233-234.

[252] Uma observação que se refere eventualmente à mesma realidade testemunhada por Enea, na primeira descrição, quando mencionava os estudantes pobres custeados a expensas públicas: *adventant huc multi ex vicis proximioribus, qui vitam plerunque trahunt ex elemosinis. Illis datur ex publico magister ad grammaticam, logicam musicamque capescendam* (*Conc. Bas.*, 5, p. 372, ll. 28 ss).

[253] Sobre essa obrigação cf. supra p. 112 n.

Andrea Gatari, que integrou a delegação veneziana ao Concílio de Basileia entre 1433 e 1435, também deixou uma descrição da cidade no seu diário.[254]

A sua descrição inicia-se com o assentamento do núcleo urbano e traços topográficos:[255] o rio que divide a cidade em duas partes, a ponte e o porto do Reno, as duas colinas da Basileia maior. As indicações são precisas no que diz respeito aos edifícios e praças: o *Rathaus*, o mercado de cereais (*Kornmarkt*) e o mercado do peixe (*Fischmarkt*). A descrição das praças destes dois mercados apresenta uma particularidade digna de nota. Efectivamente, Piccolomini que, dentro dos limites que a compreensão de uma realidade linguística e social estrangeira lhe colocava, soubera ler a organização dos mesteirais em corporações, mas nada disse, todavia, da marca urbanística desta organização social. A este respeito a leitura de Gatari é mais explícita: nota as várias oficinas das várias corporações e nota que cada corporação tem "o seu palácio," (ou seja, o *Zunfthaus*).[256] Também a catedral é descrita com mais pormenor, nomeadamente a sua fachada (da qual menciona as torres com os seus relógios) e o interior. Em suma, Gatari aprecia sobretudo a monumentalidade de Basileia.

A descrição termina com duas observações em linha com o que era o programa da *descriptio* medieval: a enumeração das igrejas e respectivas relíquias[257] e a abundância de água e de espaços de lazer. O espaço de lazer mencionado por Gatari é a *Petersplatz* com as suas tílias[258] que, no Verão, proporcionam um lugar agradável para jogar e especialmente, nota o veneziano, para praticar tiro ao arco.[259]

Além do espaço, outros aspectos da vida da cidade são mencionados por Gatari. No seu estilo, dir-se-ia "de repórter," narra no seu diário a vida animada da cidade durante o

[254] O original em italiano foi publicado por Giulio Coggiola (Gatari, Andrea, "Diario del Concilio di Basilea. 1433-1435," herausgegen von Giulio Coggiola, in *Concilium Basiliense*, 5 (1904), pp. 377-442). Cf. também Wackernagel, Rudolf, "Andrea Gattaro von Padua. Tagebuch der Venetianischen Gesandten beim Concil zu Basel (1433-1435)," in *Basler Jahrbuch*, 5 (1885) pp. 1-58 (tradução alemã). Ver ainda algumas referências à sua descrição também em Idem, *Geschichte...*, vol. 1, p. 480 ss.

[255] A descrição do núcleo urbano pode ler-se em *Conc. Bas.*, 5 (1904), p. 389 l. 19 - p. 390, l. 36, na tradução de Wackernagel a pp. 18 ss.

[256] Gatari, "Diario...," p. 389, l. 38; Wackernagel, "Andrea Gattaro...," p. 20.

[257] Gatari, "Diario...," p. 390, ll. 13 ss; Wackernagel, "Andrea Gattaro," p. 20.

[258] Davanti da la chiesa si è una piaza grande con una bella fontano [sic apud Coggiola] dove se ge zostra quando n'è 'l tempo." (Gatari, "Diario...," p. 390, l. 13). Sobre a *Petersplatz* como espaço de lazer ver o já citado Hartmann, "Die Stadt Basel...," p. 20.

[259] Ver Wackernagel, "Andrea Gattaro," p. 20-1. Note-se como esta observação converge de certo modo com a de Enea (se bem que este seja influenciado por Poggio nesse ponto).

concílio: torneios na Münsterplatz, procissões, recepções às portas da cidade ou em casas sumptuosas, bailes, o enforcamento de dois judeus...

Em conclusão, as descrições de Pero Tafur ou de Andrea Gatari, praticamente contemporâneas das de Enea, não partilham o mesmo quadro de referências humanistas. Dir-se- -ia que a forma da narrativa de viagem ou do diário ampliam a margem de enunciação do autor no que diz respeito à *uarietas*, mas a tentativa de penetrar nessa realidade revela-se muito mais limitada. Berthe Widmer, que tomou o diário de Gatari como referência para a avaliação da *descriptio* de Enea, conclui:

> "Gattaro hat höchst reizvoll zu erzählen verstanden, und zum Teil hat er konkreter geschilderte als Enea; die Münsterfassade ließe sich nach seinen wenigen Angaben einigermaßen richtig skizzieren, während Enea für kein einziges Haus entsprechend klare Anhaltspunkte gibt. Aber er hat mit den Augen eines Kindes geschaut. […] Ihm gegenüber wirkt Eneas Schilderung reif und überlegen, ausgewogen, zielstrebig und durchgestalte."[260]

Enfim, um elogio de Basileia um pouco mais tardio, o do italiano Petrus Antonius Finariensis[261] pronunciado em 1464, quando comparado com as descrições de Piccolomini mostra como o facto de procederem de uma mesma tradição, o humanismo italiano, não implica que sejam comparáveis.

O elogio do autor genovês concebido para concurso a um lugar na universidade basiliense, denuncia o seu recorte de peça de eloquência humanística na qual a consciência da natureza encomiástica do tema assim como a exigência da ocasião obnubilam qualquer outro interesse que pudesse levar o orador a observar a realidade urbana.[262]

O orador apresenta desculpas pela incapacidade da sua eloquência: fosse a sua eloquência a de Demóstenes ou de Cícero que Finariensis haveria de os superar no incomparável afecto com que louvaria a cidade na mesma medida que os dois lumes da retórica antiga lhe tinham valido com os seus ensinamentos (*tanto eos in laudanda hac praeclarissima urbe singulari amore superarem, quanto eloquendo ipsi me multo praestiterunt.*)[263]

[260] WIDMER, "Enea Silvios Lob...," p. 137.

[261] Também conhecido como Petrus Antonius De Clapis (1440?-1512), para mais variantes ver CONSORTIUM OF EUROPEAN RESEARCH LIIBRARIES, *CERL Thesaurus, accessing the record of Europe's book heritage*, London, s. v. "Finariensis," disponível no URL <http://thesaurus.cerl.org/record/cnp00541751>, consultado em 31-08-2012.

[262] De resto Finariensis é autor ainda de um elogio de Heidelberg e da sua universidade que, no juízo de Klaus VOIGT, não faz mais do que aplicar obsequiosamente à cidade os tópicos da tradição da *laus urbis* independentemente de qualquer elemento concreto (*Italienische Berichte...,* pp. 154-159).

[263] O texto *De Basilee urbis laudibus oratio* está editado (com tradução de Alfred HARTMANN) por KISCH,

O sítio da cidade é tratado em função de um ideal de equilíbrio geográfico que a cidade encarna. A norte a oriente, a sul ou a ocidente não se encontra região com tantas qualidades: cidade bem concebida, belíssimo rio, ar saudável, fontes, vinho, trigo... Por isso, Finariensis louva, tal como Enea, a centralidade de Basileia:

> *Quis est enim, per deum immortalem, qui, si Italiam ab hac urbe petere constituat, in eam infra dies octo facile non se conferat? Cum autem in Galliam, Burgundiam, Lotharingiam, Flandriam reliquasque inferiores provincias contendere vult quisquam, quanta cum facilitate itinerisque comoditate in eas deuolare possit, omnes profecto intelligunt.*[264]

Na vertente moral da cidade, o louvor da unidade e da concórdia que, segundo Finariensis, sustentam a estabilidade política da cidade nada diz de preciso sobre a organização social e política. A mesma indefinição acerca do regime sobre o qual pouco diz de concreto além de um elenco de virtudes morais dos dirigentes da cidade (clemência, justiça, severidade para com os inimigos).[265] Enfim, o discurso termina com o elogio da universidade que era o destinatário e o motivo do discurso (muito mais do que a cidade).[266]

O que separa estas descrições, sejam diplomáticas, sejam relatos de viagem, sejam elogios circunstanciais, dos textos de Enea?

Fundamentalmente, a cultura política com que as descrições do humanista de Siena foram escritas. É que Enea não concebia a sua actividade no Concílio de modo diferente da de um Cícero perante o Senado, ou de um Demóstenes perante a Assembleia ateniense, conforme o próprio afirma.[267] Para concluir, resta-nos dizer que o dia-a-dia de Piccolomini nesta cidade pouco ou nenhum traço deixou nas descrições analisadas. No entanto, sabe-se por outras cartas que a sua vida tinha por centro um grupo de amigos que partilhavam o gosto pela poesia e pelas mulheres. Porém, sobre essa Basileia das tabernas e da vida boémia as suas descrições (que não outras cartas), nada dizem...[268]

Guido, *Gestalten und Probleme aus Humanismus und Jurisprudenz: Neue Studien und Texte*, Berlin 1969, pp. 241-279 (aqui, p. 268). Sobre o elogio ver as referências de KUGLER, *Die Vorstellung* ..., p. 159 e 220.

[264] KISCH, *Gestalten und Probleme*..., p. 272.

[265] Cf. *ibidem*, pp. 274 s.

[266] Cf. *ibidem*, p. 276 s.

[267] Ver a já citada carta (supra p. 167) a Piero da Noceto, Basileia, 21 de Maio de 1437 (WOLKAN I/FRA 61, ep. 24), pp. 64 s. Embora sob uma luz desfavorável (uma vez que VOIGT considera pernicioso o domínio do humanismo em matérias eclesiásticas), ver também *Enea Silvio,* I, p. 222.

[268] Ver o retrato da vida de poeta em Basileia tal como o sugere a carta a Niccolò Amidano, Constança, 21-29 Novembro de 1442, em que lhe pede para escrever mais amiúde, que haveria sempre novidades quanto mais não fosse *Glicerium saltem materiam potest dare, de qua nunquam tantum scribes, quantum audiam libenter. effice*

igitur, quod cupio, me autem an scrip-/p. 117/*turum tibi extimes vel ex eo potes intelligere, quia prior do litteras* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 39, pp. 116 s). Obviamente que o nome alatinado era apenas um disfarce para uma mulher de taberna (sobre este aspecto ver VOIGT, *Enea Silvio,* I, p 222). Ver também a epístola ao mesmo Niccolò Amidano, de Viena, inícios de Julho de 1443, onde surge a mesma Glicério: *aliud est in tuis litteris, quod ad me scriptum de Glicerio magne voluptati fuit, dum amoris perseverentiam* [*perseverentiam:* sic WOLKAN] *exprimis miramque fidem. ea enim hujusmodi sunt, ut etiam si vera non sint, titillationem quandam pre se ferant et pathos excitent. ego tamen facile mihi talia persuadeo libentiusque bonam quam malam interpretor partem. nam quid prodest se ipsum affligere? mea semper opinio fuit his in rebus, que multum fellis parumque mellis habent, sapientissimi hominis esse, quod dulce est, excerpere, quod amarum foret lippis oculis* [*lippis, occulis*: WOLKAN] *preterire. atque idcirco nunquam quesitum ire placuit, quod inventum molestiam afferret. te quoque exoratum volo, ut serves hanc consuetudinem, placita duntaxat scribens, acerba vero pretermittas, quibus obviare nequirem et testari possem de Glicerio ista, quam tibi tueque fidei quasi animulam et corculum meum commendo. si quando Stephani aut Francisci jurisconsultorum scenas ingressa fuerit, finge te id nescire et totum mihi claude. nam etsi scio nichil ab inguine illorum esse tutum, decipere tamen me ipsum volo et ignorantia potius delectabili quam scientia molesta frui.* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 63, p. 164). Por fim, ver a carta a Piero da Noceto, Graz, 18 de Setembro de 1453 em que fala das noites passadas na *achademia Basiliense* constituída pelos seus amigos: *adhuc te Basiliensem recognoscis et usure veteris memoriam tenes. scis quantas simul duximus noctes; pauci ex achademia supersumus, multi ex amicis veteribus periere. quanto numerus amicorum restrictior est, tanto decet amorem esse ferventio-*/p. 256/*rem te prestare in me summum nescio dicere, quantum me delectat* (WOLKAN III/FRA 68, ep. 138, pp. 255 s).

Capítulo 4

De Ebelsberg a Passau: um exemplo de *magnificentia*

Em carta a Giovanni Campisio de 22 de Julho de 1444 Piccolomini conta a estada no castelo de Ebelsberg — residência do bispo de Passau, Leonhard von Laiming —, e, posteriomente em Passau, fazendo a descrição de ambos os lugares.[1] Piccolomini integrava, juntamente com Kaspar Schlick, o chanceler do Império, o séquito do duque da Áustria, Segismundo. Haviam partido de Viena com destino à dieta de Nuremberga.

O bispo não se poupou a providências quer em relação ao chanceler quer em relação a cada um dos acompanhantes. Enviou um oficial adiante para prevenir que as hospedarias não aceitassem qualquer pagamento por serviços prestados a todo o séquito, e a recepção foi estremosa em delicadeza, a ponto de o próprio Leonardo indagar, afirma Enea, acerca do estado de cada pessoa no séquito. Seja tal recepção verdadeira, seja tão-só o retrato das expectativas de Enea diante de um dos conselheiros de Frederico III, a verdade é que se lhe afigurou estar diante do cortesão ideal:

> *nemo est, mihi crede, Johannes amantissime, quem unquam viderim tam benignus atque humanus in hospites suos, tam magnificus in edificiis, tam liberalis in conviviis, tam largus erga*

[1] O castelo de Ebelsberg ou Ebersberg situa-se, de facto, na Áustria, embora tivesse sido durante séculos pertença do bispado de Passau que só renunciou aos direitos sobre o castelo em finais do séc. XVIII. Actualmente o lugar faz parte da cidade de Linz. Apesar de Ebelsberg não ser uma cidade, a sua descrição é importante para compreender a descrição quer de Passau quer de outras cidades na obra de Piccolomini.

> *personas miserabiles, tam equus in subditos, tam justus in omnes, quam istum pre-*/p. 426/*latum accepi.*[2]

Ao mesmo tempo, o bispo era uma personificação da caridade de um alto dignitário eclesiástico. Amparava não apenas os pobres, mas também a nobreza vítima dos caprichos da "roda instável da fortuna". Apesar do esforço de guerra a que o obrigara o litígio movido por parte de Alberto V, duque da Áustria, o bispo, após o conflito, despendeu largas somas na reparação da cidade: *in edificiis tum castrorum tum ecclesiarum reparandis septem et viginti milia florenorum exposuit, in redimendis autem censibus et prediis, pignore datis, tria et viginti milia.*[3]

Fosse essa munificência uma característica do bispo; fosse, como diz Voigt, o acto de mais um daqueles eclesiásticos, cujo modo de vida bem necessitava da reforma de Basileia e cujas esmolas seriam antes empréstimos e meios de pressão,[4] Piccolomini, no entanto, não lhe poupou elogios. A recepção descrita na carta consta de dois momentos. O primeiro desses momentos é a ceia servida pelo bispo de Passau, que Piccolomini como testemunho da daquele e por oposição à avareza de outros (ridicularizada com traços da sátira III de Juvenal). O segundo momento é o passeio, guiado pelo próprio bispo, pelo castelo que se situa no alto da cidade. A narrativa desta visita salienta-se sobretudo pelas informações sobre o sítio e o contexto geográfico da cidade mais do que sobre qualquer outra característica urbana.

A descrição começa por um excurso historiográfico sobre o sítio que se assemelha a um enclave entre a Baviera, a Áustria, a Boémia e a Estíria. No entanto, a restante descrição centra-se no castelo que é elogiado pela qualidade do sítio para uma habitação permanente ou de lazer:

> *hoc quemadmodum vides ad ornamentum castelli locique voluptatem plurimum conducit. sed adhibe amplius tete mihi locumque intuere melius, mihi si castrum aliquid detur*

[2] WOLKAN I/FRA 61, ep. 155, a Giovanni Campisio, Passau, 22 de Julho de 1444, pp. 425 s.

[3] *Ibidem*, p. 426. Esta admiração de Enea perante a munificência do bispo pressupõe, obviamente, que Laiming era uma personalidade poderosa. Foi esta a impressão que ficou a Andrea Gatari, o já referido enviado veneziano ao Concílio de Basileia, que o caracteriza como um "senhor, quer nas coisas espirituais quer nas temporais," e refere a sua entrada imponente na cidade acompanhado de um séquito de 300 cavaleiros: "Adì 19 marzo zonsse il Vescovo da Patavia et è signor in temporal et spirituale, et dise che l'à d'intrà ducati centomilia conputà quello del so patrimonio; et menò con luj duj grande signorj et molti cavalierj et menò con luj iij cento cavagli." (GATARI, "Diario...," p. 397).

[4] VOIGT, *Enea Silvio*, II. p. 275.

> *inhabitandum, ubi*[5] *ad recreationem vivere velim, hoc potissimum placeret. quid* /p. 428/ *enim est ad plenum letamen necessarium, quod hic desideretur?*[6]

A apreciação da paisagem envolvente ganha, pela primeira vez, na comparação com a paisagem natal do autor um voto largamente favorável a despeito das diferenças. Faltam, como afirma, as vinhas, as oliveiras, os figos, os cedros, as romãzeiras que abundam em Itália. Mas não faltam, pelo contrário bons vinhos ou peras, cerejas... e, sobretudo, o ar é saudável e ameno.[7] O castelo goza ainda de boas vistas pelo espaço de 9 ou 10 milhas, por onde se estendem paisagens variadas e de proximidade com espaços aptos para os vários desportos da nobreza: a caça, pesca, falcoaria.[8]

Depois de descrever o exterior, Piccolomini descreve o interior do castelo munido de fosso duplo, baluartes, muro duplo ou triplo. A praça do interior, rodeada de ulmeiros, estava munida de uma artificiosa fonte com doze canos de bronze e de um recinto de mármore.[9] O requinte do bispo era tal que os peixes eram trazidos frescos para aí serem mantidos vivos até ao momento de serem cozinhados:

> *in medio vero platea est circularis ibique fons amenissimus scaturit, ac per* /p. 429/ *fistulas ereas bis sex aquam propinat. fontis ambitus marmoreus est, inter columnium medium et tabernaculum, quod desuper eminet, ereum est, mirifice structum, ut Euphranoris opus dijudices aut Policliti,*[10] *cujus fabrica trecentis et mille aureis empta est. Septem circum procere ac frondose ulmi tenduntur in celum, que umbram gratissimam reddunt. cena, dum estus est, in cancellis apud hunc fontem paratur. pisces ex fluminibus in fonte tanquam in vivario reservantur ac, dum sedes in prandio, capi pisces et in popinam vivos deferri cernis, quos e vestigio coctos manducas.*[11]

Este retrato da vida cortesão é apenas interrompido pela descrição dos serviçais que residem à volta do palácio episcopal. A observação vale a pena ser notada por dois aspectos. Antes de mais porque se trata de uma "visão do avesso" do fausto curial da residência que

---

[5] *Vbi*: Wolkan lê *tibi*.

[6] Wolkan I/FRA 61, ep. 155, p. 427 s.

[7] Cf. *ibidem*, p. 428.

[8] *Pomeria circa castellum tria sunt, duo altissimis communita foveis, nec vitibus omnino nuda, ubi stationes habentur et umbracule contra solem aptissima. si piscari velis, aque in oculis sunt, si aucupari, sepes quam plurime aviculis referte circumstant, si tibi venatio placet, vix ad mille passus silve distant, quarumvis ferarum genere plene. est in colle proximo nemus umbrosum, altissimis quercubus septum, quod fovea sepsque cingit in modum parci. ibi quam plurime fere concluse sunt, illic etiam nidi sunt quam plures, quos in arboribus humana diligentia ad usum ardearum custodit, que ibi porrectis cibis nutriuntur* (*ibidem*, p. 428).

[9] *Ibidem*, pp. 428-429.

[10] Em Wolkan lê-se Elcanoris … Policreti; Van Heck, *Epistolarium seculare*, p. 375, corrige para *Euphranoris … Policliti*, de acordo com Iuu. III, 217)

[11] *Ibidem*, p. 428 s.

descrevia, constituindo como que um anti-clímax da grandiosidade que até então domina o texto. Com efeito, as necessidades que os camponeses ajudam a satisfazer, são as mais básicas: comer e excretar. A sua actividade constitui um lado da vida citadina omitido nas descrições anteriores. Enquanto a residência senhorial estava associada ao prazer (da cozinha e das várias recreações como a caça ou o passeio) e da comodidade, a população de camponeses que habita em torno do castelo está associada ao trabalho serviçal e humilde (mas nem por isso menos necessário):

> *ruricole, qui circum habitant, obnoxii sunt, quevis necessaria ad usum castri prebere, exceptis his, que majoris habentur sumptus. dant caseum, butirum, lac, ligna et fenum ad cloacas oportunum gratis, mundant domum, ligna scindunt, incisoria mensarum exhibent, scutellas et cacabos lavant.*[12]

Mais uma vez Enea apresenta o interior de uma habitação. Depois da capela, descreve com algum pormenor as várias divisões destinadas aos hóspedes com as respectivas comodidades, bem como a localização de cada uma. Entre elas refere de modo especial uma sala aquecida (*stuba*) ornada de tapetes e sarja de Arras seguida de um quarto bem ornado e com janela para o templo do castelo e um pequeno escritório, espaços que seriam os aposentos reservados ao duque da Áustria.[13]

Depois de descritos os aposentos de Ebelsberg, o relato de Enea desloca-se subitamente para Passau. Tal como para Basileia, a descrição de Enea é minuciosa no que se refere à hidrografia, e novamente revela a capacidade de ler as fronteiras geopolíticas do lugar:

> *est autem Patavia preclara divesque civitas inter Danubium Enumque sita, quam prisci cesares ecclesie tradiderunt. Danubius ex montibus Suevie venit, Enus ex Alpibus, qui Germaniam ab Italia disterminant.* […] *est et alius pons super Danubium, per quem via est ad montes, qui Bohemiam respiciunt.*[14]

O primeiro edifício mencionado por Enea é a catedral de S.to Estêvão que se faz notar pelo facto de a sua construção estar parada. A causa eram as escassas verbas angariadas quer pela cidade quer pelo cabido. Veio em socorro a generosa beneficência do bispo que com a sua contribuição acelerou os trabalhos que assim terminaram no prazo de quatro anos. A razão de ser da observação é justamente a oportunidade de sublinhar a munificência do bispo

[12] *Ibidem*, p. 429.

[13] *Stuba una tapetibus ornata et Atrebatensibus pannis, camera perampla, ubi et lectus aureis ornamentis et apparatu regio relucebat, ex qua et fenestra quedam in capellam prebebat intuitum* (*ibidem*, p. 429).

[14] *Ibidem*, p. 430.

que se traduz aqui no apoio à construção e reparação de património. Assim se concretiza um dos traços da caracterização que Piccolomini fizera no início da carta: a *magnificentia in edificiis*.

Em consonância com essa observação está a caracterização do palácio episcopal onde ficaram albergados o imperador e o duque Segismundo: eram aposentos dignos apropriados para reis, imperadores, dignos até de papas. Só o juízo austero de um hussita o julgaria excessivo para sacerdotes:

> *nescio, quis princeps non se his edibus egregie habitare putaret. ego et regibus et cesaribus atque ipsis ecclesie Romane summis pastoribus convenientissima hec palatia judicaverim, nisi quis fortan*[15] *Hussitarum nimium sumptuosa hec sacerdotibus extimaverit.*[16]

A *magnificentia in aedificiis* continua a ser demonstrada com a menção de outros dois palácios que o bispo possui na margem oposta do Danúbio. Trata-se das residências denominadas *Oberhaus* e *Niederhaus*. Enea detém-se primeiro no *Oberhaus* que, além de sumptuoso apresenta grandes vantagens do ponto de vista defensivo (por ser o acesso tão íngreme, e pelas várias obras de fortificação). O *Niederhaus*, por seu lado, não fica atrás quer em fausto quer em comodidade: quartos com abóbada, leitos magníficos...

Fora dos palácios episcopais e da catedral, nada mais é notado na cidade (a não ser a sua pouca contribuição para as obras). A cidade é descrita, como já se viu, em função das qualidades mecenáticas do seu bispo, Leonhard von Laiming. Por isso mesmo, a parte final da descrição é tão significativa. É que a qualidade germânica mais apreciada por Enea, e de que o bispo Leonhard é um admirável exemplo, é precisamente a excelência do seu saber matemático, que está na origem da excelência que revelam os Alemães na arte da arquitectura:

> *sunt meo judicio Teutonici mirabiles mathematici omnesque gentes in architectura superant. at hic episcopus precipuus est, sive suapte natura in hoc inclinatus sive peritissimis magistris edoctus. vidi ego quam plurimas arces tum apud Italos tum apud alias gentes, sed ille vel ad bellum sustinendum constructe vel ad voluptatem parate fuerunt.*[17]

A carta termina em tom laudatório. Porém, mais do que uma *laus urbis*, o texto constitui uma *laus hominis*. As vastas posses do bispo — uma diocese que vai de Ratisbona a

[15] *Fortan*: sic Wolkan.
[16] *Ibidem*, p. 431.
[17] *Ibidem*, p. 431.

Bratislava, inúmeras populações e vários castelos... — exigiam e encontravam efectivamente, na sua pessoa, as virtudes de governo necessárias:

> *tanta est tamen ejus prudentia singularisque virtus, ut nichil dubium sit, sub ejus gubernatione prestantissimam hanc ecclesiam tam in spiritualibus quam in temporalibus prosperari.*[18]

A cidade esconde-se por detrás da pessoa do seu senhor, Leonhard von Laiming, equiparado na sua munificência aos clássicos exemplos (retirados de Juvenal) da liberalidade que outrora era mais gloriosa que os títulos.[19]

Todavia, mais importante do que a pessoa do bispo que obnubila a cidade é o facto de esta descrição apresentar tão claramente a formulação de um juízo estético. Quer a respeito de Ebelsberg quer a respeito de Passau, evidencia-se pela primeira vez o estatuto judicativo do autor e da sua sensibilidade para a arquitectura. Exemplos desse juízo são a descrição dos quartos, em Ebelsberg[20] e a do aspecto exterior do castelo, como sendo constituído por três blocos mais um bloco dotado de uma torre e fosso duplo.[21] O mesmo se pode dizer da apreciação sobre o *Oberhaus* e o *Niederhaus*, nos quais elogia o saber arquitectónico que evidenciam: *has vero Leonardus episcopus ad utramque rem miro artificio coaptavit, ita ut nec ad jocunditatem nec ad tutelam ulterius quicquam desiderent*).[22]

Esta lisonjeira descrição, todavia, não era gratuita. No mesmo dia em que escreveu ao seu amigo Campisio, endereçou outra carta ao próprio Leonhard von de Laiming enviando-lhe a descrição. Esta carta a Laiming continha outra descrição, desta vez, porém, não do castelo, mas do túmulo que Leonardo mandara edificar para si. Nessa carta, Piccolomini

[18] *Ibidem*, p. 432.

[19] Cf. o epitáfio que, na carta, Enea promete escrever em honra do prelado, e que Wolkan transcreve de um códice da Biblioteca de Munique: *Qui populos rexit moderatius undique muris / Opida qui cinxit edibus eximiis, / Qui simul ecclesias ruinosaque castra refecit* (*ibidem*, p. 434 n.). Os termos do elogio, hospitalidade, munificência, caridade são retomados na carta seguinte, enviada ao próprio Leonhard von Laiming, na qual envia esse mesmo epitáfio. Cf. Wolkan I/FRA 61, ep. 156, ao bispo de Passau, Leonhard von Laiming, Passau, 22 de Julho de 1444, pp. 432-434.

[20] Cf., nomeadamente, a passagem com a localização dos quartos e a luz que tinham: *erat et studiolum perpulcrum, rursusque alia camera propinqua, post habitaculum extra murum castri pontibus sustentatum, undique patulum in occiduum ac septentrionem meridianumque solem respiciens, ubi semper aura suavis respirat, cum alibi fervidus estus sentitur. exhinc aditus per pontes in alteram fertur cameram, que extra murum trabibus sustentata et orientem et arctoum et occiduum solem intuetur, quam marescallus regius inhabitavit* (Wolkan I/FRA 61, ep. 155, a Giovanni Campisio, Passau, 22 de Julho de 1444, p. 428).

[21] *Est, ut dixi, super alta rupe constructum castellum, ex tribus partibus ex planitie sursum erectum ac sua natura defensum. pars quarta duplicem habet foveam pontemque duplicem. profunditas fovearum altissima est* (*ibidem,* p. 428).

[22] *Ibidem*, p. 431.

enviou um epitáfio para o túmulo do bispo na catedral de S.to Estêvão e ainda a própria epístola a Campisio com a descrição de Ebelsberg e Passau:

> *dictavi preterea per hos dies epistolam quandam, quam usque Romam mittere statui ad Campisium, philosophum elegantem, amicum meum optimum, in qua de vestris arcibus ac magnificis edificiis mentionem feci. illam vobis nunc edo, ut, si quid emendandum sit, prius significetis quam tabellario consignem, quem propediem sum habiturus.* [23]

Portanto, a carta é endereçada a um amigo, que simultaneamente é o seu futurível patrono a quem concede o privilégio de a rever antes de a expedir – o que, enfim, confirma que a descrição era um tributo ao bispo.[24]

4. 1. Da *magnificentia* e seu significado

Todavia, este elogio tem um significado que vai muito além das circunstâncias biográficas que lhe permitiram conhecer uma personalidade tão importante como o bispo de Passau. Por outras palavras, quer a descrição de Ebelsberg quer a de Passau representam a afirmação de um valor importante: a magnificência. A noção de que um governante ou cidadão distinto deveria despender dinheiro no mecenato artístico e arquitectónico é um dos mais importantes elementos do ideário humanista e, em particular, do ambiente da Florença mediceia. Até recentemente aceitava-se a ideia de que a elaboração teórica e filosófica da *magnificentia* — elaboração que remonta em última análise à teoria aristotélica da *megaloprepeia*,[25] que, por sua vez, é recebida por meio da exposição de S. Tomás de Aquino[26] e de Egídio Romano[27] — tomara a sua forma sob o governo de Cosimo Medici em Florença.

[23] *Ibidem*, p. 434.

[24] De resto, a lisonja de Enea surtiu o seu efeito, já que assim obteve uma paróquia em Aspach: cf. Voigt, *Enea Silvio*, I, p. 293s.

[25] Aristóteles, *EN* IV, 2 (cf. ainda Vitrúvio, *De architectura*, VI, 8, 9). Note-se que Enea conhece a *Ética* aristotélica na tradução de Bruni desde, pelo menos, 1443, ano da publicação do *Pentalogus de rebus ecclesiae et imperii*. Ver o constante recurso a Aristóteles no *Pentalogus,* inclusivamente a respeito do conceito de *magnificentia* (Piccolomini, Enea Silvio, *Pentalogus de rebus ecclesiae et imperii*, hrsg. von Christoph Schingnitz, Hannover, Hansche Buchhandlung 2009, Monumenta Germaniae Historica. Scriptores. 10. Staatschriften des späteren Mittelalters; 8, p. 90, ll. 1-11). Cf. ainda Iaria, Simona, "Tra Basilea e Vienna: letture umanistiche di Enea Silvio Piccolomini e la frequentazione della 'biblioteca' di Francesco Pizolpasso," in *Humanistica Lovaniensia*, 52 (2003), pp. 11 ss. Sobre o conceito de *magnificentia* no humanismo renascentista (e na tradição precedente) ver Soares, Nair de Nazaré Castro, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1994 (Textos humanísticos portugueses; 11), pp. 274 ss.

[26] *Summa Theologiae*, II – II, q. 134.

[27] *De regimine principum*, I – II, XIX.

Green veio demonstrar como Galvano della Fiamma, um frade dominicano do final do séc. XIII e primeira metade do séc. XIV, remontando à fonte aristotélica, já glorificava a *magnificentia* das construções patrocinadas por Azzone Visconti.[28] O cronista milanês antecipa assim o já citado Timoteo Maffei, que empreendeu a defesa da magnificência de Cosimo Medici.[29] A descrição de Passau e a exaltação da *magnificentia* do seu bispo, entronca, portanto, nesta tradição de um ideal de *magnificentia in edificiis*.[30]

Duas outras virtudes estão relacionadas com a *magnificentia*: a *liberalitas* e o *splendor*. As demonstrações de liberalidade experimentadas pelo próprio autor da descrição são várias: o banquete em Ebelsberg que mostrava como o bispo era *liberalis in conviviis*); o providenciar às necessidades de todos ((*cunctis ipse sumptus quam liberalissime*), à chegada de Frederico III, acompanhado pelo duque da Áustria, Segismundo;[31] as somas despendidas no restauro das igrejas.

Sem premissas teóricas e mesmo sem preocupação em distinguir *liberalitas* de *magnificentia*, mas seguramente tendo em mente um padrão de valores, Piccolomini assim retratou o dignitário:

> *Hospitalitatem, magnificentiam ac liberalitatem ego ipse sum contemplatus. neque hic sicut plerique bona ecclesie inter necessarios partitur aut in alios inlaudabiles usus convertit, sed elargitur pauperibus Christi quam plurima, nec princeps est his in partibus, ante cujus hostium plures pascantur inopes. taceo elemosinas, quas clanculum facit, nam et comitibus et baronibus nonnullis occulte subvenit, quos rota fortune instabilis precipitavit.*[32]

Menciona-se aqui uma das características da *liberalitas* tal como será definida mais tarde por Alessandro Piccolomini, i.e., o auxílio aos que, não por qualquer acção pessoal, mas por um golpe da fortuna, caíram na miséria e assim se acham fora do estado a que os seus méritos correspondem.[33] Mas a *magnificentia* surge ao lado não apenas da *liberalitas* (ou *largitio*) mas

[28] Ver passagem citada por GREEN, Louis, "Galvano Fiamma, Azzone Visconti and the Revival of the Classical Theory of Magnificence," in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 53 (1990), p. 100. Assinale-se de passagem que Galvano della Fiamma copiou na sua *Chronica extravagans* o *De magnalibus urbis Mediolanensium* de Bonvesin de la Riva. Cf. NOVATI, Francesco, "De Magnalibus...," pp. 42-46.

[29] Cf. supra p. 139.

[30] WOLKAN I/FRA 61, ep. 155, a Giovanni Campisio, Passau, 22 de Julho de 1444, p. 425; cf. ainda a carta ao próprio bispo de Passau: *de vestris arcibus ac magnificis edificiis* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 156, a Leonhard von Laiming, Passau, 22 de Julho de 1444, p. 434).

[31] WOLKAN I/FRA 61, ep. 155, a Giovanni Campisio, Passau, 22 de Julho de 1444, p. 432.

[32] *Ibidem*, p. 426.

[33] "Liberal sarà quello, che le spendera [sc. a sua riqueza] per lo sostenimento della casa sua, de gli amici, de parenti, de le persone virtuose et litterate; e finalmente in sussidio di coloro, che non per colpa loro, ma per colpa della fortuna, saranno fuor de i lor meriti, in miseria e povertà pervenuti. Et tutte quest operationi, debba

também da caridade cristã ou a hospitalidade. A contiguidade dos termos *magnificentia*, *liberalitas*, *hospitalitas* e dos actos de caridade não é gratuita. Para Piccolomini são virtudes complementares: por conseguinte, o retratado é não apenas um modelo de magnificência mas também de caridade cristã.

fare il liberale, non per desio d'honore, non per fasto, o per qual si voglia altro così fatto interesse, ma solamente per mera virtù et carità": cit. por GUERZONI, Guido, "Liberalitas, Magnificentia, splendor: The classic origins of Italian Renaissance lifestyles," in *History of Political Economy* (1999) 31, p. 335.

Capítulo 5

Viena: a pálida imagem das cartas e a descrição da *Historia Austrialis*

A convite de Piccolomini, o celebrado reformador da ordem franciscana, S. João Capistrano, honrou a Alemanha com a sua visita. O objectivo não era a reforma da Ordem franciscana — o âmbito de acção deste discípulo de S. Bernardino de Sena —, mas antes a pregação contra os Hussitas e a promoção da cruzada contra os Turcos.[1]

Entretanto, os Vienenses temiam que o santo, depois de ter pregado em Wiener-Neustadt, não se dignasse visitar a sua cidade. Por essa razão, o burgomestre recorreu a Piccolomini para que este transmitisse ao santo o seu desejo de o acolherem. E assim Piccolomini endereçou ao santo uma carta em que o instava a fazer uma passagem por Viena que lhe apresenta nestes termos:

> *cum enim ex Italia longo et laborioso itinere Austriam petieritis, quis putet, Viennam, regionis caput, urbem amplissimam et quodammodo metropolim provinciarum, ducum regumque domum a vobis negligi?*[2] *magna hic messis est et multi manipuli deo offerendi. devotus populus et boni cupidus adventum vestrum quasi magni prophete cupit. nolite tantam expectationem frustrari. hic deo servietis et fortasse plures hic una die Christi lucrifacietis animas, quam certis in locis anno predicantes. visitate vestri cupidos et amantes. magna est hic expectatio vestri et quamvis hic multis respectibus Babilonia reputari possit, aliis tamen de causis hic Syon est et civitas magno regi accepta. sed si Babilonia est, indiget vestra presentia; si Syon, digna est adventu vestro.*[3]

[1] Cf. Voigt, *Enea Silvio...*, II, p. 22 ss.

[2] Wolkan apresenta ponto final.

[3] Wolkan III/FRA 68, ep. 9, a João Capistrano, 5 de Julho de 1451 (aliás, 4 de Junho de 1451, de acordo com Wagendorfer, apud Piccolomini, *Historia Austrialis*, p. 439, nota 72), p. 20. A passagem pela Áustria é

Se bem que o mais adequado fosse uma *laus urbis*, Piccolomini não poupou na ironia e preferiu retratar a cidade de forma ambivalente. Talvez os exemplos bíblicos Sião/Babilónia tenha sido escolhidos em função do destinatário (e embora inusitados na pena do autor). No entanto, a crítica de Piccolomini à cidade repete-se em outros passos da sua obra.

A Áustria, sobretudo Wiener-Neustadt, lugar de eleição de Frederico III, era a principal base de Piccolomini no mundo germânico depois de se tornar secretário imperial (e não obstante os seus queixumes sobre a vida na corte que se podem ler na famosa carta a Johann von Eych, conhecida pelo título *De curialum miseriis*). Porque terá aguentado tanto tempo por essas paragens, tendo em conta os frequentes queixumes sobre o seu exílio?[4] Das razões que mantiveram Piccolomini na Áustria e na Alemanha e se impuseram às suas lamentações uma é óbvia: ambiciona subir na vida. Mas além disso, sentia-se na missão de difundir a nova cultura humanística e italiana a norte dos Alpes.[5]

E, contudo, Viena, que está, sem dúvida, entre as mais importantes cidades no percurso biográfico de Piccolomini, não lhe mereceu nenhuma outra descrição na sua produção epistolar. No entanto, uma longa descrição na *Historia Austrialis* pode completar as magras referências do epistolário.

5. 1.Viena na *Historia Austrialis*

Wolkan incluiu a descrição de Viena na sua edição da correspondência com o número 27. Facto que desde logo chama a atenção é a ausência da forma literária de uma carta, pois não contém saudação nem despedida. Não obstante, Wolkan avançou a hipótese de que tinha sido enviada a um amigo em Abril de 1438. O argumento de Wolkan para que a carta remontasse à primeira estada de Piccolomini em Viena era a inexistência de uma versão

narrada por Enea no livro II da *Historia Austrialis* e termina com um encomiástico retrato do santo: ver Piccolomini, *Historia Austrialis*, pp. 438 ss.

[4] *E. g. vellem et ego revisere patriam et ossa parenti reddere. nichil plus timeo, quam* /p. 324/ *in peregrina terra jacere, quamvis undique tantundem est et ad inferos et ad superos vie* [sic Wolkan] (Wolkan I/FRA 61, ep. 142, a Giuliano Cesarini, Viena, 28 de Maio de 1444, pp. 323-4).

[5] Ver Grossmann, Karl, "Die Frühzeit des Humanismus in Wien bis Celtis Berufung 1497," in *Jahrbuch für Landeskunde von Niederösterreich*, N. F., 22 (1929), pp. 189-90. Um retrato psicológico de Enea com referência à sua estadia na Áustria é dado pelo historiador Lhotsky, Alphons, "Aeneas Silvius und Österreich," in Idem, *Aufsätze und Vorträge*, ausgewählt und herausgegeben von Hans Wagner und Heinrich Koller, Band III: Historiographie. Quellenkunde. Wissenschaftsgeschichte, München, Oldenbourg, 1972, p. 26-71.

manuscrita.[6] Piccolomini, realmente, deslocou-se pela primeira vez a Viena no séquito de Bartolommeo Visconti, para a coroação de Alberto V como imperador, mas o facto de ter sido essa mesma estada a origem da descrição de Viena é uma hipótese sem qualquer fundamento.

A descrição de Viena faz parte, com efeito, do autógrafo da segunda redacção da *Historia Austrialis* (cod. Vindob. 3365 da Österreischiche Nationalbiblitohek), na qual figura em último lugar, com o título *Descriptio urbis Viennensis per Poetam Eneam Silvium* sem qualquer indicação de ser uma carta. A origem da errónea classificação como carta foi recentemente clarificada por Martin Wagendorfer.[7]

Quanto à *Historia Austrialis*, deve dizer-se que teve três redacções entre os anos de 1453 (final) e os anos subsequentes ao regresso definitivo de Piccolomini a Itália (Maio de 1455) e anteriores à sua eleição como Papa.[8] Entre as várias fases de redacção o carácter da obra foi-se alterando. Como afirma Martin Wagendorfer, o que na primeira redacção era a história de

[6] Na nota em que Wolkan explica o seu raciocínio pode ler-se: "Ich halte diese Beschreibung Wiens für den Rest eines Briefes, den Eneas bei seinem ersten Besuche der Stadt an einen Freund richtete. Daß er in die Frühzeit des Eneas fällt, geht auch daraus hervor, daß er sich nirgends handschriftlich erhalten hat. Eneas war zum ersten Male 1438 als Begleiter des Bartolommeo Visconti in Wien, von dem wir ein Schreiben vom 27. April 1438 aus Wien an Herzog Albrecht von Österreich kennen [...]; ungefähr in dieselbe Zeit wird des Eneas Brief fallen, der dann in des Eneas Geschichte K. Friedrichs aufgenommen wurde" (Wolkan I/FRA 61, ep. 27, [a um amigo em Basileia?], Viena, Abril de 1438 [?], p. 80, n.).

[7] Já Klaus Voigt o tinha afirmado (cf. *Italienische Berichte*..., p. 111 e nota 181). No entanto, os novos dados aduzidos por Martin Wagendorfer clarificam todos os problemas da transmissão que se podem resumir no seguinte: na edição basiliense da obra completa, a descrição está incluída entre as cartas com nº 165 e com o título: *Descriptio urbis Wiennensis per Poetam Eneam Silvium edita Epist. CLXV*, referência que provém da edição de Anton Koberger (Nuremberga, 1480) das *Epistulae familiares* (pp. 94-95). Este último, por sua vez, tomou-a da edição das cartas — erroneamente intituladas *Epistolae in cardinalatu* — de Adolf Rusch (Estrasburgo, 1473). Segundo Wagendorfer, o texto de Rusch pertence ao mesmo ramo da tradição do mss. da biblioteca da Abadia beneditina de St. Paul im Laventtal, Stiftsbibliothek, Cod. Blas. Chart. 7/2. Foi deste códice que se imprimiu a *editio princeps*, a de Rusch (Estrasburgo) como mostram anotações marginais (*item hec descripcio imprimetur; Hic cessetur et nichil plus inprimetur ex hoc libro*, cit. Wagendorfer, p.98). Foi o editor de Basileia que na sua zelosa fidelidade para com a edição de Rusch acrescentou ao nº 165 "epist." — daqui a origem do erro de Wolkan. Cf. Wagendorfer, Martin, "Adolf Rusch, die "Historia Austrialis" und St. Paul, Cod. Blas. Chart. 7/2. Zur Datierung und Überlieferung der Wien-Beschreibung des Eneas Silvius Piccolomini," in Gastgeber, Christian; Klecker, Elisabeth (Hrsgg.), *Neulatein an der Universität Wien. Ein literarischer Streifzug. FS Franz Römer zum 65. Geburtstag*, Wien, Praesens Verlag, 2008, (Singularia Vindobonensia; 1), pp. 89-102.

[8] Sobre o assunto ver a introdução de Martin Wagendorfer à sua edição (Piccolomini, *Historia Austrialis*, pp. XVII-XXI). O texto seguido será o da terceira redacção com remissões para a segunda redacção. Note-se que esta obra também é conhecida, embora erroneamente, pelo título de *Historia Friderici III.* Com esse título foi impressa pela primeira vez no séc. XVII: Piccolomini, Enea Silvio, *Historia rerum Friderici tertii imperatoris* [...], Argentorati, J. Staedelii et J. F. Spoor, 1685.

um *bellum* à maneira salustiana assume, na segunda, o teor de uma *Landesgeschichte*[9] humanística, à qual a terceira redacção acrescentará as questões de política externa de então (a questão turca nomeadamente).[10] Compreensivelmente, portanto, a primeira redacção não continha a descrição de Viena, que é um exemplo claro de *Landesgeschichte*.

A descrição, como nota Isabella Nuovo,[11] divide-se em duas partes: uma narrativa centrada na *urbs* como espaço edificado e, posteriormente, uma parte ideológica que considera a *civitas*. Segundo a tradição da *laus urbis*, principia por uma sumária alusão ao *situs*[12] e um conspecto dos *moenia* e *aedificia* (e estes não os mais notáveis, mas apenas a distribuição de bairros em torno do núcleo amuralhado):

> *Vienna igitur supra Danubium sita Australium, ut diximus, caput haud indigna fuerit, de qua pauca referamus. Ambitus murorum eius duo milia passuum complectitur. At suburbia maxima et ambitiosa sunt fossa valloque cincta. Urbs autem fossis profundioribus latioribusque communita est, inde aggere prealto, mox moenibus spissis atque* /p. 257/ *sublimibus, exin turribus frequentibus ex secto lapide et propugnaculis ad bellum propulsandum idoneis.*[13]

O impressionante aparato de fortificações da cidade — muralhas no centro da cidade, fosso e reparos nos subúrbios; as torres altas e bastas; os baluartes; a espessura das muralhas — poderá interpretar-se como uma crítica, ao apresentar a cidade como um "organismo bélico"?[14] Não: o modelo é o da representação visual inspirada na *Laudatio florentine urbis*.

---

[9] O termo alemão corresponde em parte ao que, na tradição universitária portuguesa, se inclui na disciplina de história de uma cultura nacional.

[10] Ver introdução de WAGENDORFER, (in PICCOLOMINI, *Historia Austrialis*, p. XXIII). Ainda a respeito dos pressupostos da escrita da *Historia Austrialis*, ZIPPEL afirma que o facto de ter tido três redacções mostra o compromisso com a realidade histórica que relatava "quale protagonista di primo piano dell'universale istituto imperiale da lui teorizzato nella prospettiva umanistica, cultural e socialmente rinnovatrice, del diritto romano." ("Enea Silvio...," p. 327). Note-se aliás que a obra assenta na afirmação inicial do valor cívico e político da história. Valor que, como nota ZIPPEL, não é estranho às asserções no mesmo sentido do Bruni das *Historiae Florentini populi* ou mesmo dos *Gesta Ferdinandi regis Aragonum* de Valla (cf. *ibidem*, p. 329).

[11] NUOVO, Isabella, *Esperienze di viaggio e memoria geografica tra Quattro e Cinquecento*, Bari, Università degli Studi di Bari, Gius. Laterza & Figli, 2003, p. 102. Note-se que a autora optou pelo texto da edição basiliense dos *Opera omnia*, com o argumento de que "[il testo] sottratto com'è ai meccanismi del contesto critico-ideologico, si presta a una lettura più flessibile" (*ibidem,* p. 99).

[12] Como noutras descrições de Piccolomini a distribuição dos tópicos não é uniforme, antes procura uma certa variedade. Assim, o sítio é retomado depois da secção sobre a arquitectura particular e em perspectiva mais ampla: *Urbs quamvis in plano sita Danubio ad septentrionalem partem alluatur, in eminenti tamen colle iacet, ex quo prospectus amenissimus et ad Morauiam et ad Hungariam latissimus emetitur campos* (PICCOLOMINI, *Historia Austrialis*, p. 261, ll. 10-13).

[13] *Ibidem,* pp. 256, l. 14 - p. 257, ll. 2.

[14] Expressão usada por Isabella NUOVO, *Esperienze di viaggio...*, p. 100. Se bem que a medida real, 4,5/4,8 km, esteja bem acima da que é dada por Enea, que perfaz apenas 3 km ver WAGENDORFER em nota *ad loc.* (PICCOLOMINI, *Historia Austrialis*, p. 254, n. 59).

Depois desta apresentação emblemática, Piccolomini passa ao conjunto da cidade cujo urbanismo lhe inspira uma sequência de apontamentos mais precisos.

Começa por notar que os edifícios do sector público da cidade, entre os quais salienta o palácio ducal (*Hofburg*), constituem exemplos de construção sumptuosa e refere (mais uma vez depois de o ter observado a respeito de Basileia) o uso das *stubae* no dito palácio:

> *Edificia in urbe publica incredibili sumptu extructa, regia in arcis speciem edificata aulas, triclinia, thalamos et quas vocant stubas mire capacitatis atque ornamenti quamplurimas complectitur. Stubas appellant Germanos mansiones, in quis* [sic Wagendorfer] *hyemali tempore adversus aquilonis rigorem calor e fornacibus excitatus includitur.*[15]

Ainda no que respeita à parte pública da cidade Piccolomini exprime a sua admiração pelas muitas igrejas da cidade, com especial relevo para a catedral de S.to Estêvão. Aos habituais atributos das igrejas, como a rica decoração, as relíquias e o esplendor das vestes sacerdotais,[16] acrescentam-se nesta descrição os pormenores técnicos da construção:

> *Templa sanctis dicata martiribus confessoribusque quadrato lapide, multis columnarum ordinibus, fornicibus, amplitudine splendoreque admiranda, precipuum vero protomartiri Stephano sacratum et dives et ornatissimum est, in quo turris incredibili altitudine atque artificio exedificata nulli tota Europa cedere existimatur. Reliquie sanctorum plurimo in his templo argento atque auro et gemmis nitent, vestium sacerdotalium excellens ornatus, plurimaque et munda suppellex.*[17]

Noutro plano de considerações, segue-se a parte relativa à arquitectura privada. A divisão é clara do ponto de vista terminológico mas não do ponto de vista conceptual.[18] De forma clara, diga-se, mais do ponto de vista terminológico do que conceptual. De facto, na parte que se segue e que se inicia com considerações sobre as casas particulares, a descrição termina com uma observação sobre as características das praças e das ruas — partes da cidade que, por certo, hoje se incluiriam no âmbito público:

> *In aedibus quoque privatorum civium ad principalem erectis magnificentiam nihil ornamenti, nihil commodidatatis requiras et, quamvis ad secundam terciamque contignationem privata edificia plerunque elevata sint, non minus tamen operum sub terra*

[15] *Ibidem*, p. 257, ll. 3-8.

[16] Embora com diferentes valorações, *e. g.*: sobre Génova, cf. supra p. 90; sobre Basileia, cf. supra p. 117.

[17] *Ibidem*, p. 259, ll. 1-9. É um pouco exagerada a afirmação de Isabella Nuovo segundo a qual Enea desloca a ênfase da arquitectura pública para a arquitectura eclesiástica, onde "il primato dell'elemento metafisico è visivamente tradotto dal «templorum ingens ornatus divesque suppellex»" (*Esperienze di viaggio...*, p. 102).

[18] O que não quer dizer que não tenham existido menções da arquitectura privada anteriormente (ver acima na descrição de Basileia as referências às habitações particulares).

> *quam supra terram Viennenses habent, in quis vina recondunt.* [...] *Platearum vicorumque solum, ne plaustrorum rotis facile conteratur, perduro lapide stratum.*[19]

A respeito da arquitectura privada, o texto da segunda redacção contém pormenores mais técnicos sobre as casas vienenses: as janelas de vidro; o uso de madeiras em vez de pedra (o que para o seu gosto italiano era, mais uma vez, um defeito); os estábulos espaçosos; as entradas amplas.[20]

A parte que se segue, no texto da terceira redacção, é um catálogo das igrejas e ordens religiosas presentes na cidade. Na segunda redacção, todavia, a enumeração das ordens religiosas prenuncia a mordacidade que a descrição assume posteriormente ao referir os mendicantes que estão longe de o ser e os cónegos regulares endinheirados.[21]

Depois da vida religiosa, Piccolomini, faz a caracterização da universidade de Viena e, em traços gerais, da sua vida escolar — caracterização que implica a transição para a vertente moral e dos valores cívicos. A universidade vienense é alvo de uma crítica mordaz pelo facto de os seus mestres principais — Heinrich Heimbuch, Thomas Dinkelsbühl e Thomas Ebendorfer (von Hasselbach) — serem teólogos e de formação parisiense (o que seria mau currículo para um humanista).[22] A crítica não ficou por aí e Piccolomini ataca Thomas von Hasselbach pela sua escrupulosa minúcia no comentário a Isaías: digna de louvor não fosse o facto de ainda nem ao fim do primeiro capítulo ter chegado.

Ainda no âmbito académico, merece reprovação explícita de Enea o facto de os alunos perderem o seu tempo no estudo da dialéctica, descurando a música, a retórica e a aritmética:

> *Maximum vero vitium huius gymnasii est, quod nimiam operam in dyalectica nimiumque temporis in re non magni fructus terunt. Qui magisterium in artibus assecuntur, hac in arte potissimum examen subeunt, quasi qui eam norit, omnes norit; neque rhetorice neque musice*

[19] Piccolomini, *Historia Austrialis*, p. 261, ll. 1-9.

[20] *Edes civium ample et ornate, structura solida et firma, ubique fornices, aule late. Verum his extuaria sunt loco tricliniorum, que ab his stube vocantur. Nam hiemis asperitatem hoc domitant modo. Fenestre undique vitree perlucent et hostia plerumque ferrea. In his plurime aves cantant. In domibus multa et munda suppellex, equorum iumentorum-*/p. 258/*que omnis generis capacia stabula, alte domorum facies magnificeque visuntur. Unum id dedecori est, quod tecta plerumque ligno contegunt, pauca latere. Cetera edificia muro lapideo consistunt. Picte domus et interius atque exterius splendent, ingressus civis cuiusque domum in edes te principis venisse putabis.* [...] *Celle vinarie adeo profunde et spatiose sunt, ut sub terra non minus quam supra terram edificiorum apud Uiennam esse feratur* (*ibidem*, pp. 256, l. 4 - p. 258, l. 10).

[21] *Quattuor ordines mendicantium procul a mendicitate ibi absunt. Scoti et canonici regulares sancti Augustini admodum diuites habentur* (*ibidem,* p. 262, ll. 1-4).

[22] Ainda nomeia Johann von Eych, especialista em direito canónico (ver *ibidem*, p. 267, ll. 9 - p. 269, ll. 1 s).

> *neque in aritmetrice*[23] *curam gerunt, poeticam vero prorsus oderunt, quamvis metra quędam et epistolas ab aliis compositas recitare compellant, cui magistri nomen tradituri sunt.*
>
> /p. 271/ *Omne huius scole studium in elenchis est vanisque cavillationibus, solidi haudquaquam multum.*[24]

Em suma, a universidade caracterizava-se por um currículo medieval que já não tem cabimento na nova formação preconizada pelo humanismo italiano. A oratória e a poética são- -lhes desconhecidas. Acresce ainda o facto de serem raros os que possuem 'livros' de Aristóteles e de outros filósofos, pois usam de preferência o instrumento privilegiado pelo ensino universitário como acesso ao texto: o comentário.[25] Ambas as críticas são ideologicamente carregadas, pois pretendem marcar a distância do autor em relação à cultura de matriz medieval que impera na universidade vienense.[26]

Possivelmente está implícita nesta crítica e ajuda a acentuar a aversão de Enea ao meio académico vienense, um antagonismo político: enquanto Piccolomini milita no campo imperial, na universidade campeia o sentimento anti-imperial e autonomista.[27]

Não só o ensino é medieval como também o ambiente académico. No retrato da vida estudantil, que Piccolomini apresenta em seguida, observam-se os típicos hábitos do meio estudantil tardo-medieval. Todavia, o humanista acentua o lado sórdido do meio (com alguma misoginia à mistura) de tal forma que a *laus urbis* pende agora para um registo deprecatório:

> *Caeterum studentes ipsi voluptati inservientes vini cybique avidi, pauci emergunt docti; die noctuque vagantur magnasque civibus molestias inferunt, cum quibus saepe levibus de causis*

[23] *Aritmetrice:* sic WAGENDORFER; na primeira redacção lê-se *arismetrice* (*Historia Austrialis*, p. 268, l. 10).

[24] *Ibidem*, pp. 269, l. 3 - p. 271, l. 4.

[25] *Ibidem*, p. 271, ll. 3-4.

[26] No entanto, que as universidades alemãs se tenham oposto ao humanismo é algo que as fontes desmentem. Karl Grössmann afirma que, desde o início do séc. XV, se verifica um interesse pela nova corrente cultural, ainda que a instituição universitária tenha de facto permanecido escolástica. Os primeiros estudos humanísticos na universidade de Viena mencionados por GROSSMANN são as lições de Philip Mauter, em 1451, sobre a *Rhetorica ad Herennium,* e as de Paul von Bamberg sobre Terêncio, a que se seguirão outros, nomeadamente os de Peuerbach sobre Juvenal e Vergílio. Cf. GROSSMANN, "Die Frühzeit des Humanismus...," pp. 227ss. Mas é preciso não esquecer o interesse que há em Viena por Petrarca (interpretado em clave ascético-moral), sobretudo no âmbito do que se designa como "humanismo conventual" (*Klosterhumanismus*): ver a este respeito LORINI, Teodoro, "Petrarca a Viena. Riscontri da un censimento in corso," in FABIO, Forner; MONTI, Carla Maria; SCHMIDT, Paul Gerhard (a c. di), *Margarita amicorum: studi di cultura europea per Agostino Sottili*, Milano, V & P, 2005 (Bibliotheca erudita: studi e documenti di storia e filologia / Dipartimento di studi medioevali, umanistici e rinascimentali; 26), pp. 603-636.

[27] Nas palavras de Gianni ZIPPEL: "Se in campo universitario l'influsso dell'insegnamento piccolominiano restava allora limitato fortemente da ostilità ideologiche tradizionali (che si rifflettevano non solo sui metodi scolastici della ricerca e dell'insegnamento, ma anche sul prevalente atteggiamento politico anti-imperiale e autonomistico, oltre che a la sua fedeltà all'idea conciliare)" ("Enea Silvio...," p. 334).

> *contendentes ad arma prorumpunt ac velut in iusto bello aciem dirigunt. Ad quam rem plurimum eos instigat mulierum procacitas. Quibus et loquendi quando velint et eundi quo velint libertas est neque adeo pudice sunt quam formosę.*[28]

Ainda no mesmo tópico dos *mores*, a descrição refere as instituições de governo da cidade e o direito em vigor entre os Vienenses:

> *Senatum Viennensem VIIII et X virorum in singulos annos dux Austriae legit, tum iudicem, qui iuri reddendo preest, exin magistrum civium, qui senatum cogat urbique in edificiis caeterisque rebus consulat; et hi principi iure iurando astringuntur, ne quid in civitate sinant, quod imperio eius obesse possit.*
>
> *Iudicia consuetudine, non lege scripta fiunt ac veluti manu regia criminale quicquid est civile diffinitur; furti actio capitalis est, furto substracta apud furem inventa non domino, qui amisit, sed iudici cedit. Latrones durissimo rotarum supplicio interimuntur. Adulteras si quando puniunt, quod rarissimum est, fluvio demergunt.*[29]

Também aqui, a respeito da afirmação de que os Vienenses viviam sem lei escrita, e recordanto o que já se disse sobre Basileia, a afirmação é desmentida pela realidade. De facto, há um código de direito civil do final do séc. XIII, coligido por iniciativa de particulares e que adquiriu progressivamente estatuto oficial.[30]

As restantes observações sobre o rigor da justiça em Viena como a pena capital para o furto, a tortura da roda para o latrocínio ou o afogamento de mulheres adúlteras têm em comum apenas o facto de serem imagens qualificadoras do rigorismo da justiça da cidade, e que estabelecem, concomitantemente, uma linha de demarcação entre o mundo da realidade estrangeira e o mundo do próprio autor (e que nessa medida traduzem algum respeito da parte de Piccolomini por esse rigor de costumes). Na realidade, as penas, embora existentes, aplicam-se em casos diferentes e muito raramente.[31]

A parte seguinte da descrição começa com observações sobre o abastecimento e avança para um impiedoso retrato do desregramento dos costumes que caracteriza os habitantes.

A observação do impressionante aparelho de abastecimento da cidade e do seu funcionamento como um organismo regido pelo excesso é enquadrada em uma valoração moral deprecatória:

---

[28] *Ibidem*, p. 271, ll. 4-11 (*formose … pudicę*: sic na ed. de Wagendorfer).

[29] *Ibidem,* p. 273, ll. 1-12.

[30] Ver supra p. 115 e p. 157.

[31] Ver nota de Wagendorfer *ad loc.* (in Piccolomini, *Historia Austrialis*, p. 273), lembrando ainda que a pena de afogamento estava reservada à luxúria, infanticídio ou heresia.

> *Incredibile est, ex municipiis villisque circunstantibus quot in dies in eam urbem commeatuum quadrige introeant: Pisti panes, pisces, carnes, ova quoque et cancri curribus innumeris in forum afferuntur. Ubi advesperascit, omnia distracta sunt, nihil venale invenias.*[32]

A cidade é considerada aqui no seu aspecto exclusivamente consumidor, mas não de uma forma anódina; antes é caricaturada como um ventre que devora, para lá dos limites razoáveis, os produtos da região. Tal juízo pode ser interpretado, de acordo com Isabella Nuovo, como uma implícita reprovação de Piccolomini pela violação da medida aristotélica ou como "un'idea d'abbondanza che pur apprezzabile in termini economici e mercantili si risolve alla fine in un ulteriore ridimensionamento della *civilitas* sempre più appiattita contro una prorompente *ratio* economica."[33]

A relação das vindimas que se segue continua no mesmo registo de admiração pela máquina do abastecimento urbano, que Enea pormenoriza com dados estatísticos relativos aos níveis de produção, à força de trabalho envolvida e aos impostos que gera:

> *Vindemia civibus* /p. 275/ *Viennensibus ad XL dies protenditur. Nullo non die trecenti currus onusti musto bis terque inferuntur ducentis et mille equis in id operis absque intermissione laborantibus. Ex vicis villisque preterea propinquis ad natalia usque divi Martini libertas omnibus est vinum in urbem redigere. Inestimabile est neque facile quispiam crediderit, qui non interfuerit, quanta vis inducatur vini, quod vel Vienne bibitur vel ad exteros per Danubium contra cursum fluminis emittitur. Ex vino, quod Vienne minutim venditur, decimus denarius principi cedit; ea res aureorum XII milia in annum quemvis ad ęrarium defert.*[34]

Piccolomini conclui este excerto sobre o vinho com um elogio da *libertas* de que os súbditos (sic) germânicos gozam quando comparados com os italianos: *Neque enim Theutones ut Italici principes suis subditis graves sunt. Libera et vere libera Germania est; apud Italos, si verum excutias, eos potissime servire populos invenias, qui se maxime liberos iactitant*.[35] Ao atribuir maior liberdade aos *subditi* do que aos *populi* (que serão certamente os das repúblicas italianas), tal afirmação revela, mais uma vez, a parcialidade do próprio Piccolomini a favor do Império e, ao mesmo tempo, o seu distanciamento da realidade política italiana.

---

[32] Piccolomini, *Historia Austrialis*, p. 273.

[33] Nuovo, *Esperienze di viaggio...*, p. 104. E de facto, este último aspecto pode confirmar-se por uma obra como o *De Europa*, onde as regiões ou cidades contam entre os seus atributos sumários o potencial económico.

[34] Piccolomini, *Historia Austrialis*, p. 273, l. 17 - p. 275, l. 11. O vinho era uma das grandes exportações de Viena (ver Wagendorger *ad loc.*, *ibidem,* p. 274).

[35] *Ibidem*, p. 275, ll. 11 ss.

Terminadas as considerações sobre o consumo, logística e finanças da cidade, Piccolomini passa então aos *mores civium*. A partir daqui, a descrição segue desliza de um registo de admiração misturado com algumas reprovações (nomeadamente as respeitantes à universidade) para um registo manifestamente deprecatório e expresso no que Voigt designou como o "estilo nocturno," perpassado de ablativos absolutos e particípios conjuntos (estilo imitado de César e Salústio).[36]

As qualidades morais dos Vienenses são matéria abundante para uma reforma. As rixas são frequentes entre cidadãos e forasteiros, e, não raro, são resolvidas com recurso a armas, de onde resultam homicídios, dada a inércia dos circunstantes e a ineficácia dos magistrados em dissuadir esse tipo de criminalidade: *neque magistratus, ut par esset, audacibus viris terrorem incutiunt.*[37] Ora, tal criminalidade, ilustrada pela imagem de percorrer a cidade pela manhã (de Domingo ou dia santo) com o chão juncado de cadáveres, contradiz o que anteriormente dissera da justiça entre os Vienenses. Como se pode falar de justiça rigorosa com penas horríveis e agora de uma criminalidade impune?

O retrato da vida boémia prossegue com a alusão às tabernas que em Viena se confundem com as casas privadas, visto que cada cidadão pode vender a retalho em sua própria casa o vinho da sua produção.[38] O mercado seria, por certo, competitivo como se pode ver pelas condições e serviços de que procuravam dotar-se — com a consequente proliferação dos vícios que se associam a tais lugares:

> *Vinum domi vendere nihil estimationi officit, id per gyrum ex ordinatione magistri civium fit. Rarum itaque civem videbis, qui, cum ad se ventum est, vinum vendens cauponis artem non exerceat. Calefaciunt enim stubas, coquinam instruunt, lenones, meretrices atque omne biblulorum genus per homines ad id receptos accersunt hisque cybi ali-*/p. 279/*quid cocti gratis prebent, at mensuram vini minorem. Bibitur, aeditur, luditur, contenditur, donec vinaria cella exhausta est.*[39]

Ao consumo exagerado da cidade corresponde agora, no plano moral, uma população (apodada de *plebs*) com um horizonte de vida ao mesmo nível de um animal, ou seja, dedicada apenas às necessidades mais básicas. A população, que faria funcionar a cidade com

[36] "Ein betont bündiger, nüchterner Stil, in welchem der ablativus absolutus und das participium coniunctum vorherrschen. Es ist die rhetorische Form des sachlichen historischen Berichts, wie sie Caesar in den Kommentarien beispiegelnd für spätere Generationen vorgeführt hat" (Voigt, *Italienische Berichte...*, p. 113).

[37] Piccolomini, *Historia Austrialis*, p. 277, l. 8 ss.

[38] Sobre as condições dessa venda ver Wagendorfer *ad loc*, *ibidem,* p. 276 n. 111 e p. 277, n. 98.

[39] Piccolomini, *Historia Austrialis*, pp. 277, l. 12 - 279, l. 3.

o seu trabalho, é retratada com traços miserabilistas: trabalha toda a semana e despende tudo o que ganha ao domingo. O seu aspecto é disforme e o seu descanso não passa de um vício moral (preguiça):

> *Plebs ventri dedita vorax, quicquid ebdomada tota manu quesivit, id festo die absumit, lacerum et incompositum vulgus, iners et laboris impatiens passim tota urbe vagatur.*[40]

Este outro lado da cidade, o dos que a fazem funcionar com o seu trabalho (se bem que esse não seja o ponto de vista de Enea), não tinha surgido em nenhuma das *laudes* anteriores, com excepção da referência aos serviçais do castelo de Ebelsberg (e esse aspecto era normalmente negligenciado nas *laudes urbium* medievais; e para já não falar nas da Antiguidade que o desprezavam por completo).[41]

Ao desregramento da comida segue-se o desregramento amoroso e sexual, que se observa particularmente nas mulheres de todas as idades:

> *Scortorum maximus numerus, matronarum non ea pudicitia quae forma, virgines sępe sibi viros insciis parentibus deligunt, vidue intra tempora luctus ex arbitrio nubunt, vetuste familie admodum pauce, perrari in urbe cives, quorum avos vicinia norit, advene aut inquilini ferme omnes. Negociatores opulenti iam senio confecti puellas in matrimonium ducunt easque non diu postea viventes relinquunt viduas. Ille etiam aetate maiuscula adolescentulis nubunt et hi quoque superviventes uxoribus iuvencularum connubia querunt eoque pacto re ducta per circulum matrimonia divitum magna ex parte sterilia.*[42]

A essa desordem passional mistura-se o vício da cobiça que, particularmente, aguilhoa as mulheres. Dada a facilidade e a liberdade, concedida pela lei, de um testador dispor dos seus bens em favor da mulher, não faltam mulheres que, no intuito de "caçarem" heranças, seduzem velhos ou os maridos de outras.[43] Enfim, os nobres assassinam os plebeus que espancam as mulheres amantes daqueles. Em tudo, a culpa recai sobre a *procacitas mulierum* que Enea já mencionara anteriormente a propósito das frequentes rixas entre estudantes.[44]

De pouco adianta que, no final da descrição, Piccolomini regresse ao tom mais distante de um historiador especializado no género da *Landesgeschichte,* com um apanhado de

[40] *Ibidem,* p. 279, ll. 4 ss.

[41] Excepção feita à descrição de William Fitz Stephen.

[42] *Ibidem*, p. 279, ll. 7- 17.

[43] Ver *ibidem*, p. 281. Este é um dos lugares em que a terceira redacção mitigou a segunda. Pois, se na terceira se lê: *nec venefice mulieres desunt, quae graves uxoribus viros auferant* (*ibidem*, p. 281, l. 4 s); na segunda redacção o retrato da criminalidade feminina era mais grave com a acusação de homicídios por envenenamento: *aiunt et mulieres esse admodum multas, que viros graves uxoribus veneno auferunt.* (p. 280, ll. 5 s)

[44] Cf. texto cit. supra, p. 190.

observações relativas a alguns aspectos jurídicos, que denotam uma apreciação ambígua dos Vienenses nas relações sociais:

> *Iuramenta quæ publica sunt, tenaciter observant; quæ negari possunt, parum in his momenti est. Pecuniam ad certum tempus mutuo dantes elapso termino detrimentum se passos aiunt idque iure iurando ęstimant gravique damno afficiunt debitores. Ex re pignori obligata si quam creditor utilitatem excepit, non detrahit sorti. Excommunicationes ecclesiae tanti faciunt, quantum vel pecunię vel fame irrogant damni.*[45]

Em suma, Piccolomini procedeu mais de acordo com a lógica de um catálogo ou da sátira misógina do que por um esforço de compreensão (por mais incipiente e limitado que fosse). Que as jovens escolhessem o noivo sem consentimento do pai seria a excepção e não a regra;[46] que os casamentos por causa dos caçadores de heranças ou de paixões serôdias ficassem estéreis:[47] tudo isso entra no âmbito do que hoje se denominaria jornalismo sensacionalista ou imprensa dos *fait-divers*. É certo que alguns casos reais poderiam exemplificar alguns destes traços morais da vida citadina.[48] No entanto, o essencial da caracterização deve-se à formação literária de Piccolomini bebida na tradição da sátira, do epigrama e da comédia. E, por esse motivo, o libelo acusatório de Piccolomini não escapa aos defeitos já anteriormente observados, por exemplo, na descrição de Génova, nomeadamente o da misoginia.

O fundamento desta dualidade entre virtude e esplendor, por um lado, vício e miséria por outro, poderá estar no texto da segunda redacção, no passo em que descreve os secretos encontros amorosos de aristocratas e plebeus: *nobiles ubi ad cives veniunt, uxores eorum ad colloquium secretum trahunt, viri allato vino domo abeunt ceduntque nobilibus*.[49] Portanto,

[45] *Ibidem,* p. 281, ll. 7-14.

[46] Ver nota de Wagendorfer, *ad loc.*, *ibidem,* p. 278, n. 114.

[47] Novamente, o texto da segunda redacção é mais virulento no retrato da infidelidade e astúcia femininas: *Mercatores divites senio confecti puellas in matrimonium ducunt easque brevi dimittunt viduas; ille inter familiares domesticos, cum quibus sepe consuetudinem adulterii habuerunt, iuvenes viros accipiunt* (*ibidem,* p. 278, ll. 10-14); o texto da terceira redacção fala de uma sucessão viciosa de casamentos de idades desencontradas — mas onde a iniciativa é de ambos os sexos e já não apenas das mulheres —; casamentos esses que, por consequência, permanecem estéreis (a única fecundidade é a da riqueza que passa de uns para outros): *negociatores opulenti iam senio confecti puellas in matrimonium ducunt easque non diu postea viventes relinquunt viduas. Ille iam aetate maiuscula adolescentulis nubunt et hi quoque superviventes uxoribus iuvencularum connubia querunt eoque pacto re ducta per circulum matrimonia divitum magna ex parte sterilia* (*ibidem*, p. 279, ll.11-17).

[48] Ver *e. g.* nota de Wagendorfer *ad loc.* (*ibidem*, p. 278, n. 116) o texto da segunda redacção em que se fala de um caso, quase contemporâneo, de envenenamento do cônjuge praticado pela mulher.

[49] *Ibidem*, p. 278, 5 ss.

Piccolomini define uma linha de separação entre *nobiles* e *cives* — uma evidência prática no contexto sócio-político medieval e tardo-medieval italiano.

O processo cultural complexo, que levou a que a classe dominante na cidade assumisse o ideal cavaleiresco (bem como um ideal de urbanidade de origem clássica), já foi descrito e analisado por vários autores.[50]

A *descriptio* do ponto de vista urbanístico confirma essa separação ao colocar em primeiro plano os edifícios da *urbs publica*, ou seja, a *Hofburg* de Viena a que se seguem as *aedes privatorum civium* que, pelo fausto com que as caracteriza, podem ser tomadas pelas casas nobres; a esses seguem-se as igrejas e conventos, ambos caracterizados pela sumptuosidade (mesmo os conventos de mendicantes) e, por último, surgem as casas de pessoas de condição social mais baixa (pense-se na casa particular onde o proprietário instala uma taberna).

Um dualidade semelhante verifica-se ao nível da apreciação do urbanismo vienense. Existem, por um lado, critérios estéticos expressos no uso dos termos *nitor*, *splendor*, *magnificentia*, *amplitudo* (que lembram, uma vez mais, Bruni); e, por outro, considerações mais técnicas, como as já mencionadas sobre os materiais das casas ou a observação sobre o uso frequente de dois e três pisos. No entanto, tais critérios ou considerações concentram-se na parte inicial sobre a arquitectura privada e aristocrática.

A impressão que Piccolomini deixa com esta divisão entre parte "alta" e parte "baixa" da cidade é a de uma associação entre o vício, a desordem, enfim, a sordidez da cidade e os *cives*.

[50] Sobre o modelo cavaleiresco da nobreza urbana, ver BORDONE, Renato, *Uno stato d'animo: memoria del tempo e comportamenti urbani nel mondo comunale italiano*, Firenze, Firenze university press, 2002, esp. Cap. II. Modelli di comportamento urbano nella prima età comunale (referência a Mosé del Brolo na p. 95); JONES, Philip James, *The Italian city-state: from commune to signoria*, Oxford [et al.], Clarendon press, 1997, pp. 311-2; mais sumariamente, MARTINES, Lauro, *Power and Imagination: City-states in Renaissance Italy*, London, Allen Lane, 1980, pp. 11 ss. Remetendo para um autor já citado, em que essa assimilação se vê embrionariamente, recorde-se Mosé del Brolo, no seu *Liber Pergaminus*, ao evocar os exercícios militares da juventude urbana: *cursores et ad aspera bella legendos / experiuntur equos cives.* GORNI, "Il "Liber Pergaminus...," p. 449 . Cf. BORDONE, *Uno stato d'animo*, p. 95. A evolução é assim caracterizada por Philip J. JONES: *At the turn of the thirteenth century, at the climax of urban and popular expansion, the society of the communes was still seen, as in the beginning, as constituted properly of nobles and populace, represented in word and image as consisting of cives and nobiles.* [...] *Everywhere the distinction was upheld between gentiluomini and the rest; social differences were interpreted first in terms of 'nobility'; and the whole of communal history came to be interpreted first in terms of 'nobility'; and the whole of communal history came to be viewed in retrospect as determined like that of ancient Rome by the relations of nobles and plebs (popolani, plebei).* [...] *For all the influence of civilitas, merchandizing, and other regional circumstances, it would be grossly wrong to visualize the nobility of communal Italy as somehow forming at any stage an alien species, a race apart, among the aristocracies of Europe."* (*The Italian city-state*, pp. 311-2)

Por várias vezes essa associação é expressa: quando fala da *plebs ventri dedita*; quando menciona o *civis* que se dedica a vender vinho na sua casa; ou quando afirma que a maior parte deles não é originária de Viena (*vetuste familie admodum pauce, perrari in urbe cives, quorum avos vicinia norit, advene aut inquilini ferme omnes*).[51]

Isabella Nuovo articulou esta descrição em duas partes: uma dominada pela "tensão narrativa" e outra dominada pela "tensão ideológica."[52] Nesta última parte fala de um registo realístico, que desliza paulatinamente para uma escrita hostil. Como avaliar esta variação? Será a passagem de um registo realístico a uma diatribe, ou será a adesão a uma forma literária mais erudita?[53]

A interpretação deste texto não pode prescindir das circunstâncias (auto)biográficas que o enquadram, nomeadamente, um desígnio de retractação que se estendia também ao seu relacionamento com o sexo oposto. Tal como, em Génova, projectara na cidade os desejos, pulsões e imaginações que seriam característicos do seu período juvenil e da respectiva produção literária, agora, já mais velho e ordenado bispo, transporta para a cidade de Viena o severo juízo sobre as suas experiências amorosas.[54]

Nas cartas, e em tempos anteriores ao da redacção da *Historia Austrialis*, Piccolomini deixa algumas indicações respeitantes a Viena e à sua vida na cidade despojadas da veemência crítica desta descrição. Quando Giovanni Peregallo lhe pedia conselhos práticos para a sua vida, Enea ironizava: um pedido desses era mais uma armadilha do que uma consulta, pois o seu correspondente estava em Basileia onde uma plêiade de exímios juristas tornava a cidade uma outra Atenas. Pelo contrário, a Enea, deambulando entre a Áustria e Hungria, seria impossível investigar o saber da Roma antiga ou encontrar um livro de Platão — por outras palavras, em Viena o acesso à cultura não passa por um mercado de livros e muito menos

[51] Piccolomini, *Historia Austrialis*, p. 279, ll. 9 ss. Pressente-se a insinuação de que instabilidade social é a base para toda a desordem moral anterior.

[52] Ver Nuovo, *Esperienze di viaggio...*, p. 102.

[53] Cf. opinião de Voigt, *Italienische Berichte...*, p. 113: "Die Einhaltung des schulmässigen Aufbaus tritt gegenüber der spontanen Empfänglichkeit für den inneren Zusammenhang einzelner Gegenstände der Beobachtung zurück."

[54] "Jetzt sind seine Äusserungen vom Affekt getragen und voller Gehässigkeit, die sich allem Anschein nach gegen die im Verhältnis zu Italien freiere gesellschaftliche Stellung der Frau richtet. Seine Haltung kann nur als Ausdruck des Neides gegenüber dieser Freiheit verstanden werden, von der er sich um seines Fortkommens willen losgesagt hat indem er die Priesterweihen nahm, und offenbar die Abwehr der in ihm noch wirkenden Vergangenheit" (*ibidem,* p. 121).

pela literatura clássica.[55] No mesmo ano de 1443, em carta a Prokop von Rabenstein, advertia-o contra os perigos da abundância de mulheres em Viena:

> *tu Vienne degis, ubi Veneris chorus late patet. sed cave, ne vincaris verbo aut blanditiis alicujus, quia postquam inescatus est homo, derelinquitur estque derisui. nullam ames, priusquam probaveris.*[56]

Portanto, uma parte da vida vienense de Piccolomini passava por uma vida boémia partilhada com outros amigos.

A animosidade contra os Vienenses, contudo, explica-se também por circunstâncias históricas, nomeadamente, a oposição dos Austríacos ao imperador (que motivou um discurso de Enea contra os Austríacos).[57] A defesa dos interesses do Império, à qual Enea empresta a sua pena, já vem de trás, nomeadamente da segunda descrição de Basileia, como se viu acima. Não é de estranhar, portanto, que em um conflito que opôs os Austríacos ao imperador (relatado na *Historia Austrialis*), Enea tenha desfigurado a imagem daqueles.

[55] *Rem longe majorem, quam possim prestare cottidiano convitio ex me petis, brevem tibi ut bene vivendi preceptionem conscribam. temptatio ista, non consultatio est. quid enim fieri potest, ut meis monitis tu indigeas, qui studiosus philosophie semper fuisti, cui, si aliquid deest, presto assunt divini atque humani juris doctores, qui Basileam quasi Athenas ornatam reddunt. illos consulere et facilius erat et utilius. in Austria vero dementis est querere Romam aut Platonem apud Hungariam vestigare* (Wolkan I/FRA 61, ep. 54, a Giovanni Peregallo, Viena, Maio (?) de 1443, p.152).

[56] Wolkan I/FRA 61, ep. 102, a Prokop von Rabenstein, Graz, 9 de Dezembro de 1443, p. 240. Ver as confidências a Johann Vrunt a propósito de uma amante que este deixara desconsolada em Viena, conhecida pelo nome de *Philorcium.* (Wolkan I/FRA 61, ep. 141, Viena, 27 de Maio de 1444, p. 323) ou a de 16 de Janeiro de 1444 a Piero da Noceto com a menção da mesma *Philorcium* (Wolkan I/FRA 61, ep. 119, St. Veit, 16 de Janeiro de 1444, p. 286).

[57] O discurso está impresso em Mansi, *Orationes I*, 1755, pp. 184-246. Provavelmente a *Oratio adversus Austriales* terá sido o material preparatório da primeira redacção da *Historia Austrialis*. A questão, segundo Wagendorfer, só ficará esclarecida com a publicação crítica da *Oratio* que está em curso (ver a introdução de Wagendorfer a Piccolomini, *Historia Austrialis,* p. XII e também Bayer, Victor, *Die Historia Friderici III. imperatoris des Enea Silvio de'Piccolomini: eine kritische Studie zur Geschichte Kaiser Friedrichs III*, Prag, F. Tempsky, 1872, p. 143).

Capítulo 6

Tabor: uma anti-cidade

Em 1451, o rei Frederico III, confrontado com uma embaixada da Boémia a exigir-lhe a libertação do sobrinho Ladislau o Póstumo, herdeiro da coroa da Boémia e da Hungria, envia uma missão da qual fazem parte, além de Piccolomini, na qualidade de chefe, Prokop von Rabenstein, Albert von Ebersdorf e Heinrich Truchses.[1]

A Boémia é o cenário de um dos mais importantes movimentos religiosos do séc. XV, o dos Hussitas, e do conflito que os opõe ao Papado e ao Império. Uma das facções mais radicais dos Hussitas é a dos Taboritas, assim chamados por causa da cidade que fundaram: Tabor.

Ora, é justamente em Tabor que Piccolomini e os seus companheiros, em viagem para Praga,[2] se vão alojar quando a noite os surpreende. Para o efeito mandaram enviados à cidade de Tabor a pedir acolhimento.

---

[1] Cf. Voigt, *Enea Silvio...*, II, p. 26 ss.

[2] *Cum ergo per hos dies de Nova domo versus Pragam iter agerem essentque mihi college nobiles Albertus Eberstorfius baro, Procopius Rabensteinus et Haidenricus Truscers equestris ordinis milites, ex usu visum nobis est, quia raptores et insidias timebamus, ad Thaboritas potius divertere quam in apertis villis pernoctare ac luporum magis quam leporum sequi fidem. premisimus igitur, qui Thaboritas accederent atque ab his jus hospitalitatis expeterent. acceperunt hec letis animis Thaborite dederuntque fidem atque obviam venerunt.* (Wolkan III/FRA 68, ep. 12, a Juan de Carvajal, Wiener-Neustadt, 21 de Agosto de 1451, pp. 23). Quanto a Praga, confessa Enea com desgosto que acabará por não a visitar devido à peste (cf. *ibidem*, 27).

Esse episódio, narrado em uma das cartas-tratado do seu epistolário, a carta a Juan de Carvajal de 21 de Agosto de 1451, serve de preâmbulo à longa disputa entre Enea e os Taboritas.[3] A cidade de Tabor — que tinha adquirido o estatuto de cidade apenas no tempo do imperador Segismundo[4] — é descrita no início dessa carta depois desse episódio embaraçoso que os levou ao contacto com os hereges.

Não obstante a civilidade do gesto hospitaleiro e até alegria que os Taboritas mostraram (*acceperunt hec letis animis Thaborite dederuntque fidem atque obviam venerunt*), o primeiro contacto é descrito por Enea com horror, impressão que é reforçada com a alusão a uma cena do inferno vergiliano:

> *res spectaculo digna fuit; rusticanum et incompositum vulgus, quamvis urbani videri velint. frigus erat et pluviale tempus, nam Bohemia sepe miscet estati hiemem. ex illis alii nudi erant, solis tecti camisiis, alii pelliceas tunicas induerant, alii sella carebant, alii freno, alii calcaribus; alteri crus ocreatum fuit, alteri nudum; huic oculus defuit, illi manus, et ut Virgilianis utamur verbis, fedum videre fuit, populataque tempora raptis auribus et truncas inhonesto vulnere nares. incedendi nullus ordo, loquendi nulla modestia, barbaro ac rusticano ritu nos exceperunt, obtulerunt tamen xenia pisces, vinum, cervisiam.*[5]

Assim entraram os hóspedes na "aldeia" dos Taboritas — aldeia, assim lhe chama propositadamente a despeito de repetidas vezes lhe dar o nome de *civitas* e uma vez o de *urbs*[6] — e Enea continuou a descrever a cidade sob o signo do estranhamento total. Afigura-se-lhe uma realidade no limite do inominável aonde se recolhiam os exemplos máximos de impiedade e de blasfémia. A religião que, como se viu noutras descrições é um dos elementos mais importantes no âmbito de uma *laus urbis*, perde aqui qualquer capacidade agregadora pois em Tabor *tot sunt hereses quot capita et libertas est, que velitis credere*.[7] À entrada, as imagens pintadas nos escudos apresentavam os fundamentos do movimento: uma imagem de um anjo estendendo um cálice a convidar à comunhão sob ambas as espécies e a imagem de Zisca (Jan Žižka). O líder dos Taboritas, a quem faltavam os dois olhos — nota Enea,

[3] A disputa teve lugar, não em Tabor, mas em Beneschau para onde se transferiram as cortes em virtude de uma peste em Praga. Propriamente a descrição da cidade e da estada em Tabor ocupa apenas as páginas iniciais da carta. Cf. Wolkan III/FRA 68, ep. 12, pp. 22-57 (viagem para Tabor e descrição da cidade: pp. 22-27). Há também a descrição na *Historia Bohemica* (Piccolomini, *Opera omnia*, pp. 108-9).

[4] Sobre a fundação de Tabor como cidade refúgio, pelos Hussitas, ver Macek, Josef, *Die Hussitische revolutionäre Bewegung*, Berlin, Veb deutscher Verlag der Wissenschaften, 1958, pp. 71-2.

[5] Wolkan III/FRA 68, ep. 12, p. 23. O passo vergiliano reporta-se à aparência da alma de Deífobo (*Eneida,* VI, 494-497)

[6] Cf. e. g.: *sed accipite nunc urbis situm, quia fuistis loco proximus, intueri menia potuistis, que duplicata cingunt undique civitatem, munita turribus et propugnaculis.* (Wolkan III/FRA 68, ep. 12, p. 25)

[7] *Ibidem*, p. 25.

acrescentando mais um traço de disformidade e de ironia pois, como acrescenta, para um povo sem sentido algum de religião e de moral o líder só podia ser cego —, era o autor dos maiores crimes contra os cristãos (cidades incendiadas, violação de religiosas, destruição de conventos, assassínio de sacerdotes).[8] Condenavam o culto das imagens, diz Enea com ironia, e, no entanto, cultuavam a imagem do seu líder mesmo às portas da cidade.

Depois dessas impressões iniciais, Enea apresenta uma caracterização doutrinal da *pestifera secta*: negam o primado de Roma, o purgatório e o valor da intercessão dos bem-aventurados; recusam ter um clero; observam apenas o Domingo e o dia de Páscoa; desprezam os jejuns; rejeitam a liturgia das horas; dão a eucaristia sob as duas espécies, mesmo a crianças e deficientes; ao celebrarem a eucaristia dizem apenas o Pai Nosso e as palavras da consagração, sem qualquer veste litúrgica; alguns vão ao ponto de negar a presença de Cristo no sacramento; dos sacramentos aceitam apenas o baptismo, a eucaristia, o casamento e a ordem; são adversários das ordens religiosas (que dizem ser invenções diabólicas); recebem o baptismo em qualquer lugar e sem benzer a água; não têm cemitérios consagrados e enterram os seus mortos em qualquer descampado, no mesmo lugar que os animais.[9]

Esta falsa religião tem consequências ao nível da arquitectura religiosa. Visto que troçam da consagração de igrejas e visto que a pregação — à qual forçam a assistir com vergastadas os que faltam por preguiça, por trabalho ou por causa de algum entretenimento — é para eles mais importante do que os sacramentos, tais princípios doutrinários reflectem-se na forma do edifício religioso:

> *est illis domus quedam lignea, similis horreo ruris, hanc templum appellant, hic populo predicant, hic legem per omnes dies exponunt, hic altare unicum habent neque consecratum neque consecrandum, ex quo sacramentum plebibus exhibent.*[10]

Ainda no plano religioso, afirma Enea que os sacerdotes não se distinguem pelo seu porte pois não trazem tonsura nem barba. No entanto, todos os habitantes lhes abastecem a casa com o necessário e lhes oferecem todos os meses uma contribuição por cada cabeça.[11]

[8] *Ibidem,* p. 24. Segundo Enea, ao morrer Zisca pedira para ser esfolado e que fizessem um tambor com a pele para assim assustarem os soldados do Império.

[9] Cf. *ibidem*, pp. 24 s.

[10] *Ibidem*, p. 25.

[11] *Ibidem*, p. 25.

O sítio da cidade é descrito com um exagerado aspecto de fortaleza inacessível, quer do ponto de vista natural, quer do ponto de vista artificial. De facto, Tabor encontrava-se dotada, do ponto de vista artificial, de sólidas obras de fortificação: *menia* [...] *que duplicata cingunt undique civitatem, munita turribus et propugnaculis*.[12] Tais obras eram reforçadas do ponto de vista natural, já que a cidade estava localizada em uma colina não muito alta, mas recortada de todos os lados excepto a ocidente, por cursos de água que correm a menor altura e assim formavam penhascos em redor:

> *collis est in occidentem extensus, nulla ex parte vicinis altior campis, sed preruptis hinc atque inde rupibus tutus. hunc uno ex latere fluvius alluit, quem Lucnisam accole vocitant; ex altero rivus est tenuis aque, sed profundus et aditu difficilis.*[13]

O acesso à cidade é possível apenas por um lado que, quer do ponto de vista natural — ou seja, pelo facto de ser estreito —, quer do ponto de vista artificial — pelo facto de estar dotado de três portas sucessivas, a primeira das quais com um sólido baluarte — eleva ainda mais a solidez defensiva.[14] Acrescem a esse aparato defensivo as máquinas de guerra provenientes, segundo Enea, dos assaltos a cidades vizinhas, e que se conservam no centro da cidade para dissuadir as populações da vizinhança.

Do ponto de vista urbanístico, Tabor conserva a aparência da sua origem, nota Enea. Do acampamento originário, conservou-se como matriz o carácter provisório. As construções são, por isso mesmo, de materiais menos nobres: paredes de madeira ou de argamassa. Na mesma linha, o arruamento não apresenta qualquer ordem, ou, para usar os termos do próprio observador, "onde outrora estavam as tendas, aí colocaram mais tarde as casas."[15] O único indício de riqueza, o recheio das casas, é uma prova da índole insurrecta da urbe: são espólios das casas nobres obtidos nas suas razias pelas terras vizinhas.

O modelo da cidade era o da Igreja primitiva: o de uma sociedade de pessoas que se tratavam por irmãos e que dividiam os bens segundo as necessidades. Enea admite até que o fervor tenha sido inicialmente autêntico. Mas a caridade inicial, afirma, deu lugar ao individualismo e à espoliação dos mais ricos em redor. E daqui passaram a outro estádio, o da

[12] *Ibidem,* p. 25.

[13] *Ibidem,* p. 25. Os dois rios mencionados são respectivamente, o Luznici e o Tismenický.

[14] Sic civitas ex omni parte rupibus et aquis munita uno tamen loco perplanum habet accessum, sed arctum et ingenti fossa et latiori muro defensum. tres hic porte sunt, priusquam urbem ingrediamini. in priori vero propugnaculum est, cujus muri 20 pedes latitudinis habent, altitudinis duplum. (ibidem)

[15] *Nam sicut olim tentoria passim locaverunt, sic postea domos erexerunt* (*ibidem,* p. 26).

anarquia, da rapina, da avareza, de uma vida parasitária sem outro sustento que não os sórdidos ganhos dos saques:

> *nunc sibi quisque vivit et alius quidem esurit, alius autem ebrius est. brevis fervor caritatis, brevis imitatio fuit. sed priores Christi discipuli et qui nascentis ecclesie fundamenta jecerunt, que propria prius habebant, fratribus communicabant, nihil alieni recipiebant, nisi sponte et amore Christi donatum. Thaborite vero hereditates alienas expilabant et, que violenta manu rapuerant, hec tantum in commune dederunt. nec sic perseverare potuerunt; reversi ad ingenium avaricie jam omnes student et quia rapere ut olim nequeunt, nam languidiores facti vicinos timent, lucris inhiant mercature sordidosque sequuntur questus.*[16]

A imagem não é melhor na *Historia Bohemica* que Enea redige mais tarde. Nesta obra, diz, a propósito de Tabor, que, além da disparidade de motivações, os habitantes eram constituídos, inicialmente, não apenas pela plebe mais baixa, mas, sobretudo, por criminosos: *nondum equites apud Thaboritas militauerunt, cum essent omnes fermè infimae plebis homines, et qui non tam nouam fidem secuti, quam iudicia et carceres fugisse uidebantur*.[17]

A este retrato de anarquia junta-se o juízo que, logo no início, Enea fizera acerca da comunidade: *non tamen concordes sunt in una fide, sed aliter isti, aliter illi sentiunt. velle suum cuique est nec voto vivitur uno.*[18] Novamente a concórdia, tão cara ao ideário de Enea, parece ser o elemento chave que falta na sociedade hussita.

Em suma, esta cidade em que a religião se apresenta sob uma forma desviante e pervertida, e que se confunde até com criminalidade; em que os costumes, a vida civil e até o urbanismo ostentam marcas contrárias a qualquer cidade até agora vista, como se fosse uma anti-cidade, resulta de um retrato injusto e parcial. É compreensível que assim o fosse. A disputa narrada na carta mostra bem a impossibilidade de entendimento entre o autor e os habitantes. Mais do que isso, porém, é preciso ter em conta o perfil de Enea como um adversário dos Hussitas, que não poupa palavras contra o imperador Segismundo — e que o faz por duas vezes, no início e no final da descrição —, por ter elevado o povoamento a cidade e legitimado a posse dos terrenos pelos rebeldes quando os devia ter exterminado; e que mais tarde, como Papa, revogou os *Compactata*, as concessões que o Concílio de Basileia fizera ao movimento herético (comunhão sob as duas espécies e leitura da epístola e do Evangelho em checo). A isso convém acrescentar que a carta é um relatório enviado ao cardeal Juan de

[16] *Ibidem*, p. 26.
[17] *Opera omnia*, p. 109.
[18] Wolkan III/FRA 68, ep. 12, p. 25.

Carvajal, com a intenção de prestar um serviço ou de se fazer notado junto de uma personalidade tão importante na cúria romana como de resto o início da carta o diz e como o fazem pressentir o tratamento pela segunda pessoa do plural (*vestra dignitas, vestra modestia*) que Piccolomini reprovava.[19]

[19] Cf. o início da carta: *Et ego nuper jussu cesaris in Bohemia fui cognovique bonos et malos et multa cum eis contuli et audivi multa, que sedem apostolicam intelligere non est inutile, decrevi, que hac in via mihi contigerunt, vestre dignationi prescribere* (*ibidem,* p. 22). Paradoxalmente, a carta constitui-se, por causa do debate entre os Hussitas e Enea, em fonte preciosa sobre o movimento.

Capítulo 7

As descrições de cidades na epistolografia: as capacidades de uma forma literária

Impõe-se agora um regresso à questão de partida, que significados tem a *laus urbis* na epistolografia de Piccolomini. Nesse sentido, importa também determinar, no contraste com *laudes* clássicas ou medievais, o *proprium* dos textos de Piccolomini considerados na comunidade textual de que fazem parte, que é, em primeiro lugar, a da produção humanística italiana.

Os textos analisados são um bom exemplo de como uma forma literária não é imóvel nem se torna um espartilho. Em diálogo com a tradição clássica — normalmente, acedida em segunda ou terceira mão — ou em diálogo com a literatura humanística contemporânea, as *laudes* de Piccolomini transformam os seus modelos e oferecem leituras que não são nem elogios diplomáticos nem notas de um estrangeiro em viagem. Os textos analisados estabelecem uma ligação entre trabalho literário e vida pública. A vida pública (da qual a actividade política é uma forma) não está para a actividade literária como o *negotium* está para o *otium*, pelo contrário, a actividade literária é um combate como se viu pelo prefácio da primeira descrição de Basileia.

Além disso, estes textos mostram um interesse pelos aspectos concretos da cidade que desmente um suposto excesso de retórica apontado por alguns estudiosos às *laudes urbium* do Renascimento.[1]

Como ficou claramente demonstrado na análise da descrição de Basileia, o excesso de retórica não é necessariamente incompatível com o reconhecimento da realidade e, em particular, da realidade estrangeira. Com efeito, se Enea dispôs a descrição no quadro mais amplo de uma intervenção abalizada pelo perfil de intelectual comprometido que então se impunha, isso não o impediu, todavia, de ver elementos da realidade social e urbanística germânica que, graças ao seu interesse e discernimento, adquirem relevância.

Ainda um mérito das *laudes* é a enunciação de uma realidade estrangeira. Vimos pelo exemplo das *laudes* medievais: os autores descrevem as suas *próprias* cidades. Enea, e embora com as limitações acima mencionadas, deu o salto para uma realidade estrangeira. Com efeito, as cidades acima analisadas podem repartir-se em cidades italianas e cidades estrangeiras. No primeiro conjunto não há mais do que um elemento, que é Génova; no segundo estão todas as outras (Basileia, Passau, Viena e Tabor). A originalidade desse interesse pela realidade estrangeira, por muito limitado ou mesmo deturpado que seja, justifica a opinião de Gerd Tellenbach que vê em Piccolomini uma primeira afirmação de uma historiografia estrangeira, isto é, de uma historiografia de espaços que não os próprios.[2] De facto, e apesar das constantes referências à realiade italiana, pode afirmar-se que as descrições de cidades de Piccolomini se constroem a partir de um olhar sobre modos de ser e de viver estrangeiros.

Mas as descrições, além de serem um exercício de conhecimento de uma realidade estrangeira, constituem-se também como forma de conhecimento de si mesmo. Há, de facto,

[1] Ver introdução, p. 30 e n.

[2] TELLENBACH, Gerd, "Eigene und fremde Geschichte. Eine Studie zur Geschichte der europäischen Historiographie, vorzüglich im 15. und 16. Jahrhundert," in ELM, Kaspar; GÖNNER, Eberhard; HILLENBRANDI, Eugen (Hrsgg.), *Landesgeschichte und Geistesgeschichte: Festschrift für Otto Herding zum 65. Geburtstag*, Stuttgart, W. Kohlhammer, 1977, (Veröffentlichtungen der Komission für Geschichtlich Landeskunde in Baden-Würtemberg. Reihe B: Forschunge; 92), pp. 295-316. Na Idade Média escreve-se sobre o seu mosteiro, a sua diocese, a sua cidade, a sua linhagem, o seu reino. Como o próprio TELLENBACH recorda (*ibidem*, pp. 299-300), as crónicas de Froissart ou a de Villani alargam-se para além do seu âmbito próprio, mas, na realidade, limitam-se aos aspectos da situação internacional com incidência na história própria. O autor exclui deste juízo o conhecimento medieval do Extremo Oriente, (nomeadamente os relatos de Hetum, Oderico de Pordenone ou Marco Polo).

uma escrita autobiográfica nos textos analisados. Karl Enenkel enunciou quatro funções da *laus urbis* na constituição autobiográfica de Enea:[3]

1) A *laus urbis* integra um processo de afirmação do autor em uma rede de correspondentes que fazem parte da *respublica litteraria*;[4]
2) A *laus* situa a cidade no percurso biográfico do autor e amplia a importância que tem na autobiografia;
3) Há uma transferência da importância do lugar para a própria autobiografia que é efectuada pela *laus*, quer dizer, quanto mais importante é a cidade (em riqueza, em simbolismo, como lugar de poder), mais ganho traz ao autor (e, neste sentido, a *laus* traduz um percurso de ascensão);
4) Por último, e com alguma relação com a precedente, a *laus* realiza a dimensão de conquista do mundo: cidade após cidade, Enea vai dominando um mundo.

Nesse sentido, pode dizer-se que há um Enea que descreve Génova que já não será o mesmo quando fala de Viena ou Tabor: passou da ingenuidade à sátira ressabiada contra a vida citadina ou à propaganda anti-herética. Se bem que qualquer uma das descrições tenha dominantes, há razões para se falar de um arco evolutivo que vai da idealização literária (Génova), passando por uma consideração mais "realista" (Basileia), para terminar com duas cidades em cuja apreciação dominam os estereótipos (Tabor e Viena). Ao mesmo tempo, há uma evolução da cidade como espaço de gozo e de vivências cívicas (as instituições sociais e políticas de Basileia) para a cidade como espaço de vício e perversão.

O significado autobiográfico de Basileia e Viena, em particular e como lugares de afecto e sobretudo de viragem na orientação dos seu afectos, pode comprovar-se a partir de várias cartas. De Basileia as recordações são mais amargas. Por muito que reconhecesse quanto devia em termos do seu percurso pessoal à estada na cidade, a recordação tornou-se posteriormente ingrata. Em carta a Giovanni Campisio, de Setembro de 1445, exprime pela primeira vez o seu arrependimento irreversível no que se refere à sua participação no Concílio

[3] Enenkel, Karl A. E., *Die Erfindung des Menschen: die Autobiographik des frühneuzeitlichen Humanismus von Petrarca bis Lipsius*, Berlim [et al.], Walter de Gruyter, 2008, pp. 290-1.

[4] Ou, nas palavras de Enenkel, "das Städtelob wird damit zu einem wichtigen Akt der Selbstdefinition" (*ibidem,* p. 290).

e simultaneamente o reconhecimento de que a cidade o fizera mergulhar na realidade germânica e lhe abrira portas, ainda que fosse ao preço de um exílio.[5]

Quanto a Viena, a carta a Johann Vrunt de 8 de Março de 1446, em que louva o seu amigo por ter casado e assim ter abandonado os pecados da sua juventude, desvela algo sua vivência citadina. Mais uma vez, o tom em que fala da cumplicidade com que viviam a sua liberdade erótica nas tabernas de Viena, tem a forma de uma palinódia:

> *scio, dices, ecce quam severus est Eneas. nunc mihi castitatem predicat, in Vienna et in Nova* /p. 31/ *civitate aliter mecum loquebatur. non nego, Johannes mi amantissime, sed labitur tempus dietim. seniores sumus, appropinquat mortis dies, cogitandum est jam, non quomodo vivamus, sed quomodo moriamur.* [...] *ego, mi Johannes, satis erravi et nimium satis. jam me cognosco et utinam non sit tarde.* [...] *an non satis stultus est, qui propter temporalia et momentanea perdit eterna? hec dico secundum theologos, quia non vis, que poete dicunt, audire. hoc est remedium, quod hic in apothecis invenitur Vienne.*[6]

Por fim, é importante notar que, pelo menos desde Basileia, mas também na descrição de Tabor e de Viena, Enea deslocou o lugar da *laus urbis* da cidade como referência política primeira para um âmbito superior (superior, de um certo ponto de vista jurídico, i. e., quanto à soberania), que é o do Império e da cristandade.

Resta uma questão lançada no prólogo da primeira descrição de Basileia: construir cidades é uma das formas de vencer o tempo. O tempo que passa e que o urge a mudar de vida (como o próprio afirma na carta a Johann Vrunt atrás citada), terá também uma relação com a cidade?

[5] Ver texto cit. na p. 102, e também a referência pejorativa de Enea a Basileia a respeito do seu regime político (cf. supra p. 164 n.). A carta a Juan de Carvajal já de 1450, portanto do tempo em que era clérigo, também fala de *neque enim extorqueri ab his potuit, muros uti Basilienses exirent, quasi astrictus esset spiritus sanctus solum Basilee operari nee alibi veritas defendi posset. que res magnum theologum Thomam ab illa multitudine alienavit, qui prius semper fautor fuerat. tunc ait se credere, abscessisse ab his spiritum sanctum, qui nollent equitati consentire.* (Wolkan II/FRA 67, ep. 44 a Juan de Carvajal, [Wiener-Neustadt], 1450, p. 208). Mais explícita ainda a carta ao reitor da universidade de Colónia, quando afirma: *quia ex Basilea recessi et renunciavi erroribus ejus, cum meretricem comperi civitatem* (Wolkan II/FRA 67, ep. 19, a Jordan Mallant, Colónia, 13 de Agosto de 1447, p. 55).

[6] Wolkan II/FRA 67, ep. 6, a Johann Vrunt, Viena, 8 Março de 1446, pp. 30 s.

Parte II

Tempo e cidades

Capítulo 1

Tempo: as novas concepções do Renascimento

Falámos na introdução acerca da relação entre a cidade, e particularmente da sua dimensão monumental, e o tempo.[1] Nas páginas que se seguem são analisadas principalmente duas obras: uma carta-ficção, conhecida na tradição impressa sob o título *Somnium de fortuna* e o *Dialogus de somnio quodam.* Ambas pretendem aprofundar essa questão que já foi discretamente enunciada em um dos textos acima analisados. As duas obras integram-se na tradição literária dos sonhos ou visões, e os respectivos enredos passam-se em tempos e espaços diferentes do âmbito terreno. As duas têm importância para o tema da cidade, embora sob uma forma diferente dos textos até agora analisados, já que figuram as cidades sob o prisma de um tempo diverso do tempo histórico.

Mas antes da análise de cada uma é necessário explicitar alguns aspectos do tempo como questão no Renascimento, quer a partir da história da cultura, quer a partir de autores fundamentais no primeiro humanismo italiano.

[1] Para além do que já foi dito na introdução tenha-se presente a ideia de Karsten Harris segundo o qual a arquitectura não tem a ver somente com o domínio do espaço, mas é também uma barreira contra o tempo, assente na linguagem da beleza e da 'realidade intemporal' (Cf. "Building and the Terror of Time," in *Perspecta: The Yale Architectural Journal*, 19, 1982, *passim*; cf. ainda Harvey, David, *The condition of post-modernity*, Blackwell 1989, p. 206).

O que se pode entender por tempo? A questão não é a repetição daquele S.to Agostinho colocou nas *Confissões*. Trata-se antes de mais de reconhecer que o tempo é actualmente um conceito amplamente pensado e discutido em diversas áreas de saber: da física à filosofia, à sociologia, à literatura. Importa, por isso, precisar desde já que a indagação presente selecciona de entre os diversos entendimentos e expressões culturais e sociais do tempo, os seguintes:

a) o tempo no seu significado teológico e, particularmente, na sua formulação agostiniana.

b) um tempo amplo, histórico, divisível e contrastado em períodos, resultado de uma consciência histórica. Noutros termos, dir-se-ia que um dado período histórico tem tanto mais clarividência sobre esse tempo quanto mais crítica produz sobre o agora em que o sujeito histórico se situa e o antes ou outrora em que viveram os seus antepassados e do qual se procura diferenciar.

c) o tempo tomado como imagem literária, aspecto sob qual se tomam como base as considerações que Panofsky fez para o domínio da iconologia.

d) por último, o tempo como expressão orgânica, advertida ou visível (dir-se-ia, por vezes, mensurável) nas transformações do corpo humano ou dos edifícios.

Sobre a primeira acepção importa recordar como a ideia agostiniana de tempo articulada em torno de um duplo horizonte, a saber, o de um tempo terrestre marcado pela rápida e implacável passagem em contraste com a imutabilidade da eternidade[2] é uma influência tutelar do pensamento petrarquiano, conforme mostra Quinones,[3] embora não a única. Pois se a passagem do tempo presente confere inanidade aos esforços presentes e um consequente desespero na sua própria acção, uma influência oposta, a de Séneca, impõe-lhe uma confiança e um interesse pelo aproveitamento dos seus dias.[4]

[2] Cf. Agostinho, Santo, *Confissões*, XI, 14, 17, pp. 567 ss (foi consultada a tradução: *Confissões*, tradução e notas de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de C.-M. de Sousa Pimentel, introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas, notas de âmbito filosófico de Manuel Barbosa da Costa Freitas e José Maria da Silva Rosa, edição bilingue, Lisboa, Centro de Literatura e Cultura Portuguesas e Brasileira, 2000 (Estudos Gerais; Série Universitária; Clássicos de Filosofia).

[3] Quinones, Ricardo J., *Renaissance Discovery of Time*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1972, p. 109.

[4] Sobre Séneca como *auctor maximus* para Petrarca, que lhe deve sobretudo o sentido de ócio activo e a preciosidade do tempo e, *e converso*, o sentido da fugacidade, ver a introdução de Ugo Dotti a Petrarca, Francesco, *Epistole*, Torino, UTET, 1978 (reimp. 1983), pp. 11 ss.

Falar de tempo a respeito do Renascimento, porém, é inevitavelmente falar do fundamento da sua própria consciência, enquanto fenómeno histórico e cultural e até da própria designação que supõe um reinício temporal. Ainda que o termo *rinascita* se deva a um autor do séc. XVI, Giorgio Vasari, o conceito e a metáfora orgânica que lhe subjazem foram discutidos desde muito cedo, nomeadamente, e para referir dois exemplos pertinentes para a obra de Piccolomini, por Bruni e por Biondo.[5] O primeiro desses autores, ao analisar o período histórico da Antiguidade até ao Renascimento, não engloba todo o período medieval sob o conceito de declínio. No seu pensamento, como assinalou Angelo Mazzocco, estão presentes dois planos: um político e outro cultural.[6] Se o declínio político é marcado pelo fim da república romana e, mais ainda, pelas invasões bárbaras, o declínio cultural é dividido de acordo com a realidade linguística: ou seja, em termos de cultura e literatura latinas o declínio começa com o início da Idade Média, mas a cultura de língua vulgar floresce após a queda do reino lombardo.[7] O Renascimento do séc. XIV era, por conseguinte, o renascimento da língua e da cultura latinas. Como se verá adiante, esse mesmo conceito de 'renascimento' aplica-se às cidades na história da Idade Média que Biondo escreveu.

Mas o tempo é também uma das imagens mais persistentes e fascinantes da iconografia e tal imagem fecundou também a literatura. Recorde-se aqui o trabalho de Erwin Panofsky, nos seus *Estudos de Iconologia*, onde recorda a figuração do Pai Tempo.[8] Grande parte das observações e dos exemplos invocados por Panofsky dizem respeito a períodos posteriores ao séc. XV, mas explicitam aspectos mais ou menos latentes na concepção de tempo de Piccolomini em algumas das suas obras.

---

[5] Para citar um testemunho do próprio autor sobre a sua estima por Bruni, veja-se a notícia da sua morte: *Leonardum Aretinum ex te primum sensi obiisse, dent ejus umbre tenuem et sine pondere terram superi spirantesque crocos et in urna perpetuum ver, qui Latium ornavit litteris, quo nemo post Lactantium Ciceroni proximior fuit* (Wolkan I/FRA 61, ep. 150, a Giovanni Campisio, Viena, 25 dee Junho de 1444, p. 342). A metáfora do reflorescimento da literatura latina graças ao impulso de Bruni é usada na carta a Segismundo da Áustria (cf. Wolkan I/FRA 61, ep. 99, Graz, 5 de Dezembro 1443, p. 223).

[6] Mazzocco, Angelo, "Decline and rebirth in Bruni and Biondo," in Brezzi, Paolo; Panizza Lorch, Maristella de (a c. di), *Umanesimo a Roma nel Quattrocento: atti del convegno su "Umanesimo a Roma nel Quattrocento," New York 1-4 dicembre 1981*, Roma, Istituto di Studi Romani; New York, Barnard College (Columbia University), 1984, pp. 249-266.

[7] A respeito do culto de Bruni por Dante, Boccaccio e Petrarca ver Santini, E., "La produzione volgare di Leonardo Bruni Aretino e il suo culto per 'le tre corone fiorentine'," in *Giornale storico della letteratura italiana*, 60 (1912), esp. pp. 316-319.

[8] Panofsky, Erwin, *Estudos de iconologia: temas humanísticos na arte do Renascimento*, Lisboa, Estampa, 1982, (Imprensa Universitária; 52) (orig. *Studies in Iconology*, Oxford, 1939), pp. 69-82.

Dizia Panofsky que a imagem do Pai Tempo fora sujeita durante a Idade Média e o Renascimento a um processo de reinterpretação que consistia em dotar temas clássicos de um novo conteúdo simbólico (e de carácter profano). Apontava como exemplo a figuração do Pai Tempo despido, com asas, foice e gadanha (ou no seu lugar, uma ampulheta, uma serpente, um dragão mordendo a sua cauda, ou ainda o zodíaco) e, por vezes, com muletas. Alguns desses elementos eram antigos ou tardo-antigos, mas as combinações típicas eram posteriores e representavam o Tempo sob dois aspectos:

1. O Pai Tempo como *Kairos,* ou seja, "o momento breve e decisivo que marca um ponto crucial na vida dos seres humanos ou no desenvolvimento do universo"[9] — conceito representado pela figura da Oportunidade (homem nu, nunca velho, com uma madeixa na cabeça pela qual se poderia agarrar; com asas nos ombros e tornozelos; com uma lança ou sobre o gume de uma faca e mais tarde sobre uma ou mais rodas), figura que, por sua vez, foi absorvida, depois do séc. XI, pela Fortuna.

2. Uma outra imagem do tempo, derivada da Antiguidade, era a do Tempo como *Aion,* i. e., como "princípio divino da criatividade eterna e inesgotável,"[10] cuja figura, na hipótese de Panofsky, está relacionada com o culto de Mitra ou com a divindade órfica, Fanes.

Importa reter esta investigação sobre as duas concepções de tempo e sublinhar um aspecto, menos relevante, por óbvio, para Panofsky, mas importante para o que se segue: a protuberante masculinidade do Tempo, derivada afinal da identificação (ou confusão) entre **Κρόνος** e **χρόνος** — masculinidade perdida posteriormente quando o tempo se assimila à *Fortuna*.

Todavia, e não obstante essa inscrição do problema do tempo no próprio conceito de Renascimento, admirava-se Kantorowicz, na sua célebre obra *The king's two bodies*, da escassez de estudos sobre o tema. A questão do tempo era fundamental para o historiador, pois o que estava subjacente ao problema dos "dois corpos do rei" era a continuidade — conceito cujo desenvolvimento, embora iniciado na esfera jurídica e legal, tinha coincidido com a recepção da filosofia aristotélica e, em particular, com o problema da eternidade do mundo. Deixando de parte o perído medieval, interessa questionar a justeza do seu juízo a respeito dos estudos sobre o tempo no Renascimento.[11]

[9] Panofsky, *Estudos de Iconologia...*, p. 71.
[10] *Ibidem*, p. 71.
[11] Quanto às alterações do pensamento tardo-medieval ao conceito de tempo ver infra p. 273.

Com efeito, acerca da dita escassez de trabalhos sobre a questão do tempo, Kantorowicz apenas exceptuava, em nota, um artigo de Hans Baron, no qual se encontra uma tese sobre as novas concepções de tempo no Renascimento.[12] *Pace* Kantorowicz, as investigações sobre o tempo no Renascimento já se tinham iniciado bem antes. Comece-se por recordar o trabalho de Gustav Bilfinger, onde se faz a história das horas litúrgicas e da sua importância nos ritmos de vida medieval, em contraste com o tempo mensurável da idade moderna.[13] A relação entre esse "tempo moderno" e o novo ordenamento social e económico do Renascimento seria o tema do trabalho de Alfred von Martin publicado em 1932.[14] O ponto de partida do autor era o de que a imagem ideal do Renascimento, destilada da produção artística e intelectual, deveria ser complementada pela história do primeiro capitalismo.[15] Os fundamentos da economia deslocavam-se da terra para o dinheiro. Com isso perdia-se a imobilidade que caracterizava as relações sociais e introduzia-se a mobilidade que o dinheiro possibilitava. Ao espaço como dimensão maior do universo feudal, sucedeu o tempo como meio essencial de conquista de poder nesta sociedade fundada em valores mobiliários.[16] Percebe-se, por conseguinte, a polémica dos teólogos medievais e autoridades eclesiásticas que, na sua oposição a um dos instrumentos financeiros essenciais nesta nova economia, o juro, tenham invocado como argumento a impossibilidade de vender o tempo, que, no seu modo de pensar, a todos pertencia.[17]

[12] Ver KANTOROWICZ, Ernst H., *The King's two bodies. A study in medieval political theology*, with a new preface by William Chester Jordan, Princeton; Chichester, Princeton University Press, 1997, [segunda impressão com corrigenda e addenda], p. 273 ss, e p. 274, n. 2 para a referência a BARON.

[13] BILFINGER, Gustav, *Die Mittelalterlichen Horen und die Modernen Studen. Ein Beitrag zur Kulturgeschichte*, Stuttgart, W. Kohlammer, 1892. Não obstante o facto de BILFINGER investigar somente a relação entre esse novo tempo e os seus novos instrumentos de medida, i. e., os relógios.

[14] MARTIN, Alfred von, *The Sociology of the Renaissance*, Lonon, Kegan Paul, 1945 (ed. orig. alemã: 1932).

[15] *Ibidem,* p. ix.

[16] *Ibidem*, p. 5 ss e, para a oposição entre espaço e tempo, ver especialmente p. 15 s.

[17] Sobre esse assunto, a oposição entre o tempo da igreja e o tempo de mercador, Jacques LE GOFF escreveu em "Au Moyen Âge: temps de l'Église et temps du marchand," in *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations,* 15, 3 (1960), pp. 417-433.

Mas retomemos o artigo de Baron,[18] no qual, como documento da nova valoração do tempo, é citado um episódio da vida de Bartolomei de' Fortini em que este, designado governador de um *borgo* florentino onde abundavam "ociosos," deu início a uma reforma moral, incitando todos ao trabalho. O episódio, segundo Baron, mostrava como o trabalho se tinha tornado um bem e uma virtude social; daí o escrupuloso uso do tempo. Todavia, e no contexto florentino que tinha presente, a raiz dessa mudança encontrava-se, segundo Baron, nas alterações da vida económica florentina ocorridas entre o séc. XIV e o séc. XV. A vida económica de Florença, em que a *Arte della Calimala* exercia uma actividade mercantil e financeira que assentava, por um lado, na actividade usurária dirigida a senhores feudais, clérigos e reis e, por outro, no comércio internacional dos lanifícios — isto é, em que um embrião de uma sociedade moderna vivia em simbiose com uma sociedade feudal — foi transformada pelo alargamento do tecido produtivo a grande parte da sua população com as restrições à importação e o desenvolvimento do fabrico próprio — momento em que se impõe a poderosa *Arte della lana*.[19] A mentalidade resultante é assim definida por Baron:

> In this milieu, economic attitudes and humanistic culture met halfway (…). That man should strive to rise above his traditional station, that he should budget his time and direct his life toward continous progress and ceaseless activity, this seemed to the men of Quattrocento a cultural as well as an economic necessity."[20]

[18] O artigo foi originalmente publicado como "A Sociological Interpretation of the Early Renaissance in Florence," in *South Atlantic Quarterly,* 38 (1939), pp. 427-448 e posteriormente (só a primeira parte, embora com notas e acrescentamentos) em IDEM, *In Search of Florentine...*, vol. II, pp. 40-54. Obviamente que devem ser tidas em conta as críticas feitas à interpretação sociológica de BARON, embora não modifiquem o ponto de vista aqui defendido. O estado da questão é assim resumido por Rinaldo RINALDI: "Sembra invece evidente che un tentativo di comprendere il nesso tra cultura e storia, collegando così un esame interno alla considerazione di fatti esterni, sia pienamente giustificato (se mai altrove) proprio in una ricostruzione del Quattrocento italiano. La compattezza di questo nesso è tale da escludere ogni riduzione di un termine all'altro, ogni brutale sociologizzazione ma anche ogni separazione della cultura; ed è così durevole da coprire tutto l'arco cronologico del secolo e non soltanto i primi decenni. Se infatti non sono mancate analisi anche estremamente articolate degli aspetti storico-politici dell'Umanesimo (secondo un filone storiografico paralello al primo ed anch'esso abbastanza precoce), queste si sono concentrate di preferenza sul Quattrocento e sull'umanesimo cosidetto «civile»: distinguendo insomma tra una fase in cui la cultura sarebbe stata organica allo svilupo sociale (con riferimento alla Firenze repubblicana pre-medicea) e una fase più tarda nella quale si sarebbe celebrata la separazione della cultura dalle vicende della storia (con il sorgere delle signorie nella seconda metà del secolo)" ("Umanesimo e Rinascimento," in SQUAROTTI, Giorgio Bárberi (dir.), *Storia della civiltà letteraria italiana*, [Torino], Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1990-1996, vol. 2 (1990), p. 1); cf. ainda BIGALLI, Davide, "Nuovi strumenti per la ricognizione della cultura rinascimentale," in SOCIETA ITALIANA DI STORIA DELLA FILOSOFIA, *Le nuove frontiere della storiografia filosofica: atti del 1. Convegno nazionale della Societa Italiana di Storia della Filosofia*, Soveria Mannelli, Rubbettino, 2003, pp. 14 ss.

[19] Ver também CIPOLLA, Carlo M., "The Italian and Iberian Peninsulas," in POSTAN, M. M. et al. (eds.), *Cambridge Economic History of Europe: III: Economic organization and policies in the Middle Ages*, Cambridge, at the University Press, 1971, p. 415 s.

[20] BARON, "A Sociological Interpretation," p. 52.

Portanto, este era um tempo sem horizontes cosmológicos, religiosos, metafísicos; um tempo que se poderia medir por empenhos cívicos, políticos ou pela produção de riqueza. No entanto, ao falar de labor e de rendibilização do tempo fala-se da responsabilidade e do esforço — os quais constituem apenas uma das faces da condição humana; a outra, era a *fortuna*. Independente do arbítrio humano, a *fortuna* pode ser favorável ou adversa; em todo o caso, o que é decisivo (e o índice de realização humana) é a *virtude* que potencia o favor ou resiste e vence a adversidade.

Sobre a questão do tempo debruçou-se Ricardo Quinones em uma obra articulada em torno do estudo de vários autores que se estendem bem para lá das fronteiras temporais e geográficas do Renascimento italiano.[21] Quinones define a relação dos autores renascentistas com o tempo como a descoberta de um adversário ao qual se tenta arrancar uma vitória, por meio da procriação e da fama — ambos sucedâneos, na nova educação secular, da preocupação religiosa pela imortalidade.[22] Em grande parte dos casos a fama é conseguida pela literatura, quer se trate de um autor, quer se trate de uma personagem histórica que se torna objecto de celebração literária. Ora, no caso de Piccolomini, além dos dois referidos meios para combater o tempo, podemos apontar um terceiro meio: a saber, a cidade. A geração de filhos para povoarem as cidades, e a edificação das próprias cidades são actividades essenciais para a sobrevivência da espécie humana.[23] Mas antes de estudar as estratégias para o combate ao tempo, vejamos primeiramente a relação de Piccolomini com o tempo nas suas práticas sociais e no seu corpo.

[21] QUINONES, *The Renaissance discovery...* Na verdade, a obra dedica especial atenção a Shakespeare e a Milton. Note-se ainda o critério selectivo que orienta a obra: os autores italianos estudados são apenas Dante e Petrarca, com a exclusão de autores como Alberti.

[22] QUINONES, *The Renaissance discovery...*, p. 15 ss.

[23] Ver acima o cap. "O prefácio da descrição de 1434". A afirmação é uma outra forma de retomar a interpretação medieval do aforismo aristotélico (*homo animal politicum*), i. e., de que a verdadeira existência humana é a existência citadina.

Capítulo 2

O tempo em Piccolomini

2.1. *Otium* e *negotium*: tempo dividido entre literatura e actividade prática

Os cabeçalhos das cartas e particularmente a apresentação de si próprio que nelas figura podem servir de indício no que respeita à forma como Enea Silvio Piccolomini encarava a sua profissão, ou, dito de outro modo, sobre os interesses e actividades pelos quais reparte o seu tempo. Trata-se, sob este aspecto, não tanto de saber o que o autor tem a dizer sobre o tempo como de definir o tempo pela práticas sociais que o preenchem. Entre as actividades que podem definir Enea Silvio Piccolomini estão a de secretário na chancelaria de Frederico III e a de autor literário. Efectivamente, é com esses títulos que se apresenta no início das cartas anteriors à ordenação episcopal: *poeta* ou *poeta imperialisque secretarius*. Tanto uma como outra profissão podem relacionar-se com competência literária. No entanto, parece ter sido o título de poeta a causar algum prurido em determinado período da sua vida. Com efeito, nas duas revisões testemunhadas por um dos códices das suas cartas o título *poeta* foi riscado.[1] Tratar-se-ia de uma renegação? É plausível que, tal como Wolkan afirma, a revisão

[1] As revisões são assinaladas na edição de Wolkan como E I e E II (ver Wolkan I/FRA 61, p. IX e XVII). É na carta a Gregorio dei Baroncelli que surge pela primeira vez surge o título de *poeta* (Wolkan I, FRA 61, ep. 35, Agosto a meados de Novembro de 1442, p. 110), depois da sua criação como poeta laureado em 27 de Julho de 1442 (ver o documento em Chmel, Joseph (ed.), *Regesta chronologico-diplomatica Friderici IV.*

tenha sido motivada por algum mal-estar com o título "poeta," agora que o autor era bispo de Trieste.[2] Mas isso não deve fazer pensar que Enea deixou de se dedicar à literatura, como de resto a sua obra posterior mostra.[3]

Se, apesar de tudo, a literatura é parte importante da vida de Piccolomini, quais os usos da literatura ou como a define? Para responder a essa questão recordemos a definição do humanismo como secularização, proposta por Riccardo Fubini:

> "Il grande passo del Petrarca fu quello di indicare la via ("viam aperuit," come diceva, da buon testimone, Leonardo Bruni) per una cultura che fuoruscisse dalle strutture autoritative e pubblicistiche della tarda scholastica, e cioè di una diversa cultura particolarmente intenta alla sistematizzazione o addiritura alla lemmatizzazione di una patrimonio cognitivo e normativo secolare."[4]

Que essa deslocação do *Sitz-im-Leben* da produção cultural é importante para o entendimento da actividade literária de Piccolomini, eis o que se vê exemplarmente no perfil do *secretarius* — uma das mais comuns profissões dos humanistas — traçado no *Libellus dialogorum de auctoritate concilii* por oposição ao mestre universitário medieval:

> *Nec Secretarius, uti Jurista et Medicus, neque ut Theologus, est factu facilis. Scis, quid volo. Ascendit Cathedram legis doctor, nec ipse est, qui loquitur, sed Azo, Cinnus, Bartholus, Baldus; pro Medico, Avicenna, Gentilis, Forlivias, Hugo; pro Theologo, Thomas, Albertus, Scotus, Lyra. O sola omnium scientiarum illibata Rhetorica, quae nec hebetibus pates, nec ullum, diu honoras immeritum! Tu homines examinas; tu ingenia trutinas; tu vires cujusque expendis: nemo ex te quaestum habet indoctus. Vah! quid dixi, etiam nos hodie degeneramus. Equidem, ut de me loquar, quantum ab eo ego disto, ut dici Secretarius debeam! In hac tamen re, nisi moles feres, Gabrielis[5] judicium laudabo, apud quem, scis, quales Secretarii sunt: Luscus,*

Romanorum imperatoris (regis III.) [...] *Erst Abtheilung vom Jahre 1440 bis März 1452*, Wien, Peter Rohrmann, 1838. apêndice nº 17, p. XXIX).

[2] "Eneas, der jetzt [i.e. 1447] bereits dem geistlichen Stande angehörte, ja vielleicht schon electus Tergestinus war, als er diese Redaktion unternahm, mag est mit seiner Würde für unvereinbar gehalten haben, daß seinen Briefen zumeist der Titel eines poeta, auf den er früher stolz gewesen, beigefügt war, und strich ihn infolgedessen in einer Reihe von Briefen: 50, 51, 62, 95 und 136 (WOLKAN I/FRA 61, p. XVII).

[3] Aliás, a dois meses da sua ordenação como subdiácono, pede a Campisio que lhe envie um exemplar dos seus primeiros poemas, *Cinthia* (WOLKAN II/FRA 67, ep. 3, a Giovanni Campisio, Viena, 4 de Janeiro de 1446, p. 6). Posteriormente, em carta ao cardeal Zbigniew Olesnicki, a quem tinha enviado um volume de cartas suas do período leigo, diz não se envergonhar do título de poeta: *invenistis epistolas, quibus me poetam vocito, quamplures; dixistis intra vos ipsum, grande hic homo de se judicium facit, qui grande sibi nomen usurpat.* [...] *cogistastis ergo, si mea scripta pro merito reprehenderetis, grandem me molestiam habiturum, qui cum sanctis ascribis poetis cuperem et inter vetustissimum e doctis genus me ipsum collocarim* (WOLKAN III/FRA 68, ep. 177, Wiener-Neustadt, 27 de Outubro de 1453, p. 322).

[4] FUBINI, *Umanesimo e secolarizzazione...*, p. IX.

[5] Maneira pejorativa de Piccolomini, ainda no seu fervor conciliarista, se referir a Gabriel Condulmer, Papa Eugénio IV.

> *Poggius, Cincius, Laurispa* [sic Kollár]*; an illis aequiparandi erimus nos? mihi ego, neque tantum arrogo, neque postulo. Vos autem Gallici, ut pace tua sit dictum.*[6]

Portanto, deduz-se desta caracterização não tanto que a literatura tinha um uso prático, político, mas sobretudo que o humanismo — e aqui Piccolomini pensa como autêntico humanista — considerava as variadas, imprevisíveis e probatórias circunstâncias da vida política como o lugar da cultura.

O elogio da vida activa é uma constante desde Salutati a Palmieri, passando por Bruni. O ideal de homem de letras como cidadão exemplar e dedicado às questões políticas da sua cidade que não se retira para o seu ócio, mas antes se entrega à *conversazione urbana e civile*, era a pedra angular da biografia de Dante, da autoria de Bruni.[7] Já se mencionou anteriormente a influência do humanismo florentino sobre Piccolomini.[8] O facto de o universo político de Piccolomini, com o seu primado do Império, ser oposto ao universo do humanismo florentino, com o seu primado da cidade, e até mesmo o facto de tecer acintosos comentários sobre Florença[9] nunca foi razão suficiente para deixar de enaltecer a exemplar imbricação de cultura e vida cívica entre os Florentinos. Aliás, no *Dialogus de somnio quodam* S. Bernardino faz o elogio da cultura florentina, citando como seus representantes Salutati, Bruni, Marsuppini e Poggio, ou seja os que uniam à sua competência literária o empenho na

[6] PICCOLOMINI, *Libellus dialogorum* ... (ed. Kollár), Dialogus XIus, col. 755.

[7] "Dopo questa battaglia [sc. di Campaldino] tornò Dante a casa e alli studi più che prima si diede: e niente di manco niente tralasciò delle conversazioni urbane e civili. E era cosa miraculosa, che, studiando continovamente, a niuna persona sarebbe paruto, che egli studiasse, per l'usanza lieta e conversazione giovanile. Nella qual cosa mi giova riprendere l'errore di molti ignoranti, i quali credono, niuno essere studiante, se non quelli, che si nascondono in solitudine ed in ozio; ed io non vidi mai niuno di questi camuffati e rimossi dalla conversazione degli uomini che sapesse tre lettere" (BRUNI, Leonardo, "Le vite di Dante e di Petrarca," in BARON, Hans (Hrsg.), *Humanistische-philosophische Schriften mit einer Chronologie seiner Werke und Briefe*, Berlin, B. G. Teubner (Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters und der Renaissance, 1), p. 53, ll. 15-23).

[8] Sobre esse aspecto e sobre a relação entre cultura e vida política e social postulada pelo humanismo florentino, ver GARIN, *L'umanesimo italiano*..., pp. 25-93; sobre o louvor de Piccolomini dos oradores florentinos ver infra p. 222 n.. Note-se ainda como esse ideal modelou ainda a visão do biógrafo de Pio II, Giovanni Antonio Campano, segundo Berthe WIDMER: "Campano hat in seiner Vita des Papstes Pius mit keinem Wort auf Bruni direkt Bezug genommen. Er wird den Cicero Novus immerhin gekannt haben: das kleine Werk war unter den Humanisten berühmt. Im Bestreben, das Besondere, das persönlich Verdienst seines verstorbenen Herrn herauszuheben, schwenkte er in die Bahn der Cicero-Vita ein un begann entsprechend, Pius als Staatsmann wie als Gelehrten zu lobpreisen" (*Enea Silvio in der sittlichen*..., p. 21).

[9] Ver a já citada advertência ao imperador Segismundo, supra p. 164.

vida política.[10] Mesmo o já citado prefácio da primeira descrição de Basileia partia do princípio de que a escrita deve servir o interesse público.

Na prossecução deste ideal, e não obstante as diferenças, a via que seguiu a actividade literária de Piccolomini, segundo Johannes Helmrath, é a de uma retoricização da política e do uso funcional da cultura clássica para a legitimação do poder monárquico (no seu caso, imperial) — orientação superiormente demonstrada pelo *Pentalogus de rebus ecclesiae et imperii,* que é uma instrução dirigida a Frederico III com um programa para a unificação da Europa, a submissão da Itália e a conquista da Terra Santa.[11] É nesse sentido que se devem compreender os modelos de educação principesca, que conciliavam dedicação à *res publica* sem descurar a literatura, apresentados a Segismundo da Áustria: Leonello d'Este, Afonso de Aragão, o Marquês de Saluzzo, os filhos do Marquês de Mântua ou o duque de Gloucester.[12] A lista é significativa da orientação aristocrática e monárquica de Piccolomini e até contrasta, sob o ponto de vista ideológico, com o louvor dos chanceleres florentinos.[13] Na verdade,

[10] *Laudo florentinos, qui non, ut uulgo fieri solet, iuris aut dialectice, aut iuris ciuilis peritis dictandi epistolas curam committunt, nisi oratorie fuerint studiosi, cuius est propria suasio ac dissuasio. Tres ego ante Poggium uidi, qui cancellariam rexere florentinorum, summa eloquentia uiros: Collutium, Leonardum, Carolum, quorum medius multa uobis scripta reliquit, siue que uertit ex greco , siue que suo ingenio deprompsit, Tulliane facundie uel similia uel proxima. De Colutio non existimo reticendum quod dicere solitum accepimus Galeatium Mediolanensium ducem, qui cum bellum aduersus florentinos gereret, litterasque hostium aliquando deprehenderet; maius sibi nocumentum inferre asseuerabat stilum Colutii, quam florentinorum equitum mille* (Piccolomini, *Dialogus de somnio quodam*, p. 555). A história de que Giangaleazzo Visconti temia mais a pena de Salutati do que mil soldados de Florença, já se encontrava no *Libellus dialogorum de generalis Concilii authoritate et gestis Basileensium*, escrito em 1440 (ver Kollár, *Analecta monumentorum…*, cols. 754 s); cf. também *De Europa* (Cf. *Enee Silvii Piccolomini postea Pii P.. II De Europa*, edidit commentarioque instruxit Adrianus van Heck, Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 2001.LIV, 213, p. 221, ll. 7359 ss).

[11] Helmrath, Johannes, "Der Europäische Humanismus und die Funktionen der Rhetorik, in Maissen, Thomas; Walther, Gerrit (Hrsgg.), *Funktionen des Humanismus: Studien zum Nutzen des neuen in der humanistischen Kultur*, Götingen, Wallstein, 2006, p. 33: "Die Rhetorisierung des Politischen in der Renaissance und die verstärkte Funktionalisierung der Antike für die monarchische Legitimation und Performanz führten freilich auch zu einem neuen Herrscherbild des *princeps eloquens*. Ein frühes Beispiel findet sich im 1443 enstandenen Dialog *Pentalogus* des Enea Silvio Piccolomini: er stand in der Tradition der Fürstenspiegel, vermittelt aber gerade was die Oratorik betrifft eine neue Programmatik."

[12] *Tu tamen fortasse fabulosa reris, que de antiquis sunt scripta, qui et in otio negotium it in negotio otium diligenter referuntur curasse. sed hanc opinionem possunt tibi aufferre nonnulli viventes, qui etsi rei publice presint, et munera regant arduissima, disciplinas tamen non negligunt. Leonellus, marchio Extensis tam eleganter scribit, ut nichil inter ejus et Ciceronis litteras putes distare. sororia de marchione Salutiarum dicuntur. marchionis Mantue filii et arma tractant et litteras colunt. Alfonsus, Aragonum rex, cui et Sicilia paret et illa Italie pars obedit, que olim magna Grecia dicebatur, qui totiens victus tandem vicit et adversam fortunam in favorem sui convertit, nunquam in castris est sine libris. quocunque it et bibliotheca sequitur. sive in tectis est sive in tentoriis manet, singulis diebus aut legit aliquid aut audit. egredior Italiam et penitus toto divisos orbe Britanos petam; ibi dux est Clocestrie, qui regnum, quod modo Anglicum dicimus, pluribus annis gubernavit. huic tanta litterarum est cura, ut ex Italia magistros asciverit, poetarum et oratorum interpretes. videsne, quia et hoc seculum principes litteratos admittit?* (Wolkan I/FRA 61, ep. 99, a Segismundo da Áustria, Graz, 5 de Dezembro de 1443, p. 227).

[13] Sobre a preferência pela nobreza e a desconfiança em relação às repúblicas, afirma o seu biógrafo

quase toda a obra de Piccolomini se configura em um quadro teórico e político bem mais amplo do que a cidade. Identificar todas as dimensões desse quadro está fora dos propósitos deste trabalho, mas cabe dizer aqui que ele se configura ora como *respublica* identificada com a Igreja no modelo conciliar,[14] ora com a *respublica christiana* que é a Europa (articulada, segundo o ideal de Piccolomini, não em torno de nações, mas em torno do Império e da Igreja).[15] Sublinhemos, porém, é a identidade entre o humanismo de Piccolomini e o humanismo florentino no que diz respeito à imbricação da literatura e da vida social.

2. 2. A conversão e as suas consequências na concepção do tempo

Visto pelo lado da vida individual, um dos aspectos mais concretos do tempo é a consciência da passagem da idade e, sobretudo, dos limiares ou etapas que dela fazem parte, um dos quais pode ser o fim da juventude, a velhice ou a morte. Estes três aspectos adquirem importância em meados da década de 40 na epistolografia de Piccolomini.

De facto, a presença da morte e a evocação dos limites temporais da vida começam a adquirir importância por altura da conversão.[16] Em 1442, sofre grave doença que levou a que a sua morte fosse anunciada, sobretudo pelo seu rival na corrida para um priorado, mas nas cartas em que refere a história não falta ironia.[17] A carta a Johannes Gers tem como circunstância uma peste que grassava em redor de Wiener-Neustadt, onde se encontrava, e que o leva inevitavelmente a pensar na sua própria morte. A carta abunda em citações bíblicas — elemento novo na correspondência de Enea — e desenha uma linha ténue entre o

Campano: *Nobilitati et studio sui et ex Germanorum consuetudine favit, respublicas non aeque visus probasse; diffiniebat multorum esse tyrannides, et quae optima haberetur, in ea non minus bonis quam malis periculum esse; virtutis praemia non fere nisi apud principes inveniri* (Campano, *Vita Pii secundi*, p. 56, ll. 5-8).

[14] Ver o *Libellus dialogorum de generalis Concilii authoritate et gestis Basileensium* a respeito da natureza da assembleia conciliar: *legati et alii Patres, quincunque incorporati erant, unum Concilium, unum corpus, unam rempublicam constituebant* (in Kollár, *Analecta monumentorum…*, col. 726).

[15] O termo *respublica christiana* revela-se fundamental na sua obra a partir da década de 50, nomeadamente na longa carta ao bispo de Großwardein, Johann Vitéz, em que narra a história da dieta de Ratisbona (Wolkan III/FRA 68, ep. 291, Wiener-Neustadt, Verão de 1454, pp. 492-563).

[16] A data da conversão é, na opinião de Berthe Widmer, a da carta a Johannes Gers, ou seja, 3 de Novembro de 1444 (*Enea Silvio Piccolomini in der sittlichen…*, pp. 62-64). Pelo contrário, Laeto Maria Veit aponta para o período mais largo dos anos 1443-1444, cf. *Pensiero e vita religiosa di Enea Silvio Piccolomini prima della sua consacrazione episcopale*, Roma, Libr. ed. dell'Univ. Gregoriana, 1964 (Analecta Gregoriana; 139) pp. 138 ss. Sobre o pensamento da morte em Piccolomini ver *ibidem*, pp. 97 ss.

[17] Ver Wolkan I/FRA 61, ep. 40, a Guiniforte Barzizza, Feldkirch, 5 de Dezembro de 1442, p, 118 e *ibidem*, ep. 67, ao duque de Milão, Filippo Maria Visconti, [Viena, ca. 7 de Julho de 1443], pp. 169 ss.

terrível sentido de que tudo o que nasce morre e o credo cristão da morte como acesso à beatitude.[18]

Dois anos mais tarde, a carta a Johann Vrunt retoma idêntico pensamento,[19]mas com mais clareza na orientação moral a seguir. O tempo deste mundo, permita-se a comparação, é como um empréstimo que tem como data de vencimento a morte, e, por conseguinte, deve ser trabalhado no sentido de antecipar a morte e o tempo que se lhe segue:

> *sed labitur tempus dietim. seniores sumus, appropinquat mortis dies, cogitandum est jam, non quomodo vivamus, sed quomodo moriamur. miser homo est et gratie dei expers, qui non aliquando ad cor revertitur, qui se non recognoscit, qui vitam non emendat suam, qui non cogitat post hoc seculum quid in alio sit.*[20]

O tema da morte (e cartas consolatórias motivadas pela morte de alguém) tornam-se mais frequentes a partir da década de 50 — facto compreensível, dado que familiares e amigos vão desaparecendo à sua volta: em 1452 morre o seu amigo Michael Pfullendorf;[21] em 1453, consola a sua irmã Caterina pela morte do marido;[22] no mesmo ano, lamenta a morte de uma tia;[23] no ano seguinte, a mãe esteve perto de morrer.[24] A preocupação pela morte é compreensível se atendermos a uma ampliação de interesses e horizontes. Efectivamente, o tempo dos incautos interesses mundanos dera lugar a uma prudente distância que a consideração de uma outra vida lhe impôs.

Isso não significa, porém, que a conversão de Enea lhe tolheu o interesse pelos negócios mundanos da política e das grandes questões sobre as quais escrevera durante a década de 40. Com efeito, já como bispo de Siena, e após a morte de Kaspar Schlick, tornou-se o braço direito de Frederico III em questões de política italiana. Na década seguinte ocupam-no outros negócios como a questão turca, mas também a questão hussita e os problemas da igreja alemã. O ápice dessa urgência de intervenção no curso da história tem a sua expressão mais incisiva, como uma "vocação" pessoal a uma intervenção histórica, na bula de

[18] *Ibidem*, ep. 66, a Johannes Gers, Wiener-Neustadt, 3 de Novembro de 1444. A respeito dessa hesitação note-se o tema do *irrecuperabile tempus* (*ibidem,* p. 446) que mostra como Enea lamenta a perda do tempo terreno.

[19] WOLKAN II/FRA 67, ep. 6, a Johann Vrunt, Viena 8 de Março de 1446, pp. 30-31.

[20] *Ibidem,* p. 31.

[21] WOLKAN III/FRA 68, ep. 47, a Niklas von Wyle, Viena, ca. Julho 1452, p. 99.

[22] *Ibidem*, ep. 145, Graz, 25 de Setembro de 1453, pp. 269-270.

[23] *Ibidem*, ep. 148, a Goro Lolli, Graz, 25 de Setembro de 1453, p. 275.

[24] *Ibidem*, ep. 291, a Johann Vitéz, Wiener-Neustadt, Verão de 1454, p. 552.

convocação do Congresso de Mântua: *ad haec nos tempora uocati sumus, ut his malis obuiemus in romano solio collocauit nos deus*.[25]

Acrescente-se a esse fervor político, o fervor literário ou, mais precisamente, historiográfico, que o leva a intervir no seu tempo não apenas com armas e com actividade política, mas também com a escrita. O prefácio à *Asia*, escrito por volta de 1461, constitui uma apologia da sua actividade de escritor e refuta as eventuais críticas que lhe poderiam merecer tal gasto de tempo, agora que ascendera ao papado. A matéria dessa obra é explicitada como *tempora nostra*, *nostra aetas*:

> *Quid nos speremus historiam cum veterum aliquorum tum nostrorum temporum traduturi? An fugiet laborem nostrum malignus interpres? Minime quidem, nec tantum nobis arrogamus. "Unde hoc — inquient — ocium pontifici maximo? Quod in scribendo tempus absumpsit, christianae plebi detraxit. Cur non utilius sese exercuit? Tempora nostra et res vulgo notas inculcat; quis fructus? quae legendi voluptas? Nec vera prodit, nec prodita ita exornat, ut auditorem delectent». Verum qui scripta fastidit, prius legat, deinde vituperet. Non ingentia solum facta, sed tenuia quoque novisse saepe ex usu fuit; nec tempora nostra non admirando minoribus videbuntur. Sed nostrum senium sua quiete privavimus, ut ea memoriae mandaremus quae digna cognitu nostra pertulit aetas, cum brevi veterum recensione.*[26]

A clarividência histórica do momento presente e a intervenção política nesse momento, por meio da escrita, mostram um Pio II em contraste com um público (por vezes, concretizado como a plebe) que se caracteriza pela sua iliteracia histórica — ou seja, iliteracia em relação às circunstâncias históricas contemporâneas. Na verdade, a expressão *nostra tempora* ou *nostra aetas* deve ler-se como um plural majestático, mas implica também uma separação entre o tempo histórico tal como Pio II o apreende e nele intervém, por um lado, e como o percepcionam o *malignus interpres* ou a *christiana plebs*, por outro. De facto, e em consonância com escritos anteriores, o objectivo da *Asia* é o de ampliar a circunstância histórica em que a Europa se encontra e, particularmente, o perigo turco. Mas sobretudo é preciso sublinhar que Pio II configura a circunstância presente como um momento crítico.[27]

[25] Pio II, *Epistolae in Pontificatu editae*, Petrus Justinus Philelfus (ed.), Mediolani, Antonius Zarotus opera et impendio Iohannis Legnani, 1481 (ISTC nº ip00725000, H 169*, GW M33685), f. a 2.

[26] *Historia rerum ubique gestarum*, in *Opera omnia*, p. 281. Note-se que a edição basiliense, seguindo uma errónea tradição tipográfica, coloca sob o mesmo título duas obras diferentes (e escritas em períodos diversos): a *Europa*, iniciada em 1458, e a *Asia*, escrita por volta de 1461 (Casella, Nicola, "Pio II tra geografia e storia: 'La Cosmografia'", *Archivio della Società Romana di Storia Patria*, 95 (1972), pp. 43 ss).

[27] Se alguns não estavam sintonizados com essa leitura, havia entre os autores contemporâneos quem o estivesse, como se pode ver por vários poemas epidícticos dedicados a Pio II, que ampliaram essa percepção de uma época crítica à qual o Papa respondera com um apelo à cruzada. Alguns deles recorrerão até ao tema da Idade do Ouro e da paz como imagem apropriada a essa época e consentânea com o louvor e a crença que

Dir-se-á que neste aspecto a obra de Piccolomini constitui um regresso ao mundo medieval onde a eternidade irrompe no tempo presente (o que só é possível nesse mundo onde a política e fé se devem harmonizar). Mas é preciso lembrar que até as funções do bispo eram vistas por Piccolomini como política. Di-lo expressamente, na carta a Johann von Eych, em que o congratula pela sua eleição para o bispado de Eichstätt, usando os mesmos argumentos de defesa da política que Platão e Cícero usavam, ou seja, de que não nascemos para nós próprios, mas que devemos dedicar uma parte de nós à pátria.[28]

De resto, como já se referiu, a palavra *respublica christiana* ou *respublica Christi* torna-se, sobretudo após a queda de Constantinopla, um termo chave nos discursos cruzadísticos de Enea, nomeadamente os proferidos nas dietas de Ratisbona (Primavera de 1454) e Frankfurt (Outono de 1454).[29] Portanto, há uma linha de continuidade que une esses discursos ao ideal da Cruzada que preencherá o seu pontificado com o Congresso de Mântua e com a sua partida para Ancona para comandar pessoalmente a frota contra os Turcos, acto com o qual a sua vida termina. Mais ainda: como se verá adiante, Enea vai ao ponto de justificar o empenho dos sacerdotes na administração de negócios seculares.

Enea não renuncia, pois, ao interesse nos assuntos políticos em nome de um ideal cristão desprezo pelo mundo, pelo contrário, reveste-o de novos significados e de mais urgência. Esse entrar no jogo é que define a relação com o tempo e não é diminuído pela atenção que, a partir de certo momento na sua vida, lhe mereceu o tempo a vir (extraterreno) que é a eternidade.

---

tinham na vocação do Papa Piccolomini (ver AVESANI, Rino, "Epaeneticorum ad Pium II Pont. Max. libri V" in MAFFEI, Domenico (ed.), *Enea Silvio Piccolomini Papa Pio II: Atti del convegno per il quinto centenario della morte e altri scritti*, Siena, Accademia senese degli intronati, 1968, p. 21).

[28] *Nichil est, mihi crede, in hac vita mortali durius quam pontificatum gerere, in quo si deo places, hominibus displices. servare medium arduum est. utcunque tamen sit, navigandum est hoc pelagus pro salute communi, serviendum est rei publice. nec enim nobis nati sumus, ut Plato dicebat, sed ortus nostri partem amici, partem patria vendicant. ego autem addo, partem quoque deberi ecclesie, et si nos totos obligatos sibi dixerim, que nos Christo regeneraverit, non erraverim* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 190, a Johann von Eych, Viena, 21 de Outubro de 1445, p. 559).

[29] Ver WOLKAN III/FRA 68, ep. 291 a Johann Vitéz, bispo de Großwardein, Wiener-Neustadt, Verão de 1454, pp. 492-563 (discurso de Enea) ("De Constantinopolitana clade et bello contra Turcos congregando," in MANSI, O*rationes, I*, XIII, pp. 263-286). Cary J. NEDERMAN, a respeito da suposta incongruência entre cultura renascentista de Piccolomini e os seus valores medievais (defesa do império, ideal de Cruzada), rejeita as explicações avançadas pelos biógrafos e críticos, que se apoiam no pressuposto de que o humanismo era incompatível com a defesa do império como forma de governo ("Humanism and Empire...," pp. 499-515. De facto, tal incompatibilidade é mais congruente com o universo de um leitor contemporâneo do que com o dos humanistas.

2. 3. O tempo no corpo: o envelhecimento

O corpo apresenta também os seus índices de tempo e, por isso, importa ver de que modo Enea fala sobre o tempo vivido e percebido no seu próprio corpo.

Poucos autores terão escrito tanto sobre o próprio envelhecimento como Piccolomini. Febres, tosse convulsa, cálculos renais, dores nos olhos, perda dos dentes (já na altura da sua viagem à Escócia), podagra, debilidade do estômago, dores abdominais: nenhuma doença lhe era desconhecida — afirma em carta a Goro Lolli, no ano de 1453, altura em que andava nos seus 48 anos.[30] Nos *Commentarii*, revela atenção ao problema da idade. Quando se preparava para sair de Viterbo, em fuga a um surto de peste iminente, foi aclamado entusiasticamente por jovens e crianças que nada sabiam do avanço da epidemia. O que seria deles quando o flagelo atingisse a cidade? Se ali voltasse, pensou o Papa, muitos dos que ali estavam no vigor da sua idade, já teriam desaparecido:

> *En dura mortalium sors! Heu mens ignara futuri! Viri nobis ac matronae laetantes applaudent; virgines ac nuptae gestiunt; pulcherrima iuventus utriusque sexus voluptati dedita gaudium exprimit; plena parvulis ridet via. Sed quotus pestiferam aestatem evadet? Populabitur pestis urbem, pueros auferet et iuvenes, nulli parcet aetati. Quod si liceat huc aliquando reverti, ex his qui nos hodie tantopere celebrant, paucos inveniemus. O caro! o vita hominum! quam fragilis es atque caduca!*[31]

A presença de jovens, nos *Commentarii*, é notada com uma atenção que não se vira na epistolografia anterior, e como se vê, por exemplo, pelo episódio relatado aquando de uma das saídas de Roma em direcção às termas de Viterbo. Gabriele Farnese[32] organiza uma regata, na ilha Bisentina, no lago Bolsena, com o intuito de atrair uma multidão para a festa de S. João Baptista que Pio II iria celebrar. Pio II, rodeado de cardeais com quem conversa sobre política, compraz-se em descrever o certame (*non sine iucunditate et animi relaxatione spectavit*): as bravatas dos concorrentes; os remadores de tronco nu, untados de óleo e ornados de coroas de folhagens; o vociferar dos espectadores; o evoluir da corrida, na qual a *animosa iuventus* de Marta — sob o efeito do discurso mobilizador do timoneiro que diz ser melhor morrer do que ser vencido — obtém uma vitória com uma excelente finalização.[33]

[30] Wolkan III/FRA 68, ep. 133, a Goro Lolli, Graz, 3 de Septembro de 1453, p. 238.

[31] Pio II, *Commentarii*, VIII, 9, p. 1614.

[32] Filho do comandante das tropas pontifícias, Rainuccio di Pietro Farnese (ver nota de Totaro *ad loc.*, *ibidem*, p. 1623, n. 105).

[33] Cf. *ibidem,* VIII 10, pp. 1626-30.

Tais cenas em que os jovens são alvo de atenção tornam-se como que espelhos nos quais o próprio Pio II lê o seu envelhecimento e assim permitem ampliar a perspectiva do tempo/idade do autor.[34]

2. 4. Estratégias para vencer o tempo: os filhos; a literatura; as cidades

Em Setembro de 1443, Piccolomini escreveu ao seu pai pedindo-lhe que tomasse a seu cargo a educação de um filho que lhe nascera de uma relação com uma mulher inglesa dois anos antes, em Estrasburgo. Pela forma como apresenta o facto, Enea sente que o terreno não lhe é favorável. Começa por apresentar argumentos em prol do acto de gerar um filho: que coisa mais doce entre seres humanos do que gerar um seu semelhante que prolongue o seu sangue, e que se pode deixar depois de si? Para mais era um rapaz e, por isso, dava graças a Deus por deixar como consolação para os avós um pequeno Enea.[35] Como tão frequentemente fazia, Enea recorre aos trocadilhos sobre o seu nome para defender algum ponto: no caso presente para sugerir que o pequeno Enea seria um substituto de si próprio.[36] A atitude perante o seu filho demonstra que Enea via nele um meio para superar os limites do tempo da sua vida.

Essa atitude demonstra a já referida mentalidade renascentista que encara a procriação como uma resistência ao tempo; mentalidade, por sua vez, que teve como consequência um novo interesse pela pedagogia das crianças assente no pressuposto de que a infância é um período específico da vida humana.[37] Por isso, a questão sobre o ensino e os valores a

[34] Cf. infra p. 296, o reencontro com a terra natal, Corsignano, onde o envelhecimento dos seus conhecidos se torna um espelho e uma premonição da sua própria velhice.

[35] *Leteris an doleas, quod mihi sobolem dominus dederit, incertum te scribis pater. at ego letitie causam video, doloris non video. quid enim dulcius in humanis est, quam gignere sibi similem, tanquam suum extendere sanguinem et habere quem post te relinquas? quid in terra beatius quam natos videre natorum? mihi equidem ingens voluptas est, quod semen* /p. 189/ *meum fructificauerit, quodque antequam moriar aliquid de me supersit gratiasque domino refero, qui partum femine figuravit in marem, ut apud te patrem meamque matrem aliquis parvulus ludat Eneas et solatia prestet avis, que debebat pater impendere* (Wolkan I/FRA 61, ep. 78, ao seu pai, Graz, Setembro de 1443, pp. 188-191). A correspondência mostra o interesse de Enea por esse filho até ao final do ano seguinte: em carta a Goro Lolli pergunta pelo filho que entregara ao cuidado do pai (*ibidem*, ep. 118 a Goro Lolli em Siena, St. Veit 15 de Janeiro de 1444, pp. 283-5); e em nova carta ao pai, pergunta pelo filho que tivera de Elisabete (*ibidem*, ep. 162, Bruck an der Mur, 19 de Novembro de 1444, pp. 448-9).

[36] Izbicki, Thomas M., "Reject Aeneas! Pius II on the errors of his youth," in Martels, *Pius II 'El più...*, pp. 188-189.

[37] Em contraste com a Idade Média em que, segundo Ariès, os ciclos de estudos não tinham gradação (Philippe Ariès cit. por Quinones, *The Renaissance discovery...*, p. 22). Pelo contrário, ver, por exemplo, Matteo Palmieri e a sua divisão da vida humana em seis etapas: Palmieri, Matteo, *Della vita civile*, edizione critica a

ministrar a uma criança começam a surgir em tratados. É neste quadro de pressupostos que Piccolomini escreve abundantemente sobre a literatura de um ponto de vista pedagógico, nomeadamente, nas duas cartas a Segismundo da Áustria — de carácter explicitamente preceptivo e que contêm uma apologia da literatura[38] — e também na carta a Ladislau Póstumo que é um tratado de pedagogia humanística com uma larga secção sobre a literatura como elemento essencial de uma educação para a vida política.[39]

2. 4. 1. Uma segunda vida: a literatura contra o tempo e os seus limites

Além desse ponto de vista pedagógico, Piccolomini escreve sobre literatura de um ponto de vista apologético. Sob este aspecto a sua obra não acusa qualquer diferença entre um período leigo e um período clerical ou entre um antes e um depois do pontificado.

Cartas sobre literatura e a sua importância são várias, nomeadamente, as de carácter tratadístico onde a literatura é tema de reflexão.

Nas já referidas cartas pedagógicas estava implícito o posicionamento de Enea como italiano, educado na nova cultura humanística, que se via confrontado com a cultura germânica ainda largamente universitária (escolástica).[40] Esse foi o contexto social e cultural de grande parte da sua vida literária que o levou a encará-la como uma missão.

No entanto, do ponto de vista da sua reflexão sobre a matéria literária, existem aspectos importantes que dizem respeito ao poder da literatura. É um facto que Piccolomini se mostra

cura di Gino Belloni, Sansoni Editore, 1982, (Studi e testi. Istituto nazionale di studi sul Rinascimento; 7), lib. I, pp. 30-31.

[38] A Segismundo da Áustria, Graz, 5 de Dezembro de 1443 (WOLKAN I/FRA 61, ep. 99, pp. 222-36). Uma segunda carta para o mesmo Segismundo contém um epístola amatória, mas o propósito pedagógico assumido por Piccolomini ao enviá-la é de que o jovem destinatário, mesmo assoberbado pela paixão, não descure o estudo das letras: *ut amans non negligas studia litterarum* (*ibidem*, ep. 104, Graz, 3 de Dezembro de 1443, p. 245).

[39] Também conhecida pelo título *De institutione liberorum* (WOLKAN III/FRA 68, ep. 40, a Ladislau da Hungria, Wiener-Neustadt, Fevereiro de 1450, pp. 103-158, sobre a literatura ver sobretudo pp. 125-152). Sobre essa obra e a educação humanística em geral ver SOARES, *O príncipe ideal...*, especificamente sobre Piccolomini, pp. 155 ss.

[40] WOLKAN III/FRA 68, ep. 40, a Ladislau da Hungria, Wiener-Neustadt, Fevereiro de 1450, p. 138. O mesmo empenho se observa nas congratulações a Adam of Molins pela difusão do humanismo em Inglaterra (WOLKAN I/FRA 61, ep. 143, Viena, 29 de Maio de 1444, pp. 324-326). Note-se, aliás, que o próprio Enea pregou a nova educação no seio da instituição universitária em Viena, em 1444 e 1445, em dois discursos: *Recommendatio artium liberalium* e *Disputatio de quolibet* (dos quais só o segundo está publicado nos *Opera omnia*, pp. 594-599).

consciente da escrita e, particularmente, da escrita epistolar como epifania pessoal, vicária da presença física, capaz de vencer o tempo e o espaço que implicam a ausência de uma das partes do processo comunicativo, e, por essa razão, celebra frequentemente o poder do acto da escrita e da literatura, e particularmente, do género epistolar.[41]

Mas as reflexões em sentido oposto, ou seja, sobre a fragilidade ou mesmo a impotência da literatura também estão presentes no epistolário. Em carta ao cardeal Zbigniew Olesnicki, na qual defende o estudo da literatura clássica, admira-se da capacidade dos escritos antigos em fazerem perdurar a voz de autores há tantos séculos falecidos:

> *o maximum ac divinum litterarum donum, quod non modo longe recedentes amicos, sed quos nunquam vidimus homines seu viventes sive mortuos in nostrum reducit alloquium et, quos carne intueri non possumus, mentibus offert conspiciendos. o sanctos illos ac memorabiles viros, sive Fenices sive alii fuerunt hujus muneris inventores, quo prisce viros etatis et intueri possumus et affari. licet mihi, si velim, nunc Alexandrum, nunc Darium cernere, possum Anibalem, Scipionem, Cesarem Augustum videre. illos mihi Curtius aut Arrianus ostendet, hos Livius Suetoniusque monstrabit. datur cuivis docto Platonem, Aristotelem, Ciceronem, Senecam, Tertulianum, /p. 319/ Ciprianum, Lactantium, Hieronimum, Gregorium, Augustinum, Ambrosium et infinitam qui posteritati scripserunt, turbam audire loquentem. en quanta mortuorum turba non dum mortua est.*[42]

Esse poder da literatura é visto, em negativo, na carta a Campisio onde faz notar a semelhança entre a correspondência como meio de comunicar com os vivos, mas ausentes, e o sonho como meio de comunicar com os mortos. A separação era vista como uma morte e a escrita já não tanto como sua superação, mas como seu documento.[43] Sob este ponto de vista, a exaltação dá lugar à resignação.

Pior do que isso, contudo, era o sentimento de impotência da literatura para, em determinadas circunstâncias históricas, vencer o tempo. Lembrando as várias sentenças de autores antigos que se vangloriavam do desafio que as suas obras colocariam ao tempo destruidor, Enea contrapõe a amarga verdade histórica de que uma literatura também pode morrer, ou, nas suas palavras, o desengano de que também as Musas morrem. A ideia é

[41] Menos frequentemente, disserta sobre a estreiteza do mesmo género: em carta a Johann Lauterbach, onde descreve as delícias do campo queixa-se da estreiteza da epístola para as descrever: *multa sunt ruris gaudia, que nunc singula prosequi non est epistularis angustie* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 161, a Johann Lauterbach, Bruck an der Mur, 13 de Novembro 1444, p. 448).

[42] WOLKAN III/FRA 68, ep. 177, a Zbigniew Olesnicki, Wiener-Neustadt, 27 de Outubro de 1453, pp. 318 s.

[43] *heu dulcis societas, quomodo disjungimur sic viventes morimur. nam scripta, que inter nos vite videntur consuetudinem retinere, simillima somnio sunt atque ut mortuos inter dormiendum sic absentes inter scribendum alloquimur* (*ibidem*, ep. 244, a Giovanni Campisio, Wiener-Neustadt, 22 de Janeiro de 1454, p. 433).

pensada no quadro de uma história articulada em ciclos que se encerram para darem lugar a outros. Por um lado, a implicação é a de que a própria literatura morre e renasce: novas tendências, novos talentos abolem o que estava constituído como cânon; por outro lado, porém, o fundamento dessa morte pode encontrar-se no próprio desaparecimento da sociedade onde estavam os leitores. No caso de Constantinopla, a conquista pelos Turcos iria constituir o *corpus* da literatura em língua grega como *libri alieni* e assim expor os autores a uma segunda morte:

> *decepti omnes sunt; moriuntur etiam muse, labuntur e memoria poetarum scriptorumque omnium quevis egregia opera. quot jam poetas cum tempore nomen amisisse putandum est? nihil est sub sole perpetuum; que principium habent, his quoque finis suus est. diu vivunt, qui litteris consecrantur, non tamen immortales fiunt. surgunt nove secte, fiunt novi litterarum caracteres, surgunt ingenia diversa, que omnia tollunt; quicquid ante se fuit, ineptum putant, ecce nunc Turchi litterarum et Grecarum et Latinarum hostes, ut suis ineptiis locum faciant, nullum librum alienum esse sinunt. hi nunc Constantino-*/p. 211/*poli capta quis dubitet incendio quevis scriptorum monimenta concedentur. nunc ergo et Homero et Pindaro et Menandro et omnibus illustrioribus poetis secunda mors erit. nunc Grecorum philosophorum ultimus patebit interitus. restabit aliquid lucis apud Latinos, at fateor neque id erit diuturnum, nisi mitiori nos oculo deus ex alto respexerit fortunamque vel imperio Romano vel apostolice sedi prebuerit meliorem.*[44]

Os autores morrem e as suas obras sobrevivem... até que algo as faça morrer também. Daqui se infere que a literatura é uma segunda vida, mas não a imortalidade fora do tempo ou do espaço. É a pervivência em um tempo, o tempo dos leitores e dos instrumentos materiais (ou seja, os livros) que a podem manter viva. Em última análise, esse ponto de vista faz algum contrabalanço ao entusiasmo ingénuo do primeiro humanismo sobre o "renascimento" da literatura clássica e, mais do que isso, coloca a literatura no seu *habitat* temporal. George Steiner, em *Presenças reais*, reflecte sobre a mutabilidade do cânone artístico (*e. g.* as tragédias de Séneca que provavelmente não voltarão a ocupar o lugar que tiveram desde a Idade Média ao Iluminismo).[45] Piccolomini, por sua vez, percebeu, a partir de um caso histórico que se lhe deparava, como a literatura, que prometia a imortalidade, afinal não escaparia à morte. Portanto, sob os efeitos pós-1453, até a literatura estava ameaçada no futuro.

[44] WOLKAN III/FRA 68, ep. 112, ao cardeal Nicolau de Cusa, Graz, 21 de Julho de 1453. pp. 204-215.
[45] STEINER, George, *Presenças reais: as artes do sentido*, Lisboa, Presença, 1993, pp. 62-70.

Restava um outro recurso para travar a luta com o tempo: as cidades. Sobre a relação da cidade com o tempo escreveram decisivamente dois autores em contextos diferentes: Biondo e Alberti. Ressalve-se desde já que se ambos são conhecidos de Piccolomini, o mais próximo quer ideologicamente quer em termos de relações pessoais é, sem dúvida, o Forliviense.[46] No entanto, ambos são autores importantes quer para o tema em questão quer para Piccolomini.

[46] VOIGT, *Enea Silvio*, II, p. 321. Recorde-se que Pio II redigiu em 1463 um *Epitome* das *Decades* e, por seu lado, Biondo dedicou uma das suas obras ao Papa senense.

Capítulo 3

O tempo e as cidades: Biondo e Alberti

Lembra Biondo, nas suas *Decades*, que foi o amor pela sua pátria, Roma, que o impediu de escrever uma história da morte do Império Romano em vez de uma história do declínio.[1] Mais do que a mágoa de lembrar anos infaustos, prevaleceu, no entanto, a esperança da próspera evolução a que esse declínio abriu caminho. O ocaso de Roma deu lugar a uma nova e próspera descendência de cidades que se fortaleceram depois da queda, como Veneza, Siena, Ferrara, Aquileia, Caserta.[2] Outras cidades, como Florença, Génova, Milão, Nápoles ou Bolonha, de começos obscuros, sob o domínio romano, elevaram-se a uma grandeza que restituiu à Itália a dignidade perdida.[3] A mutação operada pelo tempo foi enorme e mais

[1] Sobre a vida e obra de Biondo ver artigo de Riccardo Fubini, "Biondo Flavio," in DBI, vol. 10 (1968), pp. 536-559; e ainda, com bibliografia mais actualizada, Daniels, Tobias, "Flavio Biondo," in BBKL, disponível no URL <http://www.bautz.de/bbkl/f/flavio_b.shtml> consultado em 25-03-2011.

[2] *Augustuli abominabile Romanis rebus factum ingratam mihi renouauit memoriam indignitatis, quae diu retraxit scribere meditantem. Etenim cogitantem operis mei initio, imperii Romanorum, non magis inclinationem quam occasum, scribere pudor pene deterruit. Sicut namque inustae sibi, natis, uel familiae grauioris notae consciis accidere uidemus, ut omnem uel leuissimam eius labis commemorationem uel ab amico homine imprudenter factam, conuitio ducant: Itidem nos urebat, inflictum maioribus patriaeque dedecus repetere: sed dedit animos, et ut omni absterso pudore scriberemus, nos perpulit spes proposita narrandae originis nouarum urbium, praestantissimorumque populorum decus, quorum et nouae sobolis excellentia, non parua ex parte Romanam restituit Italis dignitatem. Videmus nanque dei nostri, rebus Italiae indulgentissimi benignitate, multum creuisse Venetam, Senensem, Ferrariensem, Aquilanam, Auersanamque ciuitates, et minora quaedam oppida ab ipsis condita fundamentis* (Biondo Flavio, *Decades,* I, 3, p. 30 G-H; todas as citações desta obra são tomadas da edição de Basileia, 1559).

[3] *Florentinam uero, Genuensem, Mediolanensem, ac Neopolitanam, et Bononiensem, tunc paruas exilesque urbes, intelligunt omnes in magnam amplitudinem auctas esse: per quarum opes, uirorumque qui in illis coalluerunt uirtutem, et dignitas adest et gloria Italiae Romana republica destitutae* (*ibidem*, p. 30 H).

adiante Biondo menciona os aspectos nos quais se pode verificar essa mutação que tantas dificuldades criou ao seu trabalho historiográfico. Por um lado, uma mutação linguística, que fizera com que a língua latina quase perdesse a sua natureza; por outro, as modificações tanto da vida política e administrativa como da vida privada, bem como a evolução da arte da guerra para um patamar técnico que tornava obsoleto o estilo historiográfico de autores da Antiguidade.[4]

Uma litania de destruições de cidades (a que se seguem, por vezes, restauros) preenche grande parte da década primeira. Uma e outra vez surge no texto a expressão *aequare solo urbem/ciuitatem/moenia*.[5] Pode afirmar-se que são mais os crimes patrimoniais que o sensibilizam do que os crimes contra os habitantes (não obstante o comentário sobre as atrocidades perpetradas por Átila).[6]

Mais do que isso, porém, é a consubstanciação da passagem do tempo no tecido urbano que demonstra mais claramente a sua consciência do fenómeno temporal. Nada o ilustra melhor do que o episódio da destruição das estátuas do topo da Mole de Adriano, nas guerras góticas. Tal destruição é uma imagem do vórtice temporal e de como a estrutura urbana é um material altamente degradável pelo tempo, pois o trabalho de anos e a finura da arte foram consumidas em algumas horas pela brutalidade dos soldados.[7] Pádua, por sua vez, ostenta pelo séc. VI, nas suas frágeis muralhas constituídas por fosso e reparo, a marca da destruição dos Hunos, a que se seguiu o restauro por Teodorico e que sofreram uma posterior destruição pelos Lombardos.[8]

[4] *Laetanti iam mihi et exultanti non obscuram magis quam sepultam mille annorum historiam uiginti librorum uoluminibus in lucem, certumque ordinem reduxisse, et faciliore cursu per notissima aetatis nostrae gesta procedere meditanti, multae subortae sunt ac uariae difficultates, quas nostrorum qui felicioribus seculis scripserunt, nulli affuisse constat. Quum namque ad haec usque tempora rerum uarie et obscure traditarum lucidatio nos fatigauerit, a uerborum proprietate et ipsa latinitate in posterum laborare cogemur. His namque posterioribus historiarum nostrarum annis, maxima est facta prouinciarum et Italiae urbium publice administrandarum, ac priuatim uiuendi, sed maxime gerendi bellum rationis mutatio* (*ibidem*, III, 1, p. 293 A-B).

[5] Ver, por exemplo, *ibidem*, I, 2, p. 26 G (sobre Cápua).

[6] Veja-se a reflexão a propósito da destruição de cidades pelos Lombardos: *Et tamen non praedas modo aut incendia commisere, sed maiora intulere captis urbibus et oppidis damna quae tot per annos Eruli et Ostrogothi: Basilicas nanque et aedes sacras, theatra quae ilis in regionibus erant multa, omnem denique publicum ornatum demoliti sunt* (*ibidem,* I, 8, p. 104 G). Para o comentário sobre a acção de Átila ver *ibidem,* I, 2, p. 24 H.

[7] *Gothi ergo, ut diximus, per absentiam praefecti capto inferiori ambitu, molem ipsam expugnare nitebantur. Milites autem de superiori parte repugnantes, quo magis repellerent hostes rem nefariam effecerunt. Erant in summa parte molis undequaque permagnae statuae hominum, equorum, quadrigarum excellenti artificum opere confectae. Has partim integras milites demoliti in hostes praecipitarunt, partim confractas deiecerunt. Ita praeclara opificum opera et multorum annorum labores ac maxima eius sepulchri ornamenta militum siue rusticitas siue malignitas paucis horis absumpsit* (*ibidem,* I, 4, p. 51 A).

[8] *Ibidem*, I, 8, p. 113.

Como historiador, Biondo demonstra uma aguda consciência de que o tempo e as suas modificações são a matéria do seu trabalho. Disso mesmo fala, na *Italia illustrata*, a propósito do número de cidades da Itália do seu tempo comparada com outras épocas, nomeadamente, com a cifra de 700 cidades apresentada pela cosmografia anónima de Ravena.[9] O número, afirma Biondo, não seria de todo inverosímil, tendo em conta as mais de trinta cidades e povoações documentadas na Antiguidade que, entretanto, estavam completamente desertas como Cunio, Preneste, Civitavecchia, Morlupo Castello.[10]

3. 1. Uma máquina do tempo: a Roma de Biondo

A questão do tempo também está presente noutra obra composta na segunda metade da década de 50, intitulada *Roma triumphans*. Ao longo dos seus dez livros, Biondo reconstitui a religião, o governo e a administração, o exército, as instituições sociais, a habitação, o mobiliário, o vestuário e os meios de transporte da Roma antiga. Tal matéria,

[9] Biondo atribui a obra a Guido de Pisa que dessa cosmografia fez um epítome parcial. O passo citado é IV, 30, 25-28 (na edição *Ravennatis anonymi cosmographia et guidonis geographica. Volumen II* edidit Joseph Schnetz; indicem composuit et adiecit Marianne Zumschlinge, Stuttgart, Teubner, 1990).

[10] *Quanta autem sit facta locorum mutatio hinc etiam apparet, quod Iginius qui de urbibus Italiae scripsit, et eum secutus Guido presbyter Ravennas, prodidere, septingentas fuisse Italiae civitates. Nos vero nunc Romanae Ecclesiae stilum secuti facta per singulas regiones diligenti enumeratione sexaginta quattuor supra ducentas tantummodo invenimus. Sed appellant Romanae ecclesiae instituta civitates loca quae episcopos habent; et Iginum videmus ac Guidonem etiam multa ex oppidis, quae nostra aetate proprio carentia episcopo alterius dioceseos censentur, pro civitatibus posuisse; et tamen omnium ab ipsis positorum pro civitatibus quae nunc extant numerus, vix quadraginta complectitur loca, ut vel excisas esse civitates aut mutationem omnino incognitam in eis factam esse necessarium uideamus.*

Quam aliis fortasse impossibilem visam tot locorum acceptam in Italia per sexcentos annos, qui post Guidonis tempora fluxerunt, cladem nos ideo minus mirabilem ducimus; quia scimus videmusque per seculum nostrum quod dei nostri munere eorum quae ante patrum nostrorum aetatem fuerunt seculorum respectu felix appellari potest, supra triginta civitates et oppida solo ae-/p.18/*quata, ut cum eorum pars paucis nunc habitetur colonis, tum pars omnino manserit derelicta. Cunium namque oppidum Romandiolae, a quo clarissima fluxit Comitum Cunii et Lugi familia, omnino derelictum, ut nunc aretur, videmus. Pariter propinquo in loco contigit Barbiano; pariter in Latio vetustissimae urbis Praenestae, Zagarolo, et Gallicano oppidis; pariter ad aliam urbis Romae partem Centumcellensi civitati Morlupoque castello nos accidisse conspeximus* (Biondo Flavio, *Italia Illustrata*, I, 1, cit. pela edição *Italy Illuminated, vol. I: books I-IV*, edited and translated by Jeffrey White, Cambridge Mass., Londres, 2005 (I Tatti Renaissance Library; 20), pp. 16 s, §§ 7 s).

que torna a obra equivalente a um actual "companion to Latin studies,"[11] não deve fazer esquecer o seu propósito ideológico.

Ao ler a dedicatória a Pio II é impossível não notar aquilo que, de um ponto de vista contemporâneo, é uma explícita mistura de planos: de uma obra que se apresenta como historiografia e para a qual procura obter o reconhecimento de Pio II — figura de excelência na nova literatura latina — passa-se à intervenção política. A obra ganha relevância no momento político europeu (*multis hoc tempore profuturam*), pois, em face da mobilização das potências europeias para uma expedição contra os Turcos, contém ensinamentos preciosos graças à rememoração de momentos críticos semelhantes no passado de Roma que, não obstante, foram superados. Daí que, sendo embora uma reconstituição das estruturas políticas e sociais da Roma antiga, um produto, portanto, daquilo que se entende como a tradição antiquária, a *Roma triumphans* encerre também um desígnio político, confessado na dedicatória a Pio II.[12]

Na verdade, o título e a coroa de toda a obra é a descrição da cerimónia do triunfo dos imperadores Romanos, exposta no décimo e último livro, ao qual Biondo liga, por meio de uma identificação histórica, o papado e a sua cúria.[13] A conclusão de Biondo é que tal como outrora Roma unira no seu império povos diversos, também hoje, e dado que todas as partes do mundo se acham representadas na cúria romana, todos os que se professam cristãos se devem governar pela *Respublica christiana* representada no Papa e seus cardeais.[14]

---

[11] HAY, Denys, *Annalists and historians: historiography from the eighth to the eighteenth centuries*, London, Methuen, 1977, p. 109. A esse respeito, ver a crítica à leitura de Angelo MAZZOCCO de Karl A. E. ENENKEL, "Ein Plädoyer für den Imperialismus: Justus Lipsius' Kulturhistorische Monographie *Admiranda sive de magnitudine Romana* (1598)," in *Daphnis*, 33, 3-4 (2004), pp. 584, em que se fala de uma fundamentação ideológica do Papado.

[12] *Si itaque meum opus accipis, et probasse uideris: abesse non poterit quin, a tam eloquente laudatum summo pontifice, laudandum quoque caeteri omnes existiment. Qua fretus confidentia non uerebor facere editionem: multis hoc tempore, ut mea fert opinio, profuturam. Exciti enim a te ingentes Italiae, Galliarum, Hispaniarum et Germaniae populi in magnam praeclaramque expeditionem, quam paras in Turcos, Graeciam, Constantinopolin, Mesiasque dura crudeli tyrannide prementes, nonnulla in ipso opere edocebuntur, aliquando alias simili in rerum difficultate gesta, ut ipsa priscorum uirtutis imitatio generosis quibusque animis sit ad rem capessendam stimulos aditura. Tuque interea, dum priscae urbis Romae triumphos lectitabis, clarissimum, quem Pio tibi optimus pientissimusque Deus noster ex deletis, inanitis Turcorum opibus, ex liberataque primum omnium Europa, post Hierosolyma et terra illi adiacente sancta daturus est triumphum expectabis breui, ut auguror et confido, cum summo applausu summa omnium gloria ducendum* (BIONDO FLAVIO, *Roma triumphans*, carta prefácio, p. 1 B-C; todas as citações são tomadas da edição de Basileia, 1559).

[13] *Ibidem*, p. 216 H.

[14] *Ibidem*, p. 217.

Portanto, para Biondo o tempo é considerado na continuidade e nas rupturas de grandes ciclos históricos, nos quais o presente está enraizado: as cidades italianas do presente são o fruto da destruição de Roma depois das invasões bárbaras; o Papa, a sua cúria e toda a nobreza europeia são sucessores do aparelho administrativo e militar romano; a paisagem urbana da Itália já não é, sob o ponto de vista administrativo ou arquitectónico, a mesma.[15]

Mas uma outra dimensão do tempo emerge de uma leitura de *Roma instaurata*. Como afirma Riccardo Fubini, a origem da obra decorre das ideias que fermentavam no ambiente da cúria recém-chegada a Roma, em 1443, no sentido de uma reforma administrativa e urbanística da cidade.[16] Segue-se que a Roma de Biondo é o espelho da Antiguidade erguido perante a Roma quatrocentista. Nesse sentido, a *Roma triumphans* funciona como uma máquina do tempo: o que traz à consciência presente é como se fosse um futuro inaudito, na medida em que o quadro arqueológico ou mesmo antiquário da obra não deve fazer esquecer o seu quase "futurismo." É que ao relembrar no séc. XV os teatros romanos com capacidade para mais de 50 000 pessoas (quando para atingirem esse número teriam de pensar em grandes cidades como Florença, Milão ou Veneza), não se suscitava apenas o entusiasmo pelo passado, mas se apontava para a futura renovação da cidade.[17]

Que a discussão entre humanistas, acerca da comparação entre os padrões de vida urbana na Roma de outrora e na Roma de então, era acesa mostra-o a discussão que Biondo teve com Francesco Barbaro, em passeio pela cidade eterna. Biondo era um defensor do avanço da Roma de outrora sobre a Roma contemporânea (ou sobre qualquer uma das cidades italianas) e fundamentava esse avanço em vários critérios estéticos.[18] Para convencer

[15] Sobre a inferioridade cultural do seu tempo em relação à Roma antiga ver texto cit. p. 238 n. Quanto ao esforço para identificar a Roma presente com a Roma antiga é oportuno recordar o que diz Charles R. MACK: Giovanni Villani ao proclamar Florença como a filha e a criatura de Roma, ou a de Bruni ao falar de Florença como a Atenas do Arno, ou ainda o emblema de Lorenzo dei Medici "Le temps revient," proclamam todos o renascimento de Florença para uma nova época áurea, ao estabelecerem uma linhagem que é, ao mesmo tempo, nobre e profética (*Looking at the Renaissance: essays toward a contextual appreciation*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 2005, p. 84). Neste contexto o projecto de Biondo retoma, em termos semelhantes, a mesma aspiração para Roma.

[16] FUBINI, "Biondo Flavio," p. 547.

[17] GÜNTHER, Hubertus, "L'idea di Roma antica nella "Roma instaurata" di Flavio Biondo," in ROSSI, Sergio; VALERIO, (a c. di), *Le due Rome...* p. 383. Também Isabella NUOVO mostra como a Roma antiga de Biondo não é um retorno ao passado mas "uno stimolante paradigma competitivo" ("De civitate Dei — Roma Triumphans: teologia della storia e storiografia umanistica," in FABRIS, Matteo (a c. di), *L'Umanesimo di Sant'Agostino: atti del congresso internazionale*, Bari 28-30 ottobre 1986, Bari, Levante, 1988, p. 580.

[18] Que evocam as já conhecidas categorias da *Laudatio* de Bruni: *lautitia, splendor, mundicia, luxuries, magnificentia*.

Francesco Barbaro da sua opinião, Biondo comprometeu-se a escrever a *Roma triumphans* (em vão, se fosse apenas por isso, pois o seu amigo faleceu entretanto).[19]

A Roma de Biondo é, por conseguinte, como que uma máquina do tempo que traz o passado para o presente e o torna em imagem do futuro.

3. 2. Alberti e a concepção de tempo

O traço constante na forma como Alberti vê o ser humano é o da duplicidade. Capaz de, pela técnica, potenciar, corrigir, modificar o estado natural de uma coisa, o ser humano é também, e em virtude dessa mesma capacidade, um subversor da natureza, revolvendo o solo em busca de metais preciosos, hibridando distintas espécies de árvores. O conceito fundamental, origem dessa duplicidade, cujos efeitos se observam não apenas no mundo humano, mas também no mundo natural, é, tal como Alberto Cassani mostrou, o de *vicissitudo* — termo que exprime a alternância e a mutação inscrita seja na ordem natural seja na inconstância, no *in motu* a que o ser humano está sujeito.[20] Ora o homem é afectado pela

[19] *Ventum est beatissime pater, ad eam operis nostri uillarum aedificiorumque priscae urbis Romae partem, quam dium in manibus habere desideraui: haec una enim me plus caeteris fatigare consueuit, dum uiris nostri seculi doctioribus resisto, contendentibus eas, quae alicubi in urbe praesertim in montibus cernuntur, ruinas aedium fuisse, quas prisci stantis reipub[licae] et felicitatis Romanae uiri omnium praestantissimi inhabitauere. Ostendunt enim singuli passim nullas in eis fuisse partes, aut ordine distinctas, aut ornatu aliquo expetendas. Vnde summorum excellentiumque et tantae maiestatis uirorum, habitandi imperitiam socordiamque uolunt arguere. Quin incidi in nonnullos qui ea fuerunt audacia, et temeritate, ut nostram huius temporis habitandi in urbibus Italiae ditioribus lautitiam, et ut dicunt, magnificentiam priscae Romanorum consuetudini anteponant: nec satis hactenus aliae profuerunt quas ad defensionem attuli rationes, nec illa ipsa notior. Eas quae nunc cernuntur murorum pinnas et diruptas in montibus domos fuisse ducentorum et trecentorum ab hinc annorum habitationes, quas mutata summorum pontificum a Lateranensi palatio in Vaticanum sedes deseri fecerit. Fuerat aliquando Romae orator Franciscus Barbarus, tibi quod scio amicitia coniunctissimus, uir non eloquentia magis, quam moribus humanitate et grauitate conspicuus. Is cum quo annis triginta solidam, et ueram animorum coniunctionem habuisse gaudeo, agentem Venetiis me cum de caeteris Romanis priscae felicitatis rebus: tum etiam de hac una aedificiorum parte, uariis per dies quaestiunculis agitabat. Nec esse poterat non in eam procliuis opinionem quam perambulando, ut fit, praesentem Romam ab huiusmodi rerum imperitis alioquin doctissimis uiris imbiberat: quem cum exquisitis tunc rationibus, et argumentis in sententiam ducere nequirem, precibus tacitum reddidi, ut tanquam per constitutas inter nos inducias tandiu quiesceret, quoad destinatum eius consilio, et suasione hoc opus absoluissem: et ne ambiguum esse posset, quid nobis in contentionem uenisset, ad hanc responsionis formulam me obligaui. Nec praesentis temporis Romam, nec Venetias, Genuam, Florentiam, Mediolanum, Neapolim, Senas, Bononiam, ditiores, nostri seculi Italiae urbes, ciuem quempiam habere, cuius aedium supellectilis familiae et apparatus omnis lautitia, splendor, munditia, et quando dicendum sit luxuries et magnificentia aequiparari possit uiginti milium prisci temporis Romanorum ciuium apparatui: tot enim Romae atque etiam plures fuisse, selecto a se nostri temporis ciue ditiores, lautius splendidiusque habitasse, confidebam me spondebamque ostensurum* (Biondo Flavio, *Roma triumphans*, IX, p. 179 A-C).

[20] Cassani, Alberto, *La fatica del costruire: tempo e materia nel pensiero di Leon Battista Alberti*, Milano, Unicopli, 2000, p. 21.

vicissitudo, ora se torna ele próprio criador da *vicissitudo*.[21] Essa duplicidade é fruto de uma visão dinâmica da realidade em que as coisas são estudadas sob o ângulo dos processos que lhes dão origem ou que as destroem. Se essa visão é fundamental no tratado *Da arte edificatória* — ao qual se restringe o interesse desta investigação — importa notar desde já que o tempo em Alberti pode ser pensado como o conjunto dos factores climatéricos ou como tempo histórico.

Considerado na primeira acepção, o tempo é um dado material e, por conseguinte, um dos elementos de trabalho do arquitecto que é precisamente a matéria. A matéria opõe-se à forma na medida em que esta representa o trabalho conceptual dos delineamentos — que se poderia executar até mesmo sem qualquer realização prática — enquanto aquela é o objecto de aplicação da forma.[22]

Alberti é um atento estudioso da fragilidade da matéria e dos agentes que causam a sua degradação ou destruição como a chuva, o vento, o sol etc. Por isso um dos princípios da arte é o da firmeza — um autêntico princípio ético, conforme lhe chama Cassani.[23] Segundo esse princípio, o arquitecto deve planear a sua obra *como se* fosse para durar para sempre — ou seja, a obra existe no intervalo definido pelo acto criador e pela inevitável destruição temporal. Tal princípio começa por ser operatório logo nos delineamentos e aplicável a várias partes da arquitectura: o tecto é uma defesa contra os agentes destruidores;[24] as aberturas, por sua vez, devem proporcionar sustentabilidade duradoura na forma como se distribuem pelo edifício ou no tipo de arco que usam.[25]

De facto, a obra tem de ser pensada em função dos inevitáveis danos que o tempo traz. Tais danos, designados no tratado pelo termo *iniuria*, têm origens diversas. Fala-se das "injúrias dos tempos," logo no prólogo,[26] como um elemento destrutivo das famílias contra o qual a habitação constitui uma salvaguarda; fala-se ainda, a propósito da resistência das

[21] Cassani, que alarga a sua pesquisa a toda a obra de Alberti, cita outras obras para além do tratado de arquitectura. No entanto, note-se que o termo não é desconhecido do tratado: ver *e. g. De re aedificatoria*, III, 6, p. 199, *temporum vicissitudinibus* ("variações climáticas" na tradução de Arnaldo do Espírito Santo: cf. Alberti, *Da arte edificatória*, p. 246).

[22] Cf. Cassani, *La fatica...*, p. 111.

[23] *Ibidem*, p. 135.

[24] Alberti, *Da arte edificatória*, I, 6 e 11.

[25] *Ibidem*, I, 11, p. 176.

[26] *Ibidem*, prólogo, p. 138.

madeiras, dos "danos das intempéries".[27] Noutros casos o agente da *iniuria* pode ser o fogo[28], a mão do homem[29] ou a fortuna.[30] Alternativamente, um agente pode não ser encarado como danoso, mas como uma força que faz parte dos limites que o arquitecto deve considerar à partida. Tal é a força da natureza (*vis naturae*) que exerce uma luta contínua contra uma obra que se lhe oponha, como foi o caso dos portos de Cláudio em Óstia e de Adriano em Terracina que não resistiram ao assoreamento.[31]

Essa concepção dinâmica da realidade sujeita a transformações justifica a ponderação cuidadosa dos materiais. Alberti fala em tratamentos da madeira para resistir à acção da traça, de intempéries, da água, do fogo, do vento, da geada.[32] Mesmo a pedra não está isenta da luta com o tempo e deve ser provada ao ar livre, como se fosse um treino em vista ao combate com o tempo.[33] Esses e todos os outros materiais são apreciados, nomeadamente, em função da solidez que mostram diante dos vários agentes naturais a que estarão sujeitos.

Mas o tempo é também histórico e, sob este aspecto, entram em consideração outras dimensões do trabalho do arquitecto para além da matéria e, entre elas, a cultura e os valores e atitudes relacionados. Nada ilustra melhor essa dimensão temporal do que as ruínas — um dos objectos urbanos preferidos do primeiro humanismo italiano. Ora uma das atitudes típicas diante das ruínas consiste em tomá-las como matéria moral para discorrer sobre a fatuidade até dos mais altos monumentos do espírito humano. O exemplo mais consequente desta atitude é o de Poggio que ficciona a sua escrita sobre as vicissitudes da fortuna a partir

[27] *Ibidem*, II, 5, p. 201.
[28] *Ibidem*, II, 6, p. 205.
[29] *Ibidem*, II, 6, p. 204.
[30] *Ibidem,* III, 1, p. 233.
[31] *Ibidem*, II, 2, p. 191.
[32] Cf. *ibidem*, especialmente os capp. V e VI do livro segundo.
[33] Cf. *ibidem,* II, 7, p. 210.

de um passeio pelas ruínas do Capitólio.[34] Sobretudo as ruínas são, ao nível urbano, o efeito visível daquele que é o elemento ordenador do universo moral de Poggio: a fortuna.[35]

Ora, o ponto de vista de Alberti não poderia ser mais distante. Com efeito, o humanista florentino não tece considerações sobre a fragilidade das obras humanas. Antes, pelo contrário, trata-se, em primeiro lugar, de inquirir e de estudar — o que, na teoria e na prática disciplinar de Alberti, é um princípio metodológico superior ao estudo de fontes literárias, como já acima se viu,[36] do qual decorre a sua valorização do património antigo (e até medieval) tão pouco compreendido por muitos dos seus antepassados e contemporâneos.[37] Aqui se fundamenta a atitude de autêntica *pietas* para com o passado, visível em vários passos do *Da arte edificatória.*[38] Como exemplo dessa veneração pelo passado recorde-se a imagem mordaz dos arquitectos ineptos que não sabem traçar os ângulos e linhas de implantação da obra sem primeiro destruirem os edifícios pré-existentes

[34] *Visebamus sepius deserta urbis, Antonius Luscus uir clarissimus egoque, admirantes animo, ob ueterem collapsorum edificiorum magnitudinem et uastas urbis antique ruinas, tum ob tanti imperii ingentem stragem stupendam profecto ac deplorandam fortune uarietatem. Cum autem conscendissemus aliquando Capitolinum collem, Antonius obequitando paulum fessus cum quietem appeteret egoque, descendentes ex equis, consedimus in ipsis Tarpee arcis ruinis pone ingens porte cuiusdam ut puto templi marmoreum limen, plurimasque passim confractas columnas, unde magna ex parte prospectus urbis patet. Hic Antonius, cum aliquantum huc illuc oculos circumtulisset, suspirans stupentique similis: "O quantum", inquit, "Poggii, hec Capitolia ab illis distant, que noster Maro cecinit. 'Aurea nunc, olim siluestribus horrida dumis.' Vt quidem is uersus merito possit conuerti: 'Aurea quondam, nunc squalida spinetis uepribusque referta.'* (Poggio Bracciolini, *De varietate fortunae,* ed. critica con introd. e commento a cura di Outi Merisalo, Helsinki, Suomalainen Tiedeakatemia, 1993 ("Annales Academiae Scientiarum Fennicae. Series B, 265), p. 91, linhas 5-17). Ver Villa, Alessandra, "Due umanisti sul Campidoglio. La descriptio Romae del De Varietate Fortunae tra storia e archeologia," in W. Cupperi (dir.), "Senso delle rovine e riuso dell'antico," caderno de *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa, Classe di Lettere e Filosofia*, s. 4, Quaderni, 14 (2002), pp. 55-76. Sobre as ideias morais de Poggio a este respeito ver o ensaio de Fubini, Riccardo, "Il teatro del mondo nelle prospettive morali e storico-politiche di Poggio Bracciolini", in Idem, *Umanesimo e secolarizzazione...*, pp. 221-302.

[35] *Missa faciamus ablatum imperium, distracta regna, prouincias amissas, in quibus dandis atque auferendis prope iure suo fortuna principatum exercet. Illum maiorem in modum lugendum uidetur, libidinem eius intra urbis moenia crassatam, adeo in illa diruenda atque euertenda funditus seuisse, ut si quis reuiuiscat ex priscis illis antique urbis ciuibus, alios homines intueri, aliam se longe urbem incolere asseueret, ita eius specie et ipso solo subuersis, ut nihil fere recognoscat quod priorem urbem representet. Et quidem communtantur regna, transferentur imperia, desciscunt nationes, populi (uaria est enim mens hominum semper noua appetentium) ad fortune nutum commouentur, ut haud insuetum uideatur hec illius arbitrio parere* (Poggio Bracciolini, *De varietate fortunae,* p. 92, ll. 41-50).

[36] Ver introdução, p. 57 e n.

[37] O que não significa que os seus conhecimentos não fossem apreciados e usados por alguns conhecedores como Prospero Colonna. Note-se que Alberti já é reconhecido na década de 50 como um especialista em dois âmbitos: estatuária romana e hidráulica. Neste último domínio, são os seus conhecimentos que permitem descobrir o traçado do aqueduto da água *Virgo*. Sobre estes aspectos ver Borsi, *Leon Battista Alberti e l'antichità romana*, pp. 26 ss.

[38] Ver Cassani, *La fatica...*, p. 138 s. Cf. *Da arte edificatória,* III, 16, p. 275.

— uma atitude que causa a Alberti vergonha e repúdio não apenas pelo desrespeito pelo antigo, mas pelo desprezo que implica em relação ao seu valor urbanístico e cívico.[39]

Considerado o tempo nas suas práticas sociais, no corpo e sobretudo nos remédios que se lhe podem opor, como a literatura, a procriação ou as cidades; e depois de termos visto o significado do tempo em Alberti e Biondo, passamos agora à análise de duas obras que têm por tema a relação entre tempo e cidade: a carta conhecida como *Somnium de fortuna* e o *Dialogus de somnio quodam*.

[39] Cf. *Da arte edificatória*, III, 1, p. 233.

Capítulo 4

As cidades no *Somnium de fortuna*

Um dos diálogos ficcionais de Piccolomini, enviado em carta a Prokop von Rabenstein, coloca em um espaço e em um tempo do além quer a Fortuna — que, como já se viu no ensaio de Panofsky, é uma das imagens e um dos aspectos do tempo[1] — quer as cidades, por meio do artifício do *somnium*.

O sonho apresenta-se como uma espécie de "teodiceia" da fortuna. Enea, despeitado com a falta de sorte do amigo Prokop apesar da nobreza que sabia nele residir, indigna-se com a Fortuna: *accusavi ergo fortunam, que tum honorum, tum divitiarum creditur dispensatrix, pluraque in eam stomachatus dixi, ut que viros premeret bonos, extolleret malos*.[2] Uma noite teve então o sonho que foi a resposta da Fortuna às suas acusações.

Transportado de repente para um campo verdejante no meio de um bosque, Enea vê as duas portas do sono, a córnea e a ebúrnea, precedidas de um rio profundo que só se podia

[1] Sobre a identificação fortuna/tempo, é válido para Piccolomini o que Ricardo Quinones afirma acerca de Dante (exceptuando a relação entre fortuna e Deus que lhe é alheia): "In its relation to social change the role of time is subsumed under the concept of Fortuna, a concept that has theological implications for Dante. [...] Fortune is really a regularly functioning minister of God; hence she is blessed" (*The Renaissance discovery...*, pp. 33).

[2] Wolkan I/FRA 61, ep. 151, a Prokop von Rabenstein [*Somnium de fortuna*], Viena, 26 de Junho de 1444, p. 343. O texto, acompanhado de tradução e notas em neerlandês pode ser lido em Goldsteen, Michel, "Enea schrijft aan Prokop van Rabenstein over de Fortuna," disponível no URL <http://home.planet.nl/~golds067/procop.htm> consultado em 7-2-2011. Sobre as fontes de inspiração de Enea na descrição da paisagem, que são principalmente o canto VI da Eneida e Juvenal V, 150 ss, ver Sidwell, Keith, "Il *De curialium miseriis* di Enea Silvio Piccolomini e il *De mercede conductis* di Luciano," Secchi Tarugi, *Pio II e la cultura...*, pp. 336 s.

transpor por uma ponte levadiça. Na margem das portas movia-se uma turba de almas suplicantes que o próprio conhecia, mas que não lhe falavam. Aterrorizado, Enea apela ao moço da torre córnea. O auxílio veio de um italiano, não identificado, e de um alemão, o príncipe- -eleitor, Luís da Baviera.[3] Depois de serem convidados a entrar, deparam com uma paisagem de bem-aventurança, como que um nova Heliotrapeza: mesas repletas de opíparos manjares; rochas que jorram vinho; mel e canas de açúcar; belas raparigas e elegantes rapazes dançam sem cessar... No meio de tais delícias, Enea encontra o seu amigo, o poeta Maffeo Vegio. Responde-lhe este prontamente que espera que Enea seja chamado pela senhora, cujo mando permitia que ali permanecessem. À pergunta de Enea sobre quem era tal senhora, responde Vegio: *hera Fortuna cuius munere omnes qui hic sumus feliciter vivimus. illi totus obedit orbis, quicquid hec jussit factum est.*[4]

Enea fica ansioso pelo encontro com a senhora contra quem tinha tantos motivos de queixa exemplificados pelo caso de antigos sábios maltratados e pelo de vários amigos seus, que considera injustiçados relativamente aos seus méritos: o cardeal Giuliano Cesarini, Juan Cervantes, Juan de Segovia, Giovanni Tagliacozzo, Kaspar Schlick, Wilhelm Stein e Giovanni Campisio e, por fim, o destinatário da carta Prokop von Rabenstein. O libelo de Enea contra a Fortuna não terminava por aqui: quantos asnos não tinham sido elevados mais alto do que os cedros do Líbano? Sórdidos exemplos antigos e modernos (como o caso do pai de Filipe da Borgonha, que matara um seu rival à machadada na presença do próprio rei de França) moviam Enea contra a Fortuna: *hec mihi bilem sepe commoverunt*.[5] Mas ao ver o seu amigo, agora nas boas graças da Fortuna com o canonicato em S. Pedro, estava mais condescendente e com grande desejo de ver tal senhora. Vegio obtempera a reacção emotiva de Enea com a sua lista de casos de pessoas favorecidas pela Fortuna: o Papa Eugénio IV; o patrono de Enea, Frederico III; Fernando de Aragão; o duque de Gloucester; os bispos de Colónia e de Trier — todos pessoas de grande virtude, por certo, mas sobretudo bafejados pela *Fortuna.* A conclusão de Vegio é que a Fortuna e o caminho cristão dificilmente coincidem:

> *nulla virtute nostra sed casu generis nanciscimur claritatem. quod si plures sunt virtuosi, quos Fortuna preterit, nemo irasci debet. potest enim hec domina, que sua sunt bona, cui vult*

[3] Note-se que o sonho começa com um dos duques da Baviera, Luís VII, e, no final, refere também o filho, Luís VIII, que tinha encarcerado o pai e tomado posse do ducado. Ver Piccolomini, *De Europa*, XL, 141, p. 161 s.

[4] Wolkan I/FRA 61, ep. 151, p. 345.

[5] *Ibidem*, p. 346.

> *elargiri. homines in mundum non ad opes possidendas aut perfruendas delicias, sed, ad labores nascuntur, vivereque in terris non tanquam incole sed ut advene peregrinique debent futuramque patriam per opera virtutis inquirere. in magna vero fortuna non facile virtus re-*/p. 347/*peritur.* […] *Si sane mentis essemus, odium potius quam favorem appeteremus Fortune, cujus blanditie maximum prestant impedimentum ad eterne vite consecutionem. rarusque est et corvo rarior albo, qui et Fortunam simul et iter in celum sequi valeat.*[6]

Pela mão de Vegio, Enea é conduzido ao trono da Fortuna — trono recheado de quase todas as espécies de pedras preciosas, que se encontravam nas *Etymologiae* de S.to Isidoro de Sevilha.[7] À sua direita estavam os vários dons desde a honra à bebida, passando pelo amor, o poder, a arrogância... A seus pés, jaziam, prontas a obedecer, as *divitie*, *pecunie*, *delicie*, *blanditie*, *voluptatesque*;[8] no campo verdejante que se estendia, sentavam-se os seus favorecidos, com Augusto no lugar mais proeminente, seguido de muitas outras figuras do mundo antigo e do mundo medieval. O grupo terminava com o imperador Segismundo e o malogrado imperador Alberto que não reinou mais de três anos. Se, para surpresa de Enea, o grupo incluía pessoas que nada tinham de bom e que, por isso mesmo, era estranho vê-las na condição de afortunados, Vegio esclarecia que o conceito podia ser entendido em dois sentidos, i. e., em sentido filosófico e em sentido vulgar; ora Vegio falava na acepção vulgar do termo:

> *non ut sapientes nomen felicitatis suscepi, sed vulgi morem sum secutus, apud quod felix dicitur, cui plurima ex sententia veniunt, sive bonum est sive malum, quod optant.*[9]

Depois da lista de figuras do passado, segue-se a dos contemporâneos: o rei Frederico III, o primeiro do elenco, é adorado pela Fortuna, mas não dá a devida atenção à soberba senhora que prefere fazer-se rogada a rogar — aliás nem a consegue encarar de frente.[10] Vegio admoesta-o com o exemplo de Enea, seu secretário que soube agarrar-se à Fortuna. Seguem-se o jovem Segismundo, e Alberto VI, irmão de Frederico III, e outros amigos de Enea como o bispo de Chiemsee, Silvester Pflieger; o chanceler Kaspar Schlick e o bispo de Passau, Leonhard von Laiming.[11]

---

[6] *Ibidem*, pp. 346 s.

[7] *Ibidem*, p. 347. Sobre o assunto ver Allen, Don Cameron, "The Lapidary of Aeneas Sylvius Piccolomini," in *Italica*, 17, 1 (Mar. 1940), pp. 1-4.

[8] Wolkan I/FRA 61, ep. 151, p. 347.

[9] *Ibidem,* p. 349.

[10] *Ibidem*, p. 349.

[11] Do qual já acima se falou. Note-se, todavia, que este texto é anterior à carta a Campisio onde se faz a descrição de Ebelsberg e de Passau.

Este conjunto de personalidades forma um retrato da casa dos Habsburgos, e tão plácido que nem se suspeitam os conflitos originados pela regência de Frederico III relativamente ao seu irmão e os sucessivos conflitos e acordos que originou. Ao mesmo tempo, Enea nada diz do seu posicionamento perante algumas personalidades, como o jovem Segismundo, futuro duque da Áustria, por essa altura também sob a regência de Frederico III (regência da qual não abria mão apesar da oposição dos estados do Tirol), a quem Enea escreve uma carta lisonjeira. É, de facto, nos interesses de Frederico III que Enea escreve a carta sobre como seduzir uma rapariga por quem se apaixonara — escrito ambíguo para o jovem de 16 anos, pois ao mesmo tempo que lhe diz *ante omnia enim tibi suadeo, omne genus adulatorum quasi pestem teterrimam fugias*, Piccolomini pretende, com alguma lisonja, tornar-se o seu guia.[12] A esse respeito a carta é o reverso do presente sonho da Fortuna, na medida em que, na carta, Enea acautela o jovem da transitoriedade e da arbitrariedade da Fortuna deste mundo ou, por outras palavras, recomenda o muito cristão *contemptus mundi*, caricaturando a Fortuna como uma força desprovida de racionalidade e até ridícula.[13] Em contraposição a essa força, afirma Enea, ao assumir o papel de guia de um jovem, estavam os bens da alma:

> *animi bona, que sunt continentia, castitas, fortitudo, justitia, moderatio, intellectus, ingenium, memoria, stabili quodam nexu adherent homini nec aufferri a nobis nisi cum vita possunt. hec vere nostra sunt bona, hec dum luce inter mortales fruimur, vitam prestant suaviorem, postquam migramus ex hoc seculo, spem dant felicitatis eterne .*[14]

É irónico que à cabeça desta lista de virtudes estejam a continência e a castidade, quando se pensa que Enea, para ensinar ao jovem as artes da sedução, lhe compõe uma carta ficcionada, endereçada por Lucrécia, filha do rei do Epiro, a Aníbal, e escrita em um inflamado tom ovidiano.

---

[12] WOLKAN I/FRA 61, ep. 99, a Segismundo da Áustria, Graz, 5 de Dezembro de 1443 (pp. 222-236). Está editada e traduzida em PICCOLOMINI, *Storia di due amanti…*, pp. 15-21.

[13] *Opes enim et potentatus et hujus honores seculi bona fortune sunt, fluxa, mutabilia, caduca, que ut fortuna vult huc atque illuc feruntur. illa enim mortale genus quasi in ludo habet, et hunc deprimit hominem, hunc exaltat. nec ei magnum est ex figulo regem et rursus ex rege figulum facere. hinc Juvenalis versus: si fortuna volet, fies de* /p.226/ *rhetore consul, si volet hec eadem, fies de consule rhetor. magnus Alexander subacta India ut quantum posset ostenderet, ortulanum quendam ad regni fastigium erexit* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 99, p. 225-6).

[14] *Ibidem,* p. 226. O conselho é perfeitamente circunstancial como se pode ver por esta afirmação: *scit* [*vetulus spiritus*], *temporalia bona, sine quibus negat Aristoteles plenam felicitatem, in manu esse fortune, que si amiserit illa in vita recuperare non potest* (*ibidem*, ep. 117, a Giovanni Campisio, St. Veit, 15 de Janeiro de 1444, p. 279).

Mas retomemos a imagem da Fortuna no sonho. Não é por acaso que aí se apresenta como uma mulher que gosta de ser cortejada, implorada (eventualmente com veemência, como se verá abaixo pelo exemplo de Afonso de Aragão). Os poderes seculares e eclesiásticos que a rodeiam são aqueles que Enea e os seus amigos têm de cortejar para obterem as almejadas prebendas. A subserviência aos poderes seculares é um sinónimo da vida na corte, onde a Fortuna e os seus caprichos dominam de forma arbitrária.[15] Poderes seculares exigem uma subserviência cega e ilimitada, mas os poderes eclesiásticos não são menos solicitados por Enea e pelos seus amigos do mesmo *status.* Por vezes, tal solicitação assume a forma de uma caça à prebenda, como é o caso do chanceler Schlick (para citar um exemplo da mesma altura), em busca dos rendimentos do rico bispado de Frisinga.[16] Ainda pela mesma altura, Enea também se afadiga por uma renda eclesiástica em Milão e, perante o insucesso das tentativas, diz-se desafortunado nos assuntos eclesiásticos.[17]

Portanto, a Fortuna rege tanto os assuntos eclesiásticos como os políticos, o passado como o presente e, sobretudo, é na conjunção da iniciativa de cada um e dos seus favores que se define o futuro. Consequentemente, e no plano político, a Fortuna contém em si todas as latências e as oportunidades do momento presente. Por essa razão, as personagens do sonho, as contemporâneas principalmente, são vistas no seu carácter presente e nas suas potencialidades futuras: como que estão em jogo. Essa é uma faceta da Fortuna que ajuda a esclarecer as figuras que a rodeiam.

Esta companhia da Fortuna pode, de facto, ser vista sob dois aspectos: em primeiro lugar, como o retrato do Império com especial enfoque na corte de Frederico III, em que Enea vivia; em segundo lugar, e como aspecto desse retrato de corte, como a ficcionalização das relações de amizade do autor, que deve ser considerada também como uma espécie de cortesia e de reconhecimento entre pares.[18]

[15] As referências à Fortuna são frequentes no *De miseriis curialium*, o que o leva a proclamar uma bem-aventurança a ausência de contacto com a corte: *beati, qui procul a curiarum tumultibus degunt et contenti sunt, que adest fortuna. nos animorum impulsu et ceca cupidine ducti regum atria petimus, principum in oculis versari volumus, quibus si milies cum periculo capitis servieris, modicum vero aberraveris, mox peristi* (*ibidem*, ep. 111, a Kaspar Schlick, St. Veit 1 de Janeiro de 1444, p. 267).

[16] Enea em carta a Heinrich Schlick (*ibidem*, ep. 115, St. Veit 12 de Janeiro de 1444, p. 275) lamenta que Kaspar Schlick não tenha obtido as prebendas do episcopado de Frisinga (perdidas para o cardeal Johann Günwalder).

[17] *ego non spero, illam rem utilem esse nec usquam in rebus ecclesiasticis sum fortunatus. Laurentius de Rotella nichil mei causa Mediolani obtinuit, non sua culpa, meam enim causam exacte promovit. sed nosti patrie mores* (Wolkan I/FRA 61, ep. 136 a Giovanni Peregallo, [Wiener-Neustadt, 18 de Abril de 1444], p. 314.

[18] A carta, mesmo sob a forma de uma ficção, não deixa de ter algumas das características da epistolografia,

O retrato de cada personagem que rodeia a Fortuna ilustra variados objectivos subjacentes à prática epistolar e a outras obras de Enea. O rei Frederico III surge aqui em uma posição em que Enea lhe dita conselhos. A este respeito o *Somnium* está em consonância com o "espelho de príncipes" que era o *Pentalogus*, onde o rei aparece como personagem que ouve os conselhos políticos de Enea para reconquistar a Itália e recompor a Igreja e o Império. No entanto, a sua caracterização aqui no *Somnium* contém um pronunciado pendor crítico, pois o rei, na sua relação com a Fortuna, revela-se uma personalidade pusilânime. Pela altura em que a carta é escrita, decorria ainda a dieta de Nuremberga que havia sido anunciada pelo S. Martinho de 1443 e na qual se pretendia pôr termo ao cisma dos dois papas, Eugénio IV e o anti-papa Félix V, definindo a adesão a uma das partes.[19] Frederico III prometera estar pessoalmente presente, mas sabe-se, até pela correspondência de Piccolomini, como preferia outras ocupações que não os negócios do Império. Na verdade, no dia 4 de Novembro de 1443, apesar de ter convocado a dieta, segundo escreve Enea a Kaspar Schlick, o rei dirigiu-se para Wiener-Neustadt, o seu Jardim das Hespérides, um destino que lhe agradava bem mais do que as eternas dietas alemãs.[20]

Além de Frederico III, surgem várias das suas relações entre a nobreza austríaca, eclesiásticos e membros da corte: o senhor de Walsee;[21] o bispo de Gurk;[22] Kaspar Schlick;[23]

nomeadamente, o facto de misturar o plano da amizade pessoal e privada com o plano dos temas e das relações políticas: de facto, como lembra Judith R. HENDERSON (*Humanist letter writing...*, pp. 29-30), uma carta pode ser usada para a prática de *lobbying* e mesmo o facto de ser privada não obsta a que tenha fins políticos. Note-se também a semelhança entre o *Somnium de fortuna* e o diálogo da mesma altura, o *Pentalogus de rebus ecclesie et imperii,* no qual entram como interlocutores algumas das personagens deste sonho.

[19] Sobre a dieta de Nuremberga ver VOIGT, *Enea Silvio*, I, pp. 329 ss. Por essa altura, fez algum impacte na cena diplomática europeia uma proposta do rei de França de um Concílio geral para pôr termo ao cisma — proposta essa que foi muito apoiada por Enea: cf. WOLKAN I/FRA 61, ep. 106, a Silvester Pflieger, St. Veit, 21 de Dezembro de 1443 [data corrigida por GENZSCHE, Hans A., "Die Anlage der ältesten Sammlung von Briefen Enea Silvio Piccolominis," in *Mitteilungen des österreichischen Instituts für Geschichtsforschung*, 46 (1932), para 27 de Dezembro de 1443], pp. 248-50; e também a ep. 108 a Kaspar Schlick de 28 de Dezembro 1443 (WOLKAN I/FRA 61, 251-262 esp. pp. 251-255).

[20] *Ibidem*, ep. 94, pp. 213s. Sobre as dietas e a sua inconclusividade afirma o próprio Enea: *dietas Alamanorum infinitas ajunt* (*ibidem*, ep. 111, a Kaspar Schlick, St. Veit, 1 de Janeiro de 1444, p. 266). Ver também VOIGT, *Enea Silvio...*, I, p. 331. Apesar de Enea lhe dirigir estas e outras críticas, o facto é que sempre reverenciou Frederico III como imperador, mesmo antes da coroação imperial (cf. LHOTSKY, Alphons, "Aeneas Silvius und Österreich," in IDEM, *Aufsätze und Vorträge*, ausgewählt und herausgegeben von Hans Wagner und Heinrich Koller, München, Oldenbourg, 1972, vol. 3, p. 49).

[21] Possivelmente trata-se de Reinprecht IV, nobre da linhagem de Walsee. Ver KRONES, Franz von, "Walsee, Eberhard von," in *ADB,* 41, (1896), pp. 5-16, disponível no URL <http://www.deutsche-biographie.de/pnd139800433.html>, consultado em 16-04-2011.

[22] Johann Schalermann: ver IDEM, "Johannes V," in *ADB*, 14 (1881), p. 218, pp. 5-16, disponível no URL <http://www.deutsche-biographie.de/pnd136293530.html> consultado em 16-04-2011.

[23] Parte das personagens aqui mencionadas integra um dos dois partidos da corte, segundo a definição de

o *magister camerae*, Walter Zebinger; Leonhard von Laiming; Silvester Pflieger, bispo de Chiemsee; o *magister curiae*, Johann Neiperg. Embora todos sejam filhos da fortuna (*omnes Fortune sunt filii*),[24] o grupo divide-se em cortesãos mais influentes e amigos próximos de Enea.[25] Entre estes contam-se: Silvester Pflieger, um dos assíduos correspondentes de Enea e outro dos interlocutores do *Pentalogus* (e que foi o confidente da decisão e das hesitações de Enea ao aderir ao partido de Eugénio IV);[26] Kaspar Schlick, apelidado de *fortunatus*, conforme se esperaria para uma personalidade fundamental na história do Império durante o séc. XV, tendo em conta que foi chanceler de três reis e o primeiro chanceler leigo e de origem burguesa;[27] e, por último, o bispo de Passau, de quem Enea é familiar.[28]

Entretanto, irrompe em cena o vulto baixo e de tez escura de Afonso de Aragão, que se lança aos cabelos da Fortuna a ponto de a fazer condescender — uma atitude que contrasta com a de Frederico III.[29] Comparecem ainda diante da Fortuna, o duque da Borgonha, Filipe-o-Bom, seguido de três figuras da Boémia e da Hungria: João Huníada; o seu rival (na defesa dos direitos de Ladislau Póstumo à coroa da Boémia), o conde de Cili; Jan Jiskra e o

Voigt: o partido da nobreza com grande influência junto do rei em matérias de guerra e questões sucessórias; e o partido formado pelo clero e homens de negócios (ver VOIGT, *Enea Silvio*..., I, pp. 274s).

[24] WOLKAN I/FRA 61, ep. 151, p. 345.

[25] Sobre o círculo de amigos de Enea em Viena, ver LHOTSKY, Alphons, "Aeneas Silvius und Österreich," p. 46 ss) que nele inclui o próprio rei Frederico III.

[26] WOLKAN I/FRA 61, ep. 171, Viena, 24 Maio de 1445, pp. 500-503.

[27] Cf. *ibidem*, ep. 166 [*De miseriis curialium*], a Johann von Eych, Bruck an der Mur, 30 de Novembro de 1444, pp. 461. Enea devia-lhe a aceitação e o estatuto de que gozava na chancelaria. Entre ambos manteve-se abundante correspondência e, na autobiografia de Pio II, Schlick é recordado com muito agrado (ver *Commentarii*, I 11, p. 50); sobre Kaspar Schlick ver SCHMID, Peter, "Schlick, Kaspar," in BBKL, disponível no URL <http://www.bautz.de/bbkl/s/s1/schlick_k.shtml>, consultado em 9-02-2011. Sobre a sua situação na configuração de interesses e partidos da corte de Frederico III, *vide* VOIGT, *Enea Silvio*..., I, pp. 276s.

[28] Conforme se vê pelo facto de o prelado ter escrito, logo em 1442, uma carta de congratulação a Enea pelo cargo de secretário na chancelaria imperial. Essa carta, que não foi publicada por WOLKAN, é noticiada pelo arquivista da província franciscana de Schwaz (Áustria), como pertencente a um anexo ao incunábulo-códice S IV/7-335, a ff. 41v-42. Para a sua descrição ver RUGGENTHALER, Oliver, "Ein unbekannter Originalbrief des Enea Silvio Piccolomini im Archiv der Tiroler Franziskanerprovinz – Schwaz, disponível no URL <http://www.franziskaner-schwaz.at/PublikationendesArchivars.htm>, consultado em 10-04-2011.

[29] O gesto de Afonso é uma alusão à sua campanha audaz na luta contra René d'Anjou pelo trono de Nápoles, que o conduziu à conquista da cidade em 1443, tendo previamente rompido um tratado de paz feito com Francesco Sforza. Ver SISMONDI, J. C. L., *Histoire des républiques Italiennes du Moyen Âge,* Paris, Treuttel et Würtz, 1825, t. IX, pp. 186-198.

líder hussita Ptasco.[30] Por fim, surgem nesta audiência da Fortuna Niccolò Piccinino e Francesco Sforza.[31]

Todas estas personagens são seleccionadas para este sonho com os mesmos critérios que os da obra *De uiris illustribus*: notáveis da cena política europeia. Esse critério concretiza-se aqui em três questões geopolíticas: a crise de sucessão na Hungria após a morte do rei da Alemanha, Alberto II, e o nascimento póstumo do príncipe herdeiro Ladislau;[32] a questão hussita; a política italiana.

As personagens que surgem em seguida não são indivíduos, se bem que não deixem de estar no mesmo plano de leitura do quadro geopolítico de então, mas antes um grupo de cidades europeias, cuja fortuna posterior é prefigurada:

> *inter hos ego matronalem habitum cernens, et quenam, inquam, illa est femina, que ante alias tribus passibus pergens tam fastuosa videtur? hec, inquit Vegius, Venetia est, que pecuniarum Fortune claves habet Tarpejamque custodit. alia est Burgensis civitas, tertia Colonia, Nuremberga subinde. Argentina sequitur, Vienna quoque inter has non est ultima. Florentia Venetiis proximat, sed timeo illi, quia pluribus jam annis favorem fortune minorem sentit. tua Sena floret nunc, sed minas nescio quas audio. Barchimona et Valentia florent, Lundonie quoque splendide sunt ut videar.*[33]

A presença de Veneza como detentora das chaves da Fortuna e como punidora das traições não é surpreendente. Mais inesperada, no entanto, é a presença de Barcelona e Valência — duas cidades de Aragão a que dedica pouca atenção mesmo no *De Europa*, mas que certamente estão aqui como homenagem ao poderio aragonês no Mediterrâneo inclusive na Itália. As duas cidades italianas, além de Veneza, Florença e Siena, são colocadas no pico de uma evolução que tem pela frente uma curva descendente.[34]

---

[30] Como se pode ver pela correspondência — mais precisamente por duas cartas, uma a Giacomo de Castro Roman, de Novembro de 1444 (WOLKAN I/FRA 61, ep. 165, p. 452), e outra a Johann von Eych de 23 Julho de 1450, (WOLKAN II/FRA 67, p. 163) —, o conjunto de personagens aqui mencionadas integram o elenco de uma obra iniciada justamente pela mesma altura e terminada por volta de 1450: *De uiris illustribus*.

[31] Franceso Sforza aparece com o nome Francesco di Cotignola.

[32] Sobre os acontecimentos na Hungria subsequentes à morte de Alberto II, e o posicionamento das personagens do *Somnium* ver a carta a Leonhard von Laiming: *in regine partibus Albertus dux Austrie, magni cordis adolescens, Ulricus Cilie comes, consilio maturus, Giskra Bohemus, inconcusse vir fidei, cum nonnullis civitatibus et aliquibus baronibus permanserunt. sed regina, cum se debiliorem vidit imparemque Polono, filium parvulum cum corona ad Fridericum cesarem transmittit sibique patruelem commendat* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 192, a Leonhard von Laiming, bispo de Passau, Viena, 25 de Outubro de 1445, p. 564).

[33] *Ibidem*, ep. 151, p. 351.

[34] Na verdade, no *Pentalogus*, Enea apresenta um retrato decadente de Florença em resposta ao seu interlocutor, o chanceler Schlick, que negava que as guerras endémicas tivessem empobrecido a Itália: *Italiam bellis exhaustam esse atque pauperem factam, facies ipsa et vultus eius ostendit atque, ut de aliis taceam, Florentia ipsa exemplo sufficit, quam ego sic opulentam vidi, ut vix suas ipsa ferre divitias posset. Plena civibus* /p. 228/ *erat,*

Esta lista — onde sobressaem Nuremberga, Colónia, Estrasburgo e Viena que são cidades do Império — deve muito, sem dúvida, aos conhecimentos pessoais de Enea e, particularmente, aos que adquiriu aquando da sua viagem com o cardeal Albergati ao Congresso de Arras, de onde prosseguiu para Inglaterra e Escócia.[35] O que o sonho diz acerca de Londres não destoa daquilo que dirá mais tarde nos *Commentarii* ao lembrar a visita que aí fez (uma visita, aliás, intencional).

A referência a Nuremberga, por sua vez, está perfeitamente de acordo com outras observações que se podem ler na sua obra, sobretudo o juízo feito, anos mais tarde, na *Germania*.[36] Na *Historia Austrialis*, por sua vez, o elogio de Nuremberga incide menos nas qualidades estéticas do que na riqueza e na prosperidade comercial e industrial da cidade e na sua presença em mercados tão dinâmicos como a Flandres ou Veneza.[37]

De Colónia fala amiúde Enea nas suas obras, nomeadamente em uma carta ao bispo Johann Vitéz, onde além da origem romana, menciona a sua universidade na qual se distinguira Alberto Magno (que também está sepultado na cidade), bem como o célebre túmulo dos Reis Magos e as relíquias das 11 000 virgens.[38]

mirus ornatus vestium, domorum, templorum. Nunc si illam quis respiciat, qui ante viderit, vix recognoscet squalentem, pauperem, miseram. Cives cum solvere onera civitatis nequirent, quamplurimi aufugerunt, alii vero propter seditiones exulant (*Pentalogus de rebus ecclesiae et imperii*, p. 226, l. 14 - p. 228, l. 4).

[35] Com efeito, surpreende por exemplo a presença nesta lista de Bruges que, na correspondência ou noutras obras é escassamente referida (cf. supra p. 154; e WOLKAN III/FRA 68, ep. 291, a Johann Vitéz, Wiener-Neustadt, Verão de 1454, p. 557 s). A razão mais plausível para a mencionar aqui será a recordação pessoal de lá ter passado aquando da sua missão à Escócia (como recorda nos *Commentarii,* I, 5, p. 18).

[36] *Quenam facies huius urbis, qui splendor, que amenitas, que delitie, qui cultus, queve forma regiminis! Quid illi ad civitatem omni ex parte perfectam desiderare quispiam potuerit? Quis venientibus e Franconia inferiori et procul spectantibus eius urbis aspectus! Que maiestas, quod decus ab extra visentibus! Quis intus nitor platearum, que domorum munditie! Quid sancti Sebaldi templo magnificentius, quid splendidius divi Laurentii delubro! Quid arce regia vel superbius vel munitius, quid fossa, quid menibus illustrius! Quot ibi civium edes invenias regibus dignas? cuperent tam egregie Scotorum reges quam mediocres Norimbergae cives habitare!* (*Germania*, II, 15, p. 56).

[37] A primeira redacção nota exclusivamente a opulência da cidade: *Hic mercatores admodum multi sunt et divites et potentes; artifices quoque plurimi, qui ex aere, cupro stagnoque et plumbo laborant atque in omnem Alamaniam, Galliam atque Italiam merces transmittunt. Itaque opulenta civitas invidendas paravit opes* (*Historia Austrialis*, v. I, p. 82). Na terceira redacção, acrescentou alguns atributos da forma urbana e explicou o desenvolvimento comercial em função da esterilidade do subsolo onde se situava: *Urbs plena populo, sacris ac profanis edibus ad principalem magnificentiam fastigiatis, solido muro, profunda fossa, crebris et altis turribus egregie communita, sed in agro sita sterili et arenoso. Ob eam causam cives plerumque artifices aut mercatores habentur, qui et Frandriae et Uenetiis negociantes universam Germaniam mercibus implent et, sicut proverbium est, sine Norimbergensibus non sunt nundine* (*Historia Austrialis*, VII, 4-11, v. II, p. 774). Note-se que a informação serve de prelúdio ao conflito desencadeado precisamente pela expansionismo da cidade e que a colocou em rota de colisão com o Marquês de Brandenburgo, Alberto, cognominado Aquiles (ver *Historia Austrialis*, VII, v. II, p. 775 e notas *ad loc*).

[38] *In Colonia sedem metropoliticam esse et ejus quidem pontificis, cujus est, Romanorum regem inungere et coronare; Aquensem civitatem neque episcopali cathedra dignam habitam. in Colonia multas esse nobilium familias, quorum majores ex patriciis Romanorum fuere. vigere illic scolam philosophie et omnium bonarum artium studia,*

Enfim, sobre Viena já acima se viu como foi uma cidade emblemática no percurso biográfico de Enea. O mais importante, porém, é compreender o fundamento da presença das cidades diante da Fortuna e ver como essa submissão só é compreensível se as cidades forem vistas na sua evolução ao longo do tempo ou nas perspectivas futuras que o seu desenvolvimento presente augura.

A ideia de que a Fortuna preside não apenas aos destinos individuais mas também ao destino das cidades vem já da Antiguidade e tem a sua expressão nas *tychai poleôn*, divindades políades que eram cultuadas em certas cidades e que, por isso mesmo, eram representadas em estátuas ou em moedas.[39] Todavia, a ideia da analogia entre o tempo biológico e o tempo da cidade — e a despeito do tópico já antigo do nascimento e crescimento de uma cidade, fundado no preceito retórico, para a *laus urbis*, da analogia entre as qualidades e características de uma pessoa e as de uma cidade — é desenvolvida por Dante e Petrarca.[40] Efectivamente, Dante também cita na *Comédia*[41] o exemplo de Luni, entre outros, como prova de que as cidades morrem. Posteriormente, e de forma mais desenvolvida, Petrarca, em *Seniles,* usa também alguns dos exemplos citados por Enea:

> *Mutari autem cum etate hominem quis non sentit? Aut quis est qui negare audeat? Adhuc quidem causam tuam munio. Cedunt annis arces marmoree, nedum terreus homuncio ex contrariis compactus humoribus; cedunt menia fortissimarum urbium: nonne vides ut Babilon illa vetus interiit? Troia corruit et Carthago, quibus duabus non tam anni nocuere, quam ignes et gladii et arietes; Chorintus et Siracuse et Capua et Aquilegia et Clusium et Tarentum parve sunt veterum urbium reliquie; Lacedemon et Athene nuda sunt nomina; Roma senio succumbit iamque succubuisset et tota in cinerem versa esset nisi eam clari nominis sustentaret auctoritas; innumerabiles alie nunc senescunt suum et ipse exitum habiture, cito quidem, sed ignotum*

claruisse illic magnum Albertum. corpora trium regum, quos magos dicimus, et ossa undecim milium virginum apud se quiescere. urbem illam amplissimam, templis atque civium edibus splendidissimis ac Rheno flumine dotatam, populo /p. 530/ *plenissimam nusquam tota Germania parem habere, intolerabile videri, si tante urbis legati Aquensibus cedere cogantur* (Wolkan I/FRA 61, ep. 291, a Johann Vitéz, bispo de Großwardein, Wiener-Neustadt, Verão de 1454, pp. 529 s).

[39] Vide Herzog-Hauser, Gertrud, "Tyche," in *RE*, 14, 1, cols. 1659-1689; Hild, J. A., "Fortuna," in DS, II, 2, pp. p. 1264-1277 (para a parte grega sobretudo pp. 1266 s; e para a parte romana, sobretudo pp. 1272-1277); para o equivalente latino de *genius ciuitatis* ver Idem, "Genius," *ibidem,* II, 2, pp. 1488-1494. Estudo mais desenvolvido é o de Allègre, Fernand, *Étude sur la déesse Tyché: sa signification religieuse et morale, son culte et ses représentations figurées*, Paris, E. Leroux, 1889.

[40] Especificamente para Roma, vejam-se os tópicos em torno das transformações de Roma (desde uma aldeia ou colónia troiana, até à urbe depois de Augusto) ver Gernentz, Wilhelm, *Laudes Romae: Dissertatio inauguralis*, Rostochii, 1918, pp. 32-40.

[41] Se tu riguardi Luni e Urbisaglia / come sono ite, e come se ne vanno / di retro ad esse Chiusi e Sinigaglia, / udir come le schiatte si disfanno / non ti parrà nova cosa né forte, / poscia che le cittadi termine hanno. / Le vostre cose tutte hanno lor morte (Dante, Parad. XVI, 73-79; texto da edição: *La Divina Commedia*, testo critico della Società Dantesca Italiana [...], ventunesima ed., Milano, Hoepli, 1989).

> *nobis eo quod longior sit etas urbium quam hominum; prius ergo quam una urbs senescat, multa hominum milia senuerint, neque homines tantum, sed fame hominum obierint, annis tacite seculisque labentibus.*[42]

Se para Dante a oposição se fazia entre eternidade e tempo inexoravelmente terminado pela morte, para Petrarca a analogia articula-se em vários aspectos:

a) o tempo não é o único agente de morte da cidade (não raro é o homem);

b) a morte das cidades não se situa no tempo terreno como um contínuo limitado pela eternidade, antes pelo contrário, constitui um marcador de diferentes épocas históricas (sc. a de Tróia, a de Atenas...);

c) por fim, a analogia opera uma distinção gradativa entre *senescere* e *interire*. Como se verá em seguida, o sonho de Enea retoma não só a analogia entre o tempo da cidade e as idades humanas, como ainda alguns dos exemplos mencionados quer por Dante, quer por Petrarca.

Há dois grupos de cidades do lado dos desfavorecidos da Fortuna. Primeiro o de cidades antigas ou mesmo lendárias e depois um conjunto de cidades contemporâneas que têm em comum, à excepção de Paris, o facto de serem italianas.

A distribuição das personagens na sequência do sonho não separa claramente o que é afortunado e o que é desditoso (sejam pessoas, cidades ou entidades abstractas). A distinção, em termos espaciais, é inequívoca: favoritos da Fortuna à direita; rejeitados à esquerda. Todavia, o critério que dirige a visão de Enea parece ser o contraste. É o que sucede com a visão das cidades antigas e lendárias. Estas são precedidas pela aparição dos papas (Eugénio IV e Félix V), seguidos dos cardeais e, por último, dos três arcebispos príncipes-eleitores, recostados em leitos em um lugar mais alto. Só então surgem, postadas atrás de Alexandre e Hércules — como figuras protegidas pela Fortuna —, as antigas cidades caídas ou mesmo desaparecidas:

> *ille vidue, pullatis indute vestibus, que post Alexandrum Herculemque jacent, urbes sunt, que quondam splendide nunc solo equate sicut jussit Fortuna cernuntur. illa in montibus sita Cartago, altera super Eufratem Babilon, Troja, columen Asie inter Xanctum et Simeontem*[43] *diruta. ille Amphionis Thebe, tum mater musarum Cecropis et armis quondam potens Lacedemon.*[44]

[42] *Seniles,* XII, 1, p. 19, ll. 132-147.
[43] *Simeontem*: sic WOLKAN, em vez *Simoentem.*
[44] *Ibidem,* p. 351.

Entramos assim em uma zona sombria e contrastante com a antecedente. Ao cenário delicioso à entrada, às alegorias dos benefícios da Fortuna, às pedras preciosas, à companhia de personagens antigas e contemporâneas bafejadas pela "senhora" deste espaço, contrapõe-se agora, do lado esquerdo (*ad sinistram*), ou seja, do lado de mau auspício, as realidades que a Fortuna devotou à queda ou ao declínio.

Mais adiante surgem as cidades contemporâneas, mas, pelo meio, outras personagens prendem a atenção de Enea. Primeiro, vêem-se afastados, e com ostensiva repulsa em se juntarem às duas personagens do diálogo (*se nostris horrent miscere*), o sultão do Egipto e os poderes dos gentios desde a África à Índia.[45] Em seguida, à esquerda da Fortuna, surgem os mil nomes de males, destituídos de território, de vestes ou de habitação própria (*campi sitientes, nudi aut lapidibus tecti*).

É com este quadro de fronteira entre a realidade europeia e não-europeia, por um lado, e da transição para a parte funesta do domínio da Fortuna, por outro, que surgem as "cidades viúvas" e moribundas que contrastam com a vitalidade urbana da Alemanha:

> *hec aurea quondam Roma, jam lutea. Capua eam sequitur, Syracuse proxime, tum Genua, Lune, Pisa, Luca, Parisius. inter Germanos florent adhuc urbes, sola Praga, splendor terre, declinat. Constantinopolis, Tracum caput, morti propinquat. omnia tempus domat, nec ulli Fortuna perpetuo bona est.*[46]

Se a ordem for significativa, Roma enlameada é o caso mais óbvio de declínio, enquanto para o grupo Génova-Luni-Pisa-Lucca-Paris a decadência nem sempre é perceptível.[47]

Luna, a Luni actual, era um exemplo irrefutável de anquilosamento e morte de uma cidade. É possível que Piccolomini a tenha mencionado por influência de Dante ou, mais provavelmente, que a estada de três dias a caminho de Basileia lhe tenha dado a oportunidade de contemplar as ruínas do que outrora fora uma próspera cidade.[48]

---

[45] *Ibidem*, p. 351.

[46] *Ibidem,* p. 352. Pontuação diferente da de Wolkan que aqui não beneficia a inteligibilidade do texto: *proxime. tum Genua, Lune, Pisa, Luca, Parisius, inter Germanos.*

[47] No caso de Roma, a imagem de declínio era inexorável. Basta pensar na carta de Petrarca que figura Roma como a uma mulher a suplicar pelo regresso do imperador; ou a ainda no tom trenódico dos Mirabilia sobre o esplendor passado da cidade.

[48] WOLKAN I/FRA 61, ep. 118 a Goro Lolli, 15 Jan. 1444, p. 284. *Luna* (hoje Luni) é um dos exemplos usados por Bryan WARD-PERKINS na sua argumentação sobre o fim abrupto da civilização após as invasões bárbaras. As escavações que aí fez nos anos 70 mostraram-lhe um nível de desenvolvimento de estruturas urbanas, de conforto e de riqueza — na verdade, Luna fica perto das pedreiras do mármore mais tarde dito de Carrara — a que se seguiu um colapso civilizacional (ver *A queda de Roma e o fim da civilização*, Lisboa,

De Pisa, Piccolomini tinha feito um retrato (com algum exagero é verdade) sete anos antes: a imagem era a de uma cidade arruinada em virtude da invasão florentina. O destinatário da carta, bem como o assunto, a isso o terão levado.[49]

Em relação a Génova, a primeira cidade descrita na correspondência e já em tom crítico, a sua desdita justifica-se pelo facto de, nos cinquenta anos anteriores, ter perdido por duas vezes a independência: em 1396 submeteu-se a Carlos VI da França; em 1421 rendeu-se a Filippo Maria Visconti.

Não há grandes referências a Paris na obra de Piccolomini (o que se compreende em parte pelo facto de nunca lá ter ido), mas seguramente que para um humanista o nome de Paris seria conotado com o saber escolástico.[50]

Por conseguinte, não há muitas dúvidas de que Paris, ao lado de Luni, Pisa e Lucca — todas cidades de menor dimensão, mas cujos destinos estavam cada vez mais dependentes de vontades alheias —, eram vistas como exemplos de declínio. Em nítido contraste com tais exemplos estão as cidades do espaço germânico, com a excepção de Praga.

Em suma, o *Somnium* colocou a relação entre a Fortuna e o tempo, por um lado, e as cidades, por outro. A primeira relação é uma relação de identidade, pois a Fortuna é a imagem do tempo presente, das oportunidades que traz consigo como das adversidades, obstáculos e arbitrariedades que se interpõem entre o desejo e a sua realização. A segunda relação faz da Fortuna uma imagem do tempo que impera sobre a cidade, entendida quer como estrutura material criada pelo homem, quer como unidade política.

A imagem resultante, a saber, a de um tempo poderoso — a que se poderiam acrescentar os seus efeitos sobre o corpo ou ainda sobre a própria literatura — é a

Alêtheia, 2006; com referência específica a Luna, ver também IDEM, "The end of the Roman empire: did it collapse or was it transformed?" in *History Today*, 6 (2005), pp. 12-16).

[49] A carta, recorde-se, dirigia-se ao imperador Segismundo, na altura em que se escolhia uma nova cidade para reunir o Concílio e repudiava a hipótese de Florença, nomeadamente, pelo facto de os Florentinos desprezarem o direito imperial e se lançarem à conquista de cidades vizinhas como Pisa e Lucca: *ut testimonio* [*sc. de urbibus imperialibus ad exterminium ducendis*] *est Aretium et splendor ille quondam Tuscie Pisana civitas, nunc ruina et vile equorum stabulum, cujus instar modo etiam redigenda infelix Lucana civitas obsidetur* (WOLKAN I/FRA 61, ep. 25, Basileia, 15 Junho de 1437, p. 352). Cf. ainda supra p. 164.

[50] Já acima se viu, a propósito da universidade de Viena, como a origem parisiense não era boa chancela para um humanista como Enea. Na já referida carta ao jovem duque da Áustria, que contém directrizes para a leitura e formação, acautela o seu destinatário para não se deixar impressionar por ninguém com um diploma obtido em Paris ou Atenas: *Illud autem cure tibi esse volo, ut doctus sit, quem audias, et prudens, quem sumas magistrum, nec te vana titulorum ambitio fallat: non enim propterea doctior est aliquis, quod magisterii nomen aut Parisiis* [*Parisius:* sic WOLKAN] *est aut Athenis sortitus* (*ibidem*, ep. 99, a Segismundo da Áustria, Graz, 5 de Dezembro de 1443, p. 228).

consequência de um modo de pensar a acção humana limitada ao horizonte terreno. O mesmo é dizer: regressa-se, assim, à concepção renascentista do tempo. Nesta concepção existem estratégias para combater o tempo — estratégias que já se encontravam equacionadas por Piccolomini no prefácio à sua primeira descrição de Basileia, como já vimos.

Portanto, não sendo possível viver para sempre nem se podendo viver com o pensamento na iminência da morte, é necessário abrir espaço para o tempo das acções necessárias ao viver comum.

Capítulo 5

O *Dialogus de somnio quodam*: Constantinopla e Roma e os desafios do tempo

O *Somnium de fortuna* desenhou um universo pagão no qual imperava a Fortuna como entidade suprema à qual estavam submetidas as cidades. O *Dialogus de somnio quodam*, pelo contrário, concebe um universo cristão, no qual se coloca a questão do passado e do futuro de duas cidades: Constantinopla e Roma.

Depois de completada a análise desta obra e para melhor situar a questão do tempo e da cidade, serão expostos dois temas, recorrendo sobretudo aos *Commentarii*: o tema das ruínas e a construção de Pienza.

5. 1. Constantinopla

A cidade de Constantinopla, apesar de nunca ter constituído mais do que uma imagem (a avaliar quer pelas poucas generalidades que dela menciona, quer pelo facto de nunca lá ter estado), proporcionou a Piccolomini uma tremenda lição sobre os efeitos do tempo na cidade, como se pode ver pela correspondência.

Com alguma ironia, se bem que justa, diz-se que a queda da capital do Império Romano do Oriente providenciou uma esplêndida oportunidade para a produção retórica.[1] Entre essa produção mereceria destaque o discurso do próprio Piccolomini na dieta de Frankfurt, em 1454. Não é este o lugar para desenvolver o tema da imagem do Islão turco no Ocidente ou mesmo a questão do relacionamento entre cristãos ortodoxos e cristãos latinos que conhecera um episódio importante no Concílio de Florença. Todavia, convém recordar que, a propósito da questão turca, se forma no Ocidente, entre letrados que não entre os governos, um discurso articulado em torno dos pólos identidade/alteridade e que, a esse respeito, os escritos de Piccolomini não representam uma singularidade.

Com efeito, um humanista como Biondo escreve insistentemente com o propósito de persuadir os poderes italianos acerca da importância da adesão a uma causa comum que seria a cruzada. O tratado *De expeditione in Turchos*, escrito no rescaldo da tragédia de Constantinopla, em Agosto de 1453, dirige-se a Afonso de Aragão e inicia-se com uma afirmação de partilha de identidade cristã na base do sentimento comum de prosternação extrema perante o acontecimento (*in hoc communi omnibus Christianis moerore maximo*).[2]

Biondo escreve ainda outros opúsculos cruzadísticos, em termos semelhantes embora dirigidos a outros poderes: o *De gestis Venetorum* ou *Consultatio an bellum uel pax cum Turcis magis expediat reipublicae Venetorum* tenta persuadir os Venezianos a aderirem à cruzada; a *Oratio coram serenissimo imperatore Frederico et Alphonso Aragonum rege inclito Neapoli in publico conventu habita*, é outro apelo à cruzada dirigido ao imperador e, novamente, ao rei de Nápoles;[3] e, por fim, *Ad Petrum de Campofregoso illustrem Genuae ducem*, dirige-se aos Genoveses com o mesmo fim.[4]

Mesmo Poggio Bracciolini escreve a alguns desses mesmos poderes com fim idêntico. Por exemplo, a carta a Frederico III, saúda-o como *caput christiani populi*[5] e insta-o a colocar as forças do Império ao serviço da aniquilação das nações bárbaras que fazem um festim com o derrame de sangue cristão.[6] A carta a Alberto Parisi, a propósito da origem do nome dos

[1] Ver Meuthen, Eric, "Der Fall von Konstantinopel und der Lateinischen Westen," in *Mitteilungen und Forschungsbeiträge der Cusanus Gesellschaft*, 16 (1984), p. 39.

[2] Nogara, *Scritti inediti...*, p. 31.

[3] *Ibidem,* pp. 107-114.

[4] *Ibidem,* pp. 61-71.

[5] Carta a Frederico III, Florença, Dezembro de 1455/Janeiro de 1456, (*Lettere*, VIII, 1, p. 381, l. 12).

[6] *Suscipe signum eius* [*sc. Christi*]*, qui non deserit in se sperantes, et imperii vires colloca ad extinguendas nationes barbaras, que tam crudeliter in effundendo fidelium sanguine debacchantur*. (Florença, Dezembro de

Turcos, qualifica-os como *nostre fidei hostes*.[7] São documentos que mostram como o sentimento de identidade comum era sem dúvida decisivo mesmo para um humanista que analisava a história com categorias tão seculares como *fortuna*.

É óbvio que todo o discurso em torno de Constantinopla foi o início da deflagração do seu ardor cruzadístico que se intensificará até ao final da vida de Piccolomini. Precisamente no ano da queda de Constantinopla, Piccolomini escreveu duas cartas que assinalam o efeito que o acontecimento teve do seu ponto de vista.[8] A primeira, enviada ao Papa Nicolau V, noticia emotivamente a queda de Constantinopla, em termos que lembram os de S. Jerónimo e S.to Agostinho a respeito da queda de Roma. A mão treme-lhe, o espírito horrorizado e a indignação que não o deixam ficar calado, não têm por causa a cidade somente, mas a miséria da cristandade repetida no início e no fim do trecho que introduz a notícia.[9]

A evocação da cidade de Constantinopla que se segue é uma meditação sobre a morte e sobre a destruição considerada sob vários aspectos (religioso, literário, político e urbano):

1455/Janeiro de 1456, *ibidem*, VIII, 1, p. 385, ll. 140-3). Cf. também carta a Afonso de Aragão, Florença Fevereiro de 1455 (*ibidem*, VII, 6, pp. 322-7).

[7] Florença, Verão de 1454 (*ibidem*, VI, 23, p. 286, linhas 22-39).

[8] Obviamente a produção de Piccolomini sobre Constantinopla é muito ampla. Inclui em primeiro lugar o *De captione urbis Constantinopolitane tractatulus*, escrito na década de 60, e editado em incunábulo por diversas vezes (ver em GW os incunábulos M33604, M33605, M33606, M33607, M33608), e que teve por base o opúsculo de uma testemunha ocular do acontecimento, Leonardo Giustiniani. Sobre esse assunto ver PHILIPPIDES, Marios, "The fall of Constantinople 1453: Bishop Leonardo Giustiniani and his Italian followers," in *Viator*, 29 (1998), pp. 189-225, que apresenta bastantes correcções ao trabalho de Agostino PERTUSI (a cura di), *La caduta di Costantinopoli. Testi*, [Roma], Fondazione Lorenzo Valla; [Milano], A. Mondadori, 1976 (Scrittori greci e latini; 3, I-II). Em segundo lugar, encontram-se descrições da tomada de Constantinopla, nos chamados "Türkenrede" proferidos nas duas dietas de 1454, i. e., na de Ratisbona, na Primavera (ver WOLKAN III/FRA 68, ep. 391, a Johann Vitéz, Wiener-Neustadt, Verão de 1454, pp. 538-547), e na de Frankfurt, no Outono (ver *Oratio Aeneae de Constantinopolitana clade, et bello contra Turcos congregando*, in *Opera omnia*, pp. 678-689, e MANSI, *Orationes*, I, pp. 263-285).

[9] *sed quid illud horribile novum modo allatum de Constantinopoli? tremit manus, dum hec scribo, horret animus neque tacere indignatio sinit neque dolor loqui permittit. heu miseram Christianitatem. pudet jam vite, feliciter ante hunc casum obiissemus! Italia, Germania, Gallia et Hispania magna ex parte salva, proh pudor ab effeminatis Turcis inclitam urbem Constantinopolim capi permittimus. Turchorum imperator magnis militum copiis Constantinopolim proximis his diebus obsidione terra marique cinxit atque admotis machinis et insultu ter facto expugnavit, populum omnem gladio extinxit, sacerdotes diversis tormentorum generibus excarnificavit neque sexui neque etati pepercit; quadraginta et amplius milia personarum illic occisa referuntur. qui res gestas ad nos ex Rascia venientes enarrant, Paleologum, qui apud eos imperavit, capite multatum, filium ejus erectum fuga in Pera modo obsessum ajunt. nolo ista sigillatim prosequi, que per alios et melius et verius sanctitati vestre conscripta esse non ambigo. satis est mihi cum vestra pietate de tanta Christianitatis ruina dolere* (WOLKAN III/FRA 68, ep. 109, a Nicolau V, Graz, 12 de Julho de 1453, p. 200; note-se que a carta teve duas redacções que WOLKAN edita em paralelo como sendo a mesma missiva; a redacção A é de 19 de Junho e a segunda, a redacção B, é de 12 de Julho; obviamente que só a segunda contém a notícia de Constantinopla).

> *urbs, que post Constantinum in annos 1100 et ultra duraverat neque unquam in potestatem venerat infidelium, spurcissimorum Turchorum, hoc infelici anno direptioni patuit. Roma quoque post suam conditionem in anno 1164 per Gothorum regem Athlaritum* [sic] *direpta refertur. sed hic ne templa sanctorum violarentur edixit. Turchos autem in ecclesias dei* /p. 200/ *sevituros quis dubitet? doleo templum illud toto terrarum orbe famosissimum Sophie vel destrui vel pollui. doleo infinitas sanctorum basilicas opere mirando constructas vel ruine vel spurcitie Maumethi subjacere. quid de libris dicam, qui illic erant innumerabiles, nondum*[10] *Latinis cogniti? heu, quot nunc magnorum nomina virorum peribunt?*[11]

A capital do Império Romano do Oriente é apresentada no seu simbolismo literário, religioso e arquitectónico e político: nada mais se diz quanto às suas características como cidade, da sua cultura actual, da sociedade que nela habita. No entanto, e na opinião de Enea, os aspectos mencionados — político (sede do Império); literário (sede da cultura europeia); religioso (centro religioso da cristandade, a par de Roma); urbanístico (magnífica arquitectura religiosa) — elevam, por si só, a cidade ao mais alto grau de dignidade. Com efeito, Constantinopla, enquanto fonte da literatura do Ocidente e, ao mesmo tempo, enquanto sede do Império do Oriente (e um Patriarcado), representa, de acordo com o ideário político do autor, o poder temporal e religioso mais alto na cristandade.[12] Estes aspectos, juntamente com o elogio dos monumentos (exclusivamente religiosos), estabelecem uma identidade, dir-se-ia patrimonial, que acaba de ser alienada com a tomada pelos *infideles, spurcissimi Turchi*.[13]

A carta a Nicolau V relembra, por último, a data da queda de Roma e Constantinopla e o tempo que subsistiram desde a fundação, mas sem comentário explícito sobre a consequência decorrente dessa experiência histórica: o ciclo de vida das cidades.

Esse aspecto, no entanto, é mencionado na outra carta sobre a queda de Constantinopla, endereçada a Nicolau de Cusa.[14] Depois de uma justificação do assunto da carta em função da sua gravidade para a religião cristã, Enea descreve a tomada de Constantinopla acentuando a crueldade do imperador dos Turcos que ordena a morte dos

[10] *Nondum*: lê-se *non dum* em WOLKAN.

[11] *Ibidem*, pp. 199 s.

[12] *Ex duobus Christianitatis luminibus alterum jam videmus erutum, orientalis imperii eversam sedem, Grecam omnem gloriam extinctam cernimus* (*ibidem*, ep. 109, a Nicolau V, Graz 19 de Junho e 12 de Julho de 1453, p. 201).

[13] Note-se a divisão entre Europa e Ásia nas suas obras de geografia (posteriores a esta carta), nas quais Constantinopla está do lado da Europa e a Ásia, agora turca, representa cada vez mais, sobre vestígios de um passado grego, um universo cultural inteiramente estranho.

[14] *Ibidem*, ep. 112, 21 de Julho de 1453, Graz, pp. 204-215.

habitantes de ambos os sexos com mais de seis anos; captura e decapita o imperador; tortura e assassina monges e clérigos... Tais descrições da crueldade turca, repetidas no discurso perante a dieta de Frankfurt, eram, como afirma Gabriela Signori, um expediente retórico mais eficiente do que o apelo a um conceito abstracto como *patria* ou *christianitas*.[15] Mas a gravidade do assunto assim o impunha, pois se tratava da "nova Roma" como Enea prefere nomear a cidade.[16] Mais do que isso Constantinopla é um dos olhos da Europa (o outro era Roma).[17]

Mas a carta, conforme dissemos, retoma o problema do ciclo de vida das cidades da Grécia clássica. O sentimento de perda é compensado com a ideia de que as várias cidades da Grécia clássica, outrora prósperas, mas das quais já não era possível encontrar sequer vestígios dos seus muros, sobreviviam em Constantinopla:

> *o insignis Grecia, ecce jam tuum finem. quis non tuam indoleat vicem? plurime olim urbes in Grecia fuerunt ingentes fama rebusque potentes, legimus Thebanorum res gestas; Lacedemoniorum et Atheniensium illustria facta; fuit Corinthiorum non contemnenda respublica; clare olim Micene; Larissa potens pluresque memorabiles urbes, quorum, si nunc requiras muros, nec ruinas invenias. nemo solum, in quo jacuerint, queat ostendere, sola ex tanta ruina vetustatis Constantinopolis superabat, que de parvo Bizantii ambitu, a Pausania quondam constructa, per Constantinum cesarem in emulatione urbis Rome ad incredibile fastigium erecta fuerat. tantum mirabilium operum, tantum armorum, tantum litterarum, tantum glorie habuit, ut omnium civitatum damna hec urbs sola recompensare videretur. hinc post pacem cum Gratiano factam et a Theodosio confirmatam veniens Constantinopolim rex Gothorum Athanaricus miratus urbis regie splendorem ac magnitudinem velut stupens dixisse fertur: deus terrenus est imperator et quisquis adversus eum manum moverit, ipse sui sanguinis reus existit. et licet post divisum imperium sive translatum ad Francos, ut melius loquamur, sepe Constantinopolis in manus hostium venerit, ut tamen vestram dignationem dicere solitam*

[15] Signori, Gabriela, "Frauen, Kinder, Greise und Tyrannen. Geschlecht und Krieg in der Bilderwelt des späten Mittelalters," in Schreiner, Klaus; Signori, Gabriela (Hrsgg.), *Bilder, Texte, Rituale: Wirklichkeitsbezug und Wirklichkeitskonstruktion politisch-rechtlicher Kommunikationsmedien in Stadt- und Adelsgesellschaften des späten Mittelalters*, Berlin, Duncker und Humblot, 2000,(Zeitschrift für Historische Forschung, Beiheft 24), p. 8.

[16] *Non tamen ab re arbitror, de ,illis cum vestra pietate et colloqui et condolere, qui partes illas olim vidistis et quantum inde Christiane religioni possit emergere prejudicium optime nostis. quomodo se habeat Grecia ad reliquam Europam non ignoratis. Thracie situm scitis, Constantinopolitane urbis magnitudinem, murorem molem, adjacentia maris et terre qualitatem pulchre tenetis. que sit Turchorum potentia, que Latinorum negligentia, non latet vestram dignationem.* [...] *imperator nove Rome captus, mox capite truncatus asseritur. sacerdotes et universi monachi diversis tormentorum generibus lacerati necatique sunt, reliquum omne vulgus gladio datum. tanta sanguinis effusio facta, ut rivi cruoris per urbem currerent. sic nobilissima urbs per Constantinum primum condita in manus infidelium venit* (Wolkan III/FRA 68, ep. 112, p. 207).

[17] *Alterum Europe oculum*, ibidem, p. 129; Cf. *ibidem*, ep. 109, p. 201: *ex duobus Christianitatis luminibus alterum jam videmus erutum Orientalis imperii eversam sedem, Grecam omnem gloriam extinctam cernimus*; cf. também o já citado discurso da dieta de Frankfurt: *Nonne ex duobus Christianitatis oculis alterum erutum, ex duabus manibus alteram amputatam dicere possumus?* (Mansi, *Orationes* I, XIII, p. 264).

> *memini, nunquam illa urbe Christiani nominis hostes potiti sunt neque basilice sanctorum destructe sunt neque bibliothece combuste neque despoliata penitus monasteria. itaque mansit usque in hanc diem vetuste sapientie apud Constantinopolim monumentum, ac velut ibi domicilium litterarum esset, nemo Latinorum satis videri doctus poterat, nisi Constantinopoli per tempus studuisset. quodque fiorente Roma doctrinarum nomen habuerunt Athene, id nostra tempestate videbatur Constantinopolis obtinere. inde nobis Plato redditus, inde Aristotelis, Demostenis, Xenophontis, Tuchididis, Basilii, Dionisii, Origenis et aliorum multa Latinis opera die/p. 209/bus nostris manifestata sunt, multa quoque in futurum manifestanda sperabamus. at nunc vincentibus Turchis et omnia possidentibus, que Greca potentia tenuit, actum esse de litteris Grecis arbitror.*[18]

Por um lado, Piccolomini tenta contornar o problema histórico da morte das cidades mediante um conceito análogo ao que Kantorowicz designaria por *fictio*;[19] por outro lado, constitui a identidade da urbe em torno de dois tipos de *monumenta*: os edifícios sagrados (basílicas, mosteiros); os edifícios literários (quer as próprias bibliotecas quer a literatura grega clássica ou patrística).

Nesta perspectiva, a questão da continuidade, embora transposta para o âmbito da propriedade, no contexto do discurso cruzadístico e anti-turco — i.e., tudo o que Constantinopla representa é próprio dos cristãos, por isso repugna que os Turcos dela se apoderem — é fundamental. É óbvio que a tentativa de legitimar a preocupação por Constantinopla, a morada da literatura (*domicilium litterarum*), em função do interesse da cultura de que o humanismo italiano se apropriara, não é um mero argumento retórico. Pelo contrário, radica em um dado adquirido da história do Renascimento (e da crítica textual de vários autores clássicos): a *translatio* da cultura clássica de Constantinopla para a Itália. Por conseguinte, falar da perda de Constantinopla era falar da perda de uma parte da sua própria identidade cultural.

5. 2. *Dialogus de somnio quodam*: o problema da continuidade de Roma e Constantinopla

No entanto, o problema da continuidade de Roma e Constantinopla — as duas cidades que significavam para a Europa o mesmo que os olhos para o corpo — foi colocado por

[18] WOLKAN III/FRA 68, ep. 112, 21 de Julho de 1453, Graz, pp. 208 s. Um dos aspectos de maior interesse nesta carta, e não obstante ser endereçada a alguém que já lá tinha estado, é a preocupação constante em situar a cidade no mapa da Europa (ver a este respeito *ibidem*, p. 207).

[19] Ver infra, pp. 273 ss.

Piccolomini no plano do tempo histórico e no plano da eternidade em uma obra em que o destino das duas cidades é figurado por um processo alegórico tomado da *Comédia* de Dante: *Dialogus de somnio quodam*. Todavia, como se verá pela análise que se segue, a ordem dantesca entre ambos os tempos, i.e., o tempo terreno e o tempo celeste inverte-se.

O diálogo apresenta-se, à primeira vista, como uma divagação sobre temas díspares unidos pelo gosto da dissertação erudita dos seus intervenientes. Na análise que se segue pretende-se demonstrar que existe uma hierarquia de temas e o destino das duas cidades é a matéria para um questionamento mais amplo: o da cidadania tal como os humanistas a pensam.

O *Dialogus de somnio quodam*, enquanto obra escrita no rescaldo da tomada de Constantinopla e sob a forma de diálogo, tem um paralelismo com o *De pace fidei* de Nicolau de Cusa, escrito igualmente em 1453. Trata-se de um diálogo que reproduz a visão de um homem piedoso que, chocado com a violência cometida pelo "rei dos Turcos" durante a tomada de Constantinopla, obteve como resposta às suas orações a dita visão. Já no plano da visão, o diálogo começa por referir o sentimento contristado do Rei do céu e da terra diante das notícias que lhe chegam acerca dos conflitos por motivos de religião e que o levam a convocar um concílio.[20] Os participantes em tal concílio variam ao longo da obra: no início, um grego, um italiano, um árabe, um índio, um caldeu e um judeu; em uma segunda fase entram em cena sob a direcção de S. Paulo, um cita, um francês, um persa, um sírio, um espanhol, um turco e um alemão; e, na parte final, e ainda sob a direcção de S. Paulo, comparecem um tártaro, um arménio, um boémio e um inglês.[21] Trata-se de uma autêntica projecção da cosmografia contemporânea no plano celeste. Todavia, os interlocutores quase nem discutem, tal é a sua concordância no intuito de satisfazerem o propósito da sua reunião: demonstrar que não existe senão *religio una in rituum varietate*.

A semelhança com o escrito de Piccolomini é grande, como se verá em seguida, pelo menos no que toca ao impulso que gerou ambos os escritos e ao motivo da visão. No

[20] *Aiebat enim Rex caeli et terrae ad eum de regno huius mundi tristes nuntios gemitus oppressorum attulisse, ob religionem plerosque in invicem arma movere et sua potentia homines aut ad renegationem diu observatae sectae cogere aut mortem inferre* (Nicolau de Cusa, *De pace fidei*, I, 2, p. 4 ll. 10-14).

[21] Cf. introdução de João Maria André à sua tradução (*A paz da fé seguida de Carta a João de Segóvia*, Coimbra, Minerva, 2002 (Hermes; 6), pp. 11 ss.

entanto, as semelhanças ficam-se por aqui e os intentos de ambos são bastante diversos. Pouca relevância terá para o presente propósito a questão de uma suposta influência do prelado alemão sobre o italiano. Mais importantes porém serão as diferenças que o diálogo de Piccolomini revela e, antes de mais, as diferenças em relação à sua produção anterior.[22]

De facto, é impossível não notar o contraponto entre o *Somnium de fortuna* e o *Dialogus de somnio quodam.* O *Somnium de fortuna* partiu da visão dos domínios da Fortuna no além e enunciou o seu poderio sobre as cidades; o *Dialogus de somnio quodam*, por sua vez, é uma discussão de ideias fundamentais de política como prolegómenos à discussão de duas cidades importantes no momento histórico: Roma e Constantinopla.[23] Uma outra diferença de base entre ambas as obras é o quadro ideológico: o *Somnium de fortuna* pressupõe uma visão pagã do tempo; o *Dialogus de somnio quodam*, pelo contrário, situa-se no universo cristão (quer do ponto de vista da configuração do espaço e do tempo, quer do ponto de vista das personagens introduzidas). Aquilo que o *Somnium de Fortuna* tratava "in una prospettiva immanentistica e stoica"[24] o *Dialogus* elevou-o a uma perspectiva transcendente e cristã graças à imitação de processos de alegoria da Comédia dantesca.

Sublinhe-se, ainda, uma outra oposição entre ambas as obras a respeito da configuração ética da acção humana que pressupõem: controlada pelos caprichos e imponderabilidades da fortuna no *Somnium*; fundadora da responsabilidade, alicerçada no livre arbítrio no *Dialogus*. Por conseguinte, justifica-se — ainda que parcialmente, na nossa opinião — o juízo de Stefano Cremonini segundo o qual o tema da obra é a responsabilidade do homem e, em primeiro lugar, do príncipe cristão.[25]

A obra é, nas palavras de Alessandro Scafi, uma versão humanística da *Divina Comédia*, na medida em que toma o modelo medieval do sonho sob uma forma literária humanística

[22] De resto, sobre a diferença de temperamentos, interesses, formação e pontos de vista de Nicolau de Cusa e Piccolomini ver BAUM, Wilhelm, "Nikolaus von Kues und Enea Silvio Piccolomini — eine Humanistenfreundschaft?," in THURNER, Martin (Hrsg.), *Nicolaus Cusanus zwischen Deutschland und Italien: Beiträge eines deutsch-italienischen Symposiums in der Villa Vigoni*, Berlin, Akademie Verlag, 2002 , pp. 315-338.

[23] Sobre a transmissão textual desta obra ver supra introdução p. 78 e n.

[24] CREMONINI, Stefano, "Umanesimo e storia nel *Dialogorum libellus de somnio quodam*, in SECCHI TARUGI, *Pio II umanista...*, p. 190.

[25] "Esse [sc. il tema della responsabilità] emerge ciclicamente, quando si parla della necessità della concordia, della caccia come irresponsabile distrazione, dell'avarizia distruttrice dei legami sociali, ma sopratutto del libero arbitrio. Già Valla aveva indicato il rischio insito nella negazione di quest'ultimo alla luce di un'interpretazione fatalistica della prescienza divina" (*ibidem*, p. 182).

por excelência, o diálogo.[26] O modelo do sonho no entanto, não significa que se esgote na visão do além; pelo contrário, a ordem das preocupações terrenas, e em especial políticas, permanecem sempre em relevo. Na verdade, situado na véspera da alocução aos embaixadores de Nicolau V junto de Frederico III, o diálogo pretendia mobilizar a opinião política europeia para a necessidade de uma campanha militar contra o poderio turco.[27]

Depois de considerações iniciais sobre o valor dos sonhos — retiradas umas da tradição clássica (Vergílio e episódios da história grega ou romana em que os sonhos anteciparam a realidade); outras da Escritura (história de José, de Daniel, e uma citação do Eclesiástico), e que servem ambas para caucionar o valor de profecia histórica do próprio sonho de Enea, a obra principia com uma cena imitada do *Inferno* dantesco. Tal como na *Comédia* também Enea se perde em uma paisagem horrenda que o lança em angústia:

> *Videbar mihi longas atque incognitas ire uias, sine comite, sine duce, inter asperas et abruptas rupes, inhospitem terram et stabula alta ferarum. Sol inclinatus uesperum prouocabat, cum maiores caderent altis de montinus umbre. Flumina profunda, et immense sub pedibus lacune, in quas ne ruerem per tenebras magnus me timor habebat. Deficit subito lumen; horresco; surgunt toto uertice crines, et quamuis mouere pedes non audeo, oculos tamen in omnes dirigo partes, et aures arrigo, si quem aut uideam aut audiam uenientem. Quid agerem, quo me uerterem?*[28]

[26] Ver Scafi, Alessandro, "Il Dialogo su un sogno di Enea Silvio Piccolomini," in Piccolomini, Enea Silvio, *Dialogo su un sogno. Dialogus de somnio quodam,* saggio introduttivo, traduzione e note di Alessandro Scafi, Torino, Nino Aragno, 2004, p. 51. Ver do mesmo autor um artigo que explana o paralelismo entre uma e outra obra: "Un senese in paradiso: il viaggio letterario di Enea Silvio Piccolomini nell'aldilá di Dante e Virgilio," in Mecacci, Enzo (a c. di), *Conferenze su Pio II nel sesto centenario della nascita di Enea Silvio Piccolomini (1405-2005)*, Siena, Academia Senese degli Intronati, pp. 67-108. Sobre o diálogo renascentista ver Resende, André de, *Aegidius Scalabitanus. Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*, estudo introdutório, edição crítica, tradução e notas de Virgínia Soares Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000 (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas), pp. 67-86. Na verdade, o modelo dantesco combinado com o sonho também aparece em *Della vita civile*, de Matteo Palmieri sob forma de um sonho atribuído a um companheiro de Dante, morto na batalha de Campaldino (*Della vita civile*, p. 200, l. 241 ss) — em cuja composição, aliás, o seu autor denota a influência de Stefano Porcari no seu discurso laudório de Dante (ver Miglio, Massimo, "Viva la libertà e populo de Roma.' Oratoria e politica: Stefano Porcari," in *Palaeographica Diplomatica et Archivistica: studi in onore di Giulio Battelli*, Roma, Storia e Letteratura, 1979, pp. 387-421; e também Baron, Hans, "The memory of Cicero's Roman civic spirit in the medieval centuries and in the Florentine Renaissance," in Idem, *In Search of Florentine civic humanism. I*, Princeton (N. J.), Princeton University Press, 1988, p. 127, n. 54). Como nota Stefano Cremonini, Dante é o único poeta de língua vulgar mencionado na carta ao cardeal Zbigniew Olesnicki, cf. "Umanesimo e storia...," in Secchi Tarugi, Luisa (a c. di), *Pio II umanista europeo: atti del XVII convegno internazionale (Chianciano-Pienza, 18-21 luglio 2005)*, Firenze, Franco Cesati, 2007 (Quaderni della Rassegna; 49), pp. 179-197.

[27] No entanto, a imitação de Dante não deve obliterar a profunda divergência entre ambos os autores no que ao tempo diz respeito. Para o poeta florentino as energias do homem não deveriam ser dirigidas para falsos objectos, mas para o seu Criador (ver Quinones, *The Renaissance discovery...*, pp. 30-31). Como se verá adiante, Piccolomini escreve o *Dialogus* precisamente com o intento de legitimar a urgência de dedicação ao tempo presente e à cidade terrena.

[28] *Dialogus de somnio quodam*, ed. Cugnoni, p. 551 (= trad. Scafi, pp.117-118).

A este momento de irresolução e de angústia segue-se, tal como no *Inferno*, o socorro enviado do alto, não na pessoa de Vergílio, mas do santo que Enea conhecera pessoalmente: S. Bernardino de Sena. À perplexidade de Enea, diante das circunstâncias em que se vê, acorre a sabedoria do santo que começa por lhe apresentar o lugar, que é a morada de Lúcifer: junto de um vale tenebroso, abria-se em direcção ao infinito um vasto abismo, entre duas montanhas escarpadas — esse era o lugar, esclarece o narrador, destinado às cidades caídas, e onde se encontrava a corte do rei do Tártaro, rodeado de fogo de enxofre e das chamas do Flegetonte. Nesse lugar se encontra também uma linhagem de condenados que principia em Caim e termina em Maomé.[29]

Depois de S. Bernardino de Sena lhe recordar o seu percurso biográfico e lhe increpar os seus vícios, nomeadamente a sua ambição desmedida, o orgulho e o abandono da sua igreja,[30] Enea desculpa-se do abandono com os votos, feitos há meses, de regressar ao cuidado da diocese; votos que no entanto seriam frustrados por um desígnio maior: o da cruzada anti-turca que foi o tema principal da dieta de Ratisbona.[31] E com a promessa de aceder ao convívio de ilustres soberanos de outrora que discutem sobre a última novidade, a queda de Constantinopla, e sobre o problema turco, dirigem-se para o Paraíso.[32]

Para lá chegar era preciso atravessar a morada de Plutão e ladear o fogo do purgatório. De súbito, acossado por dois tigres, surge Piero da Noceto, o secretário do Papa Nicolau V, que conta como ali chegou depois de uma visita que fez, juntamente com Maffeo Vegio, Lorenzo Valla e Biondo Flavio, a Subiaco. A conversa em Subiaco entre Noceto e os três humanistas, que é relatada a Piccolomini e S. Bernardino de Sena, abrange temas bastante diversos, que vão desde o valor da poesia[33] — um tema que certamente seria actual no

[29] *Ibidem*, p. 552 (= trad. Scafi, p. 121).

[30] *Sponsam modo castissimam deseris, oues tuis manibus requiret Deus. Quid tibi cum Cesare? quid agis? quid moliris? Frederici fauorem sectaris, qui te altius euehat, ecclesiastica beneficia cumulet, census augeat, honores adduplicet. Et quis erit unquam modus ambitionis tue? Quid tibi satis erit, si Senensis ecclesia non est satis?* (*ibidem*, p. 552 = trad. Scafi, pp. 123-124).

[31] *Recognoui tamen iam pluribus mensibus erratum meum et aduocatus multis sponse precibus, statueram domum repetere, et quod tua nunc monita suadent, meopte ingenio facturus eram. At cum sarciunculas collegissem, iamque maxime principi et amicis ueteribus ultimum uale dixissem, uenit apostolice sedis legatus ad Cesarem, qui Thurcorum crudelia in christianos facta commemorans, colligendum exercitum obuiandumque perfide genti diceret. Tum Cesar, qui iam me libens dimiserat: Conuentus, inquit, Aenea, apud Ratisponam nostrorum principum est habendus, in eo quid sit contra Thurcos agendum consultabimus* (*ibidem,* p. 553 = trad. Scafi, p. 126).

[32] *Sed ducam te in loca, que miraberis, ubi magnos et uidebis et audies proceres, qui ante plura secula mundo mortui de Constantinopolitana nouitate inter se disputant: ibi nonnihil intelliges ad rem Turchorum pertinens* (*ibidem,* p. 554 = trad. Scafi, p. 127).

[33] *Ibidem,* p. 556 (= trad. Scafi, p. 136 ss).

ambiente da cúria romana[34] — à questão da justiça no governo da cidade (tema que é desenvolvido com a discussão em torno da possibilidade de haver uma cidade sem justiça).[35] A esse respeito o comentário de S. Bernardino — que a justiça era o valor mais caro, mesmo para Deus, e que a proliferação dos vícios entre cristãos era a razão última do êxito dos Turcos — introduz a justificação teológica do momento histórico europeu.

Piero da Noceto, depois de terminada a conversa na biblioteca de Subiaco, sai para caçar e perde-se na floresta; é perseguido por dois tigres e chega ao lugar onde S. Bernardino e Piccolomini o encontram. O restante diálogo prossegue por temas diversos como o valor da caça,[36] o lugar do Paraíso,[37] e retoma posteriormente a questão inicial de Constantinopla.[38]

O diálogo eleva a um plano cosmológico a questão da sobrevivência histórica do Império, mas o seu tema, o que se discute mais ampla e profundamente, é definido pelas duas cidades maiores mais importantes desse Império: Roma e Constantinopla.[39]

A discussão de Roma articula-se em torno de dois momentos. O primeiro desses momentos é o da evocação do projecto biondiano de uma "restauração" de Roma, projecto de que Piccolomini se distancia com base em uma opinião que diz respeito à relação entre a cidade e o tempo e que aqui importa explicitar. Quanto Piero lhe conta como Biondo, ao pesquisar na biblioteca de Subiaco subsídios para a sua topografia de Roma, descobriu o que pensava ser o livro de Sexto Rufo (na verdade, era um *Regionarius*)[40], Enea mostra-se céptico a respeito dos pressupostos do projecto:

> *AENEAS. Non intelligo quid sibi uelit Roma restaurata, quam scimus laceram esse et omni ex parte iacentem: in qua si quid noui operis erigitur, demptis paucis que Nicolaus quintus noster pontifex sororia priscis edificauit, instar nidorum esse uidetur, quos nostris in edibus*

[34] Sobre o diálogo como reflexo do ambiente curial romano, ver SCAFI, Alessandro "Il Dialogo su un sogno di Enea Silvio Piccolomini," in PICCOLOMINI, *Dialogo su un sogno...*, p. 88. Note-se, a propósito deste ambiente curial, a naturalidade de uma conversa entre pares que domina o diálogo entre S. Bernardino, Noceto e Enea, quando comparado com o carácter reverencial da relação entre Vergílio e Dante na *Divina Comédia*.

[35] *Ibidem,* p. 558 (= trad. SCAFI, pp. 145 ss). A breve discussão sobre a justiça é despoletada pela menção do *De Republica* de Cícero e a possibilidade de se achar um códice com o texto que na altura era desconhecido.

[36] *Ibidem,* p. 560-566 (= trad. SCAFI, pp. 154-174).

[37] *Ibidem*, pp. 566-567 (= trad. SCAFI, pp. 175-180).

[38] *Ibidem,* p. 568 (= trad. SCAFI, pp. 180 ss).

[39] A comparação entre as duas cidades tinha sido o tema, embora com outros intentos, de uma carta de Manuel Crisóloras ao imperador João, conhecida pelo título *Veteris ac novae Romae comparatio* (1411); o texto, conhecido nos círculos humanísticos (e particulamente no de Guarino de Verona), encontra-se em MIGNE, *Patrologia Graeca*, 156, cols. 23-54.

[40] Ver supra introdução, p. 51.

> *yrundines construunt, neque si coeant Europe uires Romam possint ad pristinam faciem redigere: habent et urbes suum terminum, neque cadentes surgunt, neque senescentes iuuenescere possunt.*
>
> *PETRUS. Vrbis Rome non ille templa aut menia restaurat, ruinarum notitiam ad memoria reuocat. Idque Romam restauratam appellat.*[41]

A ressalva de Piero da Noceto modera a provocação de Enea, mas apenas no que diz respeito ao ponto de vista sobre os objectivos e intenções da obra de Biondo. Ora, a Roma que Enea visa não é a Roma "literária" de Biondo, mas sim a Roma contemporânea; essa mesma que nem os projectos arquitectónicos de Nicolau V, construídos sobre modelos antigos, salvavam do ciclo de vida que as cidades percorrem exactamente da mesma forma que se observa nos organismos vivos: nascimento, juventude, velhice, morte. É um ciclo temporal inexorável na opinião de Enea. Para a decrepitude de Roma já não havia ressurreição possível?

Há quem afirme que este passo pode ser interpretado como um momento de fatalismo passageiro ou como uma inspiração bebida no conceito cíclico de história presente em autores da idade augustana: em todo o caso, não seria contrário à crença profunda de Pio II na ideia de renascimento que o seu projecto de remodelação do Vaticano ou o de Pienza pressupõem.[42] Contudo, se a ideia foi uma reacção ocasional, como se explica que noutro passo se repita, pela boca de S. Bernardino, a respeito do estado em que se encontravam as cidades do património pontifício? O contexto em que S. Bernardino desenvolve o argumento (já acima recordado) é o da superioridade do governo de um sacerdote em relação ao de um leigo; e de que as cidades decadentes do património pontifício não serviam de prova em contrário porquanto isso se devia à sua natureza:

> *Suntque ciuitates ille, ut nosti, ueteres, et, ut est uitium senectutis, suapte natura collabuntur. Sic omnia uerti cernimus, atque alias assumere robora gentes.*[43]

Para mais, a ideia não era nova em Piccolomini: em 1449, em carta a Juan de Carvajal, na qual relata um sonho que é o embrião do *Dialogus*, escreveu:

---

[41] *Dialogus de somnio quodam*, ed. Cugnoni, p. 557 (= trad. Scafi, pp. 142 s).

[42] "In any case, the concept of rebirth was very much on the more confident mind of the new Pope Pius II only a few years later. It formed a conscious part of his plans for the rebuilding of the Vatican and was very much evident when he set about reforming his own rustic birthplace" (Mack, *Looking at the Renaissance...*, p. 78).

[43] *Dialogus de somnio quodam*, ed. Cugnoni, p. 580 (= trad. Scafi, pp. 226 s).

> *stant et sua urbibus fata. ubi nunc Babilonia, ubi Athene, ubi Carthago, ubi Sparta, ubi columen orbis Roma? nihil sub luna perpetuum est.*[44]

Aliás, e conforme nota Eugenio Garin a propósito do citado passo do *Dialogus de somnio quodam*, a discussão em torno da vida e morte das cidades estava em voga no ambiente da cúria romana, como mostra um texto de Cencio Romano, em que este humanista defende que as cidades podem ressuscitar pela mão humana.[45]

O segundo momento de discussão dedicado à cidade de Roma prende-se com o tema da doação de Constantino, e as suas implicações não são de todo independentes do primeiro.

A questão em torno do *Constitutum Constantini* inscreve-se no problema mais amplo e fundamental para toda a história da cidade de Roma da delimitação entre poder temporal e poder espiritual. A questão é, aliás, das mais importantes do texto como se comprova pelo facto de a sua tradição a ter inscrito no próprio título.[46]

O título e a fugaz aparição de Valla no encontro de humanistas em Subiaco, onde introduz o tema da justiça, são a explicitação da intertextualidade com a obra *De falso credita et ementita donatione Constantini*.[47]

Antes de qualquer referência a Valla, note-se que a figura de Constantino ou a sua falsa doação eram invocadas ora pelo Império ora pela Igreja com intuito de defender os interesses próprios.[48] Basta recordar o relato de Otão de Frisinga que refere um levantamento popular em Roma, no tempo de Inocêncio III, com o objectivo de restabelecer a *antiquam Urbis dignitatem*, a que o Papa se opôs com base na pseudo-doação:

> *Verum sapientissimus antistes previdens, ne forte ecclesia Dei, quae per multos annos secularem Urbis honorem a Constantino sibi traditum potentissime habuit, hac occasione*

[44] Wolkan II / FRA 67, ep. 81 a Juan de Carvajal, Laibach, 13 de Outubro de 1449, p. 91.

[45] *Nam licet divinitus ut cetera Plato dicat quod civitates senescunt ac moriuntur veluti homines, tamen fieri potest ut aut confectae senio civitates aut mortuae, opera hominum vel repuerescant vel in vitam convertantur* (apud Bertalot, Ludwig, "Cincius Romanus und seine Briefe," in *Quellen und Forschungen aus Italienischen Archiven und Bibliotheken*, 21, (1929-1930), cit. por Garin, Eugenio, La letteratura degli umanisti, in Cecchi, Emilio; Sapegno, Natalino (eds.), *Storia della Letteratura Italiana. Vol. 3: Il Quattrocento e l'Ariosto*, nuova edizione accresciuta e aggiornata diretta da Natalino Sapegno, Milano, Garzanti, 1988, pp. 189 s). Sobre o texto platónico a que Cencio alude, Garin indica a *República,* mas tratar-se-á com mais probabilidade de *Leg.,* 676b.

[46] Daí que Mansi e, na sua peugada, Cugnoni lhe tenham dado o título: *Dialogus de donatione Constantini* (cf. introdução, p. 78).

[47] Segundo Simona Iaria, Piccolomini toma conhecimento do tratado de Valla depois de 1445: cf. "Tra Basilea e Vienna: letture umanistiche di Enea Silvio Piccolomini e la frequentazione della 'biblioteca' di Francesco Pizolpasso," in *Humanistica Lovaniensia*, 52 (2003), p. 30). No entanto, Zippel admite uma recepção por parte de Piccolomini ainda nos seus tempos de Basileia ("Enea Silvio..., p. 315).

[48] Vide Frugoni, Chiara, "L'Antichità: dai *Mirabilia* alla propaganda politica," in Settis, Salvatore (a c. di), *Memoria del' Antico nell' arte italiana. Tomo primo: L'uso dei classici*, Turim, 1984, pp. 62 ss.

> *quandoque perderet, multis modis, tam minis quam muneribus, ne ad effectum res procedat, impedire conatur*.[49]

O chamado *Constitutum Constantini* atribuía ao imperador Constantino a decisão de doar ao Papa, nomeadamente e o que mais interessa para o presente trabalho, a cidade de Roma.[50] Uma demonstração da falsidade do escrito anterior à de Valla, fora aventada por Nicolau de Cusa que, em *De concordantia catholica*, refutava comprovadamente a sua autenticidade histórica.[51] O que Valla traz para o debate é a sua impostação pessoal de todo o problema com a sua acribia filológica e acutilância oratória. Para Valla o papado tem uma importância, quer histórica, enquanto defensor da cultura, quer eclesial e teológica.[52] O que estava em causa era um combate pela verdade: *errorem a mentibus hominum convellam*.[53]

Para se perceber o jogo de parada e resposta entre o escrito de Valla e o diálogo de Piccolomini leia-se o passo em que Valla ficciona a reacção do Papa Silvestre a uma doação desse tipo. O discurso do Papa nega liminarmente que os sacerdotes pudessem ter um poder temporal:

> *Iam vero innocentia sacerdotum quomodo incolumis erit inter opes, inter magistratus, inter administrationem secularium negotiorum? Ideo ne terrenis renuntiavimus, ut eadem uberiora assequamur? et privata abiecimus, ut aliena possideamus et publica? Nostra erunt urbes, nostra tributa, nostra vectigalia? Et cur clericos, si hoc fecerimus, nos vocari licebit?*[54]

Ora, no *Dialogus de somnio quodam* Enea faz, pela boca de S. Bernardino, a defesa do empenho nas actividades seculares especificamente para um sacerdote ou bispo. A ideia, vale a pena relembrá-lo, não difere do perfil de bispo imaginado por Alberti no *De re aedificatoria*.[55] No entanto, o fundamento invocado para as actividades seculares, nesse passo, são as actividades dos apóstolos e dos Santos Padres, em primeiro lugar; e, em segundo lugar,

[49] Otão de Frisinga, *Chronicon*, VII, 27, MGH, SS, XX, p. 353). Cf. Frugoni, "L' Antichità...," p. 54. Ao mesmo tempo, como nota a mesma autora, os *Mirabilia* com a sua lenda popular sobre a estátua equestre de Constantino tentavam diminuir o seu papel em face do papado.

[50] Segundo a perífrase de Valla (que não reproduz o texto do *Constitutum*): *Suam esse aiunt urbem Romam, suum regnum Siclie Neapolitanumque, suam universam Italiam, Gallias, Hispanias, Germanos, Britannos, suum denique occidenteem: hec enim cuncta in ipsa donationis pagina contineri*. (*De falso credita et ementita donatione Constantini*, Weimar, Hermann Böhlaus Nachfolger, 1976, Monumenta Germaniae Historica. Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters; 10, p. 60, ll. 11-14).

[51] Cf. *De concordantia catholica*, edidit atque emendavit Gerhardus Kallen, indices ediderunt Gerhardus Kallen et Anna Berger Hamburg, Felix Meiner, 1959-1968, (Opera Omnia Nicolai de Cusa; 14), III, 2 ss pp. 328-337.

[52] Ver p. 58, ll. 15 ss; ver introdução de Wolfram Setz a Valla, *De falso credita et ementita donatione Constantini*, p. 14.

[53] Valla, *De falso credita et ementita donatione Constantini*, p. 59, l. 3.

[54] *Ibidem*, p. 78, ll. 14-20.

[55] Cf. introdução, p. 66.

a mais alta consideração que Cícero atribuía à vida em sociedade (*ciuitas*) bem como à dedicação ao respectivo governo, de acordo com o sistema filosófico-religioso exposto no sonho de Cipião:

> *Petrum et Andream scimus in apostolatu piscatos esse; sanctos patres edificasse domos, coluisse uineas, agros seruisse, armenta pauisse: que tamen secularia negotia nemo, qui sapiat, inficias ibit. Et que uinea pulchrior est, quis ager feracior, quam populus bene cultus ac iusticie sarculo mundata ciuitas? "Nihil est, inquit ille Cicero, quod illi principi Deo, qui omnem mundum regit, quod quidem in terris fiat acceptius: quam concilia cetusque hominum iure sociati, que ciuitates appellantur. Harum rectores et conseruatores hinc profecti, huc reuertuntur."*[56]

O argumento, tal como é exposto por S. Bernardino, não tem em vista apenas a exaltação do bem comum, mas antes a defesa do governo da sociedade por sacerdotes equiparados aqui aos reis-filósofos de Platão:

> *Crassa procul dubio, et supina nimis ignorantia est eorum, qui tanti boni, quantum in administrandis ciuitatibus acquiritur, sacerdotes expertes aiunt; cum dixerit discipulis suis Dominus: Venite post me, et faciam uos piscatores hominum. Neque enim alii uerius piscantur homines, quam qui ciuitatibus presidentes, exemplo et uerbo populos instruunt et in sagenam mittunt salutis eterne. Beatas hinc fore respublicas dicebat Plato, si rectores earum studere sapientie contigisset.*[57]
>
> *Decet igitur hominem querere que laude digna sunt, nihil ex his negligere que suo incumbunt officio, communi utilitati consulere, inertiam atque otium fugere; homo enim si quid per laborem fecit labor ille ab eo cito recedit. benefactum neque in hac uita neque in altera deerit. At si qua per uoluptatem nequiter aguntur, uoluptas cito abit; turpis facti memoria indelebilis est. Quod si nouit altissimi plenitudo consilii quibus negligentibus quibusque laborantibus Turchorum manus aut exterminabitur aut magnificabitur, cum sit liberum homini inter quos uelit annumerari: ille profecto melior, ille sapientior et acceptior Deo putandus est, qui negligentiam fugiens in honesta causa laborantibus sese iungit.*[58]

Parece incongruente, à primeira vista, que, na mesma obra em que Piccolomini se insurge contra tentativas de restauro de Roma, tente refundar a importância do papado no

[56] *Dialogus de somnio quodam*, ed. CUGNONI, p. 580 (= trad. SCAFI, p. 226). Foram acrescentadas aspas ao texto de Cugnoni que não assinala a citação de CÍCERO, *De republica*, VI, 7.

[57] *Ibidem*, p. 580 (= trad. SCAFI, p. 226 s.). A ideia não abole a distinção entre Império e papado, antes pressupõe a complementaridade dos poderes distintos assignados a cada um por mandato divino, conforme S. Bernardino explica na sequência do seu argumento. Sobre a ideia de que os dignitários eclesiásticos têm essencialmente uma função política, ver o seu discurso, já como Papa, perante o consistório reunido para a criação de novos cardeais: *Ita enim vivitis, ut non ad Rem Publicam gubernandam electi, sed ad voluptates perfruendas vocati videamini.* [...] *De numero ipsi iudicabimus, curaturi ne vel nimietate vilescat dignitas, vel paucitate Reipublicae non satisfaciat.* (*Commentarii,* IV, 9, p. 670). E também: *Vos senatores Urbis et regum similes eritis, veri mundi cardines super quibus Militantis ostium Ecclesiae volvendum ac regendum est* (*ibidem,* IV, 11, p. 682).

[58] *Dialogus de somnio quodam*, ed. CUGNONI, p. 588 (= trad. SCAFI, p. 247).

plano temporal servindo-se da argumentação ciceroniana sobre a primazia do bem comum ou do argumento platónico dos reis-filósofos. Piccolomini visava menos a cidade do que a própria cristandade na sua articulação com o Império. Não obstante, esse argumento tem consequências para a cidade de Roma. Com efeito, este é um programa para Roma não muito diferente, nos seus objectivos, daquele que Nicolau V pusera em marcha, ou seja, no sentido de consolidar o papado como protagonista e moderador no conjunto das nações. Este quadro de defesa da iniciativa política do papado tem uma referência muito concreta no próprio diálogo, que é a responsabilização da cristandade ocidental perante a queda de Constantinopla.

Aqui entra a questão de Constantinopla, cuja ruína era o motivo próximo da assembleia celeste. Retomemos, então, o fio do diálogo.

Após o relato de Piero da Noceto, e uma discussão sobre a legitimidade da caça, S. Bernardino apresenta aquilo que era, afinal, o motivo do encontro dos três interlocutores: assitir a uma reunião de espírito de notáveis que há-de discutir a queda de Constantinopla. Para isso S. Bernardino começa por contar como Constantino, perturbado com a conquista daquela que era a sua própria cidade, dirigiu súplicas a Deus para que defendesse os cristãos.[59] A resposta de Deus censura os cristãos, e em particular os do Oriente, por erros doutrinais vários: arianismo, iconoclasmo, processão do Espírito Santo; e conclui que o castigo era merecido. Por isso, recomenda a Constantino que desça ao Paraíso terrestre e converse com quem lhe aprouver sobre o assunto.[60]

A cena seguinte decorre no Paraíso terrestre e nela os interlocutores do diálogo observam o cortejo das almas dos participantes no concílio sobre Constantinopla.

Na longa sucessão de imperadores do Ocidente e Oriente, e na narrativa das vicissitudes do império do Ocidente (saque de Roma, invasões dos Hunos, guerras góticas ...), alguns comentários reconduzem o diálogo ao essencial: a reflexão sobre a política. É assim que a avareza do imperador Maurício da Capadócia suscita a Enea uma severa reprovação da avareza dos príncipes — muito mais grave do que no simples cidadão —, no que é secundado por Piero da Noceto.[61]

[59] *Ibidem*, p. 569 ss (= trad. Scafi, pp. 186 ss).

[60] *Ibidem*, pp. 569-570 (= trad. Scafi, pp. 189-192).

[61] *Mihi auarus omnis dignus odio uidetur, sed multo magis qui reipublice curam gerit; nam priuatus si quis auaritie studet proximum necat: princeps auarus rempublicam iugulat* (*ibidem*, p. 613 = trad. Scafi, p. 344).

O diálogo permanece inacabado e a última observação, ainda sobre o imperador Maurício, e que é feita pela boca de S. Bernardino, retoma um tema importante para o autor, a saber, o carácter romano do Império, independentemente de ser transferido para o Oriente e assumido na pessoa de um grego:

> *BERNARDINVS Sedem imperii Constantinus ad Grecos deduxit, imperium inter Romanos mansit, quamuis more suo nunc Hispanos, nunc Pannonios, nunc Dalmatas, nunc alterius regionis homines ad imperium accersirent. Omnes tamen aut usu castrensi, aut urbis incolatu, seu priuilegio prius quam imperarent, in gentem romanam transiuerant, ipsaque Constantinopolis ex inhabitatione Romanorum, quos secum Constantinus adduxit, noua Roma uocata est. Ex Grecis qui primus imperauerit Mauritium tradunt...*[62]

A assembleia que seria o clímax da obra não é narrada — o que deixa na indefinição o significado da obra. Como ler, então, a obra? Uma sanção no plano da eternidade daquilo que era irremediavelmente um facto no plano do tempo histórico? Ou um apelo à acção, tanto mais que se recorda em uma das discussões mais longas do diálogo a compatibilidade do livre arbítrio e da fortuna (ou a Providência com a qual é identificada)?[63]

Não há dúvidas quanto à importância da responsabilidade e da acção humana no curso da história em todo o diálogo, conforme já se viu.[64] No entanto, o que se pode deduzir do diálogo no que diz respeito à relação de Constantinopla com o tempo? Será o fim abrupto uma forma de respeitar a imperscrutabilidade do plano divino e deixar para o plano histórico da acção humana a acção que urge?

Por muito interessantes que sejam tais questões é forçoso deixá-las em aberto. Pelo contrário, a identidade de Constantinopla tal como a de Roma tem, no ideário de Piccolomini, elementos que não se esgotam no seu destino histórico e as aproximam daquilo que Kantorowicz designa como *fictio*.

5. 3. A cidade como *fictio ueritatis*

Segundo Kantorowicz, um dos elementos fundamentais da teoria política medieval acerca do Império é a sempiternidade, ou seja, a crença de que o Império haveria de permanecer até ao fim do tempo em paralelo com a Igreja militante.

[62] *Ibidem*, p. 615 (= trad. Scafi, p. 351). A tese já se encontra na sua produção publicística anterior (ver Piccolomini, *De ortu et auctoritate imperii Romani*, p. 66, ll. 205 s, onde afirma acerca do Império: *pervenit etiam ad Grecos diuque apud Constantinopolim tante gloria dignitatis permansit*).

[63] *Dialogus de somnio quodam*, pp. 582-587 (= trad. Scafi, pp. 230-247).

[64] Cf. supra pp. 264 e 271.

Essa ideia ganhou raízes no pensamento jurídico e uma das suas expressões é a sua aplicação às entidades corporativas. Uma universidade ou uma cidade, embora compostas de vários membros que morrem sucessivamente ao longo de gerações, não têm uma continuidade identitária garantida pelos seus membros, ou por uma qualquer abstracção, mas sim pela noção filosófico-jurídica de pessoa fictícia (*fictio*). A *fictio*, como afirma Kantorowicz, não é uma *communitas* genérica como, por exemplo, a cidade abstracta considerada independentemente dos membros que nesse momento a compõem.[65] Também não está ao mesmo nível das personificações de cidades como as já citadas no *Somnium de Fortuna*. As cidades tomadas como *universitates* não tinham um corpo visível, mas antes um corpo jurídico e invisível.

É importante notar que esse corpo jurídico tem uma relação com o tempo. Para Kantorowicz uma *universitas*, diferentemente das imagens de cidades como deusas antropomorfizadas, era um entidade "angelomórfica;" com esse termo, o historiador pretendia definir a relação entre tempo e cidade (um exemplo de *uniuersitas*), como sendo de sempiternidade.[66] A esse respeito afirmava Baldo degli Ubaldi: *quod universale est non potest morte perire, sicut homo in genere non moritur*[67] — pensamento que se aplica à *universitas* que é a cidade.

Na verdade, Kantorowicz, no seu afã de sublinhar o pensamento jurídico sobre a continuidade e as respectivas afinidades e paralelismos com o pensamento escolástico, omite a afirmação em contrário que Baldo exprimira na mesma obra, o *Commentarium de pace Constantie*. Nela afirma o jurista perusino: *sed ex parte ciuitatum exponitur, in perpetuum, idest vsque ad vitam ciuitatis, nam ciuitas mori potest, si auctoritate superioris damnetur ad aratrum*.[68] Portanto, e ao contrário da linha de argumentação de Kantorowicz, que unilateralmente se centra nos aspectos do pensamento jurídico relativos à continuidade, as

[65] "For between the generic *communitas* or *universitas* on the one hand, and the individual and material community of Bologna composed of mutable citizens and perishable buildings on the other hand, there arose a third entity different from both, an entity which was immaterial and invariable, though not devoid of individuation, which existed (as it were) in some perpetual aevum, and which appropriately might have been called *Bononitas* or Bolognity, had the lawyers not preferred to talk about the corporate *universitas* — that is the juristic person or personified community" (KANTOROWICZ, *The King's two bodies...*, p. 303).

[66] *Ibidem*, p. 304.

[67] Cit. por KANTOROWICZ *ibidem*, p. 300, n. 61.

[68] Ad v. *Imperialis clementie mansueta serenitas*. O texto é citado segundo a edição: *Lectura super usibus feudorum et super pace Constantiae cum tabula compilata per Ambrosii Tersagi*, Pavia, Leonardus Gerla, 1495, f. 91 v= r 3 v (GW M48723; ISTC iu00040000).

cidades podem morrer. As duas afirmações têm fundamentos diversos: a sempiternidade funda-se na teoria jurídica da personalidade fictícia atribuída às *universitates,* enquanto a afirmação de que as cidades desaparecem se arrasadas por um poder superior, situa-se no plano da factualidade histórica.

Existem cidades que exemplificam essa ambígua situação em face do tempo. Ou seja, cidades que, por um lado, podem ser assimiladas à ficção jurídica medieval que se constitui como argumento contra a variação identitária que o tempo traz consigo; mas que, por outro lado, se vêem ameaçadas pela contingência que a história, e particularmente a história do fim do Império Romano e da Idade Média, recentemente criadas por Biondo, mostrava tão irrefutavelmente, a saber, a de que as cidades, tal como um organismo vivo, estavam sujeitas à morte.

O *Dialogus de somnio quodam* de Piccolomini discute o estatuto de duas cidades que correspondem a esse perfil: Roma e Constantinopla. São duas cidades que, no período em que Piccolomini mais escreve sobre elas (a década de cinquenta) atravessam um período crítico. Roma encontra-se em um período de renovação urbanística, acompanhado de uma convulsão política significativa, mas não está ao abrigo do que se poderia chamar "o efeito Constantinopla." A outrora capital do Império Romano do Oriente, com efeito, sofrera uma viragem histórica com a conquista pelo poder otomano, e projectava sobre Roma o mesmo fantasma de capitulação perante um poder muçulmano.

É significativo que Piccolomini tenha recorrido ao sonho para expor uma visão supra-histórica das duas cidades fundamentais do Ocidente. Ambas as cidades com efeito são reduzidas ao estatuto de *fictio*, dotadas de uma personalidade em que as suas características actuais ou passadas não têm nenhuma relevância, e engrandecidas, em contrapartida, em função da ideia de Ocidente articulada em torno dos dois eixos fundamentais do papado e do Império, por um lado, e da cultura de que tais urbes são a sede. Um tal programa não podia ser mais oposto ao de Alberti ou de Biondo. Sim, que interessava aqui o reconhecimento e a valorização da cidade antiga?

Capítulo 6

Da lição das ruínas à construção de Pienza

A subalternização, operada no *Dialogus de somnio quodam*, do lado material da cidade ao seu significado simbólico não esgota, porém, a relação entre cidade e tempo. Existe, com efeito, na obra de Piccolomini um interesse pelas ruínas que é comum a vários autores no séc. XV, conforme vimos no caso de Biondo, Alberti e Poggio. Aliás, os vários textos da literatura humanística do séc. XV que tomam por tema as ruínas configuram uma tipologia discursiva própria cujos elementos foram identificados por Vincenzo De Caprio.[1] Segundo o autor italiano, as ruínas não se reduzem a um artefacto material, pelo contrário, são percebidas como *monumentum*, valência que lhes enriquece o significado.[2] Ora, o *monumentum*, por sua

[1] Cf. De Caprio, Vincenzo, "Sub tanta diruta mole: il fascino delle rovine di Roma nel Quattro e nel Cinquecento," in Idem (a c. di), *Poesia e poetica delle rovine di Roma: momenti e problemi*, Roma, Istituto nazionale di studi romani, [1987] (Quaderni di studi romani. Ser. 1; 47), pp. 23-52. À primeira vista, textos anteriormente mencionados sobre a tomada de Constantinopla têm algum parentesco com essa tipologia, porém, deve notar-se que não emanam de uma visão ou contemplação das próprias ruínas da cidade — mesmo que fosse por textos interpostos —, antes têm por fim suscitar um efeito emotivo. Não obstante, é um facto que Constantinopla se constituiu como um dos grandes momentos da reflexão sobre as ruínas, ver Carena, Carlo, "Ruína/Restauro," in Romano, Ruggiero (coord.); Gil, Fernando (coord.-resp. da edição portuguesa), *Enciclopédia Einaudi, volume I Memória-História*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 107-129.

[2] Embora as ruínas também possam ser entendidas como mero *aedificium*, nota De Caprio: "Le rovine cioè sono certamente resti di edifici; ma il loro significato culturale, il loro valore conoscitivo, risiede nella loro connessione col *monumentum*" ("Sub tanta diruta...," pp. 24 s). Poderia acrescentar-se, relembrando o que já foi dito acima: o aspecto de *aedificium*, isto é a sua materialidade, era o que interessava predominantemente a Alberti.

vez, pode ser entendido como um instrumento hermenêutico do passado ou, o que se aplica sobretudo às ruínas de Roma, pode sustentar um discurso sobre a eternidade ou a sacralidade e assim apontar para o futuro.[3] A paleta de sentimentos que a *ruina-monumentum* inspira àquele que a considera é variável.

Considerem-se os já mencionados exemplos de discursos que tomam as ruínas como ponto de partida de uma reflexão: a *Roma instaurata* de Biondo ou *De varietate fortunae* de Poggio.[4] As orientações e os pressupostos de uma e de outra obra são diferentes, conforme ficou demonstrado. Em ambos os casos, porém, a relação entre tempo e cidade, é fundamental.

Mas é possível encontrar uma reflexão inversa sobre a mesma relação entre cidade e tempo, i.e., antecipar a ruína de edifícios modernos como exemplo do triunfo do tempo. Coluccio Salutati assim o faz, em *De seculo et religione,* no contexto de um elogio de Florença. Salutati propõe uma panorâmica da cidade situando-se no monte de Fiésole ou em San Miniato. Nessa vista percorre as várias maravilhas arquitectónicas da cidade e singulariza o Palazzo del Popolo como *superbissimum opus*, para logo acrescentar:

> *iam mole sua in se ipso resedit et tam intus quam extra rimarum fatiscens hyatibus lentam, licet seram, tamen iam videtur nuntiare ruinam.*[5]

Salutati prossegue enunciando, de acordo com a articulação do texto em *quaestiones*, as várias causas da queda e da morte de cidades: a *uetustas*, os *incendia fortuita*, os *intestina dissidia* (*civica pestis*, acrescenta).[6] A obra, recorde-se, é endereçada a frei Girolamo da Uzzano, um monge camaldulense, e o seu propósito é exaltar a vida monástica. Todavia, está implícito na obra um dilema entre o fascínio do século e os imperativos da religião, visível

[3] Ver De Caprio, "Sub tanta diruta...," p. 27.

[4] A que seria preciso acrescentar, mais do que qualquer outro autor, Ciriaco d'Ancona. No entanto, este autor dedicou-se sobretudo ao estudo das ruínas gregas das ilhas e do Peloponeso. Sobre Ciriaco d'Ancona e a respeito da sua importância na redescoberta das ruínas, ver Esch, *Landschaften...*, pp. 96 ss.

[5] Salutati, Colluccio, *De Seculo et Religione,* ex codicibus manuscriptis primum edidit B. L. Ullman, Florentiae, L. S. Olschki, 1957, (Nuova collezione di testi umanistici inediti o rari; 13) p. 61, ll. 1-5.

[6] *Quot autem et qualia civium habitacula quotque palatia intestini dissidii civica pestis absumpsit! Quot tam studiosa, tum fortuita consumpserunt incendia! Quod vetustate in se ipsa (tanta est violentia temporis) corruerunt! Quod mox sunt, si paulum expectaveris (pau lulum enim est quicquid tempore mensuratur si ad eternitatis im mensitatem retuleris), peritura! Ex quo, postquam in rebus quas inter mortalia aut perpetuas aut diutinas reputamus in nostris oculis tot future resolutionis cernimus detrimenta, quid est de ceteris omnium consensu fragilioribus iudicandum?* (*ibidem*, p. 61, ll. 13-22).

nos termos em que descreve a catedral e o seu campanário, e explícito no título do capítulo: *quod mundus sit speculum vanitatum*.

Os textos sobre ruínas escritos por Piccolomini pertencem exclusivamente ao período do seu pontificado e encontram-se, por um lado, nos *Commentarii*, por outro, em documentos institucionais. Portanto Piccolomini escreve sobre o assunto a título pessoal e a título institucional.[7]

O biógrafo Campano fala no seu *studium vetustatis* e aduz como provas um *tour* exaustivo por vários lugares antigos como o campo de Túsculo, o de Alba e a visita a Tíbur; a escavação de obeliscos na Via Ápia; a visita a Falerii e Otricoli. Do seu testemunho depreende-se que Pio II era capaz de se deslocar a um local apenas com a motivação de observar uma ruína ou um monumento antigo.[8]

São, de facto, muito frequentes as descrições ou pequenas notas sobre ruínas ao longo dos *Commentarii* e, sobretudo, as ruínas são amiúde objecto de estudo para Pio II.[9] As ruínas são portadoras de uma lição conforme a expressão usual nessas descrições *ruina docet/ruinae docent*. É como se a ruína sobressaísse no meio da paisagem, que pode ser agradável, mas é muda. Ao contrário da paisagem, a ruína tem a faculdade de testemunhar um outro tempo ou outra idade. Na excursão ao monte Amiata, Pio II, ao deparar com umas ruínas, deduz que outrora ali existira um notável mosteiro: *nobile hic fuisse cenobium ruinae docent*; (IX, 2).[10] Mas no momento em que o contempla, o que outrora fora um mosteiro de monges Camaldulenses serve de habitação aos ratos!

---

[7] Note-se ainda que o tema das ruínas não esgota a relação cidade/tempo, porquanto outros textos apresentam uma reflexão implícita sobre o assunto, nomeadamente as referências aos materiais usadas nos edifícios de uma cidade. Sem mencionar os textos já discutidos (*e. g.* a descrição de Viena), recorde-se o passo do *De Europa* que afirma serem as cidades polacas pouco ilustres em virtude do uso generalizado da madeira e da taipa (*ciuitates Polonie preter Cracouiam parum nitide: ex materia domos ferme omnes componunt, plerasque luto liniunt*, *De Europa*, XXV, 87, p. 112, ll. 3248 s). Um juízo desse teor tinha subjacente um critério de avaliação dos materiais do tecido urbano segundo o qual o mármore e a pedra eram os materiais mais nobres — critério estético, aliás, que não é indiferente ao princípio da firmeza de Alberti, que ordena os materiais em função da sua resistência ao tempo.

[8] *Tusculanum et Albanum et Tyburtinum studio vetustatis circumlustravit omnem. Viam* /p. 60/ *quoque Appiam et aquaeductus et Ostiam et Traiani portum diversis secessibus inspexit; et in Appia quidem obeliscos ad hippodromum iussit excavari. Ostiae vero in discrimine fuit, gravissima exorta procella, compulsus metu inundationis nocte media cubiculo excedere. Phalerios quoque adiit, quod audierat muros adhuc extare lapide quadrato, et Ocricoli eadem de causa substitit* (Campano, *Vita Pii secundi*, p. 59, l. 5 - p. 60 l. 5).

[9] Para questões de configuração genérica e organização discursiva da obra ver infra, pp. 301-321.

[10] O mesmo sucede ao passara em uma pequena povoação San Gemini (Terni): *locum fuisse olim celebrem ruine docent* (Pio II, *Commentarii*, X, 30, p. 2012).

Essa expressão usal de Pio II nos *Commentarii* acerca das ruínas mostra a diferença de pressupostos em relação a outros autores que escrevem sobre o mesmo tema. A *Roma instaurata* de Biondo tinha, como ficou dito, um programa disciplinar e ideológico mais vasto; o *De varietate fortunae* de Poggio tomava a vista das ruínas como um ponto de partida para a sua reflexão moral. Pio II, pelo contrário, narra nos *Commentarii*, várias situações em que se desloca propositadamente a um local para ver ruínas antigas. De entre as visitas programadas merecem referência especial a visita a Tíbur e Alba, não tanto pelo facto de serem ruínas romanas como pelo facto de serem cidades.

A primeira visita referida nos *Commentarii*, que teve por destino Baias e Cumas, é um exemplo de visita ocasional. Enea, então bispo, aproveitou a ida a Nápoles para negociações de paz com Afonso de Aragão, em nome de Siena, para uma excursão até aos cadáveres das antigas cidades (*antiquarum cadavera civitatum*).[11] A expressão provém de uma carta consolatória de Servo Sulpício Rufo a Cícero, enlutado pela morte da sua filha Túlia, em que se mencionam várias cidades gregas destruídas (Mégara, Egina, Corinto ...) como uma prova de que até as cidades, que supostamente deveriam resistir ao tempo, estão votadas à morte.[12] Em Pio II, porém, a expressão não é uma inócua citação. É uma expressão sucinta da sua teoria a respeito da morte das cidades.

No Verão de 1462, já o calor de Roma se fazia sentir, Pio II decide passar a estação quente em Tíbur.[13] A visita, marcada por circunstâncias complicadas (Tíbur, era uma cidade aliada a vários poderes hostis ao papado: os Colona, os Savelli, Everso d'Anguillara), acabou em entusiástica recepção. No mesmo discurso em que repreendeu o povo pelo erro de traírem a Igreja, conseguiu ganhá-lo para o seu projecto de construir uma cidadela no lugar cimeiro da cidade.[14] E assim os trabalhos para a construção do novo aparato defensivo começaram pela destruição das ruínas, sitas precisamente no ponto mais alto de Tíbur:

> *Iecit igitur e vestigio fundamenta in sublimiori urbis loco, ubi veterem fuisse ruinae adhuc extantes indicabant. Duas erexit turres, quarum muri XX pedes spissitudinis habuerunt, altitudinis altera CXXX, altera centum; reliquis muris suam proportionem attribuit, fossam*

[11] *Ibidem*, I, 31, p. 172.

[12] Cícero, *Ad Familiares* IV, 5, 4, 10. A expressão no original é *oppidum cadavera*; texto citado pela edição: *Epistulae ad familiares*, edited by D. R. Shackleton Bailey, Cambridge, Cambridge university press, 1977 (Cambridge classical texts and commentaries ; 16-17).

[13] Pio II, *Commentarii*, V, 25, p. 968.

[14] *Ibidem*, p. 978.

latam ac profundam circumduxit; cysternas duas effodit; portam marmoribus adornavit, in quis hos versus insculpi iussit:

"Grata bonis, invisa malis, inimica superbis
sum: tibi Tybur, enim sic Pius instituit."[15]

A assinatura pessoal de Pio II, como monumento para o futuro, fica inscrita na nova construção que era necessária para que Tíbur se pudesse defender dos vizinhos e dos próprios rebeldes internos e, em última análise, como defesa para a própria Roma.[16]

A descrição da cidade que Pio II nos oferece na sua narrativa mostra como o tempo trabalhava no tecido urbano. A cidade não tinha motivos de interesse além da velha *Porta Oscura*, ou seja, uma parte da antiga Via Tiburtina que passa por baixo do que outrora se chamava vila de Mecenas (que hoje se sabe que era o santuário de *Hercules Victor*). A via desempenhava desde a Idade Média a função de alfândega (daí as lojas que alberga ao longo do seu percurso e que Pio II observou). É precisamente esse recanto da cidade que inspira a Pio II um comentário sobre a desconcertante e prosaica condição a que o tempo força uma obra que contém memórias importantes da cidade:

In ipsa urbe nihil est, quod magnopere mireris, praeter aedificium quoddam vetustum maximis et altissimis fornicibus erectum; Portam hodie Obscuram vocant. Inde olim fuit in urbem aditus, et depositis ibi mercibus vectigalia solvebantur. At quae fuerunt olim seu negociatoribus aut publicanis seu claris viris ampla et pulcherrima diversoria, nunc bobus stabula patent, et super testudinibus sublimique tecto horti olerum excoluntur.[17]

Além do desvio de parte do Ânio pelo meio da cidade para alimentar moinhos, fontes e cascatas que conferiam encanto à cidade, o outro ponto de interesse de Tíbur, observado por Pio II, foi o templo de Vesta no alto da colina, junto ao qual se situavam as ruínas do anfiteatro que, diz abertamente Pio II, foram destruídas para permitirem a construção da *Rocca Pia*:

Cernuntur et reliquiae cuiusdam templi seu Veste seu alterius dei in Anienis rupe altis erecti columnis, et non procul ab arce vestigia erant nobilis amphitheatri quae arx omnia consumpsit.[18]

[15] *Ibidem*, p. 978.
[16] *Ibidem*, p. 980.
[17] *Ibidem*, V, 27, p. 984.
[18] *Ibidem*, p. 984.

Já fora da cidade, Pio II apresenta um dos mais cativantes trechos sobre ruínas: a descrição da Vila de Adriano onde o efeito contrastante da ruína é mais notório. Onde outrora estava um espécime de sumptuosa e tecnicamente refinada arquitectura romana, hoje, em virtude do tempo (a *vetustas*), domina a natureza:

> *Extra urbem ad tertium circiter miliarium Hadrianus imperator nobilissimam villam exaedificavit instar magni oppidi. Extant adhuc templorum sublimes et amplae testudines; cernuntur et aularum et cubiculorum semidiruta ae-*/p. 986/*dificia; visuntur et peristillorum et maximarum columnae porticuum et piscinarum ac lavacrorum vestigia, in quae derivata quondam Anienis portio, aestivos refrigerabat ardores. Vetustas omnia deformavit. Quos picti tapetes et intexta auro aulea muros texere, nunc hedera vestit; sentes et rubi crevere, ubi purpurati consedere tribuni; et reginarum cubiculas serpentes inhabitant. Adeo fluxa est mortalium natura rerum.*[19]

Tomando como base este texto, afirma Vincenzo De Caprio que uma característica dos textos humanísticos sobre ruínas é o facto de não conterem referências à dialéctica artefacto/natureza; e que a tragicidade cósmica e a melancolia que o apoderamento das ruínas pela natureza inspira são, nos textos quatrocentistas, sobretudo efeitos do tempo e não da natureza.[20] Embora reconheçamos esses aspectos cremos que há mais agentes além do tempo e da natureza na consideração das ruínas nos *Commentarii*.

Vejamos como primeiro exemplo a visita a Palestrina onde as ruínas deixam entrever o que resta da nobreza de outrora (sc. do tempo romano). Pio II lança o olhar não apenas sobre o desmembramento das construções, e as dimensões dos blocos, ainda nesse tempo admiráveis, mas também sobre a realidade actual em que o monumento se insere:

> *Ex Caveis ad Praeneste ventum est, antiquum et memorabile oppidum et magnis Romanorum cladibus insigne. Ruinae hodie sunt antiquae nobilitatis. Lacera hinc atque inde palatia iacent et templorum disiecta frusta et murorum quadrati lapides vix credibilis magnitudinis. Agrestes habitant pauci, quos sola soli retinet ubertas.*[21]

De facto, a nota final relativa aos lavradores que habitam nos arredores atraídos, não pela nobreza do monumento, mas tão-só pela fertilidade do solo introduz uma perspectiva diferente. Por outras palavras, o narrador estudioso contrasta com o lavrador para quem a ruína não tem significado nem utilidade.

[19] *Ibidem*, pp. 984, 986.

[20] De Caprio, "Sub tanta diruta...," pp. 25 s: "La natura che invade i resti di antichi edifici (i rovi e gli sterpi che coprono le rovine, per esempio nella descrizione di Villa Adriana da parte di Pio II) è di per sé non segno di una interna forza prorompente, ma squallore, che significa una forza esterna, quella appunto del tempo che mina alla base il desiderio umano di eternità)" (*ibidem*, p. 26).

[21] Pio II, *Commentarii*, VI, 22, p. 1184.

Nos inícios de Maio de 1462, os *Commentarii* narram como Pio II saiu de Roma em direcção a Viterbo. Depois de ter sido hospedado pelo bispo de Cività Castellana, decidiu tomar o almoço em pleno bosque junto a um mosteiro em ruínas, perto de aldeia de Fabrica:

> *Id est monasterium pervetustum, in plano situm loco, verum sine monachis et habitatore. Muri sunt ex quadrato lapide prealti, sine calce, adeo diligenter saxis ingentibus inter se commissis ut vix queat iunctura discerni. Ager magni oppidi capax muro cingitur, sed nulla insunt aedificia; in medio tantum ecclesia iacet adhuc integra. Habitacula monachorum et officinae magna ex parte corruerunt, et in ipsa ecclesia brevi constabat stabulos equos. Tanta est hoc aevo reverentia religionis.*[22]

Nesta visita a atitude reverencial do narrador para com a ruína contrasta com a rudeza dos habitantes locais que fazem da antiga igreja um estábulo.

No mês seguinte, na partida de Viterbo, o desejo de visitar o mosteiro de S. Martinho levou o Papa a uma excursão até ao monte Cimino. Ao contrário do mosteiro de Fabrica, esta é de facto uma visita intencional e não ao correr do caminho (e mais uma vez é uma ruína medieval):

> *Templum est altis erectum fornicibus ex lapide secto, nobile opus et multis insigne columnis, in quo, sicut ante diximus, cardinalis Aedigii conditum fuisse cadaver affirmant. Multi olim religiosi divinas hic laudes cantavere; nunc cornices excubant et palumbae, e nonnunquam suos intonat planctus ferali car-*/p.1614/*mine bubo. Coenaculum adhud extat egregium; cetera vel corruerant vel cito casura videbantur.* [...] *Situs amoenissimus est. Largae intus et lucidae scaturiunt aquae. Castanearum silvae circumstant et agri assunt et vineae.*[23]

Este trecho é particularmente interessante pela composição lúgubre da ruína onde não faltam gralhas e corujas com o seu piar (dir-se-ia avatar do pré-romantismo) — e que, todavia, não ensombra aos olhos do autor a amenidade circundante. A uma leitura mais atenta, porém, o que se sublinha é a oposição entre o ponto de vista do narrador, capaz de interpretar as ruínas, adivinhando o canto litúrgico dos monges de outrora naquele, e o canto de mau agoiro das aves nocturnas que, por natureza, são indiferentes ao valor cultural da ruína onde poisam.

A excursão a Óstia de 12 a 14 de Maio de 1463 permitiu-lhe observar a cidade antiga supostamente fundada por Anco Márcio. Também aqui as ruínas existentes indiciavam o declínio: boa parte da área de implantação urbana tinha sido tomada pelos campos. Biondo,

[22] *Ibidem*, VIII, 6, p. 1580.
[23] *Ibidem*, VIII, 9, p. 1612 s.

na *Italia illustrata*, faz uma descrição de Óstia que se caracteriza por três aspectos: a incerta condição das coisas humanas; a desolação do aspecto actual da cidade, onde já nada resta do esplendor de outrora; o apoio constantemente procurado nas fontes clássicas.[24]

A despeito da concordância em alguns pontos — e nomeadamente pelo facto de ambos não distinguirem claramente entre a cidade fundada pelo Papa Gregório IV para proteger o Tibre dos ataques dos Sarracenos, baptizada Gregoriópolis, e a Óstia cuja fundação remonta ao séc. IV a. C.[25] —, a visão de Pio II é bem diferente. É certo que se fala da devastação operada pelo tempo, mas está longe do *nullum extat uestigium* da contemplação de Biondo (o que, enfim, demonstra a que ponto a observação de uma paisagem se torna tão diferente de acordo com o horizonte de interesses do observador):

> *Ostiam urbem condidit Ancus, ex priscis Romanorum regibus tertius. Fuisse olim magnam ruine probant, quae multum agri occupant. Mille circiter passibus a mari abfuit. Visuntur dirutae porticus et columne iacentes et statuarum fragmenta. Extant et veteris templi parietes marmore spoliati, qui nobile quondam fuisse opus ostendunt. Cernitur et pars aquaeductus qui ex locis remotioribus salubrem Urbi invexit aquam. Vetustiora urbis moenia et ampliora iampridem corruerunt et, in angustiorem redacta formam ecclesiam tantum cathedralem et paucas habitantium domos clauserunt, quarum pars in ipsis aquaeductibus fundata fuit. Haec quoque nostra aetate Ladislaum Siciliae regem destruxisse ferunt. Aperti sunt magna ex parte*

[24] *Ostiam urbem condidit mare inter et Tiberim Ancus Marcius, quamquam Servius grammaticus, in Vergilii VII, dicit exitum Tiberis naturalem non esse, nisi circa Ostiam ubi primum Aeneas nostra constituit — cum postea in agro Lavino castra fecerit ingentia, quorum vestigia suis temporibus viderentur. Describit vero eam Strabo importuosam propter alluviones Tiberis. Oportuisseque dicit tunc adhiberi scapharum copiam quae ministeriis servirent, et onera exciperent, ac rursus onerarent ut levatae naves facilius flumen attingerent. Ea enim tempestate Romanus portus non erat, quem postea Claudius fecit. Tiberiusque imperator tunc primum Antii portum, Strabonis temporibus inchoabat. Unde, haec legens scribensque, in eam venio considerationem, quae prudentes quosque debet attentos et vigiles reddere ut rebus humanis parum confidant, non potuisse scilicet imperatorum Romanorum, et quidem potentissimorum profusionem opum et adhibitam diligentiam efficere, quin Ostiae civitatis Antiatisque et urbis et portus, ac Romani item portus opera paucioribus annis mille, integra permanserint et quin eadem, quae prius fuerat, Ostiae annis iam quingentis manserit importuositas. Primam calamitatem passa est Ostia Cinnae et Marii temporibus, cum scribat Livius libro LXXIX Cinnam et Marium quatuor exercitibus, ex quibus duo Q. Sertorio et duo Carboni dati sunt, urbem circumsedisse. Ostiam coloniam expugnasse, ac crudeliter diripuisse. Habuitque aliquando Ostia ingentia aedificia, quorum nullum extat vestigium. Flavius Eutropius scribit Aurelianum Augustum coepisse fundare Ostiae forum nominis sui ad mare, in quo postea praetorium publicum fuit constitutum.* [...] *Vrbem Ostiam, quum a Saracenis fuisset destructa, Leo IIII pontifex Romanus instauratam Corsis replevit. Et tam diu destructa ac derelicta mansit ut nil sit reliquiarum, praeter turrim, quam celebris famae pontifex Romanus Martinus V in urbis Romae potius quam in ostiorum Tiberis et portus custodiam aedificare curavit.* (Biondo Flavio, *Italia Illustrata*, II, 3, pp. 120 s., §§ 3 s).

[25] Ver Gregorovius, Ferdinand, *Geschichte der Stadt Rom im Mittelalter Vom V. bis zum XVI. Jahrhundert. Dritter Band*, fünfte Auflage, Stuttgart und Berlin, J. G. Cotta, 1913, p. 66. Actualmente Ostia Scavi corresponde à parte fundada, segundo a lenda, por Anco Márcio (e cujo edifício mais antigo, na verdade, remonta à segunda metade do séc. IV a. C.) e Óstia Antiga, por sua vez, a Gregoriópolis (cf. Touring Club Italiano, *Roma e dintorni*, 7ª ed., Milano, Touring Club Italiano, 1977, pp. 625 ss e mapas 30-31).

muri. Aedem sacram, quam non ignobilem fuisse constat, incertum an vetustas disiecerit an violentia: pars tantum superior extat in qua est ara maior.[26]

A impressão continua a ser a de um declínio civilizacional. Depois de referir o achamento de ossadas de santos da Antiguidade cristã, nomeadamente os restos de Santa Mónica que foram depois trasladados para Roma, o narrador insistir no declínio da cidade apresentando-a, por um lado, como um espaço desabitado e inabitável, não obstante os renovamentos urbanísticos empreendidos em pontificados anteriores, e, por outro, como indigna fama de outros tempos (até pelos seus modestos habitantes). O retrato de aniquilamento é tal que o narrador o explica pela violência dos terramotos (uma hipótese que Biondo não apontara):

Domus reliquae dirutae iacent. Palatium episcopale Ludovicus Eugenii camerarius tecto cooperuit et aliquantisper instauravit. Neque /p. 2202/ *aliud extat aedificium quod inhabitare queas, praeter meritoriam quandam tabernam et turrim quam Martinus quintus excelsam et rotundam aedificavit ad loci custodiam, ne vectigalia fraudari possent, et quasi speculam ne hostis ascenderet improvisus. Hanc ferunt, si vera est fama, multo sublimiorem fuisse, quam nunc est. Subsedisse agitatam terremotibus aiunt et, ultra quam hominis statura est, intra viscera terrae delituisse.*

Huiuscemodi hodie Ostia est, cuius magnum fuit apud antiquos nomen. Piscatores pauci inhabitant e Dalmatia profecti, et turris custodes.[27]

Apreciação mais favorável por parte do narrador mereceu o contexto paisagístico em que Óstia está situada. Com efeito, é descrita com bastante pormenor a configuração peninsular do sítio da cidade como um triângulo cujos lados são o Tibre e o mar, e a base era a lagoa. Na lagoa, quase em forma de canal nas proximidades do mar, existiam salinas onde se notava uma colónia de cisnes. Atravessava a lagoa um aqueduto antigo que agora servia de ponte entre Óstia e Roma.[28] Que a península, com o seu terreno pantanoso, coberto de pasto, fosse útil para a criação de gado, eis algo que sublinhava mais uma vez a perda da dignidade urbana. Nesse sentido, aliás, o porto com as suas limitações em termos de

[26] Pio II, *Commentarii*, XI, 19, p. 2200.

[27] *Ibidem*, XI, 19, p. 2202.

[28] *Ibidem*, p. 2202. Para entender esta configuração convém ter em conta que o Tibre modificou o seu leito na sequência de uma cheia em meados do séc. XVI. Anteriormente passava junto ao Castello, que incorpora a torre de Martinho V, mencionada pelos *Commentarii* (traçado posteriormente designado *fiume morto*). Uma imagem mais próxima da configuração peninsular de Óstia (embora com o leito do Tibre já na localização actual) pode ver-se no mapa de Ameti, Giacomo Filippo , *Il Lazio con le sue piu cospicue strade antiche e moderne e principali casali, e tenute di esso descritto da Giacomo Filippo Ameti* ...[3]: *Parte prima maritima*, In Roma, dato in luce da Domenico de Rossi , 1693 disponível no URL <www.internetculturale.it>, consultado em 15-07-2012; (cf. também Touring Club Italiano, *Roma e dintorni*, 1977, pp. 626 s e mapas 30-31).

assoreamento — embora admitisse trirremes e embarcações de carga, os bancos de areia exigiam a perícia de um piloto local para navegar —, reforça essa ideia de degradação urbana.[29]

Entretanto o bispo de Porto, o cardeal Juan de Carvajal, ao saber da visita do Papa, convidara-o a visitar o seu palácio. Depois de uma disputa entre a comitiva a respeito da localização do dito palácio — se ficava na ilha ou do lado de Óstia—, o narrador volta a desenhar ao leitor a configuração da geografia da foz do Tibre com a sua divisão em dois braços, um mais pequeno para ocidente, e um maior que segue pelo lado esquerdo e que banha Óstia.[30]

A ilha de Porto, recorda o narrador, oferece ainda um retrato mais desurbanizado onde a igreja domina sobre uma área pejada de peças de mármore do tempo em que os Romanos para aí as importavam conforme testemunhavam as inscrições:

> *Parietes tantum extant et turris campanaria, sine campanis, non ignobilis. In insula nullum eminet aedificium; verum, ubicunque effoderis, marmora invenias et statuas et columnas ingentis magnitudinis. Marmora huc advexisse e Ligusticis montibus mercatores ferunt, atque hic Romanis exposuisse venalia; quorum frusta multa iacent scabra et impolita, litteras numerales duobus in lateribus habentia, quarum unis docente Plinio pondus lapidis, alteris missorum a mercatore frustorum ordinem significari constat. Universa fere supercrescente terra obruta iacent.*[31]

Nesse contexto, o narrador recorda a fundação do porto de Roma, pelo imperador Cláudio, do lado do braço menor do Tibre, e a construção do farol do qual restam vestígios visíveis até do mar — tudo o mais tendo perecido por completo.[32]

---

[29] Cf. Pio II, *Commentarii*, XI, 19, p. 2204. Dirá o mesmo a respeito da ilha de Porto: *insula plana est et herbosa, ambitus decem milium circiter passuum, tempore pacis armenta plena* (*ibidem*, p. 2206).

[30] Cf. *ibidem*, XI, 19, p. 2206. Actualmente o braço mais pequeno é chamado Fiumicino.

[31] *Ibidem*, p. 2206. Note-se, porém, que quer a configuração do Tibre quer a percepção da importância das ruínas romanas de Porto, sem esquecer aliás, o pormenor das etiquetas nas peças de mármore, provêm de Biondo (mais um elemento de dependência biondiana, bem como uma prova de como a leitura da paisagem é construída pela cultura literária de Pio II): *Portuensem urbem genuisse Formosum pontificem Romanum; et omni ea in palustri litoreaque insula, quam scissus supra Ostiam urbem secundo miliario Tiberis efficit, marmorum frusta herbis rubisque et virgultis obsita ac alluvionibus semisepulta passim paene contigua videri; quae scabra et impolita a mercatoribus per felicia rei publicae et imperatorum tempora mari advecta quoscumque in aedificii usus poterant dedolari. Et cum multitudo sit maxima (urbem, ut uidetur aedificatura), cernere est eorum partem tantae molis, ut qui obeliscos ignoret Aegypto advectos, illa non credat potuisse navibus ferri. Litteras* /p. 64/ *unumquodque frustum numerales duobus in lateribus est inscriptum, quarum unis, docente Plinio, pondus lapidis, alteris, missorum a mercatore frustorum ordinem, significari novimus* (Biondo Flavio, *Italia Illustrata*, I, 2, pp. 62 s, § 22).

[32] Cf. Pio II, *Commentarii*, XI, 19, p. 2208.

Da cidade de Porto também se viam apenas ruínas das estruturas portuárias, cujos elementos o narrador apresenta:

> *Extat porta urbis nudata marmoribus et pars murorum corrupta. Cernuntur et gentilium templorum vestigia et christianarum ecclesiarum cadavera. In medio navale fuit, quod Traiani opus dicunt et vulgo pro Traiano Troianum vocant, multarum trirenium*[33] *capax. Nunc stagni formam habet oppletum caeno. Olim canale per duo milia passuum a mari portuque naves eduxit, et salsam dulci miscuit aquam. Circa stagnum columnarum ordines nondum omnes cecidere, quibus alligari naves consueverunt. Prope assunt fornices ad servandas merces apti et ampliora officinarum loca ad struendas reparandasque naves idonea.*[34]

Sempre guiado pela literatura, Pio II tentou encontrar, no meio do que outrora fora uma cidade, a estalagem do patrício romano, Pamáquio, mencionada por S. Jerónimo:

> *Pamachius patritius Romanus hoc in loco xenodochium edificavit, quem divus Hieronymus commendat, cuius rei nullae visuntur reliquiae. Urbs olim destructa fuit; postea in formam castelli redacta; et id quoque inhabitatum, cernitur.*[35]

A visita a Porto terminou com uma recepção preparada pelo cardeal titular. Este mandou erguer tendas sobre as ruínas para receber a comitiva pontifícia — sinal de um gosto em voga por essa altura, que contrasta com o gosto pelas ruínas do convidado papal.[36]

Em suma esta visita a Óstia e Porto mostra, por um lado, como a questão do tempo cujo trabalho se faz presente na evolução da cidade emerge na escrita dos *Commentarii*, em contraste até com a intemporalidade da natureza; por outro lado, exemplifica como, em estreita relação com Biondo, os *Commentarii* documentam a curva histórica que vai da Antiguidade à Idade Média e que descreve um declínio em termos da vida urbana.

Os ensinamentos das ruínas, todavia, não dizem apenas respeito ao passado mas também ao presente, pois são vítimas da mão humana. Mostra-o a citada excursão ao Campo Albano a convite do cardeal de Aquileia ao qual anuiu com a intenção de visitar lugares antigos. Pio II sai da Via Ápia e anota os obeliscos partidos no hipódromo, as interrupções dos aquedutos, os túmulos espoliados dos seus mármores:

> *Invitatus e cardinali Aquileiensi, camerario suo, monasterium Sancti Pauli quod est in Albano visere ut ea vetustatis loca cognosceret, non invitus annuit. Profectus eo, tris*[37] *cardinales et domesticam familiam secum assumpsit. Egressus Appia porta per viam, quae ducit Neapolim*

[33] *Trirenium*: sic Totaro.
[34] *Ibidem*, XI, 19, p. 2208.
[35] *Ibidem*, p. 2208.
[36] *Ibidem*, p. 2208 s.
[37] *Tris*: sic ed. Totaro.

> *multas inter eundum ruinas contemplatus est, quarum praecipua fuit hyppodromi apud Sanctum Sebastianum et magni confracti obelisci ad quem dirigere bigarum quadrigarumque cursus consuevere, et Ceciliae Metellae sepulchri nobilis — Bovis Caput nunc vocitant. Villas deinde plurimas dirutas offendit, et aquaeductus altissimis suspensos fornicibus, saepe interruptos. Prope Albanum inter nemora Appia via reperta est, atro ac durissimo silice strata et hinc atque inde frequentes sepulchrorum moles instar turrium, spoliatae marmoribus.*[38]

A excursão tinha um propósito de estudo como se pode ver pela menção das investigações de Alberti sobre os aquedutos abandonados. Pio II mostra-se assim perspicaz investigador *in situ* de antiguidades romanas:

> *Extant vestigia privatorum et publicorum aedificio-*/p. 2232/*rum, ex quadrato lapide rarae magnitudinis. Cernitur adhuc theatrum, cuius pars media monti cohaerens in ipso montis incisa lapide vetusta sedilia retinet formamque servat integram, quamvis obsitam rubis. Alteram partem ex cocto latere addiderunt, fornicibus, qui adhuc extant, innixam compluribus. Aquarum conservatoria plurima et ingentia insunt. Baptista Florentinus ex Albertorum familia, vir doctus et antiquitatem solertissimus indagator supra xxx^ta^ inveniri tradidit, quae inter vepres rubosque latitant. Pius quatuor inspexit ingentis amplitudinis nondum collapsa.*[39]

Este trecho prova que também as ruínas sob o seu aspecto de *aedificium* suscitam o interesse de Pio II ao mesmo tempo que estabelece uma relação entre a natureza e os artefactos humanos: as silvas que cobrem o teatro e as caixas de água dos aquedutos evocam o colapso da arte humana perante a natureza.[40]

A sequência da descrição é em si mesma uma lição de história e da sua articulação em camadas sucessivas sobre o corpo da ruína. Com efeito, à acção destrutiva do imperador Henrique III em relação a Alba, segue-se a construção de um castelo sobre as ruínas, que, por sua vez, foi destruído pelo cardeal Giovanni Vitelleschi e, enfim, já está presentemente reparado e novamente em uso como posto defensivo. No interior do castelo, dizia-se que restava ainda o palácio de Ascânio. A lenda é prontamente desmascarada por Pio II com uma nova e tecnicamente informada descrição das termas antigas e da sua implantação no meio do edificado actual:

[38] *Ibidem*, XI, 22, p. 228.

[39] *Ibidem*, pp. 2230, 2232. Um propósito de estudo é igualmente demonstrado pela visita a Chiusi, durante o itinerário mantuano com a intenção de ver o *labyrinthus* celebrado por Plínio-o-Velho (*H. N.*, XXXVI, 19) como uma maravilha do mundo de então — que deixou Pio II desolado por ter apenas de admirável o facto de ter desaparecido sem rasto (cf. *ibidem*, II, 19, p. 310).

[40] Sobre este aspecto ver De Caprio, "Sub tanta diruta...," p. 26.

> *Falsa res est. Termae fuerunt imperatorum, opus magnum ac sublime. Altissimi fornices extant, unde calefactae defluxerunt aquae, vestigia ostentantes. Amplitudo termarum ea fuit quae nunc Albani est, cuius muri ab ipsis ruinis robur accipiunt.*[41]

Outra fortificação antiga na parte de Alba voltada para Ariccia — castelo que a lenda popular afirma ser o túmulo dos Curiácios — é descrita com rigor e nela estão presentes os efeitos dos vários inimigos dos artefactos humanos, a saber, a mão do próprio homem, o tempo e a natureza:

> *Cernitur ad eam partem quae respicit Ariciam quadrata moles exteriori spoliata muro, e cuius summitate quinque assurgunt pyramides forma rotunda sublimes, quarum tres sectis lapidibus quibus vestitae fuerunt nudatae cernuntur, duae adhuc suum retinet ornamentum, quamvis ini-*/p. 2234/*mica rerum vetustas nonnullos lapides ita commoverit ut ruinam minentur, et in plerisque locis infensam muris inseruerit caprificum.*[42]

O narrador, porém, apresenta em seguida um exemplo inverso, i. e., um exemplo em que no combate entre natureza e arte humana, esta leva a melhor. Trata-se da descrição da conduta que levava água do lago Albano para Acque Salvie.[43] A obra que implicou a perfuração do monte Albano, trouxe vantagens (*utilitas*) sob vários aspectos: construção de moinhos; lugares para captura de enguias; irrigação de campos; controlo das cheias do lago. Ao observar os lugares *in situ*, Pio II mostra mais uma vez a sua avidez de conhecer estes *monumenta* da técnica antiga (*Pius utrunque locum spectavit, et qua egreditur aqua lacus deductum foramen et qua ingreditur, utrunque dignum admiratione*).[44] Até o antro nas imediações (para o qual adianta a hipótese de se tratar de um santuário das Dríades) desperta o seu interesse. A forma como termina a descrição é notável como documento do esforço interpretativo de Pio II em relação ao *monumentum*, com a particularidade de esboçar uma articulação entre a ruína e a paisagem envolvente: *media sunt inter lacum et antrum prata satis ampla, sive nundinarum locus sive sacrificii fuit aut spectaculi*.[45]

---

[41] Pio II, *Commentarii*, XI, 22, p. 2232.

[42] *Ibidem*, XI, 22, p. 2232, 2234. A *vetustas*, no sentido de tempo destruidor da cultura material, aparece mais uma vez no final da descrição a propósito de mais três fortificações em Alba visíveis para quem vem do lado de Roma: *Albam ex Urbe petenti tres moles ostenduntur vetustate corrosae* (*ibidem*, p. 2234). Pelo contrário, quando depois da visita a Alba, o narrador afirma que Pio II se deslocou a Castel Gandolfo *siquid inesset vetustatis inspecturus* (*ibidem*, XI, 22, p. 2234), a *vetustas* é, neste caso, sinónimo de 'antiguidade' (clássica).

[43] A informação sobre o destino da água foi retirada da *Italia illustrata* de Biondo, o que mostra mais uma vez um Pio II investigador de antiguidades na esteira de outro especialista.

[44] *Ibidem*, XI, 22, p. 2236.

[45] *Ibidem*, p. 2236. O mesmo se pode dizer das observações na descida do Tibre até Óstia: *ripae fluminis hinc atque inde virebant gramine laeto floribusque variis, Maio mense cuncta vestiente, nisi qua plerisque in locis tanquam parietes fluminis alveum coercent.* (*ibidem*, XI, 19, p. 2198)

Tais visitas mostram um Pio II estudioso de ruínas. Mas esse gosto não é a única vertente da relação de Pio II com ruínas e monumentos antigos, pois também foram objecto da sua atenção enquanto comitente de obras e enquanto Papa.

Quanto ao primeiro aspecto, e lembrando o preceito de Alberti, a saber, de que os velhos edifícios deveriam ser respeitados pelas suas vantagens e pela ligação que com eles estabeleceram os cidadãos,[46] vejamos até que ponto, nas suas empresas arquitectónicas, Pio II teve em conta esse preceito.

Quer a já mencionada construção do castelo de Tíbur, quer as descrições dos trabalhos em Pienza, mostram uma secundarização de qualquer valor, mesmo patrimonial, que impedisse uma concretização da obra. Efectivamente, para a construção do palácio episcopal em Pienza foi necessário demolir a antiga casa do pretor e dos magistrados de Corsignano, e o mesmo se diga da construção do novo edifício do *Comune* ou da construção dos palácios para os membros da cúria. A descrição do andamento das obras nos *Commentarii* é de um entusiasmo e de um comprazimento na orientação dos trabalhos sem qualquer contemplação pelo sacrifício do tecido urbano pré-existente; pelo contrário, o que se celebra é o esplendor da nova cidade que fez desaparecer para sempre a face da velha povoação:

> *E regione palatii, interiecto foro, domus antiqua fuit quam praetor et reliqui magistratus oppidi incolere consueuerunt. Hanc Pius coemit diruendamque Vicecancellario ea lege tradidit ut palatium ibi episcopale construeret ac beatae Mariae Virgini dono daret. Emit et alias aedes civium oppositas, ultra forum, templo; quibus dirutis, tertium aedificari palatium iussit, cum porticu et aula magna et cubiculis et armamentariis et turri quae campanis et horologio serviret et carceri, magistratus urbis ut hic habitarent et consilia civium fierent;* [...] /p. 1770/ *Fuerunt et aliae domus magnifice in oppido constructae. Cardinalis Atrebatensis post Vicecancellarium altas et amplas aedes aedificavit. Deinde Thesaurarius; post eum Gregorius Lollius fundamenta iecit. Primus omnium aptissimus et pulchram domum construxit cardinalis Papiensis quadratam et insularem. Mantuanus constructurus aream emit. Thomas quoque Pontificis cubicularius, et plumbi ministri, et plures oppidani, deiectis antiquis domibus, novas erexerunt, ut nusquam prior oppidi facies appareret.*[47]

[46] Cf. supra p. 241.
[47] *Ibidem*, IX, 25, pp. 1768 s.

Afirma Ruth Rubinstein que Pio II teve posições contraditórias a respeito das ruínas romanas.[48] Sabe-se que retirou travertino do Coliseu e de muitos outros lugares.[49] Por outro lado, também é verdade que procurou fornecimentos de mármore das pedreiras de Carrara para as obras na praça de S. Pedro, possivelmente movido por um propósito de poupar os monumentos da Urbe.[50] Mais do que isso, porém, é a bula *Cum almam nostram,* cujo assunto era precisamente a conservação das ruínas de Roma, que prova essa vontade de conservar monumentos antigos.

A bula *Cum almam nostram* é o documento mais conhecido de Pio II a respeito do valor e do significado das ruínas romanas, todavia, não é o único. Em 7 de Abril de 1461, a instâncias do irmão do Papa Nicolau V, o cardeal Filippo Calandrini, enviou um breve ao capítulo da diocese de Luni com uma proibição de saquear os monumentos da outrora sumptuosa cidade romana:

> *Audivimus quod quidam in Dioecesi vestra Lunensi commorantes et nonnulli alii, avaritia ducti, vestigia antiquae ecclesiae et nonnullarum circum adiacentium rerum iampridem civitatis Lunae, marmora scilicet et lapides speciosas, ad calcem inde faciendam confringere et asportare non desinant. Quae res, cum ad magnum dedecus patriae vestrae et Ecclesiae Lunensis redundet, volumus ut auctoritate nostra inhibeatis ne quisquam, cuiuscumque condictionis* [*sic* apud Sforza]*, status, gradus sit, quoquo modo praesumat marmora et lapides predictas confringere aut asportare, ita providendo in caeteris quod talia nullatenus fiant.*[51]

Eis uma cena com que um romano estaria assaz familiarizado: monumentos romanos transformados em pedreira para novas construções ou para produção de cal! A verdade é que as interdições, segundo noticia Giovanni Sforza, não surtiram efeito; antes pelo contrário, até

[48] Rubinstein, Ruth, "Pius II and Roman ruins," in *Renaissance Studies*, 2 (1988), pp. 197–203 (artigo que se baseia na tese da autora, que não foi possível consultar: *Pius II as a patron of art. with special reference to the history of the Vatican*, Courtauld Institute of Art, University of London, 1957. PhD thesis). Note-se que, antes do pontificado, são escassas as referências a ruínas (de Roma ou de alhures), a menos que se entenda, como pretende Rubinstein, "Pius II and Roman...," p. 197 s, que a já citada passagem sobre Roma, no *Dialogus de somnio quodam,* se refere às ruínas e não a toda a cidade.

[49] Cf. Müntz, Eugène, *Les Arts à la cour des Papes pendant le XVe et le XVIe siècle: recueil de documents inédits tirés des archives et des biblithèques romaines: première partie: Martin V - Pie II (1417-1464)*, Paris, E. Thorin, 1878 (Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome; 4), p. 266, n. 3 (sobre o Coliseu). Note-se porém que a lista apresentada por Müntz com os monumentos de onde extraiu pedra é extensa: S. Cosme e S. Damião, Campidoglio, Ponte S. Spirito... Cf. *ibidem*, p. 267 e notas 1 ss. A referência às colunas de Castel Sant'Angelo dada por Müntz, *ibidem*, n. 5, é corrigida por Rubinstein, "Pius II and Roman...," p. 199, que fala do pórtico de Octávia em Sant'Angelo in Pescheria.

[50] Müntz, *Les arts à la cour...*, I, p. 269.

[51] Cit. por Sforza, Giovanni, "Gli studi archeologici sulla Lunigiana e i suoi scavi dal 1442 al 1800. Notizie raccolte. Parte prima: [...] secolo XV," in *Atti e Memorie della R. Deputazione di Storia Patria per le Provincie Modenesi*, ser. IV, vol. 7 (1895), p. 87. pp. 71-99.

o edifício do *Comune* de Sarzana — a terra-natal do próprio Calandrini e do seu irmão! — em período de aperto financeiro, procurou mármore nas ruínas lunenses.[52] Se o esforço de dois membros da cúria, Filippo Calandrini e Pio II, foi infrutífero, o breve permanece ainda assim um testemunho importante, pois revela um caso em que a sensibilidade arqueológica emergente em Roma teve consequências fora do âmbito da cidade.[53]

Em Roma, esse cuidado pela conservação das ruínas antigas era bem mais necessário. O cuidado pela cidade e pelos monumentos antigos já vinha dos seus predecessores.[54] A novidade da bula de Pio II é o facto de reforçar com a autoridade papal o cuidado pelas ruínas e o seu valor.

Um aspecto inesperado do texto da bula é o facto de definir uma equivalência entre dois valores patrimoniais distintos, em função de critérios estéticos (*dignitas*, *splendor* e *decus* da Urbe): por um lado, as basílicas e igrejas, como lugares sagrados depositários de relíquias de santos; por outro, os edifícios antigos, ou seja, não cristãos. Todavia, o valor que estes últimos possuem e que determina a atitude de preservação a seu respeito é moral, ou seja, servem como testemunho da caducidade das obras humanas:

---

[52] Cf. *ibidem*, p. 87, n. 25.

[53] Outro documento do apreço pelas ruínas Romanas e, simultaneamente, um protesto indignado contra a sua destruição para fazer cal, pode ler-se no seguinte poema: *oblectat me, Roma tuas spectare ruinas, / ex cuius lapsu gloria prisca patet. / Sed tuus hic populus muris defossa uetustis / calcis in obsequium marmora dura coquit. / Impia ter centum si sic, gens, egeris annos, / nullum hic inditium nobilitatis erit* (Piccolomini, *Carmina*, p. 90).

[54] Recorde-se, aliás, que Eugénio IV restaurou o Panteão. Do mesmo Papa, há uma carta de Florença, com a proibição de extrair pedra do Coliseu, que é um documento do cuidado pelos monumentos antigos: *Dilectis filiis etc. Non potuimus non turbari audientes siue ab altero uestrum siue ab aliis nostris (sic) offitialibus concessum fuisse ut quedam Colisei pars que Cosa uulgariter nuncupatur pro restauratione quorumdam domorum deiciatur. Nam demoliri Urbis monumenta nihil aliud est quam ipsius Urbis et totius orbis excellentiam diminuere. Itaque uobis harum serie iniungimus et sub indignationis nostre pena precipiendo mandamus, ut si quid huiusmodi siue a nobis siue a quibusuis aliis concessum extitit penitus reuocetis nec quouis modo permittatis ut et minimus dicti Colisei lapis seu aliorum edificiorum antiquorum deiiciatur: super quibus detis talem ordinem ut huiusmodi nostrum mandatum inuiolabiliter obseruetur, contenti tamen sumus ut ille cui forsan talis concessio facta extitit de locis subterraneis a Coliseo distantibus lapides euellere possit* (cit. por Lanciani, Rudolfo, "Notizie inedite sull'anfiteatro Flavio," in *Rendiconti della Reale Accademia dei Lincei. Classe di Scienze Morali, Storiche e filolofiche*. s. 5, 5 (1896), p. 3); ver também Pastor, *Storia dei Papi*, I, p. 360 s o qual, valendo-se da informação de Lanciani e de outros testemunhos, apresenta uma imagem da actividade conservadora de Eugénio IV mais informada e mais favorável, até mesmo durante o seu exílio florentino, do que a de Müntz, *Les arts à la cour…*, I, pp. 34-35); ver também o elogio do Papa veneziano por Biondo, a propósito do restauro do Panteão: *Eius* [sc. Panthei] *stupendum fornicem uetustate ipsa et terrae motibus scissum ruinamque minantem tua, pontifex Eugeni, opera impensaque instauratum, et chartis plumbeis alicubi deficientibus coopertum laeta inspicit curia. Et quum insignis ecclesia caeteras facile superans multis ante saeculis caelsas, quibus attolitur columnas habuisset, sordidissimis diuersorum tabernis quaestuum a quibus obsidebantur, occultatas, emundatae nunc in circuitu bases, et capita denudatae mirabilis aedificii pulcritudinem ostendunt, acceduntque decori strata Tiburtino lapide subiecta templo area, et quae ad aetatis nostrae campum Martium ducit uia* (Biondo Flavio, *Roma instaurata*, III, p. 268, G-H).

> *Cum almam nostram Urbem in sua dignitate et splendore conservari cupiamus, potissime ad ea curam vigilem adhibere debemus, ut non solum basilicae ac ecclesiae ejusdem Urbis, et pia ac religiosa loca, in quibus plurimae sanctorum reliquiae resident, in eorum miris aedificiis manuteneantur, et praeseventur, verum etiam antiqua, et prisca aedificia, et illorum reliquias ad posteros maneant, cum eadem aedificia ornamentum, et decorem maximum afferant dictae Urbi, et monimenta veterum virtutum, et incitamenta ad illarum laudes assequendas, existant: et quod etiam magis considerandum est, ex ipsis aedificiis, ac aedificiorum reliquiis rectius intueri licet rerum humanarum fragilitatem; et quod nullo modo in illis sit confidendum, cum eadem aedificia, quae majores nostri cum eorum ingenti potentia, et sumptibus maximis, cum immortalitate certatura arbitrarentur, vetustate et aliis sinistris casibus diminuta et collapsa, etiam esse cernantur.*[55]

Fala-se frequentemente, a propósito dos empreendimentos de Nicolau V, de uma ideia que lhes subjazia, a saber, a de que os edifícios seriam uma espécie de *Biblia pauperum* que incutisse na mente popular o ideário político que as sustentava. Manfredo Tafuri fala de um programa pontifício, a partir de Nicolau V, que cria uma nova relação entre o *monumentum* e o poder papal:

> "Il programma di cui terranno fede i pontefici dei secoli successivi è così delineato. Tema primario è *lo stupire per assogettare*: al monumento è assegnata la funzione del perpetuare, ma legittimando un teocratico *imperium*."[56]

Embora Tafuri tenha em mente as obras nicolinas (S. Pedro, Castel Sant'Angelo e as fortificações), o confronto com as afirmações de Pio II quer na bula quer nas visitas às ruínas que se lêem nos *Commentarii*, mostra que as implicações políticas estão presentes, mas com um desígnio diferente. A autoridade Papal prescreve às autoridades municipais o cuidado pelas obras antigas com base em uma valorização moral, ou seja, como uma advertência de que as obras humanas estavam destinadas a perecer. Essa era a lição das ruínas.

Como pode o mesmo autor, isto é, o empreendedor que mandara edificar uma cidade, deixar escrito que qualquer obra está destinada a perecer? A resposta terá necessariamente de passar mais uma vez pela lição que Pio II não colhera das ruínas, ou de qualquer cidade, mas da profissão literária tal como a enuncia no já citado prefácio à descrição de Basileia: mesmo que qualquer obra humana (literatura, filhos, cidades) esteja votada ao aniquilamento, é preciso afastar do horizonte esse pensamento e agir. Tal lição dá uma imagem da acção humana mais próxima da dualidade com que Alberti encara, por exemplo, a arquitectura.

---

[55] Pio II, *Cum almam nostram* [Bula de 28 de Abril de 1462], apud Müntz, *Les arts à la cour...*, I, appendice IV, pp. 352 s.

[56] Tafuri, *Ricerca del Rinascimento...*, p. 39.

Uma outra consequência dessa visão das ruínas, é subtraí-las às apropriações do discurso municipalístico. É sabido como Cola di Rienzo integrava habilmente objectos e espaços antigos na sua comunicação política (*e. g.* a tabula com a *Lex de imperio* de Vespasiano; ou a *concha* de S. João de Latrão; o Campidoglio).[57] Essa memória que não estava apagada em Roma (como mostram as revoltas de Stefano Porcari, primeiro, e depois de Tiburzio).

A bula pode, por conseguinte, ser lida como um discurso sobre Roma que contrasta com o discurso republicano de Stefano Porcari.

6. 1. Pienza: a pervivência da obra de Pio II

Apesar de as ruínas mostrarem que as cidades também perecem, Pio II construiu a sua própria cidade, em uma tentativa de deixar um monumento que venceria a morte — nesse sentido a relação Pio II/Pienza é o equivalente a Alexandre/Alexandria ou Constantino/Constantinopla.[58] Se, como já acima se referiu, Pio II tinha propensão para os trocadilhos em torno do seu nome,[59] o paralelismo, independentemente da diferente dimensão das cidades em causa, é inteiramente fundado. Ora, quem como Pio II se mostra tão cioso disso?

À parte as obras literárias já referidas, como o epistolário ou a autobiografia que mostram uma ostensiva preocupação em controlar a futura memória da sua gesta como um traço da sua personalidade, existe um outro género literário muito do seu gosto e que mantém com o tempo a mesma relação que a cidade de Pienza: o epitáfio. Tome-se por modelo o auto-epitáfio que consta de um dos códices dos *Commentarii.* O texto, considerado

[57] Ver Maire Vigueur, Jean-Claude, "Cola di Rienzo," in DBI, v. 26 (1982), pp. 662-675, especialmente pp. 664 s. Ver também Tafuri, *Ricerca del Rinascimento...,* pp. 34 ss.

[58] Rossi, Pietro, "Pio II a Pienza. Contributo alla storia sull'arte Senese nel Quattrocento," in *Bullettino Senese di Storia Patria*, 8, 3 (1901), pp. 383-406.

[59] Ver supra p. 228. Outros exemplos podem ver-se na carta de 1443 a Juan de Carvajal, Viena 23 de Outubro de 1443 (Wolkan I/FRA, 61, ep. 92, pp. 209 e 211. Mas o exemplo mais célebre ainda é o *Aeneam reiicite, Pium accipite* da Bula de retractação *In minoribus agentes* [Bula de 26 de Abril de 1463], in *Bullarium diplomatum et privilegiorum sanctorum Romanorum Pontificum. Taurinensis Editio locupletior facta* [...] *cura et studio Collegii adlecti Romae virorum s. theologiae et ss. canonum peritorum* [...]. *Tomus V*, Augustae Taurinorum, Seb. Franco et Henrico Dalmazzo editoribus, MDCCCLX, p. 175. Sobre essa característica de Piccolomini ver Izbicki, Thomas M., "Reject Aeneas! Pius II on the errors of his youth," in Martels, *Pius II 'El più expeditivo pontifice'...*, pp. 188-189.

autêntico por vários especialistas,[60] contém um esboço daquilo que Pio II pretendia que fosse a sua memória:

> *Ossa Pii claudo genuit quem Sena Secundi*
> *Pontificis: paulum siste, uiator, iter.*
> *queris facta Pii? conuentum contrahit orbis,*
> *Mantua concilio nobilitata suo est.*
> *latrones urbis suspendit et alta recidit*
> *Maguntinei cornua pontificis:*
> *orbis monstra duo nulla virtute redempta*
> *a vitiis gladio perculit Ecclesie:*
> *Austria maiori mater, Malatesta minori,*
> *et Sigismundus unus et alter erat.*
> *Exciderat regno Siculorum Alfonsius alto,*
> *in solium rediit restituente Pio.*
> *inclita pragmaticam servabat Gallia legem:*
> */p. 172/ Gallia pontifici cessi amica Pio.*
> *historiam scripsit, coniunxit epistola prosam*
> *uersibus, orator atque poeta bonus.*
> *ultum ire in Turchos et uindicare Pelasgum*
> *uulnera dum properat, mors tulit atra pium.*[61]

A lista de feitos é quase exclusivamente limitada ao seu pontificado (da actividade anterior celebra apenas a vertente literária) e inclui vários feitos: a convocação do Congresso de Mântua (1459-60); a punição e execução de Tiburzio e outros revoltosos em Roma; a deposição e excomunhão do bispo de Mogúncia, Diether von Isenburg; a excomunhão de Segismundo, duque da Áustria, pelo grave conflito que teve com Nicolau de Cusa, bispo de Brixen; a excomunhão de Sigismondo Malatesta; o reconhecimento da legitimidade de Fernando de Aragão (e não do seu pai *Alfonsius*, como diz o poema) no trono de Nápoles; o fim da Pragmática Sanção (7 de Julho de 1438); a cruzada contra os Turcos que o próprio se preparava para comandar, à qual a morte, tal como pressentiu, pôs termo.

[60] Cf. Bernetti, Giuseppe, *Saggi e studi scritti di Enea Silvio Piccolomini, Papa Pio II, 1405-1464*, Firenze, Tipolitografia S.T.I.A.V., 1971, pp. 42ss; e também Piccolomini, Enea Silvio, *Carmina*, edidit commentarioque instruxit Adrianus van Heck, ("Studi et testi" 364), Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1994, pp. 171 s. Sobre a predição da sua própria morte presente neste epigrama, Campano (*Vita Pii secundi*, p. 78, ll. 4 s) cita um verso da autoria de Pio II, em que este prediz a sua morte nas circunstâncias em que de facto veio a acontecer quatro anos depois. Ainda que esse verso não coincida com nenhum dos versos citados acima, porém, aponta no sentido de uma possível autenticidade do epitáfio. O epigrama está no f. 52r do codex Reginensis Latinus 1995 dos *Commentarii* (ver reprodução fotográfica na edição de Heck, vol. 2, tab. 11).

[61] Piccolomini, *Carmina*, pp. 171 ss.

Não há nenhuma referência à cidade de Pienza como um acto digno de memória (nem sequer às obras feitas em Roma). Todavia, isso não quer dizer que Pio II não se comprazesse na celebração da sua cidade. Pelo contrário, nos *Commentarii*, quando parte de Siena com destino a Corsignano, afirma cheio de orgulho:

> *Exin sanitati restitutus, mirabilem oblectationem accepit, in solo natali surgentibus aedificiis, quae nullis Italiae cessura viderentur, quemadmodum postea suo loco dicemus.*[62]

Posteriormente, cita o poema laudatório de Campano, um poeta da corte Papal, que comemora a erecção de Corsignano em diocese (Pienza):

> *Quae nova sublimi prosurgo Pientia colle,*
> *causa mei quae fit nominis ipsa loquar.*
> *Me Pius ornatam templo murisque refectam*
> *esse urbem voluit, quae fueram oppidulum*
> *Tecta suae gentis primis in moenibus aedes*
> *tangere marmoreum sidera iussit opus.*
> *Addidit et nomen, lectoque e more senatu*
> *urbanos ritus et nova iura dedit.*
> *At vos vicina quae surgitis oppida terra,*
> *invidiae nihil est, nam genui ipsa Pium.*[63]

O poema coloca a cidade em função da memória pessoal de Pio. A prosopopeia de Pienza que diz a razão do seu nome é a expressão precisa dessa autocelebração consubstanciada na cidade. O nome de Pio, já presente no novo nome da cidade, repete-se no terceiro verso e novamente no final. As obras de nobilitação do que fora um *oppidulum* e agora é uma cidade, a fundação das instituições urbanas (*comune*, os estatutos), são aspectos referidos não em função da cidade em si, mas do seu autor. Portanto a cidade de Pienza é mais um entre vários actos de resistência ao tempo.

A questão do tempo é, aliás, o primeiro tema enunciado pelo autor ao narrar o seu regresso a Corsignano, durante o itinerário para Mântua, em Fevereiro de 1459:

> *Pontifex e Sartheano Corsinianum petiit.* [...] *Maior oppidi pars Picolomineorum quondam fuit, et Sylvius Pii pater avitas hic possessiones habuit. Atque hic natus est Pius, et hic pueritiae rudimenta peregit. Quo tunc rediens speravit voluptatem aliquam sumere, eos allocuturus quibuscum adoleverat et aspectum natalis soli cum gaudio revisere. Sed contra evenit, quando maior pars aequalium vita excesserat, et qui adhuc spirabant, gravati senio morbisque, domi detinebantur et si qui sese exhibebant, mutatis vultibus vix agnosci poterant, exhausti viribus, deformes et quasi mortis nuncii. Offendebat pontifex ubique suae senectutis inditia: non poterat*

[62] Pio II, *Commentarii*, IV, 35, p. 784.
[63] *Ibidem*, VIII, 5 p. 1576 s.

> *se non senem et cito casurum recognoscere, cum iam aetate graves filios inveniret eorum, quos pueros reliquerat. Fuit oppidum mirifice ornatum gestiente populo et nimium festivo ob praesentiam maximi praesulis, quem apud se natum gloriabantur; nec satis aut intueri aut consalutare eum pote-*/p.314/*rant. Mansit hic Pius in festo quod beati Petri Cathedram appellant, ac rem divinam peregit, statuitque hoc in loco novam ecclesiam et palatium aedificare, conduxitque architectos et operarios non parva mercede, ut memoriale suae originis diuturnum relinqueret.*[64]

Portanto, a própria aldeia de Corsignano fez Pio II tropeçar na aporia da sua própria velhice e pensar na morte e no envelhecimento das pessoas à sua volta como advertência da aproximação da sua própria morte. O contraste estende-se a um outro aspecto importante nos *Commentarii*: a *uoluptas* que Pio II frui dos seus passeios e que esperava encontrar em Corsignano, escapa-se-lhe na sua terra natal (por muito que o alegrasse o aparato festivo devido à sua presença e à celebração da Cadeira de S. Pedro). É neste momento de impotência do seu corpo (é reveladora a negativa dupla *non poterat se non senem … recognoscere*) que Pio II decide opor-se ao curso do tempo construindo uma cidade como memorial duradouro. Deduz-se deste excerto que a decisão de Pio II de criar uma cidade e assim dotar o local de uma qualidade arquitectónica e urbanística que a tornasse aprazível, era uma forma de se opor à velhice e disformidade que lhe tinham ficado como imagem de Corsignano.[65]

O ponto de vista de Pio II nessa descrição da estada em Corsignano contrasta com a carta de Niccolò Severino, o orador que o *Concistoro* de Siena tinha enviado. A recepção esmerada dá a medida da percepção local do evento que era receber um Papa nascido naquele lugar.[66] A julgar pelas suas palavras deve ter sido um júbilo colectivo. Contudo, e a despeito

[64] *Ibidem*, II, 20, pp. 312 s.

[65] Essa sensibilidade encontra expressão na própria arquitectura da cidade, pois, segundo Pieper, *Pienza…*, p. 24 s, a expressão da fugacidade do tempo, da caducidade da vida e dos ciclos em que se desenvolve a existência, está subjacente à orientação da catedral e no seu relacionamento com a praça fronteira. Segundo os levantamentos topográficos realizados pelo historiador alemão, a sombra da catedral ocupa a totalidade da praça ao meio dia do equinócio.

[66] "Hiero da sera giunse a Sartiano et in quello luogo habergò con sei cardinali, nel quale luogho fu ricevuto honoratamente. E questo dì XXI del presente mese a mezzo dì è entrata la sua Beatitudine coi Cardinali in Corsignano dove è stato ricevuto con singularissima letitia et festa et annoli questi huomini facto uno magno et relevato honore con grande spesa et apparato honoratissimo in tucti i modi et ricevutane grande commendatione. Gli ambasciatori fecero di tutto per quanto fu loro possibile. La sua Santità starà qui domane et già a dato ordine che domatina si celebri solenne messa qui in Sancto Francesco, da poi venerdì favente deo verrà a Chuna. E de lo honore facto qui al beatissimo Padre, An-/p. IV/tonio Massaino de le S. V. Commissario è stato potissima cagione con grande diligentia" (carta de Niccolò Severino, de Siena, ao Magnifico Magistrato di Concistoro in Siena, 21 de Fevereiro de 1459, cit. por Bandini-Piccolomini, Francesco, "La prima visita di Pio II a Corsigano," in *Arte e Storia*, s. 3, 24 (1905), "Pienza e Pio II, numero

do ar de orgulhosa gala que devem ter dado à aldeia, Pio II, em vez disso, viu nas faces dos seus conterrâneos a miséria, a velhice e a morte.

Um dos principais historiadores de Pienza afirma que Pio II ao operar a transformação de Corsignano em Pienza terá agido ao contrário do que as suas palavras no *Dialogus* faziam crer, ou seja, que as cidades, tal como as pessoas, têm o seu fim.[67] Sem dúvida que houve uma confiança de Pio II para empreender a criação de uma cidade a partir de um povoado obscuro em um intervalo tão curto de tempo. O choque do regresso a Corsignano, i.e, o choque da velhice e a iminência da sua morte, podem até dramatizar e realçar ainda mais as suas capacidades: no entanto, sempre com a inelutabilidade do tempo no seu avesso.

unico pubblicato in occasione del Vto centenario della nascita di Enea Silvio Piccolomini," p. III-IV).

[67] "Pius must have recollected his earlier comments concerning the futility of attempting a Roman restoration when he visited his hometown and the community "bowed down with old age" but, instead of accepting the inevitable — that towns like people "also have their end" — he determined upon a truly Renaissance course of action that led to an extensive reconstruction of the town, incorporating much the classicizing vision he must have held for papal Rome" (MACK, *Looking at the Renaissance...*, p. 78).

Parte III

Stvdivm videndi, stvdivm aedificandi, respvblica christiana: as cidades nos *commentarii*

Capítulo 1

Configuração genérica e discursiva da obra

As cartas de Piccolomini descrevem cidades que, de um ponto de vista geográfico, são quase todas situadas fora de Itália. Ficou demonstrado que essas descrições continham, nomeadamente, uma dimensão autobiográfica. Outras obras como o *Somnium de fortuna* e o *Dialogus de somnio quodam* colocaram o tema da cidade sob a perspectiva da vulnerabilidade ao tempo. Essa perspectiva impôs-se na obra posterior e torna-se fundamental na sua autobiografia escrita durante o papado: os *Commentarii rerum memorabilium quae temporibus suis contigerunt*. A parte que se segue analisa as cidades que surgem nos *Commentarii*. A obra é uma autobiografia e apresenta uma diferença significativa em relação às anteriores: o autor assina a obra como Papa Pio II e já não como Enea, i. e., já não como um funcionário de alto nível no aparelho imperial, como poeta, ou como bispo ou cardeal, mas como uma figura principal no panorama político europeu e italiano.

Qualquer questão sobre as cidades nesta obra tem de passar primeiro pela sua configuração genérica, isto é, pelo seu carácter autobiográfico e pelos seus modelos literários, e pela disposição discursiva da obra, aspectos que passamos a analisar.

1. 1. Os *Commentarii* como autobiografia

Embora o epistolário também tenha uma dimensão autobiográfica, conforme se viu na primeira parte deste trabalho, apresenta diferenças importantes relativamente aos *Commentarii*. Diferenças que decorrem, em primeiro lugar, da respectiva configuração genérica: as cartas são escritas imediatamente (na maioria dos casos) a seguir aos acontecimentos e experiências referidos, por vezes, enviadas até dos locais nelas descritos e dirigem-se a amigos ou personalidades importantes; os *Commentarii*, pelo contrário, escritos com uma maior distância temporal em relação a grande parte dos acontecimentos referidos, têm por destinatário a posteridade. Acrescem ainda os diferentes períodos de tempo compreendidos por uma e outra obra. Os anos anteriores ao pontificado, abundantemente documentados nas cartas, foram condensados ou simplesmente amputados nos *Commentarii*.[1] O primeiro livro, aliás, parece funcionar como uma introdução a todo o resto escondendo a dramaticidade e a complexidade das decisões por que Enea passou desde a adesão ao partido conciliarista até à reconciliação com Eugénio IV.[2] Por isso, pode dizer-se que os *Commentarii*, são, essencialmente, uma autobiografia *de* um Papa, ou seja, são escritos por um Papa e dizem respeito sobretudo ao seu reinado.

Neste ponto, entra em jogo uma das operações que caracteriza a escrita autobiográfica e que concerne à selecção de materiais cuja razão de ser reside no desfasamento entre o tempo do narrado e o tempo da narração i. e., a ordem da narrativa, à qual Lejeune chama "ordem autobiográfica."[3] Como lembra o mesmo autor, na autobiografia a relação entre tempo do que é narrado e tempo do narração não é idêntica à de outros textos narrativos.[4] Se de um

[1] Tenha-se presente, todavia, que o autor pressupõe a complementaridade das obras conforme se deduz de um passo do primeiro livro em que remete explicitamente para a carta a Carvajal com a descrição de Tabor e a disputa teológica que aí travou (*Sed quoniam mores Thaboritarum, urbis situm, gentis errores et omnem suam disputationem cardinali Sancti Angeli, clarissimo viro Aeneas scripsit, deque his rebus extat epistola, quam nos cum aliis inseruimus in uno volumine, his praetermissis ad alia festinabimus* (Pio II, *Commentarii*, I, 21, p. 110).

[2] Ver Totaro, apud Pio II, *Commentarii,* introduzione, p. XXXIII: "Il lettore è guidato nella prima parte del libro I, fino alla reconciliazione di Enea Silvio con Eugenio IV, senza che abbia modo di percepire la drammaticità dei conflitti in atto e, in fondo, la complessità della vicenda."

[3] Lejeune, Philippe, *Le pacte autobiographique,* nouvelle édition augmentée, Paris, Seuil, 1996 p. 197. Sobre a disparidade entre tempo do narrado e ordem da narrativa ver Genette, Gérard, *Figures III*, Paris, Seuil, 1972, pp. 77-121.

[4] Cf. Lejeune, *Le pacte...*, p. 197 contra Genette que trata o tempo da narrativa ou *Erzählzeit* como um pseudo-tempo (ver *Figures* III, p. 78).

romance se pode dizer que a narração não tem tempo, da autobiografia sabe-se normalmente o seu tempo.[5]

Ao longo da história da recepção da obra colocaram-se maiores dificuldades à sua classificação como autobiografia pelo facto de estar escrita na terceira pessoa. Recorde-se, aliás, o bizarro episódio bibliográfico da edição romana de 1584 (bem como a de Frankfurt de 1614) que a apresentava sob a autoria de Johann Göbel, o secretário de Pio II. Trata-se não de um erro, mas, como já Giuseppe Lesca assinalara, de uma falsificação cujos motivos radicam no ambiente religioso pós-tridentino segundo o qual uma autobiografia não convinha a um papa (e menos ainda a mordacidade com que estava escrita).[6] Se o facto de ser escrita na terceira pessoa pode ter originado essa falsa atribuição, importa contudo ter presente que, do ponto de vista de uma definição da autobiografia, essa singularidade não é suficiente para a retirar do âmbito do género.[7] Com efeito, recordem-se os critérios que constituem a definição de autobiografia, segundo Lejeune:

— é uma narrativa em prosa;

— o assunto é a vida de um indivíduo;

— há uma identidade de autor e narrador;[8]

[5] De facto, há uma subscrição com a data de conclusão dos 12 primeiros livros (o livro XIII, posteriormente acrescentado embora não revisto, é escrito em 1464, poucos meses antes da jornada para Ancona em que faleceria): *Haec habuimus quae ad annum sextum pontificatus sui nondum exactum de rebus eius scriberemus, in libros digestis duodecim, quorum ultimus pridie Kls. Ianuarias finem accepit, anno ab incarnato Verbo MCCCCC.LXIII* (*Commentarii*, XII, 42, p. 2504). Giuseppe Lesca fala de uma redacção iniciada logo após a eleição pontifícia e, no caso do livro XIII, aponta para uma data posterior a 19 de Julho, i.e., a data da chegada a Ancona (cf. *I Commentarii rerum memorabilium, quae temporibus suis contigerunt d'Enea Silvio de' Piccolomini (Pio II)*, Pisa, Tipografia T. Nistri, 1893, p. 56s). Luigi Totaro, por seu lado, indica a Primavera de 1462 como termo *a quo* da redacção para os 12 primeiros livros (apud Pio II,*Commentarii*, introduzione, pp. XXXIL s).

[6] Lesca, *I Commentarii...*, pp. 9-24. Sobre os motivos ideológicos da falsificação de 1584 ver Totaro, apud Pio II, *Commentarii*, introduzione, p. XLVIIs; e Enenkel, *Die Erfindung des Menschen...*, pp. 300-301. Note-se que o livro de Enenkel, que explicita largamente o tema da falsificação da autoria, comete na mesma página (*ibidem*, p. 303) duas falsificações: fala de uma edição dos Commentarii nos Opera omnia publicados em Basileia em 1551 que, de facto, não existiu; e o biógrafo de Pio II, Georg Voigt, passa a *Gregor* Voigt! No entanto, convém notar, a respeito da edição romana de 1584 (e o mesmo vale para a edição de Frankfurt de 1614, salvo algumas diferenças), que houve uma habilidade tipográfica para disfarçar a falsa autoria de Göbel (o seu nome além de aparecer apenas na 6ª linha, vem em caracteres bem mais pequenos): PII SECVNDI / PONTIFICIS MAX. / COMMENTARII / Rerum memorabilium, quae / temporibus suis con-/tigerunt, à R. D. Ioanne Gobellino vicario Bonnen. / iamdium compositi, & à R.P.D. Francisco Band. / Picolomineo Archiepiscopo Senensi ex / vetusto originali recogniti. / ET SANCTISS.D.N.GREGORIO XIII. / Pont. max. dicati [...] ROMAE Ex Typographia Dominici Basae / M D LXXXIIII.

[7] A distinção entre narrador e protagonista biografado faz-se sentir de forma mais aguda quando o próprio narrador assume a primeira pessoa (cf. *Commentarii*, I, 15, p. 74: *in eo conventu egregium facinus Aeneas ausus est, quod negligere nulla ratione possum*).

[8] Obviamente que, ao falar do autor de uma autobiografia, se pressupõe a definição de autor dada por

— no respeitante à posição do narrador há uma identidade entre narrador e personagem principal, e o seu ponto de vista é retrospectivo.

Segundo o mesmo autor, é uma autobiografia a obra que satisfaz simultaneamente todos estes critérios.[9] Quanto ao facto de os *Comentárii* estarem escritos na terceira pessoa, tal não constitui um óbice à inclusão da obra no género autobiográfico, pois o próprio Lejeune admite que existem autobiografias na terceira pessoa.[10]

1. 2. Modelos e influências: César ou Vergílio?

A obra pertence, portanto, ao género da autobiografia, embora essa classificação não exclua outras afinidades genéricas. Os *Commentarii*, na verdade, situam-se em um cruzamento de fronteiras: entre o relato de viagem, a autobiografia, o discurso retórico e, enfim, o comentário clássico cujo modelo se encontra nos *Comentários* de César.[11] Karl Enenkel pretendeu, na sua análise da autobiografia papal, demonstrar o paralelismo entre ambas as obras bem como a modelação da figura de Pio II à imagem de César. Com efeito, os *Commentarii* subordinam o desígnio autobiográfico à apresentação e justificação da política do seu papado que consiste principalmente na guerra contra os Turcos.[12] De um ponto de vista da estrutura da obra esse desígnio reflecte-se na desproporção entre o primeiro

---

LEJEUNE: "Un auteur, ce n'est pas une personne. C'est une personne qui écrit et qui publie. A cheval sur le hors-texte et le texte, c'est la ligne de contact des deux. L'auteur se définit comme étant simultanément une personne réelle socialement responsable, et le producteur d'un discours." (LEJEUNE, *Le pacte…*, p. 23).

[9] *Ibidem*, p. 14.

[10] *Ibidem*, pp. 16-17. Por conseguinte, a crítica de Martina WAGNER-EGELHAAF a essa definição de autobiografia, com base no facto de exisitirem autobiografias na terceira pessoa — "Weiter kennt die Literaturgeschichte Beispiele, in denen der Erzähler nicht "Ich" sagt, sondern von sich selbst in der 3. Person erzählt." (*Autobiographie*. Zweite aktualisierte und erweiterte Auflage, Estugarda, Weimar, J. B. Metzler, p. 7) — é um mal entendido da própria definição tal como explicitada pelo seu proponente. Lubomir DOLEŽEL chama a esse modo narrativo *forma-"Ele" subjectivo* (*subjective "Er"-form*): cf. AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel, *Teoria da Literatura*, 8ª ed., Coimbra, Almedina, 1994, pp. 760 s.

[11] A obra, no seu todo, parece bastante fragmentária como, aliás, o próprio autor admite: *Neque enim ex tempore suo nobis historia texitur; rem gestam tradere ex vero conamur, quocumque tandem occurrerint vel anno vel mense, nisi hoc fuerit diligenter a nobis notatum. Fortasse hoc* /p. 1182/ *laboris alius assumet, ut suis quaeque temporibus reddat. Nobis non tantum ocii fuit* (PIO II, *Commentarii*, VI, 21, pp. 1180 s). Sobre a intertextualidade com os *Comentários* de César ver O'BRIEN, Emily, "Arms and Letters: Julius Caesar, the Commentaries of Pope Pius II, and the Politicization of Papal Imagery," in *Renaissance Quarterly*, 62 (2009), pp. 1057–1097.

[12] Ver no livro XIII uma afirmação pertinente para a determinação do objecto da obra, bem como da técnica compositiva usada, do ponto de vista do narrador: *Servabimus et in hoc opere quod in superiore diligenter est factum: non solum quae ad bellum Turchonicum pertinebunt, sed alia quoque gesta Pii ac aliorum regum popolorumque intercidentia, digna quae ad posteros mandentur, inseremus* (PIO II, *Commentarii*, XIII, p. 2510).

livro, que resume os 53 anos anteriores ao pontificado, e os 12 restantes, que tratam do pontificado.

A introdução de desenvolvidos excursos etnográficos é, para Enenkel, a prova mais óbvia do paralelismo entre a obra de César e a de Pio II. Um exemplo apontado pelo estudioso alemão é o excurso sobre a origem dos Turcos no livro II, excurso que está colocado precisamente no início do livro, depois de descrever de forma sumaríssima a cerimónia de coroação e o banquete que se lhe seguiu. Pio II recolhe aos seus aposentos no Vaticano, com uma preocupação que lhe toma todo o seu cuidado: mover uma guerra contra os Turcos.[13] Acto contínuo, explica a origem dos Turcos e mostra o desenvolvimento da sua expansão ao longo desde a Ásia Menor até aos rios Sava e Danúbio, no interior da Europa.[14] O excurso poderia, como lembra Enenkel, dar razão aos que consideram a obra mais enciclopédica do que autobiográfica; porém, a um exame mais atento esse excurso é um "komplexer politischer Überzeugungsakt,"[15] que faz da cruzada anti-turca o ponto de alavancagem de toda a restante narrativa. Desta forma, tal como César pretendeu justificar a guerra das Gálias aos olhos do público romano, assim Pio II pretende com os *Commentarii* justificar o seu pontificado e o seu programa político.[16]

Sob outro aspecto, e ainda de acordo com a argumentação de Enenkel, os *Commentarii* cesarianos constituem-se como modelo de Pio II, na medida em que ambos se inserem no género *commentarium*, a forma usada para relatórios de funcionários ou de generais romanos que reúne materiais diversos e — mais um paralelismo entre ambas as obras — que garante, ou pretende garantir, objectividade.[17] Partindo da semelhança entre as duas obras e do facto

[13] *Eademque nocte in suas aedes ad Vaticanum rediit. Atque inter omnes curas, quae animum eius invasere, nulla maior fuit, quam ut in Turchos excitare Christianos posset, atque illis bellum inferre* (*ibidem*, II, 1, p. 232).

[14] Cf. *ibidem*, II, 1, pp. 232ss. Na verdade, o excurso, que começa por ser etnográfico e contém elementos geográficos precisos, termina como apologética anti-islâmica, uma biografia de Maomé e um conspecto da expansão geográfica do Islão por toda a Ásia e África.

[15] Enenkel, *Die Erfindung des Menschen...*, p. 310. Sem prejuízo do alcance político apontado, note-se, todavia, que o excurso é bem diferente do capítulo sobre o mesmo tema, a origem dos Turcos, que se lê em obra também datada do pontificado, a *Asia.* Este último é mais minucioso do ponto de vista histórico (com alusões nomeadamente à divisão entre Turcos) mas não contém um resumo sobre Maomé e a origem do Islão (ver *Asia*, cap. C, *De Turcarum origine et moribus. Item de Ottomanorum progenie*, in Piccolomini, *Opera omnia*, pp. 383-386) — o que mostra como os excursos geográficos são adaptados nos *Commentarii* ao contexto que se inserem.

[16] Enenkel, *Die Erfindung des Menschen...*, p. 312.

[17] *Ibidem*, p. 313. No entanto, e em sentido contrário à leitura de Enenkel, convém lembrar que o *commentarium* cujo modelo eram os *hypomneumata* gregos, sob o disfarce de um relatório, ou seja, de uma compilação de dados que assegura maior objectividade, era, efectivamente, um *understatement* de história; dito de outro modo, sob a pretensão de materiais compilados de diversas fontes, como que forma provisória de uma

de os excursos geográficos, na obra de César, servirem como expediente para justificar, com dados objectivos, a sua estratégia conquistadora, Enenkel interpreta os *Commentarii* como uma auto-representação do Papa como César, superior mesmo ao César contemporâneo, i. e., Frederico III; Pio II vê-se como um general que progride no terreno, assenta arraiais com a sua cúria em pleno campo e aí gere os negócios públicos...

O problema de toda esta interpretação é que dificilmente proporciona um quadro aplicável ao conjunto da obra. A afirmação de que "trägt Pius' Selbstdarstellung als reisender Papst wesentlich dazu bei, seinen Anspruch als neuer Caesar geltend zu machen,"[18] não serve, como se verá, como esquema interpretativo para a totalidade da obra.[19] Não serve, nomeadamente, porque descura uma característica fundamental da escrita de Pio II que é a ironia — aspecto, aliás, em que os *Commentarii* são, conforme indica uma citação explícita, devedores do *Decameron* de Boccaccio (e para mencionar uma relação de intertextualidade não considerada por Enenkel).

Uma outra intertextualidade, já assinalada por vários autores e que Enenkel demonstra amplamente, é a que pode ser estabelecida com a epopeia vergiliana.[20] Essa intertextualidade assenta ora em passos específicos com um determinado significado, ora em elementos estruturais. O mais importante e mais vísivel desses elementos estruturais é a divisão da obra em 12 livros — e que o próprio autor alterou ao escrever um 13º livro.[21] Quanto à intertextualidade concretizada em passos específicos da obra, Enenkel sustenta a sua argumentação em três deles. O primeiro é a tempestade que perturbou a viagem de Enea na

futura história, o que se escreve realmente é uma história (cf. Ver ENGELS, Johannes, *Augusteische Oikoumegeographie und Universalhistorie im Werke Strabons von Amaseia*, Stuttgart, F. Steiner, 1999, pp. 69 s).

[18] ENENKEL, *Die Erfindung des Menschen...*, p. 315.

[19] Acresce que, conforme já se viu, nem todas as viagens de Pio II têm o mesmo significado ideológico de um Pio II como um general à imagem de César, que ENENKEL lhes atribui. As viagens de estudo das ruínas não estão isentas de significado ideológico, como também já foi demonstrado, mas esse significado é diferente.

[20] Está fora de questão considerar uma intertextualidade da obra com a épica e, em particular, com a épica de Vergílio, a despeito de influências localizadas. A proposta de Mario POZZI (ver "Struttura epica dei Commentarii," in SECCHI TARUGI, *Pio II e la cultura...*, pp. 151-162), que aponta para uma estrutura épica dos *Commentarii*, menospreza a matriz autobiográfica da obra. Também não se pode considerar que a influência de Vergílio em determinados aspectos (*e. g.* o tópico do *locus amoenus* na excursão ao monte Amiata, ou a tempestade em Óstia modelada na tempestade da *Eneida*), seja fundamental na configuração da obra. A obra de Norbert SEEBER que analisa a influência estilística de Vergílio, nomeadamente, em passos dos *Commentarii*, não altera a situação: cf. *Enea Vergilianus: Vergilisches in den "Kommentaren" des Enea Silvio Piccolomini (Pius II.)*, Innsbruck, Universitätsverlag Wagner, 1997.

[21] Facto que ENENKEL não pondera devidamente ao sublinhar a importância da divisão em 12 livros (dürfte es nicht Zufall beruhen, dass Pius II. seine Commentarii ursprünglich in zwölf Bücher gliederte): cf. IDEM, *Die Erfindung des Menschen...*, p. 322.

companhia do cardeal Capranica de Piombino para Génova e que levou a sua embarcação para as imediações da Líbia.[22] A descrição da viagem tem uma óbvia intertextualidade com a tempestade do canto I da Eneida.

O segundo passo de intertextualidade com a épica vergiliana, o mais explícito de todos do ponto de vista estilístico, é a regata no lago Bolsena.[23] Note-se, todavia, que, ao contrário da interpretação de Enenkel — a saber, de que o evento era em honra de Pio II, aqui identificado com Eneias, e de que "Pius II als Hauptbetrachter und 'Vorsitzenden' des Spektakels konstituiert, nimmt er die für ihn ideologisch wichtig Stelle des Stammvaters der Römer ein"[24] — a regata não é feita em honra de Pio II nem há uma explícita referência a qualquer honra feita ao Papa.[25]

Um terceiro elemento de intertextualidade estruturante, aventado por Enenkel, é a auto-representação de Pio II como herói viajante à maneira de Ulisses ou do Eneias vergiliano.[26] Desse ponto de vista, as viagens cumpririam, na narrativa, uma função análoga à que cumprem na épica. Ou seja, por um lado, introduzem o conhecimento político, geográfico e cultural da Itália no discurso, por outro, cumprem a função de alternar os momentos de tensão política e até militar com momentos de repouso. Têm esta função não só descrições de cidades, como também as cenas em que Pio II, em excursão no campo, almoça, reúne o consistório ou a assinatura apostólica, ou recebe delegações sentado na relva.

---

[22] Cf. Pio II, *Commentarii* I, 3, p. 10 s. Conforme nota Enenkel (*Die Erfindung des Menschen...*, p. 320, n. 53) a referida viagem, que os levou a uma errância até junto das costas de África, é descrita na carta a Tommaso Docci (erroneamente Tommaso della Gazzaia em Wolkan I/FRA 61, ep. 4, Génova, 28 de Fevereiro [1432], pp. 4s) sem qualquer referência a uma aproximação a África. Há ainda uma outra versão dessa mesma viagem na carta a Juan de Carvajal, Wolkan II/FRA 67, ep. 44, [Wiener-Neustadt, 1450], p. 173. Note-se, porém, um dado que Enenkel não assinala: o vergiliano desvio até África já consta desta última carta — onde terá uma oblíqua insinuação de que a viagem para Basileia significava para Piccolomini o mesmo que a estada de Eneias entre os Africanos, ou seja, algo contrário à missão que lhe estava destinada — e não é, por conseguinte, uma particularidade dos *Commentarii.*

[23] Para uma comparação dos passos ver Seeber, *Enea Vergilianus...*, pp. 24 ss.

[24] Enenkel, *Die Erfindung des Menschen...*, p. 323.

[25] A regata é uma ideia de Gabriele Farnese *ut festum* [sc. *divi Iohannis praecursoris Domini*] *redderet celebrius* (Pio II, *Commentarii*, VIII, 10, p. 1622). Quanto a uma suposta posição honorária de Pio II como sucessor do fundador dos Romanos, o texto não parece corroborá-la. Pelo contrário, abundam, mais uma vez, os exemplos da ironia e do gosto pelo novelesco da escrita piccolominiana: a narrativa da fanfarronice entre os concorrentes, antes do certame, e que azedou a ponto de se exigir a intervenção do organizador, Gabriele Farnese (*ibidem*, VIII, 10, p. 1624); a derrota da equipa de Bolsena para vexame do prefeito da cidade que clamara vitória a meio da corrida (*ibidem*, p. 1628 s); enfim, a partida apressada do cardeal de Rouen com o risco de se afundar no lago, visto que seguira viagem na embarcação da equipa dos Clarentanos já bastante ébrios (*ibidem*, p. 1630).

[26] Enenkel, *Die Erfindung des Menschen...*, pp. 323 ss.

Todos estes elementos de intertextualidade são, para Enenkel, exemplares e funcionam como experiências hermenêuticas (*hermeneutischen Erlebnisse*), entendidas como "literarische Verortungen, die das beschriebene Geschehen einem bestimmten Diskurs zuordnen, der die Perzeption des Lesers steuert,"[27] ou seja, experiências com o objectivo de inscreverem o discurso narrativo e a figura do protagonista no discurso épico.

Ora esta argumentação de Enenkel amplia consideravelmente, e bem para lá do que o texto autoriza, o papel da intertextualidade vergiliana na obra a ponto de a transformar juntamente com os *Commentarii* de César, nos dois modelos exclusivos do texto. No entanto, fá-lo a custo de algumas inadequações e de algumas amputações. Se o conceito de experiência hermenêutica é iluminador, a restante interpretação descura, como já se disse, a ironia constante mesmo em episódios de assunto elevado. Para a demonstração deste ponto tome-se a narrativa do conclave, no livro I.

O episódio é o culminar do resumo dos 53 anos da sua vida, sobretudo, dos anos de actividade pública que vão de 1432, ano da sua partida para Basileia, a 1458, data da sua eleição papal. Esse resumo é marcado por uma sequência crescente de presságios e sonhos: aos 3 anos escapa ileso aos ferimentos resultantes de uma queda do alto de um muro; aos 8 anos a investida de um boi lança-o ao ar e, por intervenção divina (*divino magis auxilio quam ope humana*), escapa mais uma vez;[28] em 1435, durante a viagem por mar à Escócia, uma tempestade fizera perder toda a esperança aos passageiros e tripulação até que, ao fim de 12 dias, graças à *divina pietas,* chega salvo a terra;[29] em 1439, adoece gravemente em Milão e, *ope divina,* foi salvo;[30] ainda em 1439, é contagiado pela peste em Basileia e, *miserante divina pietate*, Enea é mais uma vez salvo;[31] em 1452, ao dirigir-se para Roma no séquito de Frederico III, este profetiza-lhe a sua ascensão ao cardinalato e à cadeira de Pedro;[32] em Corsignano várias profecias anunciam a eleição de Pio II na hora exacta em que decorre.[33]

[27] *Ibidem,* p. 323.
[28] Sobre esses prodígios cf. *ibidem,* I, 2, p. 8.
[29] *Ibidem*, I, 5, p. 20.
[30] *Ibidem*, I, 8, p. 38-39
[31] *Ibidem*, I, 9, 42 s.
[32] *Ibidem*, I, 23, p. 124.
[33] Como o anúncio, na própria hora da eleição, feito pelos populares à irmã de Enea em Corsignano (*ibidem*, I, 37, p. 226) ou o catalão que, de acordo com o sonho que tivera nessa noite, profetiza à criadagem e ao médico de Enea a eleição pontifícia do seu amo (*ibidem*, I, 37, p. 226 s).

Precisamente durante o conclave, no momento em que a eleição se decidia entre o cardeal de Rouen, Guillaume D'Estouteville, e Enea, um dos episódios mais célebres é uma reunião secreta dos partidários daquele nas latrinas. Se a sequência de presságios conferia uma gravidade à narrativa, até pela sua intertextualidade com a hagiografia — mais uma intertextualidade fundamental ao longo de toda a obra descurada por Enenkel —, este anticlímax dos adversários de Enea nas latrinas contamina a narrativa com uma tonalidade prosaica e com uma peripécia cómica.[34] E os exemplos do uso da ironia e da peripécia cómica serão vários ao longo da obra, como se verá.

Ainda contra essa influência vergiliana é útil lembrar que a relação entre Enea/Pio II e o Eneias antepassado, nada tem de épico na medida em que é definida pelo próprio Pio II como uma relação de descendência. A afirmação de que os Piccolomini descendem de Eneias, e que a prova disso é a frequência do nome Enea na família, é mais exemplo de prosápia forjada do que de inscrição de Pio II no discurso épico. Esse estratagema nobiliárquico tem um valor mais pessoal do que público, pois tem uma importância sobretudo no âmbito familiar, ao passo que uma inscrição no discurso épico teria valor público.[35]

1. 3. Especificidades dos *Commentarii* enquanto autobiografia

Os *Commentarii* são realmente uma autobiografia *e* uma historiografia, tomando esse conector por aditivo na medida em que os acontecimentos historiados estão dispostos de acordo com o programa da autobiografia. Essa confluência de géneros não é inusitada na obra de Pio II como se pode ver pela bula *In minoribus agentes*. Embora se trate de um documento de chancelaria papal, não deixa de ser um documento tão autobiográfico como as cartas — com as quais partilha, aliás, um tom confessional. O parágrafo inicial do texto, marcado por uma sucessão de verbos referentes a acções praticadas pela sua pena,[36] abre

[34] Cf. *ibidem*, I, 36, pp. 200-212. Cf. também, *ibidem*, p. 204, a resposta de Pio II ao cardeal de Bolonha, Filippo Calandrini, que o advertira da conjura nas latrinas; resposta essa que opõe os vícios da simonia e da devassidão do cardeal de Rouen — Enea imagina o Palácio Apostólico transformado em antro de ladrões e em prostíbulo! — à integridade de Enea.

[35] Ver infra p. 365. É preferível, portanto, dizer que esse trocadilho se situa mais uma vez no labirinto autobiográfico piccolominiano (ver supra outros trocadilhos em torno do seu nome: pp. 228 e 294 n.).

[36] *In minoribus agentes, non sacris ordinibus initiati, cum Basileae inter eos versaremur, qui se generale concilium facere et universalem Ecclesiam representare aiebant, dialogorum quemdam libellum ad vos scripsimus, in quo, de auctoritate concilii generalis ac de gestis Basileensium et Eugenii Papae contradictione, ea probavimus vel*

espaço, por um lado, à consideração do carácter irrevogável dos seus erros e, por outro, a uma apologia com base nos limites da sua condição humana. Ao mesmo tempo declara a confiança na misericórdia divina bem como a humildade que lhe permitiu admitir o seu erro.[37]

O acto mais lamentado por Pio II (por ser irrevogável nos seus efeitos), e que justifica a nova empresa autobiográfica que são os *Commentarii*, é a escrita, mais do que qualquer outra acção ou palavra (*plus scripto quam facto nocuimus*). O problema da escrita coloca-se repetidamente e, em ao mesmo tempo, o da cisão na sua autobiografia: *Aeneam reiicite, Pium recipite. Illud, gentile nomen, parentes indidere nascenti; hoc, christianum, in apostolatu suscepimus*.[38]

Portanto, o facto de os *Commentarii* aspirarem pelo seu título à objectividade da historiografia e constituírem, simultaneamente, uma autobiografia não era, na prática literária do autor, uma impossibilidade.

O que se apresenta nos *Commentarii* é uma autobiografia de um político, se quisermos escolher um dos vários modelos propostos por Roy Pascal. Na verdade, a obra tem a multiplicidade de experiências e factores submetida a um esforço de unidade garantido, em última análise, por elementos pessoais que caracterizam esse modelo.[39] Já não é apenas o eu e a sua história que está em causa, mas sobretudo a História (do papado, da Itália, da Europa) em que o autor se vai representar, ou seja, em grande medida os *Comentárii* são historiografia. Mais do que a biografia ou a narrativa o seu horizonte é definido pela a interacção Pio II e as forças da história.[40] Em torno de um motivo agregador, o da cruzada

damnavimus, quae probanda vel damnanda censuimus; quantum cupiebamus, tantum defendimus aut oppugnavimus; nihil mentiti sumus, nihil ad gratiam, nihil ad odium retulimus, existimavimus bene agere et recta incedere via, nec mentis nostrae aliud era obiectum, quam publica utilitas et amor veri. Sed quis non errat mortalis? (Pio II, *In minoribus agentes* [Bula de 26 de Abril de 1463], in *Bullarium diplomatum et privilegiorum sanctorum Romanorum Pontificum. Taurinensis Editio locupletior facta* [...] *cura et studio Collegii adlecti Romae virorum s. theologiae et ss. canonum peritorum* [...]. *Tomus V*, Augustae Taurinorum, Seb. Franco et Henrico Dalmazzo editoribus, 1860, p. 175).

[37] *Non habemus quod respondere possimus, nisi ut homines peccavisse, qui arbitrantes rectum iter ostendere, obliquum monstravimus. In misericordia tantum Dei spes nostra sita est, quae super omnia opera eius elucet.* [...] *Nos ut homines peccavisse, qui arbitrantes rectum iter ostendere, obliquum monstravimus.* [...] *Nos homines sumus, et homines erravimus* (*ibidem*, p. 173, § 1).

[38] *Ibidem*, p. 175 § 3. O modelo explícito deste documento autobiográfico eram as *Retractationes* de S.to Agostinho: cf. *ibidem,* p. 174 § 2.

[39] Pascal, Roy, *Die Autobiographie: Gehalt und Gestalt*, Suttgart, Berlin, Köln, Mainz, W. Kohlhammer Verlag, 1965, trad. de *Design and Truth in Autobiography*, London, Routledge & Kegan Paul Ltd., 1960, pp. 145-151 (sobre a autobiografia de um político).

[40] Cf. a introdução de Margaret Meserve a Pio II, *Commentaries...*, p. xviii. Sobre as forças da história nada

anti-turca, surgem outras questões políticas com que se defronta o papado: o enfrentamento de oposições nacionais que emergem na cena europeia, e em particular da França; a oposição ao papado na Alemanha; a instabilidade na Itália; a guerra pela sucessão do reino de Nápoles.

1. 4. Sob a influência Biondo

A relação entre Pio II e Biondo, por mais do que uma razão conforme já se viu, e se verá ainda, é estreita. Para o caso específico dos *Commentarii* há uma particular relação de intertextualidade com a obra *Italia illustrata* de Biondo. Do ponto de vista da configuração genérica, as duas obras são bastante distintas. Com efeito, a obra de Pio II situa-se, como acabámos de ver, entre a historiografia e a autobiografia e, a esse título, é um discurso narrativo, enquanto a obra de Biondo se situa, pelo contrário, na intersecção da historiografia com a geografia.[41] Em todo o caso, ambas as obras têm em comum o facto de serem um produto da historiografia de Roma da segunda metade de Quatrocentos.[42]

A influência biondiana é sobretudo perceptível no reconhecimento da Itália quatrocentista, pelo que passamos agora a uma breve análise da *Italia illustrata* de Biondo enquanto modelo dos *Commentarii*.

A história da *Italia illustrata* tem a sua origem em uma encomenda, feita por Afonso o Magnânimo, para elaborar um catálogo de personalidades ilustres de Itália e que, posteriormente, se tornou uma descrição do território, dividido segundo o esquema das

mais sugestivo do que a imagem do autor: *ut intelligant posteri cum quibus monstris Pio pontifici concertatio fuerit* (2,12,1). Sobre a autobiografia renascentista, e com referência aos *Commentarii*, ver também PITTALUGA, Stefano, "L'autobiografia nell'umanesimo," in CONVEGNO STORICO INTERNAZIONALE, XXXIV, Todi, 12-15 ottobre 1997, *L'autobiografia nel Medioevo: atti,* Spoleto, Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1998, pp. 291-306. Também Gerhard BÜRCK considera que os *Commentarii* não são uma autobiografia introspectiva (*Selbstdarstellung und Personenbildnis bei Enea Silvio Piccolomini (Pius II.)*, Basel [et al.], Helbing & Lichtenham (Basler Beiträge zur Geschichtswissenschaft; 56), p. 66).

[41] Convém lembrar que o próprio Pio II está ligado à redacção da *Italia illustrata*. Com efeito, é durante o pontificado de Pio II que Biondo se propõe fazer uma revisão da obra, respondendo a um desafio que Pio II lhe lançara ainda antes de ser Papa. Segundo a carta-prefácio das *Additiones correctionesque Italiae illustratae*, cujo dedicatário é Pio II: *Interrogasti me in minoribus agens, pater Beatissime, cur Italiam meam nondum absolutam ediderim* (apud NOGARA, *Scritti inediti...*, pp. 227 s). Cf. ainda PONTARI, Paolo, *Blondus Flavius. Italia Illustrata*, Roma, Istituto Istorico Italiano per il Medio Evo, 2011 (Edizione Nazionale delle opere di Biondo Flavio; 4/1), p. 59 ss.

[42] HAY, Denys, *Annalists and historians: Western historiography from the eighth to the eighteenth centuries*, London, Methuen, 1977, p. 110.

antigas regiões romanas, no intento de identificar sob a paisagem contemporânea a topografia antiga.[43] Por esse motivo, a obra assumiu uma configuração que, aparentemente, se situava na linha de uma orientação antiquária: tratava-se, com efeito, de identificar a topografia antiga por meio de diversas fontes literárias, epigráficas, etnográficas... No entanto, a *Italia illustrata* não pode ser apresentada como produto da antiquária do séc. XV. Na verdade, Biondo interessa-se pela Itália como uma entidade contemporânea e viva. Ainda que o seu método e os seus interesses tenham muito em comum com a historiografia antiquária, porém, não se confinam a este horizonte. Para retomar o juízo de Denys Hay, é inadequada à sua obra a oposição, avançada por Fueter, entre historiografia antiquária — na linha de um Pompónio Leto ou de Valla em *De falso credita et emmentita donatione Constantini* — e historiografia retórica, civicamente empenhada e cujo modelo era Bruni.[44]

Efectivamente, Biondo não encaixa nesse perfil de historiador erudito desligado da vida política como o prova o facto de ter escrito discursos de cruzada anti-turca.[45] Além disso, mesmo as obras sobre Roma não estão isentas de um desígnio político.[46] Devemos dizer, aliás, que a sua concepção de historiografia, sendo embora um expoente da escola antiquária, se funda no mesmo empenho cívico que é norma e fundamento do ofício historiográfico de um autor como Bruni. A esse respeito a carta de Lapo da Castiglionchio a Biondo, que louva e repete as ideias deste, confirma essa orientação da historiografia biondiana: por um lado, obedece a um desígnio de intervenção cívica e política por meio da publicação das boas e más acções dos homens do seu tempo: *ut intelligerent homines huius aetatis si qua strenue recteque aut contra nequiter et perperam facerent, ea non modo vivos latere non posse, sed etiam*

[43] No prefácio original da obra delineava-se o seguinte esquema: *Postquam vero omnem Italiam peragraturus ero, viros praestantiores qui singulis in urbibus et locis pridem geniti fuerunt, eosque qui sunt superstites, praesertim litterarum aut cuiuspiam virtutis gloria claros, enumerabo, atque res in singulis locis scribi dignas breviter narrabo, ut non magis haec Italiae sit descriptio quam virorum eius illustrium praestantiumque catalogus ac non parvae partis historiarum Italie breviarium* (na redacção recebida do texto, esse prefácio faz parte do livro I; cf. Biondo Flavio, *Italia Illustrata*, I, p. 18). Esse prefácio não foi escrito pelo próprio Biondo, mas por Francesco Barbaro em 1451, i.e. quando a obra ainda não estava terminada: cf. Biondo Flavio, *Italia Illustrata*, edited with translation and commentary by Catherine J. Castner, Binghampton (NY), Global Academic Pub., 2005, p. 231 e bibliografia aí citada.

[44] Ver Hay, Denys, "Flavio Biondo and the Middle Ages," in Idem, *Renaissance essays*, pp. 36-37 e pp. 62-63.

[45] Cf. supra, p. 258.

[46] Cf. supra, p. 236.

nota posteritati fore; por outro lado, e em contraste com Bruni, que se limitara à história de uma cidade, o forliviense abraçara, na sua obra, toda a Itália.[47]

Na verdade, a amor à Itália, como sua pátria, e à sua fé são as duas características fundamentais da obra de Biondo, conforme o próprio afirma:

> *Sed est alia ratio* [...] *que me impulit ad scribendum: ego enim nomine et professione, et utinam ne sola christianus, ego italicus orbi Christiano et ipsi Italiae, si quid sum et imprimis si quid est in me ingenii debeo, ut non improbe videar facere, si ea quae mihi sunt calami et rerum gestarum peritiae, arma ad rei Christianae et Italiae defensionem confero.*[48]

Especificamente a propósito das cidades na obra de Biondo há uma perspectiva nas *Decades* e outra na *Italia illustrata.* Nas *Decades* as cidades surgem apenas no que toca às suas relações (conflitos bélicos, alianças, tréguas...) e a história interna é descurada;[49] e as respectivas descrições são apenas um elemento preambular para a narração de um conflito.[50]

Na *Italia illustrata,* pelo contrário, as cidades tornam-se uma referência basilar pese embora a sua inserção em uma arquitectura complexa;[51] complexa, em primeiro lugar, em virtude do critério de ordenamento do território italiano, que é o de Plínio, i.e., as regiões augustanas, e que equivale a uma escolha sem qualquer fundamento na realidade política de então;[52] em segundo lugar, por causa da forma de catálogo que estava na sua origem, que faz com que o percurso pela política e pela geografia da Itália do séc. XV seja ao mesmo tempo um elenco de homens ilustres. Nesse sentido a descrição da Itália agrega à paisagem geográfica uma paisagem cultural, distribuída por cidades.[53] É esse o modelo do

[47] Cf. MIGLIO, Massimo, "Una lettera di Lapo da Castiglionchio il Giovane a Flavio Biondo: Storia e storiografia nel Quattrocento," in *Humanistica Lovaniensia*, 23 (1974), p. 28, ll. 2 ss. Uma nota relativa à crueldade dos partidos em Orvieto, na *Italia illustrata*, demonstra essa tomada de posição sobre os eventos narrados e como o intento de Biondo era o de constituir uma memória activa no público contemporâneo e vindouro: cf. texto cit. infra p. 363 n.

[48] *De origine et rebus gestis Venetorum*, in *Opera omnia*, p. 273.

[49] A título de exemplo, há apontamentos sobre os inícios de Veneza em *Decades* I, 3, p. 41 s; sobre os inícios do regime republicano em Florença (*Decades* II, 7, p. 299 B). Sobre esse aspecto ver HAY, "Flavio Biondo...," p. 43.

[50] Ver por exemplo a descrição de Bréscia: *Decades* III, 3, p. 433 B-C.

[51] Note-se que a perspectiva de uma descrição de toda a Itália é de facto uma inovação do autor porquanto o horizonte da historiografia até então estava confinado a uma cidade ou a uma dinastia.

[52] Além disso, Biondo procede de uma forma que causa estranheza a um leitor de hoje, ao enumerar os lugares segundo a sua disposição em relação às margens dos rios e no sentido a montante (cf. introdução de Catherine CASTNER a BIONDO FLAVIO, *Italia Illustrata*, edited with translation and commentary..., p. XXV).

[53] No entanto, o tratamento das cidades é bastante desigual, quer em virtude das suas dimensões, como seria de esperar, quer em virtude das circunstâncias biográficas que ligam o autor a cada lugar. Assim, e a título de exemplo, a cidade de Veneza é descrita isoladamente como a oitava região (enquanto a sua *terraferma* é tratada como outra região, a nona, chamada *Italia Transpadana sive Marchia Tarvisina*). O interesse por Veneza, patente ainda no escrito *De origine et gestis Venetorum*, tem origem nos laços que o ligam à cidade e ao

reconhecimento da Itália, feito, nomeadamente, ao longo do itinerário de Mântua, nos *Commentarii*, de Pio II, conforme se pode ver pela descrição da cidade de Florença — uma cidade chave para a identidade cultural italiana de acordo com Biondo (e central no itinerário mantuano de Pio II).

A descrição de Florença, inserida na segunda região da *Italia illustrata*, a *Etruria*, começa com a habitual investigação de Biondo sobre as origens da cidade e episódios históricos mais notáveis, mas, claramente, os maiores pontos de interesse são os autores que aí nasceram ou que de algum modo estão relacionados com a cidade, o seu património artístico e, enfim, os seus cidadãos mais notáveis. Entre os episódios históricos, e a propósito das várias destruições que a cidade sofrera, Biondo detém-se em particular na história do exilado Farinata, que encara em uma perspectiva que contrasta com a sorte que lhe coubera no Inferno dantesco:

> *Servata uero est ab ingenti quod inciderat desolationis periculo unius civis, Farinatae Ubertini virtute. Cum Pisanis Senensibusque et aliis Etruscis in conventu apud Emporium habito Florentiam esse destruendam censentibus, Farinata, licet longo postliminio in ipsam patriam reversus, eam dixit, quam non aedificassent, se uiuo ab illis destrui non passurum.*[54]

O episódio não apenas sublinha a virtude de Farinata, como sobretudo amplifica a nobreza de Florença cuja descrição se desenvolve, logo a seguir, a partir de várias dimensões da cidade: em primeiro lugar, uma dimensão política que é susceptível de ser explicada historicamente. Por isso, Biondo introduz o tema do governo popular (pelos *anziani* e *gonfaloniere di giustizia*)[55] em uma sequência cronológica sem quaisquer juízos sobre a sua

seu território, exemplarmente testemunhados na concessão de cidadania que o Conselho Maior lhe fizera, a instâncias de Francesco Barbaro, em 1424. Ver Fubini, "Biondo Flavio...," pp. 536-559.

[54] *Italia Illustrata*, I, II, § 27, p. 68. O episódio está mais desenvolvido nas *Decades*: as palavras de Farinata são pronunciadas em um conselho após a derrota do partido guelfo florentino em Montaperti, durante o qual alguns gibelinos se manifestavam pela destruição da cidade para consolidar definitivamente a vitória. Farinata ouve-os em silêncio e profere as palavras citadas (*Decades*, II, 8, p. 310 G). Biondo elogia Farinata particularmente no que toca às suas qualidades de chefia: *Erat uero Farinata, quod plerunque in spiritus ingentis et multum robustis contingit uiris, res magnas et arduas gerere, quam diffuse et ornate multa dicere paratior* (*Decades*, II, 7, p. 301 C ss). Cf. Dante, *Divina commedia*, Inferno X, 91 ss.

[55] Na verdade, Biondo comete, por um lado, uma imprecisão ao aproximar (*ex eo fere tempore*) os inícios do governo popular da data de incêncios ocorridos na segunda metade do séc. XII; por outro lado, faz uma amálgama de duas fases distintas da evolução política de Florença até ao governo popular, porquanto junta a instituição dos *anziani* e do *gonfaloniere di giustizia*. Todavia, nas *Decades* II, 7, p. 299 B, a criação dos *Antiani* (*anziani*) é datada de forma exacta assim como a instituição do *uexillifer iustitia*e (sc. *gonfaloniere di giustizia*; sobre este cf. *ibidem,* II, 9, p. 336 F). Note-se que a descrição de Florença constitui uma das excepções na *Italia Illustrata* no que toca ao interesse pela história política interna: noutros casos Biondo descreve a cena política em termos preferencialmente diplomáticos e em detrimento de uma análise da história política interna (cf. Hay, "Flavio Biondo...," p. 46).

natureza, considerando a forma de governo exclusivamente como resultado de uma evolução histórica:

> *Ex eo fere tempore primum per priores artium et vexilli-/p. 70/ferum iustitiae eodem quae nunc more gubernari coepit, fuitque inter primos vexilliferos ex nobili gente Strozza unus.*[56]

Em segundo lugar, a cidade possui uma dimensão estética concretizada nos vários exemplos de arquitectura religiosa como a catedral, o Palazzo della Signoria, as muralhas ou o campanário de Giotto. A pecularidade da enumeração dos monumentos, no texto de Biondo, é o facto de lhes acrescenta, por um lado, o ano do início da construção; por outro, o de emitir juízos sobre a qualidade das obras:

> *Basilica vero insignis, quae per nostram aetatem curante Philippo Brunalicio, nobilissimi ingenii Florentino, stupendi operis fornice est ornata, gloriosaeque virgini dicata, anno salutis duodecies centeno et nonagesimo quarto inchoata est. Et quarto abinde anno palatium item superbissimum, quod inhabitant priores, aedificari coepit. Quintoque postmodum anno productum est pomerium, et moenibus, quae nunc exstant, urbs est ampliata. Turris autem marmorea, inter ceteras orbis campanarias speciosa, ad annum inde primum et tricesimum excitata.*[57]

A lista de personalidades ilustres que se segue reafirma o valor cultural da cidade tendo em conta que menciona sobretudo autores literários e artísticos. Mais ainda: essa reafirmação concerne principalmente a cultura renascentista, na qual se integram quase todos os autores mencionados (com excepção de Claudiano e do jurisconsulto Accursio):

> *Per quae tempora* [sc. séc. XIV] *civitas Florentina duobus ornata est poetis, Dante Aldegherio et Francisco Petrarcha: quorum hic patre, Florentino sed exsule apud Arretium natus, et Arquadae inter colles Euganeos mortuus ac sepultus est; ille, Florentinis parentibus Florentiae natus, obiit Ravennae patria exsul. Pauloque post Florentia Iotum habuit, pictorem celeberrimum Apelli aequiparandum.*
>
> *Habuit quoque Accursium, iurisconsultorum principem, qui ius civile nunc exstans egregie interpretatus est. Famaque est, nullo nobis confirmata auctore, Claudianum poetam fuisse Florentia oriundum. Colutius vero Salutatus, etsi prius didicerit quam Ciceronianae imitatio eloquentiae sui saeculi adulescentibus nota esse coepisset, et eloquens est habitus et multa scripsit prudentiam magis et doctrinam, quam eloquentiam redolentia. Nicolaus Nicoli aetate nostra, etsi nihil scripsit, doctus tamen fuit et multis adulescentibus ut litteris operam darent opem attulit.*[58]

[56] Biondo Flavio, *Italia Illustrata*, I, 2, § 28, pp. 68 s.

[57] *Ibidem*, I, 2, § 28, p. 70. Note-se ainda como Biondo nomeia o arquitecto da cúpula da catedral — uma menção que só faz sentido tendo em conta a emancipação do artista na vida cultural de então.

[58] *Ibidem,* I, 2, §§ 28 s, p. 70.

A lista de nomes da literatura contemporânea prossegue com Andrea Fiocchi, Giannozzo Manetti, Alberti, aos quais acrescenta ainda mais dois nomes das artes: Giotto e Donatello. A nota de vitalidade contemporânea no plano cultural particulariza-se ainda com a menção do Concílio de Florença e das edificações dos Medici. Se o primeiro é retratado com um acto de ecumenismo (e cosmopolitismo) — não sem vénia para com o Papa Eugénio IV, seu protector —, o segundo traz ao elogio um empenho mais pessoal ao suscitar uma impressão de superioridade da Florença mediceia sobre a Roma tão amada por Biondo:

> *Quin ego ipse, qui Romam meis instauravi scriptis, affirmare non dubito nullius exstare privati aedificii principum in urbe Romana reliquias, quae maiorem illis aedibus prae se ferant operis magnificentiam.*[59]

Conclui-se assim que Florença, nesta *laus* biondiana, é vista como uma unidade. A sua monumentalidade, patente em criações recentes, tem correspondência no plano cultural quando se atende ao número de criadores ilustres que aí nasceram ou passaram parte da sua vida.

1. 5. O prefácio: a apologia da escrita autobiográfica

Depois de definido o modelo mais importante, considere-se agora como é que o narrador encara a sua escrita no respectivo prefácio.

Escrito na terceira pessoa, o prefácio começa por ficcionar o momento do pontificado em uma dupla perspectiva: na história (sc. actualmente e após a morte de Pio II) e fora dela (sc. na Glória). Vejamos o texto na íntegra para percebermos o jogo subtil de perspectivas sobre a escrita do ponto de vista do narrador:

> *At sentiant contentiosi de mortuis, quicquid libuerit, dum viventes oblectari gloria, quae adest, et quae post obitum futura speratur, minime negent! Haec est enim, quae clarissimas alit mentes, et ultra spem vitae caelestis quae cum advenerit, nunquam finietur - humanum fovet ac recreat animum, praecipue vero pontificis Romani, quem in terra viventem omnium fere lingue vituperant, mortuum laudant. Martinum Quintum vidimus et Eugenium Quartum et Nicolaum item Quintum et Callistum Tertium, quos, dum vixere, damnavit populus, fato defunctos magnis extulit praeconiis. Sequuntur vicarii suum dominum: Salvatorem Christum, dum vixit inter homines, daemonium habere dixerunt, pendentem in cruce mortuum Filium Dei recognoverunt. Non est servus maior domino suo. Non parcet Pio Secundo pontifici maximo*

[59] *Ibidem,* I, 2, § 31, p. 72. O elogio nem sequer é perturbado pela referência seguinte (*ibidem,* I, 2, § 32, p. 72.) ao exílio paduano de Palla Strozzi, confortado pela dedicação à filosofia: *opera studiis philosophiae assidue Patavii impensa exilii incommoda prudentissime consolatur.*

lingua dolosa, quae tot Christi vicariis et ipsi Christo non pepercit. Accusatur, reprobatur, dum vivit inter nos Pius Secundus; extinctus laudabitur et desiderabitur, cum haberi non poterit. Cessabit invidia post obitum, et sublatis, qui iudicia pervertunt, privatis affectibus vera resurget fama, Piumque inter claros pontifices collocabit.

Interea nos de pontificatu suo historiam scribemus. In cuius fronte non ab re fuerit pauca de origine suae familiae atque de his, quae ante apostolatum ab eo gesta fuerint, quam brevissime praemittere, ut intelligant posteri, quomodo Aeneas Silvius antea dictus ad Beati Petri cathedram pervenerit, et Pii Secundi nomen assumpserit.

Tu, qui haec aliquando legeris, ita demum boni consule, ut mentienti nihil ignoscas![60]

A falsa opinião epicurista oferece o ponto de partida para colocar a fama no contexto de um tempo tríplice: tempo da vida, tempo pós-morte terreno, tempo da Glória. Na verdade, o narrador imagina-se criticado por duas opiniões estremadas e negativas a respeito da fama: a primeira atribuída a Epicuro; a segunda aos *contentiosi* (que bem poderiam ser qualquer malévola opinião escudada em fé zelosa) segundo os quais a fama é inútil para as almas, quer estejam no Purgatório ou na Glória. Portanto, a escrita de uma autobiografia, ou seja, a salvaguarda da fama de um bom nome, não seria mais do que um acto vão. No entanto, a sequência do prefácio vem desmentir tal pretensão e defender que a memória, que fica das suas próprias acções, é uma questão decisiva.

Georg Voigt como especialista da obra de Piccolomini considerou que o prefácio não era da autoria de Pio II, mas, sim, do seu biógrafo, o bispo de Teramo e também seu cortesão, Giovanni Antonio Campano.[61] Na verdade, causa estranheza o uso do plural majestático que o autor dos *Commentarii* abominava.[62] Mais do que isso, no entanto, nota-se uma zelosa preocupação relativamente ao juízo póstumo sobre o seu pontificado. Voigt, mesmo averbando esse cuidado pela fama própria entre as características pessoais mais vincadas de Pio II, considerava que nunca o autor se exprimira com tal franqueza.[63]

[60] Pio II, *Commentarii*, praef., pp. 2-4.

[61] Voigt, *Enea Silvio,* II, p. 338.

[62] *Omnes hodie fere, qui scribunt, quamvis unum alloquantur, numero utuntur plurali, tanquam multiplicando personas plus honoris adjiciant reverentioresque videantur* (Wolkan I/FRA 61, ep. 99 a Segismundo da Áustria, Graz, 5 Dezembro 1443, p. 223); cf. ainda a carta a Johann von Lupfen: *hoc et mihi facere liceret, sed veterem morem magis commendo et cum summos illos imitari sapientes in eloquentie atque philosophie studiis nequeam, in hac certe parte ipsorum vestigiis inherebo, ideoque te, quamvis claro sanguine cretus et multa doctrina sis fretus, singulari appellatione saluto* (Wolkan I/FRA 61, ep. 135, Wiener-Neustadt, 9 de Abril 1444, p. 310).

[63] Voigt, *Enea Silvio*, II, p. 338. A opinião, como mostrou Lesca, *I Commentarii…*, pp. 17, tem origem no facto de alguns manuscritos trazerem o título *Pii secundi Commentariorum libri XIII cum praefatione Antonii Campani*. Ver também o estudo de Giuseppe Bernetti, "Ricerche e problemi nei Commentarii di Enea Silvio Piccolomini", in Idem, *Saggi e studi…*, pp. 31-52.

Apesar desses elementos aparentemente estranhos, o prefácio exprime aquilo que é um elemento essencial da autobiografia: a ideia de que é o âmbito secular, ou para usar a teoria agostiniana das duas cidades, é a cidade terrestre que constitui o horizonte de acção privilegiado de Pio II.[64] Vejamos então como se configura essa cidade terrestre nos *Commentarii.*

1. 6. A configuração espácio-temporal dos *Commentarii*

Recorrendo à terminologia de Genette, observa-se nos *Commentarii* um grande alcance das anacronias. De repente abre-se um excurso narrativo que pode recuar vários séculos para contar a história de uma monarquia ou de um país.

Uma pesquisa sobre o conjunto dos excursos históricos, que contextualizam um episódio ou uma personagem e todas as outras narrativas contemporâneas, permite verificar que a sua amplitude geográfica é praticamente a mesma da Europa.

Esse resultado conduz a uma primeira conclusão sobre a obra, a saber, que os *Comentários* foram compostos segundo um critério temporal, que é a contemporaneidade do autor (*sui temporis*), mas, simultaneamente, segundo um critério espacial ou geográfico. A este respeito, há um paralelismo importante com os interesses revelados na restante actividade literária durante o período do papado. Com efeito, neste mesmo período Pio II escreve duas obras de carácter geográfico, uma sobre a Europa e outra sobre a Ásia. Se a autobiografia é, como pretende Roy Pascal, a afirmação da conquista de uma mundividência, então os *Commentarii* podem ser vistos como a visão da Europa do séc. XV nos seus equilíbrios, fragilidades, e desafios geopolíticos.[65] De facto, pode afirmar-se que uma das linhas de força da obra é a cena política da Europa. Esse interesse é uma expressão da sua sede de conhecimento geográfico. Mas para não nos equivocarmos acerca do significado da palavra "Europa" em Pio II, consideremos alguns elementos sobre a história do termo.

[64] Há um aparição episódica da teoria agostiniana na obra como se verá adiante.

[65] Sobre a questão da autobiografia e mundividência ver PASCAL, *Die Autobiographie*, cap. VII: "Die Erringung einer Weltanschauung," pp. 119-136. Sobre a visão da Europa de Pio II, ver BALDI, Barbara , "Geografia, storia e politica nel *De Europa* di Enea Silvio Piccolomini," in SECCHI TARUGI, *Pio II umanista...,* pp. 199-215; IDEM, "Enea Silvio Piccolomini e il *De Europa*: umanesimo, religione e politica," in *Archivio storico italiano* 161, 4 (2003), pp. 619-683, e, mais desenvolvido, IDEM, *Pio II e le trasformazioni dell'Europa cristiana: 1457-1464*, Milano, UNICOPLI, 2006, (Politica estera e opinione pubblica. Nuova serie; 11).

Vários estudos apontam para o facto de a palavra Europa se tornar mais frequente a partir do séc. XIV (em Petrarca por exemplo) e de que nessa evolução o papel de Pio II é decisivo. O autor do *De Europa* usa amiúde o termo *europaeus*. Denys Hay aponta várias razões para o seu surgimento: a "regionalização" da Igreja, em virtude do cisma de 1054, que obstou ao uso do termo cristandade; a alteração das fronteiras da cristandade que, com o avanço turco, fica praticamente limitada à Europa; os ditames humanísticos, que preferiam *Europa* a *Christianitas*.[66] Por essas razões, com maior ou menor consciência, os humanistas e outros autores vindouros (nomeadamente toda a cartografia) acabam por dar corpo ao que Denys Hay chama "ideologia continental."[67]

Enquanto afirmação de uma consciência da Europa, podemos dizer dos *Commentarii* o mesmo que Barbara Baldi afirma acerca do *De Europa*:

> "Proprio il *De Europa*, in questo senso, sembra offrire per la prima volta la rappresentazione dello spazio politico e geografico europeo che si definisce 'Europa' e che se pure non è ancora veramente 'Europa', non indica cioè ancora una forte communità culturale, tuttavia appare già lontano, 'emancipato,' dall'organizzazione unitaria politica e religiosa propria del medioevo." [68]

A mesma autora fala do *De Europa* como de um eventual programa para o Papado, e ainda do interesse pela Europa em obras como *Historia Bohemica* ou a *Germania,*[69] aspectos que são importantes para a compreensão dos *Commentarii*.

Com efeito, há um uso político do saber geográfico nos meios curiais. No livro I, ainda antes de ascender ao papado, levantou-se uma contenda entre o cardeal de Pavia, Giovanni Castiglione, e o então cardeal Piccolomini, a pretexto da eleição do novo bispo de Ratisbona. Roberto da Baviera, descendente de imperadores alemães, tinha pretensões à sede, mas o cabido elegera outro candidato.[70] Piccolomini apoiava Roberto da Baviera e Giovanni

[66] O que não quer dizer que o termo 'cristandade' estivesse ideologicamente obsoleto. Para uma posição que advoga o papel importante da ameaça de uma invasão turca como catalisador da consciência ocidental ver BURKE, Peter, *O mundo como teatro: ensaios de antropologia histórica*, Lisboa, Difel, 1992, p. 136.

[67] HAY, Denys, "Europe" and "Christendom" a Problem in Renaissance Terminology and Historical Semantics," in *Diogenes*, 5, 17 (1957) pp. 45-55.

[68] BALDI, "Enea Silvio Piccolomini e il *De Europa*...," p. 631. No entanto, devem ser tomadas em conta as críticas de Gaston ZELLER (cit. por Barbara BALDI, *ibidem*, p. 633) à ideia de que Pio II possa ser visto como um precursor da Europa, visto que a sua Europa é a cristandade: "Si l'Europe se différencie de la Chrétienté, vers 1460, ce n'est pas parce que Pie II la pense différente, c'est parce que elle n'est plus effectivement tout entière chrétienne. Et cela est si vrai que, là ou il le peut, Pie II fait coïncider l'Europe avec la Chrétienté."

[69] Ver BALDI, *Pio II e le trasformazioni* ..., pp. 68 ss.

[70] Ver PIO II, *Commentarii*, I, 34, p. 186 e s. bem como a n. 263 de TOTARO com os pormenores da contenda e respectivo eco em outras obras de Pio II.

Castiglione apoiava o candidato do cabido. Na explicação dada, posteriormente, nos *Commentarii*, o intento implícito da opção do cardeal Castiglione era *ut in rebus germanicis Aeneam superare videretur*.[71] O episódio mostra, portanto, como o saber geográfico era visto nos meios curiais como uma competência própria para o trabalho diplomático e político.

No entanto, o tratado *De Europa* difere bastante dos *Commentarii*, no que toca aos horizontes geográficos. Na verdade, existia no *De Europa* um interesse programático pelos elementos próprios da civilização ocidental (quer materiais quer imateriais) e em particular pela cultura citadina,[72] que nos *Commentarii* é secundário. Nesse sentido, não há na obra um interesse pelas cidades europeias com excepção das cidades mencionadas na visita à Grã-Bretanha.

De facto, no âmbito da missão semiclandestina à Escócia, que é longamente narrada, no primeiro livro, Pio II recorda como um impedimento, que o obrigou a ficar retido em Londres, até poder embarcar de novo paro o outro lado da Mancha, lhe ofereceu a ocasião de visitar a cidade que caracteriza como uma cidade opulenta e fortemente povoada. Nela admirou a catedral de S. Paulo, a velha ponte (medieval) de Londres, que parecia uma cidade no meio do rio, o túmulo de S. Tomás Becket adornado de pedras preciosas.[73]

Depois de conseguir regressar à ilha Britânica, aportou na Escócia. Aí pôde observar um mundo materialmente diferente, em que as cidades não tinham muros; as casas eram construídas sem uso de cal; as habitações dos camponeses eram cobertas com colmo e as portas eram simples peles de boi.[74] No itinerário de regresso passou por Newcastle, Durham e York, cidade que admira pela grandeza e pela população, e principalmente pela catedral:

> *ubi templum est et opere et magnitudine toto orbe memorandum, et sacellum lucidissimum cuius parietes vitrei inter columnas ad medium tenuissimas colligati tenentur.*[75]

Nesse *lucidissimum sacellum*, está resumida a forte influência que lhe deixou o gótico transalpino e que foi determinante na formação do seu gosto.

---

[71] A contenda vem na sequência de outra também discutida em consistório e na qual Enea com a sua perícia retórica conseguiu inverter a tendência de voto, personificada no respeitável, e outrora seu patrono, cardeal Capranica (*ibidem*, I, 33, p. 182 ss).

[72] Baldi, "Enea Silvio Piccolomini e il *De Europa*...," pp. 675.

[73] Pio II, *Commentarii*, I, 5, p. 18.

[74] *Ibidem*, I, 6, p. 22.

[75] *Ibidem,* I, 6, p. 28.

Outras referências europeias como a breve descrição de Mogúncia no livro III figuram aí integradas em contextos mais amplos (nesse caso trata-se de um dos feitos pelos quais queria ser recordado como já se viu acima: a excomunhão de Diether von Isenburg por simonia na tentativa de obter o episcopado da cidade).[76]

Em nível diferente encontram-se as cidades que são mencionadas para ampliar o espaço narrativo, no esforço de o fazer coincidir com o mapa europeu ou cobrir as iniciativas europeias contra o poderio muçulmano fora do espaço continental. Exemplos são a reconquista de Algeciras por Afonso XI, narrada no livro X; ou, nas páginas finais da obra, no livro XIII, o assalto falhado a Tânger intentado por Afonso IV, rei de Portugal, e por último, a referência a Monemvassia e a Rodes, cidades especificamente relacionadas com a luta contra os Turcos.[77]

Essas são cidades que pertencem ao âmbito narrativo que o narrador denomina 'estrangeiro'.[78] Pelo contrário o ponto focal da obra são as cidades da Itália, que é a *pátria* de Pio II. Ora, o conceito de pátria, para Pio II, compõe-se de diversos graus de pertença, como afirma Luigi Totaro:

> "sua patria è Siena; sua patria è Roma; sua patria è l'Italia; ma anche como pontefice e signore dello stato della chiesa, sua patria è anche il Patrimonio di S. Pietro e anche la christianità."[79]

Isso justifica que concentremos a nossa atenção em Itália e nas suas cidades, não apenas como espaço onde o autor se move, mas como espaço com o qual se identifica. Visto que, na economia narrativa dos *Commentarii*, as cidades da Itália são apresentadas, principalmente, no âmbito do itinerário mantuano; e considerando ainda que esse itinerário constitui o início da autobiografia, no sentido em que a autobiografia de Pio II começa realmente depois da eleição, a nossa exposição tomará como ponto de partida essa secção da narrativa.

---

[76] *Ibidem*, III, 8, p. 450 s.

[77] Cf. *ibidem,* X, 23, p. 1960 s (conquista de Algeciras); *ibidem*, XIII, p. 2544 s (Tânger); sobre *ibidem,* IV, 23, p. 734 (Monemvassia) e, por fim, *ibidem,* VIII, 4, pp. 1566 ss (Rodes).

[78] Cf. e. g. *ibidem,* XIII, p. 2516, no quadro da preparação da cruzada quando se enviam legados para recolher apoios fora da Itália: *haec apud externos acta*.

[79] Totaro, Luigi, *Pio II nei suoi commentarii. Un contributo alla lettura della autobiografia di Enea Silvio de Piccolomini*, Bologna, Pàtron, 1978, p. 97. Ver também, no contexto da acesa disputa do Conclave no livro I, a fala de Enea ao cardeal de Pavia, Giovanni astiglione, que tinha prometido o seu voto a 'Estouteville, onde lhe mostra que não tinha escolha: ou traía o cardeal de Rouen ou traía a Itália, a pátria e a Igreja: *Italiam, patriam, Ecclesiam, an Rhotomagensem malis prodere?* (*ibidem*, I, 33, p. 212).

Capítulo 2

A Itália de Pio II: as cidades italianas no itinerário mantuano e no contexto geral da obra

O itinerário mantuano é uma reescrita da obra biondiana, com a ressalva, no entanto, de um quadro diverso em que a obra do pontífice se integra, a saber, "un programa di auto--representazione del potere pontificale sotto il segno di un'Italia 'romana'."[1] A ideia de uma travessia pela Itália, nos seus aspectos políticos e culturais, e a metodologia da descrição estavam delineadas em Biondo. O ponto de partida de Pio II, porém, é diverso quer devido ao género da obra quer à sua própria sensibilidade.[2] Sendo um dos elementos mais importantes da narrativa (ocupa os livros II-IV), o itinerário mantuano é uma pequena *Italia illustrata*, por outras palavras, um reconhecimento da Itália centrado nas suas cidades principais e no quadro do código literário de uma autobiografia.

Na exposição que se segue, tais cidades serão consideradas pela ordem em que aparecem no itinerário mantuano (com excepção de Pienza). Contudo, não separámos essa parte da restante obra, partindo do pressuposto de que algumas dessas cidades têm uma caracterização e uma importância, na economia narrativa, que não se limita a essas *descriptiones* pontuais.

[1] Rinaldi, Rinaldo, "L'Italia 'Romana' del Piccolomini," in Calzona, Arturo [et al.] (a c. di), *Il Sogno di Pio II e il viaggio da Roma a Mantova: atti del Convegno internazionale, Mantova, 13-15 aprile 2000,* Firenze, L.S. Olschki, 2003 (Ingenium / Centro studi Leon Battista Alberti; 5), pp. 113.

[2] Também a propósito do itinerário mantuano, Esch, *Landschaften...*, p. 35, fala de uma travessia pela paisagem natural da Itália — aspecto ausente em Biondo.

2. 1. A partida de Roma e a viagem até Siena: desafios políticos de uma viagem

A primeira iniciativa de Pio II, apresentada como imediatamente posterior à sua coroação, foi a realização de um congresso de poderes italianos e europeus sob o lema da cruzada anti- -turca. A cidade escolhida para a realização do evento foi Mântua, o que implicava um afastamento de Roma por um período prolongado. Os Romanos, ao saberem da decisão, ficam tomados de um *ingens maeror*, no dizer do narrador, por ficarem assim privados dos rendimentos proporcionados pela cúria![3] O narrador reproduz as especulações da opinião popular sobre a partida do Papa, e as reacções, emocionalmente exageradas, por toda a cidade. Até o Sumo Pontífice fala em lágrimas à *sua plebs*.[4]

A este momento emocional seguiu-se o plano de disposições para manter a cidade em ordem durante a sua ausência. O plano incluía um juramento dos barões mais poderosos da província para não intentaram nenhuma revolução durante a ausência;[5] providências para a eleição de um sucessor em caso da sua morte, que tinham por objectivo evitar que a cidade sofresse mais um revés económico com a realização de um conclave fora de Roma; e, por fim, o ordenamento da cúria.

O dia da partida constituiu um novo momento emocional. Depois da jornada que o levou de S. Pedro até Santa Maria Maggiore, abençoou em lágrimas a multidão numerosa que dele se despede (também em lágrimas). No dia seguinte, tomou o caminho das termas de Diocleciano e, por Suburra, dirigiu-se para a porta Flamínia de onde seguiu para a Ponte Mílvia. Ainda houve alguém que o tentou demover da jornada com o argumento da instabilidade de Roma e do seu território (*nam quae terra est tyrannis ne dicam latronibus magis fecunda quam tua*).[6]A voz é disfarçada pelo narrador como rumor popular (*non*

[3] *Romanos, cognito decreto, ingens maeror affecit, qui se privatum iri emolumentis Curiae animadvertebant* (*ibidem*, II, 2, p. 242).

[4] Cf. *ibidem*, II, 2, p. 242.

[5] *Vocatis ad Urbem baronibus Agri Romani, mandatum est, ne quis absente Pontifice, res novas moliretur, pacemque inter sese ut observarent iureiurando adacti sunt. Qui contra fecisset, in eum ingens poena statuta* (*ibidem*, II, 6, pp. 256). O que o narrador não diz é que Pio II se aliou aos partidos mais poderosos da cidade ao nomear como Prefeito o irmão do cardeal Prospero Colonna, Antonio Colonna (cf. GREGOROVIUS, Ferdinand, *Geschichte der Stadt Rom im Mittelalter Vom V. bis zum XVI. Jahrhundert*, sechste Auflage, Stuttgart und Berlin, J. G. Cotta Nachfolger, 1922, vol. 7, p. 168).

[6] PIO II, *Commentarii*, II, 10, p. 274. Essa voz popular tem na economia narrativa o papel de uma profecia como se verá pelos acontecimentos respeitantes a Roma.

defuerunt qui dicerent), mas não é de excluir que seja esse o seu ponto de vista. Com efeito, anteriormente o narrador fizera referência às conquistas de Jacopo Piccinino em várias cidades do Estado Pontifício. O *condottiere*, afirmava o narrador, gozava do favor das populações porque estas desejavam um poder italiano e assim sacudir o jugo dos Cataläes.[7]

O caminho teve o seu início sob o signo da adversidade, por causa da acção do *condottiere* Niccolò Piccinino que ameaçava o Estado Pontifício. Ao mesmo tempo, porém, a viagem começava sob o signo da Providência. Com efeito, em Campagnana, ainda antes de receber a notícia da recuperação de Assis para a Igreja, Pio II reafirma a sua plena esperança e a sua total confiança no auxílio divino. E, na verdade, logo depois recebe a notícia de que Piccinino restituíra Assis, Gualdo e Nocera. Animado por estas notícias, Pio II seguiu em direcção a Assis — tanto mais que pretendia evitar Siena.[8] O itinerário prosseguiu por Cività Castellana, Narni e Espoleto.

Nesta última cidade permanece dois dias. Na breve descrição de que dela faz nota o sítio que se caracteriza pela excelente localização do ponto de vista defensivo. A vantagem natural era reforçada pela cidadela do cardeal Albornoz. A referência à importância da cidade no tempo do domínio godo, lombardo e carolíngio mostra um Pio II estudioso do período medieval da Itália.[9]

Enquanto o Papa seguia em direcção à Úmbria, os Senenses tentaram convencê-lo a passar pela sua cidade.[10] No texto dos *Commentarii*, não se sabe o resultado de tal diligência. Entretanto, Pio II chega a Foligno[11] — cidade cuja conquista por Giovanni Vitelleschi, no tempo de Eugénio IV, o narrador refere como exemplo de derrota dos *tyranni* que governaram a cidade durante um longo período.

De Foligno, o Papa seguiu para Assis. A restituição desta cidade ao domínio da Igreja era para Pio II uma prova da piedade divina que assim evitava que se frustrasse o desígnio do Congresso de Mântua.[12] Assis, na descrição do narrador, tinha a sua glória maior glória na figura de S. Francisco, em cuja honra fora erguida uma basílica com cripta, decoradas com a

[7] *Ibidem*, II, 4, p. 250).

[8] Ver infra p. 331.

[9] Cf. Pio II, *Commentarii*, II, 14, p. 298. Mais uma vez sob a influência de Biondo.

[10] A diligência neste ponto da viagem tem uma justificação: se o Papa ia em direcção à Úmbria era previsível que também continuasse pelo lado oriental do lago Trasimeno, evitando assim a Toscana.

[11] Pio II, *Commentarii,* II, 16, p. 296.

[12] Cf. *ibidem*, II, 17, p. 298.

arte do florentino Giotto.[13] Também aqui o cardeal Albornoz é recordado pela recuperação da cidade, que os tiranos tinham usurpado ao domínio da Igreja. Ao observar a cidadela, Pio II reparou que se podia atacar por um lado e mandou erguer nele uma torre.[14] É a primeira referência à actividade construtora do Papa nos *Commentarii* e que diz respeito ao seu cuidado pelos sistemas defensivos das cidades do Estado Pontifício.

Seguiu-se Perúsia onde o Papa foi recebido em grande festa.[15] A cidade era célebre desde a Antiguidade.[16] O narrador, porém, prefere lembrar as personalidades ilustres mais recentes: Bartolo da Sassoferrato, Baldo degli Ubaldi, Angelo degli Ubaldi e Braccio da Montone. Uma longa referência a este último, caracterizado no texto como *hostis Ecclesiae* — constitui mais um indício da determinação de Pio II em seguir caminho por cidades que lembravam eventos e personalidades adversos à Igreja.

Depois de uma estada de três semanas, Pio II seguiu para o lago Trasimeno com intenção de visitar Siena.[17] O lago estava agitado por tempestades, mas uma vez mais a Providência fez com as águas se acalmassem exactamente no momento em que Pio II se aproximou.[18] Depois de pernoitar na ilha, a comitiva pontifícia chegou ao rio Chiana onde os legados de Siena acolheram o Papa com grande alegria. Daí seguiram para Chiusi, que é brevemente descrita, sobretudo em atenção à sua importância na Antiguidade.[19] Em pleno território senense, a viagem segue para a aldeia natal de Corsignano e daí prosseguiu para Siena. O itinerário chega assim a duas das cidades mais importantes dos *Commentarii*: a futura Pienza e Siena. Comecemos por analisar a relação de Pio II com Siena, antes e durante o seu Pontificado.

[13] Giotto, a quem Pio II chama *omnium pictorum nobillissimum*, nem sequer é mencionado na brevíssima descrição de Assis de Biondo, *Italia Illustrata*, III, 4, § 5, p. 208.

[14] Pio II, *Commentarii*, II, 17, p. 300.

[15] *Ibidem*, II, 18, p. 300.

[16] Pio II resume assim a longa resenha de referências a Perúsia em escritores da Antiguidade apresentada por Biondo, *Italia Illustrata*, I, 2, § 49, pp. 96 s.

[17] Cf. Pio II, *Commentarii*, II, 19, p. 308.

[18] Cf. *ibidem*, pp. 308 s.

[19] Sobre o labirinto cf. supra p. 288, n. Mais uma vez Pio II distancia-se do interesse antiquário de Biondo na descrição da cidade: cf. *Italia Illustrata*, I, 2, § 45, p. 90.

2. 2. Siena: amor pátrio e ódio partidário

Pio II estava ligado a Siena de forma identitária em dois sentidos, i. e., pelo facto de ser a sua terra natal e pelo facto de estar desde o início da carreira comprometido com determinados meios em Siena. Essa ligação é documentável ao longo da epistolografia. Por exemplo, as cartas iniciais, na edição de Rudolf Wolkan, são dirigidas a Barnaba Pannilini, Andreozzio Petrucci, entre outros destinatários importantes e cujo posicionamento pró-aristocrático na política de Siena é conhecido.[20] Documento da sua ligação à cidade são também as missivas que, durante boa parte da década de 30, envia de Basileia e nas quais Enea desempenha zelosamente a missão de informar acerca do andamento do Concílio e da questão da escolha de uma nova sede (à qual Siena pretendia candidatar-se e que o próprio Piccolomini favorecia naturalmente).[21]

Essa relação identitária, fortemente conflituosa ao longo da presente obra, é afirmada logo no início dos *Commentarii* na apresentação de si mesmo. Pio II começa nas origens da família Piccolomini em Roma que daí emigraram para Siena, onde era das mais venerandas e nobres famílias da cidade. Tudo isso fora no tempo ancestral em que os *Nobili* comandavam

[20] Ver WOLKAN I/FRA 61, ep. 1 a Barnaba Pannilini (sc. Barnabeo de Siena, em WOLKAN), [Siena, finais de 1431], pp. 1-2; ao mesmo destinatário a ep. 5, Milão, 24 de Março de 1432 (*ibidem,* p. 6); a ep. 2, a Giovanni Aurispa, [Siena, finais de 1431], com referência a Ugo Benzi, o famoso médico de Siena (*ibidem,* p. 3); e, finalmente, a já citada carta a Andreozzio Petrucci com a descrição de Génova. Sobre o posicionamento pró-aristocrático deste círculo ver PERTICI, Petra (a c. di), *Tra politica e cultura nel primo Quattrocento Senese. Le epistole di Andreoccio Petrucci (1426-1443)*, Siena, Accademie Senese degli Intronati, 1990 (Monografia di Storia e Letteratura Senese; X), pp. 15-16; IDEM, "Il viaggio del Papa attraverso il territorio senese: le tappe di una vita," in CALZONA, *Il sogno di Pio II...*, pp. 144 ss; e ainda ASCHERI, Mario; CIAMPOLI, Donatella, "Enea Silvio e il suo difficile rapporto con il governo di Siena," in SECCHI TARUGI, *Pio II umanista...*, pp. 52ss, que lembra como um desses amigos, o teórico da política, Francesco Patrizi, era conhecido pelo seu desprezo pela *plebs* — desprezo que Pio II assume nos *Commentarii,* como se verá. Outros relacionamentos de Piccolomini têm contas por ajustar com o regime, como é o caso do seu antigo professor e dedicatário da *História de dois amantes*, Mariano Sozzini, conotado com os *Dodici,* e o seu primo Goro Lolli (ver *ibidem*, p. 55).

[21] Ver as cartas desde a 8 (WOLKAN I/FRA 61, 1 de Novembro de 1432, pp.12-14) até à 15 (WOLKAN I/FRA 61, Milão, 1 de Julho de 1434 pp.24-28); e sobretudo as cartas prementes a respeito da escolha de uma nova sede para o Concílio (ver a carta 20, WOLKAN I/FRA 61, Basileia, 9 de Abril de 1436, pp. 41-44, e cartas seguintes). A última carta dirigida à sua cidade e que narra a eleição de Amadeu da Sabóia como Papa Félix V, é de 6 de Novembro de 1439 (WOLKAN I/FRA 61, ep. 32, pp. 103-104). A relação será reatada quando Siena escreve a Piccolomini para lhe pedir o seu patrocínio em algumas questões a discutir durante a vinda de Frederico III: cf. WOLKAN III/FRA 68, ep. 3, a cidade de Siena a Enea Silvio Piccolomini, Siena, 17 de Janeiro de 1451, pp. 6 s. De resto, diz bem do seu sentimento patriótico a confissão feita ao cardeal Olesnicki de que, ao contrário de Sócrates que se gloriava de ser cidadão do mundo, lhe era muito mais grado o ar de Siena do que o de Viena ou Trieste: *Quamvis forti viro omne solum patria sit interrogatusque Socrates, cujus esset, non Atheniensem aut Thebanum sed mundanum se dixerit, mihi tam imperfecto dulcior est Senensis quam Tergestinus aut Viennensis aer.* (WOLKAN III/FRA 68, ep. 4, ao cardeal Zbigniew Olesnicki, Viena, 24 Maio de 1451, p. 10).

os destinos da república: até que o governo caiu nas mãos da plebe. Aí se iniciou o declínio da família que haveria de conduzir os pais do biografado à remota Corsignano, com uma única riqueza que era a prole numerosa que a mãe deu à luz (reduzida depois pela peste):

> *Familia Picolomineorum ex Roma in Senas translata inter vetustiores et nobiliores civitatis habita, dum optimates rei publicae praefuerant, et litteris et armis claruit, pluresque arces et castella obtinuit. Sed a nobilibus in plebem derivato regimine, sicut et caeterae nobilium, sic et Picolomina domus humiliata est. Superfuit tamen avo Aeneae, Silvio non tenue patrimonium, ex quo potuit vitam honestam ducere. Sed iuvenis immatura morte decessit relicta Montanina uxore praegnante, ex qua natus est Silvius postumus, quo pupillo bona eius sub tutoribus et actoribus dissipata sunt; hic tamen educatus ingenue litteris ediscendis traditus est. Qui, liberalibus artibus eruditus, ubi adolevit, in militiam profectus variisque casibus actus, tandem domum rediit, vendicataque patrimonii tenui portione, Victoriam, ex domo Forteguerrarum qui patroni sunt ecclesiae Senensis, quamvis nobilem virginem tamen pauperem, duxit uxorem. Quae adeo fecunda fuit, ut saepe gemellos pepererit. Ex ea Silvius duodeviginti liberos sustulit, non tamen ultra decem simul aggregavit; quos urgente inopia Corsiniani, quod est oppidum vallis Urciae, nutrivit. Sed omnes tandem iniqua lues extinxit, duabus tantum sororibus, Laudomia et Catherina cum Aenea superstitibus.*[22]

A segunda referência a Siena, depois dessas indicações biográficas iniciais, diz respeito à atribulada nomeação de Piccolomini como bispo de Siena.[23] Depois da morte do bispo Neri da Montegarrulo, os Senenses escolheram como candidato a sucessor um abade do mosteiro de San Galgano, homem bem visto aos olhos do governo da cidade. No entanto, Nicolau V decidiu transferir Enea da diocese de Trieste para Siena. Do ponto de vista do narrador, a decisão recebeu bom acolhimento pelos Senenses que já o queriam receber como bispo, no palácio, quando passou por Siena em direcção a Nápoles. O narrador diz que Enea se recusou a aceitar as honras antes de estar na posse do documento de nomeação que obteve no regresso de Nápoles. Estas implausibilidades tiveram como clímax um nunca antes visto recebimento em Siena:

> *Urbem Senam patriamque domum repetens, obviante cleri et populi processione, sub umbella exceptus aurea, tanto in urbem civium plausu tantoque /p. 108/ honore intromissus est, quantum ante nulli episcoporum delatum aiunt.*[24]

[22] *Commentarii*, I, 1, p. 6.

[23] Cf. ASCHERI [et al], "Enea Silvio...," p. 54; sobre a sucessão do episcopado senense ver VOIGT, *Enea Silvio*, II, p. 17 e fontes aí citadas.

[24] *Commentarii*, I, 20, 106 s. Note-se também aqui a técnica narrativa de Pio II propensa à ironia que faz um crescendo de oposições para com o protagonista que se resolve em uma reviravolta.

O acontecimento seguinte em que a cidade se torna o centro da narrativa é a vinda de Frederico III na sua viagem de coroação a Roma.[25] As várias linhas da política internacional que se cruzaram na cidade de Siena geraram outros tantos desafios políticos nessa viagem de coroação: as negociações entre Portugal e o rei de Nápoles para o casamento entre Frederico III e D. Leonor; a assunção ao poder de Francesco Sforza, em Milão, que no entender do Império feriu a dignidade imperial; o conflito entre Aragão e Florença, que pressionava cada vez mais a cidade de Siena como porta de entrada na Toscana.

Segundo os *Commentarii*, a notícia da vinda de Frederico III e do recém-criado bispo de Siena, que era do círculo mais próximo do rei dos Alemães e tido em grande consideração, é recebida com desconfiança na cidade.[26] Temia-se que Piccolomini, criado em família nobre e, portanto, adverso ao poder então instalado, aproveitasse para subverter a situação:

> *Maxime vero Senenses timor invasit, quod Aeneam ex magna et nobili familia natum, civitatis episcopum, apud imperatorem auditum magnoque loco habitum novarum rerum cupidum arbitrabantur.*[27]

De facto, desde a batalha de Colle (1269), Siena é uma cidade guelfa; no entanto as famílias nobres, como já se viu em relação a Piccolomini, permanecem arreigadamente gibelinas.[28]

[25] A coroação aconteceu no Domingo *Laetare* em 1452, embora a viagem tivesse sido iniciada no final do ano anterior. Ver VOIGT, *Enea Silvio*, II, pp. 32 ss. Sobre o contexto político da viagem ver: QUIRIN, Heinz, "König Friedrich III. in Siena (1452)," in AAVV., *Aus Reichstagen des 15. und 16. Jahrhunderts Festgabe dargebracht der Historischen Kommission bei der Bayerischen Akademie der Wissenschaften zur Feier ihres 100jährigen Bestehens von den Herausgebern der Deutschen Reichstagsakten*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1958 (Schriftenreihe der Historischen Kommission bei der Bayerischen Akademie der Wissenschaften; 5), pp. 24-79.

[26] Ver a bula de nomeação episcopal em WOLKAN III/FRA 68, ep. 1, de Nicolau V a Enea Silvio Piccolomini, Roma, 24 de Outubro de 1450 pp. 3-4. WOLKAN (p. 4, nota) corrige VOIGT, *Enea Silvio*, II, p. 17, que data o documento de 24 de Outubro de 1449.

[27] *Commentarii,* I, 22, p. 112.

[28] Para a história das vicissitudes políticas com a sua sucessão de *monti* (partidos) no governo, ver a síntese de SCHEVILL, Ferdinand, *Siena: the story of a medieval commune*, New York, Charles Scribener's Sons, 1909, cap. VII, pp. 192-228; ver também a nota de TOTARO a *Commentarii,* II, 13, p. 285 (n. 64, p. 1240), com um resumo da história de Siena relevante para o entendimento do texto de Pio II . No entanto, vale a pena citar a nota de Petra PERTICI sobre o real significado dos *monti* por trás dos seus nomes e das descrições sumárias de Pio II: "I Monti detti dei 'Nove' e dei 'Dodici' si denominavano così in base al numero di priori che componevano la Signoria nel periodo in cui le famiglie avevano ottenuto per la prima volta accesso al priorato. Per esempio, i Nove prendevano questo nome dal fatto che le loro famiglie avevano governato tra il 1287 e il 1355, quando i priori erano apunto nove. In tal modo che il Monte nel suo insieme non venisse escluso dalla cariche (i Gentiluomini erano esclusi dalle cariche maggiori, i Dodici invece erano stati privati totalmente dei dritti politici all'inizio del Quattrocento). Il nome degli altri Monti è invece indicativo della loro conotazione sociale, cioè sottolinea l'appartenenza alla nobiltà (ovviamente il Monte dei Gentiluomini), oppure agli *homines novi*, nel caso del Popolo, da non confondersi con il popolo comunemente detto. I Riformatori si definivano così come per sottolineare la volontè di distinguersi politicamente degli altri in effetti compiono scelte inusuali, ad

Depois de logo no início da obra, na apresentação de si mesmo, Pio II ter aludido às vicissitudes políticas da cidade, apresenta-a sob o signo da divisão partidária:

> *Urbs autem Senarum in Etruria prima post Florentiam habetur; quae pluribus et ambitiosis oppidis dominatur latumque agrum possidet. In ea primum nobiles rerum potiti sunt; his inter se divisis et sua sponte cedentibus, regimen in populum derivatum est. In eo quoque, ut fit, excellentiores aliis alii potentiam adepti rem publicam per vices invasere. Atque horum alii Novem, alii Duodecim, quamvis numerosi essent, quia totidem priores inter se dominantes instituerunt, vocati sunt; aliis, cum civitatis leges in suo regimine murosque reformassent, Reformatorum nomen inditum est. Ex his Duodecim qui vocantur — sunt autem admodum quingenti viri —, quamvis negociatores opulenti, abiecti tamen habentur atque, omni imperio* /p. 114/ *abdicati, vitam paene servilem ducunt. Novem et Reformatores munera civitatis aequo iure cum Populo partiti, Nobilibus certam officiorum portionem praecario quodam modo tribuunt. Quibus ex rebus existimabant Senenses Aeneam, natu nobilem, in adventu Caesaris aliquid moliturum, quo suam familiam ad pristinam dignitatem potentiamque reduceret.*[29]

Esta imagem da cidade dividida percorre como uma litania as páginas dos *Commentarii* juntamente com a constante ingerência papal no sentido de uma reintegração dos *Nobili* na vida política. Ignorado aquando da sua recepção na cidade como bispo de Siena, Pio II era agora objecto da malquerença geral: provas, portanto, diz Pio II, de que não há nada estável no mundo; e, de resto, a fortuna, haveria de se rir de toda esta animosidade.[30] Assim antecipava os favores que lhe haveriam de pedir durante o seu pontificado e até mesmo antes.[31]

Apesar de tudo, na altura das diligências de preparação da viagem de Frederico III, Pio II conseguiu convencer o *Concistoro* das boas intenções do soberano e assim sossegar os ânimos. Adivinha-se, é claro, que parte da sua argumentação — como, por exemplo, a invocação da nobre prosápia da sua família — não soasse bem aos ouvidos dos presentes.[32] A

esempio in politica estera si caratterizzano per un atteggiamento molto conciliante verso Firenze. Pio II avrebbe voluto non solo valorizzare la nobiltà, cioè il ceto a cui apparteneva, ma voleva anche una *concordia ordinum* che superasse la logica delle tradizionali lotte di fazione." ("Il viaggio del Papa...," pp. 151, n. 23).

[29] Pio II, *Commentarii*, I, 22, p. 112 s.

[30] *Ridendus est mundi cursus, in quo nihil stabile, nihil securum invenitur. Anno qui praecesserat, nemo satis Aeneam intueri potuit, nemo satis commendare; nunc, invisus omnibus, cum intraret urbem, honoris causa nullum obvium habuit; domi a paucis salutatus est; in plateis maledicere sibi plerosque animadvertit; in suam quoque necem conspirasse aliquos rumor erat. Sed tulit omnia moderate risitque secum fortunae mutationem* (*ibidem,* I, 22, p. 114). Este retrato de uma recepção fria como bispo de Siena é manifestamente exagerado, porquanto afirma Sigismondo Tizio: *Qui* [*sc. Aeneas*] *Januarij die duodecima possessionem accepturus Senam est ingressus: priusquam tamen ingrederetur urbem clerus omnis piccholhominei quoque et honorati cives claviculariis praecedentibus ad sacellum divae mariae in bethleem obuiam processere* (apud Cugnoni, "Opera inedita," p. 338).

[31] Logo no livro I recorda como lhe pediram a sua mediação para obter uma trégua de Afonso de Aragão (cf. *Commentarii*, I, 31, p. 168).

[32] *Ibidem,* I, 22, p. 114 s.

reviravolta da fortuna, de que falava Pio II, acabou por acontecer também. Se é verdade que o governo de Siena agiu na defensiva ao expulsar da cidade alguns dos *Dodicini* e dos *Nobili*, e, de entre estes, alguns membros da família de Piccolomini, essa desconfiança, segundo o narrador, desapareceu durante a visita e os Senenses, por fim, ficaram convencidos das boas intenções de Frederico III e das do próprio Enea.[33] O encontro realizou-se e, para a memória e para a história da cidade, ficou, ainda em vida de Pio II, o padrão com as armas do Império e do reino de Portugal junto à porta Camollia, a assinalar o encontro entre ambos.[34]

Do ponto de vista do narrador esta visita introduz uma nota de desacordo na relação do protagonista com a cidade e que o protagonista consegue reverter a seu favor. Aquando da eleição cardinalícia de Enea, a cidade teve uma posição que, segundo os *Commentarii*, mais do que receosa era hipócrita. Com efeito, a cidade festejou publicamente, mas os membros do governo temiam, em privado, que Enea alcançasse o pontificado e, nessa qualidade, viesse a exigir o regresso dos *Nobili* ao governo — o que é uma antecipação do narrador e uma leitura de acontecimentos passados à luz de desenvolvimentos posteriores.[35]

Portanto, quando Siena volta a surgir no itinerário mantuano, já estavam lançados na narrativa estes desentendimentos. A narrativa, aliás, é um pouco errática e tecida em função de circunstâncias simultâneas, mas respeitantes a questões diversas. Com efeito, há uma primeira descrição da cidade, que surge em um momento marcado, por um lado, pela recuperação de Assis para o Estado Pontifício depois de ter estado sob a alçada de Piccinino; e, por outro, pelo desgosto que a repulsa da cidade em readmitir os *Nobili* no governo da cidade causou a Pio II. O narrador diz apenas que Pio II optou por não seguir directamente para a Toscana, mas antes desviar-se para leste, para a Úmbria, e apresenta essa preferência como uma expressão de desagrado para com os Senenses.

Essa primeira descrição do capítulo 13 do livro II, que é apresentada, na sintaxe narrativa, em ligação com a decisão, desfavorável e até reprovadora para os Senenses, de não

[33] Cf. *ibidem*, I, 23, p. 124: *Inter haec Senenses omnes, qui ferre arma poterant ex Duodecim ac Nobilibus extra urbem relegavere, maxime vero cognatos Aeneae Picolomineos. At ubi Caesaris clementiam atque mansuetudinem intellexerunt. Aeneamque vera locutum, rursus in eius admirationem conversi bonum eum et patrem et civem praedicavere, revocatisque cognatis eius suspicari desiverunt, ac legatum Aeneam ad summum pontificem designarunt.*

[34] Da recepção e do festim oferece uma copiosa descrição o cronista senense Fecini, Tommaso, *Cronaca Senese [1431-1479]*, Bologna, Nicola Zanichelli, 1939 (RIS, t. 15, p. 6), pp. 362 s.

[35] Cf. *Commentarii*, I, 33, p. 180.

visitar a terra natal,[36] repete em grande parte a que já fizera no livro I, no contexto da visita de Frederico III.[37] Neste passo, acrescentou ao retrato de uma cidade divida em facções a nota sobre a suposta fundação romana e a posterior incorporação de gauleses na sequência da invasão do séc. IV a. C. (que deixara vestígios na toponímia da cidade).[38]

Depois destas referências às origens romanas e gaulesas de Siena o narrador inseriu um resumo mais desenvolvido das divisões políticas e sociais da cidade em que os diversos *monti* surgem apresentados com o respectivo programa político e os motivos e processos que acompanham a sua sucessão no poder:

> *Multos in hac urbe fuisse nobiles et admodum potentes qui palatia sublimia et altas turres templaque nobilissima extruxerunt, rem publicam administrantes. Sed cum inter familias nobiliores ob gubernationem civitatis lites oborirentur et armis aliquando decerneretur, placuit Nobilitati regimen plebi dimittere, paucis sibi muneribus reservatis, arbitrati Populares, quamvis rempublicam administrarent, nihil tamen iniussu Nobilium facturos, quorum potentiam formidarent. Quod aliquandiu servatum est; at ubi assueta regimini plebs dulcedinem honoris et potentiae fructum gustare coepit, aucta divitiis et gloria, Nobilitatem dedignata est, pulsisque urbe Nobilium quibusdam familiis, reliquas quasi mancipia sub iugum misit etsi minores aliquos honores cum eis partiebatur.*
>
> *Quinque ut supra memoratum est in urbe hominum genera fuere: alii Novem appellati quia, dum rem publicam soli tenerent, rectores novem constituerunt; alii eadem ratione Duodecim dicti; alii Reformatores, quia reformationes civitatis aliquas fecisse sunt visi; Nobiles a vetustate ac potentia olim vocati nomen retinuere; reliqui Populares nominati. Duodecim iam pridem a gubernatione deiecti nullam reipublicae partem habuere. Nobilibus quorundam munerum quarta pars credita, verum neque arcibus praeesse, neque inter priores in Palatio residere, /p. 286/ nec portarum claves custodire permissi. Vis tota regiminis inter Novem, Reformatores et Populares remansit.*
>
> *Inter quos, succedente tempore, sedente Callisto Tertio graves inimicitiae succrevere, parsque non parva regentium falso insimulata est, tanquam urbem tradere Picinino conspirasset; ob quam rem quidam securi percussi sunt, nonnulli in exilium acti, alii relegati et pecunia mulctati, adeoque urbs ipsa civili discordia vexata est, ut libertatem amissura propediem cunctorum iudicio videretur.*[39]

[36] Quanto ao facto de o desvio ser apresentado como um castigo veja-se o que diz antes da descrição: *non tamen recta via per Tusciam eundum censuit, ut qui Senas ingredi nolebat, priusquam suis civibus conciliaretur* (*ibidem,* II, 12, p. 282); e no final: *ob hanc causam iter flexit et, dimissa Tuscia, per Umbriam profectus est, Senensibus interminatus (ibidem,* II, 13, p. 288).

[37] O que, aliás, o narrador admite ao remeter o leitor para esse passo: *Quinque ut supra memoratum est in urbe hominum genera fuere* (*ibidem*, II, 13, p. 284).

[38] Os vestígios são a porta Camollia derivada do herói romano Camilo, que teria perseguido os Gauleses até esse local, e a Fontebranda cuja etimologia remonta ao chefe gaulês Breno (*ibidem,* II, 13, p. 282). Todos esses elementos, que não se encontram em Biondo, tiveram grande difusão em meados do séc. XV inclusive em autores próximos de Pio II (cf. Nevola, Fabrizio, *Siena: constructing the Renaissance city*, New Haven, Conneticut; London, Yale University Press, 2007, p. 147 ss).

[39] Pio II, *Commentarii*, II 13, pp. 284 s.

Este excerto é o programa político de Pio II para a sua cidade — esta é a novidade relativamente à descrição do livro I. Na sua essência pretendia fazer algo que repugnava ao cidadão comum, ou seja, alargar a base do governo readmitindo o *monte dei Gentiluomini* e os *Dodici* e sanando a *civilis discordia* operante na cidade. Mas além disso, e como nota Fabrizio Nevola,[40] este programa estabelece uma conexão entre arquitectura particular dos *Nobili* e a sua participação no governo — ideia que, como se verá, teve consequências quer ao nível dos projectos desenvolvidos pelo Papa Piccolomini quer na imagem de Siena nesta obra.

A narrativa prossegue com a integração desse passado, no presente da autobiografia papal. Na verdade, esse passado que ameaçava a própria independência da cidade, tinha agora, no pontificado de um Piccolomini, uma oportunidade providencial. A identificação de Pio II com a Providência (como seu instrumento) e com a padroeira da cidade é subliminarmente sugerida pela ambiguidade homonímica presente no texto (*piis*/*Pius*; *Virgo Maria*/*assumptus*):

> *Sed respexit piis oculis magnus Deus dicatam suae matri Mariae Virgini civitatem. Assumptus enim, mortuo Callisto, Pius pontifex, mox dulcissimae patriae curam cepit.*[41]

Mas para Pio II a condição da *salus urbis* era a reintegração na cidade do grupo social ao qual pertencia, ou seja, o *monte dei Gentiluomini*. E assim se estabelece, do ponto de vista do narrador, uma equação entre o partido da nobreza de Pio II e a pátria ou, por outras palavras, o destino da nobreza estava ligado ao destino da própria cidade.

Mas este excerto é mais um documento do posicionamento político de Pio II na cidade. As *graues inimicitiae* do tempo de Calisto III referem-se a uma conjura, em 1456. Sabemos que nessa conjura estavam envolvidas pessoas muito próximas do Papa Piccolomini, nomeadamente: o seu primo, Goro Lolli; Antonio di Checco Rosso Petrucci; o teórico da política Francesco Patrizi, cujo pensamento político e urbanístico exposto no *De institutione reipublicae* mostra, segundo Fabrizio Nevola, grandes afinidades com o pensamento político patente nos *Commentarii*.[42]

---

[40] Nevola, Fabrizio, "Revival or Renewal: Defining Civic Identity in Fifteenth-Century Siena," in Boone, Marc; Stabel, Peter (edd.), *Shaping urban identity in late Medieval Europe: L'apparition d'une identité urbaine dans l'Europe du bas moyen âge*, Leuven-Apeldoorn, Garant, 2000, p. 110.

[41] *Commentarii*, II, 13, p. 286.

[42] Talvez por causa dessa proximidade nenhum dos condenados é nomeado. Contudo, no *De Europa*, os nomes são revelados*: Inter alios, quos urbe relegatos haud nocentes ciuitas existimauit, duo fuere ab ipsa pueritia*

Os Senenses, prossegue o narrador, tentaram resolver a questão integrando os Piccolomini, mas deixaram de fora a restante nobreza. Mas Pio II, continua, tinha em vista mais o bem da cidade que o da sua família. A resposta do povo ao pedido papal foi uma recusa veemente traduzida em agitação e na afirmação de que prefeririam um cerco à cidade que os obrigasse a devorar os seus próprios filhos.[43]

E assim, de acordo com o narrador, por causa desta repulsa da sua cidade natal em aceitar as propostas salvadoras de Pio II, o Papa deixou para trás a Toscana e dirigiu-se para a Úmbria.

Ao partir de Assis, o Papa, irado por causa da exclusão dos *Nobili* do governo da cidade, pensou evitar a sua terra natal e dirigir-se directamente para Florença. Prevaleceu o amor à sua cidade e lá entrou em 24 de Fevereiro de 1459; mais uma vez com ambiente festivo conforme registam os *Commentarii* e não obstante o mal-estar que se sentia entre os *primores urbis*.[44] O texto dos *Commentarii* dá grande ênfase, mais do que às festividades em sua honra, ao seu discurso que tem por tema, mais uma vez, a divisão partidária (como se fosse um *ex libris* senense).

Nesse discurso, Pio II fala abertamente da sua dignidade pontifícia como um trunfo na sua relação com Siena, na medida em que poderia proteger a cidade de qualquer agressão externa. Da discórdia interna é que era preciso salvá-la e, por isso, Pio II expõe o seu programa político: um programa que se baseia, por um lado, na *iustitia* e na *concordia*; por outro, na ideia muito comum no seu pensamento político, de que governar é distribuir prémios e penas conforme os méritos:

> *Consulere tantum possumus et id suadere quod unicum est civitatum omnium firmissimum tutamentum, id est ut invicem ametis et concordibus animis rempublicam gubernetis. Nam difficile monimentum et insuperabile est amor civium. Nostis illud Salustianum* [sic]*: "Concordia res parvas crescere, discordia magnas dilabi." Concordia est quae servat civitates.*

socii et studiorum communione coniuncti, quamuis alter iuris ciuilis scientiam profiteretur, alter poeticam: Gregorius /p. 226/ *Lollius et Franciscus Patritius* (*De Europa,* LV, 222, pp. 225s, ll. 7536-9. Sobre a conspiração ver Voigt, *Enea Silvio,* III, p. 32; e também Pertici, "Il viaggio del Papa...", pp. 146 ss, que nota como os *Commentarii* omitem a amizade que ligava o Papa Piccolomini a Petrucci. Sobre as afinidades de pensamento entre Patrizi e Pio II ver Nevola, *Siena...*,pp. 86-90.

[43] *Commentarii*, II, 13, pp. 286 s.

[44] *Magno civium comitatu et incredibili plebis alacritate, pulcherrime adornatam et festivantem ingressus est patriam, nec usquam maior ostentatio laetitiae visa est. Inter primores tamen urbis inviti non pauci Praesulem intuebantur, quem Nobilitati faventem sciebant. Silebant autem metu plebis et prementes altum corde dolorem, vultu gaudium praetendebant, haud ignari quin populi contra se furorem excitassent, si Pontificem introeuntem non benigne visi fuissent admittere* (*ibidem*, II, 21, p. 316).

> *Haec perpetuo vos coniunget et hanc civitatem tuebitur, si iustitia inter vos dominabitur, quae una est mater atque regina virtutum. Iustitiae aequitatis quaedam ratio est, quae pro meritis inter homines poenas ac praemia distribuit. Beata civitas, quae iustitiae utitur moderamine!*[45]

Aqui colocava Pio II o fundamento para a sua pretensão: para atender à justiça era necessário readmitir os *Nobili* nos cargos de governo. Mas acrescenta uma outra razão para o fazer: a conveniência (*utilitas*). É que não os admitir era alimentar uma reserva de ódio dentro da própria cidade — o que deve ser evitado (*cavendum est ne quis nos oderit*). Os louvores em favor dos *Nobili* no restante discurso — como o facto de preferirem aguentar em silêncio em vez de se rebelarem para alcançar o poder (*maluerunt in civitate per quietem servire, quam per seditionem dominari*) — teriam pouco eco nos seus ouvintes. Em todo o caso era esse, segundo o Papa Piccolomini, o remédio para salvar a liberdade e a cidade (*hoc summum est retinendae libertatis et urbis conservandae remedium*) e o conselho que tinha para dar à sua *amantissima patria* em ordem a evitar a ruína.[46]

A reacção da cidade a tais propostas do Papa é estremada e dá conta do paradoxo em que se viram os Senenses: *Difficile senatoribus videbatur negare Pontifici quod peteret: difficilius concedere.* O *Consiglio del Popolo* acedeu, enfim, a parte das exigências do Papa e a cidade recebeu em troca o castro de Radicofani.[47]

No regresso da dieta de Mântua, um ano depois, a ingerência de Pio II nos assuntos de Siena volta às páginas dos *Commentarii*. 31 de Janeiro de 1460 foi a data da reentrada de Pio II em Siena e, tal como à ida para Mântua, os Senenses manifestaram-lhe publicamente o seu júbilo. O narrador nota de modo particular o maior júbilo manifestado pelas mulheres pela sua *natura religioni indulgentior et amantior sacerdotii*.[48] Mas o aspecto festivo da cidade era visível: praças juncadas de flores e ervas de cheiro; árvores de folha perene colocadas ao longo do seu trajecto; cânticos e vozes do povo.[49] Dois dias depois, o Papa celebrou, com grande alegria dos cidadãos, a festa da Senhora das Candeias.

---

[45] *Ibidem*, II, 21, p. 322.

[46] *Ibidem,* II, 21, p. 324.

[47] *Ibidem*, II, 22, p. 330. O texto de Pio II não é explícito a respeito das condições do acordo, mas, segundo as fontes, a cedência limitou-se à família do Papa (ver VOIGT, *Enea Silvio,* III, p. 32 ss). Devem acrescentar-se à concessão de Radicofani, outros benefícios concedidos à cidade durante esta estada, nomeadamente, a rosa de ouro (ocasião em que pronunciou um elogio da sua cidade, bem mais caloroso do que as páginas dos *Commentarii,* ver MANSI, *Orationes II,* pp. 1-4); e a elevação de Siena a igreja metropolita (cf. *Commentarii,* II, 23, p. 330).

[48] *Ibidem,* IV, 8, p. 662.

[49] *Ibidem,* IV, 8, p. 664.

A estada em Siena seria longa e marcada por outro evento que foi a criação de novos cardeais, na Quaresma desse ano.[50] A terceira e a quarta semana da Quaresma foram passadas em no convento dos Capuchinhos em Capriola, de onde regressou à cidade na véspera do Domingo de Ramos. Depois da Páscoa, atacado pela podagra, viu-se obrigado a recorrer à estância termal de Macereto.

Nas termas, Pio II concebeu, com a ajuda de conselheiros imparciais (*nudi privatis affectibus*), um projecto para reformar e consolidar a cidade (*modus reformandae et consolidandae civitatis*).[51] Para esses conselheiros imparciais, a reforma teria de passar pela reintegração dos *Dodici.* A notícia chegou depressa aos ouvidos da cidade que logo se fizeram representar ao mais alto nível junto do Papa para lhe fazer ouvir a sua opinião sobre o malquisto partido:

> *id genus hominum inquietum, seditiosum, veneficum, sanguinosum et infestum regentibus; velle se prius filios edere quam rempublicam communicare Duodecim.*[52]

A respeito dos *Nobili*, em contrapartida, estavam mais dispostos a concessões. Mas Pio II, para não contristar mais a cidade nem suscitar mais ódio, acabou por deixar cair a sua proposta, para grande contentamento dos Senenses que assim conseguiam manter os *Dodici* à distância e ganhar tempo para a questão dos *Nobili.*[53]

Depois de algumas idas e vindas entre Macereto e Siena e de uma temporada nas termas de Petriolo, Pio II regressou à cidade já pelo Verão e instalou-se no convento dos Franciscanos. Nessa altura, afirma o narrador, o povo de Siena ficou dividido perante as suas propostas: alguns queriam satisfazer o seu pedido, outros recusavam-se. Os opositores, para combaterem a influência papal, forjaram cartas escritas de Ferrara por Antonio Petrucci nas quais se falava da preparação de um golpe: o Papa, segundo essas cartas forjadas, já tinha a postos algumas dezenas de cavaleiros em um convento fora de muros. Na sequência destes movimentos de oposição, até a fonte construída por Pio II junto ao convento foi vandalizada.[54]

---

[50] Cf. *ibidem*, IV, 9-12.
[51] *Ibidem,* IV 15, p. 696.
[52] *Ibidem*, IV, 15, p. 696.
[53] *Ibidem*, IV 15, p. 696.
[54] *Ibidem*, IV 18, p. 696. Recorde-se que Antonio Petrucci será denegrido em um retrato em díptico, com S. Bernardino de Sena, ao lado. O contexto é o das sublevações em Áquila contra o poder papal e Pio II põe na sua boca um discurso contra o *imperium* sacerdotal (ver *ibidem*, V, 29, pp. 996 ss).

A desconfiança é a marca das restantes tratativas diplomáticas referidas na obra que retomam amiúde o jogo das falsas comunicações. Assim acontece com as missões de Agostino Dati enquanto legado da República de Siena. Os *Commentarii* falam de uma embaixada em que Dati teria pedido, em nome da República de Siena, que o Papa visitasse pelo Verão a sua pátria.[55] O facto é confirmado pelos discursos do próprio Dati.[56] Como orador afamado, Dati mostrou, nessas audiências, a sua eloquência e tentou vencer o Papa em debate, segundo o narrador dos *Commentarii*. O narrador insinua ainda que Dati escrevera nas relações enviadas aos magistrados da República, *et dicta et non dicta*; e assim pintou aos olhos deles um retrato odioso do Papa Piccolomini:

> *Sua magnificavit, Pontificis verba imminuit, nisi quae poterant odium augere: in his profusior fuit; nec meliorem se praebuit cum, in Senatu reversus, quae egisset recensuit: Pontificem amarulento animo se audisse; odisse civitatis Populum; nullum diligere /p. 1636/ nisi Nobiles; statuisse plebem deiicere, Nobilitatem extollere; nisi caveant, perituram praesentis regiminis formam; esse aliquos ex Populo qui cum Nobilibus sentiant et coeptis faveant Papae, secreta Senatus scribant, consilia pernitiosa ineant; occurrendum priusquam ingravescat malum.*[57]

Dati, ainda na versão dos *Commentarii,* ao chegar a Siena convocou os *Nobili* ao Palazzo para lhes mostrar a sua fúria a respeito dos insistentes pedidos de Pio II a favor da causa deles e exigiu-lhes que enviassem alguém para pedir ao Papa que abandonasse a sua causa. E assim os *Nobili* fizeram. Enviaram dois legados que comunicaram a Pio II, que então se encontrava em Acquapendente, as posições da cidade. Pio II sossegou os dois legados dos *Nobili*, abrindo a via para o fim do mal-estar entre ambas as partes:

> *Revertimini et dicite populo quieto ut vivat animo. Non erimus molesti patriae nostrae, neque ulterius ab his qui civitatem gubernant aliquid postulabimus. Idem erga nos ipsi agant: nihil flagitent; aequa sit utriusque conditio.*[58]

---

[55] Cf. *ibidem*, VIII, 12, p. 1634.

[56] *Tuam beatitudinem deprecantur, ut post illa fomenta, quae iam alias dicta sunt, saltem pro aestiuo et flagrantiore anni tempore uenire dignetur ad se colligendam ac recreandam, ad reuisendam, ad uiuificandam, erigendam, glorificandam dulcissimam patriam, ad consolandos atque oblectandos dilectissimos filios, denique ad perficiendam redemptionem plaebis suae. Nam patriae assidua et clara illa uox est* (Dati, Agostino, *Orationes* IV, 13, in *Opera*, [cólofon] Edita curante Nicolao filio, Senis, ex Archetypo per Symionem Nicolai Nardi, 1503, f. LXXXVIII *verso*).

[57] Pio II, *Commentarii*, VIII, 12, p. 1634 s. A presença de Dati em Roma é referida, sem mais, no contexto das celebrações da relíquia de S.to André. O teor dessas conversações em Roma e a sua comunicação ao *Consiglio del Popolo* são referidos, *a posteriori*, quando o Papa se encontrava em Acquapendente.

[58] Cf. *ibidem,* VIII, 12, 1638.

Essa é a versão dos *Commentarii*. Quanto ao conteúdo das embaixadas de Dati, nada se pode saber dos seus discursos retoricamente brilhantes e diplomaticamente tácitos.[59] Resulta óbvio, não obstante, que o ambiente era tenso entre ambas as partes.

Retomando a narrativa dos *Commentarii*, o narrador afirma que Pio II tinha enviado de Viterbo[60] uma carta anunciando a dedicação da catedral de Pienza; carta que, apesar de lacónica, deu azo às mais malévolas interpretações ao ser lida no *Consiglio del Popolo*. De entre essas interpretações os *Commentarii* citam a *non benivola oratio adversus Nobilitatem* de Leonardo Benvoglienti. O discurso de Benvoglienti, uma espécie de credo político contrário ao do próprio Papa Piccolomini, resume-se a duas afirmações essenciais: o ódio aos *Nobili* como grupo subversivo que faz perigar a *libertas* e a *securitas*; a radical incompatibilidade entre *Nobili* e *Popolo*. E, por consequência, Benvoglienti recusa a cedência do *Consiglio del Popolo*, feita na sua ausência, da admissão de *Nobili* a uma parte dos cargos e adianta uma estratégia dilatória. Segundo essa estratégia, a palavra estava dada, mas o cumprimento podia para o ano seguinte e, quiçá, nessa altura até já Pio II tivesse morrido.

Assim, Benvoglienti persuadiu o *Consiglio* a votar o seu decreto: *ne quid amplius Nobilitati concedatur, quam hactenus concessum est.*[61] Estava-se em Junho de 1462 e Pio II, fugindo ao calor de Roma, tinha saído de Acquapendente para Proceno e daqui para a fronteira entre o território de Roma e o de Siena. Aqui recebeu a notícia do decreto do *Consiglio* e viu também que, para sua supresa, a República não tinha enviado representantes para o receberem no território de Siena. A ausência de representantes era uma afronta tanto maior quanto era facto que Pio II com a sua visita tinha em mente o bem da sua pátria: *ditaturi patriam aestatem Senensi agro peragere statueramus et sequi Curiam iusseramus*.[62] Mas a audácia de Pio II no enfrentamento de circunstâncias adversas vem mais uma vez ao de cima: para não favorecer os seus oponentes, que procuravam aproveitar um eventual conflito entre

[59] Cf. *e. g.*: *Sed nemo satis explicare possit quae abunde nobis iniuncta sunt. At quae minus copiosa sunt dicta: partim credimus tuae sanctitati non obscura partim horum patrum: et collegarum supplebit prudentia. Ac nonnulla: quae praeterea subnectenda sunt: dabit (ut speramus) tua claementiae alium enarrandi locum* (Dati, Agostino, *Oratio VIIII*, in Idem, *Opera*, f. LXXXVIII).

[60] Na altura em que lá esteve para as festividades do *Corpus Domini*. Ver infra pp. 33 ss.

[61] Cf. Pio II, *Commentarii*, VIII, 13, pp. 1640 s (discurso de Benvoglienti e decreto do *Consiglio del Popolo*).

[62] *Ibidem*, VIII, 13, p. 1644.

o Papa e a sua cidade, decidiu prosseguir: *ibimus et urbi quae nos genuit et Senensi populo, vel invito, bene faciemus*.[63]

Que no meio desse ambiente adverso Pio II se tenha dirigido para o território de Siena e aí tenha passado uma das mais aprazíveis temporadas descritas nos *Commentarii*, com a célebre excursão ao monte Amiata, eis um facto que não será casual. Note-se aliás, que, na sintaxe narrativa, a decisão de entrar no território de Siena que encerra o livro VIII é seguida, no início do livro IX, pela excursão ao monte Amiata, a qual, por sua vez, é seguida pela embaixada de Siena, chefiada, precisamente, por Leonardo Benvoglienti.

Tal embaixada de Siena trazia, além de presentes, uma mensagem. Um dos membros, Francesco Aringhieri, que era próximo do Papa, apresentou desculpas pela demora do recebimento oficial; pediu a bênção; encomendou a cidade a Pio II e deixou um convite para a visitar.[64]

O discurso de Pio II em resposta às palavras da embaixada mostra a sua predisposição em relação à cidade: valiosos dons, disse, trazia-os o séquito pontifício com muitos e altos dignitários da cúria; por isso, era um verdadeiro amigo da cidade; que o governo de Siena, pelo contrário, com a sua tendência demasiado pró-florentina pendia para o lado do inimigo; que as riquezas e a concórdia são os dois pilares do crescimento de uma cidade e ambas eram propostas à cidade por Pio II; que, pelo contrário, a cidade, ao aprovar a proposta de pena capital contra alguma tentativa pró-*Nobili*, dava mais importância às suas leis do que ao Evangelho; que era preciso banir até os nomes dos partidos, pois a melhor defesa da cidade era o *amor ciuium*... Mas, no final, e contra a contumácia de Siena em rejeitar as suas propostas, Pio II retira a sua munificência e orienta-a para outro lado:

> *Si voluissetis Romanam Curiam ad vos proficisci, iam pridem de petitionibus nostris aliquid mitius decrevissetis. Cum dubitetis, nos quoque in dubio sumus an veniendum sit. Pientiam ibimus templumque consecrabimus.*[65]

Esta rejeição de Siena em favor de Pienza diz tudo da sua relação com a cidade e bem mais do que os *Commentarii* explicitam. É que Pio II teve uma acção importante no que diz respeito ao patrocínio de empresas urbanísticas em Siena. É verdade que essa acção se

[63] *Ibidem*, VIII, 13, p. 1644.

[64] As palavras da embaixada são transmitidas em discurso indirecto (cf. *ibidem,* IX, 5, p. 1664) segundo a estratégia habitual de reservar para esse tipo de elocução aquilo que mais desfavorece os seus oponentes.

[65] *Ibidem*, IX, 5, p. 1668. Segundo diz mais adiante (*ibidem*, X, 27, p. 1994), as missões com presentes a Petriolo repetiram-se.

orientou sobretudo para o bairro onde moravam os Piccolomini e mais especificamente para o ramo a que Pio II pertencia, isto é, para as duas irmãs, Caterina e Laudomia e seus afins.[66] Nada se diz da *Loggia* Piccolomini, que já estava concluída em 1462, ou do palácio Piccolomini, projectado no seu tempo, embora só iniciado em 1469; e também nada se diz do chamado *Palazzo delle Papesse* construído a expensas do tesouro papal para a irmã Caterina.[67] Este contraste entre o silêncio sobre os seus empreendimentos urbanísticos em Siena e o relevo e atenção dados aos da 'sua' Pienza, explica-se em grande parte pelos pressupostos em que um e outro assentam. Como se vê pela análise dos *Commentarii*, Pio II subordinou de tal forma os seus projectos urbanísticos a um projecto político que acabou por restringir o significado destes a um nível meramente familiar.[68]

Ao contrário de Bolonha, Veneza, Florença, Viterbo ou Pienza, Siena não teve em toda a obra uma descrição propriamente dita (i. e., onde não fossem focados senão aspectos políticos ou históricos).[69] Em contraste com esta cidade, descorporizada da sua contextura urbana, a vida social surge ampliada por meio de dois casos narrados no livro. O primeiro é a história de um adultério contada com bastantes pormenores — transigindo até em algum prazer narrativo, que faz lembrar a *História de dois amantes* — e cujo desfecho tem contornos novelescos: o adúltero, apanhado em flagrante delito, é agredido de tal forma que morre

[66] Nevola, *Siena...*, pp. 71 ss.

[67] Fiore, Francesco Paolo, "La loggia di Pio II per i Piccolomini a Siena," in Calzona, *Il sogno di Pio II...*, pp. 129 ss. São mencionadas as obras de remodelação do convento de S. Francisco por motivo da trasladação dos restos da sua mãe, Vittoria Forteguerra (Pio II, *Commentarii*, II, 23, 330 s) e a fonte que mandou edificar em frente do convento e que foi alvo de vandalismo por parte de jovens da cidade (*ibidem,* IV, 18, p. 708), mas o âmbito é sempre o da família. Sobre a fonte, diz Campano: *struxit et Senae fontem in hortis prope pomerium aqua ductu subterraneo derivata, ubi diem saepe totum decernendis rebus exegit* (Campano, *Vita Pii secundi*, p. 61, ll. 3-5).

[68] Para uma leitura positiva da lição papal à cidade ver o que afirma Mario Ascheri, [et al.], "Enea Silvio...," p. 60: "essa mirava non già a consolidare i Monti com sistema di lottizzazione degli uffici pubblici a sorte, ma se mai — per quanto si può capire — a favorire l'emersione dei più meritevoli da tutti gli strati sociali e in modo durevole. [...] Dietro l'aristocrazia spocchia e la meritocrazia di Pio II dobbiamo riconoscere una lucida preveggenza [...]. Il papa aveva colto chiaramente il lato oscuro della discriminante democrazia comunale senese."

[69] Poder-se-ia dizer o mesmo de Biondo que coloca a segunda cidade da Toscana, em população e em riqueza, em plano muito inferior à cidade do Arno. A evocação da cidade começa com uma divagação sobre a origem do nome Siena que acaba subalternizada, em virtude de uma elogiosa referência a Eugénio IV. No resto do texto, nenhum elemento monumental, nenhum elemento paisagístico é nomeado. Biondo limita-se a seguir uma lista de eventos e personalidades notáveis ligados à cidade: o Papa Alexandre III; o concílio em que Nicolau II (ironicamente, um florentino) estabeleceu a regra da eleição papal por um colégio cardinalício; a batalha de Montaperti; o famoso médico Ugo Benzi; S. Bernardino; o então bispo Enea Silvio Piccolomini; o jurista e o político Francesco Patrizi. De entre todas essas figuras, a referência mais elogiosa cabe, porém, a S. Bernardino (e mais uma vez Biondo exalta a figura de Eugénio IV como apoiante da reforma da observância franciscana daquele): cf. Biondo Flavio, *Italia Illustrata*, I, 2, § 42 ss, pp. 86 ss.

pouco depois; a mulher é capturada, mas consegue evadir-se; o pai e o irmão da mulher fogem igualmente; a criada é condenada à pena capital como cúmplice.

O outro caso é um adultério sob a forma tentada. Uma mulher pediu para falar à parte ao Papa e conta-lhe como um homem encapuzado entrara em sua casa e a tentou violar; entretanto, o agressor começou a enviar-lhe cartas de amor. A mulher suspeitava de um determinado clérigo e, por isso, pede a intervenção do Papa. Pio II, lembrado da terceira novela da terceira jornada do *Decameron* de Boccaccio, interpretou a diligência da mulher como uma tentativa de o usar por forma a que o esbelto e jovem clérigo percebesse os sentimentos que aquela alimentava a seu respeito.[70]

Estes dois episódios mostram as vias tortuosas do amor e, por outro lado, são como que o fecho do círculo em relação à cidade de Siena. A cidade da sua juventude onde começara a escrever poesia amorosa, nomeadamente a uma mulher casada; a cidade onde reencontrou essa mulher e lhe falou publicamente lamentando os erros da juventude;[71] a cidade, que era não apenas o cenário, mas o ambiente próprio para as intrigas amorosas da *História de dois amantes*, reaparece no final da sua vida e no final da sua carreira literária como a cidade dos amores ardentes e escusos.

Depois deste percurso acerca da cidade de Siena nos *Commentarii*, retomemos o itinerário mantuano.

2. 3. Florença: esplendores e sombras

De Siena, a viagem com destino a Mântua prosseguiu e a próxima estada seria em outra cidade importante quer no itinerário quer ao longo dos *Commentarii*: Florença, onde entrou em 25 de Abril de 1459, depois de um encontro com Galeazzo Maria Sforza na Cartuxa. Foi recebido na cidade ao mais alto nível (capitães da *Parte Guelfa*, *Priori*), e com grande solenidade pelos habitantes. Transportado na sua liteira, o Papa foi apreciando o arranjo das mulheres (que aparentavam ser não apenas florentinas mas também estrangeiras), bem como

[70] Cf. para ambos os episódios Pio II, *Commentarii*, IV, 32, p. 772 s.

[71] A mulher, outrora visada pelo jovem Enea com os poemas intitulados *Cinthia,* era Angela Acherisi: ver Paparelli, *Pio II*, p. 22 e, sobre o seu reencontro, p. 207 (a fonte citada em ambos os casos é Sigismondo Tizio).

o ar de festa que tinham posto (até usaram cosméticos!).[72] Depois de visitar a catedral (Santa Reparata), ficou alojado na basílica de Santa Maria Novella.[73]

Neste ponto se insere a descrição de Florença que começa com um resumo da sua história. Que a descrição era feita com algum ressentimento anti-florentino mostra-o o facto de referir, no início, o expansionismo da cidade que levara à anexação de Volterra, Pistoia, Arezzo, Cortona, Pisa, parte de Lucca, e que tantas vezes se voltara contra Siena. Também indiciadora do partido político é a hostilidade para com os imperadores alemães e a menção do cerco de Henrique VII (um símbolo do gibelinismo);[74] ou a instabilidade, quer em termos de alianças externas, quer em termos de política interna.

No fim, Pio II reconhece que a cidade deu à luz grandes figuras como Palla Strozzi, Niccolò da Uzano e Rodolfo Peruzzi. Grandes figuras que, no entanto, Cosimo Medici baniu da cidade. O retrato de Palla Strozzi como figura do exilado dedicado à filosofia (agora que as actividades políticas lhe eram negadas), indigno da injustiça que os concidadãos lhe infligiram, é, de facto, um perfeito exemplo da retórica anti-mediceia que domina a descrição de Florença:

> *aequo animo fortunam adversam ferens, Patavi usque ad extremam senectutem philosophiam sectatus est; ibique obiit iam ferme nonagenarius, quem sui cives eiecissent indignus.*[75]

Cosimo Medici, continua Pio II, administrava a cidade a seu bel-prazer (*pro suo arbitrio*); acumulou riquezas que nem Creso; modelou a cidade com a sua magnificência (em igrejas, no palácio, na biblioteca, nas *ville*...), e pensou que eliminara a inveja com as suas obras ilustres, mas o Papa contrapõe a tudo isso o seu princípio político fundamental: o povo sempre odiou a excelência da *uirtus* (*populi excellentem virtutem omnes oderunt)*.[76]

A crítica veemente a Cosimo Medici — que estava ausente, durante esta visita papal, por motivo de doença — prossegue com a arrogância que Cosimo mostrou perante a oposição às suas propostas para rever o *catasto*, ao recorrer à força armada para intimidar o

[72] *Foeminarum dives ornatus visebatur; mira vestium varietas, domesticus simul et peregrinus cultus; verum dealbatae facies lituram haud dubiam ostendere* (Pio II, *Commentarii*, II, 26, p. 348).

[73] *Ibidem,* II, 26, p. 348.

[74] *Ibidem*, II, 27, p. 350; o episódio era um marco histórico favorito para Pio II, já que o recorda por duas vezes. A primeira tinha sido na parte senense do itinerário, mais precisamente, em Buonconvento onde o imperador morreu (*ibidem,* II, 21, pp. 314 s).

[75] *Ibidem*, II, 28, p. 352. O que contrasta com o tom mais discreto de Biondo: ver supra p. 316.

[76] *Ibidem*, II, 28, p. 352.

parlamento (atitude que garantiu a Cosimo o domínio indiscutido na cidade). Cosimo tornara-se, por consequência, menos um *ciuis* do que um *dominus patriae*, que estabelecera com a cidade uma relação de concubinato conforme testemunha a conversa entre o Papa e o bispo de Orte:

> *Ob quam rem cum rogasset aliquando Pius pontifex episcopum Ortanum, quid sibi de Florentia videretur, indignumque diceret tam pulchram foeminam viro carere, respondit ille: "Viro, non moecho, caret!", ac si diceret: "Tyrannum, non regem habet," designans Cosmam, qui tanquam urbis dominus non legittimus duro plebem servitio premeret.*[77]

Mas a Cosimo Medici segue-se o bispo S.to Antonino de Florença.[78] Na verdade, Pio II elogia a suas qualidades ascéticas (pobreza e castidade) e intelectuais ou espirituais (obra, arte de pregar) na relação inversa em que apontara defeitos a Cosimo.

A estes dois contemporâneos seguem-se, neste elenco de *uiri illustres,* as três coroas de Florença: Dante, elogiado pela sua *doctrina diuina*; Petrarca, do qual elogia mais as obras em vulgar do que as latinas; e Boccaccio, que nota como sendo mais lascivo do que os anteriores. Com mais relevo, elogia em seguida os oradores-chanceleres (Coluccio Salutati, Leonardo Bruni, Carlo Marsuppini, Poggio Bracciolini).[79] A lista termina com a menção de alguns homens de armas originários da cidade. Só após este quadro histórico, político, e literário se faz a descrição do aspecto físico da cidade.

A apreciação geral que abre a descrição, em que salienta os vários atributos urbanísticos, é uma alusão à *Laudatio* de Bruni (insinuado, seguramente, no *qui laudant*), da qual retoma os já conhecidos padrões estéticos da *magnificentia, amplitudo*, *munditia*, *ornatus*:[80]

> *Florentiam qui laudant non solum viros illustres qui fuerunt in ea, commemorant, verum urbis amplitudinem, qua nulla est praeter Romam in Italia maior; murorum ambitum, qui praealtus est et spissitudine praecipua; viarum et platearum munditiem, quae tum amplae sunt, tum ad longum directae prospectum; templorum magnificentiam ac palatiorum et publicorum et privatorum, quae et altissima et ornatissima sunt. Ceterum inter aedificia nullum memorabilius est aede Sanctae Reparatae, in qua fornix est ad amplitudinem eius proxime accedens quam Romae in Agrippae templo admiramur, quod Pantheon vocavere. Proximum* /p. 364/ *ei est palatium quod Priores inhabitant et tertium est a Cosma aedificatum. Laudant et Divi Baptistae sacellum et aedem quam Cosmas idem beato Laurentio construxit. Afferunt pontes, qui civitatem Arno discissam coniungunt, et numerosum populum; et ornamenta tum*

[77] *Ibidem*, II, 28, p. 354 (*legittimus*: sic na ed. de Totaro); *legitimus* : na ed. de Heck, p. 150, l. 29)

[78] A ordem, aparentemente, é ditada pela circunstância de o bispo ter morrido por altura da viagem papal.

[79] *Ibidem*, II, 30, 360 s.

[80] Para o confronto entre a *laudatio* de Bruni e a *laudatio* de Pio II, ver Viti, Paolo, "Laudavit Pontifex Florentinos," in Calzona, *Il sogno di Pio II...*, pp. 176 ss. Sem esquecer, porém, que a *laudatio* de Pio II tem igualmente por modelo a já referida descrição de Florença de Biondo.

> *virorum tum foeminarum, et omnis generis opificia et praedia; et villas egregias, quae civitati adiacent, plenae delitiis et non minori sumptu quam civitas ipsa exaedificatae; et ingenia hominum dexterrima, quamvis in mercatura magis excellunt, quam philosophi sordidam putant*.[81]

Mas a *laudatio* de Bruni é como que um segundo modelo oculto (i. e. oculto nas formas impessoais *laudant … afferunt*). Depois deste conjunto de qualidades estéticas seguem-se os vários edifícios religiosos e profanos, as pontes, as *uillae* e, por fim, surge o *ornatus* e o *ingenium hominum*. A *Laudatio florentine urbis* exaltava a junção das qualidades estéticas e urbanísticas das pontes (facilitavam a circulação entre ambas as margens, como se não houvesse rio, e evitavam que as cheias inundassem as vias); elogiava as *uillae* quer em termos de atributos estéticos do exterior, quer do ponto de vista da decoração interior; falava dos multifacetados *ingenia hominum* (para a política, para o conhecimento, para as artes práticas).[82] Para Pio II, pelo contrário, o *ingenium* florentino encontra a sua máxima expressão na mercancia — aspecto subestimado por Bruni, e que aqui é referido com uma conotação satírica. Bruni falava dos *homines* como um corpo, Pio II elogia sobretudo os *uiri illustres*. A distância entre uma e outra *laudatio* não poderia, portanto, ser maior.

Com toda a propriedade, o remate deste trecho, que desce a escala do discurso laudatório até acabar no depreciativo e satírico, é uma nota sobre a falta de liberalidade na despesa feita para a recepção que lhe prepararam.[83] O que, enfim, não deixa de ser um anti-clímax à *magnificentia* que caracteriza a cidade do ponto de vista arquitectónico ou a beleza da sua vida social.

No regresso de Mântua, Pio II volta a Florença e, desta vez, Cosimo Medici esteve presente. A conversa que tiveram, segundo os *Commentarii*, andava em torno da questão aragonesa. Pio II defende a sua posição pró-aragonesa com o argumento da liberdade italiana; enquanto na boca de Cosimo Medici, o Papa colocou uma posição dúbia e

[81] Pio II, *Commentarii,* II, 31, pp. 362 s.

[82] Compare-se o texto dos *Commentarii* com este passo de Bruni: *Maxima quidem in hac urbe ingenia sunt et, quamcunque rem agere pergant, modum ceterorum hominum perfacile excedentia. Sive enim arma sequantur, sive ad rem publicam gubernandam se conferant, sive ad studia aliqua rerumve cognitiones, sive ad mercaturas, in omni denique re obeunda omnique actione cunctos mortales longissime anteeunt. Nec ulli penitus genti cuiusquam excessus locum relinquunt, patientes laborum, presentes in periculis, glorie avidi, pollentes consilio, industrii, liberales, magnifici, iocundi, affabiles, maximeque urbani* (Bruni, *Laudatio florentine urbis*, § 90, p. 34).

[83] *Videntur et ad rem plus aequo attenta; ac propterea, cum honorandi Pontificis gratia primores urbis auri quatuordecim milia nummum ex plebe corrasissent, maiorem sibi partem retinuere, partem in Galeazium eiusque pascendos comites contulere* (Pio II, *Commentarii* II, 31, p. 364).

acomodatícia: *fassus est popularem multitudinem nihil honesti facere nisi cogat utilitas aut metus*.[84]

Amargurado com essa indiferença para com o seu projecto de cruzada e com a vacilação no cumprimento das deliberações tributárias do congresso mantuano, Pio II profere uma das mais lapidares caracterizações da cidade:

> *Demiratus est Pontifex tantam Florentini populi impudentiam, multisque verbis iniustitiam eorum accusavit, qui rem fidem tractantes, dolis uterentur et fraudibus; turpe esse invalida mittere mandata, turpius illis uti; et si ceteris in rebus confirmari solerent, in hac potissimum, quae omnium esset maxima, servari oportere. At cum frustra tempus tereret, accepit quod potuit, nec moratus amplius, civitatem mercatricem ne dicam meretricem, dimisit.*[85]

2. 3. 1. A visita a Florença de um ponto de vista municipal

Para se entender o carácter próprio e as premissas ideológicas da descrição de Florença no itinerário mantuano, nada mais esclarecedor do que contrastá-la com uma fonte contemporânea. Para o caso de Florença existem dois poemas em terça rima sobre a visita papal: o *Ricordo della venuta di Pio II in Firenze, l'Anno 1459* e um louvor de Cosimo Medici a pretexto da visita.[86] O primeiro destes anónimos, que começa por recordar o grande número de forasteiros que acorreram à cidade e a comissão constituída por membros de cada bairro que os Florentinos instituíram para prover às necessidades de alojamento dos príncipes e para adornarem as igrejas,[87] entre as quais Santa Maria Novella destinada a receber o vigário de Cristo,[88] sublinha constantemente a mobilização de toda a cidade (o próprio Cosimo Medici prepara o seu palácio).[89] Para a recepção a Galeazzo Maria Sforza justas, caças e bailes foram preparados,[90] com recintos fornecidos de estrados e sombrantes para os espectadores e

[84] *Ibidem,* IV, 7, p. 660.
[85] *Ibidem*, IV, 7, p. 662.
[86] *Ricordi di Firenze dell'Anno 1459*, a cura di Guglielmo Volpi, Città di Castello, S. Lapi, 1907 (RIS, t. 27, p. I). O louvor de Cosimo Medici intitula-se *Terze rime in lode di Cosimo de' Medici e de' figli e dell'honoranza fatta l'anno 1458 (sic) al figl.o del Duca di Milano ed al Papa nella loro venuta a Firenze*. Quanto à data da chegada a Florença, lembre-se que Pio II partira de Siena no dia 23 de Abril, segundo Voigt, e chegara a Florença 3 dias depois, ou seja no dia 25, (ver VOIGT, *Enea Silvio*, III, pp. 40-41).
[87] *Ricordi di Firenze…*, pp. 3-4, vv. 1-126.
[88] *Ibidem,* p. 5 vv. 127 ss.
[89] *Ibidem,* p. 6, vv. 158 ss.
[90] *Ibidem*, p. 6 v. 177 ss.

para as mulheres poderem dançar.[91] O que se exalta acima de tudo não é a dignidade pontifícia, mas o brio da cidade. Na recepção ao Papa, às portas da cidade, afirma o autor:

> "E non fu poco onore a nostra terra,
> Dico, per certo, al popol fiorentino,
> La gente che ci fu, se'l dir non erra."[92]

À entrada na cidade, o anónimo compraz-se em recordar a ordem da procissão que acompanhou o Papa pelas ruas de Florença, na qual, além da família dos Medici, do *Capitano del popolo* e do *Podestà,* seguiam outros representantes ilustres da cidade como os das *sette arti maggiori*...[93] É um retrato de ordem e hierarquia da cidade, acrescentado ainda do efeito visual dos chapéus cardinalícios, transportados em cima de bastões, e dos vários estandartes.[94]

O *Capitano del Popolo* e o *Podestà* acompanhados de outros cidadãos, foram ao encontro do Santo Padre, o qual respondeu às suas saudações, com uma elogiosa afirmação da liberdade florentina:

> "Per mille volte ben vegnate voi!
> Cristo vi doni ciò ce v'è in piacer.
> Conceda pace e riposo a voi e a noi;
> Concedavi pace e lieta unitade,
> E nella santa gloria ci conduca poi.
> Mantenga sempre vostra libertade.
> Della vostra venuta vi ringrazio,
> Che m'è singular grazia, in veritade.
> E qui none stare' sí lungo spazio,
> E dovunque io sarò, servendo a voi,
> Che io giammai me ne vedessi sazio."[95]

Os eventos em honra dos hóspedes são descritos com grande vivacidade. A recordação da *giostra*, por exemplo, prima pela emoção na descrição dos movimentos dos combatentes,[96] enquanto a descrição do baile no Mercato Nuovo se torna uma celebração da sensualidade e

[91] *Ibidem*, p. 7, vv. 184-5, vv. 202 ss.
[92] *Ibidem*, p. 15, vv. 605-7. Cf. também: taccia chi dice del Cairo o Milano, / che di tanto picciola cittadella / simile popol non si truova umano (ibidem, p. 19, vv. 767-9).
[93] *Ibidem,* p. 17, vv. 660 ss.
[94] *Ibidem,* p. ver p. 17, vv. 704 ss.
[95] *Ibidem*, p. 20, vv. 823-33.
[96] *Ibidem,* p. 21, vv. 847- p. 23, v. 967.

da beleza que acaba na exaltação dos poderes do amor.[97] A *venatio* junto ao Palazzo della Signoria[98] constava de touros e cavalos, lobos, javalis, cães, e até leões.[99]

Os momentos de contacto do Sumo Pontífice com a população também merecem referência por parte do anónimo. A esse respeito, descreve a bênção papal dada no terceiro dia da sua estada a uma multidão que se apinhava em frente a Santa Maria Novella.[100]

No final da visita, depois de mencionar a partida do Papa acompanhado de uma procissão semelhante àquela que o recebera, o autor faz um epílogo bem revelador da ideologia que anima estes textos:

> L'amor della città di mia nazione
> (Volendo in ciò tacere, io mi rimordo)
> Costretto m'ha a far questo ricordo,
> Acciò che noto sia alle persone.
> D'una gente d'ogni condizione
> A venire a Firenze fûr d'accordo.
> Mai cotanta gente non ricordo
> Esser di forestieri con unione.[101]

Entre o texto de Pio II e os *Ricordi* há uma diferença que limita a possibilidade de comparações: se o primeiro faz uma descrição, uma *laus urbis*, da qual consta, entre outros elementos, o evento da estada em Florença; o segundo é apenas uma descrição desse evento. No entanto, há um dado que se impõe: a descrição de Pio II é omissa e parcial, i. e., em sentido desfavorável, e quase nem considera a cidade como um corpo. Pelo contrário, os *Ricordi* caracterizam a cidade por meio do evento, exaltando as qualidades dos cidadãos que se mostram no empenho posto em cada realização.

Não obstante essas diferenças, a comparação dos dois textos permite perceber melhor o contraste de agendas políticas. Há um orgulho municipalista que enche os *Ricordi* e que falta

[97] *Ibidem*, p. 23, vv. 968 - p. 25 v. 1057.
[98] *Ibidem*, p. 25 v. 1058 ss.
[99] *Ibidem*, p. 26, vv. 1091-1096; vv. 1012-1014.
[100] *Ibidem*, p. 33, v. 1462 - p. 34, v. 1487.
[101] *Ibidem*, p. 38 vv. 1689-1696. Se bem que o poemeto anónimo, editado juntamente com este *Ricordo*, afirme que Matteo Palmieri fazia parte da procissão de recebimento do Papa, a verdade é que o humanista florentino é bastante contido (conquanto objectivo) nos seus *Annales*: "Del mese d'aprile sendo Papa Pio a Siena et dovendo venire a Firenze, venne a dì 17 di detto mese in Firenze el conte Galeazo, conte di Pavia et figliuolo del Duca di Milano cioè di Francesco di Sforza, e fugli fatto grandissimo honore, et fu gratios amente veduto da cittadini et da tutto el popolo, et fessi giostra, ballo in Mercato nuovo, armeggeria et una caccia di lioni in su la Piaza de Signori. Et tornò in Casa de Medici." Cf. Palmieri, Matteo, *Annales conosciuti sotto il nome di Historia Florentina*, Città di Castello, S. Lapi, 1903, (RIS, 26, p. I), p. 179, ll. 31-35.

nas páginas da autobiografia papal cujo horizonte político é bem mais amplo do que os muros de Florença ou do que a política italiana.

2. 4. Bolonha e Ferrara

As restantes etapas do percurso até Mântua seriam Bolonha e Ferrara. Nenhuma das cidades, nem a própria Mântua, tem importância no resto da obra e, de resto, uma delas, Ferrara, é escassamente caracterizada.

Pio II dirigiu-se para a cidade universitária a 5 de Maio, com Galeazzo a precedê-lo no caminho com o seu corpo de tropas. A imagem da cidade que os *Commentarii* oferecem é a de uma desordem pública grave: sedição e crime pintados com os traços mais cruéis. A cidade, embora estivesse sujeita ao governo da Igreja, era, nos termos de Pio II, *male parens*.[102] As revoltas desde o tempo de Martinho V, passando por Eugénio IV, eram várias e faziam os tiranos alternarem no poder. E, como paradigma desse carácter sedicioso, Pio II conta a história do assassínio pérfido de Annibale Bentivoglio por Battista Canetoli (aliás, Baldassarre Canetoli) e a vingança ulterior de contornos animalescos (*more ferarum*).[103]

Dois outros episódios, no capítulo sobre Bolonha, acentuam a imagem desfavorável da cidade. A história da sucessão do *capo famiglia* dos Bentivoglio é contada em termos que roçam o satírico. À falta de alguém na família apto para governar a cidade, diz o narrador, chamaram Sante Bentivoglio, um simples *lanifex* de Florença e, para mais, filho bastardo![104] O outro episódio desfigurador da cidade foi a oração pronunciada no recebimento do Papa por Bornio da Sala; oração de que os *Commentarii* dão uma versão em discurso indirecto. Ao que parece Bornio começou por um elogio de várias qualidades de Bolonha ao modo de uma *laus urbis*:

[102] Pio II, *Commentarii* II 36, p. 388. De facto, Bolonha, que é a maior cidade dos Estados Papais, depois de Roma, possui um estatuto especial no interior desse domínio desde a rebelião contra a *signoria* pontifícia no Verão de 1428. Ver Partner, Peter, *The Lands of Saint Peter. The Papal State in the Middle Ages and in the Early Renaissance*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1972, pp. 401 s.

[103] Na verdade, que os vingadores tenham bebido o sangue e comido o coração é algo que também se encontra no *De Europa* (LIII, 199, p. 210, ll. 6953 ss): *Cadauer eius in forum tractum, et diu ludibrio habitum; cum plerique more ferarum cor eius dentibus laniassent cruoremque bibere non horruissent, tandem exustum est*. Todavia, os factos não terão sido assim. Sobre o erro quanto ao nome e sobre a ampliação da crueldade na vingança ver Pini, Antonio Ivan, "Non tam studiorum mater quam seditionum altrix:" Pio II e Bologna. Pio II a Bologna," in Calzona, *Il sogno di Pio II...*, p. 182 s.

[104] Pio II, *Commentarii* II, 36, pp. 388 s.

> *de Bononiensis fertilitate, de caeli clementia, de litterarum studiis, de templis, de litterarum studiis, de templis, de moenibus, de privatis et publicis aedificiis multa pulchre locutus est.*[105]

Mas a modalidade laudatória inverte-se subitamente e acaba em violento ataque aos Bolonheses com um verdadeiro catálogo de vícios: cobiça pelo poder, vícios carnais, perfídia. A conclusão do discurso continha um pedido a Pio II para que reformasse a cidade.

Certamente que a oração de Bornio foi crítica. Se o foi nestes termos, e de acordo com Antonio Ivan Pini, é de duvidar.[106] Pio II, no entanto, não se coíbe de mostrar a sua admiração pelo orador.[107]

Referências elogiosas, essas foram mais sucintas: uma para a fama da universidade que atravessava fronteiras; outra para dois ilustres conterrâneos que haviam sido importantes na sua própria carreira, a saber, Niccolò Albergati e Francesco Pizzolpasso.[108] Em Bolonha atinge-se, portanto, o fundo da obscuridade da política local italiana.

Sobre Ferrara, última etapa antes de Mântua, pouco se diz nos *Commentarii*. Embora não esteja carregada dos traços obscuros de Bolonha, também não se distinguiu pelo seu esplendor: alguns aspectos históricos, com relevo para os episódios de luta entre o papado e o Império de que a cidade foi palco; o curioso e imoral exemplo da casa dos Este, em que os filhos bastardos se revelavam mais afortunados que os legítimos; o gosto pela adulação de Borso d'Este.[109] A referência mais elogiosa, porém, foi o encontro com dois símbolos (ou lendas vivas, permita-se a expressão) do humanismo: Guarino de Verona e Giovanni Aurispa.[110]

2. 5. A recepção em Mântua

Rio Pó acima, seguiu a comitiva papal até chegar a Mântua, no dia 27 de Maio, onde o principal foco de interesse foi o cortejo de entrada na cidade. É um evento onde o Papa aparece acompanhado de personalidades que lhe são gratas ou que admira, como é o caso de Bianca Visconti, mulher de Francesco Sforza, e de Barbara Gonzaga, mulher de Ludovico III Gonzaga, Marquês de Mântua. O texto dos *Commentarii* descreve com minúcia não só a

[105] *Ibidem*, II, 37, p. 394.
[106] Pini, "Non tam studiorum...," p. 196 s.
[107] Pio II, *Commentarii*, II, 37, p. 396.
[108] *Ibidem*, II, 37, p. 396.
[109] *Ibidem*, II, 39-40, pp. 400-408.
[110] *Ibidem*, II, 41, pp. 408 s.

hierarquia de dignitários como até os símbolos presentes nos estandartes, os quais prenunciam de forma evidente o âmbito e a importância do congresso que ali se iria realizar:

> *Blanca in suggesto appud ecclesiam maiorem apparato et Barbara simul Pontificis adventum expectavere, qui pompam huiuscemodi ducens intravit urbem: praecesserunt servitia Curiae et cardinalium ministri; tum minoris ordinis curiales: exin equi candidi absque sessoribus duodecim, frenis sellisque auereis*[111] *ornati; tum vexilla tria — in primo signum Crucis resplenduit, in altero Clavium Ecclesiae, in tertio quinque lunarum quod est Piccolomineorum insigne — et ea viri nobiles, armis tecti et phaleratis insedentes equis, portavere. Mox umbella secuta est, rubro et croceo colore distincta; proximi sacerdotes urbis diviti apparatu sacra ferebant; post hos regum et principum legati; tum crucem auream comitantes subdiaconi apostolici, auditores Palatii, scrinarii et advocati. His arcula iungebatur aurea, equo albo vecta et multis luminaribus circundata, in qua condita fuit Eucharistia, idest hostia Salvatoris sacrata, et siriceum desuper umbraculum. Huic proximi Galeazzus Mediolanensis et Ludovicus marchio; et post eos cardinalium venerabilis ordo. Tum Pontifex ipse, sella sublimi sedens, sacerdotali paludamento et onusta divitibus gemmis mytra fulgens, nobilium procerum portatus humeris,* /p. 420/ *benedicens populo incedebat. Et iuxta eum cubicularii et corporis custodes. Episcopi et notarii et abbates et ingens praelatorum turba Pontificem sequebantur.*[112]

Este era o ambiente onde Pio II se sentia bem: em virtude da glória que lhe conferiam estas imponentes coreografias, por um lado; por outro, em razão do *entourage* aristocrático que ali se encontrava. Ludovico Gonzaga entregou as chaves da cidade ao Papa e o comentário do narrador é a melhor conclusão sobre o itinerário político que completara. É que nem Senenses nem Florentinos lhe tinham feito o mesmo; oprimidos, no modo de ver do narrador, por regimes populares, queriam dar a aparência de serem livres (*populari oppressi tyrannide, retentis clavibus videri liberi voluerunt*).[113]

Mas não lhe tinham feito igual demonstração na entrada em Florença? E, contudo, a apreciação do Pontífice não fora tão entusiástica. É que, Pio II, exímio intérprete dessas coreografias, como se verá mais abaixo, saberia que o sentido não era o mesmo.

2. 6. Veneza no Congresso de Mântua e no contexto geral da obra

Em Mântua, durante o Congresso, um outro 'regime popular' ocupa lugar de relevo nas páginas dos *Commentarii*. Quando já haviam comparecido legados de partes bem mais longínquas, faltavam, os únicos da Itália, os enviados de Veneza. Pio II suspeitou de típicas

[111] *Auereis*: *sic* em vez de *aureis* na ed. de Totaro. Cf. ed. Heck, p. 169, l. 33.
[112] Pio II, *Commentarii*, II, 44, pp. 418 s.
[113] *Ibidem*, II, 44, p. 420.

manobras de corte, da parte de algum veneziano do seu séquito que, ressentido, escrevera para a República denegrindo os intuitos do Papa. A república — acrescenta Pio II, com a costumada desconfiança pelos 'regimes populares' — era muito sensível à suspeita. Além disso, a perspectiva de uma guerra contra os Turcos não trazia benefícios aos Venezianos.[114]

O que se segue a esta observação é a mais longa e articulada exposição histórica, acompanhada de reflexão política, sobre uma cidade feita em toda a obra.[115] A inserção justificava-se, diz o narrador, pelo facto de ser a maior potência marítima e terrestre, e por estar em um momento de expansão. Confrontado com a disparidade entre o amplo espaço concedido à cidade de Veneza e às restantes cidades do itinerário mantuano, o leitor fica com a impressão de que Pio II se deixa atrair por um mito que se formou em torno da cidade. Desde as críticas das *Honorantie civitatis Papie* — que falavam do estranho povo que não semeava, não lavrava, nem vindimava — aos elogios de Tolomeo da Lucca ao regime singular na paisagem política da Lombardia, dominada por regimes tirânicos, o excepcionalismo geográfico e político da cidade causava admiração.[116] As considerações de Pio II não fogem à agenda habitual da mitologia histórica sobre Veneza apresentando os seguintes elementos:

— as origens que remontam ao ano 456 e que já são marcadas por dois elementos de excepcionalidade: o facto de serem o resultado de uma emigração apressada para uma zona lacustre, por um lado; e, por outro, a vontade de fugir à submissão aos bárbaros, que assim funda uma liberdade originária;[117]

---

[114] *Civitas vero, ut est popularitas obnoxia suspitionibus, omnia in peiorem partem trahebat, mercatores praesertim, quibus in lucro erat cum Thurcis pacem habere* (*ibidem*, III, 25, p. 530). Contudo, na carta a Girolamo Lando, arcebispo de Creta, a reacção à ausência dos Venezianos não era tão acre: *miramur non parum de dilectis filiis nostris Venetis, quod oratores suos non miserint, prout eorum honor exigeret, sicut nobis et Romae et in itinere et Mantuae promiserunt. advenerunt omnium fere Christi fidelium nationum oratores. adsunt et nonnulli principes et intra paucos dies plures aderunt. quare non possumus honeste rem ipsam dietae differre* (Pio II, carta a Girolamo Lando, arcebispo de Creta, 25 de Agosto de 1459, in Pastor, Ludwig von (Hrsg.), *Acta inedita historiam pontificum Romanorum praesertim saec. XV, XVI, XVII illustrantia*, Friburgi Brisgoviae, Herder, 1904, vol. 1, n. 82, p. 113, ll. 23-29).

[115] As principais fontes usadas são Biondo Flavio e o cronista veneziano Andrea Dandolo (ver nota de Totaro na sua edição, p. 1270, n. 106).

[116] Ver esses e outros textos citados por Fasoli, Gina, "Nascita di un mito," in *Studi storici in onore di Gioacchino Volpe*, Firenze, G. C. Sansoni, 1958 (Biblioteca Storica Sansoni; 31), vol. I, pp. 462 ss.

[117] Pio II, *Commentarii* III, 26, p. 530 ss. Os *Commentarii* seguem, mais uma vez, Biondo, contra a tradição veneziana que colocava a fundação em 421. Sobre a data de 456 proposta por Biondo, ver o *De origine et gestis Venetorum* (Basileia, 1559, p. 274 E). O paradoxo da escolha das zonas lacustres pelas populações (e consequente abandono da planície fértil) e o paradoxo do aparecimento de uma nova cidade por pressão dos devastadores Hunos é mais explicitamente sublinhado por Biondo em *Decades*, I, III, p. 31 B.

— a lenda da trasladação do corpo de S. Marcos e a construção da basílica;[118]

— a lenda dos privilégios concedidos por Alexandre III, em reconhecimento da rendição do imperador Frederico Barba-Roxa, sob o patrocínio da cidade;[119]

— a riqueza presente quer nos edifícios quer na afluência de riquezas de várias partes do mundo;

— a densidade do tecido urbano.

Estes seriam alguns elementos que, segundo Elisabeth Crouzet-Pavan, constituem a alteridade e a unicidade de Veneza e, consequentemente, o seu mito.[120] No entanto, esses e outros elementos são desmitificados pela a pena do Papa.

Com efeito, a visão das origens aparece como um episódio contingente sem qualquer ideia de que isso fosse um sinal de predestinação de uma história gloriosa ou de um esplendor urbanístico: *nec tamen ab his mox una urbs coherentibus aedificiis, sed divisa in plures insulas erecta est civitas*.[121] Acerca do regime político, por sua vez, diz Pio II que ao longo dos tempos foi *multiplex* e se desenvolveu de forma histórica, em uma sucessão de tribunos, doges, chefes militares e, enfim novamente, doges. Tal ponto de vista é um contraponto às exaltações que já se tornavam correntes na literatura do séc. XV.[122]

A oposição a essa literatura em torno do mito de Veneza articula-se em dois momentos. Primeiramente, ao longo do resumo de história política apresentado, Pio II assinala de forma tendenciosa os momentos mais sombrios como os tumultos e golpes de estado. Posteriormente, e mais uma vez fundado na sua leitura muito própria da história veneziana, dirige um ataque directo e irónico à sua tão propalada liberdade reforçando a sua argumentação com argumentos históricos sobre a origem da *libertas* veneziana:

> *Cur autem civitas liberam sese asserat paucis referendum est. Quae nec semper libera fuit, necque, si ratio vera spectetur, nunc libera dici potest, quae duro et intractabili paucorum civium servitio premitur.*
>
> /p. 550/[…] *Constat itaque Venetos Imperio Graeco subiectos fuisse, verum illo deficiente descivisse, et multa de Graecis ad se traxisse. Hinc libertas Veneta. Nam cum orientales*

[118] Pio II, *Commentarii* III, 27, p. 540.

[119] *Ibidem*, III, 29, p. 552.

[120] Crouzet-Pavan, Elisabeth, "Immagini di un mito," in Tenenti [et al.] (edd.), *Storia di Venezia...*, pp. 579-601.

[121] Pio II, *Commentarii* III, 26, p. 534.

[122] Pense-se em Pier Paolo Vergerio que escreve, em 1412, o seu *De republica Veneta*; ou em Lorenzo de Monacis que escreve entre 1421-1428 um *De gestis, moribus et nobilitate civitatis venetiarum*. Sobre esses autores ver Crouzet-Pavan, "Immagini di un mito," p. 594.

> *imperatores, quibus ex consensu Occidentalium suberant, prorsus elanguissent, erigentes cornua Veneti in libertatem se facile vendicarunt, cum neque Graeci possent eos compescere, nec Latini curarent.*[123]

O resumo histórico que apresenta, desde a doação de Alexandre III até ao seu tempo, tem por objectivo demonstrar que Veneza é instável no plano das suas relações internacionais e insaciável no seu apetite de conquista. Que tivessem saqueado por duas vezes o Império Grego e tentado atacar os reinos da Alemanha e da Hungria, eis um feito que para Pio II representaria a suprema desordem política. Mas os Venezianos não ficaram por aí, pois também atacaram a Igreja. Visto que atacam os dois pilares da cristandade, daí deduz Pio II uma natureza intrinsecamente perversa dos 'regimes populares':

> *Sed in populari dominatu nihil religiosum, nihil sanctum. Respublica inanimis est neque Gehennae veretur ignem. Duces suos Veneti complures exilio damnavere; alios oculis, alios vita privarunt; nec tribunis nec magistris militum mitiores fuere, praerigidum genus hominum et suarum legum observantissimum.*[124]

Ainda que conceda aos Venezianos o mérito de terem participado várias vezes em guerras de cruzada, este tratamento da história de Veneza é crítico.[125]

Só após este excurso histórico, Pio II faz a descrição da cidade que conhecera uma década antes quando, em missão diplomática, viajara da Áustria até Roma.[126] A descrição contrasta com o resumo histórico que a precedera. Com efeito, Pio II expressa a sua admiração perante o que outrora fora um conjunto de pequenas aglomerações dispersas e que hoje é um tecido urbano contínuo, uma só cidade que em vez de ruas pavimentadas tem canais (alguns com capacidade para uma trirreme). Era, no dizer de Pio II, o maior empório da Europa onde afluíam mercadorias de todo o mundo.

Acrescia a esse aspecto sofisticado, a organização defensiva com o Arsenal apetrechado de toda a espécie de máquinas e que tornava a cidade capaz de equipar uma frota de guerra em um curto espaço de tempo.[127]

---

[123] Pio II, *Commentarii* III, 27, p. 546 - 28, p. 550.

[124] *Ibidem*, III, 29, p. 552.

[125] Assim como constitui uma desmontagem dos vários elementos que a cronística local articulava.

[126] Pio II diz ter estado no senado de Veneza várias vezes (deve ter em mente as duas embaixadas de obediência a Eugénio IV e a Calisto III) e que as críticas, em termos pouco polidos, que aí fez lhe custaram o descontentamento veneziano, logo a seguir à sua eleição: *Veneti tantum et Florentini ex Italis inviti hoc unum audivere: Veneti, quod Aeneas im-*/p. 228/*peratoris legatus saepe in eorum senatu visus fuisset asperius loqui et ipsorum tyrannidem accusare* (*ibidem*, I, 37, pp. 226 s).

[127] *Ibidem*, III, 30, pp. 564-566.

Mas o que mais exalta é o tecido urbano, com a sua ostentação de riqueza visível na arquitectura civil e religiosa:

> *Urbs tota lateritia; verum si stabit imperium brevi marmorea fiet, et iam nobilium aedes marmore incrustatae plurimo fulgent auro. Beato Marco evangelistae nobilissima aedes constructa est ex orientali marmore, testudines artificio, quod musaicum vocant, undique deauratae. Hic thesaurum esse asserunt*[128] *regales opes excedentem, carbunculis adamantibus et omni gemmarum genere adornatum.* [...] *Turris campanariae pinnaculum sexaginta milibus aureis inauratum ferunt. Ducale palatium amplissimum est, quod supra incensum et deinde instauratum diximus, super columnas marmoreas aedificatum, omnibus ornamentis illustre. Sunt et alia templa per urbem sumptu et opere admiranda et religiosorum coenobia. Crescit in dies civitas nullis circundata menibus; aqua pro muro est. Conti-*/p. 568/*nens ubi propius accedit, passuum tribus milibus distat.*[129]

Por fim, acrescentou a este elogio a menção, com bastante apreço, de dois homens ilustres da cidade: o teólogo Paulo Véneto e o humanista Francesco Barbaro.

E assim, Pio II, que tentara polemizar com a literatura mitificadora da cidade, integra no seu discurso, *nolens uolens*, dois dos fundamentos da alteridade de Veneza: um urbanismo único que, graças à sua localização, torna os muros obsoletos e transforma os canais em ruas e que integra elementos orientais como o mosaico; a imagem da cidade, tal como se reflecte na praça de S. Marcos, com a articulação entre o Palácio Ducal e a basílica.[130]

Todos estes elementos, porém, são um longo preâmbulo histórico para o momento em que os Venezianos, tão atrasados na sua chegada a Mântua,[131] tomam parte na sessão com as potências italianas, onde estiveram presentes Francesco Sforza, Ludovico Gonzaga, Guglielmo di Monferrato, Sigismondo Malatesta e os legados do rei de Nápoles. Nessa sessão, segundo o narrador, Pio II fez um discurso *de origine Venetorum deque gloriosis eorum gestis*, a que não faltou uma alusão às larguezas de Alexandre III para com a cidade — em suma, temos aqui uma *mise- -en-abîme* do discurso *in euentu* e do discurso *post euentum*.

Todavia, as lisonjas não surtiram efeito: o carácter mercantil de Veneza prevaleceu. Temiam pelo fim da sua actividade comercial no Oriente. E o comentário de Pio II revela as posições opostas de ambos os interlocutores:

---

[128] *Asserunt*: *afferunt* em Totaro.

[129] *Ibidem,* III, 30, p. 566.

[130] Assim explica Elisabeth Crouzet-Pavan essa articulação entre urbanismo e política: "Gli stranieri sbarcano su questa riva. Venezia si mostra loro attraverso il varco della Piazzetta. La natura politica dell'estetica urbana è, per la prima volta, identificata formalmente." ("Imagini di un mito...," p. 588)

[131] Pio II, *Commentarii*, III, 31, p. 568.

> *Non sunt populi, qui res magnificas amplectantur, mercatores plerumque, quorum natura lucris intenta res claras, quae sine impensa fieri non possunt, mente abhorrent. Existimabant Veneti inito cum Turcis bello futurum ut omnis negociatio ex qua victitant in Orienti cessaret, nec passuros Occidentis principes vendicata Graecia, ut plebs veneta Dalmaticum et Orientale Imperium obtineret.*[132]

Na verdade, as hesitações de Veneza ante a cruzada não tinham como motivo apenas a diferença de valores entre uns e outros: tratava-se de vários condicionalismos. Acresce que os Venezianos não eram receptivos, para não dizer que eram desconfiados, em relação a Pio II.[133] Todavia, não é este o lugar para fazer análise histórica, mas antes complementar com dados históricos o monólogo de Pio II, nesta relação com uma das cidades mais importantes da sua autobiografia.

Que Pio II sempre cortejou a cidade mostra-o a concessão da espada santa com o intento de ganhar a sua boa vontade. Mas na página que escreve sobre essa tentativa de conquistar simpatia vêm-lhe à pena, mais uma vez, os desabafos a respeito da natureza política dos regimes populares e do código ideológico que os motiva:

> *Frustra conatus ingrati populi benivolentiam aucupari aut avarae Reipublicae mercatrique multitudini gloriosum suadere bellum. In populis nullam honesti curam invenias: emolumento serviunt; gloriam quae nihil afferat lucri contemnunt; nec simul generositas habitant et mercatura.*[134]

O confronto com Veneza, porém, passou ainda por uma outra linha, que não a do problema turco, e que daria ocasião ao Papa para exprimir de forma bastante desabrida o seu ponto de vista sobre o carácter da cidade: o conflito com os Malatesta de Rimini.[135]

---

[132] *Ibidem,* III, 35, p. 588. A instrução dos legados venezianos ao Congresso de Mântua (17 de Setembro de 1459) dava conta dos termos ofensivos que o Papa empregara: *nos solum lucra curare fidemque et religionem parvi pendere* (Pastor, *Acta inedita*, n. 85, p. 115, ll. 23-24).

[133] Quanto às posições venezianas a respeito da guerra ver o que diz Michael Mallett, "Venezia, i Turchi e il papato dopo la pace di Lodi," in Calzona, *Il sogno di Pio II...*, p. 243: "Nessuna analisi della posizione dei singoli uomini politici veneziani e della formazione di partiti della guerra e della pace nei tardi anni '50 del Quattrocento può prescindere dal fatto che l'opposizione all'intervento in una crociata, sia che fosse motivata dal desiderio ti tutelare il commercio o dalla necessità di risparmiare denaro, veniva inevitabilmente associata all'opposizione al papato, alle pretese pontificie, alle tasse papali."

[134] Pio II, *Commentarii*, XI, 1, p. 2026.

[135] Os elementos respeitantes a Sigismondo Malatesta emergem em vários momentos da narrativa dos *Commentarii*: para as razões do conflito ver II, 32, pp. 364 ss; a história da família Malatesta é recordada ao longo do livro X, capp. 13 ss. Recorde-se, ainda, que, em finais de Outubro de 1462, por causa do conflito entre o Papa e Sigismondo Malatesta, o embaixador veneziano Bernardo Giustiniani tentou obter algum acordo de Pio II, a pedido do próprio Sigismondo Malatesta que se dirigira pessoalmente a Veneza solicitando a intercessão da cidade (cf. *ibidem*, X, 25, pp. 1972 s).

Em Maio de 1463, esse conflito conheceu um desenvolvimento quando o irmão de Sigismondo, Domenico Malatesta Novello, vendeu aos Venezianos a cidade de Cervia, situada na costa do Adriático, que, de direito, pertencia ao Estado Pontifício.[136] O interesse dos Venezianos não se integrava apenas em um quadro mais vasto de acompanhar de perto a situação dos Malatesta pelo facto de Rimini estar encravada no seu território, mas tinha em vista a exploração das salinas dessa cidade.

No contexto desse negócio, os *Commentarii* apresentam uma longa invectiva contra o carácter veneziano.[137] Mais uma vez Pio II invoca o argumento da incompatibilidade entre os interesses comerciais e os da religião. Porém, a acusação é agora mais vasta, pois lança várias insinuações, a saber:

a) que não se encontra povo menos dotado de sentido de justiça e de humanidade devido à própria localização da cidade no meio do mar (o que os assemelha, no seu modo de vida, aos peixes); e que, nos seus contactos comerciais, se assemelharam aos bárbaros Egípcios, Africanos e Asiáticos;

b) que para os Venezianos a República é ela própria uma religião e o fundamento do direito;

c) que alguns dos elementos da 'mitologia' veneziana como a descendência de Eneias e Antenor lhes serviam como legitimação para uma conquista imperial abusiva;

d) enfim, que Veneza se assemelha a um usurário cuja actividade o povo condena a baixa voz, mas que, uma vez cumulado de riqueza, atrai a adulação geral.[138]

[136] Segundo as condições de paz acordadas entre o papado e Domenico Malatesta (com o patrocínio de Veneza), na falta de descendência masculina nos Malatesta, Cervia deveria reverter para o Estado Pontifício. Contra essa cláusula, no entanto, a República aceitou o negócio (esses termos são recordados *ibidem,* XI, 16, pp. 2174 s).

[137] *Ibidem*, XI, 16, p. 2176.

[138] *Sed quae piscibus cura iuris? Quanto minus inter animalia bruta rationis inest aquatilibus, tanto sunt in omni humano genere Veneti minus iusti et humanitatis minus capaces, quippe mare incolunt, et in aquis degunt vitam, navibus pro equis utuntur, non tam hominum, quam piscium socii et marinarum comites belluarum, qui solis sibi placent et se ipsos dum loquuntur auscultant et admirantur; quasi Syrenae sibi videntur dum verba faciunt. Huc accedit quod in Aegypto et in Aphrica et in Asia versati, barbaros induere mores, et nostrae cultum religionis oderunt, quamvis speciem quandam christiane pietatis prae se ferunt. Hypocritae sunt. Vulgo videri christiani volunt; re vera nihil de Deo sentiunt, quibus praeter Rempublicam, quam veluti numen habent, nihil sanctum nihil religiosum est. Hoc Veneto iustum, quod Reipublicae conducit; pium est quod imperium auget. Novam fundare monarchiam Venetus satagit, et iam iam sibi Romanam persuadet fortunam. Aeneadum genus a Troia profectum olim rerum potitum, succedere iam Antenoridas, quorum filii sunt Veneti. Licere his omnia ut ad culmen rerum perveniant; ius fasque omne abrumpendum imperandi causa.*
Quid mirum, si a non domino Cerviam emerunt, qui paulo ante Ravennam Ecclesiastici iuris occupaverunt et Aquileiam totumque Iulii Forum patriarche abstulerunt, et Carrarienses Patavo [*Patavo*: sic Totaro] *et Scaligeros Verona Vicentiaque deiecerunt, et Brixiam, Bergamum multaque alia oppida de Longobardis ad se traxerunt? Facit*

Pio II chamou o embaixador de Veneza, Bernardo Giustiniani, para protestar. A atitude do embaixador é retratada com alguma acrimónia e interpretada como prova da culpa: treme, cora. As suas palavras nem são citadas. Giustiniani aduz como justificação o facto de os rendimentos do sal terem diminuído (por causa do contrabando de Cervia para Ferrara e para outros lugares).[139] Portanto, era uma questão de *utilitas* e de não tolerar que os interesses da República fossem lesados.

A resposta de Pio exige uma análise com algum pormenor, já que se trata de uma longa arenga que opõe, mais uma vez, o código de valores veneziano ao seu próprio código.

Depois de recordar as condições de paz acordadas, entre as quais a de devolver as terras recebidas de Igreja a título de feudo ou vicariato, invoca as objecções de carácter jurídico (*obstat natura feudi: obstat confiscatio propter rebellionem; obstat lis iam mota; obstant litterae apostolicae investiturae*), a que acrescenta o argumento moral: *obstat ipsa honestas*. Exclama, enfim: *En bella res! En senatus honestas! en gloria reipublicae Venetae!*[140]

A argumentação prossegue no campo moral: é assim que Veneza mantém a palavra dada (*fides*) e a sua honra (*decus*). Nem Jacopo Piccinino, na sua qualidade de *condottiere,* faria tanto porque, apesar do seu ofício, temia a infâmia, a condenação da "opinião pública" (*populi voces*) e a acusação de traição. Só que nada disso move os Venezianos e, pior ainda, a sua lei substitui-se à do próprio Evangelho:

> *At Venetos nihil horum movet. Inanimis est Respublica, non verecundatur, non erubescit, non pallet, non titubat. Unam semper faciem ante se fert eamque procacem et inverecundam.* /p. 2182/ *Senatus decreta non recta ratione honestum metimini. Sanctum est quod senatui placuit, quamvis Evangelio adversetur.*[141]

Pio II imagina o grosseiro raciocínio do Senado: se Cervia, ao oferecer sal a Ferrara, diminui os nossos rendimentos, então a única garantia contra tal prejuízo é comprar Cervia.

---

et /p. 2178/ *Cervia ad imperium ampliandum, cuius sales Romandiolae magno erant usui. Nunc ex Venetis quaerendum sal, nisi longinquum afferatur, quod sine magno praetio fieri non potest.*

Damnavit omnis Italia Venetorum factum, qui Cerviam Ecclesiae civitatem ab eo emissent qui vendere non posset. Turpe id visum et detestabile damnatum est, non correctum. Omnes indigna ferentibus commiserescunt, opem affert nemo. Quid raptori vulgi rumor obest? Quid feneratori? Paululum dum cumulat opes sordidus videtur et impius et humana indignus societate; at ubi dives evasit et potens, quis non beatum dicit? Quis non amicitiam eius quaerit? Plena clientibus domus est. Eunti per urbem omnes assurgunt ac cervices inclinant. Pars felicitatis est dexteram eius tetigisse (*ibidem,* XI, 16, pp. 2176 ss).

[139] *Ibidem,* p. 2178.

[140] *Ibidem*, p. 2180.

[141] *Ibidem*, pp. 2181 s.

Eis um raciocínio que não repugna a ladrões (insinuação que Pio II já fizera amiúde), mas que não repugna igualmente a outras profissões orientadas para a troca: *Quis mentis compos actionibus suis non aliquid praefert utilitatis? Et leno et meretrix emolumenta sectatur.*[142]

O léxico da actividade mercantil, com o seu cálculo de riscos e vantagens, percorre toda a argumentação (*quantum lucraretur vestra respublica, non quantum damni Romanae inferretis Ecclesiae animo pensitastis*).[143] Sem limites para a avareza, para a ambição, para a acumulação de riquezas, para o império, os únicos valores que Veneza conhece são aqueles que satisfazem as virtudes de Estado. A *honestas* segue a *potentia*. Como consequência, subverte-se a ordem política admissível de um ponto de vista cristão, pois a hierarquia Criador/criação dá lugar a uma realidade política unidimensional que não reconhece princípio superior. Por outras palavras, a república substitui-se ao próprio Deus (*Deum, qui est in coelo, contemnitis. Respublica vobis pro Deo est: hanc colitis, universitatis Creatore relicto*).[144] Contra esta ordem, resta invocar os limites do tempo como argumento irrefutável: este 'deus-república' está condenado a perecer como o mostram exemplos históricos:

> *Peribit hic deus vester, peribit: nolite immortalem credere! Maiores fuere Athenienses, quam vos estis, maiores Lacedemonii, maiores Carthaginenses; funditus tamen periere, cum essent iniusti.*

Segundo esta teoria da história, as cidades-estado, em virtude da sua qualidade passageira, não podem ser a referência última para a existência política humana. Nem sequer o Império Romano, que superou como organização política as cidades-estado, tinha bases sólidas, ou melhor, pelo facto de ser ímpio teve de ser refundado como guarda da lei divina, i. e., como Roma papal:

> *Nulla potentia unquam Romano Imperio maior fuit, et hoc tamen subvertit Deus, cum esset impium; sacerdotiumque substituit, quod divinae Legis curam gereret.*
>
> *Roma sacerdotalis facta est, et maior Italiae pars beato* /p. 2184/ *Petro, aeternae vitae clavigero et successoribus eius in patrimonium cessit. Cuncti reges et imperatores Romano pontifici tanquam Iesu Christi vicario caput inclinant et pedes eius exobsculantur.*[145]

É esta Roma eterna, a sua própria mãe, que Veneza lesa.[146] Uma ofensa tanto mais chocante quanto era facto que Veneza não havia de permanecer para sempre: a cidade estava

[142] *Ibidem*, p. 2182.
[143] *Ibidem*, p. 2182.
[144] *Ibidem*, p. 2182.
[145] *Ibidem*, p. 2184.
[146] *Ibidem*, p. 2184.

ameaçada de ruína, visto que os seus fundamentos estavam inquinados — adverte novamente Pio II. O tom da invectiva cresce novamente quando se refere à cidade na sua fase presente como *male collecta multitudo*, *piscatorum colluvies*, em oposição à cidade de outros tempos, contida e amante da religião (*abstinentem et religionis amantem*).[147]

O ataque termina retomando, com uma metáfora náutica facilmente compreensível para um veneziano, a ameaça de uma mudança no curso da história, promovida por mão divina:

> *Potentes modo estis et insultatis Matri vestrae, superbi, dum carbasa vestra secundi impellunt venti. Mutabitur flatus. Nolite aurae confidere. Incolunt coelum Superi, memores fandi atque nefandi. Non negligit facta hominum Deus; curat quae condidit, omnemque odit iniquitatem. Non potestis manus eius evadere. Cum putabitis solidius esse imperium vestrum, tunc, praeter opinionem, subita* /p. 2186/ *vos calamitas involvet, delebitque funditus divina iustitia.*[148]

Muito tempo depois do Congresso de Mântua, os Venezianos declararam guerra aos Turcos, persuadidos, de acordo com Pio II, pelo legado apostólico, o cardeal Bessarion.[149] Só então surge no texto do Papa um elogio da magnanimidade veneziana por aderir ao *bellum fidei*.[150] Era sem ilusões que o fazia, é claro, pois no livro XII, a propósito da declaração de guerra, que levou à reconquista da Moreia, volta ao tema da incompatibilidade entre o génio comercial veneziano e o amor à religião, com um ataque à *dominandi libido* e ao *insatiabilis ardor habendi*. Para Pio II, a declaração de guerra com base no incumprimento de tratados do lado turco, era apenas um pretexto:

> *Nihil horum classem armare tam validam tantosque sumptus facere coegit Venetos. Non est mercatoribus cura Reli-*/p. 2282/*gionis, nec ultionis causa populus aurum depromit avarus. Nihil plebi nocet salvis infamia nummis. Dominandi libido et insatiabilis ardor habendi tot apparatus fecere, tot subire sumptus persuasit Venetis.*[151]

A explicação, na sua lucidez, talvez não repugnasse a um historiador contemporâneo segundo o qual a razão fundamental para o conflito entre Venezianos e Turcos é o facto de serem poderes concorrentes.[152] Talvez... porque, de facto, na ordem de valores de Pio II o

[147] *Ibidem*, p. 2184.
[148] *Ibidem*, pp. 2184 e s.
[149] *Ibidem*, XII 21, pp. 2378 s.
[150] *Ibidem*, XII 29, p. 2404: *collaudatis Venetis* [*sc. a Pontifice*] *qui magno et excellenti animo bellum fidei suscepissent.*
[151] *Ibidem*, XII, 3, p. 2281 s.
[152] Giuseppe GULLINO aponta alguns motivos bem mais convincentes para os Venezianos como a tomada turca de Trebizonda em Agosto de 1461, que levou os negociantes de sal, a magistratura mais rica, a disponibilizar 6000 ducados mensais para a guerra contra os Turcos; ou a perda de Argo, na Moreia, a 3 de

interesse próprio, que Veneza estaria a defender com a guerra, não pode ser um princípio de decisão política.

Depois deste longo percurso, iniciado no Congresso de Mântua, voltemos ao itinerário mantuano para retomarmos a paisagem urbana da Itália segundo o olhar de Pio II.

2. 7. Regresso de Mântua: Orvieto, Montefiascone, Viterbo

Na viagem de regresso, Pio II passou de novo por Florença e Siena conforme já foi dito, mas vejamos agora a parte final da sua viagem que teve uma etapa importante em Orvieto.

A entrada no território da cidade ficou marcada pela contenda entre Bolsenenses e Urbevetanos acerca dos limites entre ambos (e, consequentemente, do direito a carregar a liteira do Sumo Pontífice); contenda a que a cavalaria do Papa pôs um termo.

De facto, a cidade surge sob o signo da discórdia e da maldição: os legados contam ao Papa como em tempos passados um papa tinha amaldiçoado a cidade que desde então não conhecia paz. A resposta de Pio II, para gáudio do povo, foi a bênção da cidade.

A entrada na cidade é assinalada na sintaxe narrativa pela descrição do sítio. Orvieto ergue- -se sobre um monte rochoso no meio do vale, de tal forma escarpado que os contrafortes da elevação lhe servem de muralha:

> *Mons lapideus in media valle consurgit, sex circiter stadiis altus. In cacumine planities est ambitus tria milia passuum complexa. Praeruptae pro muris stant rupes, quarum altitudo nusquam minor est ulnis viginiti.*[153]

As lutas intestinas dividiam a história da cidade em dois períodos: um passado glorioso a que se seguiu um período de decadência, com expressão no plano urbanístico, do qual se exceptua apenas a catedral e o Palácio Pontifício que fora restaurado por Nicolau V e no qual

Abril de 1463 ("Le frontiere navali" in Tenenti [et al.] (edd.), *Storia di Venezia...*, pp. 62 ss). Note-se que Pio II, na sequência dessa invectiva, congemina um outro motivo para o interesse turco: era o crescimento excessivo da plebe e do patriciado na cidade que os fizera ambicionar o estabelecimento de uma colónia no Peloponeso (cf. Pio II, *Commentarii* XII 3, p. 2282).

[153] *Ibidem*, IV, 36, p. 790. Tal como na descrição de Pienza (ver infra), as medidas de Pio II são muito desacertadas. A altura indicada para o cone de tufa em que assenta Orvieto, 6 estádios, equivale a mais de 1000 m! Longe, muito longe dos 325 m que tem na realidade.

Pio II ficou alojado.[154] O seu antecessor, Nicolau V, deixara a sua marca, aliás, não apenas no palácio mas também na cidadela que restaurou.[155]

A catedral, descrita com minúcia, é exaltada por Pio II como um dos monumentos principais de Itália:

> *Verum beatae Mariae Virigni dicatum fanum in media urbe incorruptum visitur, templorum quae sunt in Italia nulli cedens, amplitudine, materia, artificio, forma memorabile. Parietes ac pavimentum ex marmore diversi coloris. Frons altissima et admodum lata, plena statuis quas optimi sculpsere artifices, maiori ex parte senenses, nec Phi-*/p. 792/*dia nec Praxitele inferiores; vivi apparent ex candido marmore vultus et membra ita expressa hominum atque ferarum, ut naturam aequasse artificium videantur. Vox sola deest animantibus. Ressurrectionem mortuorum, Salvatoris iudicium, damnatorum poenas, electorum praemia quasi res veras gerantur intueri licet.*[156]

Esta descrição da fachada da catedral é a mais pormenorizada de um monumento contemporâneo depois dos edifícios de Pienza. A isso não será alheio o facto de ser da autoria de uma equipa de senenses sob a chefia do também conterrâneo (embora não nomeado) Lorenzo Maitani (12??-1330). Por isso, a catedral de Orvieto é um dos documentos mais significativos do apreço que Pio II tem pelo período áureo da arte senense, por um lado, e, por outro, como afirma Tobia Patetta, é um reconhecimento do estilo figurativo inaugurado por Giotto, que se avantaja na sua capacidade de representar em relação à arte que o precede.[157] Em contrapartida, o vasto (*amplissimum*) Palácio Pontifício, apesar dos melhoramentos de Nicolau V, estava em grande parte em ruína, observa o narrador.

Ainda no plano religioso, Pio II refere um acontecimento ligado à própria identidade de Orvieto e com importância para toda a cristandade: o milagre de Bolsena que deu origem à instituição da festa do *Corpus Domini*. O corporal, que documentava o milagre e que se encontrava na catedral, era guardado com a maior religiosidade.[158]

Na vertente dos recursos naturais e económicos, Orvieto apresenta vantagens como a planície produtora de trigo, a abundância de madeira nas montanhas vizinhas, ou a situação privilegiada com os dois afluentes do Tibre, Paglia e Chiana. Além disso, sob o ponto de vista

---

[154] A construção de um outro edifício, a cidadela de Orvieto, é atribuída por Pio II a Nicolau V, mas, na verdade, este apenas o restaurou; a sua construção deve-se ao cardeal Albornoz.

[155] Ver Müntz, *Les arts à la cour...*, I, p. 162.

[156] Pio II, *Commentarii*, IV, 36, pp. 790 s.

[157] Patetta, Tobia, "Pio II: committenze e scelte nelle arti figurative tra Siena e Roma, in Secchi Tarugi, *Pio II umanista...*, pp. 797 s.

[158] *Corporale tanti miraculi vestigia servans in hanc aedem translatum honore summo ac religione praecipua custoditur* (Pio II, *Commentarii*, IV 36 p. 792).

defensivo, apresenta uma morfologia quase inexpugnável, reforçada pela *rocca* Albornoz. São vantagens que concorrem para a qualidade da urbe e à qual só falta um abastecimento de água menos problemático. Com efeito, à falta de nascentes na cidade, os Urbevetanos abasteciam-se de cisternas alimentadas por água canalizada proveniente de uma fonte situada em um monte vizinho. Pio II, sempre atento observador das várias dimensões do fenómeno urbano, considera que do ponto de vista defensivo isso era uma fragilidade, pois um inimigo poderia cortar o abastecimento.[159] No entanto, e apesar dessa eventual debilidade, a cidade possuía vários atributos, fosse do ponto de vista da religião e da arquitectura religiosa, fosse do ponto de vista económico.

O ponto crítico era outro, pois, afirma Pio II, uma cidade como Orvieto se fosse defendida por cidadãos em concórdia, nem as máquinas poderiam abrir brechas nos seus muros, nem as escadas poderiam vencer a altitude em que está situada; só pela fome se poderia tomar. Todavia, em Orvieto a concórdia deixou de existir e a cidade tornou-se um caso de estudo em toda a Itália, no que toca a divisões.[160]

Divisões, em primeiro lugar, entre as duas famílias mais poderosas, Muffati e Bergolini, que arrastaram a cidade para a ruína e que conduziram a perdas de parte do território para poderes vizinhos. A essas somaram-se as divisões causadas pela acção perturbadora de Gentile da Sala.[161]

O resumo da estadia, nas palavras do narrador, coloca Pio II em relevo, na qualidade de legislador sábio e promotor da concórdia cívica:

> *Mansit hic Pius triduo; civibus invicem dissidentibus leges dedit, quibus, in concordiam redeuntes, civitatem in pace gubernarent; quae post novitatem Gentilis receptae sunt.*[162]

[159] *Fontes in civitate desunt. Cisternarum utitur aquis et quae per fistulas ex propinquo monte deducuntur. Ad radices montis fons quidam perennis aquae reperitur, quem difficile prohibere civibus hostes possint* (*ibidem,* IV, 36, p. 792).

[160] Cf. *ibidem*, IV, 36, p. 794: *capi tantum fame defensa concordibus animis civitas potest, quando nullis perrumpi machinis moenia queunt, nec prae altitudine scalis ascendi defensa. Sed defuit unitas, nec ullus in Italia populus minus concors quam hic fuit.*

[161] Pio II insere neste resumo sobre Orvieto elementos relativos à conspiração e posterior encarceramento de Gentile da Sala: acontecimentos que, como o próprio reconhece, são posteriores à data da sua passagem no regresso de Mântua (cf. *ibidem*, IV, 37, p. 800: *Verum haec nondum gesta erant cum Pius in Urbe Veteri fuit. In annum sequentem inciderunt. Nos in hoc loco ea commemoravimus, ne rursus huc reverti oporteat.*). É mais uma prova, por conseguinte, do critério espacial de composição da obra.

[162] *Ibidem*, IV, 37, p. 796.

Depois de sair da cidade, Pio II voltou a encontrar uma situação semelhante, ou seja, uma disputa por causa de fronteiras, desta vez entre Bagnoregio e Orvieto. A quezília originou uma luta que só a coorte papal conseguiu debelar.

Comparativamente à descrição de Biondo na *Italia illustrata*, os *Commentarii* revelam, por um lado, uma maior vontade de conhecer a cidade nos seus aspectos concretos, e de expor o desenvolvimento do conflito interno que a aflige. Com efeito, Biondo mostra-se, por um lado, mais sensível à questão das lutas internas, e menciona a catedral sem qualquer especificação. Em contrapartida, o palácio papal e a cidadela merecem-lhe um maior relevo: o objectivo era, por um lado, pôr em relevo a munificência papal;[163] e, por outro, sublinhar a importância da cidadela para uma cidade tão tumultuosa. Note-se, porém, que a observação biondiana é, a esse respeito, mais perspicaz. Na verdade, o elemento arquitectónico das fortalezas edificadas pelo papado, como dique contra as turbulências internas, é uma característica importante das cidades do Estado Pontifício. Contudo, essa importância, nos *Commentarii* (que, note-se, concentram a atenção nas obras do próprio Pio II), nem sempre é explícita, pois se limita, em certos casos a uma referência discreta.[164]

O itinerário do Papa, depois de Orvieto, incluiu uma passagem por Montefiascone, uma cidade próxima do lago Bolsena, com o monte Cimino a oriente. Os papas franceses tinham construído na cidade um palácio de Verão, ao estilo de um castelo com salões, salas de jantar e quartos à altura da dignidade pontifícia, embora grande parte estivesse em ruína.

[163] *Fuit vero Urbs Vetus nostra aetate infelicitate par Bononiae et Narniae civitatibus, quod inter cives Merculinae et Muffatae, uti appellant, factionum maxima in ea et crudelissima sanguinis effusio sicut et in illis commissa est. Ornatur autem, ecclesia et palatio magnifici operis, quod Urbanus V pontifex Romanus ad annum salutis septimum et sexagesimum supra millesimum exstrui curavit. Magno* /p. 103/ *instauratum impendio ornatur et arce, ut enim obvietur ne cives in se ipsos saeviant; arx ibi aedificatur munitissima* (Biondo Flavio, *Italia Illustrata*, I, 2, 53, pp. 102 s). Note-se, aliás, que havia uma referência a Martinho V e ao restauro que empreendera no palácio, em uma fase anterior da redacção da obra (ver n. 71, *ad loc.*, p. 367 na ed. citada).

[164] Veja-se o que diz, a respeito da cidadela de Viterbo, no contexto da invasão da cidade por Everso di Anguillara: *Arx recuperandae civitatis causa fuit, quam Martinus olim a fundamentis diruit, Callistus restaurare coepit, Pius ad summum aedificavit.* (Pio II, *Commentarii*, III, 24, p. 526) Sobre a importância das cidadelas, cuja construção foi, na sua maioria, obra do cardeal Albornoz, ver o que afirma Carocci, Sandro, "Governo papale e città nello stato della Chiesa," in Gensini, Sergio (a c. di), *Principi e città alla fine del Medioevo*, San Miniato, Comune San Minato; Pacini Editore, (Centro di Studi sulla civiltà del Tardo Medioevo; Collana di Studi e Ricerche, 6) p. 183 s: "Destinata anche alla difesa bellica e al presidio militare contro forze esterne, la rocca è innanzitutto strumento potente di dominio sulla città, di 'briglia' alle sue torbolenze. [...]. Dalla legazione dell'Albornoz, per oltre un secolo le rocche assomigliano ad una pianta tenace abbarbicata al sommo della cinta muraria, tante volte estirpata nei momenti di eclissi del potere centrale, tante altre riginerata da domini signorili o da papati più energici. Ma adesso che l'autorità papale non conosce più lunghe soluzioni di continuità, la rocca è destinata, di norma, a durare per secoli."

No entanto, por causa do vento forte Pio II não suportou a estadia e no dia seguinte prosseguiu para Viterbo.[165]

Em Viterbo depara-se mais uma vez o problema de uma cidade dividida por facções: os Gatti, guelfos, de um lado; e do outro, os Maganzesi, gibelinos. A luta intestina já vinha de longe e o seu antecessor, Calisto III, enviara o bispo de Siracusa como legado para apaziguar a cidade. Este em vez de sanar o conflito, puniu ambas as partes de forma violenta, ora condenando à morte ou ao exílio, ora confiscando propriedades.[166]

2. 7.1. A aproximação a Roma e a introdução à política romana

Em Viterbo, Pio II é confrontado, pela segunda vez na sua viagem, com o problema de uma sublevação em Roma.[167] Com efeito, veio ao encontro do Papa, uma representação das autoridades romanas, chefiada por dois oradores (dois advogados do consistório, Antonio Cafarelli e Andrea di Santa Croce, ambos representantes da nobreza romana), que lhe transmitem a falta da sua presença que a cidade sente.

O discurso que o narrador lhes atribui realça a ligação entre a cidade e o Papa vista pelo lado da cidade (ou dos seus representantes). Os termos em que os representantes de Roma exprimem o afecto da cidade são referidos pela narração com exagero e não sem ironia;[168] e, como se vê pela menção dos distúrbios, pretendem ganhar terreno para uma reconciliação:

> *Narraverunt quanto in maerore Roma fuisset absente Pio, quot mala emersissent, quam inviti vidissent Romani eius abscessum, quam aegre tullissent moram in alienis aedibus, quam nunc laeti reditum expectent. Iam parietes domorum, iam moenia urbis exultare, ubi rumor auditus est redeuntis Pii. Laudavere gesta Praesulis in Mantuano conventu: orationes, disputationes, consilia, responsa. Commendaverunt Urbem caput orbis et suos Quirites. Petiere*

[165] *Ibidem*, IV, 38, p. 802.

[166] A esses desenvolvimentos do tempo do antecessor, mencionados no livro IV, é preciso acrescentar os antecedentes imediatos que tinham sido narrados no livro III dos *Commentarii.* Houve, com efeito, uma invasão de Viterbo por Everso di Anguillara, com o seu genro Antonello da Forlì, fautores da facção dos Maganzesi: cf. *ibidem,* III, 24, p. 524 s. Sobre o conflito ver Moroni, Gaetano, *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica da S. Pietro sino ai nostri giorni* [...], Venezia, Tipogr. emiliana, 1840-1861, s.v. "Viterbo," v. 102, pp. 345 ss.

[167] Quanto a essa primeira referência ver infra, p. 379.

[168] Note-se que, na apresentação dos enviados, Pio II diz que falaram cada um por sua vez para nenhum se avantajar aos outros, visto que a qualidade oratória era igual — ou seja, uma outra forma de dizer que eram todos medíocres (Pio II, *Commentarii*, IV, 39, p. 804).

> *ne memor esset peccatorum quae iuventus commisisset. Nunc melius victuram quieturamque civitatem rediret, quam primum revisurus suos filios Pius pater.*[169]

Na sua longa resposta a este acanhado cumprimento, Pio II, recordando que também fora em lágrimas que deixara a cidade (que, por sua vez, também o vira partir em lágrimas), afirma explicitamente que Roma é a sua pátria tanto quanto Siena (*patria nostra est non minus quam Senae*). Essa pertença tinha mesmo uma razão pessoal:

> *Nam domus Picolominea, quae nos peperit, olim ex Roma Senas migravit, sicut Aeneadum nomen ac Silviorum* /p. 806/ *in familia nostra frequens ostendit.*[170]

O que, afinal de contas, como fundamento da sua ligação a Roma, tornava a imaginada ascendência mitológica e épica — ecoa aqui mais uma vez o *sum pius Aeneas* que lhe terá inspirado o nome — mais importante do que a referência apostólica, que seria de esperar da boca de um Papa. Depois reafirma a importância da cidade em termos autobiográficos: foi a cidade onde recebeu o cardinalato e onde foi eleito sumo pontífice com grande aclamação popular — o tal contacto com a multidão pelo qual mostrava grande apetência —, mas que foi obrigado a abandonar imediatamente após a eleição para socorrer a Igreja e a fé que os Turcos queriam calcar. Por isso, abandonou a sua *dilectam Sponsam*, ou seja Roma, para socorrer a *Mater nostra*, isto é a Igreja. Mas, enfim, a razão que levara a fazê-lo era grave. Ficar em Roma gozando a vida calma (*in delitiis agentes*) e deixar que perecesse a fé ortodoxa (*fidem orthodoxam perire*), pelo contrário, seria altamente censurável.[171] Para se deslocar-se a Mântua, além de suportar a sua velhice e enfermidades, tivera de se sujeitar a alojamentos estranhos em uma longa viagem — tudo feito em atenção à *utilitas communis*. O resultado, contudo, foi decepcionante. Poucos príncipes se dignaram deslocar-se a Mântua. A responsabilidade, porém, não recaía sobre si próprio mas sobre os príncipes seculares, pois não quiseram tratar dos assuntos da *respublica Christi*.[172] Restava a consolação do esforço próprio (*dulcis nobis memoria laborum*).[173]

[169] *Ibidem,* p. 804. Quanto à tristeza que os Romanos sentiam pela falta do Papa, lembre-se um facto pouco esclarecido pelas fontes e do qual nem os *Commentarii* nem os cronistas municipais fazem menção, que foi a interrupção da festa mais importante do *Comune,* i. e., os jogos do Testaccio e Agone — festividades compostas por várias eventos como corridas de touros, procissões, mascaradas, realizadas antes da Quaresma — durante os dois anos da ausência do Pontífice. Sobre esse assunto ver Modigliani, Anna, "Pio II e Roma," in Calzona, *Il sogno di Pio II...*, p. 78.

[170] Pio II, *Commentarii,* IV, 39, pp. 804 s.

[171] *Ibidem*, p. 806.

[172] *Ibidem*, p. 808.

[173] *Ibidem*, p. 808.

Depois desta evocação da coragem da sua iniciativa, Pio II volta ao tema em discussão, ou seja, a cidade de Roma, que por ele ansiava e que também estava nas suas preocupações ao longo da viagem. A imagem de Roma é a de uma anarquia, não apenas a nível popular mas também ao nível das magistraturas:

> *Illud vero excoquit mentem nostram, quod inter vos factum accepimus. Dolemus furta, homicidia, adulteria, sacrilegia iuventutem vestram tam multa, ut fama est, perpetrasse. Nec vos arguimus, qui punire crimina parati eratis, si nostri magistratus praesto fuissent. Illos accusamus, qui per ignaviam ac desidiam tantopere debachari adolescentes permisere.*[174]

A partir daqui o discurso é endereçado expressamente à cidade na pessoa dos enviados. Vários elementos estão implícitos no discurso papal: o contexto político, histórico e económico de vários séculos de pensamento medieval construiu a oposição *civis*/*subditus*;[175] o contexto histórico dos regimes republicanos italianos com a sua arrogância de liberdade contrastados com o Estado papal; o ambiente da própria Roma contaminada pelo contorno político italiano e pela sua própria memória; e, por último, a insinuação da simbiose entre o tecido económico de Roma e a cúria:

> *Fidem vestram probamus, qui tentati modis compluribus ab officio non recessistis. Viri sane et probi et prudentes estis, qui vestro domino constanter servitis, quamvis vestra servitus regnum est!*
>
> *Et quae civitas reperitur Roma liberior? Vos sine ullo vectigali estis; vobis nulla imponuntur onera; vos magistratus in urbe geritis honestissimos; vina vestra, frumenta vestra quanti vultis, venditis. Domus vestrae pensiones vobis uberes pendent. Et quis praeterea vester dominus est? Forsitan comes, marchio, dux, rex, imperator? Maior his omnibus cui paretis: Romanus praesul, beati Petri successor, Iesu Christi vicarius, cuius pedes cuncti reges obsculari desiderant! Recte hic rex regum et dominus dominantium pro Christi reverentia dicitur, cuius vices in terris gerit. Sapitis, viri Romani, qui hunc* /p. 810/ *vestrum dominum observatis, colitis, veneramini. Nam is est qui vos praeclaros efficit, qui vos ditat, qui toto ex orbe ad vos divitias affert; siquidem Romana Curia, quam pascitis, ipsa vos pascit, et aurum ex omni regione ad vos portat.*[176]

Neste discurso, que é um dos textos mais significativos dos *Commentari* no que concerne à tomada de pulso da identidade múltipla de Roma, são manifestas as tensões ideológicas e políticas da Roma quatrocentista, sobretudo na oposição *servitium* (ou *dominium)* e *libertas.* É, além disso, um discurso às forças municipais e representantes do Estado Pontifício, no qual se define o Papa como *rex regum* e *dominus dominantium* — uma

[174] *Ibidem*, p. 808.
[175] Ver TAFURI, *Ricerca del Rinascimento...*, p. 35.
[176] PIO II, *Commentarii* IV, 40, pp. 808 s.

terminologia que é mais um exemplo da retórica da monarquia papal, que se consolida a partir de Nicolau V, conforme as investigações de Paolo Prodi concluíram.[177]

Ao mesmo tempo, o discurso ataca a antipatia pelo papado de algumas forças municipais não com argumentos políticos, mas com uma insinuação acerca da relação de simbiose económica entre a cidade e a cúria (*quam pascitis, qui vos pascit*).[178] Por isso, Pio II lembra aos Romanos que o interesse da cúria era também o interesse da cidade, pelo que deviam defendê-lo (*gaudemus, quia bonum vestrum et cognoscitis et conservatis*).

O itinerário de regresso, a partir de Viterbo e depois da recepção desta embaixada romana, apresenta-se como um crescendo, na narrativa. Do lado do protagonista, era cada vez maior a ânsia de rever a cidade e, no final do referido discurso, faz mais um protesto de amor à cidade, desta feita, em termos menos pessoais. Com efeito, pela primeira vez, fala de Roma como cidade dos apóstolos e dos mártires, e do povo romano como *seu*:

> *Hora nobis annus est prae cupiditate revisendi sacra Urbis moenia et sancta martyrum atque apostolorum ossa et terram illam pio sanguine rigatam et caros Quirites, quos veluti filios amamus. Nulla gens carior nobis est, quam Romana. Desiderio desideramus quam primum esse cum familia nostra et cum peculiari populo nostro in sede nostra.*[179]

Apresenta em seguida os motivos que atrasaram o regresso de Mântua: os banhos termais a que a débil saúde o obrigou; o Verão de Roma (que assim evitou); os problemas em Siena que, tendo em conta a posição estratégica da cidade em relação à Urbe e seu território, exigiam maior atenção.[180]

É neste momento do seu discurso, que se constitui também como um momento decisivo na narrativa, que o protagonista anuncia que, em breve — e depois de prover ao necessário em termos de segurança para prosseguir caminho até à Urbe —, os Romanos breve podem aguardar o seu regresso.

---

[177] Prodi, Paolo, *The papal prince: one body and two souls: the papal monarchy in early modern Europe*, translated by Susan Haskins, Cambridge, University Press, 1987, pp. 42 s, com referência à encenação descrita no excerto citado infra p. 403.

[178] Exemplo dessa simbiose, dado por Arnold Esch,"L'economia nei Giuilei del Quattrocento," in *I Giubilei nella storia della Chiesa. Atti del Congresso internazionale in collaborazione con l'École Française de Rome sotto il patrocinio del Comitato Centrale per il Giubileo del 2000, (Roma, Istituto Patristico Augustinianum, 23-26 giugno 1999)*, Roma, Libreria editrice Vaticana, 2000, (Pontificio Comitato di Scienze storiche. Atti e documenti; 10), pp. 341-358, é o das cláusulas dos contratos de arrendamento que previam ajustamento do preço da casa em função da presença ou ausência da cúria (menos 50 a 70% neste caso); outro impacte económico visível era a baixa de importações (ver o respectivo gráfico em Idem, *Landschaften...*, p. 14).

[179] Pio II, *Commentarii*, IV, 39, pp. 808 s.

[180] Cf. *Ibidem,* p. 810.

O crescendo narrativo adensa-se com a introdução de eventos que complicam o avanço do protagonista. De facto, os perigos da entrada em Roma vão-se percebendo melhor com a chegada de notícias: Jacopo Piccinino tinha ocupado Tagliacozzo a leste de Roma e aproximava-se da cidade; os Colonna, os Savelli e Everso di Anguillara tinham-se unido ao *condottiere*; a juventude romana pegara em armas e ansiava por uma revolução (*res novas cupere*); o exército de Sforza e o do Estado Pontifício não tinham chegado; habitantes de Rieti, de Tíbur e de várias cidades da Campânia estavam do lado de Piccinino — em suma, a tomada de Roma estava iminente.[181]

O colégio cardinalício traçara um cenário que aconselhava prudência e mesmo um atraso da entrada em Roma pelo máximo de tempo possível ou até que o exército eclesiástico repelisse Piccinino. Havia o risco, assim pensava o colégio, de a aliança adversária tomar todo o campo romano. Como consequência, a cidade, confrontada com a perda do seu gado, poderia conspirar contra o Papa e render-se a Piccinino. Enfim, concluíam os cardeais, a fuga de Eugénio IV e a conjura de Stefano Porcari contra Nicolau V eram precedentes a ter em conta:

> *Quorum una vox fuit et una suasio: ad Urbem minime festinandum esse; manendum Viturvii aut in Urbe Veteri donec adsit exercitus Ecclesiae qui Picininum ex Agro Romano propulset; ille si Latium et Sabinos occupet, Eversus Transtyberina possideat, Pontificem Romae clausum iri; Romanos, amissis pecoribus,* /p. 814/ *in eum conspiraturos urbemque Picinino prodituros. Et quo se conferat Praesul in tanto periculo? Nec terra iter patebit nec mari, gallicis classibus obsesso. In mole Adriani quaerenda salus et ibi tandem deditio, quae morte multo deterior fuerit. Quod si rerum exitus apud Viturvium expectetur, aut cum victoria reditus patebit in Urbem aut, si vicerit hostis, salvari apud Senenses Curia poterit. Afferebant et Eugenii exemplum, quem ob animalia perdita Romani in custodiam recepissent, et Nicolao paratas insidias.*[182]

Diante desta conjuntura os cardeais traçavam um retrato totalmente desfavorável do povo romano:

> *Romanos nullam perpeti fortunam posse: in adversis aperte rebellare, in secundis insolescere; pontificem, nisi armis stipatus fuerit, apud eos non esse* securum.[183]

A resposta de Pio é não só uma demonstração de audácia como um protesto de amor à cidade de Roma: que, pelo contrário, o que devia fazer era entrar em Roma antes de

[181] *Ibidem,* IV, 40, p. 812.
[182] *Ibidem*, p. 812 s.
[183] *Ibidem*, p. 814.

Piccinino, pois não o fazer seria arriscar perdê-la; e, como se sabia pelo exemplo de Eugénio IV, que errou por terras estrangeiras durante nove anos, a recuperação podia já nem acontecer em vida do Papa; que não restava glória nenhuma a um Sumo Pontífice depois de perder Roma e até as suas cartas nenhum valor teriam se não fossem assinadas *Romae apud Sanctum Petrum.*

O discurso amplifica o momento de crise muito para além da circunstância militar ou política em que o protagonista se encontra e desloca o centro da crise do cerco militar para a identificação entre o Papa e a cidade. Desse ponto de vista, era preciso desafiar as circunstâncias e não se deixar paralisar pelo medo; e até mesmo não pôr de parte o próprio martírio.[184]

Nestas palavras, a relação de Pio II com a cidade de Roma passa por questões de carácter pessoal: em primeiro lugar pela sua fé; mas também por outros valores como a *honestas* (virtude muito invocada na polémica contra Veneza).

A partir deste discurso, a jornada para Roma caracteriza-se não só pelo já referido crescendo de tensão, mas também pela audácia de Pio II em enfrentar resolutamente situações perigosas. Logo ao sair de Viterbo, com efeito, a sua comitiva achava mais prudente seguir uma via mais recôndita por fora das muralhas, mas o Papa escolhe seguir pelo meio da cidade.[185]

Só a recreação proporcionada pelos lugares aprazíveis que vão surgindo no itinerário, como Canepina, Nepi, Formello, amenizam a tensão que a proximidade de Roma cria. Nessa progressão não faltou sequer um bom presságio, no monte Cimino. Uma lebre que saltita

[184] Cf. *ibidem*, p. 814 s: *"Omnes" inquit "in hoc loco manendum suadetis; nos eundum putamus. Nisi prius Urbem quam Picininus ingredimur, debellatum est regnum nec scimus an diebus nostris Roma recuperari possit. Eugenius qui eam perdidit novem annis per aliena erravit hospitia. Et quae gloria pontifici maximo perdita Roma esse potest? Nullum litteris eius inesse pondus videtur, nisi dentur Romae apud Sanctum Petrum. At Picininus circumiacentes occupat agros; verum, ut aiunt. Sed ultra Tyberim dicitis et citra Eversum arma tenere. Fatemur. Verum non is est, qui nostrum remorari transitum queat. Evitabimus eius fines, nec suas insidias vereri oportebit. Noster erit maior comitatus, quam suus exercitus. Sed Picinini miles furtim transmisso Tyberi, obvius erit. Si omnia quae possunt accidere metimur ac veremur pericula, /p. 816/ quid tandem audebimus? Et nunc quoque tectum hoc ruere potest et nos opprimere. Quocunque te vertas, semper adsunt discrimina! Non fit sine periculo magnum facinus et memorabile. Possumus in Urbe ut dicitis claudi, possumus capi, possumus occidi; non negamus. Sed ubi honestius quam Romae Romanus pontifex moriatur? Ubi dignius quam in Vaticano sepeliatur? Nos Deum adiutorem piae causae futurum confidimus. Quod si occulto aliquo divino iudicio decretum est hostiles nos manus incidere aut impio ferro cadere, non recusamus pro Roma et in Roma mori. Mortem oppetere pro Patrimonio beati Petri gloriosum est, effugere miserum. Ite igitur ac renuntiate cardinalibus nos e vestigio iter ad Urbem ingressuros!"*

[185] *Mediam per urbem iter facit, quamvis occultam extra moenia viam tenendam nonnulli censerent* (*ibidem*, p. 816).

pelo meio da caravana, até ser capturada viva pelos soldados, foi tomada por um bom augúrio.[186]

Em Canepina, aldeia situada em um vale bastante cavado, rodeado de colinas onde dominavam castanheiros com algumas nogueiras e macieiras de permeio, o narrador detém a sua atenção na arquitectura popular da aldeia — arquitectura que aparece aqui em plano de relevo e de contraste, na sintaxe narrativa, com a arquitectura das faustosas cidades e alojamentos palacianos que marcaram o andamento para Mântua (e também, se bem que menos frequentemente, o regresso). Trata-se de uma das mais inteligentes leituras do espaço habitável em toda a obra: casas de madeira (como na longínqua Escócia) e de dimensões reduzidas, onde os habitantes vivem apertados como abelhas nos favos, por vezes mais do que uma família por casa — condições que proporcionam a promiscuidade que, por sua vez, explica a alta natalidade da população; enfim, as pobres habitações tinham pelo menos a vantagem clínica do fumo que secava os maus humores.[187] É um retrato que faz lembrar o da criadagem que rodeava a residência do bispo de Passau em Ebelsberg, mas desta feita sem o mesmo distanciamento: Pio II aloja-se nessas miseráveis condições, *in parvulo cubiculo nec lectulo maiori*, sem aquecimento para assim evitar o fumo.[188]

Seguiu-se a antiquíssima cidade de Nepi, bem fortificada quer pela escarpa quer por obras (a cidadela com torres e muros de grande altura), nas quais, mais uma vez, Pio II deixou a sua marca, visto que tinha custeado as suas obras no ano anterior.[189] De acordo com Müntz, seriam obras de menor importância;[190] contudo, do ponto de vista do narrador dos *Commentarii* não é assim, pois de cada vez que menciona estes empreendimentos locais, em prol de cidades ou de localidades menores, pretende que assim sejam averbados à memória dos feitos do Papa.[191]

---

[186] *Ibidem*, p. 816. Trata-se do mesmo local onde Frederico III na sua viagem de coroação tinha profetizado que Enea chegaria ao trono de Pedro. Cfr. I 23, p. 124.

[187] *Casas ex materia fecerunt incolae, atque in his compressi velut apes in alveariis habitant; quamvis parva domus plures familias continet. Promiscua inhabitatio gentem multiplicat; fumus, qui plurimus inest, malos desiccat humores* (*ibidem*, p. 818).

[188] *Ibidem*, p. 818.

[189] O recibo de pagamento das obras executadas em Setembro-Outubro de 1458 fala de trabalhos *in reformatione et reparatione arcis et civitatis Nepesinae* (cf. MÜNTZ, *Les arts à la cour…*, I, p. 298).

[190] *Ibidem*, p. 228, n. 2: "quelques-uns de moindre importance, notamment ceux qui furent entrepris par Pie II à Nepi." Já se aludiu neste trabalho à cidadela de Pio (*rocca Pia*) em Tíbur, mas outras cidades foram intervencionadas a esse nível: Civitavecchia, Città Castellana, Espoleto, Óstia, Viterbo (ver recibos de despesa *ibidem*, pp. 297-300). Sobre esse aspecto ver supra p. 303.

[191] A cidade fica também assinalada pela sinistra memória da vingança cruel perpetrada pelos habitantes em

Seguiu viagem o Sumo Pontífice em direcção a Formello. Visto não haver nada preparado para a recepção do Papa em termos de alojamento e de refeição, Pio II pediu aos habitantes locais comida e bebida. Assim se esquivou ao opíparo jantar que lhe aprontara a mulher de Napoleone Orsini e que o cardeal Alain de Coëtivy se aprestou a devorar. O cardeal Colonna, na impossibilidade de se apresentar em casa de um Orsini, dirigiu-se aos Savelli — como se vê por estes episódios, a cidade estava longe, mas a política romana já estava bem presente nessa paisagem rural.[192]

Em Formello, durante o almoço em plena via, junto a uma fonte nas proximidades de um bosque — mais uma vez Pio II prefere uma refeição em condições simples a uma recepção no palácio dos Orsini ali perto —, recebe a visita do Governador e do Senador de Roma acompanhados de alguns nobres.[193]

Ao longo da jornada para Roma, o Papa era saudado por uma multidão que se ajuntava nas bermas. Era mais um banho de multidão, mas, desta vez, de Romanos. A seis milhas da cidade, os conservadores providenciaram a liteira para transportar Pio II. Os carregadores, esses eram os jovens que, de acordo com Pio II, tinham feito parte das revoltas de Tiburzio (*novis rebus studuerant*).[194]

A circunstância oferece ao protagonista mais uma ocasião para encenar a sua audácia perante as circunstâncias incertas que o rodeiam e os conselhos temerosos da sua comitiva, que resolutamente contraria.

Aconselhado a evitar a oferta de transporte dos jovens em substituição da sua coorte, Pio II profere uma lição de filosofia política, apurada pela sua experiência romana, e ironiza acerca da súbita inversão de posições:

> *Super aspidem* [...] *et basiliscum ambulabis et conculcabis leonem et draconem. Quod propheticum et alias saepe impletum est et nunc implebitur. Nam quae immanior fera est quam homo? Quae bestia peiora facit quam homo? Verum animal mutabile homo est et saevissima saepe* /p. 822/ *mitescunt ingenia. Ii iuvenes et Urbem nobis et vitam auferre si potuissent parati*

relação ao prefeito aragonês que Calisto III instituíra. Por ser abusador das mulheres, os habitantes assassinaram-no e recusaram-se a apontar os culpados sem que lhes fosse garantida impunidade. Na recordação desse episódio deve ler-se um distanciamento em relação à política do antecessor bem como uma compreensão dos interesses da cidade (cf. Pio II, *Commentarii*, IV, 41, p. 818).

[192] *Ibidem*, IV, 41, p. 818 s. Note-se que os Orsini e os Colonna estão em partidos opostos na questão, tão importante nesse ano em Roma, como adiante se verá melhor, da guerra pelo trono de Nápoles: os primeiros são pró-aragoneses e os segundos pró-angevinos.

[193] *Ibidem*, p. 820.

[194] *Ibidem*, p. 820.

> *erant. Non potuere. Errorem novere suum. Mites effecti, portabunt humeris quem calcare pedibus voluerunt.*[195]

De acordo com a narrativa autobiográfica, os jovens transportaram o Papa com enorme vontade (*cupidissimi*) e cheios de alegria (*laetabundi*).[196] No entanto, o que está implícito neste gesto de confiança e de audácia do Sumo Pontifice é um pacto com a classe dirigente citadina que terá permitido esta inversão de posições.[197]

Pernoitou o Sumo Pontífice em um mosteiro nas imediações da Porta Flamínia (*Porta del Popolo*). Novamente Pio II encontra nas circunstâncias um *omen*: seria por aqueles lugares que Nero teria morrido e Pio II que haveria de dar morte aos seus Neros depois de receber o auxílio da Virgem a quem o mosteiro era dedicado.

No dia seguinte, Pio II entrou em Roma, nas palavras do narrador, como que em triunfo, com o aplauso do povo:

> *Pompam ducens et quasi triumphans, per mediam urbem miro populi applausu, ornatis domibus, opertis panno plateis, stratis flore atque herba vicis omnibus, ad Sanctum Petrum pervenit.*[198]

Precisamente como acontecera no final do *possesso* (e até no itinerário mantuano) também neste momento houve uma disputa pelo pálio que o abrigara na viagem, e que rapidamente evoluiu para uma zaragata. O narrador compraz-se em lembrar mais este gesto de amor desmedido dos populares, neste caso os Romanos, para com o Sumo Pontífice. Entrou o Papa em S. Pedro e beijou comovido os ossos dos apóstolos, acto com o qual encerra o ciclo tenso do itinerário mantuano que iniciara com o drama do afastamento de Roma no livro II. Também nesta chegada é constante o acompanhamento do povo que se reúne para velar o palácio apostólico e apresentar ao Papa votos de alegria, felicidade e vida.

[195] *Ibidem*, p. 822.

[196] *Ibidem*, p. 822.

[197] FARENGA, Paola, " ' I romani sono periculoso populo...': Roma nei carteggi diplomatici," in GENSINI, Sergio (a c. di), *Roma capitale (1447-1527)*, Pisa, Pacini Editore, 1994 (Studi e ricerche; 5) (Pubblicazioni degli Archivi di Stato; 29), p. 307.

[198] PIO II, *Commentarii* IV, 41, p. 822.

A cidade de Roma enquadra, por conseguinte, o itinerário mantuano no seu início e no seu termo; e, em ambos os momentos, o relacionamento entre o protagonista e a cidade é marcado por uma carga emocional.[199] Contudo, o papel da cidade de Roma e os problemas da relação do protagonista com a Urbe exigem ser considerados à parte e no âmbito narrativo anterior e posterior ao itinerário mantuano.

[199] Aliás a entrada de um papa em Roma é um evento que, na tradição, tinha um simbolismo com origem no arquitexto bíblico, especificamente, na entrada de Cristo em Jerusalém. Sobre este aspecto ver o capítulo de Joælle ROLLO-KOSTER e de Alizah HOLSTEIN com a respectiva bibliografia: "Anger and Spectacle in Late Medieval Rome: Gauging Emotion in Urban Topography," in GOODSON, Caroline; LESTER, Anne E.; SYMES, Carol (edd.), *Cities, Texts and Social Networks, 400-1500: Experiences and Perceptions of Medieval Urban Space*, Farnham, England and Burlington VT, Ashgate, 2010, p. 149, nota.

Capítulo 3

Roma

3. 1. A cidade de Roma: as imagens de Biondo e a imagem de Pio II antes do pontificado

A cidade de Roma, nos *Commentarii*, faz parte do conceito de pátria de Pio II[1] e , por isso, é uma das cidades com as quais trava uma relação duradoura, percorrida por sentimentos mistos. Antes de regressarmos às páginas dos *Commentarii* consideremos primeiro a literatura sobre Roma como enquadramento prévio, e em seguida os traços essenciais da relação de Pio II com a cidade antes do papado.

Roma ainda está longe de se afirmar como centro político e cultural do Renascimento e o período que vai de Nicolau V a Pio II caracteriza-se por conflitos entre a cúria e as forças municipais, de que as conspirações de Porcari em 1453 ou os tumultos de Tiburzio em 1460 são exemplo.[2]

Para entender essa turbulência social e política é preciso ter em conta a debilidade do papado, que só com Nicolau V se estabelecera definitivamente em Roma.[3] Era uma

[1] Cf. supra p. 321, n. 66.

[2] Ver Prodi, *The papal prince*, e os vários ensaios de Massimo Miglio, *Scritture, scrittori e storia. II. Città e Corte a Roma nel Quattrocento*, Manziana, Vecchiarelli, 1993.

[3] E mesmo Nicolau V restaurara o palácio em Orvieto como recurso contra eventuais insurreições que o banissem de Roma como acontecera ao seu predecessor, Eugénio IV.

debilidade, de facto, dupla: debilidade no jogo de interesses opostos no interior da cidade (sc. forças comunais contra o baronato), a que se sobrepõe a debilidade no plano da política italiana. Nicolau V conseguira com a paz de Lodi e com a Liga Itálica um papel de mediação para o papado que, todavia, não encobria a sua impotência para se impor no plano político e militar da complexa realidade italiana.

Nesse contexto, e como afirmação do papado na cidade, Nicolau V empreendeu um programa de renovação urbana para cuja imagem duradoura e persuasiva muito contribuiu a biografia escrita pelo florentino Giannozzo Manetti, na qual se atribuía a esse Papa um ambicioso plano de remodelação do Borgo leonino. O saldo dessa idealização manettiana é definido por Charles Burroughs em um paradoxo: por um lado, é ampla a fama que envolve Nicolau V como patrono de arquitectura e de urbanismo; por outro, o fundamento dessa reputação é fictício — ou seja, trata-se de uma reputação assente mais em imagens e descrições do que em património edificado. Tal contraste não se deve exclusivamente ou principalmente ao poder figurador da literatura, no caso, a biografia de Manetti, mas à assunção sob forma literária das profundas alterações ideológicas e políticas ao nível do significado do papado.[4] A imagem de um papa edificador, no entanto, vingou na opinião pública como o demonstram vários textos (nomeadamente os do próprio Pio II).[5]

É neste contexto que se deve compreender a realidade romana e a respectiva leitura feita por Pio II nos seus *Comentários* e apurar o que fica como sua imagem na cidade papal.

Deixando de parte a abundante literatura das descrições de Roma, iniciada já na Alta Idade Média, e que continua a produzir exemplos em Quatrocentos, as obras mais importantes que se escrevem sobre Roma em meados do século são as de Biondo (de que já se falou bastante neste trabalho): a *Roma instaurata* e a *Roma triumphans*.[6] Acrescentemos só

[4] Sobre o panegírico da acção munificiente de Nicolau V no plano urbanístico, da autoria do florentino Manetti — texto de carácter "testamentário" (quer Nicolau V assim o tenha pretendido ou não, quando, no seu leito de morte, confiou a Manetti os motivos profundos da sua acção) — afirma Charles BURROUGHS "whatever elements of truth it may encompass, is a myth" (*From signs...*, p. 21).

[5] Ver a carta de Poggio ao secretário de Nicolau V, Piero da Noceto, ou as queixas de S. João de Capistrano citadas por D'ONOFRIO, Cesare, *Visitiamo Roma nel Quattrocento: la città degli umanisti*, Roma, Roma Società Editrice, 1989 (Studi e testi per la storia della città di Roma; 9), p. 54. Quanto à imagem que Pio II tinha de Nicolau V ver supra p. 291, n.

[6] Da *Roma instaurata* há uma antologia com valioso comentário em VALENTINI, Roberto; ZUCCHETTI, Giuseppe (a c. di), *Codice topografico della Città di Roma*, Roma, Istituto Storico Italiano Per Il Medioevo, 1953, vol. IV. Cesare D'ONOFRIO, reproduz o texto da edição frobeniana de 1559, acompanhado de tradução e notas, em *Visitiamo Roma nel Quattrocento*.... De ambas as obras o texto aqui citado é o da edição de Basileia, 1559.

que a Roma biondiana procurava, por meio do reconhecimento da Antiguidade, readquirir um estatuto central na cultura e no ordenamento político a nível europeu.[7] Vejamos, porém, qual a imagem de Roma na obra de Pio II antes do pontificado.

Sem recuar aos tempos do seu fervor conciliarista e anti-eugeniano, recordemos o relatório da embaixada de obediência a Eugénio IV em 1447, que é um dos mais longos escritos piccolominianos relativos a uma estada na cidade.[8] Piccolomini e seus colegas de embaixada tinham por objectivo prestar obediência a Eugénio IV, mas acabaram por assistir à sua morte e subsequentes exéquias. Estiveram na cidade no momento do conclave de onde saiu eleito Tommaso Parentucelli, Papa Nicolau V, e assistiram à coroação e ao cortejo do *possesso* do novo Papa. De todos esses eventos Piccolomini apresenta descrição pormenorizada, que mostra a sua imersão no mundo de Roma e simultaneamente o seu distanciamento.

Mais tarde, a propósito do Jubileu de 1450, na carta a Juan de Carvajal, exprime o seu desgosto pela inanidade dessas grandiosas celebrações: atraíam os peregrinos, os *Romipetae*, por certo, mas nada modificavam nas vidas de cada um; como vão, assim vêm e até a prostituta volta de Roma para o lupanar.[9] Como se verá adiante, tal opinião não é congruente com que exprime nos *Commentarii*. O tempo e o cargo acabariam por a mudar.

---

[7] Franco Gaeta, a propósito da oposição entre a ideia medieval de Roma e a ideia renascentista, fala de uma mudança do plano político para o plano literário-artístico-filosófico ("Sull'idea di Roma nell'Umanesimo e nel Rinascimento," in *Studi romani*, 25 (1977), p. 171. Pensando em Biondo, é possível concordar parcialmente, i. e., desaparece de Biondo o enquadramento providencialista do Império no qual Roma teria um papel unitário, mas isso não significa que Roma deixe de ter um papel político, como se deduz do prefácio que vê no projecto de uma cruzada europeia contra o poder turco, e sob a direcção do Papa, o limiar de uma nova idade.

[8] Wolkan II/FRA 67, Anhang a, p. 238; apesar de Wolkan dizer que Etienne Baluzze o editou "nach schlechter Vorlage" na sua *Miscellanea*, VII, Paris, 1715, 525 ss, a verdade é que nem sempre as lições de Wolkan são as melhores, sobretudo se comparadas com o texto da *Miscellanea* posteriormente editado por Mansi (Mansi, Gian Domenico; Baluzze, Étienne, *Miscellanea novo ordine digesta et non paucis ineditis monumentis …*, t. I, Lucae, apud Vincentium Junctinum, 1761, pp. 334-342, sob o título *Aeneae Sylvii Senensis Frederici Romanorum Regis Secretarii et oratoris de morte Eugenii IV. creationeque et coronatione Nicolai V summorum Pontificum oratio coram ipso Rege habita anno 1447*). Quanto à relação de Enea com a cidade de Roma, notam-se já nesse escrito comentários indiciadores de distanciamento.

[9] *Jobilei instat annus. multa purganda sunt scelera. sed ubi fides, ubi zelus? visuri potius plurimi quam multi Romam pergunt, quam vitam emendaturi. quales eunt, tales redeunt. ut piscator aquam, sic meretrix lupanar ex Roma reversa repetit. nec usure minores nec fraudes rariores sunt. sic olim fuit. utinam secus modo eveniat nec ferventia undique bella Romipetas prepediant* (Wolkan/FRA 67, ep. 81, a Juan de Carvajal, Laibach, 13 de Outubro de 1449, p. 92). A carta conta um sonho em que essas palavras são proferidas pelo falecido Kaspar Schlick, que fala do reino dos mortos.

Em suma, a impressão que se respiga das obras anteriores ao pontificado é a de um estranhamento em relação à realidade romana.[10] Resta saber se os *Commentarii* revogam ou não esse distanciamento.

3. 2. Roma nos *Commentarii*

Na primeira vez que o protagonista dos *Commentarii* se desloca a Roma no âmbito de uma missão diplomática, a cidade marca um ponto crítico na evolução de Piccolomini, que é o encontro de reconciliação com Eugénio IV. Na paragem que fez em Siena para visitar os seus parentes, foi advertido para não prosseguir viagem. O seu passado anti-eugeniano em Basileia, diziam-lhe os seus familiares, não augurava nada de bom. Enea responde com o ideal de martírio que voltará a usar noutros momentos em relação a Roma: ou lá cumpriria a sua missão, ou lá haveria de morrer.[11]

No entanto, o clímax da narrativa do primeiro livro, que cobre o período pré-pontifício, é a eleição.[12] Com efeito, é no contexto da notícia da eleição papal e da espontânea reacção popular que se lhe segue que elabora uma das imagens mais significativas quanto às relações entre si mesmo e a cidade de Roma. Tudo começou, na narrativa dos *Commentarii*, com o costume de os criados que tinham servido os cardeais no conclave se dirigirem aos aposentos do recém-eleito Papa e tomarem a saque os seus pertences. Enquanto isto se passava no conclave, lá fora o povo assaltava a sua modesta casa. Alguns cardeais foram vítimas desta fúria popular em busca de relíquias, visto que corriam boatos diversos sobre o eleito. Assim que se confirmou a sua eleição, o júbilo foi geral (*nemo non exultavit*): até os animais e os edifícios se mexiam de alegria![13] A cidade, que andava toda armada, em virtude do ambiente de desconfiança que dominava, depôs as armas e transformou-se:

[10] É impossível determinar o grau em que medida a sua opinião sobre os Romanos como sôfregos revolucionários — opinião atribuída pelo narrador ao então bispo de Siena — é devedora das impressões que Pio II adquiriu por experiência própria ao longo do seu pontificado: *Pontifex, cui Romanorum mores cogniti erant, quique multos novitatis avidos intellexerat, timens populi motum — nam et Florentini vaticinium esse aiebant ante diem tertiumdecimum* /p118/ *Kalendarum Aprilis vel moriturum Papam, vel captione mala capiendum* (Pio II, *Commentarii*, I, 22, pp. 116 s).

[11] *Ibidem*, I, 13, p. 56.

[12] Aliás a própria eleição cardinalícia, por um lado, suscita júbilo entre o *populus* de Roma e, por outro, dá origem ao rumor de que Calisto III teria assim criado um sucessor (*ibidem*, I, 33, p. 180).

[13] *Ibidem*, I, 36, p. 224.

> *adeoque mutata Urbis facies ut quae populo ante Martis, evestigio, non dicam Veneris — Troiani quondam Aeneae matris — sed pacis et quietis civitas effecta sit, ubique laeta atque secura.*[14]

Esta Roma marcial, transformada em cidade de paz e cidade segura, deve essa mudança a Enea que acabara de ser eleito. Eis, mais uma vez, um dos trocadilhos de Pio II em torno dos seus nomes, usado aqui com o intuito de identificar a sua pessoa com a cidade de Roma. Roma, outrora fundada pelo troiano Eneias, é agora governada por outro Eneias civilizador.

No entanto, a cerimónia de coroação e o cortejo do *possesso* de S. Pedro para S. João de Latrão, de 3 de Setembro de 1458, são resumidos em um parágrafo apenas, no início do livro II.[15] A razão de ser deste lacónico relato da coroação deve-se à urgência de outras questões do pontificado nas quais se lança o narrador, como que *in medias res,* tão logo terminam as cerimónias, operando, por conseguinte, um deliberado apagamento do protagonista diante da urgência histórica da questão turca.[16]

3. 2. 1. A revolta de Tiburzio e Valeriano

O cortejo do *possesso* é o primeiro passeio por Roma do protagonista. O narrador, porém, introduz durante o itinerário mantuano algumas das mais interessantes páginas da obra sobre a cidade com o reconhecimento de lugares e de características.

Com efeito, quando Pio II se encontra em Siena, chegam-lhe notícias de uma sublevação na cidade sob o comando de dois jovens, Tiburzio e Valeriano, que, por sinal, eram sobrinhos de Stefano Porcari, o autor da conspiração contra Nicolau V, ocorrida a 9 de Janeiro de 1453.

---

[14] *Ibidem*, p. 224.

[15] A ausência é tanto mais surpreendente quando se pensa na descrição das cerimónias de coroação e o *possesso* de Nicolau V no relatório da embaixada já citado (ver p. 377, n. 203). Sabe-se, no entanto, algo mais da solenidade do cortejo por outros documentos, nomeadamente, que os estandartes foram pintados por um discípulo de fra Angelico, Benozzo Gozzoli. A ordem de pagamento ao artista até descreve os motivos de cada estandarte (ver Müntz, *Les arts à la cour…*, I, p. 329 s). Recorde-se, ainda, que, em Siena, no dia da coroação de Pio II, houve uma festa que incluiu uma representação da coroação, realizada em Siena, no mesmo lugar e com alguns dos meios usados para a festa da Assunção semanas antes (ver Nevola, *Siena…*, p. 64 s). Além de resumida, a descrição não engrandece a cerimónia, pois é marcada pelo episódio da escaramuça entre a guarda por causa do cavalo do Papa (Pio II, *Commentarii*, II, 1, p. 232.).

[16] A sintaxe da narrativa é, de facto, muito abrupta, pois o narrador passa do recolhimento de Pio II aos aposentos do Vaticano à questão turca (ver o texto citado supra, p. 305). A esse momento seguiram-se a preparação e a partida para Mântua, a que já aludimos (cf. supra p. 324).

O retrato dos dois jovens romanos, apresentado nos *Commentarii*, é definido pela mácula do crime hereditário que neles persiste quando aproveitam a ausência do Sumo Pontífice para aliciarem a juventude romana a derrubar o *imperium sacerdotale*. Em tal conjura reúnem um bando de companheiros que começam pela prática de uma criminalidade juvenil (furtos de galinhas). Posteriormente, porém, os crimes de Tiburzio e dos companheiros tornaram-se mais graves: adultérios, roubos de objectos de valor, violação de jovens, assassínios, incêndios... Ainda de acordo com o narrador, quer o número (300 jovens bem treinados em armas) quer o facto de serem filhos de cidadãos demoviam as autoridades municipais de qualquer resposta. A melhor imagem da passividade do poder municipal era o facto de o Governador, que tinha a sua casa no Campo dei Fiori, se ter intimidado a ponto de se mudar para o Palácio Apostólico.[17] Animado por esse vazio de poder, o bando aumentou o grau de violência. A descrição do narrador pretende, contudo, mostrar que o não fizeram inconsideradamente, ou seja, que escolheram como alvo antes o povo comum do que os mais poderosos:

> *Coniurati, ob eam rem quasi victores effecti, insolentius agere, bacchari per urbem licentius, everberare cives, pecunia mulctare, pauperum substantiam diripere, uxores prostituere, virgines iugulare aut in Tyberim summergere, quae vim perpeti nollent. Libentius optimatum expugnassent aedes; sed verebantur ne poten-/p. 756/tiam Urbis in se provocarent: satisque esse putabant si, opulentorum civium abusi patientia, inopum bona quamvis pauca diripere et in*

[17] *Cives in filios civium extendere manus non audebant; expectabant omnes, quid Gubernator, quid Senator ageret. Uterque timore correptus domi se continebat. Gubernator, cum habitaret in Campo Florum egregiam in Atrio Pompeii domum et coniuratorum minas in dies audiret, in Apostolicum Palatium inde migravit.* (*ibidem*, IV, 28, pp. 754 s). O palácio no Campo dei Fiori, que também é referido a propósito da procissão da relíquia de S.to André, foi construído por Francesco Condulmer sobre as ruínas do teatro de Pompeio, e passou depois para a família Orsini. Corresponde ao actual edifício seiscentista do Palácio Pio Righetti (ver TOURING CLUB ITALIANO, *Roma*, 2. ed. [economica] aggiornata, Milano, Touring club italiano, [2006] (Guida d'Italia; [Le edizioni economiche della guida Roma]), p. 407 e mapa da p. 373). Não é verdade o que GREGOROVIUS afirma em *Geschichte der Stadt...*, p. 182, n.1, sc. "der Palast des Governatore stand damals im Bezirk, wo jetzt die Cancellaria steht." Sobre isso, ver CALLARI, Luigi, *I palazzi di Roma e le case di pregio storico e artistico*, Roma, Milano, Società editrice Dante Alighieri di Albrighi, Segati e C., s.d.. disponível no URL <http://avirel.unitus.it/bd/autori/callari/palazzi_roma/index-frames.html>, consultado em 18-04-2012, que diz acerca do Palazzo del Governo Vecchio: "Anticamente il governatore di Roma non aveva residenza e soleva prendere in affitto una casa. Urbano VII comprò per residenza del governatore il palazzo fatto edificare dal cardinale Stefano Nardini, forlivese, nel 1475, in via del Governo Vecchio n. 39." Note-se, contudo, que outras fontes não confirmam essa debilidade do Governador, que era o bispo Galeazzo Cavriani, e até mostram que usou a força quando foi necessário (ver UGINET, François Charles, "Cavriani, Galeazzo," in *DBI*, vol. 23, 1979, pp. 157-159). Cf. BURROUGHS, *From Signs...*, p. 86, que assinala o Palazzo de Condulmer como um marco na arquitectura deste período em Roma. Pio II diz apenas que o falecido cardeal o construiu com grandes despesas (seguramente parte das despesas que o haveriam de afundar em dívidas até à sua morte como refere no *Dialogus de somnio quodam*, ed. Cugnoni, p. 560 (= trad. SCAFI, p. 152).

> *eorum foeminas explere libidinem possent, donec, numero et fortiores effecti, illorum quoque fortunas daretur invadere.*[18]

A violência atinge sobretudo as mulheres, como se vê pelo episódio que envolve um dos insurrectos, identificado pela alcunha de Innamorato, por causa da paixão (correspondida, segundo diz o narrador) que alimentava por uma jovem noiva dos lados de Transtêvere. O rapto da noiva no próprio dia do casamento provocou, finalmente, uma reacção dos *Caporioni* que encarceraram o criminoso e o entregaram ao senador para ser castigado publicamente. A reacção dos revoltosos foi a captura de um familiar do senador. O narrador volta a sublinhar a posição do povo como vítima dos revoltosos e da passividade das autoridades:

> *Commoti cives ad rei novitatem, frequentes Gubernatorem adeunt, sumere animum et arma suadent, operas suas offerentes: facile coniuratos posse intercipi asserunt; audeat modo Gubernator ac Senator et civium consilia sequantur.*[19]

Os conjurados, prossegue o narrador, recolhem ao templo consagrado à Virgem Maria e outrora dedicado por Marco Agripa *diis omnibus, sive ut melius loquamur daemonibus*.[20]

Mais uma vez o governo da cidade opta por não os enfrentar para assim evitar um conflito armado entre cidadãos e com receio de que a cidade armada *discusso sacerdotum iugo, libertatem assereret*[21] — pensamento atribuído pelo narrador aos responsáveis da cidade e que define o espectro de um programa ideológico comum na Roma da primeira metade de Quatrocentos. Foi a primeira vez que o narrador admitiu que esse programa poderia contagiar a cidade inteira.[22]

Uma negociação que implicou a libertação de Innamorato em troca do familiar do senador fez com que os revoltosos abandonassem Santa Maria Rotonda, mas não fez cessar a violência pois, logo de seguida, Bonanno, um dos cabecilhas, mata um dos marechais em um

[18] Pio II, *Commentarii* IV, 28, p. 754 s.

[19] *Ibidem*, p. 756.

[20] *Ibidem*, p. 756.

[21] *Ibidem*, p. 756. Note-se que, se é verdade que o narrador se situa aqui no partido oposto ao dos que pretendem derrubar o *regimen sacerdotale*, isso não significa que ao longo da obra se advogue esse tipo de regime. Pelo contrário, a situação de Roma e do Estado Pontifício é um caso especial. Com efeito no livro XI, Pio II censura asperamente o bispo de Génova, Paolo di Campofregoso, que, pela força das armas, logrou a eleição como cônsul por uma quarta vez: *Mira res et nostro non prius audita saeculo, pontificem suae civitatis per arma tyrannum creari!* (*ibidem*, XI, 8, p. 2132). Cf. ainda: *Forsitan experti Genuenses iniusta esse regimina saecularia, atque inde tot mutationes oriri putantes, ad te confugerunt, et fastidio quodam saecularis imperii, experiri aliquando sacerdotale decreverunt, si forsitan iustius ac mitius gubernentur* (*ibidem*, XI, 8, p. 2136).

[22] No início da narrativa apenas os revoltosos tinham por objectivo derrubar o *imperium sacerdotale*.

encontro fortuito com pessoas da casa do Senador e dispersa a restante guarda. O facto deu ainda mais audácia e impunidade aos revoltosos.

Um sobrinho do Papa, Antonio Piccolomini, ao saber que os revoltosos tinham assentado arraiais em uma torre junto de San Lorenzo in Lucina, tomou uma coorte e, seguindo a direcção da Ponte Mílvia, alcançou a dita torre com a intenção de os capturar. Os revoltosos escapam, contudo; seguem para o interior da cidade e recolhem-se *in aedibus quas cardinalis olim Firmanus magnificas aedificavit* — ou seja, em um dos marcos da arquitectura palaciana da Roma de Quatrocentos, o Palácio Capranica.[23] Esta é a primeira de várias alusões, ao longo dos *Commentarii*, à arquitectura palaciana que marca decisivamente a imagem de Roma em meados do séc. XV. Como se vê pelo presente exemplo, um palácio é antes de mais um nome de um homem poderoso (do ponto de vista aristocrático ou eclesiástico) — Capranica, Orsini, Colonna, Estouteville — que identifica, como que por antonomásia, uma área da cidade.[24]

Regressando à narrativa dos *Commentarii*, o sobrinho de Pio II optou por não prosseguir para o edificado mais basto da cidade (*intra frequentia urbis aedificia*) pelas razões adiantadas pelo narrador nestes termos:

> *nondum plane cognita civium voluntate, quos in suos saevire cognatos non erat verosimile, nec Gubernator e re publica videbatur cives cum civibus comprehendere.*[25]

Quer dizer, ainda não se sabia para que lado pendia a cidade e, mais ainda, nem esta nem o Governador quereriam atacar revoltosos que, afinal de contas, também eram cidadãos. O ambiente de impunidade prosseguiu com os revoltosos ocupados na criminalidade durante a noite e, durante o dia, dedicados a jogos (*noctes latrociniis, dies ludis dantes*). Neste ponto, o narrador coloca em primeiro plano Tiburzio como *princeps et dominus*, entre os companheiros, e ao qual os cidadãos se dirigem para o convencerem, com vários argumentos,

[23] *Ibidem*, IV, 28, p. 758. A não confundir com o palácio quinhentista do mesmo nome construído para o cardeal Andrea della Valle nas proximidades da igreja onde está actualmente a sepultura de Pio II.

[24] Cf. Burroughs, *From Signs...*, p. 34: "The most conspicuous changes in the fabric of Rome in the mid-fifteenth century, however, were not due to the activity of institutions, but to men whose financial means and cultural horizons belonged to a wider world than the city of Rome. [...] The Palazzo Capranica, with its tower and guelph windows, still gives an impression of the simple but powerful and orderly architecture in vogue in Rome and environs in the mid-fifteenth century." Ver também Westfall, Carrol William, "Alberti and the Vatican Palace Type ," *Journal of the Society of Architectural Historians*, 33, 2 (May, 1974), p. 103 fig. 2 e 3.

[25] Pio II, *Commentarii*, IV, 28, p. 758.

a abandonar a cidade. Tiburzio acede e é acompanhado por dignitários e por uma multidão curiosa:

> *Victus his Tyburtius, discedere, statuit, egressusque domo per urbem tanquam magnus aliquis princeps inter conservatorem et protonotarium apostolicum Georgium Caesarinum ad portam usque medius incessit, magna populi sequente caterva, quae ad visendum Tyburtium, /p. 762/ quasi ducem aliquem numerosi exercitus, accurrerat. Ille plenus animi, salutatis in porta civibus, cum coniuratis ad oppida Savelli concessit, nihil dubitans reverti posse cum vellet.*[26]

A estes factos o narrador acrescenta a violação e roubo das monjas de Santa Inês extra-muros, na Via Salária, perpetrada por nove dos conjurados.[27] O episódio é colocado na narrativa como o cúmulo dos crimes e que precipita a decisão do Sumo Pontífice de regressar a Roma para repor a ordem, decisão que vem restituir a alegria à cidade.[28]

Até este ponto, como nota Anna Modigliani, a versão dos *Commentarii* "tende per quanto possibile a ricondurre gli eventi accaduti a Roma ad una dimensione cittadina"[29], i. e., tende a ocultar as relações desses acontecimentos com a formação dos partidos pró-angevino, de um lado, e pró-aragonês, de outro, oposição que atravessa a política italiana inclusive ao nível dos barões do Estado Pontifício. A ligação, até então ocultada pelo narrador, entre esses acontecimentos e os partidos da sucessão do trono de Nápoles, surge mais tarde, graças à confissão de Luca Tozzoli — confissão que traz à luz não só a ligação entre Tiburzio e o partido pró-angevino,[30] como também o apoio da juventude romana de que esse gozava no interior da cidade.[31]

---

[26] *Ibidem*, p. 760 s.

[27] Trata-se de um mosteiro anexo à basílica do séc. IV construída sobre a catacumba de Santa Inês. Stefano Infessura indica como localização a Via Nomentana: *monasterium Sanctae Agnetis extra portam Nomentanam* (*Diario della Città di Roma*, nuova edizione a cura di Oreste Tommasini, Roma, Forzani e C. Tipografia del Senato, 1890, p. 182, ll. 9 ss,). Em todo o caso, a distância entre ambas as vias é pouco mais de 1 km.

[28] *Inter haec ex coniuratis novem fuere qui, horrendum ausi scelus, noctu ad monasterium divae Agnetis extra portam Salariam profecti, fractis portarum repagulis, sacrarum virginum penetralia atque abdita irrumpentes, non modo vim pudicitiae intulerunt verum etiam corruptarum virginum bona et sacram suppellectilem diripuerunt. Quae cum Pontifex accepisset, nec iam ullum esse aliud remedium servandae Urbis cognovisset quam sedem suam repetere, nihil moratus edictum posuit intra dies viginti se versus Urbem iter accepturum, curiales admonens, ut se per id temporis ad Urbem conferrent. Quod ubi Romae auditum est, haud alia exultatio facta quam si magna quaedam victoria nunciata esset, aut ipsa urbs tum primum fundata aedificataque videretur. Pompa per Urbem ducta, ignes accensi, supplicationes per omnia pulvinaria factae ut felix faustusque ac celer Pontificis reditus esset* (Pio II, *Commentarii*, IV, 28, p. 762).

[29] Modigliani, "Pio II e Roma," p. 88.

[30] Ao partido pró-angevino pertencem o príncipe de Tarento, Giovanni Antonio Orsini, o *condottiere* Jacopo Piccinino, Sigismondo Malatesta e, no interior de Roma, os Savelli, os Colonna e os Anguillara; ao partido pró-aragonês pertencem, como já se disse, o Papa e Francesco Sforza.

[31] *Haec sponteque scripsit* [sc. Luca Tozzoli]: *principem Tarenti et comitem Eversum et Iacobum Sabellum et*

Portanto, o narrador pretende mostrar que a destruição da paz interna da cidade se devia a forças externas.[32]

3. 2. 2. Nova incursão na cidade: a prisão e a pena capital aplicada a Tiburzio

Estes acontecimentos situam-se, na narrativa, no momento em que Pio II se encontra ainda, em Siena, no seu itinerário de regresso de Mântua. Em contrapartida, a narrativa da captura de Tiburzio, no livro V, situa-se pouco depois da reentrada de Pio II em Roma.

A captura deveu-se às informações de um romano que comunicou ao Papa que um dos conjurados de Tiburzio, Bonnano, que havia sido condenado e que escolhera como pena o exílio, tinha regressado à cidade. O informador acrescentava que Bonanno se encontrava em casa do irmão. Niccolò Soldano, a quem foi confiada a missão de o capturar, cercou a casa, mas o jovem escapou pelas traseiras ainda meio nu e foi esconder-se em casa de amigos.

O informador deu mais uma vez a localização de Bonanno e do irmão de Tiburzio, Valeriano: preparavam-se para deixar a cidade pela porta Ápia com mais alguns companheiros, em direcção a San Sebastiano. O informador sugeriu que se preparasse uma emboscada com soldados de cavalaria e de infantaria, escondidos no teatro de Maxêncio, junto às catacumbas de Calisto. O plano não agradou ao Papa que optou por uma emboscada dentro de muros:

> *Theatrum secundo ab urbe miliario distare: fraudes timendas dicit; Deiphebi aut Silvestri milites adesse posse et qui proditores proditurum se dixerat Senatoris cohortem prodere; verum ex re consilium capiendum; insidias intra urbem securius fieri; locato circa portam praesidio, milites aliquos apud Sanctum Sixtum in latibulis haberi posse, qui mox transeuntes coniuratos*

Columnenses adversus Pontificem conspirasse, statuisseque Iacobum Picininum in Agrum Romanum accersere Ursinis atque Ecclesiae infensum; nec dubium esse, quin Roma caperetur absente Papa, dantibus aditum coniuratis; Tyburtium Iohannem Andegavensem, Tarentinum principem, Iacobum Picininum adivisse, promisisseque Urbem tradere; cardinalem Aquilegiensem, qui apud Sanctum Laurentium in Damaso moraretur, auro abundantem, intercipere pecuniaque mulctare; Antonium, Papae nepotem, cum per urbe [sic Totaro; *per Vrbem*, ed. Heck, p. 280, l. 32] *ad Cardinalem iret, obtruncare; opulentorum civium, mercatorum curialiumque plenas* /p. 772/ *domos diripere. Inde militi stipendia daturum. Nihil horum sibi esse difficile: patere sibi die nocteque aditum in Urbem, in qua iuvenes haud minus quingentis robusti et* [*ed:* sic Totaro; *et*: ed. Heck, p. 280, l. 36] *audaces et primariorum civium filii sentirent secum, quorum parentes tumultuante civitate non auderent arma capere adversus filios, satis habituri, si domus eorum salvarentur.* (Pio II, *Commentarii*, IV, 31, pp. 770 s). No entanto, o discurso de Pio II aos Quirites, já depois do seu regresso, em Outubro de 1460, explicita claramente essa aliança entre os revoltosos e os barões que apoiavam o partido pró-angevino (ver infra p. 390).

[32] Quando, em boa verdade, os revoltosos gozavam do apoio de nobres no interior da cidade — facto que Pio II escamoteou (cf. Modigliani, "Pio II e Roma," p. 79).

> *invaderent. Fugerent illi ad portam quando alia nulla est evadendi via, vinearum hinc atque sepibus ac muris impedientibus: sic velut in angiportu nefarios iuvenes deprehensum iri.*[33]

O plano gorou-se, pois os conjurados não tentaram sair da cidade nesse dia. O informador voltou, e pôs o Papa ao corrente das movimentações dos conjurados. Propôs uma estratégia para os capturar:

> *in crastinum profecturos iuvenes, portaque Sancti Pauli abituros; ad triumphalem Constantini arcum parandas insidias esse, ex quo loco usque ad Sanctum Gregorium clausa est via; in Colosseo locandos esse milites et in via quae ducit ad Sanctos Iohannem et Paulum.*[34]

No dia seguinte, Bonanno seguiu, acompanhado do espião, para o Coliseu, onde acabou emboscado. O irmão de Tiburzio, no entanto, escapou por entre a confusão gerada pela tentativa de resistência de Bonanno. Tiburzio, que se encontrava em Palombara,[35] quando soube da notícia e julgando que o seu irmão também tinha sido preso, congeminou nova tentativa para alterar o *status Urbis*, conforme diz Pio II. O seu plano passava por capturar algum senense que depois servisse de troca para a libertação dos seus companheiros; e ainda tentou, em vão, obter o apoio de Savelli.

Antonello e Deifobo prometeram entrar com tropas na cidade logo que tivessem notícia de um levantamento (*si quam in Urbe novitatem fieri cognoscerent*). E assim entusiasmado com tais apoios e confiante devido à ausência do exército papal (e, nas palavras de Pio II, confiante também por causa da escassa defesa do Campidoglio), Tiburzio entrou em Roma, acompanhado de catorze seguidores. Descendo para o *abitato*, no ponto onde se situam as termas de Diocleciano, publicava a alta voz o seu programa revolucionário:

> *iam tempus advenisse liberandae Urbis foedissimo sacerdotum iugo, Deiphebum ac Silvestrum cum magna militum manu prope adesse, asserentibus libertatem Romanis opem laturi; expergiscerentur iam tandem auderentque aliquid pro libertate Quirites, nec suis maioribus deteriores videri vellent, quibus non tam mori durum quam servire fuit.*[36]

[33] *Ibidem*, V, 2, p. 828. Deifobo di Anguillara é o filho de Everso e Silvestro da Piacenza um *condottiere*; ambos foram arregimentados por Everso, bem como o seu genro Antonello da Forlì, para combaterem por René d'Anjou na questão sucessória do trono de Nápoles (ver *ibidem*, V, 1, p. 824).

[34] *Ibidem*, V, 2, p. 828.

[35] Localidade onde justamente se encontrava o castelo dos Savelli. Ver Gregorovius, *Geschichte der Stadt …*, p. 183.

[36] Pio II, *Commentarii*, V, 2, p. 834.

Pio II coloca na boca de Tiburzio um programa ideologicamente articulado em torno da *libertas*. O episódio, visto pela pena de Stefano Infessura, é menos um caso de política do que de criminalidade e desordem pública. Os acontecimentos na versão do cronista têm uma diferente causalidade. Com efeito, o que teria despoletado a vinda de Tiburzio de Palombara teria sido a prisão, a 16 de Maio de 1459, do já mencionado Innamorato, que teria violado uma noiva, motivo pelo qual foi encarcerado. Tiburzio e seus camaradas teriam, então, entrado em Roma, onde fizeram um refém que mantiveram primeiro em um torreão perto de Santa Maria del Popolo e posteriormente no Panteão (Santa Maria Rotonda); prisioneiro esse que lhes serviu para obterem a libertação de Innamorato.[37]

Depois do regresso do Papa no início de Outubro, ainda segundo Infessura, é que Tiburzio teria entrado de novo em Roma, mais precisamente a 29 desse mês, mas agora o propósito era o de libertar Bonanno. Tiburzio, depois de ter feito um refém (um senense que se encontrava na alfândega de S.to Eustáquio), gritou pelas ruas para que a juventude o seguisse, mas sem êxito. Por fim, foi preso junto à igreja de S. Lorenzo in Verano.[38]

O relato dos *Commentarii,* que diverge parcialmente de Infessura,[39] realça os pormenores que dão mais vivacidade ao perfil criminoso de Tiburzio e à figura do Papa como garante da ordem na cidade, para a qual os habitantes se voltam nessas circunstâncias críticas:

> *Percursaque urbis magna parte, hora circiter post meridiem prima, ad aedem Sancti Eustachii perveniunt. Prope domus adsunt, in quis merces deponuntur et vectigal exigitur. Hinc adolescentem senensem in teloneo sedentem arripiunt iubentque secum ire, exercto gladio*

[37] "Eodem anno a dì 16 di maio fo pigliato in Roma uno iovane scelerato, lo quale haveva nome lo Innamorato scelerato, lo quale bave va nome lo Innamorato, perchè tolse una citella, la quale se ne doveva gire ad marito lo terzo dì; et fu menato in Campitoglio; et per questa cascione Tiburtio di missore Angiolo de Massetto, et Ian Filippo figlio di Paluzzo Sovattaro, et lo figlio de Rienzo Cola Roscio de Treio, insieme con certi altri sfidati che stavano insieme in Palombara, vennero in Roma, et pigliaro uno camorero dello Senatore et menarolo allo trullo de Santa Maria dello Popolo, et tenerolo là la sera, che fo preso lo Innamorato, per fino ad mezzo dì, et po si partiero dallo trullo, et gerosene ad Santa Maria Rotonna su de sopra collo presone preditto; et lì stettero per fino a 25 dì de maio, et non lo volse mai rendere se non se li restituiva lo Innamorato, et cosi fu fatto, lo Innamorato gissi de Campitoglio, et fo fatta la remissione a Tiburtio et a tutti li diffidati, eccetto homicidiari, latri, traditori della Ecclesia, heretici, et depò lo ditto Innamorato se pigliò per moglie quella citella che haveva raputa de Trastevere, ad honore della Santa Ecclesia" (Infessura, *Diario della città*, p. 64, ll. 3-21).

[38] "A di 29 ottobre essendo presone uno iovane romano, chiamato Bonanno Specchio, venne Tiburtio in Roma con certi suoi compagni per campare lo ditto Bonanno, et pigliao uno senese, che stava nella dovana in Santo Stati, et mennollo presone per fino ad Santo Apostolo, et poi lo lassaro, et quando lo menava, gridava allo popolo et alli iovani romani : «seguitemi»; et alcuni di loro risposero, et dissero: «non è più tempo»; et 10 per questo tutti li fanti che stavano in Roma li annaro dereto in pede et foro presi nelli canneti di Mala Barbara" (*ibidem*, p. 65, ll. 3-11; *Mala Barbara*, segundo Tommasini, nota *ad. loc*, é uma corruptela de *mola ad Barbaram*, ou seja um moinho que existia junto de um oratório a S. Bárbara naquele sítio).

[39] Cf. supra p. 381.

> *mortem minantes nisi properet. Attonitus ille imperio paret et iam ad Columnenses domos pervenerat, cum tota urbe clamor exoritur civitatem cum coniuratis intrasse Tyburtium, huc atque illuc armatum discurrere, faventes multos habere; spoliare domos; captivos ducere, verendum esse sacerdotum imperio. Curritur ad palatium pontificis, consilium atque auxilium petitur.*[40]

O Papa levanta-se a meio da noite com o tumulto. Dizem-lhe que a cidade está em armas por causa dos conjurados que entraram na cidade. O tom da resposta de Pio II é resoluto:

> *Apage te* [...] *nihil periculi est. Novimus civium animos. Pontificem Romani dominari sibi cupiunt, non latrones.*[41]

E, confiante quanto à possibilidade da captura de Tiburzio, ordenou aos Cardeais Cusa e Bernardo Eroli que montassem a cavalo e exortassem os cidadãos a pegarem em armas contra os ladrões (*hortari cives ut in latrones arma sumerent*). Alessandro Piccolomini, o mordomo do Papa, juntamente com o Senador de Roma e o Vice-camerlengo, entre outros, já tinham pegado em armas. A eles juntaram-se *cives aliquot sacerdotalis imperii et quietis amatores*.[42]

Os conjurados, sempre do ponto de vista de Pio II, ao verem a situação desfavorável, puseram-se em fuga em direcção ao lugar por onde tinham entrado, matando, na fuga, um cavaleiro da guarnição capitolina. Ainda tentaram esconder-se por entre juncais e silvados ou ervas que por ali havia. Mas Alessandro Piccolomini conseguiu apanhar alguns dos conjurados, nomeadamente, Tiburzio. Tommaso Piccolomini, por sua vez, forçou a retirada das pessoas que se encontravam, passivas e com medo de uma reviravolta nos acontecimentos, na porta junto do local onde se deu a captura; e tomou a decisão de levar os conjurados para o Campidoglio quando outros, com receio de que o povo os quisesse libertar, sugeriam a Ponte Mílvia ou Castel Sant'Angelo.[43]

Depois da captura, seguiu-se o cortejo — acto que Pio II, sempre interessado nestes eventos com multidões, descreve com pormenor. Tiburzio e seus companheiros, conduzidos em grilhões pela cidade, eram alvo do escárnio da multidão:

---

[40] Pio II, *Commentarii*, V, 2, p. 834.

[41] *Ibidem*, p. 836.

[42] *Ibidem*, p. 836.

[43] *Ibidem*, p. 838 s. É notório, nesta narrativa, como o narrador aproveita a circunstância para elogiar os méritos dos familiares de Pio II, nomeadamente a persistência de Alessandro e a resolução de Tommaso Piccolomini.

> *Quiritum alii dominum, suum alii regem Tiburtium per contemptum atque irrisionem salutabant; alii tribunum Romani populi, alii priscae libertatis assertorem vocitabant ac fundatorem quietis.*[44]

"Tribuno do povo romano," "restaurador da antiga liberdade": tais saudações têm ecos inconfundíveis na boca de um romano. Desde Cola di Rienzo a Stefano Porcari (e não obstante as diferenças entre ambos), passando pela revolução republicana de 1434, esse era um programa que facilmente inflamava a cidade.[45] Neste momento, porém, o perfume dessas palavras perdeu- -se e transformou-se em irrisão. A invectiva contra os revoltosos prossegue, na descrição de Pio II, com a citação de outros apupos do povo que assim exprimia o seu alívio pela prisão dos culpados:

> *Incredibile auditu est quanta eius diei voluptas fuerit cum Romanorum tum curialium. "Nunc primum salva est civitas! Nunc pudicas esse licebit! Nunc nostra erunt nostra! Nunc altos ducere somnos poterimus! Benedictus Pius, qui nos ex tanto periculo liberavit!," viri, mulieres, pueri ac puellae clamare; salutare palatinos, amplexari, congratulari Ecclesiae, nunc Urbem Pontificis esse dicere.*[46]

A confissão de Tiburzio pouco antes do suplício acentuou essa divergência entre o povo e os conjurados (e não obstante o facto de alegar o desejo de vingança do seu tio, Stefano Porcari, como *assertor libertatis* que Nicolau V tinha executado).[47] Com efeito, Tiburzio, na versão dos *Commentarii*, tenta desculpabilizar-se, alegando o aliciamento de que fora vítima por parte de vários barões como Savelli, Everso di Anguillara, e do *condottiere* Jacopo Piccinino.[48]

---

[44] *Ibidem*, p. 840.

[45] Na verdade, Porcari, ao explicar o ideal que acalentava para a sua cidade, recordava a "bellezza di quella fortunatissima libertà, nella quale per lo addietro la città nostra di Roma divenne chiarissima": ver "Orazione fatta in sulla ringhiera dei priori la mattina che i nuovi Signori presono officio," in GIULIARI, G. B. C. (ed.), *Prose del giovane Buonaccorso da Montemagno,* inedite alcune da due codici della Bibl. capitolare di Verona, Bologna, G. Romagnoli, 1874 (Scelta di curiosità letterarie inedite o rare del secolo XIII al XVII; 141, p. 2; sobre a atribuição destes discursos a Porcari, cf. MIGLIO, Massimo, "'Viva la libertà e populo de Roma': Oratoria e politica: Stefano Porcari," in *Palaeographica Diplomatica et Archivistica. Studi in onore di Giulio Battelli*, Roma, Storia e Letteratura, 1979, pp. 383-409). O grito "Viva la libertà et populo de Roma" foi-lhe posto na boca, sob essa forma, pelo embaixador de Milão, Niccolò Tranchedini: ver CESSI, Roberto, "La congiura di Stefano Porcari," in *Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux et des Universités du Midi. Bulletin Italien*, 14, 1 (1914), p. 12; no entanto, a expressão *Vivat libertas* como palavra de ordem é frequente no relato da confissão de Porcari (ver PASTOR, *Storia dei Papi*. I, appendice 45, pp. 835 s).

[46] PIO II, *Commentarii* V, 2, p. 840.

[47] *Ibidem, p.* 842. Na verdade, o pai de Valeriano e Tiburzio era cunhado de Stefano Porcari, ver PASTOR, *Storia dei Papi*, II, p. 81.

[48] Cf. PIO II, *Commentarii,* V, 2, p. 842. A relação dessa conjura é apresentada por Pio II como uma iniciativa de Tiburzio que procura, em um primeiro momento, apoio junto de Everso di Anguillara, e posteriormente junto de Piccinino. O discurso que pronuncia diante deste último, aliás, que o narrador dos

A acção de graças de Pio II, no momento do suplício, retoma o tema da liberdade, mas sob um ângulo pessoal. Aliás, quase toda a oração é essencialmente pessoal, pois agradece à Providência divina que o livrou dos seus inimigos e concedeu a paz à Urbe, mas remata com a menção daquele que era o fruto político mais importante, ou seja, a consolidação da sua própria autoridade pontifícia (*honorasti me hodie, et securum in trono tuo reddidisti*).[49]

3. 2. 3. Discurso aos *Quirites* sobre a questão napolitana

Conforme se acaba de ver, estes tumultos em Roma estavam ligados aos partidos formados em torno da disputa pelo trono do reino de Nápoles, ainda que essa ligação só depois da confissão de Tiburzio tenha sido plenamente desvelada na narrativa.[50] Depois da chegada, e por causa do mal-estar que as opções políticas de Sua Santidade geravam, Pio II vê-se obrigado a justificar a sua opção pró-aragonesa diante da cidade.[51]

Por isso, nas primeiras semanas em Roma, Pio II convocou para um consistório público, a 20 de Outubro de 1460, os *Conservatori*, os *Caporioni* e perto de oitenta de entre os cidadãos mais eminentes para lhes expor a sua vontade de defender a causa de Fernando de Aragão na sua luta pelo trono de Nápoles.[52] No consistório proferiu um discurso com o intento de captar a simpatia dos Romanos, começando por louvar a sua actuação nas recentes

Commentarii, lhe põe na boca, confere-lhe uma capacidade política que não se tinha visto anteriormente. De facto, Tiburzio dirige-se a Piccinino aliciando-o com a conquista da *matrem urbium et caput orbis* e apresenta-se como *ciuis Romanus*, capaz de mobilizar toda a juventude de Roma. Confere-lhe, portanto, um orgulho municipal que nem os autores que escrevem sobre estes acontecimentos de um ponto de vista oposto, lhe reconhecem (na medida em que atribuem as culpas aos barões, enquanto os Romanos não passam de vítimas): cf. MODIGLIANI, "Pio II e Roma," in CALZONA, *Il sogno di Pio II...*, p. 91, n. 47.

[49] A execução de Tiburzio não pôs um ponto final na turbulência de Roma. A paz da cidade foi sempre um problema durante o pontificado de Pio II. Houve alturas em que o Papa teve de proibir com penas severas o porte de armas e ainda publicou uma constituição contra os assassinos; ver PASTOR, *Storia dei Papi*, II, p. 86, n. 1.

[50] Antes disso ainda houve a confissão de Luca Tozzoli que apontou no mesmo sentido. Cf. p. 383, n.

[51] Sobre as opções na questão do trono de Nápoles, importa lembrar que Pio II se alinha com Francesco Sforza o qual se opôs logo desde o Congresso de Mântua ao partido angevino na questão sucessória do trono de Nápoles por considerar que a vitória francesa no sul da Itália seria abrir a porta para a conquista da península (ver PASTOR, *Storia dei Papi*, II, pp. 57 s).

[52] Ver despacho de Ottone di Carretto de 20 de Outubro de 1460 cit. por FARENGA, "I Romani...," pp. 298 s. A questão dos interesses económicos romanos — que, no caso do patriciado, visto gravitarem em torno do negócio de gado que é obviamente mais sensível à guerra —, esteve sempre presente na mente de Pio II, como se pode verificar pela seguinte reflexão sobre a importância dos dois acessos da Campânia (no contexto da guerra pelo trono de Nápoles): *Utramque Romanis pontificibus patentes esse, exteris gentibus clausas, pernecessa-*/p. 924/*rium est, si Romanorum pecora salvare oportet. Quod procurante Pio, usque hodie factum est* (PIO II, *Commentarii*, V, 14, p. 922s).

sublevações e terminando com a advertência de que se os Romanos se tinham demarcado da rebelião isso também era em atenção ao interesse próprio.[53]

O longo discurso que se segue expõe os fundamentos diplomáticos da opção do Papa pela partido aragonês refutando a opinião publica romana, assinalada no seu discurso pelas expressões *quidam dicunt*, *uani rumores*, ou *aduersarii.*[54] A conclusão, na qual rebate a crítica de ser um belicista, é uma declaração de amor à cidade:

> *Dicunt adversarii nos hanc urbem habere odio. Et quo vultu haec aiunt? Qua ratione? Quo colore? Hinc ortum habet prosapia nostra. Romani ac Senenses semper amici fuere. Hic nos sacri presbyteratus accepimus ordinem; hic episcopatum, hic cardinalatum et summi apostolatus apicem sumus adepti. Et quis eam civitatem odio habeat, in qua summis honoribus cumulatus fuerit, semper amatus nunquam laesus? Amamus vos, Quirites, et super omnes homines magnificamus; nec nobis maior cura est, quam ut Romanum populum honoribus atque opibus cumulemus.*[55]

Mais uma vez, o argumento da origem romana da sua família e o facto de ter recebido na cidade todos os graus maiores das ordens sacras, ou seja, argumentos 'autobiográficos', concorrem para a identificação entre Pio II e Roma.

A confusão em que o bando de revoltosos encabeçado por Tiburzio lançara a cidade conduziu a narrativa ao mais longo itinerário urbano dos *Commentarii* até este ponto — e que oferece, em determinadas alturas, uma caracterização indirecta da Roma de então, com as suas *vigne* que normalmente se estendiam cidade adentro e *casali* que rodeavam as principais estradas do campo romano.[56]

Mas há na autobiografia outro importante itinerário romano: a recepção da relíquia de S.to André. O tumulto de Tiburzio é um acontecimento que nasce da vida política, económica e social da Roma de Quatrocentos e, por conseguinte, vai muito além das suas

[53] *Ingentes vobis, Quirites, habemus gratias qui, nobis Reipublicae causa procul agentibus, quamvis hinc iuventus petulans crassaretur in Urbe, illinc baronum rapacitas popularetur agros et novas res quaereret, in officio tamen perseverastis et tandem redeuntibus salvam Urbem reddidistis. Licet fidem et prudentiam vestram extollere: fidem, quia non audistis eos qui vos a vero domino alienare conati sunt; prudentiam, quia rei vestrae salubriter consuluistis. Nam quid civitati Romanae utilius esse potest, quam eam Curiam alere unde alitur, et quae opes undique affert? Quid gloriosius quam ei subesse domino qui super omnes mortales habet imperium; qui beati Petri successor et Iesu Christi vicarius; cuius exobsculari pedes cuncti reges desiderant; cui divinitus datum est caeli portas vel aperire vel claudere? Sapitis certe, qui ei domino fidem servatis, cui servire regnare est!* (*ibidem,* V, 4, p. 854). Alguns destes argumentos já os tinha referido no discurso aos respresentantes da cidade de Roma em Viterbo no itinerário mantuano. Cf. ainda *ibidem*, X, 30, p. 2012: *Ambo haec oppida libera sunt, Romano tantum subiecta pontifici, cui servire libertas est.*

[54] *Ibidem,* V, 4, pp. 854-874. Note-se neste discurso a acusação de que Savelli conspirava com Tiburzio, como o provava o facto lhe ter dado abrigo em Palombara (*ibidem,* p. 870).

[55] *Ibidem*, p. 872.

[56] Cf. Burroughs, *From Signs…*, pp. 190 s.

circunstâncias, até ao próprio âmago da cidade contemporânea; a recepção da relíquia de S.to André, por seu lado, diz respeito à Roma como herdeira da tradição apostólica e depositária de relíquias — e contraparte de uma Constantinopla ocupada pela grande ameaça turca à Europa contra a qual Pio II empenhará todo o seu pontificado mediante o esforço estrénuo (e em última análise inglório) de mobilizar a consciência dos príncipes cristãos.

3. 3. A recepção da relíquia de S.to André: um novo significado para Roma

O livro oitavo é o livro por excelência da *Ostpolitik* de Pio II. Não apenas pela recepção da relíquia de S.to André em Roma e pela memória das vicissitudes sofridas pelo Oriente, mas também pelo excurso sobre a ilha e a cidade de Rodes. O pretexto para a evocação da história da ilha é a substituição do mestre da Ordem dos Cavaleiros de Rodes. A evocação de Pio II remonta aos primeiros habitantes da ilha e detém-se em seguida nos *ex libris* da cidade de Rodes: o refinamento do seu urbanismo (*portibus et viis et moenibus et reliquis ornamentis tantopere ceteras superavit*),[57] a sua perícia naval, as suas leis, o colosso de Rodes, os seus cidadãos mais ilustres nas artes, na filosofia e na literatura. A um passado tão glorioso segue-se o período atribulado de sobrevivência ao poder islâmico no Mediterrâneo, que se prolonga até ao momento presente. Com efeito, o excerto termina com a ameaça presente dos Turcos que se preparam para destruir o forte de S. Pedro.

A narrativa da recepção da relíquia de S.to André começa por uma pequena biografia do apóstolo, mas passa logo para o desafio político subjacente ao evento, ou seja, a questão turca.[58] Com efeito a relíquia vem para Roma visto que o déspota da Moreia, queria evitar

[57] Pio II, *Commentari*, VIII, 4, p. 1568.

[58] Toda a narrativa é confirmada por fontes contemporâneas nomeadamente por um conjunto de fragmentos que, em alguns códices do *Memoriale* de Paolo dello Mastro, aparece com o título *Roma caput mundi* e é frequentemente, embora erroneamente, tomado por texto do próprio *Memoriale*: "A dì .XI. aprile, fo di domenica, venne de Grecia chi ne era Sig.re Vispoto, e questo Visposto [Vispoto ... Visposto: sic], per muta [sic] guerra che gli faceva lo Turco e molte terre che li haveva tolte, stava in grande tribulatione, si votò di mandare la testa di San Andrea apostolo a Roma e levarla dalla sua Terra, e mandaolo e venne in questo tempo soprascº cioè 1462 a dì .XI. d'Aprile. E la S.tà di Papa Pio II gli andò incontro fino a Ponte Molle, et in quello capo di qua del d.º ponte verso Roma fece fare sopra quella murata antica un castello di legname; e lo lunedì l'andao sua S.tà a trovare, ch'erano 12 dì dello d.º mese d'aprile, e la domenica la notte stette a Ponte Molle, accompagnato da molti Card.li e lo d.º lunedì che la Santità del Papa l'andò incontro e pigliolo con le sue /p. 71/ mano in quello Castello dove si affronta con la d.ª testa, perchè quello castello haveva due entrate, da una entrao la testa di S. Andrea, e dall'altra la Santità del Papa, e pigliata che l'hebbe con le mani, con molta divotione la mostrò a tutto lo popolo che era infinito, e poi con le sue mani l'arrecao a Santa Maria dello

que um tal tesouro caísse nas mãos dos inimigos. Diz o narrador, revelando ao leitor as intenções de Tomás Paleólogo:

> *nusquam dignius sibi refugium censuit, quam Romae, apud ossa germani sui beati Petri apostolorum principis et apud Sedem Apostolicam, arcem fidei, ad quam confugere omnibus tutum est, qui suis ecclesiis eiiciuntur.*[59]

Por conseguinte, este episódio pretende devolver a Roma um papel político no contexto europeu. Desde o início o narrador deixa entrever que o destinatário e a personagem chave da cerimónia de recepção é o povo (*utque eo magnificentius exciperetur adveniens, quo maior adesset populus*), não apenas o de Roma, mas o da cristandade.

O primeiro preparativo mencionado também é significativo de um tema importante na identidade de Roma: o da *concordia apostolorum*.[60] Com efeito, o narrador menciona a ideia que Pio II teve de mandar vir as imagens de Pedro e Paulo, que se encontravam em S. João de Latrão, para receberem S.to André (o que acabou por não ser possível). No dia 12 de Abril, dia de Ramos, a relíquia, que se encontrava em Narni, foi trazida até à Ponte Mílvia. O simbolismo do lugar era óbvio: esse era o lugar onde Constantino tinha derrotado Maxêncio.[61] Nesse lugar, por conseguinte, S.to André seria recebido pelo Papa como catalisador para uma campanha vitoriosa sobre os Turcos.

Depois das celebrações em S. Pedro pela manhã, Pio II teve intenção de se dirigir, à tarde, com os cardeais, para a igreja de Santa Maria del Popolo e aí pernoitar, para no dia seguinte ir ao encontro de S.to André. Acabou por não o fazer devido ao mau tempo que se adivinhava. Mas, no dia seguinte, como que por milagre, não choveu.

Com o cenário dos prados que vicejavam de erva e de flores à esquerda da Ponte Mílvia partiu para montante de Tibre a procissão de Santa Maria del Popolo, no dia seguinte. O

Popolo, e lì stette tutto lo lunedì e la notte e lo martedì, e domane la Santità del Papa con le sue mano la portò a San Pietro con la magna processione e grandissimi trionfi e tutte le strade coperte e moltissimi lumi di cera e moltissima moltitudine di gente. E pure nello d.º anno la sua S.tà dove pigliò la dª testa, fece fare ad honore de Santo Andrea una de marmo relevata", cit. por Pelaez, M., "Il Memorial di Paolo de Benedetto di Cola dello Mastro dello Rione di Ponte," in *Archivio della Reale Società Romana di Storia Patria*, XVI (1893), pp. 70 s.

[59] Pio II, *Commentari*, VIII, 1, p. 1498.

[60] Ver também a opinião de Charles Burroughs: "The elaborate reception of St. Andrew into the city of Saints Peter and Paul, extending the concordia apostolorum that underlay the special character of Rome refounded as a Christian city, was one the stratagems employed by the politically astute Pius to remind the Christian peoples and their rulers of their duty to confront the infidel" (*From signs...*, p. 207). Sobre este tema ver Pietri, Charles, "Concordia apostolorum et renovatio urbis (Culte des martyrs et propagande pontificale)," in *Mélanges d'archéologie et d'histoire*, 73 (1961), pp. 275-322.

[61] Burroughs, *From Signs...*, p. 208, que nota também como Nicolau V tinha prestado atenção a esse lugar, levando a efeito uma reconstrução da ponte.

caminho estava de tal forma repleto de gente que não era possível ver as vinhas ou os campos em redor. No prado junto à Ponte Mílvia, o verde ambiente contrastava com o branco das vestes litúrgicas.

A cerimónia fora planeada de forma que o povo pudesse ver e, com esse fim, foi construído um palanque. Além disso, o pormenor de obrigar os cardeais a percorrem a pé, já no termo da procissão, a distância de um tiro de arco para depois subirem ao palanque sugere que o Papa pretendia que mostrassem a maior reverência. O cardeal Bessarion tomou o relicário e entregou-o em lágrimas a Pio II, que em lágrimas o recebeu.

O discurso de boas-vindas pronunciado pelo Papa provocou lágrimas na assistência e ficou gravado na memória de todos. É um discurso que se define pelo seu teor emocional. Dirigindo-se à cabeça do apóstolo, o Papa começa por lembrar o motivo que a trouxera da Grécia para Roma: *Turchorum de tua sede furor expulit. Ad fratrem tuum, apostolorum principem confugisti exulans*.[62] O exílio é depois apresentado como uma feliz circunstância que permitiu a reunião dos dois irmãos. Para corroborar a pretensão de que Roma é um lugar perfeito para acolher a relíquia, Pio II apresenta a cidade ao apóstolo S.to André:

> *Haec est alma Roma, quam prope cernis, precioso tui germani sanguine dedicata. Hanc plebem, quae circumastat, beatus Petrus apostolus frater tuus pientissimus, et cum eo vas* /p. 1512/ *electionis sanctus Paulus, Christo Domino regeneravit. Nepotes tui ex fratre Romani omnes te veluti patruum patremque suum venerantur, colunt, observant, et tuo se uti patrocinio in conspectu magni Dei non dubitant.*[63]

Celebra-se aqui a *alma Roma,* que é a Roma cristã (a cidade santa, como diz o Papa no final do discurso), e o povo de Roma como povo cristão descendente de apóstolos (cuja intercessão se pede). Em seguida, e ainda neste excerto, o discurso do Papa insiste nos laços de parentesco que ligam S.to André e S. Pedro, mas alarga esse parentesco aos Romanos. Por isso, era grande a honra para Roma; tanto maior ainda pelo facto de naquele lugar e naquele dia (é constante ao longo do discurso o recurso ao pronome e ao advérbio correlativo *hic,* referido quer à cabeça do apóstolo quer ao lugar), se reunirem em Roma linhas de história bíblica:

> *O beatissime apostole Andrea, praedicator veritatis et assertor Trinitatis eximie, quanto nos hodie gaudio reples, dum verticem hunc tuum sacrum et venerandum coram aspicimus, qui dignus fuit, in quo visibiliter sub specie ignis in die Penthecostes Sanctus resideret Paraclytus! O*

[62] Pio II, *Commentarii*, VIII, 2, p. 1510.
[63] *Ibidem*, pp. 1510 s.

> *vos qui Hierosolymam petitis ob reverentiam Salvatoris visuri locum ubi steterunt pedes eius, ecce sedem Spiritus Sancti, ecce Divinitatis solium. Hic, hic consedit Spiritus Domini; hic tertia in Trinitate persona visa est; hic oculi fuerunt, qui saepe Dominum in carne viderunt; hoc os saepe Christum est allocutum; has genas non est dubium, quin saepe Iesus fuerit obsculatus. En magnum sacrarium, en caritas, en pietas, en animae dulcedo, en consolatio spiritus! Et quis est, cuius viscera non commoveantur, cuius non ardeant intima cordis, cui non excidant prae laetitia lacrimae in conspectu tam preciosarum Apostoli reliquiarum?*[64]

Assim Roma, agora orgulhosa da presença de três apóstolos, ultrapassa a própria Jerusalém bíblica! Toda esta retórica, assente em dícticos (*hodie* ... *hic* ... *en* ...), certamente reforçada pelo gesto, era facilmente compreensível pelo seu auditório, tanto mais que mobilizava sentimentos religiosos em sentidos opostos: identificação com os santos de Roma e aversão para com os Turcos.[65]

Depois de apresentar as desculpas, em mais uma inclusão do seu auditório romano no próprio discurso, pela recepção modesta e pelo facto de serem pecadores, convida-o a entrar na cidade e lança-lhe um apelo final:

> *Esto noster advocatus in celo et una cum beatis apostolis Petro et Paulo conserva hanc Urbem; et universo populo Christiano pie consule, ut vestris patrociniis fiat misericordia Dei super nos et si qua est eius indignatio propter peccata nostra, quae multa sunt, transeat ad impios Turchos et ad nationes barbaras, quae Christum Dominum contemnunt!*[66]

Como se vê por este trecho, esta celebração não se dirige a Roma na sua estreita dimensão comunal, mas antes a toda a cristandade (*universus populus Christianus*). Aliás, o termo de comparação usado por Pio II é o Jubileu de 1450 do pontificado de Nicolau V, pois, de acordo com as suas palavras, por esta altura havia muito mais gente e não apenas de Itália, mas também de outras nações: alemães, franceses, húngaros. Certamente que essa representação europeia era para Pio II um elemento importante, dado que nesta cerimónia estava implicada a sobrevivência da cristandade.[67] Também a prece feita por Pio II, nos termos de uma colecta, depois de dar a cabeça de S.to André a beijar aos cardeais que estavam

[64] *Ibidem*, p. 1512.

[65] Pio II chega ao paradoxo de dizer que odeia em tudo os Turcos como inimigos da religião cristã, mas que os exceptua desse ódio pelo facto de terem ocasionado a vinda de S.to André para Roma! Cf. *ibidem*, p. 1512.

[66] *Ibidem,* p. 1514.

[67] Embora não seja uma comparação exclusiva de Pio II, como se pode ver pela carta de 14 de Abril de 1462, de Giovanni Pietro Arrivabene à marquesa de Mântua, citada por Modigliani, "Pio II e Roma," in Calzona, *Il sogno di Pio II...*, p. 107, n. 97.

em cima do palanque, retoma o tema, desta vez acrescentando o motivo da preservação da liberdade do povo cristão.[68]

A cabeça de S.to André foi conduzida, ao final do dia, a Santa Maria del Popolo, onde pernoitou como uma personagem importante.[69] No dia seguinte, o cortejo seguiu para S. Pedro e Pio II recusou a ideia de que os dignitários maiores pudessem fazer a procissão em montada e os restantes a pé. Todos deveriam dar mostras da sua reverência com o seu esforço. Ao descrever a procissão, Pio II anota vários elementos respeitantes à cidade de Roma e não apenas à cúria. Um primeira nota é relativa à presença, no cortejo, de dignitários que representam a cidade:

> *Aderant ecclesiarum totius Urbis sacerdotes sancto-*/p. 1532/*rum reliquias prae se ferentes. Aderant splendide vestiti Romani cives, conservatores Camerae, principes Regionum et reliqui magistratus, legati quoque regum et principum et barones Urbis; ferebantque in manibus ardentes cereos et suum quique ex ordine locum tenebant.*[70]

O trecho constitui por si só uma singularidade nos *Commentarii*, visto que não se encontra nenhuma outra descrição de um passeio a pé pela cidade eterna, que, além do mais, atravessa alguns dos espaços mais simbólicos de Roma.

A procissão, segundo a narrativa, cortou à direita em direcção ao Tibre passando pelo túmulo de Augusto, situado em uma zona que fazia parte do *disabitato*. Porém, daí inflectiu para esquerda, pelas ruas estreitas e pelo meio do casario da cidade (*per arctos vicos et altas aedes*), até ao Panteão.

Da praça fronteira ao Panteão seguiu o cortejo para a direita até S.to Eustáquio; virou à esquerda até à casa do cardeal de Santa Sabina, Bernardo Eroli, que Pio II aproveita para elogiar,[71] e depois seguiu para um dos eixos mais emblemáticos da Roma medieval e moderna: a chamada Via del Papa ou Via del Possesso. Trata-se de um percurso que unia as duas maiores basílicas de Roma, S. João de Latrão e S. Pedro, e que o papa percorria no dia da sua coroação.[72]

---

[68] *Omnipotens* [...] *sempiterne Deus, qui coeleste simul et terrenum moderaris imperium; quique nos hodie beati Andreae, apostoli tui preciosi capitis accessione consolari dignatus es; tribue, quaesumus, ut eius meritis et intercessione, perfidae Turchorum gentis attrita superbia et omnium infidelium sublata molestia, christianus populus secura tibi serviat libertate. Per Christum Dominum nostrum* (Pio II, *Commentaria*, VIII, 2, p. 1516).

[69] Cf. infra p. 399 n.

[70] Pio II, *Commentarii*, VIII, 2, p. 1532.

[71] Vigário de Roma *in spiritualibus* e presidente da chancelaria.

[72] Sobre a sua importância e articulação com outros espaços da cidade ver Burroughs, *From signs...*, p. 28; ver, no apêndice A, o mapa da Roma do séc. XV retirado da obra citada, para o qual se remete no que toca a

Daí seguiu até ao Palazzo Massimo, pertença de um membro de uma das grandes famílias de oma e personagem importante na administração da cidade, e sobre o qual nota o narrador que tinha sido reconstruído recentemente.[73] O ponto seguinte do percurso foi o Campo dei Fiori, que o cortejo alcançou virando à esquerda da Via del Papa (no sentido do Vaticano). Prosseguiu para a praça de S. Lorenzo in Damaso até alcançar a margem do Tibre; continuou até à Mole Adriana de onde se dirigiu, pela Via Sacra, para S. Pedro.[74]

Portanto, este percurso é rico em símbolos da cidade. Pio II deverá ter visto muito mais do que aquilo que o seu narrador conta. As suas referências são obviamente afectivas. Muitas mais seriam as personagens e lugares que não lhe mereceram atenção (por exemplo, não terá passado longe da casa de Guillaume d'Estouteville, a que não alude).

O percurso tinha sido embelezado de uma forma muito sensorial: nas ruas por onde passavam havia ramos para proteger do sol; as paredes das casas, estavam ornadas de panos e tapetes; nos altares, espalhados pela cidade, havia incenso; em alguns lugares, música; ícones e imagens haviam sido colocados diante das portas no espaço público (*ante fores in propatulo*). Romanos, cardeais e estrangeiros todos se empenharam, melhor, emularam-se pela decoração da cidade. Mulheres e raparigas rezavam nas portas e janelas à passagem da procissão. Houve mesmo quem tivesse produzido pequenos espectáculos e outras manifestações de arte popular que Pio II muito apreciava:

---

todas as outras localizações romanas referidas daqui em diante.

[73] Actualmente é o Palazzo Massimo alle Colonne, no corso Vittorio Emanuelle II, com a fachada que lhe deu, no séc. XVI, Baldassarre Peruzzi. O proprietário, Massimo di Lello Cecco, da família dos Massimi, desempenhara o cargo de *Maestro di Strada* e de *Conservatore* no tempo de Nicolau V; a família, aliás, era muito cooperante com o papado na administração da cidade. Sobre a personagem ver BURROUGHS, Charles, "Below the Angel: An Urbanistic Project in the Rome of Pope Nicholas V," in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 45 (1982), pp. 94-124 pp. 104 s.

[74] *Flexit enim Pontifex ad dextram, Tyberim versus, et secundum fluminis ripam incedens reliquit ad sinistram Augusti tumulum. Quibus in locis etsi late alias patent, nihil eo die vacuum erat; adeoque densae inter se hominum turbae cohaerebant, ut iactum tritici semen vix posset in terram cadere; et pari modo vici omnes usque ad Sanctum Petrum obsessi reperiebantur. Nec turba eadem erat quae dimisso uno loco alterum occuparet; sed nova ubique facies hominum offendebatur. Itum est prope Tyberis cursum, donec ventum est ad frequentia Urbis aedificia dextro itinere. Exin pompa ad sinistram flexit et per arctos civitatis vicos et altas aedes venit ad templum Pantheon, quod gentiles diis omnibus, idest daemonibus, maiores nostri Gloriosae Virgini matri Domini et sanctis omnibus consacrarunt. Atque illac per plateam magni templi vertit se ad dextram manum, quousque praeteriit Divi Eustacchii sacellum; ibique rursus sinistrorsum itum est ad aedes usque Eberardi cardinalis Sanctae Sabinae, scientia iuris eminentissimi et exemplaris viri; tumque tertium ad dextram inclinatum est et via itum quam Papae vocant, usque ad aedes Maximi recens editas. Illinc denuo sinistrum iter acceptum usque in Campum Florum, quo ad dextram pertransito platea Sancti Laurentii in Damaso occurrit, quo in loco sinistro itum est* /p. 1536/ *vico, usque quo rursus quoque adesset ripa Tyberis; et postremo dextra via ad Molem usque Hadriani perventum; ubi, ponte transmisso per viam sacram ad Sanctum Petrum iter habitum, quod ubique floribus et odoriferis herbis stratum fuit* (PIO II, *Commentarii*, VIII, 2, p. 1534 s).

> *Multis in locis personatus varii visebantur:, pueri, angelos coeli repraesentantes, alii dulce canebant, alii organis psallebant; nullum musicae artis instrumentum non audiebantur,*[75] *et simul Apostoli laus aethera implebat. Tum vini fontes et diversa miracula passim suspensa transeuntium oculos detinebant.*[76]

O narrador distingue de entre as várias decorações as mais sumptuosas, que são sobretudo as dos cardeais. Todavia, a primeira referência escolhida foi a do procurador da Ordem dos Cavaleiros de Rodes, que erguera um altar em frente da sua casa onde queimou incenso abundante e, além de ornamentos visuais, colocou cantores e tocadores de trompa e flauta.[77] O cardeal de Espoleto, por sua vez, mandou colocar tapetes nas paredes e na praça; o cardeal Alain de Coëtivy ornamentou de alto a baixo com tapetes de Arras o seu palácio no Campo dei Fiori — onde também se situavam, conforme diz expressamente o narrador, os palácios dos poderosos Orsini, edificados pelo falecido Francesco Condulmer.[78]

Mas a palma para as decorações foi para o vice-chanceler Rodrigo Borja. O sobrinho de Calisto III, informa o narrador, habitava o *Palazzo della Zecca* (a casa da moeda).[79] A descrição do arranjo utilizado é significativa da articulação entre a praça e o palácio:[80]

> *Tum coelum sublime erexit, in quo multa et varia suspendit mirabilia; nec suas tantum domos, sed vicinas etiam adornavit, ita ut platea circunducta* /p. 1540/ *Paradisus quaedam videretur, suavibus plena sonis et cantibus: seu plurimo auro domus sicut Neronis fuisse perhibetur. Tum carmina plurima appensa parietibus legebantur, ab electis ingeniis recens edita, quae, grandioribus conscripta litteris, et divi apostoli laudes et Pii pontificis praeconia continebant.*[81]

Não obstante estas referências aos cardeais, a descrição sublinha acima de tudo o sentimento comum que unia toda a cidade nessa celebração. Por isso, o narrador afirma: não houve praça ou rua que não tivesse algo para admirar.[82] Até os mercadores e banqueiros florentinos, que tinham o seu bairro junto da Ponte de Adriano, se juntaram à cidade nesta manifestação de culto e também eles rivalizavam entre si no ornamento das suas casas.

---

[75] *Audiebantur*: sic TOTARO.

[76] PIO II, *Commentarii*, VIII, 2, p. 1536.

[77] *Ibidem*, p. 1537 s.

[78] *Is aedes habitavit in Campo Florum, quo in loco Magni Pompei Genium fuisse commemorant: nunc Ursinorum palatia sunt, quae nepos Eugenii papae cardinalis Portuensis in alieno solo maximo sumptu aedificavit* (*ibidem*, p. 1538). Ver supra p. 380 n. referência mais sucinta no contexto da revolta de Tiburzio.

[79] Ficava na Via Mercatoria desde o tempo de Nicolau V (no reinado de Eugénio IV a *zecca* estava no Vaticano: cf. BURROUGHS, *From signs...*, p. 263, n. 25).

[80] Sobre essa articulação ver WESTFALL, "Alberti and the Vatican Palace...," pp. 101-121.

[81] PIO II, *Commentarii* VIII, 2, pp. 1538 s.

[82] *Ibidem*, p. 1540.

No termo da procissão, na praça da Basílica de S. Pedro, estava uma multidão composta em grande parte por não Romanos (o texto diz que só lá estavam os Romanos que faziam parte do cortejo; a maior parte da população, e sobretudo as mulheres, tinha ficado nos bairros). À passagem da cabeça do apóstolo ouviu-se um enorme rumor. A multidão batia no peito e recomendava-se ao apóstolo.

O narrador refere que Pio II subiu a escada de vários degraus de mármore (*scalam marmoream multorum graduum*) em frente das portas do nártex da basílica, escadas que ele próprio tinha construído (*quam ipse magno sumptu paulo ante construxerat*), e do seu cimo mostrou a relíquia de S.to André.[83]

Pelo contrário, o que a narrativa põe em relevo é o momento do reencontro dos dois apóstolos no interior da basílica e a ficção que se desenvolve no pensamento do Papa acerca desse reencontro no ambiente do templo iluminado pelas velas do povo que o enche, e preenchido pelo som do órgão e do canto. A solenidade justificava-se pelo facto de se reunirem, no pequeno espaço sob o altar, relíquias que tinham significado para todo o orbe, facto que fazia de Roma, ainda mais nesse momento, o centro do mundo:

> *Ingressus vero atrium, contemplatus effigiem beati Petri quae sedet ante vestibulum templi, et tanquam statua illa germani adventu laeta-*/p. 1542/*bunda fleret, collacrimatus est duorum fratrum, qui se iam pridem non vidissent, concursum atque complexum mente revolvens. Processitque inde in ecclesiam, quae tota luminibus ardere visa est. Nam et ipsa plena erat viris ac mulieribus et pauci aderant non habentes aut candelas aut cereos accensos in manibus. Tum lampades innumerabiles et candelabra lucebant, quae omnia modulantibus organis et canente clero admirabiliora reddebantur.*
>
> *Ventum est ad aram maximam non sine magno labore inter conserctissimas* [conserctis-: sic Totaro] *turbas, quae vix gladiis dabant locum. Sub ara corpora iacent divorum apostolorum Petri et Pauli orbe toto veneranda. Hic preciosum beati Andreae caput repositum est. Quod praelati et viri excellentes, qui aderant omnes exobsculati sunt.*[84]

Em S. Pedro, o cardeal Bessarion proferiu um discurso substancialmente diferente daquele que Pio II pronunciara no início da cerimónia: mais elaborado do ponto de vista argumentativo; mais agressivo no que diz respeito à questão muçulmana e no apelo à guerra

[83] *Ibidem*, p. 1540. A referência à marca pessoal de Pio II na basílica é discreta. Na altura em que a cerimónia decorreu, estava projectada a construção da *loggia* das bênçãos da qual já estava erguida uma coluna de mármore. Pio II construiu um púlpito de madeira, do cimo do qual mostrou a relíquia de S.to André ao povo. Note-se, ainda que, na altura em que os *Commentarii* foram escritos, as obras já estavam mais adiantadas. Sobre essas obras ver RUBINSTEIN, Ruth Olitsky, "Pius II's Piazza S. Pietro and St. Andrew's Head," in MAFFEI, *Enea Silvio...*, pp. 221-243.

[84] PIO II, *Commentarii,* VIII, 2, p. 1542.

(Bessarion, ao contrário do Papa, não fala nos Turcos, mas na *gens mahumetica*).[85] De facto, a oratória de Pio II, nestas páginas da sua autobiografia, apresenta um carácter "popular": emocional e muito articulada com a imagem e o cerimonial envolvente.

A procissão da relíquia de S.to André — que corresponde, do ponto de vista do protocolo, à recepção de uma personagem importante[86]— é o programa do Papa Piccolomini para a cidade, quer do ponto de vista material, quer do ponto de vista ideológico. Do ponto de vista material, e embora em termos de arte produzida neste contexto, quase tudo o que se fez tenha sido arte perecível, subjaz a este itinerário uma concepção do espaço público em que espectacularidade dos grandes eventos se articula com espaços citadinos.[87] Do ponto de vista ideológico, por sua vez, a cerimónia representa uma mobilização do fervor cruzadístico, e anti-turco, em particular.

A cerimónia contém ainda um significado que para um leitor moderno passa despercebido: a relação entre uma relíquia e a cidade. A relíquia é um sinal sensível, admirável (mesmo no sentido visual) da santidade. A santidade sem esse sinal perde a capacidade de comunicar com os habitantes de uma cidade (por isso, equivale à presença pessoal do apóstolo na cidade, como se vê pelos discursos de Pio II). Nesse sentido, o relevo dado à própria relíquia e a retórica do gesto (beijar e mostrar a relíquia), em detrimento da comunicação verbal, decorre de uma estratégia de comunicação baseada na relação entre a relíquia e o povo que assiste. Este significado da relíquia permite compreender o investimento feito por Pio II nesta cerimónia (e, ao mesmo tempo, explica a amplitude que adquire na narrativa).

No conjunto dos *Commentarii*, o episódio da recepção da relíquia de S.to André tem um lugar estrutural quase simétrico ao do Congresso de Mântua e, na verdade, o que os une é o facto de serem um prolongamento do impulso cruzadístico de Pio II. O sentido da procissão não deve ser visto, por conseguinte, como isolado dos seus significados políticos. Trata-se,

[85] Cf. *ibidem*, pp. 1544-1554. Para um exemplo da retórica guerreira ver o seguinte passo: *nunc vomeres* /p. 1552/ *in gladios vertendi; nunc vendenda tunica et gladius emendi* (*ibidem*, p. 1552).

[86] Conforme nota BURROUGHS, *From Signs...*, p. 207 a relíquia pernoita fora da cidade e no dia seguinte há um encontro em um lugar marcado. É possível que tenha havido uma melhoria da Via Flamínia embora como afirma o mesmo BURROUGHS, os melhoramentos de Nicolau V à Ponte Mílvia talvez se tenham estendido a essa via.

[87] Especificamente, e para evocar uma relação já posta em relevo (cf. supra p. 397 e n.), pode observar-se ao longo do itinerário uma articulação segundo a qual a praça diante de cada basílica ou *palazzo* funciona como o seu teatro.

aliás, de uma unidade de pragmatismo político e de sacralidade hierática; unidade que é uma característica de Pio II.[88]

3. 4. A procissão do *Corpus Christi* em Viterbo ou a fuga de Roma

A cerimónia de S.to André glorificava de algum modo a cidade conferindo-lhe importância para toda a cristandade. Pelo contrário, e ainda no livro VIII, a festa do *Corpus Christi*, uma procissão de significado universal, foi celebrada, por escolha do Papa, em Viterbo. As razões da escolha prendem-se com o facto de o Papa se ter deslocado às termas da cidade, em uma jornada que lhe proporcionou o gozo de uma paisagem colorida com a estação primaveril.[89] Recebido em Viterbo com as maiores honras pelos habitantes, Pio II, sem descurar o trabalho (consistórios e assinatura), continuou a gozar a paisagem em passeios matutinos pelo campo.

Por consequência, a escolha de Viterbo prende-se em primeiro lugar com a circunstância de o Papa ali se encontrar em Maio. No entanto, pesaram outros motivos: a peste que grassava em Roma; as conveniências do lugar. Com efeito, Viterbo apresentava excelentes condições em termos de resposta no que concerne ao padrão de vida que se requeria para a presença da cúria: a *urbanitas* e a *humanitas* do povo; a *amoenitas* da cidade em que quase todas as casas tinham água e jardim; a boa gastronomia (bom vinho que se comparava aos da Toscana; pão saboroso e de óptimo aspecto; carne de animais alimentados com bom pasto; peixe do mar Tirreno ou do lago de Bolsena); e até a facilidade em encontrar forragem para as montadas dos dignitários eclesiásticos. Em suma, para um acontecimento

[88] Sobre isso recorde-se a opinião de D'Ascia, Luca, *Il Corano e la tiara: l'epistola a Maometto di Enea Silvio Piccolomini (papa Pio I)*, introduzione ed edizione, Bologna, Pendragon, 2001, p. 86: "Enea Silvio si muove con disinvoltura fra i due piani di un'immagine del mondo dualistica: i venerandi cardinali che nei *Commentarii* del pontefice marciano a piedi, a Roma, in occasione della traslazione delle reliquie di Sant'Andrea sono quegli stessi che avevano partecipato al famigerato conclave nelle latrine. Questo senso del sacro, ugualmente lontano dall'interiorità agostiniana e dall'unzione controriformistica, non è in contraddizione con una lettura essenzialmente politica della storia. Pio II crede nell'infallibilità della Chiesa come *corpus mixtum*, entro il quale i vizi morali dei singoli membri non infirmano la validità oggettiva delle ceremonie; crede, anche, nel valore del rito come ato politico, che ricostituisce la legittimità dell'istituzione dopo una lotta per il potere senza escluzione dei colpi."

[89] Cf. *Commentarii*, VIII, 6, p. 1580. Sobre essa jornada de Roma para Viterbo cf. supra p. 283.

da maior importância religiosa invocam-se razões que têm a ver com a comodidade, a boa vida e o prazer![90]

Viterbo opõe-se a Roma, nesta parte da narrativa, por um quase esvaziamento político (não há menção de questões políticas a respeito desta cidade, apenas a simpatia do povo), e pela sua maior comodidade (aspecto oportuno por causa do Verão que se aproximava).[91] Apesar desse esvaziamento político, a cidade é palco de um grande evento que contém elementos muito importantes sobre a forma como Pio II concebe o espaço urbano.

A análise da cerimónia, no âmbito deste trabalho, justifica-se por duas razões: por um lado, pela importância conferida à cidade com o arranjo urbano que Pio II ordenou como preparação, e com o uso dos espaços urbanos; por outro, pelo significado que lhe é conferido em termos de economia narrativa. Sobre este último aspecto, notemos que a festa do *Corpus Domini* é um dos trechos maiores da narrativa a par das narrativas do Congresso de Mântua e da procissão da relíquia de S.to André (que a precede no livro VIII). Em plano mais imediato, porém, a procissão insere-se depois da acrimoniosa troca de cartas entre Luís XI e o Papa por causa da disputa pelo trono de Nápoles.[92] Por outras palavras, a descrição vem na sequência de uma afirmação de Roma como cabeça da cristandade, i.e., a procissão da relíquia de S.to André, e depois de um conflito com o rei de França que põe em causa a autoridade papal.

Os preparativos ordenados pelo Papa constituem um sinal da importância do evento ao mesmo tempo que denotam aspectos de uma concepção de Pio II quanto à forma de uma cidade. Com efeito, Pio II mandou desobstruir a via que atravessava a cidade ligando a cidadela à catedral. Para isso mandou demolir o *loggiato*, os alpendres e os estrados de madeira que faziam com que o casario medieval entrasse pela rua dentro impedindo uma vista da casa seguinte em perspectiva:

> *Atque in primis eius rei causa viam publicam, quae ab arce per mediam urbem ad cathedralem ducit ecclesiam, crebris impeditam moenianis et tabulatis, et porticibus ligneis deformatam, purgari et ad pristinum reduci splendorem iussit. Ablata sunt omnia quae prominebant et prospectum vicinae domus auferebant. Reddita est ubique sua mensura viae.*

[90] Cf. *ibidem*, p. 1584.

[91] Embora esse esvaziamento político não se observe na percurso mantuano, como já se viu.

[92] Cf. Pio II, *Commentarii*, VIII, 7 pp. 1586 ss. Na troca de argumentos entre ambos menciona-se amiúde a Pragmática Sanção — uma das maiores afrontas ao poder papal ab-rogada por Pio II.

> *Quicquid ablatum e publico fuerat restitutum; nec paries parietem excedere, nec tectum tecto amplius prominere permissum.*[93]

Assim, mediante este alinhamento das fachadas, Pio II confere à rua a marca teatral que é própria da cidade renascentista.[94] É neste cenário urbano, remodelado segundo a sensibilidade renascentista, que a narrativa descreve os quadros que compõem a procissão do *Corpus Domini*.

O Sumo Pontífice ergueu junto ao cemitério de S. Francisco um templo lígneo ornado de tecidos de várias cores e de tapeçarias que retivessem o olhar dos espectadores.[95] O templo tinha um vestíbulo ornado de sedas e de tecidos brocados a ouro e ainda um quarto com cama, cuja colcha, feita de panos diversos (sedas, lãs), ostentava imagens de homens ilustres e de animais.

Uma alameda composta por vários arcos ligava esse templo à fonte situada em plano inferior ao do templo. A rua em que foi erguida essa alameda estava atapetada de flores e a meio havia um arco triunfal, uma figuração das virtudes cardeais, as armas do Papa e ainda as de diversos reis e de cardeais. As paredes das casas da rua estavam revestidas de tapetes e de flores.

As vésperas foram celebradas nesse templo em ambiente rico de sensações: o sol atravessa a cobertura de lã e tingia o ambiente com cores que lembravam o arco-íris; um coro de vozes infantis, acompanhado por instrumentos, criava a imagem da corte celeste com o seu *Summus Rex* (que, deduz-se, seria o próprio Papa). Na alvorada do dia seguinte, o Papa acompanhado dos cardeais dirigiu-se, em procissão solene, para o templo e transportou a hóstia sagrada desse altar para a catedral perante numerosa assistência.

Só após este preâmbulo, relativo ao trecho de via que coube ao Papa ornamentar, é que a descrição de Pio II prossegue com as decorações dos membros da cúria distribuídos pelos restantes espaços do percurso.

O cardeal de Rouen, Guillaume d'Estouteville, juntamente com os cardeais de Coutances e Albret, escolheram tapetes de Arras e altares dourados e prateados. Seguiam-se

[93] *Ibidem*, p. 1594.

[94] Cf. Pieper, *Pienza*, p. 16: "La disposizione spaziale della città del primo Rinascimento nasceva piuttosto dall'intenzione di creare un campo d'azione per il gioco alterno della vita pubblica."

[95] Pio II, *Commentarii*, VIII, 8, p. 1594 s (para toda a decoração papal que apresentamos na nossa exposição).

os cardeais referendários que optaram por colocar, sob um altar mais elevado, uma encenação ao vivo com o Salvador, de peito aberto e o sangue a escorrer para um cálice, ladeado por crianças que recitavam poemas em hexâmetros e dísticos elegíacos.[96]

Juan de Torquemada, cardeal de S. Sisto, escolheu também uma encenação da Última Ceia com S. Tomás de Aquino a assistir. O jovem cardeal Francesco Gonzaga, decorou o seu sector com tapeçarias que retratavam cenas diversas. O trecho seguinte, do cardeal de Porto, Juan de Carvajal, ostentava uma encenação ao vivo com um dragão e vários espíritos malignos. À passagem do Sumo Pontífice, um soldado cortou a cabeça do dragão e as imagens dos espíritos malignos caíram.

Tal como na procissão da relíquia de S.to André, também aqui o vice-chanceler, Rodrigo Borja, recebeu grandes louvores por parte do narrador, como se pode julgar pela descrição pormenorizada que faz do arranjo e da encenação bastante mais desenvolvida que qualquer uma das anteriores e que tinha como objectivo exaltar o papel temporal do Papa:

> *Proximus deinde Vicecancellarii apparatus occurrit, quattuor et septuaginta passibus protensus: cortina claudebat purpurea dives ostro simulachra et personatas historias et cubiculum adornatum et lectum preciosum et fontem, qui non aquam modo, sed optima quoque vina per varias fistulas profunderet. Appropinquanti Pontifici duo se obtulerunt pueri tanquam angeli suave canentes, qui postquam flexo genu divinam hostiam honorarunt et Praesulem salutarunt, retro ad cortinam reversi suavi et alta voce cecinerunt: "Attollite portas, principes, vestras, et introibit rex pius, dominus mundi!" Intus, apparatu magnifico quinque reges et armatorum cohors prohibere videbantur ingressum; qui auditis angelis: "Et quis est iste rex pius?" re-*/1602/*sponderunt: et angeli propter Sacramentum quod Pius in pompa ferebat: "Dominus" inquiunt "potens in orbe." Quo dicto, mox cortina remota, patuit aditus et simul insonuere tubae et organa et musicorum instrumenta quamplurima, et reges Pontifici adulantes voce canora et dulci de laudibus eius heroicos versus alternantes recitavere. Intereundum et homo silvester occurrit, leonem captivum ducens, cum quo saepe luctatus est. Sublime pannorum erat per omnem plateam, quae fontem ambit, et dives tectum; pendebant vexilla, in quis Callisti praesulis et Borgiae, quondam praefecti urbis insignia visebantur. Aulea quoque, non materia minus, quam ingenio et arte ditissima, lateribus hesere, quae non turbae tantum imperitae, sed ipsorum quoque sapientum virorum distinerent oculos, atque animos pascerent.*

[96] Na descrição Pio II usa o termo *emulari* para o significado "representar ao vivo" (e. g. o jovem que faz de Salvador com o sangue a gotejar para o cálice: *iuvenem quaemdam* [sic apud Totaro; Heck, p. 500, l. 28: *iuuenem quendam*] *emularetur sudaretque sanguinem*, (*ibidem*, VIII, 8, p. 1598) e *repraesentari* (cf. infra p. 406); *apparatus*, por sua vez, é o termo mais usado para o arranjo quer seja cenário para uma representação, quer apenas ornamento. Ao longo da obra *apparatus* é usado nomeadamente para a cerimónia de recepção a D. Leonor (cf. *ibidem*, I, 22) e para a cerimónia da recepção da relíquia de S.to André (cf. *ibidem*,VIII 2); *apparare* é usado para ornamentar e dispor uma preparação grandiosa (cf. *e. g. ibidem*, VIII, 2, p. 1532: *ut ergo cuncta fuerunt apparata et pompa coeperat incedere, descendit Pontifex*; ou também *ibidem*, VIII, 2, p. 1538: *Cardinales qui eo itinere habitabant cuncti suas domos mirifice appararunt*).

> *In exitu triumphalem arcum in arcis modum aedificatum armati milites occupavere, qui tormentis aeneis imitati tonitrua transeuntibus ingentem incussere timorem.*[97]

A este espectáculo de quase apoteose do Papa, a que não faltou o estrondo de armas de fogo que infundiu temor à assistência, seguiu-se o cardeal de Santa Susana, Alessandro Oliva da Sassoferrato, com uma cena estática, sob um pano, a imitar o firmamento nocturno: uma fonte de vinho (branco), estátuas que fingiam sorrir e cantar, e um coro de vozes acompanhadas de instrumentos (talvez para criar um efeito de ilusão das vozes ao vivo como se fossem das próprias estátuas).

Niccolò Fortiguerra, tendo a seu cargo a praça dos magistrados da cidade, dispôs também uma complexa cena com a contribuição de artífices da sua cidade natal, Pistoia. A praça, coberta com uma tela azul e branca e com tapeçarias em redor, tinha arcos revestidos a hera e flores e sobre cada coluna dos arcos uma criança a cantar; no centro, rodeado por soldados adormecidos e anjos, o sepulcro de Cristo ressuscitado. Um anjo sobrevoava o céu, i. e., uma criança presa a uma roldana que corria sobre uma corda, saudava o Papa à sua passagem e entoava um hino anunciando a Ressurreição do Salvador. O propósito catequético de tais encenações é bem claro na reacção dos espectadores: *Fit silentium, nemo non tacet, auditur summa omnium voluptate, tanquam res vera gereretur et certus esset e coelo nuntius.*[98] Seguiu-se uma explosão de pólvora em uma panela que era erguida ao alto. Os soldados acordaram e abriu-se então o sepulcro do qual saíu um actor, realisticamente caracterizado como Ressuscitado, que saudou a assistência em vulgar:

> *qui Salvatoris personam gerebat subito prodiit, homo ruffus, statura et aetate persimilis Iesu, vexillum Crucis manu tenens, ornatus diademate, et qui cicatrices vulnerum perlucidas ostenderet, et versibus Italicis partam Christiano populo salutem diceret.*[99]

A esta representação seguiram-se outros arranjos menos sofisticados, mas não de menos valor (pelo menos do ponto de vista do narrador): o cardeal de Avinhão, Alain de Coëtivy, com um altar e decoro de origem francesa; o cardeal de Pavia, Jacopo Ammannati, que, além de tapeçarias, erigiu arcos e dispôs crianças com velas na mão. O trecho de via que se seguiu é apresentado pelo narrador como sendo de menor qualidade até porque, como o próprio diz, indiciava os respectivos *pauperes dominos*. Sabemos por outras fontes a quem couberam estes

[97] *Ibidem*, pp. 1600 s.
[98] *Ibidem*, p. 1604.
[99] *Ibidem*, p. 1604.

sectores: à *Arte della Lana*, aos Judeus, à *Arte dei Calzolari*, grupos que faziam parte da cidade, mas que, do ponto de vista do narrador, seriam de segundo plano.[100]

Retomava a linha das decorações da cúria Ambrogio Spannochi, o tesoureiro pontifício; e com ele melhorava a qualidade das decorações, de acordo com o narrador: *meliori cultu viam instruxit*.[101] Por fim, o cardeal de Arras, Jean Jouffroy, ficou com o trecho da via com início na ponte até à praça em frente à catedral. O espaço foi coberto com tecido de lã inglesa, que o cardeal encomendara em Florença com o intuito de vestir a sua criadagem; os lados ostentavam tapeçarias de Arras.[102]

O último sector da cidade ficou a cargo do cardeal dos Quatro Santos Coroados, Juan Luis del Milà, que reintroduziu na procissão as encenações complexas. Na praça, coberta com tapeçarias e outras preciosidades, ergueu um altar e dispôs à direita um trono para o Papa e assentos para os cardeais; à esquerda, assentos para bispos, protonotários e abades e ainda, uma capela decorada tal como a do Palácio Apostólico. Na parte mais alta da praça, erigiu o sepulcro da Virgem e no cimo do casario figurou a corte celeste com o seu Rei, Deus no trono da sua majestade, rodeado dos coros de anjos e de santos, e ainda dos astros. Neste cenário, depois da missa, foi representada a Assunção da Virgem. Uma criança que fazia de anjo anunciou a Assunção; o sepulcro abriu-se, e segurada pelas mãos de anjos, saiu uma belíssima virgem que foi elevada no ar e deixou cair o seu cinto nas mãos do apóstolo (S. Tomé). Chegada ao céu, correram ao seu encontro o Pai e o Senhor, o qual, depois de a beijar na fronte, apresentou a sua mãe ao Pai Eterno e colocou-a à sua direita. O culminar da representação era a celebração com música cantada e tocada e com movimentos e dança de júbilo:

> *Tum canere coelestium spirituum agmina, musica instrumenta tangere, laetari, gestire et cuncta in coelo ridere.*[103]

[100] Ver o mapa da cidade com a distribuição de sectores em Valtieri, Simonetta, "Tutta una città come luogo teatrale per il Corpus Domini del 1462: una memorabile festa organizzata da Pio II a Viterbo, *Biblioteca e Società*, 2, 2 (1980), p. 22.

[101] Pio II, *Commentarii*, VIII, 8, p. 1606.

[102] *Ibidem*, p. 1606. Visto que algumas das casas que ladeavam a rua nesta parte eram baixas, o cardeal ergueu barrotes mais altos ligados por cordas para pendurar a tela e, dado o vento forte que se fizera sentir durante a noite, o pano rasgou-se; o narrador não esconde a ironia: prejuízo para a criadagem que ficou sem nova vestimenta!

[103] *Ibidem*, p. 1608.

Era a última representação do conjunto das que se distribuíam ao longo do percurso, mas o narrador ainda descreve uma outra. Com efeito, ao mesmo tempo que decorrera a missa e a Assunção da Virgem, houve uma representação da Paixão. A estética do realismo cru atinge aqui o seu ponto mais alto:

> *Illud miraculi praecipuum fuit, quod aulici Pontificis paravere: homo Christum exprimens, pudibunda tectus, cetera nudus, coronam spineam in capite gerens et tanquam sudaret sanguinem pictus, crucem baiulans, in qua pependisse videretur, ab ecclesia Sancti Francisci usque ad maiorem, curru vectus in* /p. 1610/ *pompa, cum missa celebraretur et assumptio repraesentaretur matris Domini, immobilis et quasi statua perseveravit.*[104]

Em suma, a cidade de Viterbo é transformada em um palco sobre o qual se montam cenários e onde se desenrolam diversos espectáculos. Esse teatro tem um contexto urbano — e nesse sentido o teatro no espaço público e citadino constitui um deslocamento do ambiente onde tradicionalmente se representava, i. e., a corte[105] — mas o seu produtor principal é a cúria (como se fosse uma cidade no interior da cidade). Além disso, é um teatro com uma particular modalidade ficcional. É que, nestas representações, a ficção é um meio para representar e intervir em uma realidade que é a fé dos espectadores: o estrondo da panela de pólvora ou o das armas de fogo para incutirem temor não podiam ser entendidos como representação, mas como actualização da fé.

Terminada a procissão, a narrativa desloca-se do espaço citadino para o âmbito palaciano. Pio II ordenou ao povo que se dirigisse para junto do Palácio dos Papas, para assim receber a bênção da janela.

No palácio, Pio II é presenteado pelo cardeal dos Quatro Santos Coroados, com um banquete onde nem a música faltou. Mais uma vez nos *Commentarii* Pio II descrever um monumento, a arquitectura do palácio de Viterbo, fascinado pelo seu fausto:

> *Palatium vetus et amplum fuit, maiori coniunctum ecclesiae, quod Romani pontifices olim aedificavere, cum saepe apud Viturvienses agerent. Triclinia et cubicula sunt digna principe. Cardinalis cuncta magnifice exornavit. Aula erat altissimis suspensa fornicibus et quae lucis multum et gratissimum haberet prospectum, et marmoreum in medio fontem, largas et perspicuas aquas pluribus fistulis eructantem; hunc auro et argento vestivit. Aulea pro*

[104] *Ibidem*, pp. 1608 s. Sobre o realismo cru e outros aspectos da estética destas representações ver VALTIERI, "Tutta una città...," p. 20.

[105] Note-se ainda como estas representações se caracterizam por um realismo cru, em contraste com o simbolismo das seus congéneres medievais (os mistérios e o teatro religioso em geral): cf. VALTIERI, "Tutta una città...," pp. 19 s.

> *parietibus praeciosa suspendit, quae memoratu dignas historias continerent, et ingenium prae se ferrent artificis nobilissimum.*[106]

O espaço do palácio, na ordem da narrativa, estabelece uma relação de oposição com a cidade, na medida em que marca o fim da cerimónia pública e o recolhimento à hospedagem com a devida *magnificentia* do cardeal Juan Luis del Milá. Mas estabelece igualmente uma relação de continuidade, na medida em que, na procissão, o centro estava na cúria que impõe à cidade o seu gosto, o seu uso dos espaços públicos e dos signos (i. e., as representações, as tapeçarias, as esculturas). Do ponto de vista do narrador, é menos a cidade que conta do que a cúria ali presente que constitui um elemento cosmopolita, como se pode ver pela diversidade de ornamentações (alguns cardeais exibem a arte dos respectivos países) e que comunica com a cidade por meio das suas manifestações artísticas.

Noutro plano, o mais importante significado da procissão do *Corpus Christi* é a afirmação do papel temporal do Papa. Essa afirmação faz-se sobretudo por uma mistura do divino e do político graças a diferentes processos mais ou menos explícitos. Há uma subliminar afirmação de continuidade entre a cúria e a corte celeste, continuidade em que o Papa ocupa uma posição análoga à de Deus; e, paralelamente, há uma afirmação explícita desse *dominium* até no plano temporal (visível, por exemplo na encenação do vice-chanceler em que o salmo que exalta a majestade divina é adaptado ao Papa). E sobre esse significado catequético o epílogo do narrador não deixa dúvidas: a cidade parecia ter-se transformada na pátria celeste.[107]

3. 5. Pio II e Roma: hipóteses para compreender um (des)afecto

Como vemos pela análise que acabámos de fazer, estabelece-se entre Pio II e a cidade de Roma uma relação que assenta em fundamentos diversos (afecto, conflito de interesses políticos). Daí a ironia com que Pio II encara a volubilidade dos Romanos e a sua contraditória relação com a *signoria* papal; uma relação dividida entre o interesse próprio e a

[106] Pio II, *Commentarii*, VIII, 8, p. 1610. Critérios como a amplidão de espaço, a abundância de luz, as matérias nobres, comparecerão novamente na descrição do seu palácio em Pienza.

[107] *Quicunque ea die Viturvium intravere et tot miracula tantumque rerum ordinem et apparatum per urbem incendentes* [*incendentes*: sic na edição de Totaro em vez de *incedentes* cf. ed. Heck, p. 504, l. 36.] *intuiti sunt, Deorumque certissimum domicilium sese ingressos, non hominum habitacula, putaverunt et coelestem patriam vel vivos in carne sese spectasse dixerunt.* (*Ibidem*, VIII, 8, p. 1612)

divergência ideológica e que alterna entre os protestos de amor (tanto da parte de Pio II, como da parte dos Romanos) e a relação de simbiose económica entre a cidade e a cúria. Além disso, fica uma imagem dupla de Roma assente, por um lado, no seu simbolismo cristão (cidade de apóstolos e mártires), e, por outro na contemporaneidade. É indiscutível, todavia, que o quadro de referências dos *Commentarii* substitui a Roma pensada segundo os ideais providencialistas e universalistas medievos por um novo ideal político onde o papado restabelecido se torna a referência principal da cidade.[108]

Vimos também que, no plano diegético, os lugares de Roma são visitados na narrativa como cenário de algum momento da insurreição e como cenário da procissão. Essa arquitectura narrativa permite elaborar uma geografia afectiva dos lugares romanos: lugares sobre os quais o narrador exprime juízos estéticos laudatórios ou simplesmente menções que indiciam uma selecção de lugares significativos; ou ainda lugares mais centrais ou mais periféricos, na medida da relação que com eles mantém o protagonista.

A geografia afectiva de Pio II oscila entre os pés do apóstolo, que beija comovidamente por mais do que uma vez, e o denso *abitato* que fica na outra margem do Tibre, que tem nos palácios dos cardeais, nas basílicas e igrejas os seus pontos de referência.

A estes dados obtidos a partir da leitura dos *Commentarii*, devemos acrescentar a seguinte questão para compreender a imagem de Roma na obra: teve Pio II um projecto para a cidade, à semelhança dos projectos urbanísticos de Nicolau V, ou, pelo menos, teve a intenção de deixar a sua marca?

Efectivamente, o Papa Piccolomini fez várias obras em Roma[109]: vários arranjos no Palácio Apostólico e uma remodelação importante na praça e na basílica de S. Pedro, de que podemos salientar o restauro e ampliação da escadaria para a cerimónia da recepção da relíquia de S.to André,[110] e ainda a construção da *Loggia* das bênçãos que seria continuada nos pontificados seguintes. Todavia, nenhuma destas obras é posta em relevo nos *Commentarii.*

[108] Sobre o quadro cultural em que deve ser compreendida a cidade de Roma no Renascimento ver GAETA, "Sull'idea di Roma...," pp. 169-86. O autor, que analisa o texto de Manetti sobre o plano urbanístico de Nicolau V, afirma que, no Renascimento, a ideia de Roma deixa cair o aspecto político que tinha em Cola di Rienzo ou Petrarca, e transfere-se para o "piano letterario-artistico-filosofico" (p. 171) — uma leitura que os *Commentarii*, não convalidam.

[109] Sobre as obras de Pio II em Roma ver: MÜNTZ, *Les arts à la cour...*, pp. 266-308; ZIPPEL, Giuseppe, "Paolo II e l'arte. Note e documenti (1910-1911). IV. Gli edifici di San Pietro," in *L'arte*, 14 (1911) pp. 182-197.

[110] Ao cimo da qual foram colocadas duas estátuas de S. Pedro e S. Paulo da autoria de Paolo Romano, ver MÜNTZ, *Les arts à la cour...*, pp. 278, n. 1.

Aliás, as obras na escadaria de S. Pedro são mencionadas na sequência de outras referentes a localidades periféricas, em termos modestos:

> *Corruerant sub Callisto pontifice marmoreae gradus scale, per quos in aedem Sancti Petri ascendebatur. Vetustas marmora ipsa corroserat, et diu calcata contriverat; adeo nihil resistit aevo! Pontifex magno sumptu instauravit, scalasque ipsas commodiores pulchrioresque reddidit et statuis adornavit, marmoribus candidissimis ex Lyguriae montibus advectis.*[111]

De facto, nem sequer está incluída nessa remodelação a *loggia* das bênçãos que, apesar de ter ficado inacabada, não é menos importante.[112] Que essa obra de Pio II no Vaticano não pode ser diminuída do ponto de vista artístico foi plenamente demonstrado por Christoph Frommel.[113] Com efeito, é a primeira obra que apresenta de forma desenvolvida o motivo do *tabularium,* que consiste na sobreposição de arcadas e de colunas adossadas, encimadas por cornija.[114] O motivo é descrito com rigor no *De re aedificatoria*, a propósito da construção dos teatros antigos, e é, por conseguinte, uma imitação da arquitectura romana.[115]

Há, de resto, bastantes elementos que indiciam um paralelismo entre as ideias de Alberti e a obra que foi feita a pensar na cerimónia da recepção da relíqua de S.to André, nomeadamente:

— A importância de os bispos comparecerem diante do povo (com uma crítica àqueles que apenas se mostravam ao povo no início do ano);[116]

— A recomendação de séries de sete ou nove degraus;[117]

— As proporções de pórticos nas praças;[118]

— O desimpedimento do espaço nas basílicas para facilitar o trânsito;[119]

---

[111] *Ibidem*, V, 15, 926). A primeira dessas obras, proposta pelos habitantes de Corneto, uma povoação da Toscana, era um projecto de ampliação do porto com vista a receberem embarcações de carga maiores e assim poderem ter maior capacidade de exportação do trigo que ali se produzia. O erário apostólico, segundo os proponentes do projecto, seria grandemente beneficiado graças ao aumento na tributação respectiva. A segunda obra foi a das fortificações de Civitavecchia (cf. Pio II, *Commentarii*, V, 15, p. 924s.

[112] Como recorda Campano, *Vita Pii secundi*, p. 67, ll. 19 ss: *Scalas quoque instauravit pro foribus templi vetustate collapsas, stravitque aream amplissimam, vestibulo palatii communito turri excubatoria. Incoatam supra scalas marmoream porticum imperfectam reliquit.*

[113] Frommel, Christoph Luitpold, "Francesco del Borgo: Architekt Pius' II. und Pauls II. I. Petersplatz und weitere römischen Bauten Pius' II. Piccolomini," sep. de *Römisches Jahrbuch für Kunstsgeschichte*, 20 (1983), pp. 146 ss.

[114] Ver ilustração de Antoine Lafréri em <http://bibliotheque-numerique.inha.fr/collection/6217-speculum-romanae-magnificentiae/>, consultado em 7-11-2011.

[115] Alberti, *Da arte edificatória*, VIII, 7, p. 552.

[116] O contexto era o da unicidade do altar no tempo dos Padres da Igreja. Cf. *ibidem*, VII, 13, p. 486.

[117] Cf. *ibidem*, I, 13, p. 184.

[118] Cf. *ibidem*, VIII, 6, p. 539.

[119] Cf. *ibidem*, VII, 14, p. 489s.

— As funções dos festivais entre os Romanos.[120]

Portanto, Pio II tinha projectos importantes para a cidade sobretudo na área vaticana. No entanto, os *Commentarii* mostram muito pouco dessa vertente da acção do Papa. Que balanço podemos fazer acerca da relação Pio II/Roma a partir do que dizem e do que subentendem os *Commentarii*? Em parte, esse balanço já foi feito por Anna Modigliani, pelo que vamos recordá- -lo aqui nos seus pontos essenciais.[121]

Em primeiro lugar, falta na obra piccolominiana uma descrição de Roma quando são tantas as descrições de cidades na sua obra, como já se viu neste trabalho. Quais as razões? Seria o caso de uma persistente imagem de declínio que já vem da Idade Média e se encontra amiúde na literatura do *Quattrocento*? Como não lembrar o contundente retrato de Giannozzo Manetti da Roma de meados do século? Uma quantidade de edifícios e ornamentos antigos, arruinados ou destruídos para fazer cal, ombreia com um tecido urbano contemporâneo que, no juízo do humanista florentino, é decepcionante:

> *Molti edifitii di palazzi trionfali, di ressidentie, di* /p. 166/ *sepulture, di tempj et di altri ornamenti ci sono, et copia infinita, ma tutti rovinati, porfidi et marmi assai di quelle cose antiche, e quali marmi tutto giorno per calcina si disfanno, che è una villania. Le cose moderne ci sono molto triste cioè e muramenti, e il bello di Roma son le cose disfatte.*[122]

O retrato de um cortesão do próprio Pio II, o bispo Giovanni Antonio Campano, em carta a Matteo Ubaldo, repete essa lamentação. A Roma contemporânea, segundo o bispo de Teramo, faz uma triste figura ao lado da grandiosa Roma de outrora, tanto do ponto de vista do tecido urbano como do ponto de vista social.[123]

---

[120] Cf. *ibidem*, VIII, 7, pp. 543 ss. Sobre as obras de Pio II em Roma ver Rubinstein, "Pius II's Piazza..." (especificamente sobre a relação entre a *loggia* e as ideias de Alberti ver p. 243).

[121] Modigliani, "Pio II e Roma," pp. 92-99.

[122] Manetti, Giannozzo, *Carta a Cosimo Medici*, Roma Março de 1443, in Fabroni, Angelo, *Magni Cosmi Medicei vita* [...] *II. Adnotationes et monumenta* [...], Pisis, MDCCLXXXVIII, Excudebat Alexander Landi, pp. 165-66.

[123] *Magna me libido incenserat videndi Romam, cum propter rerum antiquarum magnitudinem, quam adhuc extare cogitabam, qualem plurimi rerum scriptores posteritatis memoriae mandaverunt, tum ut summum Pontificem, quem antea numquam conspexeram, adorandi et mea expiandi gratia convenirem. Sed o utinam numquam accessissem! Omnia etenim longe aliter evenere quam fueram opinatus. Primum magnitudinem vidi nullam. Urbs magna sui parte diruta, mulltisque in locis funditus deleta, vim mihi lachrimarum excussit. Quadrati enim lapides antiquis litteris incisi jacentes ubique conculcantur. Edificiorum reliquiae paucissimae, et quas vetustas ex omni parte exedere non potuit. Columnae passim occurrunt eximiae magnitudinis longe lateque disjectae, quaedam pro aliquo impetu confractae vel consumptae vetustate. Gens ipsa barbaria multo quam Romanis similior, aspectu foeda, sermone varia, disciplinis imperita, cultu agrestis rusticaque videtur. Nec mirum: quae ex omni parte orbis terrarum in eum locum tamquam in vivarium servile confluxerit. Nam, si ad cives respicias, paucissimi sunt qui specimen illud priscas nobilitatis retineant. Nam gloriam et splendorem militarem, magnitudinem imperii, severitatem morum, integritatem vitae, tamquam vetera et aliena despicientes, in luxum, mollitiem, egestatem,*

Obviamente que não se podem comparar os juízos de alguém que está na cidade de passagem, em trabalho ou missão diplomática, e os de quem vive nela como sua autoridade máxima (e a esse título escreve).

Como já se viu acima, o Papa, em diversos discursos, procurava inocular o discurso municipalista e as suas aspirações à liberdade, identificando o *seruire* a *signoria* papal com uma autêntica liberdade. A esse respeito o uso do termo *ciuis* nos *Commentarii* é elucidativo.

O termo *ciuis* é frequentíssimo ao longo da obra e, no caso de Roma, apresenta o mesmo sentido que habitante, sendo a única excepção a confissão que o narrador atribui a Tiburzio e em que este se apresenta como *ciuis Romanus* — expressão que tem, nesse contexto, um sentido político pleno.[124] Pelo contrário, nunca é esse o caso quando se dirige aos Senenses — situação em que o termo *ciuis* implica um sujeito dotado de capacidade política.[125] O mesmo se diga de outros regimes republicanos como Florença ou Veneza.[126]

Quando aplicado aos Romanos, é também o sentido de habitante o mais frequente, embora não o único. Com efeito, podem apontar-se dois casos em que a palavra designa sujeitos a quem se reconhecem estatuto e capacidades políticas. O exemplo mais claro ocorre no contexto da conspiração de Tiburzio, em que a cidade fica dividida entre *ciues* e os

insolentiam, atque in effractam libidinem proruperunt. Dignitas omnis in sacerdotibus, quos aut claritudo generis in eum gradum, aut virtus eximia provexit. Hi sunt qui Romam esse faciunt qualem, non Romuli fortitudo, sed Numae Pompilii sanctitas fecisse fertur. Sed nec omnes sacerdotes esse possunt. Exteros servorum turbam judicandam putes: quorum alios coquos, alios fartores, alios lenones, alios scurras nebulonesque censeas. Hi sunt qui arcem obtinent capitolinam. Hi Catulorum, Scipionum Caesarum domos habitantes, clarissimas illorum statuas atque imagines pedore, vinolentia, fumo, culina, et omni denique spurca, coenosa foeditate deturpante obscurant, delent. Quis animo tam duro, tam ferrea mente, ut illa clarissima gesta recensens, summos atque repetens honores, a populo a Senatu, ab exercitu decretos, maximas atque amplissimas cogitans dignitates non eorum miseram vitam, et fortunae imbecillitatem damnare accusareque cogantur, cum videant in tantam spurcitiem, tantum squalorem et foeditatem clarissimas eorum imagines obduxisse, domos illustrissimorum hominum, ducum, imperatorum, a sicariis, coquis, lenonibus possideri, titulos earum, aut fumo culinarum obscuratos et foedissimarum rerum pedore funditus esse deletos, aut partim contemptu deletos, partim negligentia et vetustate consumptos? (cit. por Graf, Arturo, *Roma nella memoria e nelle immaginazioni del Medio Evo*, vol. I, Torino, Roma; Firenze, Ermanno Loescher, 1882, p. 54, n. 24.

[124] Cf. supra p. 389, n.

[125] Ver por exemplo os *ciues* de Siena com os quais está em conflito (e. g. Pio II, *Commentarii,* II, 12, p. 282). Note-se que, ao longo da obra, em referência às cidades de Florença, Veneza e Siena se fala de *Veneti*, *Florentini* ou *Senenses*; pelo contrário, quando se fala de Milão, é o nome de Sforza que surge.

[126] Ver supra, a descrição de Florença com a menção dos seus cidadãos mais notáveis; ou a contenda com os Venezianos a respeito de Cervia. Em muitas outras ocorrências, o termo aparece qualificado com *primarius* ou *primor*: são os *primarii ciues* de Roma que o saúdam aquando da sua eleição (cf. *ibidem*, I, 37, p. 226); ou os que fogem da peste em Áquila (cf. *ibidem*, XII, 11, p. 2328.); ou os *primarii ciues* que, na turbulência política de Génova, hesitam quanto ao partido a tomar, enquanto se vê o *populus libertatem asserere* (cf. *ibidem,* XIII, p. 2524).

revoltosos *filii ciuium*. Trata-se neste caso de uma expressão em que os cidadãos reconhecem que existe entre eles uma paridade em termos de cidadania.[127]

Conclui-se, portanto, que o discurso dos *Commentarii* exclui a possibilidade de o Papa encarar os Romanos como *ciues* (i. e., não podem ser senão *subditi*).

A esta impossibilidade de constituir a cidade como corpo político corresponde, do ponto de vista urbanístico, um vazio equivalente. Com efeito, Roma é uma cidade multipolar onde cada zona tem uma identidade própria mercê das associações com os poderes ali instalados. Vimo-lo ao longo da procissão da relíquia de S.to André. Para o compreender melhor, vale a pena acrescentar dois episódios, que colocaram em causa o poder papal, e que o mostram claramente.

O primeiro foi a excomunhão de Sigismondo Malatesta — uma das personagens mais negras da autobiografia — que foi acompanhada da queima de duas efígies em dois lugares diferentes de Roma:

> *Et Sigismundus quidem, totius malitiae caput et venenata mens, sine religione, sine fide, sine Deo, nullius peccati non reus, paulo post, quod tamen ante dictum est, de haeresi convictus condemnatusque est, et eius imago duobus in locis, et pro scalis basilicae Sancti Petri et in Campo Florum, publice exusta, quia compertum esset nihil eum de futura vita credere, et animas simul cum corporibus interire pertinaciter et procaci asserere lingua.*[128]

Portanto, os dois lugares escolhidos para consumar a condenação pública de Malatatesta são representativos: o primeiro do poder papal; o segundo, da cidade, i.e., do *comune* de Roma.

O mesmo acontece no caso da condenação à morte de Tiburzio que, conforme se viu acima, se realizou no Campidoglio, i.e. no lugar representativo do poder e das instituições comunais. A alternativa teria sido Castel Sant'Angelo — um símbolo da autoridade papal, enquanto o Campidoglio, representando os poderes da cidade, confere à condenação um outro significado: as sublevações não atentaram apenas contra a *Signoria* papal, mas contra a própria cidade.

Acresce a essa multipolaridade uma outra característica que se infere de duas anedotas que exprimem a sua leitura da realidade romana. A primeira é contada no relatório da

[127] Cf. supra p. 380, n. Cf. ainda supra p. 389.

[128] *Ibidem*, VIII, 3, p. 1558. O consistório que o condena e a cerimónia da queima da efígie em frente da basílica de S. Pedro são descritos com pormenor no livro VII, 11, pp. 1448 ss, todavia, sem referência a uma queima no Campo dei Fiori.

embaixada a Eugénio IV. Piccolomini, então secretário do imperador, demorou-se em Roma o bastante para conhecer a cidade e a cúria. Na relação dessa embaixada Piccolomini conta episódio eloquente do cardeal de Cápua, Niccolò d'Acciapaccio, que Eugénio IV condenara ao exílio. Após a morte do Papa Condulmer, o cardeal de Cápua entrou em Roma com grande favor do povo e do clero: não faltava mesmo quem lhe augurasse o pontificado. Acabou por ser dos menos votados e morreu pouco depois, ficando o seu palácio para o cardeal de Sant'Angelo, Juan de Carvajal. Daí Piccolomini extraiu a lição de que os homens, julgando construírem para si próprios, fazem-no para benefício de outros.[129]

A outra história é narrada nos *Commentarii* por altura do conclave. Na apresentação dos candidatos, diz o narrador que o cardeal de Avinhão, Alain de Coëtivy, apoiava o cardeal de Rouen, Guillaume d'Estouteville, porque com a eleição deste ganharia não só o bispado de Rouen como ainda o seu palácio em Roma (além da Chancelaria). A anedota mostra o ambiente competitivo entre os membros da cúria, em uma emulação que se concretizava no plano urbanístico, mais precisamente, nas residências: alguns tinham o poder de ditar o padrão de magnificência, outros seguiam-no.[130]

Portanto, a desconfiança de Pio II em relação à inconstância política de Roma, por um lado, e urbanística, por outro, já são antigas na sua obra. Em contrapartida, a cidade que a seguir se examina foi construída de raiz, e era uma tábua rasa quer do ponto de vista histórico, quer urbanístico.

---

[129] *Cardinalis Capuanus ut audivit Eugenium mortuum Romam venit, magnoque populi ac cleri favore exceptus est, exequiisque interfuit, et pro illo preces effudit qui ipsum in exilium miserat. Magni consilii vir fuit multarumque litterarum, aetate ac moribus maturus. Multi papatum illi auspicabantur. Sed non quae populi est opinio, eadem est senatus. Raro vulgus cum sapientibus sentit, pauci ex Cardinalibus remotiores illo fuerunt ab summo pontificio. is post electionem factam in morbum incidit, Eugeniumque morte secutus est. ejus aedes Cardinali sancti Angeli non minori hospiti obvenerunt. sic dum sibi edificare homines putant, alienis construunt, nec heredem suum quisquam potuit scire. incerti sunt et vani cogitatus nostri. non quod sapienter sed quod feliciter cogitamus impletur* (Baluzze, *Miscellanea*..., t. I, p. 339).

[130] A anedota vem contada no livro I, 36, p. 200: *Astabat ei Alanus Cardinalis Avinionensis, homo audax ac venalis, eiusque causam modis omnibus adiuvabat; non tantum quia gallicus gallico favebat, quantum quod ex promotione Vilhelmi ecclesiam Rhotomagensem et domum eius in Urbe et Cancellariam expectabat*. Os problemas que a dignidade cardinalícia coloca no respeitante à habitação são objecto de análise em Chambers, David S., "The Housing Problems of Cardinal Francesco Gonzaga," in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 39, (1976), pp. 21-58, (artigo que trata das tribulações do jovem cardeal Francesco Gonzaga à procura de uma habitação em Roma).

Capítulo 4

Uma outra representação de si próprio: Pienza

Corsignano/Pienza é um lugar decisivo no conjunto dos *Commentarii*. É um dos poucos lugares aos quais Pio II regressa frequentemente quer como personagem quer como narrador, em momentos decisivos da obra.

4. 1. Pienza em diversos momentos da narrativa dos *Commentarii*

O nascimento é o primeiro desses momentos, conforme já se referiu. Recorde-se que, nessa nota de abertura, Corsignano é introduzida sob o signo da miséria. A única nota positiva, nessa referência, talvez seja a da vida honesta dos Piccolomini. Mas será a partir deste lugar que o protagonista vai ascender ao mais alto grau da hierarquia eclesiástica. O segundo momento é já em plena jornada para Mântua e, como se viu, ficou marcado por uma decisão.[1] O momento seguinte é o do regresso da dieta de Mântua, altura em que Pio II visita as obras que tinham começado no ano anterior. A referência é breve, mas pressagia, mais uma vez, a importância futura do lugar: os novos edifícios não serão inferiores a quaisquer outros de Itália.[2] A elevação a diocese constitui outro momento. Para celebrar criação da nova cidade, Pio II citou no seu texto o poema de Campano, já aqui evocado.[3]

Pienza reaparece em um momento decisivo nos *Commentarii*, também já aqui evocado. Trata-se do discurso aos cidadãos de Siena comunicando-lhes a decisão de

[1] Ver supra pp. 296 ss.
[2] Pio II, *Commentarii*, IV, 35, p. 784.
[3] Ver supra p. 296.

abandonar os seus projectos para a cidade e de se voltar para Pienza.[4] Todavia, o momento em que a recém-criada cidade surge de uma forma minuciosa nos *Commentarii* é no livro IX, depois de uma estada em Abbadia, marcada pelas dores da atrite, que o continuaram a atormentar já em Pienza e o obrigaram a doze dias de convalescença. Com a sua ironia habitual, o narrador afirma que nem os avultados custos da obra lhe tiraram o cuidado de inspeccionar cada coisa e que até a beleza e a dignidade do edifício o ajudaram a recuperar da doença.[5] Nesse momento Pio II insere na obra a descrição da cidade articulada em torno da descrição do palácio familiar e da catedral.[6]

4. 2. A descrição de Pienza: o palácio

A apresentação do Palácio Piccolomini é o cume da descrição técnica e uma demonstração de literacia arquitectónica, cujo exemplo precedente é a descrição do castelo de Ebelsberg e da residência episcopal em Passau. A respeito de Pienza, porém, há uma inversão de papéis: na descrição de Ebelsberg e Passau Pio II exaltava a magnanimidade do patrono Leonhard von Laiming; aqui exalta a sua magnanimidade com a sua própria pena.[7]

A descrição divide-se em interior e exterior. Começa por indicar a altura e o tipo de pedra usada, i. e., tufo (*lapide vivo*), com alisamento da face e talhado em volta na zona de ajustamento, à espessura de um dedo, por forma a dar-lhe a aparência de quadrículas — ou seja, deixando a perífrase do texto, trata-se de um aparelho de silhar almofadado (*bugnato regolare*) nas partes superiores, e silhar liso (*bugnato liscio*) na base.[8] No topo, Pio descreve o que denomina *compluuium*, ou seja, uma cornija constituída por blocos maiores que avançam em relação à linha de prumo do muro pela distância de cinco pés, sobre a qual estão as canalizações que drenam a água das chuvas.[9] Com muros de quatro a seis pés de espessura,

[4] Ver supra p. 302, n.

[5] Pio II, *Commentarii*, IX, 23, p. 1744.

[6] Para o entendimento da descrição remete-se desde já para as ilustrações de Jan Pieper reproduzidas nos apêndices B (medidas do palácio) e C, D (percurso seguido pela narrativa).

[7] Não obstante a tendência para evitar um vocabulário demasiado técnico (optando por paráfrases), afirma Pieper, *Pienza...*, p. 235: "le dettagliate descrizioni del committente rivelano una profonda conoscenza non solo della teoria ma anche della tecnica del costruire."

[8] Totaro (*Commentarii*, p. 1747) traduz *lapis vivus* por *bozze*, isto é, pedra tosca, mas Du Cange, s.v. *Lapis*, glosa o termo por *ignifer* — um tipo de pedra, i.e., tufo, e não o tipo de aparelho. Quanto à forma dos silhares ver cf. Pieper, *Pienza...*, p. 354. Para a ilustração deste e de outros aspectos remetemos para o apêndice E com elenco de URL onde poderão ser vistas fotografias de vários pormenores referidos.

[9] Os blocos salientes em relação à linha de prumo são mútulos.

o palácio ergue-se em três fachadas e um pórtico: a fachada (principal) a nordeste com 126 pés de comprimento; as fachadas oriental e ocidental com mais 18 pés de comprimento (ou seja, 144 pés). Dessa forma o *loggiato* do lado sul prolonga-se para lá do espaço de um quadrado.[10] Os quatro lados do edifício perfazem assim um perímetro de 540 pés.[11]

Prossegue a descrição com as duas ordens de janelas do palácio, cada ordem com 23 janelas, suficientemente amplas para nelas caberem três pessoas; por baixo de cada ordem corria um cimácio de plúteos de travertino; entre as janelas, por sua vez, existem pilastras.

Sobre algumas janelas é visível o brasão da família Piccolomini e ainda, informa Pio II, pinturas a cores e com folha de ouro e de prata (actualmente já não se vêem). Outros elementos, como ferros e anéis para a colocação de fachos e estandartes, completam a ornamentação da fachada. Por último, e ainda no que concerne à fachada, Pio II nota as janelas gradeadas sob o piso nobre, e o soco a toda a volta, servido por dois ou três degraus.

A fachada norte, enquanto fachada principal, é servida por uma porta *amplissima et magnifica*, enquanto, na fachada oriental, dada a impossibilidade de ter uma porta ao meio, houve necessidade de recorrer a uma porta fingida e uma outra mais pequena para uso (e simetricamente na fachada ocidental).

O último lado, já fora do olhar público, tinha o *loggiato* distribuído por três pisos, com a deleitosa vista do monte Amiata. Trata-se de uma parte que merece grande apreço de Pio II pelo facto de oferecer um corredor sobranceiro ao jardim, e ainda pela pintura dos caixotões e do travejamento do tecto (sobretudo no piso nobre, porque o último era mais modesto, nota o Papa).

Terminada a descrição do exterior, o narrador apresenta o interior do edifício começando pelo sistema de recolha de águas (os *compluuia*) que, além do beiral do telhado, inclui um complúvio interior (i. e. o átrio ou *cortile*) que recolhia as águas para três cisternas, mediante um sistema de purificação.

No entanto, o narrador menciona ainda um elemento que diz respeito ao exterior, a saber, o topo do edifício, que é descrito nestes termos:

[10] O texto diz: *orientale et occidentale duodeviginti amplius, propter porticus quae in australi latere palatii quadrum excessere* (Commentarii, IX, 23, p. 1746). Talvez Pio queira dizer que se prolongou o edifício para sul de forma a que o *loggiato* perdesse menos horizonte do Val d'Orcia.

[11] A planimetria de Pieper, apresenta as seguintes dimensões: fachada norte e lado sul 35,72; fachada oriental 39,55; fachada ocidental 39,28, ou seja, 150, 27 — um número inferior aos 160,38 obtidos por Pio II. (cf. *Pienza...*, esp. "Rilievi architettonici degli edifici di Pio II" n. 60).

> *In cacumine tecti, qua fumi caminorum exhalarunt, tres et viginti quasi turres, pinnis et propugnaculis picturisque variis ornatas, con-*/p. 1750/*struxerunt, quae procul visae, multum splendoris et gratiae operi addiderunt.*[12]

Ora esta parte que ficava sobre o telhado (uma espécie de mansarda) eram os alojamentos da criadagem. Dessa parte, só é visível, actualmente, uma parede cega, na fachada norte e nascente, sem resquício das pinturas mencionadas no texto.

Só depois destes dois elementos é que a descrição retoma o movimento de um visitante que entra no edifício pela porta principal (i. e. na porta virada para a Via del Corso) até deparar com o peristilo quadrado. Este, por sua vez, está ornado de colunas de uma só pedra com a devida proporção de altura e diâmetro, perfeitamente ajustadas à base e ao capitel. Aí se encontram as salas de jantar — apropriadas quer para o Inverno quer para o Verão —, os quartos, caracterizados pela sua nobreza (*digna regibus*), e, por último, os arrumos, alguns dos quais apropriados para a guarda de objectos de valor.[13] Por baixo desse piso, nota o dono da obra que, na sequência das escavações para encontrar um grau de solidez suficiente, se construíram adegas e amplas áreas de armazenamento com recurso a estrutura abobadada.

A descrição repete, neste momento, o movimento de entrada ao reconduzir o visitante ao acesso principal do edifício mencionado, i. e., o pórtico com tecto abobadado, delimitado de um lado e do outro por salas de jantar,[14] que se atravessa para chegar ao peristilo. Voltando à direita, encontra-se a escadaria[15] de dois lanços que dá acesso ao primeiro andar e passa-se a um corredor que dispõe, nas suas três alas, de janelas guelfas e de um tecto ornado.

Pio II menciona neste andar os quartos com a sua iluminação[16] e ainda uma sala com vários acessos, nomeadamente ao *loggiato* já referido, e uma chaminé. Mais uma vez, nota Pio

[12] Pio II, *Commentarii*, IX, 23, pp. 1748 s.

[13] A descrição antecipa o que vem a seguir ao situar alguns desses arrumos na cave abobadada: *receptacula sub testudine et supra testudinem sita* (*ibidem*, IX, 23, p. 1750). O palácio assim descrito segue muito de perto a tipologia da casa senhorial idealizada por Alberti (cf. supra p. 139 n.).

[14] Na linguagem pleonástica de Pio II, o pórtico (*porticus* não tem aqui o sentido vitruviano, mas o sentido de acesso, como em Isidoro de Sevilha, Santo, *Etymologiae*, XV, 7, 3), é dotado de um tecto em abóbada e tem um comprimento igual à largura das salas de jantar: *tam longa* [sc. *porticus*] *patet quam lata sunt hinc atque inde triclynia* (Pio II, *Commentarii*, IX, 23, p. 1750). Na verdade, à direita desse pórtico encontra-se imediatamente a escadaria de acesso ao primeiro andar, seguida da escadaria de acesso à cave, que retiram ambas largura à sala do lado direito.

[15] O narrador afirma que os degraus suaves (*gradus clementes*) têm um pé de altura. Contudo, o levantamento de Pieper, à escala de 1:10, aponta para uma altura de 16 cm (cf. Pieper, *Pienza...*, "Rilievi", n. 88, p. 568).

[16] Novamente insere Pio II uma nota sobre a possibilidade de guardar objectos preciosos — o que deveria ser um problema para a nobreza que tinha de conviver com os seus servos portas adentro.

II a iluminação que a sala e seus acessos recebiam das janelas maiores que davam para o *cortile* (*fenestrae maiores in aream versae*) e de janelas menores que davam para o *loggiato*. O tecto de caixotões da sala com o seu travejamento, ambos ricamente pintados, enriqueciam a comodidade do espaço que, pelo facto de dispor de lareira e de não ser quente durante o Verão, era conveniente para qualquer altura do ano.

A descrição reinicia-se no cimo das escadas que ligam o rés-do-chão ao piso nobre. Depois de o narrador ter seguido pela direita, agora segue o percurso pela esquerda, onde primeiro se acham outras escadas que dão acesso ao terceiro piso cuja estrutura é semelhante à do piso nobre. Deixando essas escadas para trás, apresenta-se um vestíbulo *(ostium)* que, nas palavras do narrador, divide o corredor em duas partes (*deambulatorium in duas partes dividit*). Com mais propriedade, dir-se-ia que cada ala dispõe do seu corredor, com excepção da ala sul, onde a sala ocupa todo o espaço do edifício entre o *cortile* e a *loggia.* Ou seja, voltando à direita, percorre-se a ala ocidental, voltando à esquerda, percorre-se a ala norte. Nesta ala é que se encontra a sala de jantar com quatro janelas para norte e duas para nascente e, consequentemente, com vistas para a rua e para a praça respectivamente.

Da sala de jantar passa-se a um oratório a que se seguem três quartos voltados para nascente, um dos quais com acesso à sala já referida e também ao *loggiato,* e que foi destinado aos aposentos do Papa.[17] Acrescenta Pio II que o mandou revestir de abeto por causa da humidade.

Todos os quartos estavam dotados de chaminé e em todos o trabalho decorativo do tecto de caixotões com traves de abeto era de alto valor artístico (inclusive com recurso a folha de ouro). Os pisos eram de ladrilho polido sem qualquer desnível. As divisões do terceiro seriam, de acordo com a descrição, semelhantes às do piso nobre, com excepção dos tectos que não teriam elementos pictóricos, só a mesma nobreza das madeiras.

Com a mente no padrão estético aprovado por alguns, segundo o qual a luz é a maior graça de uma casa,[18] Pio II mostra as qualidades do palácio no que toca à iluminação. De

[17] Como se pode ver pela ilustração em apêndice, é possível fazer esse percurso da sala de jantar até à sala de estar pelo interior das divisões visto que comunicam por portas, sendo que antes do aposento papal há uma antecâmara.

[18] Ideia de Alberti? É certo que no *De re aedificatoria* se sublinha a necessidade de janelas, não apenas por causa da luz, mas também por causa do arejamento (cf. e. g. I 12, IV 5, p. 303). De qualquer forma o gosto pela iluminação abundante em um palácio também se encontra na descrição do Palácio Pontifício de Viterbo: *aula erat altissimis suspensa fornicibus et quae lucis multum et gratissimum haberet prospectum* (*Commentarii*, VIII, 8, p. 1610).

facto, está exposto à luz de todos os quadrantes não apenas pelas janelas como também pela abertura do *cortile* que faz chegar a luz até ao chão do edifício. Além disso, tinha vistas, nas divisões mais altas, para lá de Montalcino e Siena, até aos Alpes de Pistoia; para sul gozava da ampla vista verde sobre o vale do rio Orcia; para norte avista-se Cortona e o vale do rio Chiana até ao ponto em que confina com a região de Val d'Orcia.

Ainda a respeito de vistas, Pio II apresenta um dos maiores encantos do seu palácio que é o *loggiato* triplo e o seu enquadramento paisagístico: o vale que vai alternando de cor pelo ano adiante (ora se vê o verde das colinas, ora o amarelo torrado das searas); os seus pomares e vinhas; os castelos e povoados; as termas de Bagno Vignoni e o monte Pesio junto a Radicofani.

A esta sumptuosa estrutura faltava, lembra Pio II, uma cozinha que se construiu em um volume vertical adossado ao palácio (na verdade, três cozinhas, pois cada uma dava para a *loggia* do respectivo piso), situado junto do fosso da cisterna, no ângulo poente do jardim. A justificação aduzida por Pio II é que, além de servirem os moradores de cada piso, assim estariam perto da água e não teriam problemas com o fumo e com os ventos.

Sobre o jardim, Pio II apresenta alguns dados relativos à sua construção devido às dificuldades do terreno. Por causa disso, fora necessário subir muros e para tal aproveitou-se para construir uma estrutura abobadada, que serviu para estábulos e oficinas de ferragem. Só então se pôde fazer o jardim mas, nova precaução exigida pelas condições do terreno, com cuidado para que as águas das cisternas não se infiltrassem nos estábulos. Em torno do jardim foram colocados bancos em pedra e também um parapeito, até à altura do busto, pintado — na parte exterior, visto que Pio II diz que eram muito belos vistos de longe — e com ameias.[19]

O epílogo da descrição de Pio II resume perfeitamente a característica de envolvimento do edificado com a paisagem que se procurou na obra, ao mesmo tempo que mostra o seu domínio da arte da arquitectura, sugere uma articulação entre tempo, ritmo e contemplação:

[19] A indicação de Pio II *pectoribus tenus* deve referir-se, segundo PIEPER, à altura da cava das ameias e não ao seu cimo visto que, segundo a sua investigação, a cinta do jardim originalmente tinha 2,80 m — muito diferente, por conseguinte, do aspecto actual do palácio. Note-se ainda que este jardim pênsil é o primeiro da arquitectura moderna: cf. *Pienza...*, p. 375.

Ingressi palatium maiori ianua ad Boream versa peristillum et aream et, per posticum infimam, porticum et hortum et ultimas horti metas uno prospectu contuentur, et passu placido nil pedibus elevatis, cuncta deambulare possunt.[20]

4. 3. A descrição de Pienza: a catedral

Depois da sua própria residência, Pio II apresenta a catedral de Santa Maria Assunta. Uma diferença entre as duas descrições é o facto de a do palácio ser feita em movimento enquanto a da catedral é feita de um ponto fixo.[21] Se no palácio optou por descrever a aparência exterior e depois o interior, aqui começou pelo delicado problema das fundações do templo, visto que a localização escolhida se estendia pela escarpa que delimita Pienza pelo lado sul.[22] O problema, mais um dos muitos que as diversas construções pientinas colocaram, acabou por sugerir a solução de dois templos, i.e., uma cripta construída por baixo da catedral. O acesso à cripta faz-se por uma escadaria de 36 degraus, do lado nascente da catedral. A cripta possui duas colunas no centro para sustentação do edifício; três janelas; quatro altares e uma fonte baptismal de mármore esculpido. Sobre a cripta, Pio II sublinha mais uma vez a iluminação que penetrava no interior por três amplas janelas. O aspecto desse templo, afirma Pio II, provoca aos visitantes uma *commotionem mentis et religionis quandam reverentiam*.[23]

A catedral, ou, como lhe chama Pio II, o templo superior, apresenta uma orientação norte/sul, contrária à orientação tradicional (porque assim o ditou a necessidade, esclarece Pio II).

Acima do nível da praça pavimentada com tijolo assente sobre o seu comprimento,[24] que se estende defronte, erguem-se três degraus a toda a largura da fachada do templo, como se fossem o seu vestíbulo. A fachada em travertino a imitar a brancura do mármore, diz Pio

[20] Pio II, *Commentarii*, IX, 23, p. 1576.

[21] Cf. Pieper, *Pienza...*, p. 235, que define o ponto de observação como a soleira da porta.

[22] Sobre essa localização ver no Apêndice E a foto tirada do lado sul com a *loggia*, o jardim pênsil, e a catedral.

[23] *Commentarii*, IX, 24, p. 1758.

[24] O texto diz: *in foro quod ante palatium lateribus in latus erectis et calce stratrum erat* (*ibidem*, IX, 24, p. 1760). Com essa perífrase Pio II evitou o termo técnico *opus spicatum* (cf. Pieper, *Pienza...*, p. 235). Esta indicação do próprio Pio II é suficiente para obviar a dúvida de Charles R. Mack, de que não é possível saber com segurança se o pavimento remonta ao projecto original (cf. *Pienza...*, p. 101).

II, evocava, com as suas colunas, capitéis e arcos que faziam nichos capazes de abrigarem estátuas, a forma dos antigos templos.[25]

Sobressaem na fachada as suas três portas; o que o narrador denomina um "olho de Ciclope"; a insígnia dos Piccolomini e, por cima desta, o emblema papal com uma coroa tripla e as chaves da Igreja pelo meio — símbolos, poderá acrescentar-se ao que diz o autor, da sua multifacetada identidade. A forma da fachada, por sua vez, é descrita com uma perífrase que poderia ser evitada dizendo termina em um triângulo com cimácios nos seus lados.[26]

As restantes paredes do edifício, continua Pio II, de material menos nobre e menos trabalhadas, eram munidas de contrafortes para dar solidez ao edifício.

O ponto de vista de Pio II move-se agora para o interior do templo e, como primeira impressão do visitante, aponta a visão do templo no seu conjunto graças à luz abundante e expõe o que pretendia ser a marca original do edifício (no quadro da arquitectura italiana):

> *universum templum cum sacellis et altaribus in cospectu*[27] *datur praecipua luminis claritate et operis nitore conspicuum. Tres, ut aiunt, naves aedem perficiunt: media latior est, altitudo omnium par. Ita Pius iusserat, qui exemplar apud Germanos in Austria vidisset. Venustius ea res et luminosius templum reddit.*[28]

De facto, a catedral de Pienza é uma igreja-salão (*Hallenkirche*) na tradição do tardo-gótico germânico: as três naves apresentam a mesma altura (embora larguras desiguais entre si e desiguais em cada uma, pois se estreitam na direcção da ábside, como diz logo em seguida).[29]

Ao mencionar as oito colunas que sustentam a abóbada do edifício, Pio II expõe mais uma vez a história da construção. Diz que o arquitecto, depois de erguidas as colunas, se apercebeu do erro que era a sua pouca altura. Acrescentou, então, pilares sobre os capitéis das

[25] Não obstante estarem vazios. A expressão aqui traduzida por "colunas, capitéis e arcos" é no original: *columnis, spiris et emiciclis* [sc. *frons adornata*] (cf. *Commentarii,* IX, 24, p. 1760). Totaro verte este tricolo por "colonne, archi e nicchie" (*ibidem,* p. 1761). Tönnesmann traduz: "Säulen mit Entasis sowie halbrunde Nischen" (*Pienza…*, p. 129). Trata-se, de facot, do capitel da coluna que assim faz uma sequência visual e lógica: coluna, capitel e arco; elementos que, por sua vez, fazem o nicho para as estátutas (para o significado de *spira* como 'capitel' ver Du Cange, s. v. "spira 1"). Mais uma das perífrases de Pio II para fugir à terminologia técnica, como observa Pieper, *Pienza…*, p. 235.

[26] *Surgitque frons ipsa a fundamentis usque ad tectum aequaliter lata; deinde usque ad summum pyramidalem accipit formam, non indecoris communitam cimatiis* (*Commentarii*, IX, 24, p. 1760). Sobre a linguagem perifrástica neste passo cf. Pieper, *Pienza…*, p. 235.

[27] *Cospectu:* sic apud Totaro. Cf. ed. Heck, p. 551, l. 28.

[28] *Ibidem*, IX, 24, p. 1762.

[29] Note-se, contudo, que a palavra *absida* nunca é usada no texto latino.

primeiras e novamente capitéis sobre os novos pilares. Na opinião de Pio II, a solução encontrada acabou por trazer beleza e variedade.

A igreja termina em uma ábside em semicírculo (na terminologia de Pio II *coronatum caput*), dividida em cinco capelas, cada uma com a sua abóbada à mesma altura das naves. Nota ainda Pio II que as abóbadas das capelas eram pintadas com estrelas em dourado sobre fundo azul e as abóbadas das naves também tinham pinturas, assim como os pilares acrescentados. Só as colunas estavam em cru.

Uma impressão geral, depois desta apreciação mais pormenorizada do ambiente interior é, mais uma vez, a de uma luminosidade admirável (*parietes templi et reliquum omne corpus candore mirabili resplenduere*).

A capela (*aedicula*) central contém a cátedra episcopal e o cadeiral dos cónegos, exibindo uma técnica de embutido (*ars tharsatica*), esculturas e pintura, enquanto as restantes capelas contêm obras de artistas de Siena (a segunda das capelas possui um sacrário de mármore esculpido com grande arte). Todas as capelas têm janelas com colunelos e flores de pedra (*lapidei flores*, i. e., trifólios) e fechadas com 'vidro cristalino' (i.e., vitral).

Depois desta referência aos vitrais das capelas, o Papa põe em relevo mais uma vez a luz, desta feita recebida pelos vitrais das naves:

> *Sunt et aliae quattuor fenestrae similes sub navibus extremis, quibus fulgente sole tanta lux admittitur, ut qui templum incolunt, non domo lapidea, sed vitrea sese clausos existiment.*[30]

À entrada, junto às duas colunas, estão duas pias de água benta. O altar principal está situado entre as duas últimas colunas, sobre um pedestal com 4 degraus. Pio II imagina-se então a observar do fundo da igreja e compõe a disposição de pessoas durante uma celebração: o sacerdote e acólitos, de costas para o povo, têm pela frente os cantores; mas o povo dispõe ainda de mais dois altares no corpo do edifício para assistir à celebração.

Um sacrário, a torre do campanário com altura prevista de 160 pés (ainda inacabado quando Pio escreve), e as escadas que unem verticalmente as partes do templo (cripta, igreja, campanário) completam a descrição da catedral.

Termina a descrição com o poço existente na praça, ladeado por duas colunas e encimado por cornija esculpida e arquitrave (o poço, de facto, está mais próximo do palácio do que do templo).

[30] *Ibidem,* p. 1764.

Concluídas as duas longas descrições dos dois edifícios mais emblemáticos, Pio II recorda o encontro que teve com o arquitecto Bernardo Rossellino, que fora alvo de contínua maledicência durante os trabalhos — em parte pelo facto de ser florentino —, e, não sem ironia, lembra Pio II a lei dos Efésios mencionada por Vitrúvio, segundo a qual o arquitecto era condenado a ressarcir do seu bolso o dono da obra pelo excesso da derrapagem de custos. O episódio é mais uma ocasião para ligar o autor, por um lado, ao arquitecto Rossellino, que recebe os mais altos louvores de Pio II pelos trabalhos, por outro, à figura tutelar de Vitrúvio.

A bula, publicada nesse ano, e cujo único testemunho é o texto dos *Commentarii*, com a proibição de alterar o edifício da catedral, é um documento importante, sobretudo porque mostra mais um paralelismo entre as ideias de Alberti e de Pio II. Tal como o arquitecto florentino, Pio II proíbe a multiplicação de altares ou de ornamentos nos templos:[31]

> *Pius episcopus servus servorum Dei, ad futuram rei memoriam. In hoc templo, quod beatae Mariae Virgini, Domini et Dei nostri genitrici, ereximus et dedicavimus, nemo mortuum sepelito, exceptis tumulis qui sacerdotibus et episcopis assignati sunt; nemo candorem parietum atque columnarum violato; nemo picturas facito; nemo tabulas appendito; nemo cappellas plures quam sint aut altaria erigito: nemo formam ipsius templi, sive quae superius sive quae inferius est, mutato. Si quis contra fecerit, anathema esto, solus Romani pontificis, excepto mortis articulo, auctoritate absolvendus. Datum Pientiae anno Incarnationis dominicae Mº cccc° xiii°,*[32] *xvi Kl. Octobris pontificatus nostri anno quinto*.[33]

Por último, a descrição de Pienza menciona a construção da Casa Canonica ao lado da catedral e, óbviamente, em estreita relação com esta; a construção do palácio episcopal, confiada ao vice-chanceler, Rodrigo Borja; e a do edifício do *Comune*, com a sua torre com relógio e campanário, onde ficaria a prisão. Diz Pio II que foi ele próprio a contratar operários e que lhes pagou grande parte do salário, já que era sua vontade que a praça estivesse rodeada de edifícios nobres.[34]

Se os restantes edifícios são mencionados de passagem: o que não significa, todavia, que sejam menosprezados pelo autor. Pelo contrário, sabe-se, por outras fontes, que pressionou

---

[31] Sobre a reprovação da multiplicação de ornamentos e a preferência pela brancura, ver Alberti, *Da arte edificatória*, VII, 10, p. 473. Ver ainda a preferência de Alberti pela majestade da iluminação em vez da multiplicação dos ornamentos, *ibidem*, VII, 13, p. 478.

[32] *Mº cccc° xii°* : Sic apud Totaro em vez de *Mº cccc° Lxii°*. Cf. ed. Heck, p. 553, ll. 34ss: *Datum Pientie anno incarnationis domince MCCCCLXVII XVI Kalendas Octobris pontificatus nostri anno quinto*. Todavia, na tradução de Totaro a data está correcta: "l'anno 1462 dell'incarnazione" (*ibidem*, IX, 24, p. 1769).

[33] *Ibidem*, p. 1768.

[34] *Conduxitque operarios et partem magnam mercedis tradidit, volens quattuor nobilibus aedificiis circundari forum*. (*ibidem*, p. 1768).

alguns dos seus cardeais, nomeadamente Francesco Gonzaga, para construírem a sua casa em Pienza[35]— o que mostra a importância que dava ao estabelecimento da cúria na cidade.

4. 4. As ideias que criam a cidade

Depois de termos visto esta descrição guiados pelo olhar de Pio II, coloquemos a questão de outro ponto de vista procurando, nomeadamente, as ideias que subjazem à cidade.

Escreveu-se muito sobre Pienza como uma cidade ideal do Renascimento, i. e., como realização de ideias e concepções urbanísticas desse período. Sem pretender discutir aqui o assunto, importa, todavia, lembrar que a sua concepção é fundamentalmente renascentista. A praça como parte principal da cidade é disso exemplo. Efectivamente, a planificação da praça, com a disposição dos tais edifícios que Pio II apelida de nobres, obedece a um programa que se caracteriza, acima de tudo, pelo seu carácter cénico. Um carácter cénico que se relaciona com a teorização vitruviana, retomada por Alberti e exemplificada esplendidamente pelas tábuas de Berlim, Urbino e Baltimore, dos três tipos de cenário que simbolizam cada um dos géneros dramáticos (trágico, cómico, satírico).[36] Cada edifício da praça de Pienza representa, por sua vez, um aspecto da cidade. O Palácio Piccolomini, com o seu paramento de silhar almofadado, que tem uma conotação bélica, ou com os seus brasões, simboliza a nobreza e o poder; a casa do cabido e o palácio episcopal simbolizam o clero e, por último, o *Comune* e o *Palazzeto* (ou, como actualmente se chama, a *Hosteria della Luna*), funcionam como símbolos do povo. Além disso, há uma relação entre paisagem/natureza e cidade, na medida em que a praça contém de um e de outro lado da catedral aberturas para a paisagem do Val d'Orcia e do monte Amiata: também aqui se mostra um aspecto renascentista.[37]

[35] Bandini-Piccolomini, Francesco, "La prima visita di Pio II a Corsigano," in *Arte e Storia*, ser. III, 24, (1905), "Pienza e Pio II, numero unico pubblicato in occasione del Vto centenario della nascita di Enea Silvio Piccolomini," p. VI).

[36] Esta ideia é apresentada e defendida por Pieper, *Pienza...*, pp. 133 ss. Quer se aceite ou não a interpretação do autor, segundo a qual a praça é uma sinopse dos três géneros dramáticos; cf. p. 140.

[37] "La città — e soprattutto la sua rappresentazione emblematica concretizzata nella piazza strutturata geometricamente davanti al paesaggio aperto — intende infine illustrare altrettanto programmaticamente la posizione reciproca dei gruppi sociali e la funzione dell'insieme nel mondo esteriore. L'intero progetto non deve quindi rappresentare altro che la prospettiva umanistica della cultura della città al centro dello spazio

Ainda no que toca ao carácter renascentista da cidade recorde-se que o Palácio Piccolomini é um espécime insigne de arquitectura palaciana, juntamente com os seus congéneres florentinos, Medici (1444), Ruccellai (1446) e Pitti (1458).[38] Também aqui a descrição de Pio II não deixa dúvidas quanto a essa característica. A descrição, com efeito, é um texto que nunca teria sido escrito antes da redescoberta de Vitrúvio (que, de resto, é invocado no texto) e da teorização albertiana.

Em que medida Alberti, que teria por essa altura concluído o seu tratado sobre arquitectura, influencia Pio II na sua dupla autoria (autor do texto, autor da cidade)?

Que Pio II é bastante devedor de Alberti, mostram-no vários elementos, alguns dos quais já recordados, que podem ser comprovados pela história da construção de Pienza. De acordo com Pieper, o programa da cidade terá sido delineado entre a eleição papal, a 19 de Agosto de 1458, e a viagem para Mântua em Janeiro de 1459. O que Pio II pretende sugerir na autobiografia é, por um lado, que tentou canalizar a sua munificência para Siena e que só perante a contumácia da sua cidade se voltou para Pienza; e, por outro, que, desde a sua primeira visita à aldeia natal, a quis transformar em cidade que se comparasse às restantes cidades de Itália. Terá sido então que Pio II traçou a planta, tendo contado com a ajuda de Alberti para os levantamentos topográficos?[39]

Sem dúvida que Pio II, na altura da sua estada em Mântua, estava ocupado não apenas com os trabalhos do congresso como dá a entender nos *Commentarii*, mas também com a planificação das obras em Pienza. Para isso, dedicou-se ao estudo da arquitectura recorrendo a Vitrúvio. Prova-o uma carta de Ludovico Gonzaga a Alberti, datada de 13 de Dezembro de 1459, em que lhe agradece o empréstimo de um volume de Vitrúvio a Pio II.[40] No entanto, por essa altura, já os trabalhos em Pienza tinham sido iniciados: a 1 de Março foi demolida a

paesaggistico della natura" (Pieper, *Pienza...*, p. 144). Note-se, a respeito da relação com a paisagem envolvente, que o próprio texto de Pio II, ao descrever a panorâmica da cidade em todos os quadrantes do horizonte, demonstra ter consciência desse elemento do programa urbanístico.

[38] Diferentemente de alguns palácios florentinos, contudo, este não tem lojas no piso térreo — uma diferença significativa quanto ao estatuto aristocrático do proprietário (ver *ibidem*, p. 382).

[39] *Ibidem*, p. 33. O autor afasta a hipótese de uma colaboração de Rossellino com Alberti, à falta de documentos que comprovem uma passagem por Roma em 1458.

[40] Rykwert, J.; Tavernor, R., "Church of S. Sebastiano in Mantua," *Architectural Design (Profile 21)*, 49 (1979), pp. 86-95, cit. por Hajnóczi, Gábor, "Parallelismo nella commitenza d'architettura," in *Roma nel Rinascimento*, 11 (1995), p. 26, nota 5.

velha igreja; a 8 de Maio de 1459 é publicado um decreto com um privilégio da República de Siena relativo à madeira do monte Amiata.[41]

Os dois homens deveriam conhecer-se bem, pelo menos desde o tempo em que Piccolomini, então embaixador, frequentava a cúria. No *De Europa*, Piccolomini concede-lhe um lugar na descrição de Florença, em termos assaz elogiosos[42] — o que, tendo em conta as críticas que faz, mesmo a pessoas tão próximas como Biondo, é indicativo da estima que tinha pelo humanista florentino.[43] No livro II, na sua violenta diatribe contra Sigismondo Malatesta, menciona o Templo Malatestiano, sem qualquer referência ao artista florentino, note-se, mas que seguramente saberia ser da autoria de Alberti. É certo que lhe censura o aspecto pagão que a decoração interior lhe confere, bem como o facto de Malatesta lá ter colocado o túmulo da amante com uma inscrição sacrílega (*Divae Isottae sacrum*). Mesmo assim, ao reconhecê-lo como um *nobile templum* deixa um elogio à arte de Alberti.[44] No entanto, as similitudes já apontadas ao longo deste trabalho entre as duas personalidades, bem como entre algumas das obras de encomenda de Pio II e as teorias do *De re aedificatoria*, são suficientes para demonstrar a influência do magistério de Alberti. Mas importa não perder de vista que, mais do que procurar este ou aquele ponto de contacto, o ponto decisivo é a comunidade de *studia* de ambas as personalidades, tal como estas descrições demonstram.[45]

---

[41] PIEPER, *Pienza...*, p. 33. Tais trabalhos supõem que estivesse já estudado o problema da localização e da altura da catedral segundo pressupõe ainda Pieper a partir das suas observações da sombra equinocial projectada pela catedral na praça fronteira (sobre o assunto ver supra p. 297 n.).

[42] *Cf. De Europa*, LVIII, 235, ll. 8220 ss: *Albertus Florentinus conditis* De architectura *egregiis uoluminibus, aliique pene innumerabiles noua cudentes opera eius pontificis* [*sc. Nicolaus V*] *gratiam meruere*.

[43] Para a crítica a Biondo ver PIO II, *Commentarii* XI, 23, p. 2256. Outros elementos que apontam para a influência de Alberti particularmente nos *Commentarii*: a construção de uma basílica em madeira para a procissão do *Corpus Christi* em Viterbo que, pela sua configuração (nove colunas), aponta para uma consultoria do autor florentino (Cf. *ibidem*, VIII 8, p. 1594; a referência mais precisa às nove colunas é do cronista Niccola della Tuccia); a descrição bastante pormenorizada da embarcação romana recuperada no lago Nemi sob sua orientação; a já citada referência no livro XI ao seu conhecimento da hidráulica romana (*ibidem*, XI, 22, p. 2232) que é seguida da narrativa da recuperação da nave romana (*ibidem*, p. 2240). Sobre estes aspectos ver BORSI, Leon Battista Alberti e Roma, pp. 113 ss. Há uma hipótese avançada, mais recentemente por PIEPER, de que a catedral de Pienza possa ser atribuída a Alberti: ver PIEPER, Jan, "Un ritratto di Leon Battista Alberti architetto: osservazioni su due capitelli emblematici nel Duomo di Pienza (1462)," in RYKWERT, Joseph; ENGEL, Anne (a c. di), *Leon Battista Alberti* [Catalogo della mostra: Mantova, Palazzo Te,1994], Ivrea, Olivetti; Milano, Electa, 1994, pp. 54-63), cit. por CALZONA, Arturo, "Cavriana, L. B. Alberti e Ludovico II Gonzaga," in FURLAN, Francesco (ed.), *Leon Battista Alberti: actes du Congrès International, Paris, 10-15 avril 1995*, Paris, J. Vrin; Torino, N. Aragino, 2000 (Nova Humanistica: Essais de Pétrarque à Descartes; 66), p. 825.

[44] Pio II, *Commentarii* II, 32, p. 366. Ver PATETTA, Luciano, "L'architettura alla corte pontificia di Pio II a Roma," in SECCHI TARUGI, *Pio II umanista...*, p. 772.

[45] O interesse pela arquitectura parece aliás estar difundido entre a cúria como mostra a notícia relativa ao

Além desta influência de Alberti, a cidade apresenta várias singularidades autobiográficas: os pontos de contacto com a vida do autor, já assinalados ao longo da obra; o seu nome; o facto de a sua catedral ser uma síntese de elementos tardo-góticos germânicos (ou austríacos, para sermos mais precisos), elementos clássicos e elementos italianos[46] — uma característica que Pio II, conscientemente, pretendeu que ela tivesse, conforme já se viu.[47]

A esse elemento autobiográfico gravado na arquitectura da cidade acresce a questão da propriedade. As obras de Pienza são as *suas* obras. É verdade que o protagonista ou narrador chama *sua* à cidade de Roma. Mas as obras que Pio II vê verdadeiramente como *suas* e que compara com as dos seus antecessores são as de Pienza.[48] Em suma, Pienza constitui, quer na realidade, quer na sua representação ecfrástica, um segundo grau de autobiografia: um monumento autobiográfico dentro de uma autobiografia.

cardeal de Pavia, Giovanni Castiglione, que se gabava, além das suas competências em várias artes liberais, de perícia em arquitectura, música, geometria e culinária! (cf. PIO II, *Commentarii*, IV, 12, p. 686).

[46] Note-se que a fachada da catedral é o primeiro monumento que emprega o motivo do arco triunfal.

[47] Discutiu-se muito acerca de qual seria o modelo da catedral. Em artigo recente, Hans BÖKER afirma que a cidade, mais do que inspirada em um modelo concreto, se inspira no modelo da *spätgotischer Residenzkirchen*, ou seja, um edifício eclesial situado nas cidades sede, com uma clara função de capital e que se constitui como centro político e administrativo dos vários territórios no interior da estrutura política retalhada do Império tardo-medieval. Ver BÖKER, Hans Josef, "Ita Pius iusserat qui exemplar apud Germanos in Austria vidisset. Der Dom von Pienza und seine spätgotischen Vorbilder in Österreich," in *Wiener Jahrbuch für Kunstgeschichte*, 49 (1996) p. 57-74.

[48] A emulação de Pio II em relação aos antecessores pode ver-se no seu desejo de observar as obras de Martinho V em Genazzano: *inerat Pontifici eius loci ingens visendi cupido, de quo multa vel puer audierat, et an Martini opera sua excederent anxius erat cognoscere* (*Commentarii*, VI, 22, p. 1183).

Capítulo 5

Considerações gerais sobre o poder e o prazer a propósito da cidade

5. 1. Da cidade ao discurso sobre o poder

Ao longo quer do percurso mantuano quer da longa relação com Siena ou Roma, o discurso sobre as cidades nos *Commentarii* permitiu explanar o credo político de Pio II. Alguns dos elementos já foram apontados acima, sobretudo no confronto com Veneza e Florença; o que pretendemos agora é obter uma imagem geral e, ao mesmo tempo, circunscrever o núcleo de elementos importantes para situar a cidade na obra.

Uma imagem determinante de Pio II desde o séc. XIX, mais precisamente, desde Jakob Burckhardt, é a da beleza das suas descrições da paisagem rural. Essa apreciação tinha o seu fundamento na ideia burckhardtiana de que o Renascimento italiano constituía o momento da descoberta da forma e da beleza da paisagem. Como modelo da descoberta do esplendor da paisagem italiana e, ao mesmo tempo, que da admiração e do pormenor que punha na respectiva descrição, Burckhardt apresentava várias das excursões no campo narradas nos *Commentarii*: a descrição da primavera no campo de Siena; a temporada em Tíbur, e a alegria do vale do Aniene pela Primavera; o almoço junto à fonte em Agosta; o passeio pelas redondezas de Viterbo; a descrição do mosteiro de S. Martinho com as suas vistas até ao monte Amiata; o lago Bolsena; o monte Oliveto; as vistas de Todi; Óstia e

Porto; os montes Albanos; Frascati.[1] Será justa a importância que Burckhardt concede a este aspecto da obra?

O discurso proferido na criação de novos cardeais mostra que, na sua concepção, o ofício eclesiástico se fundava na dedicação à *respublica*.[2] E, na verdade, é precisamente durante algumas das excursões citadas por Burckhardt que o narrador faz questão de dizer que Pio II não descurava o seu trabalho político no meio do lazer. Ao longo do mês que passa nas termas de Macereto, mesmo com dois banhos por dia, *nunquam tamen signaturam aut alia rei publicae negocia praetermisit*.[3] Na estadia em Tíbur, alterna o descanso e as conversas com os cardeais sobre a *respublica*, ou, ainda, recebe delegações durante os passeios por entre prados, fontes e árvores umbrosas.[4] Diz o narrador que, durante a regata no lago Bolsena, o Sumo Pontífice enquanto assistia ao longe, conversava com os cardeais sobre a *respublica*.[5] Na excursão ao monte Amiata, o narrador retrata Pio II em pleno trabalho, durante a assinatura ou o consistório ou a recepção de delegações, no meio do cenário vivo da floresta:

> *Statutis diebus ad signaturam venere, quam Pontifex in nemore, modo sub ista modo sub illa arbore et apud suave murmurantes aquas tenuit.* [...] *Contigit aliquando, signante Pontifice, in cervum vasti corporis prope iacentem canes incurrisse, quibus ille calcibus ac cornu deiectis, celeri cursu profugit ad montes. Fiebat et aliquando cum cardinalibus sub castaneis consistorium, et legationes in pratis audiebantur. Vectabatur quotidie per silvas pontifex, et se-*/p. 1654/*quentibus curialibus, intereundum privata simul et publica absolvebat negotia.*[6]

[1] Cf. Burckhardt, *Die Kultur...*, v. II, p. 21ss. As descrições referidas encontram-se em *Commentarii*, IV, 15, p. 698 (Siena); V, 27, p. 980 ss (Tíbur); V, 20, p. 1172s (Agosta); VIII, 6, p. 1584s (Viterbo); VIII, 9, p. 1612s (mosteiro de S. Martinho); VIII, 10, p. 1616ss (lago Bolsena); X, 27: p. 1998 (Todi); X, 20, p. 1944ss (Monte Oliveto); XI, 19, p. 2198ss (Óstia e Porto); XI, 22, p. 2229 (montes Albanos); XII, 27, p. 2392 (Frascati).

[2] A que se opõe, como desvio, a dedicação aos prazeres privados: *ita enim vivitis, ut non ad Rem Publicam gubernandam electi, sed ad voluptates perfruendas vocati videamini. Non venationes, non ludos, neque foeminarum consuetudinem evitatis* (Pio II, *Commentarii*, IV, 9, p. 670).

[3] *Ibidem*, IV, 15, p. 700. Também quando Pio II está nas termas de Petriolo o narrador conta como as excursões termais não lhe interrompem o trabalho: *sequenti die Petriolum concessit, cuius situm supra descripsimus. Hic pro consilio medicorum usus est balneis, et cum fuit otium, saepe in agros exivit, et modo sub arboribus modo in ripa seu Farme amnis seu Merse consedit cum cardinalibus de re publica loquens aut legationes audiens* (*ibidem*, X, 21, p. 1952).

[4] *Pius in his pratis et circa scaturientes fontes et circa umbrosas arbores saepe quieuit, aut de Republica cum cardinalibus agens, aut legationes audiens, quae ipsum quocunque iret sequebantur* (*ibidem*, V, 27, p. 986).

[5] *Pontifex, quamvis procul a portu, loco reducto cum cardinalibus de re publica loqueretur, scapharum tamen contentionem et cursum non sine iucunditate et animi relaxatione spectavit.* (*ibidem*, VIII, 10, p, 1626). Uma cena idêntica acontece na entrega dos prémios da corrida pelo S. Mateus, em Pienza: *haec Pontifex ex altissima fenestra cum cardinalibus non sine iocunditate spectavit, quamvis interea de publicis negotiis consultaret* (*ibidem*, IX, 26, p. 1776).

[6] *Ibidem,* IX, 1, p. 1652s.

Portanto, a narrativa não deixa dúvidas quanto à relação entre essas excursões campestres e as questões políticas que preenchem as páginas da autobiografia: trata-se da relação entre margem e centro. Efectivamente, nos *Commentarii* a vida de Pio II comporta dois tempos: trabalho e lazer (que inclui o gozo da paisagem como uma necessidade).[7]

A teoria agostiniana das duas cidades é incompatível com este horizonte terreno dos *negotia publica* ou da *respublica* constituído em centro da vida e que apenas deixa apenas para um repouso. Há um episódio onde essa referência agostiniana é invocada. Efectivamente, no já referido consistório que condenou publicamente Sigismondo Malatesta,[8] depois de um advogado ter feito o elenco dos crimes e perversões, Pio II esquematizou o pensamento tradicional sobre as duas cidades a que se pode pertencer depois da vida terrena:

> *"Due sunt" inquit civitates, ad quas homines ex hac vita decendentes*[9] *migrant. Altera est coelestis Hierusalem, urbs et patria beatorum; altera apud Inferos reperitur, in qua Luciferi sedes est et damnatorum ergastula. Maiores nostri in priori civitate complures ascriptos esse declaraverunt, quos tanquam sanctos venerari licet et duliae adoratione colere; in qua re perficienda ea solemnitas observatur, quam Canonizationem appellamus.*[10]

Obviamente que se trata de um contexto catequético em que o Papa, diante de um subversivo como Malatesta, recorre à parenética cristã para advertir que há uma outra dimensão na qual se enquadram as acções humanas. Excepção feita a esse interlúdio de eternidade, o que domina na obra é a preocupação pelo tempo terreno.

Se a política é a preocupação central da obra, importa precisar o sentido das escolhas políticas relevantes para a cidade. Conforme se viu ao longo da análise, os *Commentarii* reafirmam uma opção política pelos regimes monárquicos.

Antes do pontificado, o quadro das referências políticas de Piccolomini era, sobretudo, o do Império. Basta pensar na epístola-tratado *De ortu et auctoritate imperii Romani* com a sua justificação teórica e histórica da superioridade do governo monárquico, ou seja, do governo imperial, sobre outras formas de organização política; ou mesmo no *Pentalogus*, em que a defesa do papel do Império se expande até aos assuntos da religião, assumindo assim

[7] Paisagem que, por sua vez, não tem de ser necessariamente rural, como já vimos.
[8] Ver p. 302, n.
[9] *Decendentes* apud TOTARO em vez de *decedentes*; cf. ed. HECK, p. 325, l. 7.
[10] *Ibidem*, V, 12, p. 910.

contornos de algum cesaropapismo.[11] No entanto, nos *Commentarii*, a figura do imperador apaga-se.

No que diz respeito às cidades, porém, encontra-se, por um lado, a opção monárquica articulada em torno da ideia, já abundantemente referida a respeito do seu confronto com Veneza, de que o regime monárquico e aristocrático é o único que distingue valores e méritos do ponto de vista moral, por oposição aos regimes populares que se guiam pelo lucro;[12] mas há, por outro lado, um ideal de concórdia que se afirma em situações diversas (a primeira das quais é o já referido discurso à cidade de Siena, no itinerário de ida para Mântua).

Noutros contextos, uma cidade pode ser um *exemplum* de como a *concordia* está ao nível dos fundamentos da vida em comum e que, caso desapareça ou esteja em perigo, é o próprio bem comum que se arruína com ela. Cosenza, capital da Calábria, é um desses *exempla*. Era uma cidade rica pela posição charneira em que se encontrava como entreposto para importação e exportação de bens. Todavia, a prosperidade não trouxe concórdia, antes pelo contrário, movidos pelo ódio a Fernando de Aragão, os habitantes passaram para o partido angevino e assim sofreram uma derrota às mãos dos militares pró-aragoneses.[13]

O mesmo se pode dizer de Todi, cidade que Pio II, em 1462, no seu regresso de Petriolo, encontra agitada por facções e que o levou a nomear uma comissão de cardeais para ouvir os cidadãos e decretar leis no sentido de manter a paz.[14] Todi era, segundo os *Commentarii*, uma das principais cidades da Úmbria e um local agradável — mais pelas vistas de que Pio II gozou a partir do palácio episcopal onde ficou (*prospectus, quocunque te*

[11] Sobre o cesaropapismo do *Pentalogus*, na sua asserção do direito do imperador a convocar um Concílio (*e. g.* p. 130, ll. 22-24), ver Battaglia, Felice, *Enea Silvio Piccolomini e Francesco Patrizi: due politici senesi del quattrocento*, Siena, Ist. Comunale d'arte e di storia, 1936 (Collezione di Monografie d'Arte Senese), que situava "nella cultura giuridica romanistica di Enea la fonte del suo assolutismo imperiale, per cui anche la tesi sostenuta allora nella Reichskanzlei del diritto — canonicamente fundato — dell'imperatore a convocare il concilio quale «defensor ecclesiae», sarebbe invece momento di una concezione universalistica e unitaria del potere sovrano" e, que consequentemente, identificava nessa tese um ideal de verdadeiro cesaropapismo (cit. por Zippel, "Enea Silvio...," p. 300, n. 107).

[12] *Bene instituta civitas, et quae radices vult altius figere malos cives poena, bonos praemio afficit. Nemo qui sapiat ea in urbe manendum duxerit, in qua virtuti non adsint praemia* (Pio II, *Commentarii*, II 21, p. 324); cf. ainda *ibidem*, X, 26, p. 1982: *Nempe quia duabus rebus res publica continetur: poena scilicet ac premio. Nulla diu stare civitas potest, nisi malos deprimat, et bonos extollat*; note-se ainda, a respeito desta opção monárquica de Piccolomini, a enviesada citação da *Ética a Nicómaco* de Aristóteles, em uma obra já anterior aos *Commentarii*, o *Pentalogus*: *Rursus quoque advertendum est vix fieri prodigos posse principes, quia tam multa possident, ut dando atque erogando illa excedere non facile videantur*. Segundo o editor, Christoph Schingnitz, Piccolomini substituiu *tyrannos* do exemplar de que se serviu, por *principes*. Ver Piccolomini, *Pentalogus*, p. 88, n. 150.

[13] *Ibidem*, V, 19, p. 948.

[14] Ver *ibidem*, X, 27, p. 2000.

vertas, gratissimus occurrit) do que pelo vento constante que a fustiga[15]— e significativo do ponto de vista territorial (dali se avistam os meandros do Tibre que fazem de fronteira entre a Toscana e a província de Roma). Apesar dessa situação privilegiada; apesar da prosperidade que o aumento da população indiciava — conforme deduzia o narrador do facto de os muros actuais serem maiores do que os primitivos —,[16] apesar, enfim, dos cidadãos ilustres que ali nasceram ou por ali passaram, a marca mais importante da cidade era o facto de não gozar de paz no seu seio. Pelo contrário, estava ainda marcada pela rivalidade entre guelfos e gibelinos.

O resumo dos eventos dá uma medida do clima quente que se vivia na cidade. Dois irmãos, da família nobre dos Atti, governavam a cidade com uma crueldade e um terror impunes a que nem os prefeitos enviados pela Santa Sé escapavam: prisões abertas, violações, adultérios, assassínios, saques de palácios. Os bons cidadãos procuravam em vão sacudir o seu jugo e diziam ser necessário arriscar algo pela liberdade da pátria (*audendum esse aliquid dicere pro libertate patriae*).[17]

Pela forma como o narrador apresenta a intervenção de Pio II, não restam dúvidas de que essa era uma característica pessoal que gostava de evidenciar:

> *Rebus discussis, cum manifeste constaret Actorum opera civitatem pessime gubernari, verum Andrea Iacobum multo peiorem esse et magis pernitiosum civem; statuit illum urbi subtrahere. Et cum essent incerta populi consilia, novum legit senatum et nomina magistratuum, qui Priores appellantur et bimestre officium gerunt, nova in pixide clausit, quae sortibus extraherentur. Prohibuit ne quis arma per urbem deferret, ne pro reo criminis preces offerret nisi tertio consanguinitatis gradu proximis illi esset; ne quis tumultuante civitate armatus privati cuiuspiam civis domum accederet. In forum convenire omnes iussit et ad aedes aut praesidis aut praefecti. Et alias plerasque leges edidit urbi salutares, quae usque in hanc diem servatae pacem peperere.*[18]

A sua pregação da concórdia como fundamento da cidade teve em Todi, ou em Orvieto,[19] um efeito que não logrou, pelo contrário, em Siena. Mas qual seria a natureza desse ideal de concórdia?

Como nota Rubinstein no seu artigo sobre as ideias políticas presentes no fresco do Bom e do Mau Governo de Ambrogio Lorenzetti, que decora o Palazzo Pubblico de Siena, o

[15] *Ibidem*, p. 1998.

[16] Não há motivos para suspeitar de um apoio à parte guelfa implícito nessa referência como supõe LANZA, Loredana, "Ideologia e politica nei "Commentarii" di Pio II: le descrizioni di città, in BORGIA, Luigi [et al.], *Studi in onore di Arnaldo d'Addario*, Lecce, Conte Editore, 1995, vol. II, p. 526.

[17] PIO II, *Commentarii*, X, 27p. 2000.

[18] *Ibidem*, p. 2002.

[19] Cf. supra p. 362.

ideal de concórdia pode ter uma fonte clássica salustiana ou ciceroniana.[20] Mas, ainda de acordo com Rubinstein, a fonte pode ser a vasta tradição medieval sobre o tema.[21] Haurida, por conseguinte, nessa dupla fonte, a concórdia tornara-se um tema da discussão política, sobretudo, em Siena. Um defensor do regime popular como Agostino Dati, humanista e político de Siena, estabelece em várias orações uma hierarquia de virtudes na qual o primeiro lugar cabe à religião, seguida da justiça, da qual decorre a concórdia como efeito.[22] Em contrapartida, e não obstante a afirmação de que a justiça é a mãe de todas as virtudes, já citada acima no contexto das exigências de Pio II para a readmissão dos *Nobili* ao governo em Siena,[23] é a concórdia que ocupa o lugar mais alto entre as virtudes no conjunto dos *Commentarii*.

Portanto, paralelamente e em conformidade com as opiniões teóricas já analisadas sobre os regimes ideais, nesta vertente da discussão política suscitada pelas situações de várias cidades, ou seja, nas considerações sobre as virtudes, a concórdia piccolominiana assume nos *Commentarii* uma marca anti-popular.

5. 2. Um discurso sobre o prazer

Mas a cidade nos *Commentarii* enquadra-se também em um discurso sobre o prazer. Não há na obra de Pio II, é certo, uma argumentação tão subtil e profunda em torno do prazer quanto a de Lorenzo Valla em *De uoluptate*. E, contudo, é inegável que existe no

[20] De facto, o aforismo de Salústio é citado no discurso de 1459, cf. supra p. 334.

[21] Rubinstein, Nicolai, "Political Ideas in Sienese Art: the Frescoes by Ambrogio Lorenzetti and Taddeo di Bartolo in the Palazzo Pubblico," in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 21, 3/4 (Jul. - Dec., 1958), pp. 179-207.

[22] *Nam qui cupiunt uere beatam esse rempublicam ii procul dubio diuini numinis maiestatem et caelites ac superos omnes summa ueneratione et amplissimis persequuntur honoribus. Si omne datum optimum et omne donum perfectum desursum est et ab immortalis Principis largitate pia Sanctorum intercessione bona cuncta procedunt. Proxime iustitiam proponunt atque eam studio omni ac totis uiribus complectuntur: quam reddens unicuique quod suum est una prae caeteris in omni reipublicae administratione maxime dominatur: resistens ubique superbis, dans uero humilibus gratiam. Adhibent porro concordiam atque unanimitatem: quod est uel maximum ciuilis societatis uinculum: et ciuitatis salutem, securitatem, conseruationem inducit* (Dati, Agostino, *Orationes*, III, vii, *De Republica uere beata*, in Idem, *Opera*, f. LXXIIII v).

[23] Cf. supra, p. 335. Mas na resposta à embaixada de Siena, chefiada por Francesco Aringhieri e Leonardo Benvoglienti, Pio II toma aquilo que para Dati era um efeito da justiça, ou seja, o afecto que liga os cidadãos entre si, por um elemento essencial da cidade: *munimentum civitatis esse amorem civium* (cf. em *Commentarii*, IX, 5, p. 1668).

conjunto dos *Commentarii* um discurso sobre o prazer. De que prazer falamos e como está relacionado com a cidade?

A respeito da descrição dos prazeres, das belezas, das conversas com amigos como elementos de uma função moral, exprimiu-se Stefano Bennassi, nestes termos:

> "l'accento posto su questi aspetti del bene vivendum non fa che rafforzare l'effetto persuasivo del lettore circa le convinzioni filosofiche, anche con le armi, della fede e del potere della Chiesa, e la necessità storica di battere il nemico che viene dall'Oriente, i Turchi, a salvaguardia della cultura cristiana e dell'Umanesimo nascente."[24]

Esse é um juízo a que não se pode negar a justiça de tocar na unidade profunda que o desígnio pessoal de Pio II impõe ao longo da autobiografia e que é, no fim de contas, o móbil do próprio acto de a escrever. Mas é preciso situá-lo na totalidade da obra de Piccolomini e não o subordinar ou limitar ao contexto dos *Commentarii*. É que o prazer, seja o da amizade, seja o de conhecer um país diferente, seja o de apreciar uma arquitectura, seja o prazer da sedução feminina, seja o prazer de escrever sobre tudo isso, é elemento formativo da personalidade de Piccolomini observável na sua obra desde as primeiras cartas. Essa característica, aliás, que não escapou aos primeiros biógrafos, nomeadamente, a Campano em cuja pena ocorrem frequentemente expressões que caracterizam Pio II como pessoa de desejos e de prazeres quer simples quer associados ao conhecimento. Com efeito, Pio II fala do seu desejo desmedido de passear e de conhecer o mundo; de investigar monumentos antigos; de passar o tempo ao pé de uma fonte (e até de jantar no local); de empreender obras.[25]

É verdade que essa característica encontra um paralelismo nas características históricas de Quatrocentos nomeadamente, e para citar Arnold Esch, o prazer de contemplar (*Lust des Schauens*),[26] exemplificado pelo mesmo autor com o testemunho do cortesão que, em carta a

[24] Benassi, Stefano, "Enea Silvio Piccolomini: vero storico e verisimile poetico," in Secchi Tarugi, *Pio II umanista...*, p. 563.

[25] *Lustrandi orbem et vagandi cupidus* (Campano, *Vita Pii secundi*, p. 58, ll. 3 s); *studium vetustatis* (*ibidem*, p. 59, l. 8); *fontes sereno die adeo cupide frequentabat ut saepe inter glaream et marginem cenam postulavit.* (*ibidem*, p. 61, ll. 1-3); *edificandi studium* (*ibidem*, p. 67, l. 16). Aliás, e para confirmar esse lado da personalidade do protagonista, vemo-lo, no contexto da visita ao lugar onde se situava o mosteiro de San Salvatore, em Abbadia, como um turista apaixonado: *notaverat locum Pontifex anno altero cum illac transiret, et aptissimum sibi refugium adversus aestivos ignes delegerat, silvarum amator et varia videndi cupidus.* (Pio II, *Commentarii*, IX, 1, p. 1652)

[26] Esch, *Landschaften...,* p. 18: "man muß auch erkennen, daß die Zuwendung zur Landschaft, wie sie uns nun, um die Mitte des Quattrocento, in Wort und Bild begegnet, wiederum etwas Neues ist: eine Lust des Schauens, die nicht von cogitatio und contemplatio überlagert oder angeleitet wird - sondern Natur, wahrgenomen mit den eigenen Sinnen auch ohne transzendenten Bezug."

Barbara Gonzaga, escrevia a respeito da entrada do Papa em Florença aquando do regresso de Mântua: "parevano veramente uscite da le mani di Andrea Mantegnia."[27]

Mas, note-se, o próprio narrador fala abertamente dos prazeres como uma das características mais constantes do protagonista: desde as *uenustae* mulheres da remota Escócia[28] ao arranjo das mulheres de Florença à sua chegada; desde a carne dos bois, que Sforza oferecera durante o Congresso de Mântua ao Sumo Pontífice,[29] à boa comida de Viterbo.[30] Ora, que outro prazer supera o da arquitectura e da arte patente nas várias descrições de cidades desde Londres até Pienza?

De facto, o prazer da arquitectura e da arte envolve as mais altas faculdades ou actos como a inteligência e a fé. Envolve, por um lado, a inteligência como se vê pelas várias expressões de admiração pelo engenho que determinadas obras ostentam. Disso são prova a referência à basílica de Assis com as pinturas de Giotto; o louvor do arrojo da cúpula da catedral de Florença; a nota sobre o Palácio ducal de Revere, ainda em fase de construção (*regium palatium semiedificatum structura et artificio singulare architecti ostendit ingenium*);[31] as referências à arquitectura palaciana em Roma; e, acima de tudo, a pormenorizada descrição de Pienza. Mas o prazer da arquitectura envolve, por outro lado, não só o juízo estético como ainda a fé.[32]

Acresce a esse prazer intelectual, o prazer, igualmente intelectual, da narrativa dos amores adúlteros em Siena ou dos tumultos em Roma. Neste caso a cidade apresenta-se, mesmo sob uma forma moralmente disruptora, como o terreno de paixões amorosas e de paixões políticas que tomam uma direcção desviante.

Em contrapartida, face a esta centralidade do espaço urbano, quer como espaço de poder quer como espaço de prazer, os textos analisados permitem afirmar, neste momento, que há uma ambivalência de Pio II em relação à cidade. Embora reconhecendo-a como o espaço político e, enquanto tal, como um espaço central na sua vida, Pio II concebe nos *Commentarii* dois espaços alternativos às cidades nas quais vive ou com as quais trava

[27] Citado por Esch, *ibidem*, p. 19.
[28] Pio II, *Commentarii*, I, 6, p. 22.
[29] *Caro ita omnibus placuit, ut suaviori cibo nunquam se pastos fuisse dixerunt* (*ibidem*, IV, 44, p. 628).
[30] Cf. supra p. 401.
[31] *Ibidem*, II 42, p. 412.
[32] Como se pode ver pela descrição da fachada da catedral de Orvieto, na qual se entrevê a piedade que a história da salvação ali narrada tinha por objectivo despertar (cf. supra p. 361).

relações: os espaços campestres e a cidade de Pienza. Ambos são, com efeito, escapatórias do mundo politicamente saturado que as cidades lhe oferecem (sobretudo Roma e Siena). E desse ponto de vista configura-se aqui mais uma convergência entre Pio II e Alberti, cuja obra oscila entre a família e a cidade.[33] Os repetidos afastamentos de Siena ou de Roma, e a construção de Pienza, apontam no sentido de uma preterição da cidade em favor do espaço privado.

[33] Massimo DANZI notou como a viragem mediceia de 1434, operou uma mutação no pensamento albertiano que o leva a propor "la propria 'consorteria' como nucleo del vivere civile." "Fra "**οἶκος**" e "**πόλις**" : il pensiero familiare di Leon Battista Alberti," in BASTIA, Claudia; BOLOGNANI, Maria; PEZZAROSSA, Fulvio (edd.), *La memoria e la città: scritture storiche tra Medioevo ed Età Moderna*, Bologna, Il nove, 1995, p. 53.

Conclusão

Conclusão

A multiplicidade de géneros literários que pensam e modelam a imagem e o conceito de cidade; o princípio de que uma forma como a *laus urbis* adquire potencialidades e significados novos; o facto de os diferentes discursos sobre a cidades terem sido alvo de uma fecunda recepção no séc. XV, nomeadamente em Alberti, constituíram os pontos de partida deste trabalho. Que relevância mostraram na análise da obra de Piccolomini?

Quanto à importância de ter em conta a multiplicidade de géneros literários relevantes para o tema da cidades, concluímos que Piccolomini escreveu sobre a cidade em diversos géneros literários: em cartas; ficções (*somnium*) e em diálogos; na sua autobiografia. Em cada uma dessas formas literárias, por sua vez, Piccolomini escreve sob influência de diversos modelos e em tonalidades diferentes.

A epistolografia de Piccolomini, com as suas várias descrições de cidades, constitui uma prova do *studium vagandi et lustrandi orbis* de que falava Campano. O biógrafo de Pio II indicava com essa expressão a sede de conhecimento que de há muito foi notada pelos estudiosos. Mas a análise dos textos mostra que, movido por esse desejo de conhecer o mundo, Piccolomini construiu mais do que um conjunto de descrições interessantes do ponto de vista geográfico quer pela diversidade de espaços a que dizem respeito quer pelo seu teor. Essas descrições testemunham uma iniciação e uma maturação de Enea no espaço geográfico, político e literário do seu tempo, e, a esse título, as cartas são relevantes do ponto de vista autobiográfico (o que não significa, contudo, que sejam uma autobiografia).

A descrição de Génova constitui um primeiro exemplo de iniciação literária: Enea descreve a cidade de Génova decalcando os traços com que Poggio Bracciolini descrevera a

estância termal de Baden. Essa imitação não pode ser tomada por um exemplo de como uma descrição disponível na tradição literária se pode aplicar a uma realidade. Enea, é um facto, surge nessa descrição como que à procura de uma certificação para entrar no mundo literário e faz da escrita de Poggio o seu modelo (sem esquecer que a sua sensibilidade e a sua produção anteriores o inclinavam para aí). Mas também não é menos verdade que a cidade de Génova surge com algumas características que a individualizam (nomeadamente o facto de ser uma cidade mercantil) e que, do ponto de vista urbanístico, Enea se afirma como atento estudioso de formas arquitectónicas e das realidades que representam. Nesse sentido, a comparação entre Génova e Veneza demonstra como a forma urbana é a corporização da individualidade histórica e política da cidade.

Em contrapartida, a ampliação do tema dos *mores* (parte integrante da tradicional *laus urbis*) ao ponto de hipertrofiar o elemento erótico e doméstico, como se a cidade fosse um cenário de aventuras amorosas que violam os princípios normais da sociedade (de que é exemplo o adultério impune), constitui uma tentativa idealização (derivada em última análise do modelo de Poggio). *Tentativa*, já que, efectivamente, não há nenhuma idealização: o texto é apenas uma carta para um amigo, ou seja, um acto de comunicação entre dois homens de formação cultural semelhante — facto que foi decisivo para que a descrição assumisse esse pendor.

Enquanto a descrição de Génova hipertrofiava o ambiente doméstico, a descrição de Basileia afirma-se, na linha da tradição humanística, como um programa de escrita historiográfica empenhada em uma missão pedagógica e social. No entanto, o texto constitui um paradoxo. Com efeito, logo desde o prefácio, a descrição pretende constituir, por um lado, um projecto de defesa do Concílio e, por outro, e em virtude da variedade de assuntos que anuncia, uma distracção para o seu dedicatário.

A descrição de Basileia — cidade que, fruto das circunstâncias históricas de então, se tornou uma cidade-chave para a política europeia, quer ao nível secular quer ao nível eclesiástico — constitui o primeiro ensaio de Enea no sentido de uma tentativa de compreensão de uma realidade urbana distinta do mundo italiano em que fora criado.

A descrição assumia um tom laudatório e descobria na realidade estrangeira que se lhe deparava o *splendor* e a *magnificentia* que se esperavam para o padrão italiano, quer nos edifícios religiosos, quer nos edifícios particulares. A descrição desta última tipologia —

sobretudo tendo em conta que apresenta esses edifícios do ponto de vista da sua habitabilidade ao pôr em relevo as soluções de aquecimento que possuem — constitui, aliás, um elemento novo na tradição literária das *laudes urbium*.

De facto, a descrição é um ensaio de interpretação da realidade urbana nas suas várias dimensões. Em um primeiro momento, essa interpretação faz-se a partir dos diferentes sinais da vida urbana (o vestuário dos habitantes; os desportos; a forma de estar na religião; a actividade comercial nas praças); em um segundo momento alarga-se para o espaço urbano na medida em que Piccolomini descobre uma racionalidade subjacente à configuração das ruas, ao abastecimento de água, ou explica determinados aspectos por meio de factores históricos (como o terramoto ou a presença judaica). Em um terceiro momento, essa interpretação tem por objecto a organização política e jurídica.

Quanto ao aspecto político, a interpretação de Piccolomini é balizada pelos termos da realidade política italiana, como se pode ver pelas observações acerca do estatuto de cidade livre que, no seu entender, não colide com a submissão ao Império (onde se pressupõe o debate italiano entre guelfos e gibelinos); ou ainda pelas observações relativas à composição dos órgãos de governo onde um equilíbrio entre nobre e plebeus (que na realidade não existia) tem implícito o conflito que comandava a vida política da sua cidade natal.

No aspecto jurídico, a sua interpretação deparou com o obstáculo de uma sociedade que não conhecia nem Direito Romano nem, de acordo com o seu conhecimento, qualquer lei escrita. Mesmo assim pareceu-lhe ver na justiça que regia a cidade um exemplo de perfeição moral.

No seu conjunto, este primeiro texto sobre Basileia caracteriza-se pela sua idealização da cidade. Só os padrões do gosto italiano com que julga vários aspectos da cidade ou o preconceito antiplebeu que demonstra (e que o leva a ver disformidade quer nos habitantes de condição humilde, quer nos seus edifícios) contrabalançam essa idealização.

O modelo desta primeira descrição de Basileia era mais uma vez Poggio, muito embora Piccolomini o tenha distorcido. Com efeito, Poggio vira na estância termal de Baden uma liberdade, uma licenciosidade e uma vida orientada para o prazer sem qualquer outra preocupação, para a qual só encontrava paralelo no Paraíso ou na *politeia* platónica.

Pelo contrário Piccolomini viu em Basileia uma sociedade austera e uma cidade quase perfeita em vários aspectos e nunca levou tão a sério a realidade que observava a ponto de pôr em causa o seu ponto de vista italiano.

No entanto, a gravidade do tema (a descrição anunciava uma história do Concílio e era endereçada ao cardeal Giuliano Cesarini) contrastava com a ligeireza do modelo literário — o que somado às observações desprimorosas sobre o nível cultural dos Basilienses explica a má recepção de que o texto foi alvo.

A segunda descrição, em contrapartida, tentava corresponder à gravidade do tema. Piccolomini conseguiu-o de diversas formas. Em primeiro lugar, pelos modelos escolhidos: Bruni e Decembrio. A *Laudatio Florentine urbi*s de Bruni é, com efeito, um texto que recupera a retórica política do panegírico de Atenas do sofista Élio Aristides. É igualmente um texto que suscitou, ao longo do séc. XX, um longo debate sobre o Renascimento e que deu origem a um dos seus conceitos mais discutidos: o de humanismo cívico, na formulação de Hans Baron. Pela sua retórica, que constrói um modelo de cidade perfeita e que dita a formulação de um conjunto de qualidades estéticas (nomeadamente, o *splendor* e a *magnificentia*) que se constituem como padrão para a literatura posterior, a *Laudatio* opera uma perfeita coalescência entre qualidades urbanas e virtudes cívicas. Decembrio, por sua vez, compõe um elogio de Milão em resposta à *Laudatio*. Se Bruni encarnava o muito discutido humanismo cívico, Decembrio é o exemplo perfeito do humanismo *signoriale* (na formulação de James Hankins). Fruto da sua actividade como tradutor da *República* de Platão, Decembrio exaltava na cidade sobretudo o seu regime timocrático (mais ainda do que as suas virtudes paisagísticas).

Sob este duplo modelo, Piccolomini idealizou a cidade quer em termos da sua localização quer em termos da sua importância geopolítica. A reivindicação do estatuto de capital para Itália da *Laudatio* de Bruni e as virtudes paisagísticas de Milão, exaltadas por Decembrio, foram transferidas para Basileia com as devidas adaptações. A centralidade de Basileia é afirmada, por um lado, em função do Império e, por outro, em função da cristandade. O prefácio com a sua ênfase na divisão da cristandade colocava o Concílio como chave interpretativa da descrição: o Concílio era decisivo para sanar a divisão que feria a

cristandade; Basileia justificava o estatuto de sede do Concílio pela sua centralidade em relação ao Império e à cristandade.

Por isso, a cidade foi ainda mais idealizada nesta segunda descrição, transformando-se em exemplo de equilíbrio. Com efeito, a sua localização intermédia entre o monte e a planície evita as desvantagens de ambos; assim como a localização distante do mar evita a degeneração a que as cidades marítimas se prestam. Esse ideal de equilíbrio advindo de qualidades morais concretiza-se na forma urbana (por exemplo, as fortificações não se apresentavam de tal modo imponentes que sugerissem que os habitantes confiavam mais nelas do que na sua própria coragem). Do mesmo modo, o sistema político ostenta um equilíbrio entre nobres e plebeus e o sistema jurídico, apesar de bizarro para os padrões de Piccolomini pelo facto de não ser escrito, mostra a severidade da justiça entre os Basilienses.

A comparação entre os textos de Piccolomini e textos contemporâneos sobre a mesma cidade faz ressaltar as diferenças os separam. Efectivamente, e tomando o exemplo dos elogios em documentos diplomáticos — nomeadamente nos elogios de cidades candidatas à sede de um Concílio (e.g. Avinhão) — não se encontra neles qualquer tipo de interpretação da realidade urbana. Também o diário de Gatari e o relato de viagem de Pero Tafur ou o elogio de Petrus Antonius Finariensis se guiam por princípios diferentes. Gatari e Tafur, embora possam ter maior precisão na descrição de determinados edifícios ou locais, mostram uma percepção acrítica da realidade, guiada apenas pela curiosidade; o elogio de Petrus Antonius, por sua vez, não passa de um uso da forma *laus urbis* como uma demonstração de capacidade retórica.

Ambas as descrições de Piccolomini mostram-se surpreendentemente omissas no que toca a uma eventual ligação entre o seu conteúdo e as ideias discutidas no Concílio. De facto, o Concílio de Basileia, onde se discutem questões cuja importância ultrapassa o domínio eclesiástico, é um ponto de convergência de várias linhas de reflexão política de então; é-o, desde logo, pelo facto de ser uma assembleia que pretende "representar" a cristandade e com mais amplos poderes do que o poder 'monárquico' do Papado. Neste sentido, a percepção da cidade, plasmada na segunda descrição de Basileia, mostra as contradições presentes em Piccolomini do ponto de vista da sua sensibilidade política. Nascido na elite gibelina de Siena, Piccolomini não se apercebe da contradição entre a sua própria formação gibelina e a tendência pró-democrática inerente ao movimento conciliarista. Por isso a segunda descrição

da sede do Concílio, com o enquadramento da cidade no Sacro Império, parece tão paradoxal. Em termos autobiográficos, este compromisso contraditório ficaria constituído como uma linha de água: "Basileia" significa, na correspondência posterior, uma adesão a princípios que veio a renegar.

O terreno desta forma literária, a *laus urbis*, altera-se com a descrição do castelo de Ebelsberg e da cidade de Passau. Em vez do espaço cívico e político da cidade de Basileia, ambos os lugares são descritos e louvados na medida em que exaltam as qualidades da pessoa do seu senhor, o bispo Leonhard von Laiming. Na verdade, os habitantes que rodeiam o castelo caracterizam-se pela sua condição miserável e os de Passau são beneficiários da magnificência de Leonhard von Laiming. Assim, a descrição de ambos os lugares é, por um lado, um discurso sobre a *magnificentia* e, por outro, um exercício de interpretação do espaço arquitectónico de uma residência senhorial. Como discurso sobre a *magnificentia* exalta um ideal que se vinha afirmando em Itália. Como ensaio de interpretação da arquitectura de uma residência senhorial comprova, de forma mais pormenorizada, o interesse de Piccolomini pelo interior de uma habitação e pelas suas qualidades (ornamentação e conforto).

Se a cidade de Basileia era decisiva em uma perspectiva biográfica (e autobiográfica), a cidade de Viena não o era menos. No entanto, a cidade passa despercebida na epistolografia. Só a carta a S. João Capistrano a apresenta brevemente e sob a figura de uma Babilónia que, graças à futura pregação do santo, se poderia converter em uma Sião. Em contrapartida, uma descrição da mesma cidade na *Historia Austrialis*, por um lado, exalta e particulariza várias qualidades da cidade (como o Palácio ducal e as residências nobres conferem à cidade *magnificentia* e *splendor*) e, por outro, ilumina essa imagem de Viena-Babilónia. Na verdade, e não obstante a qualidade estética referida, a cidade caracteriza-se, nessa descrição, pela sua desordem moral: um organismo devorador que exige um abastecimento impressionante; uma população dada ao vício (especialmente o da bebida) e à criminalidade. A este retrato desfavorável acrescia um baixo nível cultural, revelador de uma estagnação de que era exemplo o ensino da universidade, ainda refractário às inovações do humanismo italiano. A visão era parcial e isso deve-se não só às circunstâncias de redacção da obra como à ambivalência da relação do autor com a cidade. Como se vê pelas cartas, essa cidade havia sido o cenário da vida boémia recordada em cartas aos seus amigos mais próximos desse tempo.

Mais desfavorável ainda será o retrato da cidade de Tabor, cuja fundação se encontra ligada a um dos movimentos mais importantes do séc. XV: o movimento Hussita. A descrição de Tabor é o ponto mais baixo em uma escala civilizacional constituída a partir das descrições de cidades da epistolografia. Com efeito, a cidade é posta em causa quer no seu aspecto urbanístico quer no seu aspecto cívico, como se ambos os aspectos fossem decorrentes da perversão religiosa.

As descrições de cidades na epistolografia são relevantes do ponto de vista autobiográfico, conforme foi demonstrado. São-no igualmente sob o ponto de vista da constituição de um discurso sobre a cidade em que esta, por uma lado, se afirma como espaço cívico e, por outro, se define segundo um padrão estético e ético.

Entretanto, o prefácio à descrição de Basileia enunciava um problema fundamental, a saber, a relação entre espaço e tempo, ao afirmar a necessidade de valorizar o tempo presente, nomeadamente, edificando cidades.

Na obra de Piccolomini a relação com o tempo pode ser vista sob diversos aspectos, nomeadamente, em termos de estratégias para o vencer como sejam a geração de filhos, a literatura e as cidades. Sobre as cidades e o tempo, não era o primeiro autor a escrever sobre o tema, pois outros autores renascentistas, como Biondo Flavio e Alberti, mostram ter consciência da vulnerabilidade do fenómeno urbano em relação ao tempo.

A primeira obra de Piccolomini em que essa relação é explicitada é o *Somnium de fortuna*, escrita ainda no período da sua residência na Áustria. Servindo-se das figurações pagãs da vida do além e, em particular, da fortuna como mulher (e mulher imprevisível), Piccolomini imagina os diversos sectores da sociedade em que vive submetidos aos seus caprichos. Todavia, esta figuração da fortuna é também uma figuração do tempo e especialmente do tempo como oportunidade que exige atitudes e esforços determinados para ser conquistado. Entre as figuras submetidas a esta fortuna estão várias cidades: umas já destruídas e esquecidas; outras em declínio; outras, por fim, no seu apogeu.

Dir-se-ia que esta visão do tempo e do seu efeito sobre as cidades era fruto de uma visão que ainda não se confrontara com uma crise. Longe estavam as reflexões mais dramáticas de Biondo (ou mesmo de Alberti) sobre o tema.

O *Dialogus de somnio quodam*, pelo contrário, é escrito no rescaldo de uma crise, a saber, o efeito da queda de Constantinopla — um acontecimento que teve repercussões várias na obra de Piccolomini.

O modelo do diálogo não era o das visões da planície dos bem-aventurados, mas a *Comédia* de Dante; e o seu tema define-se como o destino histórico de Roma e de Constantinopla.

A discussão de Roma tem como ponto de partida a obra de Biondo e o seu projecto de restauração da Roma antiga, que é posto em causa por Enea no diálogo. Na verdade, na opinião de Enea, as cidades têm um ciclo de vida como os seres humanos, ou seja, também morrem; e esse era o caso de Roma.

Não obstante essa pesada sentença, o diálogo afirma a importância de Roma ao discutir outra questão importante nesse momento: o debate sobre a doação de Constantino. Embora sem refutar os argumentos que negavam a validade do texto do *Constitutum Constantini*, Enea reformula a reivindicação de poder temporal por parte do papado com base em argumentos extraídos de Cícero (nada era mais querido a Deus do que as "cidades" e, por isso, até os sacerdotes se deviam ocupar de negócios seculares) e de Platão (transformando os sacerdotes em reis-filósofos).

A discussão sobre Constantinopla, apesar de terminar em aberto e de ser menos incisiva, define um ponto: Constantinopla era a sede do Império Romano e a isso devia a sua nobreza.

Esta obsessão pelo Império leva Piccolomini a defender a dignidade das duas cidades, a despeito de o seu destino histórico as ter empurrado para o declínio ou para a perda da identidade. Consequentemente, a importância das duas cidades, no diálogo, assenta no seu estatuto de *fictio ueritatis*, no sentido que Kantorowicz deu a esse conceito. Por outras palavras, Piccolomini tenta fazer das cidades entidades universais (*uniuersitates*) que não podem morrer.

A reflexão sobre o tempo e a cidade passa ainda pelo tema das ruínas tão importante na sua última obra, os *Commentarii*. O tema tem bastante difusão na literatura humanística do tempo, como foi demonstrado, mas é sob a égide de Biondo e de Alberti que Pio II se mostra investigador inveterado de monumentos e de ruínas antigas. Os *Commentarii* não falam em

pietas para com os monumentos do passado, mas de uma relação de aprendizagem: *ruinae docent*. Os biógrafos de Pio II falam em *studium uetustatis* e, mais do que isso, a bula *Cum almam nostram* define os termos da valoração das ruínas antigas: o que as ruínas ensinam é a *rerum humanarum fragilitas*.

Por isso, Pio II quis construir a sua própria cidade, uma cidade epónima: Pienza. A própria circunstância da construção é uma lição sobre o tempo, pois Pio II, ao visitar a sua aldeia-natal, apercebe-se do seu envelhecimento. A decisão de construir aí a sua própria cidade é a confirmação, em obra, da tese que já escrevera em palavras, a saber: construir cidades é uma forma de vencer o tempo.

Além dessa dimensão do tempo, abundantemente testemunhada nas visitas a ruínas, as cidades são, nos *Commentarii,* uma peça essencial para o reconhecimento cultural e político da Itália de meados de Quatrocentos — reconhecimento em que o itinerário mantuano é uma peça importante (e mais uma vez segundo o modelo de Biondo). Enquanto autobiografia, os *Commentarii* ilustram a relação de Pio II com algumas das cidades da Itália, bem como os princípios políticos do autor.

De entre as cidades italianas duas são cruciais na autobiografia, na medida em que integram a identidade do protagonista: Roma e Siena. Com a cidade toscana o protagonista mantém uma longa e apaixonada relação, fonte de desentendimentos. Para isso contribuíram tanto as opções políticas de Pio II que se pautavam por uma obstinada oposição ao governo popular e, ao mesmo tempo, por uma defesa da reintegração dos *Nobili* nas magistraturas da cidade. O seu ideário político centrado na *concordia* encontrou uma tenaz oposição em Siena. A frustração do projecto político de Pio II para a cidade acaba por ter uma consequência na narrativa dos *Commentarii*: é a cidade mais caracterizada pela sua divisão interna e a menos caracterizada do ponto de vista urbano.

A relação de Pio II com Roma enferma de um problema semelhante. As melhores páginas de Pio II sobre a cidade são, paradoxalmente, aquelas que narram as revoltas na cidade lideradas por Tiburzio. Essas revoltas que, em um primeiro momento, são caracterizadas como uma expressão da ideologia municipal que pretende libertar Roma da *signoria* papal (*sacerdotum iugum*), são posteriormente explicadas em função do seu real motivo que era a divisão das elites romanas entre os dois partidos da sucessão do trono de

Nápoles. De qualquer forma, é graças aos episódios dessa revolta, que terminou com a execução de Tiburzio e seus companheiros, que a narrativa de Pio II transporta o leitor por alguns itinerários através do *abitato* da margem esquerda do Tibre — uma inserção inesperada tendo em conta a ausência de passeios de Pio II pela cidade.

Contrariamente a Nicolau V, Pio II não concebeu nenhum programa de restauro ou de renovação da cidade de Roma. Deixou construções em Roma como o púlpito das bênçãos e outras remodelações na praça e na basílica de S. Pedro. Tal não significa, contudo, que Pio II não mostre consciência da renovação urbanística na Roma do séc. XV. Na realidade, Pio II revela consciência dos exemplos da nova arquitectura palaciana da cidade quando menciona, nomeadamente, o palácio do cardeal Capranica e o Palácio Orsini, no Campo dei Fiori.

Não obstante, o verdadeiro programa para a cidade está representado na narrativa da recepção da relíquia de S.to André. A cerimónia é vista em função da cidade de Roma, ou seja, como uma tentativa de revitalizar a cidade mobilizando, como se vê pelos discursos proferidos, os seus significados simbólicos principais: o de cabeça da cristandade e o de cidade de apóstolos e de mártires. Com efeito, ao sublinhar os motivos da vinda da relíquia (a invasão da Grécia pelos Turcos) e a presença de peregrinos das várias nações europeias. Pio II pretendia afirmar a Roma papal no contexto europeu e, ao mesmo tempo, impulsionar a Cruzada.

A procissão do *Corpus Christi*, em Viterbo, está ligada à cidade de Roma na medida em que esta foi preterida para acolher a festa. Diferentemente da narrativa da cerimónia da relíquia de S.to André, nesta, relativa ao cortejo de Viterbo, são as personagens (o Papa e a cúria) e as encenações ao longo do percurso que assumem importância. Pelo contrário, a cidade é encarada nas suas potencialidades como cenário: de facto, é o que se deduz do arranjo urbanístico preliminar ordenado por Pio II, que tinha como objectivo desimpedir os arruamentos por forma a não perturbar a vista em perspectiva.

Viterbo representa uma fuga temporária de Roma. Pienza, em contrapartida, é uma alternativa, quer a Siena — depois de frustrado o projecto político de Pio II para a sua cidade natal —, quer a Roma; mais ainda: tendo em conta as afirmações do *Dialogus de somnio quodam* sobre a vida e morte das cidades, Pienza é uma prova do desejo de edificar uma cidade nova e à imagem do seu autor.

A descrição de Pienza é o texto mais técnico e preciso, relativo a uma cidade, que se pode ler em toda a obra de Pio II e, ao mesmo tempo, a prova do *studium uidendi* e do *studium aedificandi* de que falam os seus biógrafos (que não deve fazer esquecer, todavia, que Pio II é um inteligente observador do espaço arquitectónico capaz de perceber os pressupostos e as consequências de um espaço como os casebres dos camponeses de Canepina). Todavia, a cidade de Pienza está longe de constituir um exemplo de uma cidade idealizada.

Na Antiguidade, houve, de facto, muitas idealizações em torno da cidade (e até mesmo um género literário: a *politeia*). Embora esses projectos de cidades ideiais tenham exercido influência no séc. XV (como se pode ver em Bruni ou Alberti), em Piccolomini essa influência é marginal. Por isso podemos dizer que a maior consequência que Piccolomini extraiu da literatura antiga foi a importância da cidade como forma de organização da vida em comum e o valor da dedicação ao seu governo (actividade a que pertence, como se viu, o exercício de cargos eclesiásticos).

A questão das influências é mais complexa em relação a Alberti, o maior leitor de literatura sobre cidades (e autor). Existem pontos de afinidade entre Alberti e Piccolomini (de entre os quais se salientam o interesse pela cidade e o estudos da ruínas e monumentos antigos). Como se viu, foi Alberti que cedeu a Piccolomini, durante o Congresso de Mântua, um exemplar de Vitrúvio. Não restam dúvidas de que Piccolomini atribuía aos autores da Antiguidade clássica uma importância enorme (como também não há dúvida de que, no seu modo de ver, o acesso aos livros e ao mercado livreiro era o principal índice de cultura). No entanto, é sobretudo a convergência de interesses entre Piccolomini e Alberti (e não obstante as divergências ideológicas), que se torna indiscutível no final desta investigação.

Essa convergência de interesses nota-se não apenas entre Piccolomini e Alberti mas estende-se, nomeadamente, a Bruni (autor também afastado ideologicamente de Piccolomini). O apreço de Piccolomini por Bruni era grande, como ficou demonstrado, mas depois de uma emulação fiel inicial, o humanista de Siena seguiu um caminho próprio.

Com efeito, o Aretino compusera o seu louvor de Florença fundindo em uma unidade o aspecto estético da cidade e a sua constituição política. Os dois aspectos estão ligados em descrições como as de Basileia ou a de Tabor. Nos *Commentarii*, por sua vez, as cidades são, além de centros de poder, objectos cuja contemplação proporciona prazer. As duas

perspectivas sobre a cidade começam a desligar-se, , na sua autobiografia: há cidades que Pio II associa ao prazer (como é certamente o caso de Pienza ou Viterbo) e cidades que associa ao poder (Roma, Siena, Florença...). Desse ponto de vista quebrou-se o mundo cívico perfeito em que Bruni pensava a sua Florença. Em seu lugar surge o ruído de um cenário diplomático instável — instabilidade constantemente alimentada em frentes sucessivas e por personagens diversas sem qualquer possibilidade de se entrever um desígnio comum ou maior que pudesse uni-las. Mais do que isso, porém, a cidade torna-se um objecto de gozo, mas já sem qualquer relação com o aspecto político ou cívico — transformação que os *Commentarii* documentam superiormente.

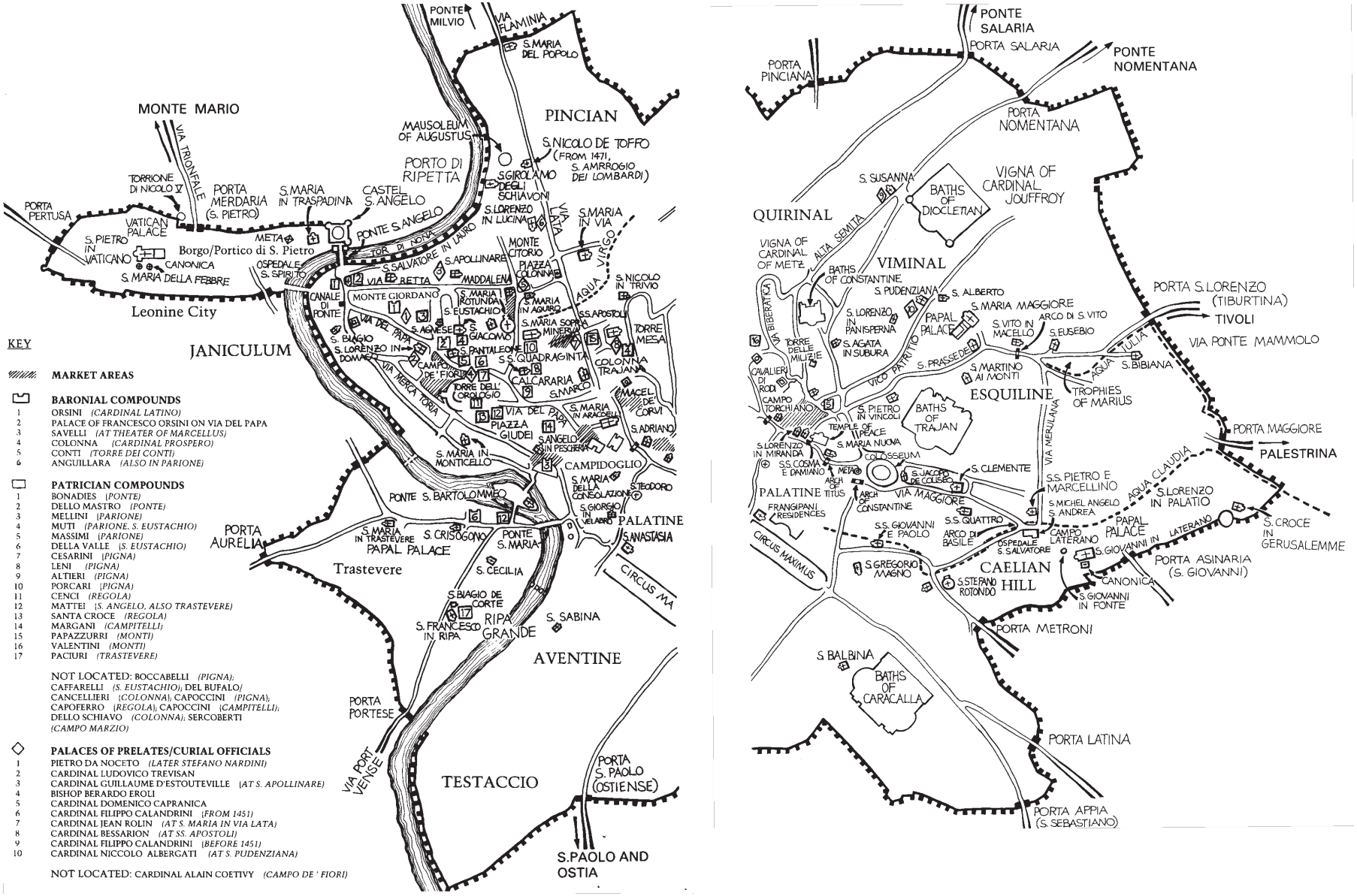
Roberto S. Lopez definiu a cidade como "uno stato d'animo"[1] — um contexto mental, diríamos, ou seja, o conjunto de crenças, hábitos que fazem com que os habitantes da cidade se sintam diferentes dos do campo (e, poderíamos acrescentar, diferentes de outras cidades). A importância do imaginário urbano tem sido posta em relevo por vários estudos,[2] no entanto, a presente investigação mostrou que, para Piccolomini, a cidade tem uma dimensão material e institucional que analisa em profundidade.

Com essa ressalva em mente e aplicando o conceito de contexto mental já não aos cidadãos, mas ao estudioso do fenómeno urbano, podemos dizer que Piccolomini, e mais claramente ainda Pio II, encara a cidade esvaziando-a ou inoculando o seu significado político. Na verdade, de acordo com a geografia de Piccolomini, as cidades integram-se em uma ordem que implica um sacrifício, em primeiro lugar, em favor da Itália; em segundo, em favor da *respublica christiana*, i. e., da cristandade.

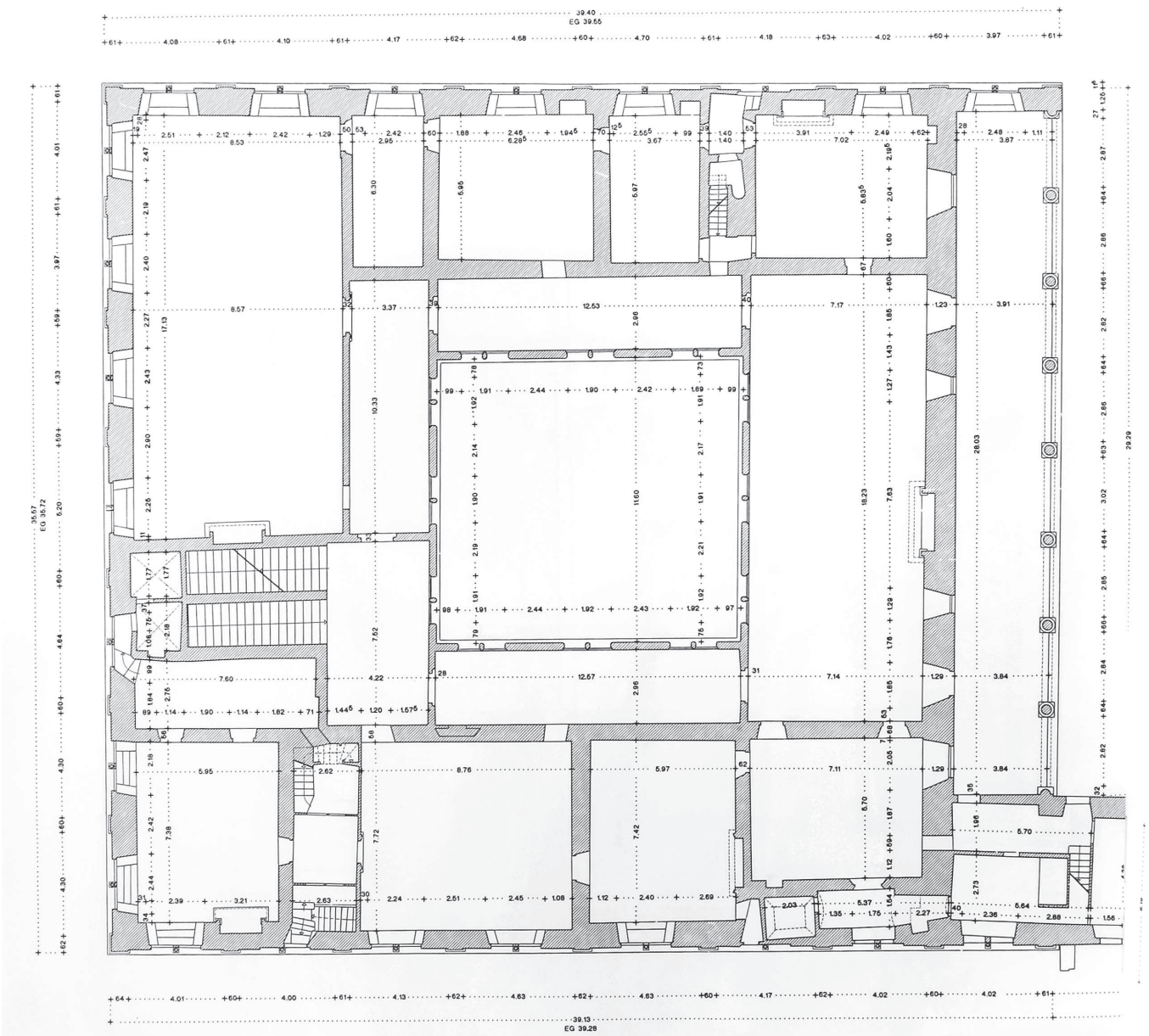
[1] Cit. por Bordone, *Uno stato d'animo*, p. 4.

[2] Aspecto estudado nomeadamente por Frugoni, Chiara, *A Distant City: Images of Urban Experience in the Medieval World*, trans. William McCuaig, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1991, ed. orig. 1983; Le Goff, Jacques, "L'immaginario urbano nell'Italia medievale (secc. V-XV)," in Romano, Ruggiero; Vivanti, Corrado (coords.), *Storia d'Italia. Annali 5: Il Paesaggio*, Torino , Einaudi, 1982, pp. 3-43.

Apêndices



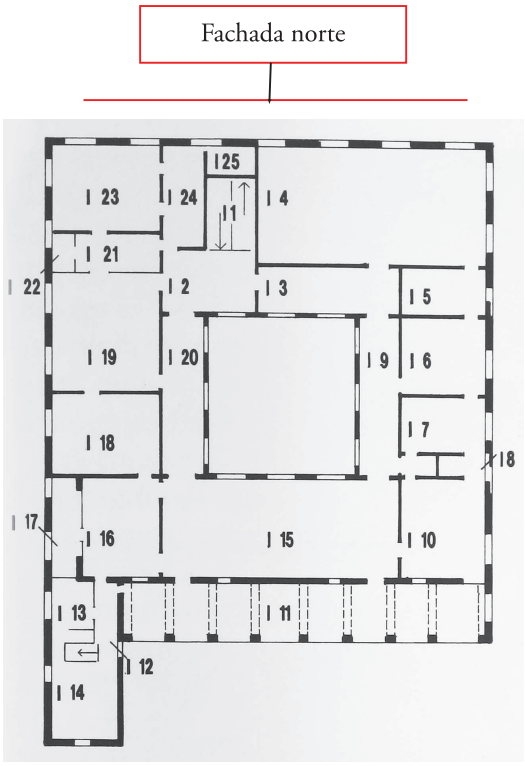
Apêndice A — Roma no séc. XV: sítios principais e residências nobres (fonte: Burroughs, *From signs...*, map 2; reprodução gentilmente autorizada por The MIT Press)



Apêndice B — Desenho com as medidas do Palácio Piccolomini (piso nobre), em Pienza. Fonte: PIEPER, Pienza..., p. 546 (reprodução gentilmente autorizada pelo editor Axel Menges). Nota: o volume correspondente à cozinha está cortado.

Apêndice D

Planta do piso nobre do Palácio Piccolomini, em Pienza, e descrição de Pio II



His ascensis [I1], ***deambulatorium*** *occurrit quod* ***ex tribus lateribus*** [I20, I3, I9] [...] *in aream respicit. Ad dexteram deambulanti quadrata sese offert* ***aula*** [I19], ***honestissimis cubiculis duobus*** *serviens* [I 18 e I23, i. e. câmara do tesouro]. [...] *In fine deambulatorii* ***aula*** *[I15] est septuaginta duorum pedum, tertia parte sua latitudine longior. Haec ostia sex habet: duo deambulatoria respiciunt; duo in porticum mediam, Amiatam versus, aditum praebent: reliqua in* ***duo ampla et ornatissima cubicula*** [I16, I10] [...]. *Ad sinistram deambulatorii conversus, alteras offendes* ***scalas*** [I1] *quibus in tertia scanditur habitacula; his dimissis* ***ostium*** [I2] *ingredieris quod deambulatorium in duas partes dividit; exin a dextris si placuerit in* ***aulam*** [I15] *ibis, cui diximus mediam porticum cohaerere; a sinistra vero aestivum coenaculum sive aulam omnibus maiorem reperies, cuius quattuor fenestrae Septentrionem admittunt, Orientem duae et illae in vicum respiciunt, istae in forum. Ex aula in* ***oratorium*** [I5] *itur et habitacula in Orientem versa idest* ***cubicula tria*** [I6, I7, I10] *quorum* ***ultimum*** [I10] *ostium habet, ut diximus, in aulam sex ostiorum et in* ***porticum*** [I11] *cohaerentem; et hoc Pontifex habitavit* [...]. *Deerat huic fabricae* ***coquinarum structura: domus quadrata ad altitudinem palatii erecta est*** [I 14]. (*Commentarii*, IX, 23, pp. 1750, ss).

Nota: só estão legendados os espaços mencionados no texto e identificados em PIEPER, *Pienza*..., pp. 149, il. 342; reprodução gentilmente autorizada pelo editor Axel Menges.

Apêndice E

Fotos de Pienza na Internet

Beckstet, *Duomo in Pienza. Early renaissance facade, built as of 1462*, fotografia, Junho de 2005, disponível no URL <http://it.wikipedia.org/wiki/File:Dom_Fassade3-_s.jpg>, onsultado em 02-07-2012.

Foto do cadeiral do coro e do ambão (com *ars tharsatica*): Ho visto nina volare, *Sem título*, fotografia, 12 de maio de 2007, disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/652130185/in/set-72157600546521648>, consultado em 13-09-2012.

Foto do átrio (ao fundo: porta principal e escadaria de acesso ao primeiro andar): Ho visto nina volare, *Sem título*, 12 de maio de 2007, disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/651960637/in/set-72157600546521648>, consultado em 13-09-2012.

Foto da Loggia (à esquerda é visível parte do edifício da cozinha) : Ho visto nina volare, *Sem título*, fotografia, 12 de maio de 2007, disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/652771854/in/set-72157600546521648/>, consultado em 13-09-2012.

Poço no lado poente do jardim: Ho visto nina volare, *Sem título*, fotografia, 12 de maio de 2007, disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/651960363/in/set-72157600546521648/>, consultado em 13-09-2012.

Loggia e jardim pênsil, com a catedral visível do lado direito: Ho visto nina volare, *Sem título*, fotografia, 12 de maio de 2007 disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/652708258/in/set-72157600546521648/>, consultado em 13-09-2012.

Janelas guelfas dos corredores do piso nobre: Ho visto nina volare, *Sem título*, fotografia, 12 de maio de 2007, disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/648418472/in/set-72157600546521648/> 13 de consultado em 13-09-2012.

Escadaria do lado direito da catedral para o antigo cemitério: Ho visto nina volare, *Sem título*, 12 de maio de 2007 disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/648418244/in/set-72157600546521648/> 13 de consultado em 13-09-2012.

Edifício do *Comune*: Ho visto nina volare, *Sem título*, 12 de maio de 2007 disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/648418168/in/set-72157600546521648/> 13 de consultado em 13-09-2012.

Palácio Piccolomini à direita, Palazzo Ammanati (actualmente Palazzo Newton) e Palazzeto (Hosteria della Luna): HO VISTO NINA VOLARE, *Sem título*, 12 de maio de 2007 disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/647472635/in/set-72157600546521648/> consultado em 13-09-2012.

Tecto da *loggia* do piso nobre: HO VISTO NINA VOLARE, *Sem título*, 12 de maio de 2007, disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/652915386/in/set-72157600546521648/>, consultado em 13-09-2012.

Vista da *loggia* do piso nobre com o jardim pênsil e o monte Amiata ao fundo:
HO VISTO NINA VOLARE, *Sem título*, 12 de maio de 2007, disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/41099823@N00/651960905/in/set-72157600546521648/>, consultado em 13-09-2012.

Praça vista do ângulo sudeste: STIFTUNGGEGENSTAND, Sem título, 12 de maio de 2007 disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/46879187@N03/6292288848/> consultado em 13-09-2012.

Praça vista do edifício do *Comune*: STIFTUNGGEGENSTAND, Sem título, 12 de maio de 2007 disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/46879187@N03/6291770137/in/photostream/> consultado em 13-09-2012.

Opus spicatum do pavimento da praça: STIFTUNGGEGENSTAND, Sem título, 12 de maio de 2007 disponível no URL <http://www.flickr.com/photos/46879187@N03/6292269242/in/photostream/> consultado em 13-09-2012.

PIERRECI, *[Il Palazzo Piccolomini di Pienza]*, fotografia, 8 de Maio de 2008, disponível no URL <http://it.wikipedia.org/wiki/File:Palazzo_Piccolomini_Pienza.JPG>, consultado em 02-07-2012, 23:59 h.

Fotos do palácio (vista da praça, cortile, jardim pênsil e estábulos) e da catedral. Uma planta da cidade: DANAMULRANEN [Blogue], disponível no URL <http://danamulranen.wordpress.com/2012/02/20/week-4/>, consultado em 11-09-2012.

Bibliografia

Bibliografia

Fontes

1. Obras de Enea Silvio Piccolomini

Cugnoni, J., "Aeneae Silvii Piccolomini Senensis qui postea fuit Pius Pont. Max. Opera inedita [...]," in *Atti della Reale Accademia dei Lincei. Memorie della classe di scienze morali, storiche e filologiche*, 3ª ser., 8, 1882-1883, p. 319-686.

Piccolomini, Enea Silvio, *Epistolae familiares*, [cólofon] Familiares epistolae date ad amicos ĩ quadruplici uite eius statu finiunt per me Ioānẽ de uuestfalia In alma uniuersitate louaniẽsi cõmorãtẽ. Anno incarnationis dominice M. CCCC. LXXX III. (GW M33666; ISTC ip00718000), disponível em <http://www.ub.uni-bielefeld.de/diglib/piusPapa/epistolae/> consultado em 3-08-2012. Segundo Konrad Häbler, a data correcta é 1477.

————, *Epistolae in Pontificatu editae*, Petrus Justinus Philelfus (ed.), Mediolani, Antonius Zarotus opera et impendio Iohannis Legnani, 1481 (ISTC nº ip00725000, H 169*, GW M33685).

————, *Commentarii Aeneae Sylvii Piccolominei Senensis, de Concilio Basileae celebrato olim quidem scripti, nunc uero primum impressi*, [...], [s.l.], [s.d.]. Segundo o catálogo da Staatsbayerische Bibliothek: [Basel], [Cratander], [ca. 1523].

————, *Opera quae extant omnia, nunc demum post corruptissimas editiones summa diligentia castigata et in unum corpus redacta [cura Marci Hopperti], [...] His quoque accessit Gnomologia ex omnibus Sylvii operibus collecta [a Conrado Lycosthene]*, Basileae, per H. Petri, 1551.

————, *De Bohemorum et ex his imperatorum aliquot origine et gestis* […], Basileae, per Petrum Pernam, anno MDLXXV, disponível no URL <http://catalog.hathitrust.org/Record/009284729> consultado em 3-07-2011.

————, Epistola urbis Basiliensis descriptionem continens, apud Wurstisen, Christian, *Epitome Historiae Basiliensi, praeter totius Rauricae descriptionem, urbis primordia, antiquitates, res memorandas, clarorum ciuium monumenta, caeteraque his similia*

complectens, una cum Episcoporum Basiliensium catalogo, acesit his Aeneae Sylvii, qui postea Pius II. Pontifex fuit, Basilea, [cólofon] Basileae, per Sebastianum Henricpetri [...] M D LXXVII.

————, *Commentarii rerum memorabilium, quae temporibus suis contigerunt, a R. D. Ioanne Gobellino Vicario Bonnen. iamdiu compositi, et a R. P. D. Francisco Bandino Picolomineo Archiepiscopo Senensi ex vetusto originali recogniti*, Romae, ex Typographia Dominici Basae, MDLXXXIIII.

————, *Commentarii rerum memorabilium, quae temporibus suis contigerunt, a R. D. Ioanne Gobellino Vicario Bonnen. iamdiu compositi, et a R. P. D. Francisco Bandino Picolomineo Archiepiscopo Senensi ex vetusto originali recogniti*, Francofurti, Officina Aubriana, MDCXIV.

————, *Historia rerum Friderici tertii imperatoris* [...], Argentorati, J. Staedelii et J. F. Spoor, 1685. Disponível no URL <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/ihd/content/titleinfo/488414> consultado em 14-07-2012.

————, *Pentalogus de rebus Ecclesiae et Imperii,* in PEZ, Bernhard, *Thesaurus anecdotorum novissimus seu veterum monumentorum* [...], Augustae Vindelicorum et Graecii, Philippus, Martinus et Joannis Veith Fratres, 1723, t. IV, cols. 637-744.

————, *Orationes politicae et ecclesiasticae, quarum multas ex mss codd. nunc primum eruit, reliquas hinc inde dispersas collegit, et ad mss. codd. recensuit, argumentis, adnotationibus et praefatione exornavit, atque appendice aliarum lucubrationum ineditarum auxit Joannes Dominicus Mansi*, Lucae, ex. typ. P. M. Benedini, 1755.

————, *Libellus dialogorum de auctoritate generalium conciliorum et gestis basiliensium scriptus*, in KOLLÁR, Adam František, *Analecta monumentorum omnis ævi Vindobonensia*, Vindobonae, typis et sumptibus J. T. Trattner, 1761-1762, II, cols. 686-789. Disponível no URL <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/ihd/content/titleinfo/2083404>, consultado em 01-11-12.

————, *Historia rerum Friderici III. Imperatoris*, in KOLLÁR, *Analecta...,* II, cols. 1-475, disponível no URL <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/ihd/content/titleinfo/2083404>, consultado em 1-11-12.

————, *De viris illustribus*, Stuttgardiae, Societas Litteraria Stuttgardiensis, 1842, (Bibliothek des Litterarischen Vereins in Stuttgart, 1,3) Disponível no URL:<http://digilib.ub.uni-freiburg.de/document/258606088/>, consultado em 7-02-2011.

————, *Die Geschichte Kaiser Friedrichs III, von Aeneas Silvius*, uebersetzt von Dr. Th. Ilgen, Leipzig, Dyk, 1889-1890 (Die Geschichtschreiber der deutschen Vorzeit; 85, 87).

————, [Discurso no Concílio de Basileia], apud HALLER, J., "Eine Rede d. Enea Silvio vor dem Concil zu Basel," in *Quellen u. Forschungen aus ital. Archiven*, 3, 1 (1900), pp. 82–102.

————, *De ortu et auctoritate imperii Romani*, ed. de KALLEN, Gerhard, *Aeneas Silvius Piccolomini als Publizist in der "Epistola de ortu et auctoritate Imperii Romani,"* Köln, Petrarca-Haus; Stuttgart, Kommissionsverlag, Deutsche Verlagsanstalt, 1939 (Veröffentlichungen des Petrarca-Hauses. Reihe 1; Abhandlungen, 4).

————, *Germania*, ed. e trad. apud SCHMIDT, Adolf; WIMPFELING, Jakob, *Deutschland: Der Brieftrakatat an Martin Mayer. Und Jakob Wimpfelings [Jacobus Wimphelingius] "Antworten und Einwendungen gegen Enea Silvio"*, Uebers. u. erl. v. Adolf Schmidt.Köln, Graz, Böhlau 1962.

————, *De Gestis Concilii Basiliensis commentariorum, libri II,* edited and translated by Denys Hay and W. K. Smith, Oxford, Clarendon Press, 1967.

————, *Storia di due amanti e rimedio d'amore*, traduzione e introduzione di Maria Luisa Doglio, con un saggio di Luigi Firpo su Enea Silvio, pontefice e "poeta," Torino, UTET, 1973.

————, *Commentarii rerum memorabilium que temporibus suis contigerunt*, ad codicum fidem nunc primum editi ab Adriano Van Heck, Città del Vaticano : Biblioteca apostolica Vaticana, 1984 (Studi e testi; 312-313).

————, *De viris illustribus*, edidit Adrianus van Heck, (Studi et testi; 341), Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 1991. Texto extraído desta edição disponível no URL <http://www.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001150/bibit001150.xml>, consultado em 07-2-2011.

————, *Commentarii*, textum recensuerunt atque explicationibus, apparatu critico indiceque nominum ornaverunt Ibolya Bellus et Iván Boronkai, Budapest, Balassi Kiadó, 1993-4.

————, *De Europa*, edidit commentarioque instruxit Adrianus van Heck, Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 2001.

————, *I Commentarii*, a cura di Luigi Totaro, seconda ed., Milano, Adelphi, 2004 (1ª ed. 1984).

————, *História de dois amantes*, apresent. de José V. de Pina Martins, introd. e notas de Melba Ferreira da Costa, trad. de Arnaldo Espírito Santo, Castelo Branco, SEMEDO, 2004. Disponível no URL <http://purl.pt/740>, consultado em 25-06-2012.

————, *Eneas Silvio Piccolomini Papa Pío Segundo. Poemas*, introducción, texto latino y notas de Ana Pérez Vega, Sevilha, Orbis dictus, 2004. disponível no URL <http://www.aloj.us.es/apvega/piccol_carmina.pdf> consultado em 16-04-2011.

————, *Commentaries,* edited by Margaret Meserve and Marcello Simonetta, Cambrige, Mass., Harvard University Press, vol.1: books I-II, 2003; vol. 2: books III-IV, 2007 (The I Tatti Renaissance Library; 12, 29).

————, *Epistolarium seculare: complectens De duobus amantibus, De naturis equorum, De curialium miseriis*, post Rudolf Wolkan iterum recognovit edidit Adrianus van Heck, Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 2007 (Studi e Testi; 439).

————, *Historia austrialis*. 1. Redaktion herausgegeben von Julia Knödler, 2. und 3. Redaktion herausgegeben von Martin Wagendorfer, Hannover, Hahnsche Buchhandlung, 2009, 2 vols. (Monumenta Germaniae Historica. Scriptores rerum germanicarum. Nova series ; 24)

————, *Pentalogus de rebus ecclesiae et imperii*, hersg. von Christoph Schingnitz, Hannover, Hansche Buchhandlung, 2009 (Monumenta Germaniae Historica. Scriptores. 10. Staatschriften des späteren Mittelalters. 8).

RATTI, Achille, "Quarantadue lettere originali di Pio II relative alla guerra per la sucessione nel reame di Napoli," in Archivio storico lombardico, ser. 3ª 19 (1903), p. 263-293.

WOLKAN, Rudolf (ed.), *Der Briefwechsel des Eneas Silvius Piccolomini: I. Abteilung: Briefe aus der Laienzeit (1431-1445): II. Band: Amtliche Briefe*, Wien, Alfred Hölder, 1909 (Fontes Rerum Austriacarum; 62). Disponível no URL <http://www.dlib.si/?URN=URN:NBN:SI:DOC-HCN08GDD> consultado em 4-03-2011, 00:07 h.

WOLKAN, Rudolf (ed.), Der Briefwechsel des Eneas Silvius Piccolomini: II. Abteilung: Briefe als Priester und als Bischof von Triest (1447-1450), Wien, Alfred Hölder, 1912 (Fontes rerum Austriacarum; 67). Disponível no URL <http://www.dlib.si/?URN=URN:NBN:SI:DOC-HCN08GDD> consultado em 4-03-2011.

WOLKAN, Rudolf (ed.), *Der Briefwechsel des Eneas Silvius Piccolomini: III. Abteilung: Briefe als Bischof von Siena: I. Band.: Briefe von seiner Erhebung zum Bischof von Siena bis zum Ausgang des Regensburger Reichstages (23. September 1450-1. Juni 1454)*, Wien, Alfred Hölder, 1918 (Fontes rerum Austriacarum; 67). Disponível no URL <http://www.dlib.si/?URN=URN:NBN:SI:DOC-HCN08GDD> consultado em 4-03-2011, e também no URL <http://www.archive.org/details/fontesrerumaustr68stuoft> consultado em 08-02-2010.

2. Outras fontes

AGOSTINHO, Santo, *Confissões*, tradução e notas de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de C.-M. de Sousa Pimentel, introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas, notas de âmbito filosófico de Manual Barbosa da Costa Freitas e José Maria da Silva Rosa, edição bilingue, Lisboa, Centro de Literatura e Cultura Portuguesas e Brasileira, 2000 (Estudos Gerais; Série Universitária; Clássicos de Filosofia).

ALBERTI, Leon Battista, *Da arte edificatória*, tradução do latim de Arnaldo do Espírito Santo, introdução, notas e revisão displinar de Mário Júlio Teixeira Krüger, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

————, *Opera inedita et pauca separatim impressa*, Hieronymo Mancini curante, Florentiae, J. C. Sansoni, 1890 (Raccolta di opere inedite o rare di ogni secolo della letteratura italiana ; 4).

————, *Opere volgari*, Bari, G. Laterza, 1960-1966, 3 vol. (Scrittori d'Italia ; 218, 234, 254).

————, *I libri della famiglia*, introd. e anot. Ruggiero Romano, Alberto Tenente, Torino, Einaudi, 1969, (Nuova universale Einaudi; 102).

AMETI, Giacomo Filippo , *Il Lazio con le sue piu cospicue strade antiche e moderne e principali casali, e tenute di esso* ...[3]: *Parte prima maritima*, in Roma, dato in luce da Domenico de Rossi, 1693, mapa, disponível no URL <www.internetculturale.it>, consultado em 15-07-2012.

ANÓNIMO DE RAVENA, *Ravennatis anonymi cosmographia et guidonis geographica,* volumen II edidit Joseph Schnetz; indicem composuit et adiecit Marianne Zumschlinge, Stuttgart, Teubner, 1990.

ANÓNIMO, *Ricordi di Firenze dell'Anno 1459*, a cura di Guglielmo Volpi, Città di Castello, S. Lapi, 1907 (RIS, t. 27, p. I)

ARISTIDES, Élio, *A Roma. Traduzione e commento a cura di Francesca Fontanella, introduzione di Paolo Desideri*, Pisa: Edizioni della Normale, 2007. [Contém edição]

————, *The complete works*, translated into english by Charles A. Behr, Vol.1: Orations I-XVI. Leiden, Brill, 1981.

————, *Oratio I* [*Panatenaico*], apud OLIVER, James H., "The civilizing power: A study of the Panathenaic discourse of Aelius Aristides against the background of literature and cultural conflict, with text, translation and commentary," in *Transactions of the American Philosophical Society*, n. s., 58, 1 (1968).

ARISTÓTELES, *Politica,* recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. D. Ross, Oxonii, E Typographeo Clarendoniano, 1957. (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis)

————, *Économique*, texte établi par B. A. van Groningen et André Wartelle, traduit et annoté par André Wartelle, Paris, Les Belles Lettres, 1958.

————, *Os Económicos*, introdução, notas e tradução original do grego e latino de Delfim Ferreira Leão, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional casa da moeda, Lisboa, 2004 (Obras completas de Aristóteles, vol. VII, t. II).

————, *Política*, prefácio de António Pedro Mesquita, tradução e notas de António Campelo Amaral e Carlos C. Gomes, Madrid: Prisa Innova, 2008.

BARTOLO DA SASSOFERRATO, *Lectura super usibus feudorum et super pace Constantiae cum tabula compilata per Ambrosii Tersagi*, Pavia, Leonardus Gerla, 1495, f. 91 v= r 3 v (GW M48723; ISTC iu00040000)

BIONDO FLAVIO, *De Roma triumphante libri decem, Romae instauratae libri III, Italia Illustrata, Historiarum ab inclinato Romano imperio Decades III*, Basileae, in officina Frobeniana, 1531. Disponível no URL <http://www.mgh-bibliothek.de/digilib/blondus.htm> consultado em 15-07-2012.

————, *De Roma Triumphante* [...], *Romae instauratae libri III, De origine ac gestis Venetorum liber, Italia Illustrata* [...], Basileae, Froben, 1559. Disponível no URL <http://www.mdz-nbn-resolving.de/urn/resolver.pl?urn=urn:nbn:de:bvb:12-bsb10141176-2> consultado em 19-07-2012.

————, [*Historiarum ab inclinatione Romanorum imperii decades*], ed. sob o título *Historiarum ab inclinatione romanorum, libri XXXI*, Basileae, Froben, 1559. Disponível no URL <http://www.mdz-nbn-resolving.de/urn/resolver.pl?urn=urn:nbn:de:bvb:12-bsb10141176-2> consultado em 19-07-2012.

————, *Italia illustrata*: text, translation, and commentary by Catherine J. Castner, Binghamton, New York, Global Academic Pub., 2005-. 1º vol. com texto e tradução das regiões do norte: I, Liguria: VI, Romandiola; VII, Lombardia; VIII, Venetia; IX, Marchia Tarvisina; X, Forum Iulium; X; XI, Histria.

————, *Italy illuminated,* edited and translated by Jeffrey A. White, Cambridge (Mass.) [et al.], Harvard University Press, 2005 (I Tatti Renaissance Library; 20).

————, *Italia illustrata*, edizione critica, introduzione e commento a cura di Paolo Pontari, Roma, Istituto Storico Italiano per il Medio Evo, 2011 (Edizione Nazionale delle Opere di Flavio Biondo; VI/I).

BONVESIN DE LA RIVA, *De magnalibus Mediolani. Le meraviglie di Milano*, trad. di G. Pontiggia, introd. e note di Maria Corti, Milano, Bompiani, 1974 (Nuova corona; 1).

————, *Epistolarum libri VIII* [...] recensente Laurentio Mehus [...], Florentiae, ex typographia Paperinii, 1741.

————, *Le vere lode de la inclita et gloriosa città di Firenze composte in latino da Leonardo Bruni e tradotte in volgare da frate Lazaro da Padova*, con prefazione di Francesco Paolo Luiso, Firenze, Tip. G. Carnesecchi e Figli, 1899.

————, *Opere letterarie e politiche*, a cura di P. Viti, Torino, UTET, 1996.

————, *Laudatio florentine urbis*, edizione critica a cura di Stefano U. Baldassarri, Tavarnuzze, Sismel-Ed. del Galuzzo, 2000 (Millennio medievale. Testi; 7).

————, *History of the florentine people,* ed. and transl. by James Hankins, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 2001 (The I Tatti Renaissance library; 3).

Bullarium diplomatum et privilegiorum sanctorum Romanorum Pontificum, taurinensis editio locupletior facta [...] cura et studio Collegii adlecti Romae virorum s. theologiae et ss. canonum peritorum [...]. Tomus V, Augustae Taurinorum, Seb. Franco et Henrico Dalmazzo editoribus, 1860.

CARLOS VII, rei de França, "Carta ao Concílio de Basileia, Montpellier, 24 de Abril [1437]," in *Concilium Basiliense*, 5 (1904), doc. nº 17, pp. 223-224.

CHMEL, Joseph (ed.), Regesta chronologico-diplomatica Friderici IV. Romanorum imperatoris (regis III.) [...] Erst Abtheilung vom Jahre 1440 bis März 1452, Wien, Peter Rohrmann, 1838.

CÍCERO, *Epistulae ad familiares*, edited by D. R. Shackleton Bailey, Cambridge, Cambridge university press, 1977 (Cambridge classical texts and commentaries ; 16-17).

————, *Tratado da República*, trad. do latim, introdução e notas de Francisco de Oliveira, Lisboa, Círculo de Leitores; Temas e Debates, 2008.

COLA DELLO MASTRO, Paolo de Benedetto, *Memoriale*, ed. PELAEZ, M., "Il Memoriale di Paolo de Benedetto di Cola dello Mastro dello Rione di Ponte," in *Archivio della Reale Società Romana di Storia Patria,* XVI (1893), pp. 41-130.

————, "Il Diario e memorie delle cose accadute in Roma (1422-1482)," in PAOLO DI LELLO PETRONE, *La Mesticanza...*, Appendice, pp. 84-99.

CONCÍLIO DE BASILEIA, "Instruktionen für bie Bischöfe Johann von Lübeck, Ludwig von Viseu, Delphin von Parma und Ludwig von lausanne, Gesandte des Basler Konzils [...], [zu 1437 Februar 25 Basel]," in *Concilium Basiliense,* 5 (1904), doc. nº 4, pp. 185-205.

Concilium Basiliense. Studien und Quellen zur Geschichte des Concils von Basel. Herausgegeben mit Unterstützung der historischen und antiquarischen Gesellschaft von Basel 8 vols. Basel, R. Reich, 1896 - 1936, disponível no URL <http://147.231.53.91/src/index.php?s=v&cat=35> consultado em 21-04-2012.

CRISÓLORAS, Manuel, *Veteris ac novae Romae comparatio*, Migne, J. J. Paul, Patrologia Graeca, 156, cols. 23-54.

DANTE, *La Divina Commedia,* testo critico della Società Dantesca Italiana [...], ventunesima ed., Milano, Hoepli, 1989).

DATI, Agostino, *Opera*, [cólofon] Edita curante Nicolao filio, Senis: ex Archetypo per Symionem Nicolai Nardi, 1503. Disponível em <http://www.uni-mannheim.de/mateo/itali/autoren/augustinus_itali.html> consultado em 22 de Maio de 2012.

DECEMBRIO, Pier Candido, *De laudibus Mediolanensis urbis panegyricus*, apud PETRAGLIONE, Giuseppe, "Il *De laudibus Mediolanensis urbis panegyricus* di P.C. Decembrio", in *Archivio Storico Lombardo*, 34 (1907), pp. 5-45.

EGÍDIO ROMANO, *De Regimine principum libri III*, Romae, Apud Antonium Bladum, 1556.

ESTRABÃO, *Geographika,* mit Übersetzung und Kommentar hrsg von Stefan Radt, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2002-.

EUBEL, Konrad, *Hierarchia Catholica medii aevi: II:* [...] *ab anno 1431 usque ad annum 1503 perducta* [...], editio altera, Monasterii, Librari Regensbergiana, 1814.

FECINI, Tommaso, *Cronaca Senese [1431-1479]*, Bologna, Nicola Zanichelli, 1939 (RIS, t. 15, p. 6).

FINARIENSIS, Petrus Antonius *De Basilee urbis laudibus oratio*, apud KISCH, *Gestalten und Probleme...*, pp. 241-279.

FITZ STEPHEN, William, *Vita Sancti Thomae*, apud ROBERTSON, James Craigie (ed.), *Materials for the History of Thomas Becket, Archbishop of Canterbury, (canonized by pope Alexander III, A.D. 1173). Vol. III: William FitzStephen, Herbert of Bosham)*, London, Longman & Paternoster Row [et al.], 1877 (Rerum britannicarum medii aevi scriptores, Rolls Series; 67,3), pp. 2-13.

————, "Description of the city of London," apud REYNOLDS, Susan; BOER, Wietse de; MAC NIOCAILL, Gearóid (edd.), *Elenchus Fontium Historiae Urbanae. Volumen secundum pars secunda: The United Kingdom, Ireland,* E. J. Brill, Leiden [et al.], 1988, pp. 76-83

GATARI, Andrea, "Diario del Concilio di Basilea. 1433-1435," herausgegen von Giulio COGGIOLA, in *Concilium Basiliense* V (1904), pp. 375-442. Versão em linha disponível no URL <http://147.231.53.91/src/index.php?s=v&cat=35> , consultado em 21-04-2011.

GRAESSE, Johann Georg Theodor, *Orbis latinus: Lexion lateinischer geographischer Namen des Mittelalters und der Neuzeit*, Großausgabe bearbeitet und herausgegeben von Helmut Plechl unter Mitarbeit von Sophie-Charlotte Plechl, Braunschweig, Klinkhardt & Biermann, 1972.

HALM, Carl Felix, *Rhetores Latini minores*, ex codicibus maximam partem primum adhibitis emendabat Carolus Halm, Lipsiae, in aedibus G. B. Teubneri, 1863.

HERMÓGENES, *Hermogenis opera*, edidit Hugo Rabe, ed. stereotypa ed. anii 1913, Stutgardiae, Teubneri, 1969 (Bibliotheca scriptorum graecorum et romanorum teubneriana).

INFESSURA, Stefano, *Diario della Città di Roma*, nuova edizione a cura di Oreste Tommasini, Roma, Forzaini e C. Tipografia del Senato, 1890.

ISIDORO DE SEVILHA, Santo, *Etymologiarum sive originum libri XX*, recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. M. Lindsay, Oxonii [et al.], e typographeo Clarendoniano, 1911 (Scriptorum Classicorum bibliotheca oxoniensis).

LAFRÉRI, Antoine, *[Ilustração da loggia das bênçãos]*, Romae [s. n.], [1546-1590], disponível no URL <http://bibliotheque-numerique.inha.fr/collection/6217-speculum-romanae-magnificentiae/>, consultado em 7-11-2011.

Libellus de regionibus urbis Romae, recensuit Arvast Nordh, Lundae, C. W. K. Gleerup, 1949.

MAFFEI, Timoteo, *In magnificentiae Cosmi Medicei Florentini detractores libellus,* apud LAMI, Giovanni, *Deliciae eruditorum seu* ανεκδοτων *opuscolorum collectanea* […], Florentiae MCDDXLII, Io. Baptista Bruscagli, vol. XII p. 150-168.

MANETTI, Giannozzo, *De vita ac gestis Nicolai quinti summi pontificis*, edizione critica e traduzione a cura di Anna Modigliani, Roma, Nella sede dell'Istituto Palazzo Borromini, 2005 (Fonti per la storia dell'Italia medievale. Rerum italicarum scriptores; 6).

————, *Carta a Cosimo Medici*, Roma Março de 1443, in FABRONI, Angelo, *Magni Cosmi Medicei vita* [...] *II. Adnotationes et monumenta* [...], Pisis, MDCCLXXXVIII, Excudebat Alexander Landi., pp. 165-66.

MANSI, Gian Domenico, *Sacrorum conciliorum nova et amplissima collectio* [...], Florentiae, A. Zatta, 1759-1798.

MANSI, Gian Domenico; BALUZZE, Étienne, *Miscellanea novo ordine digesta et non paucis ineditis monumentis* ..., t. I, Lucae, apud Vincentium Junctinum, 1761.

MENANDRO Retor, *Menander Rhetor*, edited with translation and commentary by D. A. Russell, N. G. Wilson, Oxford, Clarendon Press, 1981.

MERIAN, Matthäus, *Basileia* [gravura], disponível no URL <http://de.wikisource.org/wiki/Topographia_Helvetiae,_Rhaetiae_et_Valesiae_%28Schweiz%29:_Basel>, consultado em 16/09/2012.

Monumenta conciliorum generalium seculi decimi quinti. Concilium Basiliense, Scriptorum tomus quartus. Edendum curavit... Historische und Antiquarische Gesellschaft. Continet hic tomus ad Johannis de Segobia Historiae gestorum Generalis Synodi Basiliensis editionem, epilogum, emendationes, indicem alphabeticum [Editionem ad finem perduxerunt Carolus Stehlin, Conradus Guillielmus Hieronimus, Georgius Boner], Basileae, typis Ae. Birkhaeuser, 1935.

MORONI, Gaetano, *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica da S. Pietro sino ai nostri giorni* [...], Venezia, Tipogr. Emiliana, 1840-1861.

MOSÉ DEL BROLO, *Liber Pergaminus*, apud GORNI, Guglielmo, "Il "Liber Pergaminus" di Mosè de Brolo," in *Studi medievali*, 3a s., 11 (1970), pp. 409-460.

NICOLAU DE CUSA, *A paz da fé seguida de Carta a João de Segóvia*, trad. de João Maria André Coimbra, Minerva, 2002 (Hermes; 6).

————, *De concordantia catholica*, edidit atque emendavit Gerhardus Kallen, indices ediderunt Gerhardus Kallen et Anna Berger Hamburg, Felix Meiner, 1959-1968, (Opera Omnia Nicolai de Cusa; 14).

OTÃO DE FRISINGA, *Chronica sive historia de duabus civitatibus,* editio altera, recognovit Adolfus Hofmeister, Hannover, Leipzig, Hahn, 1912 (MGH. SS. Rer. Germ., 7, 45)

PALMIERI, Matteo, *Annales conosciuti sotto il nome di Historia Florentina*, Città di Castello, S. Lapi, 1903 (RIS, t. 26, p. I)

PAOLO DI LELLO PETRONE, *La Mesticanza (XVII Agosto MCCCCXXXIV - VI Marzo MCCCCXLVII)*, a cura di Francesco Isoldi, Città di Castello, S. Lapi, 1912 (RIS, t. XXIV, parte II).

PETRARCA, Francesco, *Epistole*, a cura di Ugo Dotti, Torino, UTET, 1978 (reimp. 1983).

————, *Le familiari*, edizione critica per cura di Vittorio Rossi, Firenze, Le Lettere, 1997 (Edizione nazionale delle opere di Francesco Petrarca; 10-13).

————, *Lettres de la vieillesse tome II: livres IV-VII. Rerum senilium libri IV-VII*, éd. critique d'Elvira Nota, trad. de Frédérique Castelli [et al.] présentation, notices et notes de Ugo Dotti, Paris Les Belles Lettres, 2003 (Les classiques de l'humanisme).

————, *Lettres de la vieillesse tome IV: livres XII-XV. Rerum senilium libri XII-XV,* éd. critique d'Elvira Nota, trad. de Jean-Yves Boriaud, présentation, notices et notes de Ugo Dotti, Paris Les Belles Lettres, 2006 (Les classiques de l'humanisme).

PLATÃO, *Opera*, recognovit brevique adnotatione critica instruxit Ioannes Burnet, Oxonii, e Typographeo Clarendoniano, 1903-1907 (Scriptorum classicorum bibliotheca oxoniensis).

————, *Oeuvres complètes. Tome 11, 1re [-2e] partie. Les Lois, Livres I-II [-III-VI]*, texte établi et traduit par Edouard Des Places, introduction de Auguste Diès, et Louis Gernet, Paris, les Belles Lettres, 1951.

————, *A República*, introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, 8ª ed, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

PLATINA, Bartolomeo, *Liber de vita Christi ac omnium pontificum (AA. 1-1474),* a cura di Giacinto Gaida, Città di Castello, S. Lapi, 1932.

POGGIO BRACCIOLINI, Gian Francesco, *Opera omnia*, con una premessa di Riccardo Fubini. Torino, Bottega d'Erasmo, 1964-1982.

————, *Lettere,* a cura di Helene Harth, Firenze, Leo S. Olschki Ed, 1984.

————, *De varietate fortunae*, ed. critica con introd. e commento a cura di Outi Merisalo, Helsinki, Suomalainen Tiedeakatemia, 1993 (Annales Academiae Scientiarum Fennicae. Series B; 265).

QUINTILIANO, *Institution oratoire*, texte établi et traduit par Jean Cousin, Paris, Les Belles Lettres, 1975-1980.

SALUTATI, Colluccio, *De Seculo et Religione,* ex codicibus manuscriptis primum edidit B. L. Ullman, Florentiae, L. S. Olschki, 1957 (Nuova collezione di testi umanistici inediti o rari; 13)

SIGEBERTO DE GEMBLOUX, *Vita Deoderici Episcopi Mettensis Auctore Sigeberto Gemblacensi*, edidit Pertz, Georg Heinrich, in MGH. Scriptores IV [Annales, chronica et historiae aevi Carolini et Saxonici], Hannover, Hahn, 1841, pp. 461-428.

STEINBY, Eva Margareta (a c. di), *Lexicon topographicum urbis Romae*, Roma, Quasar, 1999.

TAFUR, Pero, *Andanças é viajes de Pero Tafur por diversas partes del mundo avidos (1435-1439),* [publicado por M. Jimenez de La Espada], Madrid, impr. de M. Ginesta, 1874.

VALLA, Lorenzo, *De vero falsoque bono*, critical edition by Maristella de Panizza Lorch, Bari, Adriatica, 1970.

————, *Gesta Ferdinandi regis Aragonum*, edidit Ottavio Besomi, Padova, Antenore, 1973 (Thesaurus mundi: bibliotheca scriptorum latinorum mediae et recentioris aetatis; 10).

————, *De falso credita et ementita donatione Constantini*, Weimar, Hermann Böhlaus Nachfolger, 1976 (Monumenta Germaniae Historica. Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters; 10).

Vitrúvio, *De l'architecture: Livre I*, texte établi, trad. et commenté par Philippe Fleury, Paris, Les Belles Lettres, 1990, p. XCIV da introdução).

————, *De l'architecture: Livre II*, texte établi et traduit par Louis Callebat, introduction et notes de Pierre Gros, Paris, Belles Lettres, 1999.

————,*Tratado de arquitectura*, tradução, introdução e notas de M. Justino Maciel, il. Thomas Noble Howe, rev. Luís Filipe Coelho, Lisboa, IST Press, 2006.

Zimolo, Giulio C. (a c. di), *Le vite di Pio II.Di Giovanni Antonio Campano e Bartolomeo Platina,* Bologna, Zanichelli, 1964 (RIS, t. III, p. II).

ESTUDOS

Ackerman, J., "The Planning of Renaissance Rome," in Ramsey, *Rome in the Renaissance...*, pp. 3-17.

Adams, Nicholas, "The Construction of Pienza (1459-1464) and the Consequences of Renovatio," in Zimmerman, Susan; Weissman, Ronald F. E. (edd.), *Urban Life in the Renaissance*, Newark, University of Delaware Press; London [et al.], Associated university presses, 1989, pp. 50-79.

Ady, Cecilia M., *Pius II (Aeneas Silvius Piccolomini), the humanist pope*, London, Methuen, 1913.

Aguiar e Silva, Vítor Manuel, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 1994 (8ª edição)

Allègre, Fernand, *Étude sur la déesse Tyché: sa signification religieuse et morale, son culte et ses représentations figurées*, Paris, E. Leroux, 1889.

Allen, Don Cameron, "The Lapidary of Aeneas Sylvius Piccolomini," in *Italica*, 17, 1 (Mar. 1940), pp. 1-4.

Altbasel.ch; Rebmann, Roger Jean, "Das Haus zur Mücke am Schlüsselberg," disponível no URL <http://www.altbasel.ch/haushof/muecke.html> consultado em 19-03-2010.

Ampolo, Carmine (a c. di), *La Città antica : guida storica e critica,* Roma; Bari, Laterza, 1980.

Anselmo, Gian Maria, "Città e civiltà in Flavio Biondo," in Idem, *Umanisti, storici e traduttori*, Bologna 1981, pp. pp. 25-47.

Argan, Giulio Carlo, "O tratado 'De re aedificatoria,'" in Idem, *História da arte como história da cidade*, 4ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1989, pp. 105-119.

Ascheri, Mario; Ciampoli, Donatella, "Enea Silvio e il suo difficile rapporto con il governo di Siena," in Secchi Tarugi, *Pio II umanista...*, pp. 51-72.

Aujac, Germaine, *Strabon et la science de son temps,* Paris, Les Belles Lettres, 1966.

————, "La géographie grecque durant le quatrocento: l'exemple de Strabon," in *Geographia Antiqua*, 2 (1993), pp. 147-169.

Avellini, Luisa, *Letteratura e città*: *metafore di traslazione e Parnaso urbano fra Quattro e Seicento*, Bologna, CLUEB, 2005 (Lexis. II, Biblioteca delle lettere; 18).

Avesani, Rino, "Epaeneticorum ad Pium II Pont. Max. libri V" in Maffei, *Enea Silvio...*, pp. 15-98.

Baldi, Barbara, "Geografia, storia e politica nel *De Europa* di Enea Silvio Piccolomini," in Secchi Tarugi, *Pio II e la cultura...*, pp. 199-215.

————, "Enea Silvio Piccolomini e il *De Europa*: umanesimo, religione e politica," in *Archivio storico italiano,* 161, 4 (2003), pp. 619-684.

————, *Pio II e le trasformazioni dell'Europa cristiana: 1457-1464*, Milano, UNICOPLI, 2006 (Politica estera e opinione pubblica. Nuova serie; 11).

————, "La corrispondenza di Enea Silvio Piccolomini dal 1431 al 1454. La maturazione di un'esperienza fra politica e cultura ," estratto da *Reti Medievali Rivista*, 10 (2009), in <http://www.storia.unifi.it/_RM/rivgarinista/saggi/Baldi_09.htm>, 29-11-2009.

Baluzze, Étienne, *Miscellanea*, liber septimus, Lutetiae Parisiorum, per Bibliopolarum Societatem, 1715.

Bandini-Piccolomini, Francesco, "La prima visita di Pio II a Corsigano," in *Arte e Storia*, ser. 3, 24, (1905), "Pienza e Pio II, numero unico pubblicato in occasione del Vto centenraio della nascita di Enea Silvio Piccolomini," pp. III-IV.

Baron, Hans (Hrsg.), *Leonardo Bruni Aretino, Humanistisch-philosophische Schriften, mit einer chronologie seiner Werke und Briefe*, Leipzig, B. G. Teubner, 1928 (Veröffentlichungen der Forschungsinstitute an der Universität Leipzig. Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters und der Renaissance; 1)

————, "A Sociological Interpretation of the Early Renaissance in Florence," in *South Atlantic Quarterly*, 38 (1939), pp. 427-448.

————, *The Crisis of the Early Italian renaissance: Civic Humanism and Republican Liberty in an Age of Classicism and Tyranny*, Princeton, University Press, 1966 (1ª ed. 1955).

————, "Leonardo Bruni: 'Professional Rhetorician' or 'Civic Humanist'?" in *Past & Present,* 36 (1966), pp. 21-37.

————, *From Petrarch to Leonardo Bruni. Studies in Humanistic and Political Literature*, Chicago [et al.], University of Chicago Press, 1968.

————, *In Search of Florentine Civic Humanism: Essays on the Transition from Medieval to Modern Thought*, Princeton, University Press, 1989.

Bastia, Claudia; Bolognani, Maria; Pezzarossa, Fulvio (edd.), *La memoria e la città: scritture storiche tra Medioevo ed Età Moderna*, Bologna, Il nove, 1995.

Battaglia, Felice, *Enea Silvio Piccolomini e Francesco Patrizi: due politici senesi del quattrocento*, Siena, Ist. Comunale d'arte e di storia, 1936 (Collezione di Monografie d' Arte Senese).

Baum, Wilhelm, "Nikolaus von Kues und Enea Silvio Piccolomini — eine Humanistenfreundschaft?," in Thurner, Martin (Hrsg.), *Nicolaus Cusanus zwischen Deutschland und Italien: Beiträge eines deutsch-italienischen Symposiums in der Villa Vigoni*, Berlin, Akademie Verlag, 2002 , pp. 315-338.

Bayer, Victor, *Die Historia Friderici III. imperatoris des Enea Silvio de'Piccolomini: eine kritische Studie zur Geschichte Kaiser Friedrichs III*, Prag, F. Tempsky, 1872.

Begliomini, Lorenza Aluffi, "Note sull'opera dell'Alberti: il "Momus" e il "De re aedificatoria," in *Rinascimento*, s. 2, 12 (1972) pp. 267-283.

Benassi, Stefano, "Enea Silvio Piccolomini: vero storico e verisimile poetico," in Secchi Tarugi, *Pio II umanista...*,, pp. 549-565.

Benevolo, Leonardo, *História da cidade*, Sao Paulo, Editora Perspectiva, 1983.

Berg, Alfred Willi, *Enea Silvio de' Piccolomini(papst Pius II) in seiner Bedeutung als Geograph: ein Beitrag zur Geschichte der Erdkunde im Quattrocento*, Halle a. S., Buchdruckerei des Waisenhauses, Waisenhauses, 1901.

Bernard-Pradelle, Laurence, "L'Influence de la Seconde Sophistique sur la Laudatio Florentinae urbis de Leonardo Bruni," in *Rhetorica,* 18, 4 (2000), pp. 355–387.

————, Laurence, *Leonardo Bruni Aretino: histoire, éloquence et poésie à Florence au début du Quattrocento, textes choisis, édités et traduits*, Paris, H. Champion, 2008 (Textes de la Renaissance; 118).

BERNETTI, Giuseppe, *Saggi e studi scritti di Enea Silvio Piccolomini, Papa Pio II, 1405-1464*, Firenze, Tipolitografia S.T.I.A.V., 1971.

BERNHARDT, Rainer, *Polis und römische Herrschaft in der späten Republik (149-31 v. Chr.)*, Berlin; New York, Walter de Gruyter, 1985.

BERTALOT, Ludwig, "Cincius Romanus und seine Briefe," in *Quellen und Forschungen aus Italienischen Archiven und Bibliotheken*, 21 (1929-1930), pp. 209-255.

BIANCA, Concetta, "La terza edizione moderna dei *Commentarii* di Pio II," in *Roma nel Rinascimento*, 11 (1995), pp. 5-16.

BIESE, Alfred, *Die Entwickelung des Naturgefühls im Mittelalter und in der Neuzeit*, Leipzig, Veit & Comp., 1888.

BIGALLI, Davide, "Nuovi strumenti per la ricognizione della cultura rinascimentale," in SOCIETA ITALIANA DI STORIA DELLA FILOSOFIA, *Le nuove frontiere della storiografia filosofica: atti del 1. Convegno nazionale della Societa Italiana di Storia della Filosofia*, Soveria Mannelli, Rubbettino, 2003, pp. 7-36.

BILFINGER, Gustav, *Die Mittelalterlichen Horen und die Modernen Studen: ein Beitrag zur Kulturgeschichte*, Stuttgart, W. Kohlammer, 1892.

BLACK, Antony, *Monarchy and community: political ideas in the later conciliar controversy, 1430-1450*, Cambridge, University Press, 1970 (Cambridge studies in medieval life and thought; 3rd ser., 2).

BLASIO, Maria Grazia, "Memoria filologica e memoria politica in Biondo Flavio. Il significato della instauratio Urbis," in BLASIO [et al.] (edd.), *La memoria e la città...*, pp. 307-17.

BÖKER, Hans Josef, "Ita Pius iusserat qui exemplar apud Germanos in Austria vidisset. Der Dom von Pienza und seine spätgotischen Vorbilder in Österreich," in *Wiener Jahrbuch für Kunstgeschichte*, 49 (1996) pp. 57-74.

BOLGAR, R. R. (ed.), *Classical Influences on European Culture, A. D. 1500-1700: Proceedings of an International Conference held at King's College, Cambridge, April 1974*, Cambridge [et al.], Cambridge University Press, 1976.

BORDONE, Renato, *Uno stato d'animo. Memoria del tempo e comportamenti urbani nel mondo comunale italiano*, Firenze, Firenze University Press, 2002.

BORSI, Stefano, *Leon Battista Alberti e Roma*, Firenze, Polistampa, 2003 (Biblioteca della Nuova Antologia; 7).

————, *Leon Battista Alberti e l'antichità romana*, Firenze, Edizioni Polistampa, cop. 2004. (Biblioteca Della Nuova Antologia ; 14)

BORSI, Franco, *Leon Battista Alberti: complete edition*, Oxford, Phaidon, 1977.

BOULTING, William, *Aeneas Silvius (Enea Silvio de' Piccolomini — Pius II.) orator, man of letters, statesman, and pope*, London, Archibald Constable and Co., 1908.

BRANCACCIO, Giovanni, *Geografia, cartografia e storia del Mezzogiorno*, Guida Editori, 1991.

BRAUN, E., *Das dritte Buch der aristotelischen Politik: Interpretation*, Wien 1965.

BREZZI, Paolo; DE PANIZZA LORCH, Maristella (a c. di), *Umanesimo a Roma nel Quattrocento: atti del convegno su "Umanesimo a Roma nel Quattrocento," New York 1-4 dicembre 1981*, Roma, Istituto di Studi Romani; New York, Barnard College (Columbia University), 1984.

BROISE, Henri; MAIRE-VIGUEUR, Jean-Claude, "Strutture famigliari, spazio domestico e architettura civile a Roma alla fine del Medioevo," in ZERI, Federico (a c. di), *Storia dell'Arte Italiana: parte terza: situazioni, momenti, indagini: volume quinto: momenti di architettura*, Turim, Einaudi, 1983, pp. 97-160.

BRUHNS, Hinnerk, "Max Weber, l'économie et l'histoire," in *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 51, 6 (1996), pp. 1259-1287.

BUCK, August, *Humanistische Lebensformen: die Rolle der Italienischen Humanisten in der zeitgenössischen Gesellschaft*, Basel, Helbing & 1981 (Vorträge der Aeneas-Silivius-Stiftung an der Universität Basel; 18).

BÜRCK, Gerhart, *Selbstdarstellung und Personenbildnis bei Enea Silvio Piccolomini (Pius II.),* Basel, Helbing & Lichtenhahn, 1956. (Basler Beiträge zur Geschichtswissenschaft ; 56)

BURCKHARDT, Jacob, *Die Kultur der Renaissance in Italien: ein Versuch*, zehnte Auflage, Leipzig, E. A. Seemann, 1908, 2 vols.

BURGESS, Theodore C., "Epidictic Literature," *Studies in Classical Philology*, 3 (1902), pp. 89-248.

BURKE, Peter, *O mundo como teatro: ensaios de antropologia histórica,* Lisboa, Difel, 1992.

BURKHARD, Mike, "Fremde im spätmittelalterlichen Deutschland: die Reiseberichte eines unbekannten Russen, des Kastiliers Pero Tafur und des Venzianers Andrea de' Franceschi im Vergleich," in *Concilium Medii Aevi*, 6 (2003), pp. 239-290. Disponível no URL <http://cma.gbv.de/dr,cma,006,2003,a,09.pdf> consultado em 25-07-2012.

BURNS, Alfred, "Hippodamus and the planned city," in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, 25, 4 (1976), pp. 414-428 .

BURROUGHS , Charles, "Below the Angel: An Urbanistic Project in the Rome of Pope Nicholas V ," *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 45 (1982), pp. 94-124

————, "A Planned Myth and a Myth of Planning: Nicholas V and Rome," in RAMSEY, *Rome in the Renaissance...*, pp. 197-207.

————, *From Signs to Design: Environmental Process and Reform in Renaissance Rome*, Cambridge (Mass.), London, The MIT Press, 1990.

————, "Alberti, Bruni, Vitruvio: polemiche e divergenze sulla questione delle origini," in Leon Battista Alberti. - Mantova, 2007, pp. 517-536.

BURTON, Gideon, "From Ars dictaminis to Ars conscribendi epistolis [sic]. Renaissance letter-writing manuals in the context of humanism," in POSTER, Carol; MITCHELL, Linda C. (edd), *Letter-writing manuals and instruction from antiquity to the present : historical and bibliographic studies*, Columbia, S.C: University of South Carolina Press, 2007, pp. 88-101.

BUYKEN, Thea, *Enea Silvio Piccolomini: sein Leben und Werden bis zum Episkopat*, Bonn, Röhrscheid, 1931.

CAGIANO di AZEVEDO, Michelangelo, "Laubia," in FONSECA, C. D.; ADAMESTEANU, D., D'ANDRIA, F. (a c. di), *Casa, città e campagna nel tardo antico e nell'alto medioevo*, Galatina, Congedo Editore, 1986, pp. 111-143.

CAHILL, Nicholas, *Household and City Organization at Olynthus*, Yale University Press. 2002.

CALLARI, Luigi, *I palazzi di Roma e le case di pregio storico e artistico*, Roma - Milano : Società editrice Dante Alighieri di Albrighi, Segati e C., s.d.. Versão em linha disponível no URL <http://avirel.unitus.it/bd/autori/callari/palazzi_roma/index-frames.html> consultado em 18-04-2012.

CALZONA, Arturo "Cavriana, L. B. Alberti e Ludovico II Gonzaga," in FURLAN, *Leon Battista Alberti...*, pp. 799-833.

CALZONA, Arturo [et al.] (a c. di), *Il sogno di Pio II e il viaggio da Roma a Mantova: atti del Convegno internazionale, Mantova, 13-15 aprile 2000*, [Firenze], L.S. Olschki, [2003] (Centro di Studio L. B. Alberti. Ingenium; 5).

CALZONA, Arturo [et al.] (a c. di), *Leon Battista Alberti: teorico delle arti e gli impegni civili del "De re aedificatoria": atti dei Convegni internazionali del Comitato Nazionale VI centenario della nascita di Leon Battista Alberti*, Mantova, Centro Studi L. B. Alberti, Leo S. Olschki, 2007 (Ingenium, ; 9).

CAMPOREALE, Salvatore I., *Lorenzo Valla: umanesismo e teologia*, presentazione di Eugenio Garin, Firenze, Istituto Palazzo Strozzi, 1972.

Capitani, Ovidio, "Motivi e momenti di storiografia medioevale italiana: secoli V-XIV," in *Nuove questioni …*, pp. 757-758.

Cappelletto, Rita, "«Peragrare ac lustrare Italiam coepi». Alcune considerazioni sull'Italia illustrata e la sua fortuna," in Di Stefano, A. [et al.] (a cura di), *La storiografia umanistica. Atti del Convegno Internazionale di Studi, Messina 22-25 ottobre 1987*, Messina, Sicania, 1992, vol. I, pp. 181-203.

Capponi, Gino, *Storia della Repubblica di Firenze*, Firenze, G. Barberà, 1875.

Carena, Carlo,"Ruína/Restauro," in Romano, Ruggiero (coord.); Gil, Fernando (coord.-resp. da edição portuguesa), *Enciclopédia Einaudi: Volume I: Memória-História*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 107-129.

Carli, Enzo, *Pienza: die Umgestaltung Corsignanos durch den Bauherrn Pius II.*, deutsch von Berthe Widmer, Basel, Helbing & Lichtenhahn [1965] (Vorträge der Aeneas-Silvius-Stiftung an der Universität Basel; 3).

Caro Baroja, Julio, *Paisages y ciudades*, Madrid, Taurus, 1981.

Carocci, Sandro, "Governo papale e città nello stato della Chiesa," in Gensini, Sergio (a c. di), *Principi e città alla fine del Medioevo*, San Miniato, Comune San Minato; Pacini Editore, (Centro di Studi sulla Civiltà del Tardo Medioevo; Collana di Studi e Ricerche; 6) pp. 151-224.

Casella, Nicola, "Pio II tra geografia e storia: 'La Cosmografia'," in *Archivio della Società Romana di Storia patria*, 95 (1972), pp. 35-112.

Cassani, Alberto Giorgio, "Libertas, frugalitas, aedificando libido: paradigmi indiziari per Leon Battista Alberti a Roma," Rossi; Valeri (a c. di), *Le due Rome...*, pp. 296-321.

————, *La fatica del costruire. Tempo e materia nel pensiero di Leon Battista Alberti*, Milano, Unicopli, 2000.

Castel-Bouchouchi, Anissa, "L'espace civique: le plan de la cité des Lois", in *Revue philosophique de la France et l'Étranger*, 125, 1 (2000), pp. 21-39.

Cecconi, Eugenio, *Studi storici sul Concilio di Firenze, con documenti inediti, o nuovamente dati alla luce sui manoscritti di Firenze et di Roma: Parte prima: antecedenti del concilio; documenti e illustrazioni*, Firenze, tip. all' insegnia di S. Antonio, 1869.

Cessi, Roberto, "La congiura di Stefano Porcari," in *Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux et des Universités du Midi. Bulletin Italien*, 13, 2 (Avril-Juin 1913), pp. 93-111; 4 (Octobre-Decembre, 1913) pp. 319-330, 14, 1 (1914), pp. 11-28.

Chambers, David S. "The Housing Problems of Cardinal Francesco Gonzaga," in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 39 (1976), pp. 21-58.

Chastagnol, André, "Les Régionnaires de Rome," in Nicolet, Claude (ed.), *Les littératures techniques dans l'antiquité romaine: statut, public et destination, tradition*, sept exposés suivis de discussions par Pierre Gros [et al.], introd. de Claude Nicolet, Genève, Fondation Hardt, 1996 (Entretiens sur l'antiquité Classique; 42), pp. 179-198.

Cherchi, Paolo A., "Tradition and Topoi in Medieval Literature," in *Critical Inquiry*, 3, 2 (1976), pp. 281-294.

Chevallier, R., *Littérature gréco-romaine et géographie historique. Mélanges offerts à R. Dion*, Paris, A. et J. Picard, 1974.

Chittolini, Giorgio, "La città europea tra Medioevo e Rinascimento," in Rossi, *Modelli di città...*, pp. 370-393.

Chittolini, Giorgio; Willoweit, Dietmar (a c. di), *Statuti città territori in Italia e Germania tra medioevo ed Età moderna*, Bologna, Società Editrice il Mulino, cop. 1991, (Annali dell'Istituto Storico Italo-Germanico. Quaderno; 30)

Chittolini, Giorgio; Johanek, Peter (a c. di), *Aspetti e componenti delll'didentità urbana in Italia e in Germania: secoli XIV-XVI. Aspekte und Komponenten der städtische Identität in Italien*

und Deutschland (15-16 Jahrundert), Bologna, Il Mulino; Berlin, Duncker & Humblot, 2003.

CHOAY, Françoise, *A regra e o modelo: sobre a teoria da arquitectura e do urbanismo*, trad. Tiago Marques, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007.

CHRISTIE, Neil, *From Constantine to Charlemagne: an archaeology of Italy, AD 300-800*, Aldershot; Burlington (Vt.), Ashgate, 2006.

CIAPPONI, Lucia A., "De Architectura di Vitruvio nel primo Umanesimo," in *Italia medioevale e umanistic*a, 3 (1960), pp. 59-99.

CIPOLLA, Carlo M., "The Italian and Iberian Peninsulas, in POSTAN, M. M.; MILLER, Edward (ed.), *Cambridge Economic History of Europe: III: Economic organization and policies in the Middle Ages*, Edward Miller, Cambridge, at the University Press, 1971, pp. 397-430.

CIPRIANI, Giovanni, *II mito Etrusco nel Rinascimento Fiorentino*, Firenze, Leo Olschki, 1980 (Biblioteca di Storia Toscana Moderna e Contemporanea, Studi e Documenti; 22).

CIRIACO D'ANCONA (1391?-1453?), *Later travels*, edited and translated by Edward W. Bodnar with Clive Foss, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 2003 (The I Tatti Renaissance Library; 10).

CLASSEN, Carl Joachim, *Die Stadt im Spiegel der Descriptiones und Laudes urbium in der antiken und mittelalterlichen Literatur bis zum Ende des zwölften Jahrhunderts*, um ein Nachwort vermehrte zweite Auflage, Hildesheim [et al.], Georg Olms, 1986.

CLOUGH, Cecil H., "The cult of Antiquity: Letters and Letter Collections," in IDEM (ed.), *Cultural Aspects of the Italian Renaissance: Essays in Honour of Paul Oskar Kristeller*, Manchester, Manchester University Press, 1976, pp. 33-67.

COARELLI, Filippo, "Roma, la città come cosmo," in NICOLET, Claude; ILBERT, Robert; DEPAULE, Jean-Charles (dirs.), *Mégalopoles méditerranéennes: géographie urbaine rétrospective: actes du colloque, Rome, 8-11 mai 1996 organisé par l'École française de Rome et la Maison méditerranéenne des sciences de l'homme*, Paris, Maisonneuve et Larose, Maison méditerranéenne des sciences de l'homme, École Française de Rome, 2000, pp. 288-305.

COCHRANE, Eric, *Historians and historiography in Italian Renaissance*, Chicago, The University of Chicago Press, 1985.

CONSORTIUM OF EUROPEAN RESEARCH LIBRARIES, *CERL Thesaurus, accessing the record of Europe's book heritage*, London, s. v. "Finariensis," disponível no URL <http://thesaurus.cerl.org/record/cnp00541751>, consultado em 31-08-2012..

CORNELL, T. J.; LOMAS, Kathryn (dir.), *Urban Society in Roman Italy*, London, Routledge, 1996.

COTTA-SCHØNBERG, Michael v., <http://da.wikisource.org/wiki/Tekster_af_pave_Pius_II_om_Danmark>, consultado em 10 de Julho de 2013.

CRACCO RUGGINI, Lellia and CRACCO, Giorgio, "Changing Fortunes of the Italian City from Late Antiquity to Early Middle Ages," in *Rivista Filologia di Istruzione Classica*, 105, 4 (1977), pp. 425-489.

CRACCO RUGGINI, Lellia, "La città nel mondo antico: realtà e idea", in WIRTH, Gerhard (Hrsg.) , *Romanitas, christianitas: Untersuchungen zur Geschichte und Literatur der römischen Kaiserzeit : Johannes Straub zum 70. Geburtstag am 18. Oktober 1982 gewidmet*, Berlin; New York, W. de Gruyter, 1982, pp. 61-81.

CREMONINI, Stefano, "Umanesimo e storia nel Dialogorum libellus de somnio quodam," in SECCHI TARUGI, *Pio II umanista...*, pp. 179-197.

CRESCENTINI, Claudi; PALUMBO, Margherita (a c. di), *Nymphilexis: Enea Silvio Piccolomini, l'umanesimo e la geografia: manoscritti, stampati, monete, medaglie*, Roma, Edizioni dell'associazione culturale Shakespeare and Company 2, 2005.

CROUZET-PAVAN, Elisabeth, "Immagini di un mito," in TENENTI [et. al.], *Storia di Venezia...*, pp. 579-601.

————, *Venise: une invention de la ville: XIIIe-XVe siècle*, Seyssel, Champ Vallon, 1997.

CURTIUS, Ernst Robert, *European Literature and the Latin Middle Ages*, translated from the German by Willard R. Trask, New Jersey, Princeton University Press, 1990 (ed. orig. 1948).

D'ASCIA, Luca, *Il Corano e la tiara: l'epistola a Maometto di Enea Silvio Piccolomini (papa Pio II),* introduzione ed edizione, Bologna, Pendragon, 2001.

D'ASCIA, Luca; MECACCI, Enzo (a c. di), *Conferenze su Pio II nel Sesto Centenario della Nascita di Enea Silvio Piccolomini (1405 - 2005)*, Siena, Accademia Senese degli Intronati, 2006.

D'ELIA, Anthony F., "Stefano Porcari's Conspiracy against Pope Nicholas V in 1453 and Republican Culture in Papal Rome," in *Journal of the History of Ideas*, 68, 2 (April 2007), pp. 207-231.

DANIELS, Tobias, "Flavio Biondo," in BBKL, disponível no URL <http://www.bautz.de/bbkl/f/flavio_b.shtml> consultado em 25-03-2011.

DANZI, Massimo, "Fra "*οἶκος*" e "*πόλις*" : il pensiero familiare di Leon Battista Alberti," in La memoria e la città: Scritture storiche tra Medioevo ed età Moderna, eds. Claudia Bastia e Maria Bolognani, p. 47-62.

DAREMBERG, Charles; SAGLIO, Edmond, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, Paris , Hachette, 1877-1919. <http://dagr.univ-tlse2.fr/sdx/dagr/> consultado em 18-02-2009.

DAVIES, J. K., "Cultural, social and economic features," in WALBANK, F. D. [et al.], *Cambridge Ancient History,* second edition, Cambridge, 1984, vol. VII, part I, pp. 257-320.

DE CAPRIO, Vincenzo, "Sub tanta diruta mole: il fascino delle rovine di Roma nel Quattro e nel Cinquecento," in IDEM (a c. di), *Poesia e poetica delle rovine di Roma: momenti e problemi*, Roma, Istituto nazionale di studi romani, [1987] (Quaderni di studi romani, ser. 1; 47), pp. 23-52 .

DE LA RONCIÈRE, Charles, "La vie privée des notables toscans au seuil de la Renaissance" in DUBY, Georges; ARIÉS, Philippe, *Histoire de la vie privée: de l'Europe feodale a la Renaissance*, Paris, Éditions du Seuil, 1986, pp. 163-310.

DE LINCY, Le Roux; TISSERAND, L.-M., *Paris et ses historiens aux XIVe et XVe siècles. Documents et écrits originaux recueillis et commentés*, Paris, Impériale, 1867.

DE SETA, Cesare, *Imago Urbis: dalla città ideale alla città reale*, con testi di Cesare De Seta, Alberto Tenenti, Massimo Ferretti, Milano, Ricci, 1986.

DEFILIPPIS, Domenico, "Modelli e fortuna della Cosmographia di Pio II", in SECCHI TARUGI, Luisa Rotondi, (a c. di), Pio II umanista europeo. Atti del XVII Convegno Internazionale (Chianciano-Pienza 18-21 Luglio 2005), Firenze, Franco Cesati, 2007, pp. 217-236.

DELOGU, Paolo, "Solium imperii-urbs ecclesiae. Roma fra la tarda antichità e l'alto medioevo," in *Memorias de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona*, 25 (2000), Disponível no URL <http://www.raco.cat/index.php/MemoriasRABL/article/view/23763>, consultado em 03-09-2009, 10:24 h.

DESANGES, Jehan, "Les très grandes villes du monde romain d'après les «géographes» de langue latine," in *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité*, 106, 2 (1994), pp. 901-19.

Die Deutsche Literatur des Mittelalters: 3: Verfasserlexikon, begründet von Wolfgang Stammler ; fortgeführt von Karl Langosch; hrsg. von Kurt Ruh [et a.l.], 2. völlig neu bearb. Aufl., New York, Walter de Gruyter, 1981.

D'ONOFRIO, Cesare, *Visitiamo Roma mille anni fa: la città dei Mirabilia*, Roma, Romana società editrice , 1988 (Collana di studi e testi per la storia della città di Roma; 8).

————, *Visitiamo Roma nel Quattrocento: la città degli umanisti*, Roma, Romana società editrice, Roma, 1989 (Collana di studi e testi per la storia della città di Roma; 9).

DOWNEY, Glanville, "Ekphrasis," in *Reallexikon für Theologie und Christentum*, 1959, Stuttgart, Anton Hiersemann, vol. IV, cols. 921-944.

————, "The Ethical City, the Secular City, and the City of God," in *Anglican Theological Review* 56 (1974), 34- 41

ENENKEL, Karl A. E., "Ein Plädoyer für den Imperialismus: Justus Lipsius' kulturhistorische Monographie Admiranda sive de magnitudine Romana (1598)," in *Daphnis*, 33 (2004), pp. 583–621.

————, *Die Erfindung des Menschen: die Autobiographik des frühneuzeitlichen Humanismus von Petrarca bis Lipsius*, Berlin [u.a.], de Gruyter, 2008.

ENGELS, Johannes, "Die strabonische Kulturgeographie in der Tradition der antiken geographischen Schriften und ihre Bedeutung für die antike Kartographie", in *Orbis Terrarum. Journal of Historical Geography of the Ancient World*, 4 (1998), pp. 63-114.

————, *Augusteische Oikumenegeographie und Universalhistorie im Werk Strabons von Amaseia*, Stuttgart, F. Steiner, 1999.

ENNEN, Edith, *Die europäische Stadt des Mittelalters*, Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 1972.

ESCH, Arnold, "Enea Silvio Piccolomini als Papst Pius II., Herrschaftspraxis und Selbstdarstellung", in BOOKMANN, Hartmut (Hrsg.), *Lebenslehren und Weltentwürfe im Übergang vom Mittelalter zur Neuzeit, Politik — Bildung — Naturkunde — Theologie. Bericht über Kolloquium der Komission zur Erforschung der Kultur des Spätmittelalters*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1989, pp. 112-140.

————, "Pius II (Enea Silvio de' Piccolomini)," in *Lexikon des Mittelalters,* VI (1993), cols. 2190- 2192.

————, "L'economia nei Giuilei del Quattrocento," in *I Giubilei nella storia della Chiesa. Atti del Congresso internazionale in collaborazione con l'École Française de Rome sotto il patrocinio del Comitato Centrale per il Giubileo del 2000, (Roma, Istituto Patristico Augustinianum, 23-26 giugno 1999)*, Roma, Libreria editrice Vaticana, 2000 (Pontificio Comitato di Scienze storiche. Atti e documenti; 10), pp. 341-358;

————, "In gitta con Pio II. Un papa vive il paesaggio del primo Rinascimento," in D'ASCIA [et al.], *Conferenze su Pio II...*, pp. 27-66.

————, *Landschaften der Frührenaissance: Auf Ausflug mit Pius II.*, München, C. H. Beck, 2008.

ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do, "Apresentação do De re aedificatoria de Leon Battista Alberti: glória, beleza e concinidade," in Ornellas e Castro, Inês de; Anastácio, Vanda (coords.), *Revisitar os saberes: referências clássicas na cultura portuguesa do renascimento à época moderna*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2010, pp. 173-179.

FABRONI, Angelo, *Magni Cosmi Medicei vita* [...] *II. Adnotationes et monumenta* [...], Pisis, MDCCLXXXVIII, Excudebat Alexander Landi.

FAGIOLO, M.- MADONNA, Maria Luisa, "La rifondazione umanistica di Roma nei piani giubilari del Quattrocento, in FAGIOLO, Marcello, MADONNA, Maria Luisa (a c. di), *La storia dei Giubilei, Vol. Secondo, 1450-1575*, [Roma], BNL; [Firenze], Giunti, 1998, pp. 14-20;

FARENGA, Paola, "'I romani sono periculoso populo...': Roma nei carteggi diplomatici," in GENSINI, GENSINI (ed.), *Roma Capitale...*, pp. 289–315.

FASOLI, Gina, "Nascita di un mito," in *Studi storici in onore di Gioacchino Volpe,* Firenza, G. C. Sansoni, 1958 (Biblioteca Storica Sansoni; XXXI), vol. I, pp. 445-479.

————, "Le autonomie cittadine nel medioevo," in *Nuove questioni...*, pp. 145-176.

————, *"La coscienza civica nelle laudes civitatum," in La coscienza cittadina nei Comuni italiani del Duecento: Convegni del Centro di studi sulla spiritualità medievale XI [Todi], 11-14 ottobre 1970,* Todi, Accademia tudertina, 1972 (Convegni del Centro di Studi sulla spiritualità medievale 11. Todi), pp. 9-44.

FENSKE, Hans [et al.] (Hrsgg.), *Geschichte der politischen Ideen. Von Homer bis zur Gegenwart*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch, 1994 (ed. orig. 1981).

FESTUGIÈRE, André-Jean, *La révélation d'Hermès Trismégiste*, Paris, Les Belles Lettres, 1986.

FINLEY, Moses I., *The Ancient Economy,* second edition, Berkeley, University of California Press, 1999.

FIORE, Francesco Paolo, "La loggia di Pio II per i Piccolomini a Siena," in CALZONA, *Il sogno...*, pp. 129-141.

FIRPO, Massimo, *La città ideale nel Rinascimento*, Torino, UTET, 1975.

FITZ STEPHEN, William, *Norman London. Norman London: an essay by Sir Frank Stenton, introduction by F. Donald Logan*, New York, Italica Press, 1990.

FLEURY, Philippe, "L'urbanisme vitruvien," in LECOCQ, Françoise (coord.), *De l'"urbs" à la ville*, Presses universitaires de Caen, 2001 (Cahiers de la Maison de la Recherche en Sciences Humaines; 25), pp. 45-74.

FORNER, Fabio, *Per un'edizione delle lettere di Enea Silvio Piccolomini scritte durante il cardinalato: la raccolta canonica e le lettere estravaganti*, Università degli studi di Messina, dottorato di ricerca in italianistica, letteratura umanistica, tutore e coordinatore: Vincenzo Fera, Messina, 2002, texto policopiado.

FRANCI, Aldo, "Pio II e Pienza," in SECCHI TARUGI, *Pio II e la cultura...*, pp. 39-46.

FRAY, Jean-Luc, "Du «principal siège» à la concurrence villes épiscopales et structuration du réseau urbain au cours du Moyen Âge, in *Histoire urbaine*, 7, 1 (2003), pp. 55-66.

————, *Villes et bourgs de Lorraine: réseaux urbains et centralité au Moyen Âge*, Clermont-Ferrand, Presses universitaires Blaise Pascal, 2006,

FROMMEL, Christoph L., "Francesco del Borgo: Architekt Pius' II. und Pauls II. I. Petersplatz und weitere römischen Bauten Pius' II. Piccolomini," sep. de *Römisches Jahrbuch für Kunstsgeschichte*, 20 (1983), pp. 146 ss.

————, "Papal Policy: The Planning of Rome during the Renaissance," in *Journal of Interdisciplinary History*, 17, 1 (1986), pp. 39-65.

FRUGONI, Chiara, "L'Antichità: dai *Mirabilia* alla propaganda politica," in SETTIS, Salvatore (a c. di), *Memoria del'Antico nell'arte italiana. Tomo primo: L'uso dei classici*, Turim, 1984, pp. 3-72.

————, *A Distant City: Images of Urban Experience in the Medieval World*, trans. William McCuaig, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1991, ed. orig. 1983.

————, "Rappresentazioni di città nell'Europa medioevale," in BENEVOLO, Leonardo [et al.], *Principii e forme della città*, Milano, Scheiwiller, 1993, pp. 92-138.

FRYDE, E., *Humanism and Renaissance Historiography*, London, 1983.

FUBINI, Riccardo, *Umanesimo e secolarizzazione da Petrarca a Valla*, Roma, Bulzoni, 1990 (Humanistica; 7).

————, "*La rivendicazione di Firenze della sovranità statale e il contributo delle Historie di Leonardo Bruni*, in VITI, *Leonardo Bruni Cancelliere...*, pp. 29-63.

————, "Renaissance Historian: The Career of Hans Baron ," in *The Journal of Modern History*, 64, 3 (1992), pp. 541-574.

————, *Storiografia dell'umanesimo in Italia da Leonardo Bruni ad Annio da Viterbo*, Roma, Ed. di storia e letteratura, 2003.

FUCHS, Franz (Hrsg.), *Enea Silvio Piccolomini nördlich der Alpen: Akten des interdisziplinären Symposions vom 18. bis 19. November 2005 an der Ludwig-Maximilians-Universität München*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2007 (Pirckheimer-Jahrbuch für Renaissance- und Humanismusforschung ; 22).

FUETER, Eduard, *Storia della storiografia moderna*, Milano-Napoli, Riccardo Ricciardi Editore, 1970.

FUMAROLI, Marc, "Genèse de l'épistolographie classique: rhétorique humaniste de la lettre, de Pétrarque à Juste Lipse," in *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, 78, 6 (1978) pp. 886-905.

FURLAN, Francesco (ed.), *Leon Battista Alberti: actes du Congrès International, Paris, 10-15 avril 1995*, Paris, J. Vrin; Torino, N. Aragino, 2000 (Nova Humanistica: Essais De Pétrarque à Descartes; 66).

GAETA, Franco, "Alcune considerazioni sul mito di Venezia," in *Bibliothèque d'Humanisme et de Renaissance*, 23 (1961), pp. 548-575.

————, "Sull'idea di Roma nell'Umanesimo e nel Rinascimento," in *Studi romani*, 25 (1977), pp. 169-86.

GAMBI, Lucio, "Per una rilettura di Biondo e Alberti, geografi", in AA. VV. *Il Rinascimento nelle corte Padane. Convegno Società e cultura al tempo di Ludovico Ariosto*, Reggio Emilia-Ferrara. 22-26 ottobre 1975, Bari, De Donato, 1977, pp. 259-277.

GARIN, Eugenio, "La cultura milanese nella prima meta del secolo XV," in *Storia di Milano. VI: Il Ducato Visconteo e la Repubblica Ambrosiana*, (1392-1450), Milano, 1955, 545-608.

————, "Il pensiero di Leon Battista Alberti: caratteri e contrasti," in *Rinascimento*, 12 (1972), pp. 3-20.

————, *Rinascite e rivoluzioni: movimenti culturali dal XIV al XVIII secolo*, seconda ed., Roma, Laterza, 1975 (Biblioteca di Cultura Moderna; 782).

————, "La città ideale," in IDEM, *Scienza e vita civile nel Rinascimento*, seconda ed., Bari, Laterza, 1982, pp. 33-56.

————, "La letteratura degli umanisti," in CECCHI, Emilio; SAPEGNO, Natalino (eds.), *Storia della Letteratura Italiana. Vol. 3: Il Quattrocento e l'Ariosto*, Nuova edizione accresciuta e aggiornata diretta da Natalino Sapegno, Milano, Garzanti, 1988, pp. 7-368.

————,"Leonardo Bruni: politica e cultura," in VITI, *Leonardo Bruni Cancelliere...*, pp. 3-14.

————, *L'umanesimo italiano: filosofia e vita civile nel Rinascimento*, Bari, Editori Laterza, 2000 (Economica laterza ; 30).

————, *La cultura filosofica del Rinascimento italiano: richerche e documenti*, Milano, RCS Libri, 2001 (Tascabili Bompiani; 34), ed. orig. 1961, pp. 38-59.

GARMS, Elisabeth, GARMS, Jörg, "Mito e realtà di Roma nella cultura europea. Viaggio e idea, immagine e immaginazione," in DE SETA, Cesare (a c. di), *Storia d'Italia*, Torino, Einaudi, 1982, vol. V, pp. 561-662.

GENSINI, Sergio (a c. di), *Roma capitale (1447-1527)*, Pisa, Pacini Editore, 1994. (Studi e ricerche; 5) (Pubblicazioni degli Archivi di Stato; 29), 289–315, disponível no URL <http://www.archivi.beniculturali.it/DGA-free/Saggi/Saggi_29.pdf>, consultado em 04-09-2012.

GENTILE, Sebastiano (a c. di), *Firenze e la scoperta dell'America. Umanesimo e geografia nel' 400 fiorentino. Catalogo della mostra celebrativa del V centenario della scoperta delle Americhe*, Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana, 1992, Firenze. 1992.

GENZSCH, Hans A., "Die Anlage der ältesten Sammlung von Briefen Enea Silvio Piccolominis," in *Mitteilungen des österreichischen Instituts für Geschichtsforschung*, 46 (1932), pp. 372-464.

GERNENTZ, Wilhelm, *Laudes Romae,* Rostochii, Typis Academicis Adlerianis, 1918.

GIEGLER, Eugen, *Das Genos der Laudes urbium im lateinischen Mittelalter. Beiträge zur Topik der Städtelobes und der Stadtschilderung,* Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der hohen philosophischen Fakultät der Julius-Maximilianus-Universität zu Würzburg vorgelegt, 1953, texto policopiado.

GIORGIANNI, Giuseppe (a c. di), *Pio II, la città, le arti. La rifondazione umanistica dell'architettura e del paesaggio*, Siena, Protágon, 2006 [Catálogo da exposição com o mesmo nome, Pienza, palazzo Piccolomini, Duomo Battistero, 28 maggio - 8 ottobre 2006].

GIULIARI, G. B. C. (ed.), *Prose del giovane Buonaccorso da Montemagno,* inedite alcune da due codici della Bibl. capitolare di Verona, Bologna, G. Romagnoli, 1874 (Scelta di curiosità letterarie inedite o rare del secolo XIII al XVII; 141).

GOLDBRUNNER, Hermann, "Laudatio Urbis. Zu neueren Untersuchungen über das humanistische Städtelob," in *Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken*, 63 (1983), pp. 313-328.

GOLDSTEEN, Michel, "Enea schrijft aan Prokop van Rabenstein over de Fortuna," [tradução para neerlandês, acompanhada de notas, do *Somnium de fortuna*] disponível no URL <http://home.planet.nl/~golds067/procop.htm>, consultado em 7-2-2011.

GORMAN, Vanessa Barrett, "Aristotle's Hippodamos (Politics 2. 1267b22-30)," in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, 44, 1995, p. 385-395, disponível no URL <http://digitalcommons.unl.edu/historyfacpub/14>, consultado em 18-07-2012.

GRAF, Arturo, *Roma nella memoria e nelle immaginazioni del Medio Evo*, vol. I, Torino, Roma Firenze, Ermanno Loescher, 1882,

GRÄF, Holger Thomas; KELLER, Katrin (edd.), *Städtelandschaft: Städte im regionalen Kontext in Spätmittelalter und Früher Neuzeit*, Köln, Böhlau, 2004.

GRAFTON, Anthony T.; JARDINE, Lisa, "Humanism and the school of Guarino: a problem of evaluation", in *Past and Present*, 96 (1982), pp. 51-80.

GRANSDEN, Antonia, "Realistic Observation in Twelfth-Century England", in *Speculum*, 47, 1 (1972), pp. 29-51.

GRAYSON, Cecil, "The humanism of Alberti," in *Italian Studies*, 12 (1957), pp. 37-56.

GRAYSON, Cecil; ARGAN, Giulio Carlo, "Leon Battista Alberti," in DBI, vol I, pp. 703-713.

GREEN, Louis, "Galvano Fiamma, Azzone Visconti and the Revival of the Classical Theory of Magnificence," in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 53 (1990), pp. 98-113.

GREGOROVIUS, Ferdinand, *Geschichte der Stadt Rom im Mittelalter Vom V. bis zum XVI. Jahrhundert*, sechste Auflage, Stuttgart und Berlin, J. G. Cotta Nachfolger, 1922, vol. 7.

GREPPI, Claudio, "Paesaggi archeologici: la Roma Instaurata di Biondo Flavio," in CASTELLI, Patrizia (a c. di), *L'ideale classico a Ferrara e in Italia nel Rinascimento*, Firenze, Leo S. Olschki, 1998 (Publicazioni dell'Università di Ferrara ; 7), pp. 97-107.

GROS, Pierre, "Vitruve: l'architecture et sa théorie, à la lumière des études récentes," in *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II, 30/1 (1982), pp. 659-695.

————, "La construction d'un espace méditerranéen et les premières mégalopoles (Ve siècle av. J. C. - VIe siècle ap. J. C.)," in NICOLET [et al.] (dirs.), *Mégalopoles...* , pp. 65-85.

GROS, Pierre; TORELLI, Mario (co-autor), *Storia dell'urbanistica: il mondo romano*, Bari, Editori Laterza, 1994.

GROSSMANN, Karl, "Die Frühzeit des Humanismus in Wien bis Celtis Berufung 1497," in *Jahrbuch für Landeskunde von Niederösterreich*, n. F., 22 (1929), pp. 152-98.

GRUET, Brice, "Retour sur Hippodamos de Milet: à propos d'un mythe moderne," in *Histoire urbaine*, 21, 1 (2008), pp. 87–110.

GUERRINI, Luigi, "Città e società e nelle opere di Enea Silvio Piccolomini avanti il Pontificato," in GIORGIANNI, *Pio II, la città...*, pp. 121-136.

————, *Un pellegrinaggio secolare: due studi su Enea Silvio Piccolomini*, Roma, Edizioni di storia e letteratura, 2007.

GUERZONI, Guido, "Liberalitas, Magnificentia, splendor: The classic origins of Italian Renaissance lifestyles," in *History of Political Economy*, 31 (1999), pp. 332-378.

GULLINO, Giuseppe, "Le frontiere navali" in TENENTI [et. al.], *Storia di Venezia...*, pp. 13-111.

GÜNTHER, Hubertus, "L'idea di Roma antica nella "Roma instaurata" di Flavio Biondo," in ROSSI; VALERI (a c. di), *Le due Rome...*, pp. 380-393.

HÄBLER, Konrad, *Die Drucke der Briefsammlungen des Aeneas Silvius*, in *Gutenberg-Jahrbuch*, 14 (1939), pp. 138–52.

HAJNÓCZI, Gábor, "Parallelismo nella commitenza d'architettura," in *Roma nel Rinascimento*, 11 (1995), pp. 25-31.

HALL, Marie Boas, *Il Rinascimento: Interpretazioni e Problemi*, Roma; Bari, Laterza, 1979.

HALLER, Johannes, "Pius II, ein Papst der Renaissance," in *Deutsche Rundschau*, 153 (1912), pp. 194-220.

HANKINS, James, *Plato in the Italian Renaissance*, second ed. revised, Leiden, Brill, 1990.

————, "The "Baron Thesis" after Forty Years and Some Recent Studies of Leonardo Bruni," in *Journal of the History of Ideas*, 56, 2 (1995), pp. 309-338.

————, (ed.), *Renaissance Civic Humanism: Reappraisals and Reflections*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

————, "The civic Panegyric of Leonardo Bruni", in IDEM (ed.), *Renaissance Civic...*, pp. 143-178.

————, "De republica: Civic Humanism in Renaissance Milan (and other renaissance signories)," in VEGETTI, Mario; PISSAVINO, Paolo (a c. di), *I Decembrio e la tradizione della repubblica di Platone tra Medioevo e Umanesimo*, Napoli, Bibliopolis, 2005, pp. 485-508.

HANSEN, Mogens Herman, "ΠΟΛΛΑΧΩΣ ΠΟΛΙΣ ΛΕΓΕΤΑΙ (Arist. Pol. 1276a23). The Copenhagen Inventory of Poleis and the Lex Hafniensis de Civitate," in IDEM (ed.), *Introduction to an Inventory of 'Poleis': Symposium August, 23-26 1995*, Copenhagen, Kgl. Danske Videnskabernes Selskab, 1996 (Acts of the Copenhagen Polis Centre; 3), pp. 7-72.

————, (ed.), *The imaginary polis: symposium, January 7-10, 2004, Copenhagen*, Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskab, 2005 (Acts of the Copenhagen Polis Center; 7).

HARRIS, Karsten, "Building and the Terror of Time," in *Perspecta: The Yale Architectural Journal*, 19 (1982), pp. 59-60, disponível no URL <http://fluxwurx.com/jstudio/wp-content/uploads/2011/01/harries_terroroftime.pdf> consultado em 14-07-2012.

HARTMANN, Alfred, *Basilea Latina: Lateinische Texte zur Zeit- und Kulturgeschichte der Stadt Basel im 15. und 16. Jahrhundert ausgewählt und erläutert*, Basel, Lehrmittelverlag des Erziehungsdepartements, 1931.

————, "Enea Silvio, Descriptio altera urbis Basileae (1438)" in *Concilium Basiliense*, 8 (1935), pp. 187-204.

————, "Die Stadt Basel zur Zeit der Schlacht," in *Neujahrsblatt*, 122 (1944), pp. 5-22.

————, *Basel in einigen alten Stadtbildern und in den beiden berühmten Beschreibungen des Aeneas Sylvius Piccolomini*, hrsg. zur Erinnerung an die Beschwörung des Bundes zwischen Basel und den Eidgenossen, mit einer Einführung v. Edgar Bonjour, [Hrsg. und Übers. der lat. Texte: Alfred Hartmann], Basel, Holbein-Verlag, 1951.

HARVEY, David, *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*, Oxford, Basil Blackwell, 1989.

HAY, Denys, "Europe" and "Christendom" a Problem in Renaissance Terminology and Historical Semantics", in *Diogenes,* 17 (1957) 45-55.

————, *Annalists and historians: Western Historiography from the eighth to the eighteenth centuries*, London, Methuen, 1977.

————, *Renaissance essays*, London, Hambledon press, 1988.

HEERS, Jacques, "Urbanisme et structure sociale à Gênes au Moyen Âge," in AA. VV., *Studi in onore di Amintore Fanfani*, Milano, Giuffrè, 1962, t. 1, pp. 369-412.

HEIDLMAYER, Johannes, *Reise- und Landschaftsbeschreibungen in den 'Commentarii' des Enea Silvio Piccolomini (Pius II.),* Hochschulschrift Salzburg, Univ., Dipl.-Arb., 1992.

HEINIG, Paul Joachim, *Kaiser Friedrich III. (1440-1493): Hof, Regierung, Politik*, Köln [et al.], Böhlau, 1997 (Forschungen zur Kaiser- und Papstgeschichte des Mittelalters. Beihefte zu J. F. Böhmer, Regesta Imperii; 17).

HEINZ, Hans, "Pius II.", in BBKL, pp. disponível no url <http://www.bautz.de/bbkl/p/pius_ii.shtml>, consultado em 12-08-2010.

HELLER, Agnes, *O homem do Renascimento*, Lisboa, Presença, 1992.

HELMRATH, Johannes, "Pius II.", in NBD, vol. 20 (2001), pp. 492-494 disponível no URL <http://www.deutsche-biographie.de/pnd118594702.html>, consultado em 10-4-2011.

————, "Der Europäische Humanismus und die Funktionen der Rhetorik," in MAISSEN, Thomas; WALTHER, Gerrit (Hrsgg.), *Funktionen des Humanismus: Studien zum Nutzen des neuen in der humanistischen Kultur*, Götingen, Wallstein, 2006, pp. 18-48.

HENDERSON, Duane, "Zur Entstehung und Überlieferung des sogenannten Dialogus de donatione Constantini des Enea Silvio Piccolomini," in FUCHS, Franz (Hrsg.), *Enea Silvio Piccolomini nördlich der Alpen Akten des interdisziplinären Symposions vom 18. bis 19. November 2005 an der Ludwig-Maximilians-Universität München*, Wiesbaden, Harrassowitz, 2008, pp. 97-120.

HENDERSON, Judith Rice, "HENDERSON, Judith Rice, "On Reading the Rhetoric of the Renaissance Letter," in PLETT, Heinrich F. (Hrsg.), *Renaissance-Rhetorik = Renaissance rhetoric*, Berlin, Walter de Gruyter, 1993, pp. 143-62.

————, "Humanist letter writing: private conversation or public forum?," in VAN HOUDT, Toon [et al.] (edd.), *Self-presentation and social identification: the rhetoric and pragmatics of letter writing in early modern times*, Leuven, Leuven University Press, 2002.

————, "Humanism and the Humanities: Erasmus' Opus de conscribendis epistolis in Sixteenth-Century Schools," in POSTER, Carol; MITCHELL, Linda C. (eds.), *Letter-Writing Manuals from Antiquity to the Present,* Columbia (SC),University of South Carolina Press, 2007, 141-77.

HERZOG-HAUSER, Gertrud, "Tyche," in RE, 14, 1, cols. 1659-1689.

HEUSLER, Andreas, *Verfassungsgeschichte der Stadt Basel im Mittelalter*, Basel, Bahnmaier's buchhandlung (C. Detloff), 1860.

————, "Aus der Basler Rechtspflege durch fünf Jahrhunderte," In Universität Basel. Rektor und Regenz (Hrsgg.), *Festschrift zur Feier des 450jährigen Bestehens der Universität Basel*, Basel, Helbing und Lichtenhahn, Basel 1910, pp. 1-34.

HILD, J. A., "Fortuna," in DS, II 2, pp. 1264-1277.

————, "Genius ciuitatis," in DS, II, 2, pp. 1488-1494.

HOCKS, Else, *Pius II. und der Halbmond*, Freiburg im Breisgau, Herder & Co., 1941.

HOLTZINGER, Heinrich, "Pienza. Aufgenommen und gezeichnet von den Architekten K. Mayreder und C. Bender. Text von Dr. Heinrich Holtzinger," in *Allgemeine Bauzeitung* , 47 (1882), pp. 17-24. Disponível no URL <http://anno.onb.ac.at/> consultado em 17-07-2012.

HÖRNQVIST, Mikael (org.), *The Florentine Legacy: Renaissance Florence and what it means to us today: civic humanism,* Disponível no URL <http://www.idehist.uu.se/distans/ilmh/Ren/civic-start.htm> 29-0-2012.

HOVEN, René, *Lexique de la prose latine de la Renaissance*, E. J. Brill, Leiden [et al.], 1994.

HUIZINGA, Johan, *L'Automne du Moyen Age*, traduit du hollandais par J. Bastin, précédé d'un entretien avec Jacques Le Goff, Paris, 1975.

HUMBOLDT, Alexander von, *Examen critique de la géographie du nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique aux quinzième et seizième siècles*, Paris, Gide, 1836-1837.

————, *Cosmos: essai d'une description physique du monde*, trad. de M. H . Faye et de M. Ch . Galuski, quatrième édition, Paris, Guérin, 1866-67.

HUSSLEIN, Johann Clemens, *Flavio Biondo als Geograph des Frühhumanismus*, Würzburg, Druck von H. Stürtz, 1901.

HUTTON, William, *Describing Greece: landscape and literature in the "Periegesis" of Pausanias*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005.

HYDE, John Kenneth, "Medieval Descriptions of Cities", in *Bulletin of the John Rylands Library*, 48 (1965/66) pp. 308-340.

IARIA, Simona, "Tra Basilea e Vienna: letture umanistiche di Enea Silvio Piccolomini e la frequentazione della 'biblioteca' di Francesco Pizolpasso," in *Humanistica Lovaniensia*, 52 (2003), pp. 1-32.

IZBICKI, Thomas M., "Reject Aeneas! Pius II on the errors of his youth," in MARTELS, *Pio II Il più expeditivo...*, pp. 187-203.

JACOBY, Felix, *Atthis, the local chronicles of ancient Athens*, Oxford, Clarendon Press, 1949

JAL, Auguste, *Glossaire nautique, répertoire polyglotte de termes de marine anciens et modernes*, Paris, Firmin-Didot frères, 1848.

JEDIN, Hubert, *Bischöfliches Konzil oder Kirchenparlament? Ein Beitrag zur Ekklesiologie der Konzilien von Konstanz u. Basel*, Basel, Helbing & Lichtenhahn, 1963 (Vorträge der Aeneas-Silvius-Stiftung an der Universität Basel; II).

JENKINS, A. D. Fraser, "Cosimo de' Medici's Patronage of Architecture and the Theory of Magnificence," in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 33 (1970), pp. 162-170.

JOACHIMSON, Paul, *Die humanistische Geschichtschreibung in Deutschland. Die Anfänge. Sigismund Meisterlin*, Bonn, P. Hanstein, 1895

JOHANEK, Peter (Hrsg.), *Städtische Geschichtsschreibung im Spätmittelalter und in der frühen Neuzeit*, Weimar [et al.], Böhlau, 2000.

JONES, Philip James, *The Italian city-state: from commune to signoria*, Oxford [et al.], Clarendon Press, 1997.

JURDJEVIC, Mark, "Civic humanism and the Rise of the Medici", in *Renaissance Quarterly*, 52 (1999), pp. 994-1020.

KAHN, V., "Coluccio Salutati on the Active and Contemplative Lives", in VICKERS, B. (dir.), *Arbeit, Musse, Meditation, Studies in the Vita activa and Vita contemplativa*, Zurich-Stuttgart, 1991, pp. 153-179.

KAJANTO, Iiro, "Fortune in the Works of Poggio Bracciolini", in *Arctos*, 20 (1986), pp. 25–37.

————, "The Body Politic. On the History of a Famous Simile," in *Arctos*, 29 (1995) pp. 49-80.

KISCH, Guido, *Enea Silvio Piccolomini und die Jurisprudenz*, Basel, Helbing und Lichtenhahn, 1967.

————, *Gestalten und Probleme aus Humanismus und Jurisprudenz: Neue Studien und Texte*, Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1969.

KNELL, Heiner, *Vitruvsarchitekturtheorie. Versuch einer Interpretation*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985.

KRAMER, Hans, Untersuchungen zur ,,Österreichischen Geschichte" des Aeneas Silvius. In: Mitteilungen des Österreichischen Instituts für Geschichtsforschung, LIV, 1941, 23-69.

KREBS, Christopher B., *Negotiatio Germaniae: Tacitus' Germania und Enea Silvio Piccolomini, Giannantonio Campano, Conrad Celtis und Heinrich Bebel*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2005 (Hypomnemata; 158).

KUGLER, Harmut, [Recensão a] CLASSEN, *Die Stadt..*, pp. 297-299.

————, *Die Vorstellung der Stadt in der deutschen Literatur des Mittelalters*, München-Zürich, Artemis, 1986 (Münchner Texte und Untersuchungen zur deutschen Literatur des Mittelalters; 88).

LACHAUD, Frédérique, "La première description des métiers de Paris: le Dictionarius de Jean de Garlande (vers 1220–1230)," in *Revue d'Histoire Urbaine* 16, 2 (2006), pp. 91-114.

LANCIANI, Rudolfo, "Notizie inedite sull'anfiteatro Flavio," in *Rendiconti della Reale Accademia dei Lincei. Classe di Scienze Morali, Storiche e filolofiche,* Serie V, V (1896), p. 3;

LANZA, Loredana, "Ideologia e politica nei "Commentarii" di Pio II: le descrizioni di città, in Borgia, Luigi [et al.], *Studi in onore di Arnaldo d'Addario*, Lecce, Conte Editore, 1995, v. II, pp. 521-533.

LANZA, Mario [et al.], *L'ideologia della città,* Napoli, Liguori, 1977 (Forme, materiali e ideologie del mondo antico; 1).

LAUSBERG, Heinrinch, *Handbook of literary rhetoric: a Foundation for Literary Study*, foreword by George A. Kennedy, transl. by Matthew T. Bliss [et al.], ed. by David E. Orton and R. Dean Anderson, Leiden [et al.], Brill, 1998.

LE GOFF, Jacques, "Au Moyen Âge: temps de l'Église et temps du marchand," in *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations,* 15, 3 (1960), pp. 417-433.

LE MOLLÉ, R., "Le mythe de la ville idéale à l'époque de la Renaissance italienne," in *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, ser. III, 2, 1 (1972), pp. 275-310.

LEJEUNE, Philippe, *Je est un autre. L'autobiographie de la littérature aux médias*, Paris, Seuil, 1980.

————, *Le pacte autobiographique,* nouvelle édition augmentée, Paris, Seuil, 1996.

LESCA, Giuseppe, *I Commentarii rerum memorabilium, quae temporibus suis contigerunt d'Enea Silvio de' Piccolomini (Pio II)*, Pisa, Tipografia T. Nistri, 1893.

LEVI, Mario Attilio, "Plinio e la civiltà urbana," in *La città antica come fatto di cultura: atti del Convegno di Como e Bellagio 16/19 giugno 1979. Org. dal Comitato promotore delle manifestazioni celebrative del XIX centenario della morte di Plinio il Vecchio*, Como, Regione Lombardia, 1983, pp. 15-22.

LÉVY, Edmond, "Lá cité grecque: invention moderne ou réalité antique?," in *Cahiers do Centre G. Glotz*, 1 (1990), pp. 53-67.

Lexikon des Mittelalters, München [et al.] Artemis-Verl. [et al.], 1977-1999.

LHOTSKY, Alphons, "Aeneas Silvius und Österreich," in IDEM, *Aufsätze und Vorträge*. Ausgewählt und herausgegeben von Hans Wagner und Heinrich Koller. Band III: Historiographie. Quellenkunde. Wissenschaftsgeschichte, München, Oldenbourg, 1972, pp. 26-71.

LOEWEN, Andrea Buchidid, "Forma urbis: sobre a concepção de cidade em Leon Battista Alberti", in *historia e-historia*, edição on-line disponível no URL <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=14#_ftn26> consultado em 16-12-2008.

LOMBARDI, Giuseppe, "Historia, descriptio, laudatio. Gli umanisti italiani e Norimberga", in KAPP Volker; HAUSMANN, Frank-Rutger (Hrsg.), *Nürnberg und Italien. Begegnungen, Einflüsse und Ideen*, Tübingen, Stauffenburg Verlag, 1991 (Erlanger romanistische Dokumente und Arbeiten, Bd. 6), pp. 129-154.

LORINI, Teodoro, "Petrarca a Viena. Riscontri da un censimento in corso," in FABIO, Carla Maria Monti; SCHMIDT, Paul Gerhard (a c. di), *Margarita amicorum: studi di cultura europea per Agostino Sottili*, Milano, V & P, 2005 (Bibliotheca erudita: studi e documenti di storia e filologia / Dipartimento di studi medioevali, umanistici e rinascimentali; 26), pp. 603-636.

LOSEBY, S.T., "Decline and Change in the Cities of Late Antique Gaul," in KRAUSE; WITSCHEL, *Die Stadt in der Spätantike...*, pp. 67-104.

LUSCOMBE, David E., "The state of nature and the origin of the state," in KRETZAMNN, Norman (et al edd.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*, Cambridge, University Press, 1982, p. 757-770.

MACK, Charles Randall, *Pienza: the creation of a renaissance city*, Ithaca, Cornell University Press, 1987.

————, *Looking at the Renaissance: essays toward a contextual appreciation*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 2005.

MAFFEI, Domenico (a c. di), *Enea Silvio Piccolomini, Papa Pio II: atti del convegno per il quinto centenario della morte e altri sritti*, Siena, Accademia Senese degli Intronati, 1968.

MALLET, Michael, "Il condottiere," in GARIN, Eugenio (dir.), *L'homme de la Renaissance*, Paris, Seuil, 1990 (ed. orig. italiana 1988), pp. 48-78.

————, "Venezia, i Turchi e il papato dopo la pace di Lodi," in CALZONA, *Il sogno...*, pp. p. 237-246.

MANITIUS, Max, *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*. München, C. H. Beck, 1973-76. (reprod. fac-sim. da edição de 1923)

MANUCCI, Giovanni Battista, *Pienza: arte e storia*, 4ª ed. (rist. anast. della 3ª ed. del 1937 con note introduttive), San Quirico d'Orcia, DonChisciotte, 2005.

MARAZZI, Federico, "Cadavera urbium, nuove capitali e Roma aeterna: l'identità urbana in Italia fra crisi, rinascita e propaganda (secoli III-V)," in KRAUSE; WITSCHEL, *Die Stadt in der Spätantike...*, pp. 33- 65.

MARCONI, Paolo, "Il problema della forma della città nei teorici di architettura del Rinascimento," *Palladio*, 22 (1972), pp. 49-88.

MARTELS, Zweder von, VANDERJAGT, Arjo (edd.), *Pius II. "el più expeditivo Pontifice:" selected studies on Aeneas Silvius Piccolomini, 1405-1464*, Leiden [et. al.], Brill, 2003, (Brill's studies in intellectual history; 117)

MARTELS, Zweder von; GOLDSTEEN, Michel (eds.), *Enea Silvio Piccolomini — Pius II. Een humanistische paus op de bres voor Europa*, Hilversum, Verloren, 2010.

MARTIN, Alfred von, *The Sociology of the Renaissance*, London, Kegan Paul, 1945 (ed. orig. 1932).

MARTIN, Rex, "The Two Cities in Augustine's Political Philosophy," in *Journal of the History of Ideas,* 33 (1972), pp. 195-216.

MARTINES, Lauro, *Power and Imagination: City-States in Renaissance Italy*, New York, Alfred A. Knopf, 1979.

MÄRTL, Claudia, [Rec. a] *Pii secundi Pontificis Maximi Commentarii*, textum recensuerunt atque explicationibus, apparatu critico indiceque nominum ornaverunt Ibolya Bellus et Ivan Boronkai , Budapeste, Balassi Kiad, 1993 . Disponível em no URL <http://www.mgh-bibliothek.de/html/da541.htm#S229> consultado em 13-11-2011 (digitalização do original em ficheiro pdf disponível em <http://www.digizeitschriften.de/> 13-11-2011.

————, "Papst Pius II. (1458-1464) in der Kapelle des Palazzo Medici Riccardi zu Florenz: ein Beitrag zu Ikonographie und Zeremoniell der Päpste in der Renaissance," <http://cma.gbv.de/dr,cma,003,2000,a,06.pdf> consultado em 13-01-2012.

MAZZOCCO, Angelo, "Petrarca, Poggio, and Biondo: Humanism's Foremost Interpreters of Roman Ruins," in SCAGLIONE, Aldo (ed.), *Francis Petrarch, six centuries later: a symposium: [papers / read at the annual Renaissance conference held at the Newberry library on May 4, 1974, sponsored by the Newberry library and the Department of Romance languages of the University of North Carolina at Chapel Hill]*, Chicago, Newberry library ; Chapel Hill, Department of Romance languages, University of North Carolina, 1975 (North Carolina studies in the Romance languages and literatures. Symposia; 3), pp. 353-363.

————, "Rome and the Humanists: The Case of Biondo Flavio" in RAMSEY, *Rome in the Renaissance...*, pp. 186-195.

————, "Decline and rebirth in Bruni and Biondo," in BREZZI, *Umanesimo a Roma...*, pp. 249-266.

MEIER, Ulrich, *Mensch und Bürger: die Stadt im Denken spätmittelalterlicher Theologen, Philosophen und Juristen*, München, Oldenbourg, 1994.

MEUSEL, Alfred, *Die Quellen des "libellus de ortu et auctoritate Imperii Romani" des Enea Silvio de Piccolomini (Pius II.)*, Breslau, Verlag von M. & H. Marcus, 1905.

MEUTHEN, Eric, *Das Basler Konzil als Forschungsproblem der europäischen Geschichte,* Opladeb, Westdeutscher Verlag, 1985 (Vorträge der Rheinische-Westfälische Akademie Wissenschaften; Geisteswissenschaften; G 274).

————, "Pius II.", in *Theologische Realenzyklopädie*, Berlin [et al.], Walter de Gruyter, 1977-2004, v. 26 (1996), p. 649-652.

MIGLIO, Massimo, "«Viva la libertà et populo de Roma». Oratoria e politica: Stefano Porcari," in *Palaeographica Diplomatica et Archivistica. Studi in onore di Giulio Battelli*, Roma 1979, pp. 381-428 (= IDEM, *Scritture, scrittori ...*, v. 2 pp. 51-95).

————, "La storiografia pontificia del Quattrocento," in IJSEWIJN, J.; KESSLER, Eckhard (edd.), *Acta Conventus Neo-Latini Lovaniensis. Proceedings of the First International Congress of Neo-Latin Studies, Louvain 23-28 August 1971*, München, Fink, 1973, pp. 411-432

————, "Una lettera di Lapo da Castiglionchio il Giovane a Flavio Biondo: storia e storiografia nel Quattrocento," in *Humanistica Lovaniensia*, 23 (1974), pp. 1-30.

————, *Storiografia pontificia del Quattrocento*, Bologna, Pàtron, 1975 (Il mondo medievale. Sezione di storia delle istituzioni, della spiritualità e delle idee; 2).

————, *Scritture, scrittori e storia. I. Per la storia del Trecento a Roma*, Manziana, Vecchiarelli, 1991 (Patrimonium; 1).

————, *Scritture, scrittori e storia. II. Città e Corte a Roma nel Quattrocento*, Manziana, Vecchiarelli, 1993 (Patrimonium, 4).

MILANESI, Marica, "La rinascita della geografia dell'Europa. 1350-1480," in GENSINI, *Europa e Mediterraneo....*, pp. 35-59.

MODIGLIANI, Anna, "Pio II e Roma," in CALZONA, *Il sogno...*, pp. 77-108.

MOMMSEN, Theodor, *Le droit public romain*, trad. sur la 3e éd. allemande par Paul Frédéric Girard, Paris, De Boccard, 1984 (Fac-sim. de l'éd. de : Paris , E. Thorin, 1889-1896),

MOOS, Peter von, "Les solitudes de Pétrarque. Liberté intellectuelle et activisme urbain dans la crise du XIVe siècle," in *Rassegna Europea di Letteratura Italiana*, 7 (1996), pp. 23-58.

MORESCO, M., "Le parrochie gentilizie genovesi, in *Rivista italiana per le scienze giuridiche*, XXXI, 1901.

MORROW, Glenn Raymond, *Plato's Cretan city: a historical interpretation of the Laws*, [with a new foreword by Charles H. Kahn], Princeton (N.J.), Princeton University Press, 1993.

MÜLLER, Hermann, *Enea Silvio de'Piccolomini's literarische Tätigkeit auf dem Gebiete der Erdkunde und dessen Einfluß auf die Geographen der Folgezeit*, 1903, Erlangen, Univ., Diss., 1903.

MÜLLER, Richard, "Wiens höfisches und bürgerliches Leben im ausgehenden Mittelalter," in ZIMMERMANN, Heinrich; STARZER, Albert; MAYER, Anton, *Geschichte der Stadt Wien*, Wien, Holzhausen, 1907, vol. 3/2, pp. 626-757.

MÜNTZ, Eugène, *Les Arts à la cour des Papes pendant le XVe et le XVIe siècle: recueil de documents inédits tirés des archives et des biblithèques Romaines: première partie: Martin V - Pie II (1417-1464)*, Paris, E. Thorin, 1878 (Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome; 4).

MURRAY, Oswyn, "Polis and Politeia in Aristotle," in HANSEN, Mogens Herman (ed.), *The ancient Greek city-state: symposium on the occasion of the 250th anniversary of the Royal Danish academy of sciences and letters, July, 1-4 1992*, Copenhagen, Det Kongelige Danske

Videnskabernes Selskab, Munksgaard, 1993 (Acts of the Copenhagen polis centre; 1), pp. 197-210.

MUSUMECI, Antonino, "L'Epistolario di Enea Silvio Piccolomini: il discorso sulla letteratura," in SECCHI TARUGI, *Pio II e la cultura...*, pp. 373-384.

NAJEMY, John, "Civic humanism and Florentine politics," in HANKINS, *Renaissance civic ...*, pp. 75-104.

NARDI, Paolo, "Enea Silvio Piccolomini, il cardinale Domenico Capranica e il giurista Tommaso Docci," in *Rivista di storia del diritto italiano,* 60 (1987), 195-203.

NEDERMAN, Cary J., "Humanism and Empire: Aeneas Sylvius Piccolomini, Cicero and the Imperial Ideal", in *The Historical Journal*, 36, 3 (1993), pp. 499-515.

NEVOLA, Fabrizio, "Revival or Renewal: Defining Civic Identity in Fifteenth-Century Siena," in BOONE, Marc; STABEL, Peter (edd.), *Shaping urban identity in late Medieval Europe: L'apparition d'une identité urbaine dans l'Europe du bas moyen âge*, Leuven-Apeldoorn, Garant, 2000.

————, "Le patronage architectural du pape Pie II Piccolomini à Sienne", in *Médiévales*, 47 (2004), pp. 139-152.

————, *Siena: constructing the Renaissance city*, New Haven, Conneticut; London, Yale University Press, 2007.

NICOLET, Claude, "Fragments pour une géographie urbaine comparée: à propos d'Alexandrie," in IDEM [et al.] (edd.), *Mégalopoles...*, pp. 245-252

NICOLET, Claude; ILBERT, Robert; DEPAULE, Jean-Charles (dirs.), *Mégalopoles méditerranéennes: géographie urbaine rétrospective: actes du colloque, Rome, 8-11 mai 1996 organisé par l'École française de Rome et la Maison méditerranéenne des sciences de l'homme*, Paris, Maisonneuve et Larose, Maison méditerranéenne des sciences de l'homme, École française de Rome, 2000.

NOGARA, Bartolomeo (ed.), *Scritti inediti e rari di Biondo Flavio*, Roma, Tip. Poliglotta Vaticana, 1927, (Studi e testi; 48).

Nuove questioni di storia medioevale, Milano, Marzorati, 1964.

NUOVO, Isabella, "De civitate Dei — Roma Triumphans: teologia della storia e storiografia umanistica," in FABRIS, Matteo (a c. di), *L'Umanesimo di Sant'Agostino: atti del congresso internazionale*, *Bari 28-30 ottobre 1986*, Bari, Levante, 1988, pp. 573-587.

————, "Il tema della "villa" in Leon Battista Alberti e nella riflessione umanistica: dall'otium letterario allo svago cortigiano", in *La parola del testo*, 2 (2000), fasc. 1, pp. 131-149 (I parte) e fasc. 2, pp. 341-380 (II parte).

————, "Il somnium de fortuna di Enea Silvio Piccolomini," in SECCHI TARUGI, *Pio II umanista...*, pp. 515-547.

O'BRIEN, Emily, "Arms and Letters: Julius Caesar, the Commentaries of Pope Pius II, and the Politicization of Papal Imagery," in *Renaissance Quarterly*, 62 (2009), pp., 1057–1097.

ONOFRI, Laura, "Sacralità, immaginazione e proposte politiche: la "Vita" di Niccolò V di Giannozzo Manetti, in *Humanistica Lovaniensia*, 1979.

————, "Sicut fremitus leonis ita et regis ira: temi neoplatonici e culto solare nell'orazione funebre per Niccolò V di Jean Jouffroy," in *Humanistica Lovaniensia*, 31 (1982), pp. 1-28.

ORLANDI, Giovanni, "Note sul *De magnalibus Mediolani* di Bonvesin de la Riva", in *Studi Medievali*, 3, 18 (1976), pp. 863-906.

————, "Dall'Italia del nord alla Lotaringia (e ritorno?): un capitolo nella storia delle *laudes civitatum*," in BIHRER, Andreas; STEIN, Elisabeth, *Nova de veteribus: mittel- und neulateinische Studien für Paul Gerhard Schmidt*, Berlin [et al.], Walter de Gruyter, 2004, pp. 357-365.

OWENS, E. J., *The city in the Greek and Roman World*, London , Routledge, 1991

PAASSEN, Christiaan van, *The classical tradition of geography*, Groningen, J. B. Wolters, 1957.

PANOFSKY, Erwin, Estudos de iconologia: temas humanísticos na arte do Renascimento, Lisboa, Estampa, 1982 (or. Studies in Iconology, Oxford, 1939) "Imprensa Universitária" 52

PAPARELLI, Gioacchino, "La Germania di Enea Silvio Piccolomini," in *Italica*, 25, 3 (1948), pp. 202-216.

————, *Enea Silvio Piccolomini: Pio II*, Bari, Laterza, 1950, (Biblioteca di cultura moderna ; 481)

PARTNER, Peter, *The Lands of Saint Peter. The Papal State in the Middle Ages and in the Early Renaissance*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1972,

PARTRIDGE, Lauren, The Renaissance in Rome , 1400-1600 / Loren. -

PASCAL, Roy, *Die Autobiographie. Gehalt und Gestalt*, Suttgart, Berlin, Köln, Mainz, W. Kohlhammer Verlag, 1965, trad. de Design and Truth in Autobiography, London, Routledge & Kegan Paul Ltd., 1960,

PASCHINI, Pio, *Roma nel Rinascimento*, Bologna, Licinio Cappelli, 1940 (Storia di Roma; 12).

PASTOR, Ludwig von (Hrsg.), *Acta inedita historiam pontificum Romanorum praesertim saec. XV, XVI, XVII illustrantia*, Friburgi Brisgoviae, Herder, 1904.

————, *Storia dei Papi dalla fine del Medio Evo*, compilata col sussidio dell'Archivio segreto pontificio e di moltri altri Archivi, nuova versione italiana di Mons. Prof. Angelo Mercati, Roma, Desclée & C. Editori Pontifici, 1931. [Edição baseada na dita 5ª edição alemã, que na verdade era a 7ª publicada em Friburgo em 1925.]

PATETTA, Luciano, "Enea Silvio Piccolomini e l'architetto Rossellino," in SECCHI TARUGI, *Pio II e la cultura...*, pp. 59-71.

————, "L'architettura alla corte pontificia di Pio II a Roma," in SECCHI TARUGI, *Pio II umanista...*, pp. 767-784.

PATETTA, Tobia, "Pio II: committenze e scelte nelle arti figurative tra Siena e Roma," in SECCHI TARUGI, *Pio II umanista...,* pp. 795-814.

PERNOT, Laurent, *La rhétorique de l'éloge dans le monde gréco-romain*, Paris, Institut d'Études Augustiniennes, 1993, 2 vols. (Collection des études augustiniennes. Série antiquité; 137, 138).

————, *Éloges grecs de Rome. Discours traduits [du grec] et commentés*, Paris, les Belles lettres, 1997 (La roue à livres. Documents; 32)

PERTICI, Petra (a c. di), *Tra politica e cultura nel primo Quattrocento Senese. Le epistole di Andreoccio Petrucci (1426-1443)*, Siena, Accademie Senese degli Intronati, 1990 (Monografia di Storia e Letteratura Senese; X).

————, "Il viaggio del Papa attraverso il territorio senese, le tappe di una vita," in CALZONA, *Il sogno di Pio II...*, pp. 143-162.

PERTILE, Lino, and BRAND, Peter, *The Cambridge History of Italian Literature*, Cambridge University Press. 1996.

PERTUSI, Agostino, "Gli inizi della storiografia umanistica nel Quattrocento," in Idem (ed.), *Aspetti della storiografia veneziana fino al secolo XVI*, Firenze, L. S. Olschki, 1970 (Civiltà veneziana. Saggi; 18), pp. 269-332.

————, *La Storiografia veneziana fino al secolo XVI, aspetti e problemi*, Firenze, L. S. Olschki, 1970 (Civiltà veneziana, saggi; 18).

————, (a c. di), *La caduta di Costantinopoli. Testi*, [Roma], Fondazione Lorenzo Valla; [Milano], A. Mondadori, 1976 (Scrittori greci e latini; 3, I-II).

PHILIPPIDES, Marios, "The fall of Constantinople 1453: Bishop Leonardo Giustiniani and his italian followers," in *Viator*, 29 (1998), pp. 189-225.

PICARD, Charles, "Conscience urbaine et culte des saints. De Milan sous Liutprand à Vérone sous Pépin Ier d'Italie," in PATLAGEAN, Evelyne; RICHÉ, Pierre (eds.), *Hagiographie, cultures et sociétés: IV-XII siècles. Actes du colloque organisé à Nanterre et à Paris (2-5 mai 1979)*, Paris, Etudes Augustiniennes, 1981, pp. 455-469.

PICCOTTI, Giovanni Battista, "La pubblicazione e i primi effetti della Execrabilis di Pio II," in *Archivio della R. Società Romana di Storia Patri*a, 37 (1914), pp. 5-36.

————, *La dieta di Mantova e la politica de'Veneziani*, a cura di Gian Maria Varanini, introduzione di Riccardo Fubini, Trento, Editrice Università degli studi di Trento,1996 (reimp. anast. da ed. de 1912).

PIEPER, Jan, "Pienza," in *Environmental Design*, 1 (1986), 96-99. Disponível no URL <http://home.planet.nl/~golds067/pienza_pieper.htm> consultado em 23-03-2010; e ainda no URL <http://archnet.org/library/documents/one-document.jsp?document_id=4880> 28-03-2012.

————, "Un ritratto di Leon Battista Alberti architetto: osservazioni su due capitelli emblematici nel Duomo di Pienza (1462)," in RYKWERT, Joseph; ENGEL, Anne (a c. di), *Leon Battista Alberti* [Catalogo della mostra: Mantova, Palazzo Te,1994], Ivrea, Olivetti; Milano, Electa, 1994, pp. 54-63.

————, *Pienza: il progetto di una visione umanistica del mondo*, Stuttgart, London, Axel Menges , c2000 (ed. orig. alemã: 1997). Há um excerto significativo da obra disponível no URL <http://www.centrostudipientini.it/files/cittadinanza%20pieper.pdf> consultado em 30-06-2012.

PIÉRART, Marcel, "La cité des Magnètes dans les Lois de Platon," in HANSEN, *The imaginary polis...*, pp. 124-151.

PIETRI, Charles, "*Concordia apostolorum* et *renovatio urbis* (Culte des martyrs et propagande pontificale)," in *Mélanges d'archéologie et d'histoire*, 73 (1961), pp. 275-322 .

PINI, Antonio Ivan, "„Non tam studiorum mater quam seditionum altrix:" Pio II e Bologna. Pio II a Bologna," in CALZONA, *Il sogno* ..., pp. 179-202.

PITTALUGA, Stefano, "L'autobiografia nell'umanesimo," in CONVEGNO STORICO INTERNAZIONALE, XXXIV, Todi, 12-15 ottobre 1997, *L'autobiografia nel Medioevo: atti,* Spoleto, Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1998, pp. 291-306.

PÖETE, Marcel, *Introduction à l'urbanisme: l'évolution des villes: la leçon de l'antiquité,* Paris, Boivin, 1929.

POINSOTTE, J.-M. , "Les villes dans l'espace romain pour un Gallo-Romain du IVe siècle, Ausone," in *Acta classica uniuersitatis scientiarum Debreceniensis*, 34-35 (1998-1999), pp. 429-436.

POZZI, Mario, "Struttura epica dei Commentari," in SECCHI TARUGI, *Pio II e la cultura...*, pp. 151-162.

PRADEAU, Jean-François, "L'irréalisable vérité de la République platonicienne: Remarques sur le statut et sur le contenu de la **πολιτεία** de la République," in HANSEN, *The imaginary polis...*, pp. 100-123.

PREISWERK, Edward, "Eine zweite Beschreibung Basels von Enea Silvio," in Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde, 4 (1905), pp. 1-17. Cópia pouco legível disponível no URL <http://www.archive.org/details/baslerzeitschri01basegoog>, consultado em 23-04-2010.

PRODI, Paolo, *The papal prince: one body and two souls: the papal monarchy in early modern Europe*, translated by Susan Haskins, Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

PRONTERA, Francesco (ed.), Strabone. *Contributi allo studio della personalitá e dell'opera, I,* Perugia, 1994.

————, "Vision de la grande ville: da Erodoto a Strabone", in NICOLET [et al.] (edd.), *Mégalopoles...*, , pp. 24-29.

QUINONES, Ricardo J., *The Renaissance discovery of time*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1972.

QUIRIN, Heinz, "König Friedrich III. in Siena (1452)," in AA VV., Aus Reichstagen des 15. und 16. Jahrhunderts Festgabe dargebracht der Historischen Kommission bei der Bayerischen Akademie der Wissenschaften zur Feier ihres 100jährigen Bestehens von den Herausgebern der Deutschen Reichstagsakten , Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1958, ("Schriftenreihe der Historischen Kommission bei der Bayerischen Akademie der Wissenschaften;" 5), pp. 24-79.

RABIL Jr, Albert, *Renaissance Humanism: Foundations, Forms, and Legacy. I: Humanism in Italy*, Philadelphia, Univ. of Pennsylvania, 1988.

RAMSEY, P.A. (ed.), *Rome in the Renaissance: the city and the myth: papers of the Thirteenth Annual Conference of the Center for Medieval and Early Renaissance Studies, State University of New York at Binghamton*, Binghamton (N.Y.), Center for medieval and early renaissance studies, 1982 (Medieval and renaissance texts and studies; 18).

REBELO, António Manuel Ribeiro, "A exaltação da cidade – da Antiguidade à Idade Média," in VÁRZEAS, Marta ; PEREIRA, Belmiro Fernandes (orgs.), *As artes de Prometeu : estudos em homenagem a Ana Paula Quintela,,* Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2009 (Homenagens FLUP), pp. 43-63.

————, "A ideia de cidade na Antiga Grécia e a actualidade dos seus valores," in *Biblos*, n. s., 4 (2006), pp. 13-34.

REDEN, Sitta von, "The Piraeus - a World apart," in *Greece and Rome*, 42, 1 (Abril 1995), pp. 24-37).

RESENDE, André de, *Aegidius Scalabitanus. Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*, estudo introdutório, edição crítica, tradução e notas de Virgínia Soares Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000 (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas).

REVEST, Clémence, "Les enjeux de la transmission aux origines de l'humanisme. L'exemple de la Laudatio Florentinae urbis de Leonardo Bruni," in *La transmission, Bulletin de Questes*, 11 (mars 2007), p. 7-16.

RIBEIRO FERREIRA, José, *Pólis [Antologia de textos gregos]*, 4ª ed., Coimbra, Minerva, 1995.

RICH, Paul, "European identity and the myth of Islam: a reassessment", in *Review of International Studies*, 25 , pp 435-451.

RICO, Francisco, *El sueño del humanismo: de Erasmo a Petrarca*, nueva edición, corrigida y aumentada, Barcelona, Destino, 2002 (Imago mundi; 14).

RINALDI, Rinaldo, "Humanesimo e Rinascimento," in SQUAROTTI, Giorgio Bárberi (dir.), *Storia della civiltà letteraria italiana*, [Torino], Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1990-1996, vol. 2 (1990).

ROBATHAN D. M., "Flavio Biondo's Roma instaurata," in *Medievalia et Humanistica*, 1 (1970), pp. 203-216.

ROBEY, David; LAW, John Easton, "The Venetian Myth and the *De Repubblica Veneta* of Pier Paulo Vergerio, in *Rinascimento*, s. 2, 15 (1975) pp. 3-59.

RODRIGUES, Paulo Simões, *A apologia da cidade antiga: a formação da identidade de Évora (sécs. XVI-XIX)*, tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Universidade de Évora, orient. Raquel Henriques da Silva, Évora, 2008, texto policopiado.

ROLLO-KOSTER, Joælle; HOLSTEIN Alizah, "Anger and Spectacle in Late Medieval Rome: Gauging Emotion in Urban Topography," in GOODSON, Caroline; LESTER, Anne E.; SYMES, Carol (edd.), *Cities, Texts and Social Networks, 400-1500: Experiences and Perceptions of Medieval Urban Space*, Farnham [et al.], Ashgate, 2010, pp. 149-176.

ROSSI, Aldo, *A arquitectura da cidade*, trad. José Charters Monteiro, Lisboa, Cosmos, 2001.

ROSSI, P. (a c. di), *Modelli di città: struttura e funzioni politiche*, Torino, Edizioni di Comunità, 2001.

ROSSI, Pietro, "Pio II a Pienza. Contributo alla storia sull'arte Senese nel Quattrocento," in *Bullettino Senese di Storia Patria*, 8, 3 (1901), pp. 383-406.

ROSSI, Sergio; VALERIO, Stefano (a c. di), *Le due Rome del Quattrocento. Melozzo, Antoniazzo e la cultura artistica del '400 romano. Convegno Internazionale di Studi. Università di Roma "La Sapienza" - Facoltà di Lettere e Filosofia. Istituto di Storia dell'arte. Roma 21-24 Febbraio 1996: Atti*, Roma, Lithos, 1997.

ROSTOVZEFF, Michael I., *The social and economic history of the Roman Empire*, Oxford, Clarendon Press, 1926.

RUBINSTEIN, Nicolai, "Political Ideas in Sienese Art: the Frescoes by Ambrogio Lorenzetti and Taddeo di Bartolo in the Palazzo Pubblico," in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 21, 3/4 (1958), pp. 179-207.

————, "Le dottrine politiche nel Rinascimento," in HALL, Marie Boas, *Il Rinascimento : Interpretazioni e Problemi*, Roma,Bari, Laterza, 1979, pp. 181-237.

————, "Il Bruni a Firenze: retorica e politica," in VITI, *Leonardo Bruni Cancelliere...*, pp. 15-28.

————, *Studies in Italian history in the Middle Ages and the Renaissance*, edited by Giovanni Ciappelli, Roma, Storia e Letteratura, 2004. (Storia e letteratura. Raccolta di studi e testi; 216).

RUBINSTEIN, Ruth Olitsky, *Pius II as a patron of art. with special reference to the history of the Vatican*, Courtauld Institute of Art, University of London, 1957. PhD thesis.

————, "Pius II and Roman ruins," in *Renaissance Studies*, 2 (1988), pp. 197–203.

RUGGENTHALER, Oliver, "Ein unbekannter Originalbrief des Enea Silvio Piccolomini im Archiv der Tiroler Franziskanerprovinz – Schwaz," disponível no URL <http://www.franziskaner-schwaz.at/PublikationendesArchivars.htm> consultado em 10-04-2011.

RUGGIU, Annapaola Zaccaria, *Spazio privato e spazio publico nella società Romana*, École Française de Roma, Palais Farnèse, 1995 (Collection de l'École Française de Rome; 210).

RYKWERT, J.; TAVERNOR, R. , "Church of S. Sebastiano in Mantua," in *Architectural Design (Profile 21)*, 49 (1979), pp. 86-95.

SABBADINI, Remigio, *La scuola e gli studi di Guarino Guarini Veronese*, Catania, Francesco Galati, 1896.

————, *Le scoperte dei codici latini e greci nei secoli XIV e XV*, Firenze, G.C. Sansoni, 1914.

SÄGMÜLLER, J.-B., "Der Verfasser des Traktates *De modis uniendi ac reformandi Ecclesiam in Concilio universali* vom J. 1410," in *Historisches Jahrbuch*, 15 (1893), pp. 562-582.

SAÏD, Suzanne, "Rewriting of the Athenian past: from Isocrates to Aelius Aristides", in KONSTAN, David; SAÏD, Suzanne, *Greeks on Greekness: Viewing the Greek Past under the Roman Empire*, Cambridge, Cambridge Philological Society, 2006, pp. 47-60.

SAINT-DENIS, E. de, "La théorie cicéronienne de la participation aux affaires publiques", in *Revue de philologie, de littérature et d'histoire anciennes*, 64 (1938), pp. 193-215.

SANTINI, E., "La produzione volgare di Leonardo Bruni Aretino e il suo culto per 'le tre corone fiorentine,'" in *Giornale storico della letteratura italiana*, 60 (1912), pp. 289-339.

SAUNDERS, Trevor J., "Notes on Plato as city planner," in *Bulletin of the Institute of Classical Studies,* 23 (1976), pp. 23-26.

SCAFI, Alessandro "Il Dialogo su un sogno di Enea Silvio Piccolomini," in PICCOLOMINI, *Dialogo su un sogno...*, pp. 9-101.

————, "Pio II e la cartografia: un papa e un mappamondo tra Medioevo e Rinascimento", in SODI [et al.], *Enea Silvio...*, pp. 239-264.

SCHENK, Winfried, Städtelandschaft als Begriff in der historischen geographie und anthropogeographie,in GRÄF, *Städtelandschaft...*, pp. 25-45.

SCHERPE, Klaus, "Von der erzählten Stadt zur erzählung. Der Großstadtdiskurs in Alfred Döblins »Berlin Alexanderplatz«," in FOHRMANN, Jürgen; MÜLLER, Harro (Hrsgg), *Diskurstheorien und Literaturwissenschaft*, Frankfurt, Suhrkamp, 1988, pp. 418-437.

SCHEVILL, Ferdinand, *Siena: the story of a medieval commune*, New York, Charles Scribener's Sons: 1909.

SCHMIDINGER, Heinrich, *Romana Regia Potestas: Staats- und Reichsdenken bei Engelbert von Admont und Enea Silvio Piccolomini*, (Vorträge der Aeneas-Silvius-Stiftung an der Universität Basel) XIII / 1978.

SCHMIDT, Martin, "Augustin/Augustinismus," in *Theologische Realenzyklopädie* 4. 645-723 (Walter de Gruyter, Berlin/New York 1979).

SCHMIDT, Paul Gerhard, "Mittelalterliches und humanistisches Städtelob," in BUCK, August (Hrsg.), *Die Rezeption der Antike: zum Problem der Kontinuität zwischen Mittelalter und Renaissance*, Hamburg 1981 (Wolfenbütteler Abhandlungen zur Renaissanceforschung 1), S. 119-128.

SCHMOLINSKY, Sabine, "Biographie und Zeitgeschichte bei Enea Silvio Piccolomini. Überlegungen zum Texttyp von ‚De viris illustribus'," in *Humanistica Lovaniensia* 44 (1995), pp. 79-89.

SCHNAYDER, Georg, "De urbibus emortuis antiquorum observationes quae fuerint," in KUMANIECKI, Kazimierz Feliks (a c. di), *Charisteria Thaddaeo Sinko quinquaginta abhinc annos amplissimis in philosophia honoribus ornato ab amicis collegis discipulis oblata*, Varsaviae, Sumptibus Societatis Philologae Polonorum, 1951, pp. 295-304.

SCHULZ, Juergen, "Jacopo de'Barbari's view of Venice: Map Making, City views, and Moralized Geography before the Year 1500", in *Art Bulletin* 60 (1978): 425-74. (versão italiana no URL <http://www.tridente.it/venetie/essays/essay05/fessay05.htm>, consultado em 5-03-2009.

SCIOLLA, G. C. (a c. di), *La città ideale del Rinascimento*, con introd. di L. Firpo, Torino 1975.

SECCHI TARUGI, Luisa Rotondi (a c. di), *Pio II e la cultura del suo tempo: atti del Convegno Internazionale,* Milano, Guerini e Associati, 1991.

SECCHI TARUGI, Luisa (a c. di), *Pio II umanista europeo: atti del XVII convegno internazionale (Chianciano-Pienza, 18 - 21 luglio 2005)*, Firenze, Franco Cesati, 2007, (Quaderni della Rassegna; 49).

SEEBA, Hinrich C., "Ernst Robert Curtius: Zur Kulturkritik einesin der Wissenschaftsgeschicht" in *Monatshefte*, 95, 4 (2003), pp. 531-540.

SEEBER, Norbert, *Enea Vergilianus: Vergilsches in den "Kommentaren" des Enea Silvio Piccolomini (Pius II.)*, Innsbruck, Universitätsverlag Wagner, 1997.

SEIGEL, Jerrold E., "Civic Humanism' or Ciceronian Rhetoric? The Culture of Petrarch and Bruni" in *Past & Present*, 34 (1966), pp. 3-48.

SETTIS, Salvatore (ed.), *Memoria dell'antico nell'arte italiana*, Torino, Giulio Einaudi, 1984.

SETTON, Kenneth Meyer, *The Papacy and the Levant. 2, The Fifteenth century*, Philadelphia, American philosophical society, 1978 (Memoirs of the American philosophical society).

SETZ, Wolfram, *Lorenzo Vallas schrift gegen die konstantinische Schenkung: De falso credita et ementita Constantini donatione: zur Interpretation und Wirkungsgeschichte*, Tübingen, Max Niemeyer, 1975. (Bibliothek des Deutschen Historischen Instituts in Rom; 44)

SFORZA, Giovanni, "Gli studi archeologici sulla Lunigiana e i suoi scavi dal 1442 al 1800. Notizie raccolte. Parte prima: [...] secolo XV," in *Atti e Memorie della R. Deputazione di Storia Patria per le Provincie Modenesi*, s. 4, 7 (1895), pp. 71-99.

SHIPELEY, Graham, "Little boxes on the Hillside: Greek Town Planning, Hippodamos and Polis Ideology," in HANSEN, *The imaginary polis...*, pp. 335-403.

SIDWELL, Keith, "Il *De curialium miseriis* di Enea Silvio Piccolomini e il *De mercede conductis* di Luciano," in SECCHI TARUGI, *Pio II e la cultura...*, pp. 329-341.

SIGNORI, Gabriela, "Frauen, Kinder, Greise und Tyrannen. Geschlecht und Krieg in der Bilderwelt des späten Mittelalters," in SCHREINER, Klaus; SIGNORI, Gabriela (Hrsgg.), *Bilder, Texte, Rituale: Wirklichkeitsbezug und Wirklichkeitskonstruktion politisch-rechtlicher Kommunikationsmedien in Stadt- und Adelsgesellschaften des späten Mittelalters*, Berlin, Duncker und Humblot, 2000 (Zeitschrift für Historische Forschung, Beiheft 24), pp. p. 139-164.

————, "Religion civique – Patriotisme urbain," in *Histoire urbaine*, 27 (2010), pp. 9-20.

SIMONCINI, "Roma come Gerusalemme celeste nel Giubileo del 1450. La *renovatio* di Nicolò V e il *Momus* di Leon Battista Alberti, in ROSSI; VALERI (a c. di), *Le due Rome...*, pp. 322-45.

SISMONDI, J. C. L., *Histoire des républiques Italiennes du Moyen Âge*, Paris, Treuttel et Würtz, 1825.

SMITH, Christine, "Originality and Cultural Progress in the Quattrocento. Brunelleschi's Dome and a Letter by Alberti," in *Rinascimento*, s. II, XXVIII, 1988, pp. 291-318.

SOARES, Nair de Nazaré Castro, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1994 (Textos humanísticos portugueses; 11).

————, "Cidades ideais e elogio de cidades no Renascimento e em Damião de Góis," in CONGRESSO INTERNACIONAL DAMIÃO DE GÓIS NA EUROPA DO RENASCIMENTO, *Actas*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2003, pp. 583-608.

SODI, Manlio; ANTONIUTTI, Arianna (a c. di), *Enea Silvio Piccolomini: Pius Secundus poeta laureatus Pontifex Maximus : atti del convegno internazionale, 29 settembre-1 ottobre 2005, Roma, e altri studi*, Roma, Shakespeare and Company2 Assoc. Culturale [et al.], 2007.

SPESSO, Marco, *Enea Silvio Piccolomini: scritti di architettura*, Torino, Testo & immagine, 1997.

STEINER, George, *Presenças reais. As artes do sentido*, Lisboa, Presença, 1993.

STIFTUNG HISTORISCHES LEXIKON DER SCHWEIZ, *Historisches Lexikon der Schweiz = Dictionnaire historique de la Suisse = Dizionario storico della Svizzera*, Basel, Schwabe, 2002-. Disponível no URL <http://www.hls-dhs-dss.ch/index.php> consultado em 11-07-2012.

STINGER, Charles L., "Roman Humanist Images of Rome," in GENSINI (ed.), *Roma Capitale...*, pp. 15- 38.

————, *The Renaissance in Rome,* Bloomington, Indiana University Press, 1998.

STORONI MAZZOLANI, Lidia, *The idea of the city in Roman thought: from walled city to spiritual commonwealth*, London [et al.], Hollis & Carter, 1970. (ed. orig. 1967)

SUTTON, Dana F., *An analytic bibliography of on-line neo-latin texts*, disponível no URL <http://www.philological.bham.ac.uk/bibliography/>, consultado em 17-07-12. Bibliografia actualizada em 02-11-2012.

SZELEST, H., "Die Sammlung Ordo urbium nobilium des Ausonius und ihre literarische Tradition", in *Eos*, 61 (1973), pp. 109-122.

TAFURI, Manfredo, *Ricerca del Rinascimento: Principi, città architetti*, Milano, Einaudi, 1992.

TATEO, Francesco, "Epidittica e antiquaria nelle memorie cittadine del Mezzogiorno," in BASTIA, (ed.), *La memoria e la città...*, pp. 29-39.

TAVARES, Domingos, *Leon Battista Alberti: teoria da arquitectura*, Porto, Dafne, 2004, (Sebentas de história da arquitectura moderna; 3)

TELLENBACH, Gerd, "Die Stadt Rom in der Sicht ausländischen Zeitgenossen (800-1200)," in *Saeculum*, 1973, pp. 1-39.

————, "Eigene und fremde Geschichte. Eine Studie zur Geschichte der europäischen Historiographie, vorzüglich im 15. und 16. Jahrhundert," in ELM, Kaspar; GÖNNER, Eberhard; HILLENBRANDI, Eugen (Hrsgg.), *Landesgeschichte und Geistesgeschichte: Festschrift für Otto Herding zum 65. Geburtstag*, Stuttgart, W. Kohlhammer, 1977, (Veröffentlichtungen der Komission für Geschichtlich Landeskunde in Baden-Würtemberg. Reihe B: Forschunge; 92), pp. 295-316.

TENENTI, Alberto; TUCCI, Ugo (dirs.), *Storia di Venezia dalle origini alla caduta della Serenissima. IV. Il Rinascimento: Politica e cultura*, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1996.

TERSCH, Harald, "Die Kategorisierung des Blicks. Städtische Identität in Wien-Berichten der frühneuzeitlichen Reiseliteratur," in *Frühneuzeit-Info*, 10 (1999) pp. 108-133.

TERZOLI, Maria Antonietta (a c. di), *Enea Silvio Piccolomini: uomo di lettere e mediatore di culture; atti del Convegno Internazionale di Studi, Basilea, 21 - 23 aprile 2005*, Basel, Schwabe, 2006.

————, *Aeneas Silvius Piccolomini und Basel. Enea Silvio Piccolomini e Basilea*, Basel, Schwabe, 2005 (Vorträge der Aeneas-Silvius-Stiftung an der Universität Basel; 42).

THEUERKAUF, G., "Stadt- und Landesbeschreibungen des Mittelalters aus der Sicht der historischen Quellenkunde," in *Jahrbuch für Regionalgeshichte*, 15 II, 1988, pp. 34-51.

THURNER, Martin (Hrsg.), *Nicolaus Cusanus zwischen Deutschland und Italien: Beiträge eines deutsch-italienischen Symposiums in der Villa Vigoni [veranstaltet von Grabmann-Institut der Universität München]*, Berlin, Akademie Verlag, 2002 (Veröffentlichungen des Grabmann-Institutes zur Erforschung der mittelalterlichen Theologie und Philosophie; 48).

TOEWS, J. B., "Formative Forces in the Pontificate of Nicholas V, 1447-1455," in *Catholic Historical Review,* 54 (1968), pp. 261-284.

————, "Dream and reality in the imperial ideology of Pope Pius II," in *Medievalia et Humanistica*, 16 (1964) pp. 77-93.

TÖNNESMANN, Andreas, *Pienza: Stadtebau und Humanismus*, Aufnahmen von Gerhard Weiss, Munchen, Hirmer, 1990, (Römische Forschungen der Bibliotheca Hertziana; 26).

TOTARO, Luigi, *Pio II nei suoi «Commentarii»: un contributo alla lettura della autobiografia di Enea Silvio De Piccolomini*, Bologna, Pàtron, 1978.

TOURING CLUB ITALIANO, *L' Italia. 1: Umbria*, Milano, Touring Club Italia/Repubblica, 2004 (La Biblioteca di Repubblica).

————, *Roma e dintorni*, 7ª ed., Milano, Touring Club Italiano, 1977.

————, *Roma*, 2. ed. [economica] aggiornata, Milano, Touring Club Italiano, [2006] (Guida d'Italia; [Le edizioni economiche della guida Roma]).

ULLMAN, B., *Studies in Italian Renaissance*, Roma, 1958.

ULLMANN, Walter, *Medieval foundations of renaissance humanism*, London, Paul Elek, 1977.

VALENTINI, Roberto; ZUCCHETTI, Giuseppe (a c. di), *Codice topografico della Città di Roma*, Roma, Istituto Storico Italiano per il Medioevo [et al.], 1940-1953.

VALTIERI, Simonetta, "Tutta una città come luogo teatrale per il Corpus Domini del 1462: Una memorabile festa organizzata da Pio II a Viterbo, in *Biblioteca e Società. Rivista del Consorzio per la gestione delle Biblioteche... di Viterbo*, 2, fasc. 2 (1980), 19-30. Disponível no URL <http://www.bibliotecaviterbo.it/Rivista/1980_2/Valtieri.pdf> consultado em 14-07-2012.

VASOLI, Cesare, "Tempo," in BOSCO, Umberto (dir.), *Enciclopedia dantesca*, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, vol. 5, 1996, pp. 546-551.

VEIT, Laeto Maria, *Pensiero e vita religiosa di Enea Silvio Piccolomini prima della sua consacrazione episcopale*, Roma, Libr. ed. dell'Univ. Gregoriana 1964 (Analecta Gregoriana. 139).

VEYNE, Paul, *Le Pain et le cirque: sociologie historique d'un pluralisme politique*, Paris, Seuil, 1976.

VIGUEUR, Claude-Maire, "Strutture familiari, spazio domestico e architettura civile a Roma alla fine del Medioevo," in ZERI, Federico (a c. di), *Storia dell'arte italiana [Einaudi]. 12: Parte terza, Situazioni, momenti, indagini. Volume 5, Momenti di architettura*, Torino, G. Einaudi, 1983, pp. 99-160.

VILLA, Alessandra, "Due umanisti sul Campidoglio. La descriptio Romae del De Varietate Fortunae tra storia e archeologia," in W. CUPPERI (dir.), "Senso delle rovine e riuso dell'antico," caderno de *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa, Classe di Lettere e Filosofia*, s. 4, Quaderni, 14 (2002), pp. 55-76.

VITALE, Francesco A., *Storia diplomatica de' Senatori di Roma dalla decadenza dell' Imperio Romano fino a nostri tempi* [...] *Parte Seconda*, Roma, nella Stamperia Salomini, 1791.

VITI, Paolo (a c. di), *Leonardo Bruni cancelliere della repubblica di Firenze: Convegno di studi: Firenze, 27-29 ottobre 1987*, Firenze, Leo. S. Olschki, 1990.

————, "Storia e storiografia in Leonardo Bruni," in *Archivio storico italiano*, 155 (1997), pp. 9-98.

VIVANTI, Corrado, "I «Commentarii» di Pio II," in *Studi Storici*, 26, 2 (Apr. - Giun. 1985), pp. 443-462.

————, "Pio II e la cultura geografica del suo tempo", in *Critica Storica*, 27, 3 (1990), pp. 535-552 = GENSINI (ed.), *Europa e Mediterraneo...,* pp. 125-140.

VOGAS, Konstantin, *Die Stadt als Bühne und Buch: zur Selbstinszenierung Pius' II. in der Architektur Pienzas*, Berlin, Avinus-Verl. 2005.

VOIGT, Georg, *Enea Silvio de' Piccolomini, als Papst Pius der Zweite, und sein Zeitalter*, Berlin, Georg Reimer, 1856-63 (3 vols.).

————, "Die Briefe des Aeneas Sylvius vor seiner Erhebung auf den päpstlichen Stuhl, chronologisch geordnet und durch Einfügung von 46 bisher ungedruckten vermehrt, als Torarbeit an einer künftigen Ausgabe dieser Briefe," in *Archiv für Österreischiche Geschichte*, 16, (1857), pp. 321-424.

VOIGT, Klaus, *Italienische Berichte aus dem spätmittelalterlichen Deutschland: von Francesco Petrarca zu Andrea de' Franceschi (1333-1492)*, E. Klett, 1973.

WACKERNAGEL, Rudolf, "Andrea Gattaro von Padua. Tagebuch der Venetianischen Gesandten beim Concil zu Basel (1433-1435)," in *Basler Jahrbuch*, 5 (1885), pp. 1-58.

————, *Geschichte der Stadt Basel*, Basel, Helbing und Lichtenhahn, 1907-1924.

WAGENDORFER, Martin, "Adolf Rusch, die "Historia Austrialis" und St. Paul, Cod. Blas. Chart. 7/2. Zur Datierung und Überlieferung der Wien-Beschreibung des Eneas Silvius Piccolomini," in GASTGEBER, Christian; KLECKER, Elisabeth (Hrsgg.), *Neulatein an der Universität Wien. Ein literarischer Streifzug. Festschrift Franz Römer zum 65. Geburtstag*, Wien, Praesens Verlag, 2008 (Singularia Vindobonensia; 1), pp. 89-102.

————, [rec. a] HECK, Adriano van (ed.), *Enee Silvii Piccolominei Epistolarium seculare complectens De duobus amantibus, De naturis equorum, De curialium miseriis*, Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana 2007, in *sehepunkte,* 9, 7/8 (2009), disponível no URL: <http://www.sehepunkte.de/2009/07/15297.html>, consultado em 24-11-2010.

WAGNER-EGELHAAF, Martina, *Autobiographie*, zweite aktualisierte und erweiterte Auflage, Stuttgart, Weimar, J. B. Metzler, 2005.

WALBANK, F. W., "The Geography of Polybius", in *Classica et Medievalia,* 9 (1948), pp. 155-182.

WARD-PERKINS, Bryan, *From classical antiquity to the Middle ages: urban public building in northern and central Italy, AD 300-850*, Oxford, Oxford University Press, 1984.

————, "The end of the Roman empire: did it collapse or was it transformed?" in *History Today*, 6 (2005), pp. 12-16.

————, *A queda de Roma e o fim da civilização*, Lisboa, Alêtheia, 2006.

WATANABE, Morimichi "Authority and consent in Church governement: Panormitanus, Aeneas Sylvius, Cusanus', in *Journal of the History of Ideas*, 33 (1972), pp. 217-36.

————, " "Humanism in the Tyrol: Aeneas Sylvius, Duke Sigismund, Gregor Heimburg," in *The Journal of Mediaeval and Renaissance Studies* 4 (1974), pp. 177-202.

————, *Concord and reform: Nicholas of Cusa and legal and political thought in the fifteenth century*, Aldershot, Ashgate, 2001.

WEBER, Max, *The city*, trad. de Don Martindale e Gertrud Neuwirth, London, Free Press, 1966.

WEISS, Anton, *Aeneas Sylvius Piccolomini als Papst Pius II.: sein Leben und Einfluss auf die literarische Cultur Deutschlands*, [...] Mit 149 bisher ungedruckten Briefen aus dem autogr.-Codex Nr. 3389 der K. K. Wiener Hof-Bibliothek, Graz, Ulr. Moser, 1897.

WESTFALL, Carroll William, *In this most perfect paradise: Alberti, Nicholas 5., and the invention of conscious urban planning in Rome, 1447-55*, University Park; London, The Pennsylvania State University Press, 1974.

WIDMER, Berthe, "Enea Silvios Lob der Stadt Basel und seine Vorlagen," in *Basler Zeitschrift zum Geschichte und Alterstumkunde*, 58/59 (1959), pp. 111-138.

————, *Enea Silvio Piccolomini, Papst Pius II.: ausgewählte Texte aus seinen Schriften herausgegeben, übersetzt und biographisch eingeleitet. Festgabe der Historischen und antiquarischen Gesellschaft zu Basel an die Universität bei Anlass ihres fünfhundertjährigen Bestehens zum Gedächtnis ihres Stifters*, Basel, Benno Schwabe und Co, 1960.

————, *Enea Silvio Piccolomini in der sittlichen und politischen Entscheidung*, Basel et al., Helbing & Lichtenhahn, 1963.

WITSCHEL, Christian; KRAUSE, Jens-Uwe (Hrsgg.), *Die Stadt in der Spätantike: Niedergand oder Wandel? Akten des internationalen Kolloquiums in München am 30. und 31. Mai 2003*, Stuttgart, F. Steiner, 2006.

WITT, Ronald. G., *In the footsteps of the ancients: the origins of humanism from Lovato to Bruni* Leiden [et al.], E. J. Brill, 2000.

WOHL, Hellmut, "Papal patronage and the language of art: the pontificates of Martin V, Eugene IV and Nicholas V," in BREZZI, *Umanesimo a Roma...*, pp. 235-246.

WOLKAN, Rudolf, "Die Briefe des Eneas Silvius vor seiner Erhebung auf den päpstlichen Stuhl. Reisebericht," in *Archiv für österreichische Geschichte*, 93 (1905), pp. 351-369.

WORONOFF, M., "Ville, cité, pays dans les Lois," in *KTEMA*, 10 (1985), pp. 67-75.

WULFRAM, Hartmut, *Literararische Vitruvrezeption in Leon Battista Alberti De re aedificatoria*, München [et al.], K. G. Saur, 2001.

ZACCARIA RUGGIU A., "Maiestas urbis: il contributo dell'architettura privata all'immagine pubblica della città," in BEDON, Robert (éd.), *Les villes de la Gaule lyonnaise: [actes du colloque, École normale supérieure, mai 1996 organisé par le Centre de recherches ndré Piganiol]*, Limoges, Presses universitaires de Limoges, 1996, pp. 415-454.

ZACCARIA, Vittorio, "Pier Candido Decembrio traduttore della Reppublica di Platone," in *Italia medioevale e umanistica*, 2 (1959), pp. 179-206.

————, "Pier Candido Decembrio e Leonardo Bruni," in *Studi medievali*, 3ª série, 8 (1967), pp. 504-554.

ZELLER, Gaston, "Les relations internationales au temps de la Renaissance," in *Revue des cours et des conférences*, 37 (1935-1936), sér. I, pp. 35-48, 182-192, 227-236, 354-365, 647-657; sér. 2, pp. 69-82.

ZIELINSKI, Th., *Cicero im Wandel der Jahrhunderte*, zweite vermehrte Auflage, Leipzig; Berlin, B. G. Teubner, 1908.

ZIPPEL, Giuseppe, "Paolo II e l'arte. Note e documenti (1910-1911). IV. Gli edifici di San Pietro," in *L'arte*, 14 (1911) pp. 182-197.

ZIPPEL, Gianni, "Enea Silvio Piccolomini e il mondo germanico: impegno cristiano e civile dell'umanesimo," in *La cultura,* 19 (1981) 267-350.

ZWIERLEIN, Otto, "Die Definition von *populus* in Isidors *Etymologiae*," in *Göttinger Forum für Altertumswissenschaft*, 6 (2003), pp. 123-128, disponível no URL <http://gfa.gbv.de/dr,gfa,006,2003,a,09.pdf> consultado em 25-6-2012 (= IDEM, *Lucubrationes Philologae*, hrsg. von Rainer Jakobi, Rebekka Junge, Christine Schmitz, Berlin [et al.], Walter de Gruyter, 2004, Untersuchungen zur antiken Literatur und Geschichte; 71-72, pp. 409-414).

Índices

Índice onomástico

Agostinho, Santo, 44; analogia casa, cidade: 60 n.; concepção do tempo, 212; influência em Piccolomini, 259; 310 n., 431

Alberti, Leon Battista: arquitectura palaciana: p. 139 n.; beleza, 67 s; concinidade, 68, 157; edifícios e grupos sociais: 61 s; fundação da cidade, 63-65; importância dos edifícios públicos, 60 s; influência em Piccolomini/Pio II, 279 n., 288; 409 s, 471, 418 n, 424, 426 ss; limpeza e asseio da cidade, 136 n.; papel da religião na cidade: 65-67; recepção da literatura clássica em, 56; recepção de Aristóteles, 57 s; recepção de Platão, 58 s; recepção de Vitrúvio, 57, 59; Roma: na obra de Alberti: 69 s; tempo: 238-242. Ver também Roma

Aristides, Élio, 9-14; influência em Leonardo Bruni, 129 s, 133, 136 n., 137, 140; 159, 444

Aristóteles: conhecido por Piccolomini: 179 n 486 n.; definição de pólis: 36-39; factores de coesão da pólis: 39 s; influência da *Política* na Idade Média: 24, 179; influência em Leonardo Bruni: 159, 507; papel da religião na pólis: 43; partes da pólis: 42. Ver também Alberti

Ausónio: *laus urbis* em, 14-16

Baldo degli Ubaldi: 274

Basilienses. Ver Basileia

Bernardino de Sena, Santo: admirado por Piccolomini, 105; personagem do Dialogus de somnio quodam, 265-273; 336 n;340 n;

Biondo: concepção de historiografia, 312 s; declínio e destruição de cidades em, 233 ss; defesa da cruzada, 258; influência em Piccolomini, 286 n., 287, 289 n., 351 n., 363, 447 s; reconhecimento da Itália, 313 s, 340 n.; relação da sua obra com Piccolomini, 311 n., 325 n., 326. Ver no índice de lugares Roma, Florença, Orvieto

Boccaccio: relação com a obra de Piccolomini, 306, 341, 343

Bonanno (Specchio), um dos revoltosos de 1460 em Roma: 381 s; 384 ss

Bonvesin de la Riva: afirmação da liberdade comunal, 21; apreciação sensitiva da cidade, 22; artes e profissões da cidade medieval, 22; cidade com centro de consumo em, 22; elogio de Milão 21 ss; influência em P. C. Decembrio, 143 n.; limpeza e asseio da cidade, 23; relação do elogio com a escolástica, 21;

Bruni, Leonardo: arquitectura privada; 155; beleza da cidade em, 136; cidade ideal e cidade real em, 143 n.; elogio das instituições republicanas: 140 ss; elogio de Florença, 127-146; habitações privadas: 138 s; ideal de concinidade em, 141; ideia de Renascimento em, 213; imperialismo florentino em, 133; influência em Campano: 221 n; influência em Piccolomini: 150-156 *passim,159,* 195, 221, 343, 444; *laudatio* e história em, 129 s; liberdade em, 112 n., 127-146, *passim*; limpeza e asseio da cidade, 137 s; magnificência, 135-139 *passim*; ponto de vista do estrangeiro sobre a cidade:138; prazer oferecido pela cidade: 138 s. Ver no índice onomástico Aristóteles, Cícero, Aristides, Decembrio, Valla

César, Júlio: influência em Piccolomini, 192; 304 ss

Cícero, 48; influência no humanismo, 53, e em Piccolomini, 267, 270 s, 280.

Coluccio Salutati (*Collutius*): influência na epistolografia humanística, 84; descrição de Florença, 278 s; tempo e cidade em, 278 s
Cosimo Medici: elogio da sua magnificência: 139; criticado por Pio II, 342-345
Dante: declínio e morte das cidades em, 252 s; dedicação à literatura e à política, 221; influência em Piccolomini, 264 ss, 343
Decembrio, Pier Candido: tradutor de Platão: 53; influência em Piccolomini, 127; polémica com Bruni, 143-146; humanismo *signoriale* em, 146

Campano, Giovanni Antonio (bispo de Teramo): poema em louvor de Pienza, 296. Ver Bruni
Hipódamo de Mileto (*Hippodamus Milesius*): ideias sobre a divisão da cidade, 36 s;
Jandun, Jean de: 23-25
Laiming, Leonhard von (bispo de Passau): como modelo de magnificência, 173-180 *passim*
Mosé del Brolo: 20

Platão: cidade na *República*, 31 s; cidade nas *Leis*, 33 ss; influência em Decembrio, 53, 146. Ver no índice onomástico Alberti
Poggio Bracciolini**:** influência em Piccolomini, 97-99, 119-123; tema das ruínas em, 240 s

Sigeberto de Gembloux, 25 ss
Tiburzio, 379-389 *passim*

Índice toponímico

Alba: visita de Pio II a ruínas romanas de, 287 ss
Aquileia, 19
Atenas, 9-14
Basileia: cidade livre: 111 ss; corporações (Zünfte) em: 114; direito: 115-116 s; e Império Romano-Germânico:152-155; hostilidade dos Basilienses para com Piccolomini: 147 s; instituições políticas: 156 s, 168, 443; lazer em: 111; localizada no centro da cristandade: 150 ss; na autobiografia de Piccolomini: 207 s ; sociedade: 108-110; 116 s, 157, 442 ss; urbanismo: 106 ss, 110, 156, 168;
Bérgamo, 20
Bolonha, descrição nos *Commentarii*: 348 s
Constantinopla, centro político, religioso e cultural da Cristandade: 259-262.
Corsignano, ver Pienza
Cosenza, lutas intestinas em: 432
Ebelsberg, 173-176, 446
Europa: 151; importância nos *Commentarii*:318-320
Ferrara, 349
Florença (*Florentia*/*Florentina urbs*):127-146; alterações sócio-económicas: 216; cidade mercantil: 344; criticada por Decembrio: 143-146; descrição de Biondo: 314-316; descrição de Salutati: 278; perante a Fortuna: 250; relação de Pio II com: 341-348; urbanismo: 278, 315, 343 ; vista por Biondo, 314-316; vista por Piccolomini/Pio II: 114 s; 164. Ver também Bruni
Génova (*Genua*): Fortuna e G. : 254 s ; instituições sociais e moralidade: 96-99 *passim*; monumentalidade e urbanismo: 90 s ; significado autobiográfico para Piccolomini: 96 s ; sítio: 90
Londres: descrita por Pio II: 320 ; descrita por W. Fitz Stephen: 27-30;
Metz: 25 ss
Milão, 17s, 19-23; elogio de P. C. Decembrio, 143-146. Ver também Bonvesin de la Riva
Orvieto, 360 ss; lutas intestinas em: 360 ss
Óstia: visita de Pio II a ruínas romanas de: 283 ss
Palestrina: visita de Pio II a ruínas romanas, 282
Paris: descrição de Jean de Jandun: 23-25
Passau: 176-179
Pienza: arquitecto Bernardo Rossellino elogiado por Pio II: 424; cidade ideal: 425; influência de Alberti na construção de: 426 ss; influência tardo-gótica na catedral de: 422, 428 ; memorial de Pio II: 294-298; visita de Pio II a Pienza nos *Commentarii*: 296 ss;
Porto: visita de Pio II a ruínas romanas de: 286 s
Roma: centro da cristandade: 271, 391-400 *passim*, 401; cidade ideal, 43; continuidade entre a cidade antiga e a cidade papal: 235 ss, 358; continuidade entre R. antiga e R. papal: 236 s ; cuidado pelos monumentos antigos de: 291 ss; decadência da Roma do séc. XV: 267-269, 410, 448; declínio de Roma segundo Biondo: 233 s; inferior a Florença: 316; marca de Augusto na arquitectura, 46 ss, 51 ; R. antiga segundo Biondo: 236 ss ; reconstrução de Nicolau V: 376; relação com a Cúria: 366; relação de Pio II com: 321, 324, 364 ss, 372 s; 377-400, 407-413, 449 s; revoltas contra a autoridade papal: 375, 379-389; R. imperial rejeitada por Bruni: 131; R. republicana como modelo político: 130, 133, 140; ruínas da Antiguidade: 240 s; simbolismo cristão de: 391-400; urbanismo: 48, 50, 51 s, 238; Ver também Alberti, cristandade
Siena: anos de formação de Piccolomini em: 98 s; *monti* na vida política de: 330; 332 ; obras de Pio II em, 339 s ; partido dos Nobili em: 327 s ; relação de Pio II com S.: 325; 327-341
Tabor: arquitectura religiosa: 201; aspecto

rústico dos habitantes: 200; costumes 202 s. ; religião: 201; sítio da cidade: 202; urbanismo: 202
Todi: lutas intestinas em: 432 s
Veneza (*Venetia/Venetiae*): 95 s; beneficiada pela Fortuna: 250; mito acerca de: 351 s; relação de Pio II com: 350-360
Viena: consumo, 190 s ; criminalidade 193, 446 ; Fortuna e V., 250; instituições sociais, 190 s ; nova Babilónia, 183 s ; religião, 187 s ; significado autobiográfico para Piccolomini, 196 s, 446 ; urbanismo, 186 ss; ; 195; 186 ss ; vícios dos Vienenses, 192 ss, 446 ; vida universitária, 188 s, 446
Viterbo: visita a ruínas de Pio II, 283; lutas intestinas em, 364; procissão do *Corpus Christi* em, 400-407.
York: descrição da catedral por Pio II, 320

Índice de assuntos

Visto que muitos dos lugares constituem assunto neste trabalho, o presente índice deve ser complementado com o recurso ao índice toponímico

arquitectura: 48-51, 90, 96, 138 s, 175-178, 320, 361,370, 406 s, 416-425 *passim*, 436

autobiografia (questão autobiográfica; representações autobiográficas; autobiografia como género literário), 74 s, 96, 101 s, 207 s, 294-298, 301-311 *passim*, 316 ss, 365, 415 s, 428, 435 ss

cidadão *ciuis*: emprego nos Commentarii, 411 s

cidade, concepção de: 401-407 passim; 425-428

ciuis: ver cidadão

conciliarismo: 75, 124 ss, 162-167 passim

concórdia (divisão, guerras intestinas): 20, 95, 117, 171, 203, 334, 339, 362 s, 334, 339, 348 s, 362 s, 432 ss, 449. Ver no índice toponímico, Orvieto, Cosenza, Todi

Congresso de Mântua, 225 s, 295, 324, 354; importância na narrativa dos *Commentarii*: 323 s, 399

cristandade (*Christianitas*, *respublica christiana*, *respublica Christi*, *orbis Christianus*), 149 s, 164, 201, 319, 350 444 s. Ver no índice toponímico Constantinopla, Roma

cruzada, 225 s, 250 s, 266, 295, 305, 324, 391-400 *passim*. Ver também cristandade

epistolografia, 83-87, 205-208, 229 s

fictio ueritatis: 263 ss

Fortuna, 243-256 *passim*; poder sobre as cidades, 15, 240 s, 250-256; tempo e F., 214, 217; f. e agir humano, 217

habitação/habitar, 21, 27 ss, 59 s, 68 s, 136-139 ss, 187 s, 192, 238 n., 370, 451

humanismo cívico, 54 ss, 127 ss, 221 ss, 444

humanismo, ver no índice onomástico Alberti, Bruni, Biondo Flavio, Decembrio, Salutati

Império Romano-Germânico (Sacro), 107, 151 ss, 163 ss, 431. Ver no índice toponímico Constantinopla

liberdade (*libertas*, *seruitium*), 63 s, 92, 94, 111 s, 133, 140, 191; em Florença, 127, 346, 343; orgulho de Veneza, 351 s; liberdade comunal, 20, 21; na Roma papal, 366 s, 387 s

magnificência: tradição clássica e medieval, 179 s; m. e arquitectura, 176-177, 139

nobres, 109, 112 s, 118, 157, 167 n.; oposição a cives, 194 s. Ver também Siena

plebeus (*plebs*, *plebeus*, *popolani*), 57 s, 118, 193-196 *passim*; regime popular, 99 n., 111 ss, 167 n., 157, 167 n., 328, 342, 344 s, 359, 445

ruínas: como *monumentum* 277 s; interesse de Pio II por, 279-294. Ver no índice toponímico Alba, Porto, Óstia, Viterbo

tempo: *otium* e *negotium*, 103 s, 219-223; conceitos de tempo, 211-214; concepção no Renascimento, 215-217; resistência ao tempo, 227, 229 ss;